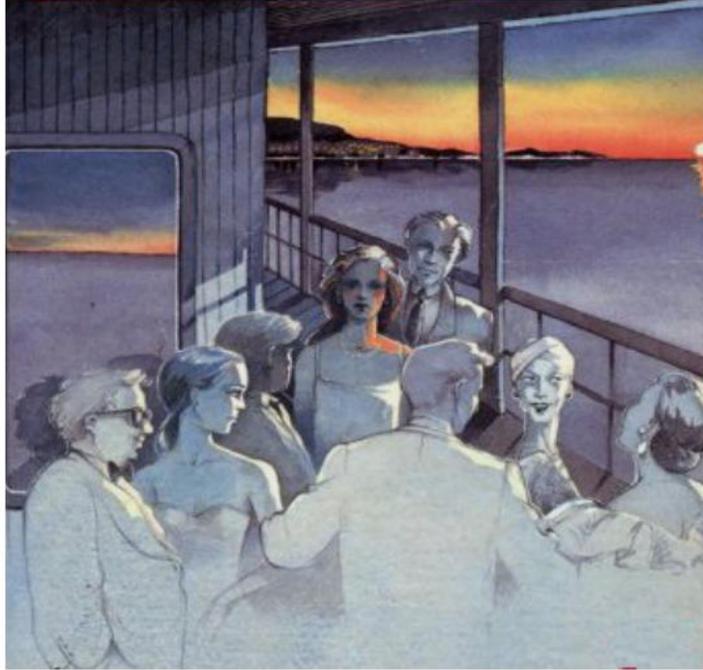


Françoise **SAGAN**

*A Mulher Pintada*



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# A Mulher Pintada

Tradução de  
LUIZA RIBEIRO

*Jean-Jacques Vauvert,  
graças a quem a história deste livro é uma história feliz,  
sua amiga.*

*"Que importância poderíamos atribuir às coisas deste mundo? A amizade? Ela desaparece quando o amado cai na desgraça, ou quando o que ama se torna poderoso. O amor? É enganado, fugitivo ou culpado. A fama? É compartilhada com a mediocridade ou o crime. A fortuna? Poder-se-ia considerar um bem essa frivolidade? Restam os dias chamados felizes, que passam ignorados na obscuridade dos cuidados domésticos e que não deixam ao homem vontade nem de perder, nem de recomeçar a vida."*

*Chateaubriand, Vie de Rance*

## A mulher pintada

O verão chegava ao fim, um verão que fora amarelo e cru, violento, um desses verões que lembram a guerra ou a infância; mas agora o sol estava polido e pálido, alongándose pelas ondas azuis e planas do porto de Cannes. Um final de tarde de verão, um início de noite de outono, e no ar havia alguma coisa de lânguido, dourado, soberbo e acima de tudo perecível; como se essa beleza estivesse condenada à morte pelos seus próprios excessos.

No cais do *Narcissus*, orgulho das companhias Pottin, que se apresentava a levantar âncora para seu célebre cruzeiro musical de outono, o capitão Ellédocq e o comissário de bordo, Charley Bollinger, postados em posição de sentinela no final da passarela, pareciam contudo pouco sensíveis ao encanto da hora. Recebiam os felizes passageiros privilegiados de um navio bastante luxuoso para justificar o preço exorbitante desse cruzeiro. O anúncio em cartazes afixados em todas as agências do mundo, todos os anos, completando três lustros atualmente, era dos mais promissores: seu *slogan*, escrito em letras manuscritas à inglesa, em fundo azul-celeste, cercava uma harpa eólica de época incerta com estas cinco palavras: "*In mare te musica sperat*", o que, para um latinista não muito exigente, poderia ser traduzido por: "A música o espera no mar".

De fato, durante dez dias, tendo-se o gosto e os meios de satisfazê-lo, podia-se dar uma volta pela bacia do Mediterrâneo em condições de refinado conforto e na companhia de um ou dois dos grandes intérpretes da hora e do mundo musical. Na organização dos Pottin, ou antes, no seu ideal, a escala determinava a obra musical, e a obra musical determinava o cardápio. Essas delicadas correspondências, de início hesitantes, pouco a pouco tinham se

transformado em momentos imutáveis, mesmo quando acontecia por vezes que a decomposição súbita de um tumedô obrigasse a substituir Rossini por Mahler e esse turnedô por uma "panelada da Baviera". Amiúde, prevenidos no último momento pela intendência a respeito dos caprichos do congelador de bordo ou dos mercados mediterrâneos, os intérpretes ficavam às vezes sujeitos a ligeiras crises de nervos, que acrescentavam algum condimento a uma existência em si mesma bastante monótona, não se levando em conta o preço. O custo do cruzeiro era, de fato, de noventa e oito mil francos na classe de luxo, e de sessenta e dois mil na primeira classe, tendo-se excluído para sempre do *Nareissus* a segunda classe, para poupar as suscetibilidades dos privilegiados menos privilegiados do que os outros. Não importa! O *Nareissus* sempre partia repleto: as pessoas disputavam uma cabina dois anos antes e encontravam-se nas espreguiçadeiras do tombadilho superior como outros nos balcões de Bayreuth ou de Salz-burgo: entre melómanos e entre gente rica, com vista, ouvido, olfato e paladar deliciosa e diariamente satisfeitos. Só os prazeres do quinto sentido continuavam facultativos, o que, considerando-se a média da idade dos passageiros, era, aliás, preferível.

Às dezessete horas, hora limite, o capitão Ellédocq soltou um grunhido sinistro, tirou o relógio do bolso da calça e passou-o diante dos olhos com ar incrédulo, antes de brandi-lo sob os olhos pacientes e menos surpresos de Charley Bollinger. Os dois navegavam juntos havia dez anos, tendo assim adquirido hábitos quase maritais, que, em razão do seu físico, tinham algo de extravagante.

— Aposta Bautet-Lebrêche não aqui antes sete horas?

— É provável — respondeu com voz amena e aflautada Charley Bollinger, que à força se habituara ao estilo telegráfico do comandante.

Ellédocq parecia-se tanto com a idéia habitual do velho lobo-do-mar, com sua estatura colossal, sua barba, suas sobranceiras e seu andar irregular que, aos poucos, se impusera à Companhia Pottin, apesar da sua rara inaptidão para a navegação. Após alguns naufrágios e avarias, retiraram-no de todo oceano arriscado para lhe confiar esses circuitos sem perigo, essas cabotagens de um porto ao outro em que da ponte de comando de um navio sólido e bem equipado, auxiliado por um imediato até certo ponto a par da navegação e suas regras, estritamente nada lhe poderia acontecer de deplorável. A pretensão, próxima da paranóia, que Ellédocq alimentava desde a infância por motivos incompreensíveis, o levava a atribuir automaticamente a ausência de iniciativa que o seu posto comportava à confiança dos seus empregadores; mas ruminava desejos de aventuras à Conrad, nostalgias de capitães corajosos e kiplinguianos. E a impossibilidade de transmitir com uma voz sem timbre, mas firme, apelos românticos ou sons dilacerantes nunca deixara de lhe pesar de modo cruel. Sonhava com a noite em que lançaria num microfone crepitante, em meio a um ciclone: "Longitude tal; latitude tal; estamos agüentando. . ." Infelizmente, de manhã, só se encontrava a transmitir mensagens como: "Peixes estragados, favor mudar fornecedor", ou "Providenciar cadeira de rodas para passageiro inválido", no melhor dos casos. O emprego do código Morse tornara-se-lhe tão natural que o uso da mínima preposição, "de", "a", "para", etc, provocava pânico em seus subordinados, principalmente no temeroso e louro Charley Bollinger. Para Charley, nascido de família burguesa de Gand, homossexual e protestante, a vida fora uma série de humilhações suportadas mais com graça do que com felicidade. Extravagantemente encontrara na presença arrogante do capitão Ellédocq, nessa virilidade intolerante e obtusa, nessa pretensão rabugenta, uma estabilidade e uma relação que, embora platônica (e Deus sabe como ela era platônica), o tranqüilizavam vagamente.

Quanto a Ellédocq, detestava, nesta ordem, os comunistas, os gringos e os pederastas, e era um milagre, pensava Charley, que em tempos recentes ele viesse poupando um pouco estes últimos.

— Nossa querida Edma — falou Charley animadamente — com certeza virá um pouco atrasada, mas advirto-o de que nosso grande Kreuze também não chegou. Quanto a esperar, já estamos habituados, infelizmente, meu caro comandante.

E lançou uma espécie de invectiva (ou que pretendia que o fosse) ao companheiro, que lhe dirigiu um olhar feroz. O capitão Ellédocq detestava esse "nós" que Bollinger lhe impunha perpetuamente. Havia apenas três anos que ele descobrira os costumes do pobre Charley. Tendo uma única vez descido a Capri para buscar um pacote de tabaco (porque nunca deixava o navio, princípio sagrado), ali descobrira seu comissário de bordo, vestido de taitiana, dançando chá-chá-chá na Piazzetta com um musculoso habitante da ilha. Estranhamente, a princípio paralisado de horror, nada falou depois ao culpado; mas desde então votava-lhe uma espécie de desprezo horrorizado e por vezes temeroso. Chegara mesmo a deixar de fumar nesse dia, por um curioso reflexo que não saberia explicar.

— Quem, esse Kreuze? — perguntou, desconfiado. — Mas, meu capitão, Kreuze, Hans Helmut Kreuze. . .

Convenhamos, capitão, eu sei que o senhor não é especialmente melómano. . . — Charley não pôde reter o riso diante dessa idéia, um risinho em cascata que sombreou ainda mais a testa do capitão.

— Mas, ainda assim, Kreuze é atualmente o maior maestro do mundo! E o maior pianista, segundo se diz. . . Na semana passada. . . Afinal, o senhor lê *Paris-Match*, não é verdade?

— Não, falta tempo. Com ou sem *Match*, Kreuze atrasa! Pode dirigir uma orquestra, mas não o meu navio, o seu Kreuze! Você sabe quanto lhe pagam, hem, Charley, ao seu Kreuze para martelar o

piano aqui durante dez dias? Sessenta mil dólares! Exatamente. Pontualmente. Sessenta magotes. Isso não lhe diz nada, Charley? E ele quis embarcar o piano dele porque o Pleyel de bordo não é bastante bom para ele. . . Vou ensinar-lhe, a seu Kreuze.

E, numa atitude máscula, o capitão Ellédocq mastigou o tabaco e lançou na direção de seus pés um longo jato de saliva castanha, que um vento malicioso projetou sobre a calça imaculada do comissário de bordo.

— Ah! meu Deus! — começou Charley, consternado, mas, interrompendo suas lamentações, uma voz alegre o interpelou das profundezas de um Cadillac de aluguel; e com o rosto mudando num instante do desagrado para a alegria, Charley precipitou-se na direção da recém-chegada, a sra. Edma Bautet-Lebrêche em pessoa, enquanto Ellédocq permanecia imóvel e como que surdo a essa voz, conhecida no entanto de toda a sociedade viajante da moda, de todas as óperas e salões de algum *status* da Europa e dos Estados Unidos (que, aliás, ela chamava de "States").

Edma Bautet-Lebrêche descia do carro, seguida do marido, Armand Bautet-Lebrêche (do açúcar Bautet-Lebrêche, entre outros), lançando cumprimentos com sua voz de soprano:

— Bom dia, capitão! Bom dia, Charley! Bom dia, *Nar-cissus*! Bom dia, mar! — como mulher de "muita loquacidade, encantadora, estonteante", como gostava de dizer de si mesma. Num instante a atividade do porto ficou suspensa por essa voz aguda mas poderosa: os marinheiros imobilizaram-se nos seus postos, os passageiros na amurada, as gaivotas a meio vôo; só o capitão Ellédocq, que já ouvira outras nesses ciclones interiores, permaneceu surdo.

Embora Edma Bautet-Lebrêche confessasse ter passado dos cinqüenta (o que era verdade havia doze anos), exhibia juvenilmente um costume alaranjado com um turbante branco, conjunto que

destacava sua extrema esbelteza, o rosto ligeiramente cavalaresco, de olhos amendoados um pouco saltados, e tudo o que ela permitia que se chamasse de sua "atitude principesca". A atitude do marido, em compensação, era a de um guarda-livros atarefado. Ninguém se lembrava jamais de Armand Bautet-Lebrêche, a menos que tivesse tido algum negócio com ele, e então jamais o esquecia. Possuía uma das maiores fortunas da França, e mesmo da Europa. Perpetuamente mergulhado num devaneio que raiava a distração e o fazia tropeçar em toda parte, podia-se crer que fosse poeta, se não se soubesse que eram as cifras e as porcentagens que freqüentavam essa cabeça ovóide e calva. Mas se, por um lado, era dono de sua fortuna e do seu império, "A. B. L." era também o escravo de uma IBM furiosa que tilintava sem cessar em seu cérebro frio, desde a primeira infância, e fazia dele um dos mil mártires beneficiários da aritmética moderna. Tendo sua limusine pessoal se perdido na auto-estrada, ele cuidava de acertar as contas com o motorista do Cadillac de aluguel e lhe dava, sem precisar refletir, doze por cento de gorjeta, até o último centavo. Charley Bollinger retirava da mala do carro uma pilha inimaginável de malas de couro preto, todas com as iniciais B. L., mas das quais ele sabia que nove décimos pertenciam a Edma, e não a Armand. Dois marinheiros musculosos desciam a escada e apanhavam as malas.

— Continua sendo a 104? — perguntava Edma em tom mais afirmativo que interrogativo.

De fato a 104 era a sua cabina, que tinha a seus olhos o privilégio (e aos olhos do capitão, a maldição) de ser vizinha da cabina dos intérpretes.

— Charley, diga-me logo, vou dormir perto da Diva ou perto de Kreuze? Na verdade não sei o que prefiro ouvir pela manhã na hora do café: se os trinados da Doria ou os arpejos de Kreuze. . . Que delícia! Mas que delícia! Estou encantada, comandante, feliz

demais. Quero beijá-lo... Posso? — Sem esperar resposta, Edma já saltara como uma grande aranha ao pescoço do capitão, secretamente indignado, e distribuía batom cor de gerânio por toda a sua barba negra. Ela sempre fora de temperamento malicioso, que aparentemente tanto encantava Charley Bollinger quanto irritava o marido. O que A. B. L. chamava de provocações de mulher — provocações que quarenta anos antes lhe tinham parecido encantadoras o bastante para que ele a desposasse — era uma das raríssimas coisas capazes de arrancá-lo aos números, a ponto de por vezes o levar a errar algumas operações mentais. Ali, sendo a vítima aquele ridículo e grosseiro Ellédocq, Armand Bautet-Lebrêche apreciou a cena, e seu olhar cruzou-se por um instante com a exata reprodução de um sorriso cúmplice, o de Charley Bollinger.

— E eu? — exclamou Charley. — E eu, *milady*? Não terei direito também a um beijinho de reencontro?

— Mas certamente, meu querido Charley. . . Como senti sua falta, você sabe!

Vermelho de raiva, Ellédocq recuou um passo e lançou um olhar sarcástico àquele par ternamente abraçado. "Uma bicha e uma biruta", pensou, sombrio. "Charley Bollinger beijando a mulher do magnata do açúcar. Tenho passado por tudo nesta minha maldita vida. . ."

— Não fica com ciúmes, sr. Bautet-Lebrêche? — perguntou ele com voz irônica, viril, uma voz de homem para homem, porque afinal o mesmo usineiro, com aquele ar de vitela mal cozida, ainda assim era um macho.

Mas não recebeu em resposta qualquer sinal de reconhecimento.

— Ciúme? Não, não — resmungou o marido complacente. — Vamos subir, Edma, não é? Estou um pouco cansado. Mas não é nada, não, nada, estou lhe dizendo — continuou, precipitado.

Porque Edma, girando movida pela inquietação, voltava-se para ele dando-lhe tapinhas na face, desapertando-lhe a gravata, manipulando-o como sempre fazia todas as vezes que se lembrava de sua existência. Cinco bons centímetros mais alta que Armand Bautet-Lebrêche na época do noivado, Edma agora o ultrapassava em dez centímetros. Ainda maravilhada de ter desposado uma imensa fortuna (ambição de toda a sua juventude), gostava de tempos em tempos de reafirmar a si mesma e aos outros sua posse e seus direitos sobre o marido, um homenzinho taciturno que pertencia só a ela e a quem pertenciam todo aquele açúcar, todas aquelas usinas, todo aquele dinheiro. E o fazia manipulando-o e apalpando-o com o ar repugnado que teria uma menininha com uma boneca careca. Armand Bautet-Lebrêche, que a vivacidade da voz perfurante da mulher tinha reduzido à impotência, atribuía ao instinto maternal, frustrado por ele, o comportamento frenético que por vezes agitava a altiva Edma; e ele não ousava muito se defender. Graças a Deus, com o correr dos anos ela ia se esquecendo de sua existência cada vez mais amiúde, mas os instantes em que retomava consciência eram duplamente demonstrativos. Talvez fosse ao desejo de se fazer esquecer pela mulher que Armand Bautet-Lebrêche devia o fato de ser facilmente esquecido por qualquer um.

Sua frase imprudente desencadeara no cérebro de Edma toda a memória conjugal, e Armand fugiu para a cabina sabendo que, uma vez deitado no beliche, escaparia à solicitude da mulher.

De fato, Edma, que depressa se exasperara com os carinhos do marido e acreditava ainda temê-los, apesar do afastamento histórico entre eles, imaginava-se ainda "tentadora". Recusando brincar com fogo, só se aproximava de Armand estando ele sentado ou de pé, porque a seu ver a volúpia estava ligada à posição deitada, o que Bautet-Lebrêche, esse manto de cinzas, sabia utilizar sem vergonha, estendendo-se por um nada no primeiro divã à vista.

Era assim que, havia anos, sem se dar conta, o casal Bautet-Lebrêche brincava de *gato deitado*.

O imperador do açúcar chegou primeiro à cabina 104, e se lançou ofegante sobre o primeiro beliche, seguido de perto por Edma, ela um passo à frente do dedicado Charley Bollinger.

— Então, então — sussurrou Edma (cujo elegante ofegar provocou o latido furioso de um cão desconhecido na cabina vizinha) —, quais são as novidades, Charley? Sente-se, por favor.

Ela também se deixou cair numa poltrona e passeou um olhar satisfeito pela luxuosa decoração, tão feia e tão familiar. Era uma cabina de navio decorada como cabina de navio por um decorador parisiense em voga: isto é, com excesso de teca, cobre e objetos ditos ingleses ou marítimos.

Agora diga-me tudo! Em primeiro lugar, temos gente nova? Mas que animal é esse? — recomeçou com voz anasalada e aborrecida, porque o cão latia cada vez mais.

— É o buldogue de Hans Helmut Kreuze — disse Charley, sem esconder um certo orgulho ("Um orgulho tolo", pensou Edma). — Chegou anteontem, antes do dono. Já quis morder dois camareiros!

— Parece que Kreuze também late muito — disse Edma, que, em conseqüência de algum incidente aborrecido e misterioso em Bayreuth, tornara-se germanófoba.

— O dono devia amordaçar esse cão — disse mais alto, para cobrir aquela barulheira —, alguém devia jogá-lo ao mar — acrescentou, uma oitava acima. — Quais são os novos? O velho Stanistasky morreu, não foi, esta primavera, em Munique? Quem herdou a 101?

— Os Lethuillier — disse Charley (o cão se calou imediatamente).

— Você conhece Eric Lethuillier? *Le Fórum*, aquele jornal esquerdizante. . . enfim, com tendências quase comunistas? Eric Lethuillier, que se casou com a herdeira das Aciarias Baron. . . Pois

é, esse homem de esquerda vai viajar conosco, querida amiga! A música reúne todo mundo, afinal. . . E graças a Deus — acrescentou sentimentalmente.

— Mas é extravagante! Você concorda? — exclamou Edma. — Mas o que é que esse bicho tem? — Já então Edma batia com o pé. — Será por acaso a minha voz que o irrita? Mas, Armand, diga alguma coisa!

— O que é que você quer que eu diga? — arriscou Armand com voz átona, que magicamente também sossegou o cão.

— Se são as vozes femininas que o enervam, a Doria vai ter com que se divertir do outro lado. Ah, ah, ah! Já estou rindo antecipadamente. Com o temperamento da Doria vai ser um rebuliço. . . A propósito, o que vocês fizeram para trazê-la a bordo? — sussurrou, vencida pelo seu inimigo canino, que do outro lado da parede resfolegava de modo febril, com um ruído de válvula de escape completamente desmoralizante.

— Pagaram-lhe uma fortuna, acho — soprou Charley, contagiado.

— Seu último gigolô deve ter sido mais dispendioso que os outros — disse Edma, com maldade e um ligeiro laivo de inveja, porque a vida sentimental da Doriacci era conhecida tanto pela multiplicidade como pela brevidade das suas conquistas.

— Não creio que deva pagar por isso — disse Charley (loucamente apaixonado, apesar de tudo, como nove décimos dos melômanos, por Doria Doriacci). — Ainda é maravilhosa, você sabe, para os seus cinqüenta e tantos — concluiu, enrubescendo subitamente, o que, por tão pouco, não desarmou Edma.

— Oh!, mas ela também já passou disso há muito — disse Edma com voz triunfante, que tornou a desencadear os latidos ao lado.

— Em todo caso — recomeçou Charley, passada a tempestade —, ela embarca sozinha. Mas acho que terá oportunidade de desembarcar acompanhada. . . Temos dois hóspedes novos, este

ano. Dois homens jovens, um deles uma bela figura, aliás. Um avaliador oficial de objetos de leilão de Sydney, chamado Peyrat. E um desconhecido de vinte e cinco primaveras, que ainda não vi; profissão, nenhuma; os dois também solitários. Serão duas presas ideais para a nossa Doria. . . Se não sucumbirem primeiro aos seus encantos — acrescentou com uma entonação gaiata que fez as pálpebras de Armand se fecharem hermeticamente.

— Lisonjeador! — exclamou, rindo, a imprudente Edma, provocando de novo a raiva do cão.

Mas não o provocaram mais, ele ganhara. E foi em voz baixa que se despediram.

Charley voltou ao seu posto junto a Ellédocq no momento exato em que acolhia o grande, o célebre Hans Helmut Kreuze em pessoa. Charley assistiu primeiro de longe ao afrontamento desses dois blocos, esses dois homens que simbolizavam e dominavam, segundo acreditavam, dois velhos e soberbos aliados, a música e o mar; mas, intérprete e navegador, por não serem mais que seus vassalos, podiam se sentir inimigos.

Hans Helmut Kreuze era um bávaro de estatura mediana, aspecto forte, cabelos curtos e rígidos oscilando entre o amarelo e o cinza, traços pesados, semelhante em tudo às caricaturas germanóforas da Guerra de 14. Era fácil imaginá-lo com um capacete em ponta, seccionando os pulsos de uma criança ainda de fraldas. Mas tocava Debussy como ninguém no mundo. E sabia disso.

Habitado a ver cinqüenta instrumentos de sopro, cinqüenta instrumentos de cordas, um triângulo e coros inteiros se dobrarem ao seu olhar, a atitude fria como o mármore do capitão Ellédocq começou por deixá-lo estupefato e, depois, encolerizou-o. Descendo de um Mercedes novo, tão novo que não tinha cor, dirigiu-se em linha reta para o velho lobo-do-mar e bateu os calcanhares, diante

dele, com o queixo ligeiramente levantado e os olhos fixos, por trás dos óculos, nas dragonas de Ellédocq.

— O senhor é certamente o piloto deste navio, meu senhor — disse, escandindo as palavras.

— O capitão, senhor; sou o capitão Ellédocq, comandante do *Narcissus*. A quem tenho a honra?

A idéia de que fosse possível não o reconhecerem era tão inconcebível para Hans Helmut Kreuze, que ele considerou a pergunta uma insolência. Sem uma palavra tirou a passagem do bolso direito do casaco de sarja negra, demasiado quente para a estação, e sacudiu-a de forma grosseira sob o nariz de Ellédocq, impassível e com as mãos às costas. Os dois homens se defrontaram com o olhar por um instante, durante o qual Charley, horrorizado, tentou se insinuar entre os beligerantes.

— Mestre, mestre, quanta honra, mestre Kreuze! Que alegria tê-lo a bordo! Permita-me apresentar-lhe o capitão Ellédocq. Comandante, eis o mestre Hans Helmut Kreuze, que todos a bordo esperávamos com tanta impaciência. . . O senhor sabe bem. . . Como lhe dizia. . . Estávamos tão ansiosos. . .

Charley se perdia em frases desconexas, desesperadas, mas já então Kreuze, passando pelo nariz de Ellédocq, sempre imóvel, subia em passo firme a escada de acesso.

— Minha cabina, por favor — disse a Charley. — O meu cão também está lá? Espero que tenha recebido refeições apetitosas — acrescentou com voz ameaçadora e num francês barroco, meio literário, meio turístico, que utilizava havia trinta anos, quando condescendia em não usar a língua natal. — Espero que levantemos âncora muito breve — dirigiu-se ao pobre Charley, que trotava atrás dele, enxugando a testa. — Fico enjoado no porto.

Entrou na 103 e, acolhido pelo surdo rosar de raiva do seu cão, bateu com a porta no nariz de Charley Bollinger.

Majestosamente, o capitão Ellédocq, deixando o cais e a terra firme, subiu a passos lentos pela escada, que foi logo levantada. E quando, três minutos depois, o *Narássus*, com a sua sirene lamentosa cobrindo os latidos do cão e os guinchos de Edma Bautet-Lebrêche (que quebrara uma unha num cabide), afastou-se lentamente do porto de Cannes, deslizando numa água lisa e nacarada como um sonho, Charley Bollinger teve que enxugar os olhos embaçados por toda aquela beleza: porque o sol tornara-se rubro em meia hora. Essa hemorragia esquentava, ao mesmo tempo que ensangüentava, a água do porto. . . depressa, demasiado depressa, apesar do algodão das nuvens redondas, de um branco logo transformado em púrpura, que se comprimiam contra o sol, o qual, virando para trás no meio delas, parecia resignado a completar de um só golpe sua lenta e eterna queda imóvel.

— Vou bisbilhotar um pouco, você não vem, Armand? Mexa-se. . . O crepúsculo vai ser admirável, estou sentindo. . . Como? Você já está dormindo? Que pena! É muita pena mesmo! Enfim, descanse; você mereceu, meu querido — concluiu Edma, insinuando-se com um luxo de ternas precauções que tornava desconsoladora a ausência de qualquer público, na fresta de porta restrita ao extremo pela própria mão de Edma.

Se Edma Bautet-Lebrêche por vezes representava sem público, não se poderia dizer também que representasse realmente para si própria. (Era mais complicado, pensava.) Com essa fala, esgueirou-se na ponta dos pés para o corredor. . . mas foi quase sem querer que, por uma vez, foi indiscreta. Uma voz de mulher na 101 trina cantolando a abertura do último ato do *Capriccio*, de Strauss, e com uma voz tão despida, que a intrépida Edma sentiu subitamente a pele arrepiada. "É a voz de uma criança ou de uma mulher à beira do desespero", pensou de repente. E, coisa rara, sem procurar saber mais nada, fugiu para o convés.

Seria só muito mais tarde, numa representação do *Capriccio* em Viena, que Edma Bautet-Lebrêche se lembraria daquele momento, daquela voz, e acreditaria ter compreendido tudo, afinal, sobre aquele cruzeiro. Tendo no momento mergulhado esse instante com algumas outras lembranças mais banais no depósito comum de sua memória, chegou ao convés num vestido justo de seda fina cor de banana, sobre o qual se destacava um lenço azul-marinho enrolado no pescoço magro. Lançou um rápido olhar sobre os dois tombadilhos, a chaminé, a escada, a multidão e as cadeiras de palha — seu olhar, aquele olhar "penetrante", célebre no seu pequeno círculo, olhar de proprietário, mas de proprietário sarcástico. Como misteriosamente alertados pelo que ela própria chamava de sua aura (porque Edma a tinha realmente adquirido, de tanto desejar soar um alerta com sua simples presença), alguns rostos viraram-se para aquela "silhueta graciosa e esbelta, tão elegantemente vestida. . . e tão liberada de toda idade nessa contraluz vaporosa", pois era assim que mentalmente ela se descreveria. E sorrindo ao seu bom povo entusiasta, a boa rainha Edma Bautet-Le-brêche desceu os degraus do convés.

O primeiro súdito a lhe beijar a mão foi um rapaz de *blue jeans*, particularmente bonito, talvez um pouco em demasia. E, naturalmente, também Charley Bollinger, de modo evidente caído de loucos amores por ele, nos últimos dez minutos, e que o apresentou a ela:

— Sra. Edma Bautet-Lebrêche, posso lhe apresentar o sr. Fayard?. . . Andreas Fayard. . . Andreas!... — terminou, atravessando assim aberta, desvairadamente e de um só golpe todas as barreiras cruéis instaladas pela sociedade entre ele e o jovem desconhecido. — Acho que não lhe falei dele — acrescentou, com um orgulho matizado de desculpas.

De fato, Charley Bollinger desculpava-se de não ter podido prever sua paixão súbita pelo jovem e de não ter podido prevenir a bela Edma desse fato, como seria seu dever para com ela. Edma esboçou um sorriso de paz, Bollinger agradeceu-lhe com um olhar, os dois perfeitamente lúcidos e perfeitamente inconscientes.

— Sim — disse ela, sacudindo a cabeça com amabilidade (mas com certa altivez que significava: "De acordo, Charley, ele lhe pertence. Guarde-o, portanto; não vou tocar nele. Você o achou primeiro"). — Sim! É então Andreas Fayard de. . . de Nevers? É isso, meu caro Charley, você não poderá mais dizer que estou perdendo a memória — terminou, com um grande riso nervoso diante do espanto do rapaz.

"Esse latagão de nariz grego, olhos fendidos e dentes de cãozinho já havia muito tempo não devia se espantar de que os desconhecidos o reconhecessem. . .", pensava Edma.

Contanto que Charley não tenha sucumbido mais uma vez por um oportunista mais oportunista que os outros."

Era isso o que a aborrecia nesses jovens, todos esses jovens que o vento da tarde trazia cada ano para a tribo esfomeada mas inexoravelmente unida das grandes fortunas. De fato era isso o mais aborrecido de tudo: não se lhes podia dar a conhecer que, assim como se sabia o que faziam, se imaginava o que pensavam. Afinal era-se tão cínico quanto eles, sobre todos os termos do negocio. Finalmente eram os aproveitadores, os proxenetas que exigiam floreios sentimentais muito mais do que suas vítimas, que seriam no entanto quem deveria exige-los. Esses rapiñantes estavam errados, aliás, faziam todo mundo perder tempo e portanto perdiam também um pouco do seu próprio tempo, tão curto para esses caçadores caçados — muito mais do que faziam suas velhas presas ávidas perder lágrimas ou migalhas de ouro.

— A senhora conhece Nevers? — perguntava justamente o caçador.  
— Será que a senhora conhece a estrada de Vierzon, na direção do Loire e que. . .

Interrompeu-se, e a expressão um pouco esgazeada, alegre, que o rejuvenescia ainda mais, desapareceu-lhe do rosto.

— Estou acabando de chegar de lá — gaguejou ele como para se desculpar daquele ar de felicidade, inesperado na sua profissão (porque afinal todos esses jovens quando falavam de sua terra natal era sempre para se felicitar por terem saído de lá).

— Mas fica muito bem — disse Edma sorrindo — gostar de sua terra natal. Eu nasci em Neuilly, tolamente, numa clínica que nem existe mais. Não tenho o menor bosque a lembrar. O que é muito frustrante e muito triste — continuou, rindo às gargalhadas. — É verdade mesmo — insistiu (porque Charley e o jovem também riam, Charley por nervosismo e o jovem por gosto). — É a pura verdade, e me atrapalhou bastante ao ler Proust.

Edma varreu com um olhar resignado o rosto apreciador mas vazio de Charley, que não tinha chegado a levar a consciência profissional até o ponto da leitura do *Tempo perdido*, e o do rapaz, que, para sua grande surpresa, em vez de adotar um ar vago e informado, confessou:

— Eu não li Proust — como se lamentasse o fato. "Um ponto a seu favor", pensou Edma. E virou as costas a esse novo par, à procura de uma presa menos difícil, não sem um breve pesar que lhe fez doer o coração por um instante. Porque apesar do que podiam dizer as amigas e *o* que ela própria dizia, Edma Bautet-Lebrêche amara muito certos homens; e apesar de se felicitar aos quatro ventos, havia cinco anos, por ter renunciado "à carne, suas obras e suas pompas", por motivos de estética e de ridículo, não se podia impedir, por vezes, de sentir saudades ferozes até a náusea diante de certas lembranças, mais temíveis ainda por não terem rosto nem

nome, e que não abrangiam na sua memória, se as quisesse delimitar, mais que um leito vazio com lençóis azulados pelo sol.

Graças a Deus o capitão Ellédocq dirigia-se a ela balançando os ombros como nas piores horas do *Titanic*, e tirando-lhe de um só golpe toda a nostalgia da gente masculina.

— A senhora conheceu o jovem recruta? — disse ele com palmadas vigorosas no ombro do jovem Andreas, que vacilou, mas não se curvou.

"Ele deve ser bem robusto por baixo desse *blazer* de primeira comunhão", devaneava Edma. Porque essas invectivas eram uma das brincadeiras favoritas do brutamontes debilóide que comandava o *Narcissus*. O pobre Armand, da primeira vez, quase voara pelos ares sob seu punho, como um pacotinho do seu famoso açúcar em pó. Em defesa do capitão Ellédocq, pode-se dizer que ele confundira o sr. Bautet-Lebrêche com um cineasta da Europa central, o que explicava essa grave falta ao protocolo.

— Então a 104 continua lhe agradando? — perguntou amavelmente, virado para Edma, que recuou movendo um passo, abaixando o queixo e movendo as narinas como se ele tivesse empestado o ar com alho e tabaco.

Uma das crueldades favoritas de Edma nos últimos anos era observar, no infeliz capitão, todos os estigmas do fumante inveterado (o que deixara de ser desde o famoso incidente de Capri). Ela descobria bolsas de fumo numa cadeira de convés e as trazia a ele como um cão de caça, oferecia-lhe fósforos com ar cúmplice quando ele chupava um canudinho de frescos e lhe pedia fogo dez vezes por dia, com a segurança de uma heroinômana procurando uma seringa no bolso de outro viciado. Às recusas furiosas e exasperadas do não-fumante formal que se tornara

Ellédocq, Edma respondia com exclamações deliberadamente exageradas, que acabavam pondo-o fora de si.

— Mas é verdade! Meu Deus, como posso esquecer, todas as vezes?... Que tolice! Não é possível ter tão pouca memória. . . Isso só me acontece com relação ao senhor, é curioso, não acha? — acabando assim o seu trabalho de solapamento.

E por vezes Ellédocq cerrava os dentes de modo selvagem sobre um tubo de cachimbo imaginário que teria há tempos quebrado, assim, secamente, antes da milagrosa visão de Capri. Edma pegou então um cigarro da bolsa e Ellédocq franziu o sobrolho de antemão. Mas, perversa como só ela sabia ser, inclinou-se para o jovem:

— O senhor tem fogo? Já que o capitão Ellédocq não fuma mais, procuro em toda parte um fósforo de socorro. Durante todo o cruzeiro, vou aborrecê-lo com isso, eu o previno — disse, segurando a bela mão loura que lhe oferecia o isqueiro, aproximando-a num gesto lento até sua boca, onde por um instante o cigarro pareceu um acessório inútil, com um gesto tão demasiadamente lento que fez Charley empalidecer e o rapaz pestanejar.

"Aí está um rapaz que ela gostaria de papar, essa vaca!", pensou Ellédocq, bom psicólogo.

E emitiu um grunhido de desprezo diante dessas manobras. A seu ver, as mulheres eram prostitutas cheias de artimanhas ou mães e esposas. Ele dispunha de um arsenal de pensamentos e também de expressões perfeitamente fora de moda havia duas gerações, o que tornava os pensamentos bem mais percucientes.

O convés povoava-se em torno deles. Os passageiros do *Nareissus*, repousados e bem-dispostos, queimados do sol de verão mas ainda prontos a partir para as luzes da cidade, já começando a sentir tédio mas ainda capazes de suportar seu lazer, afloravam de todos os lados, emergiam dos corredores, reconheciam-se, cumprimentavam-se, beijavam-se e atravessavam o convés ao ritmo

dos encontros, formavam pequenos grupos que se deslocavam, dispersando-se em todos os sentidos, como uma estranha legião de insetos saídos, dourados, de um mundo subterrâneo e ligeiramente repugnante.

"Era o reflexo do ouro que lhes dava esse aspecto", pensava Julien Peyrat, apoiado à amurada, de costas para o mar, contemplando-os, já prevendo os que contava saquear. Era um homem alto, já com quarenta e cinco anos, de rosto magro e uma espécie de encanto cínico ou infantil que lhe dava, conforme o ponto de vista, o ar de um desses jovens senadores americanos cheios de vitalidade de que falam os jornais, ou de um desses homens da Máfia, de beleza máscula, sinônimo de violência e de corrupção. Edma Bautet-Lebrêche, que sempre detestara esse gênero de homens, ficou surpresa por achá-lo, afinal, confiável. Tinha um ar alegre, com sua malha de lã azul, um pouco descontraída para a hora e a ocasião, mas não no sentido *playboy*. Em todo caso, tinha um ar mais verdadeiro do que os outros passageiros, e quando sorria ou adotava uma expressão perplexa, como naquele momento, isso lhe dava um ar terno, observou ela, virando-se sem querer para o que atraía o olhar daquele homem, parecendo até fasciná-lo.

Por sua vez, saindo das entranhas do navio, um homem e uma mulher dirigiam-se para a espécie de ponto de controle que eram o capitão Ellédocq e Bollinger, um casal que, em seguida, ela identificou com os Lethuillier, o que a deixou paralisada por um instante, como aos outros passageiros, diante de Eric Lethuillier, chamado de *viking* pela imprensa, por causa do seu perfil perfeito, grande estatura e tom dos cabelos louros, sua intransigência e sua apreciada violência. O incorruptível Eric Lethuillier, cujo semanário *Le Fórum* havia cerca de oito anos focalizava sem concessão nem medo os mesmos alvos: as iniquidades tão variadas quanto numerosas do poder em exercício, as injustiças gritantes da

sociedade e o egoísmo da grande burguesia (da qual no entanto desta vez faziam parte, e com quase unanimidade, seus companheiros de viagem); o belo Eric Lethuillier, que vinha na direção deles com passo firme, trazendo pelo braço a mais bela conquista de sua vida, a herdeira das Aciarias Baron, sua mulher, a misteriosa Clarisse, que causava espanto com sua simples aparência: alta, elegante, evasiva de corpo como, segundo diziam, de mente, cabelos de um louro ruivo, brilhantes e longos, tentando esconder definitivamente o rosto, aliás, coberto por uma maquilagem espessa, rutilante e grotesca. Essa grande burguesa tímida pintava-se como uma prostituta, e, como dizia a crítica, bebia como um polonês, drogava-se como um chinês, destruía-se em suma de forma sistemática assim como à sua felicidade conjugal. Seus retiros nas clínicas especializadas, suas fugas e as peripécias do seu naufrágio nervoso eram de notoriedade pública, do mesmo modo que a imensidade da sua fortuna familiar e a paciência e a dedicação do marido.

De notoriedade pública sem dúvida, mas não a ponto de os camareiros do *Narcissus* terem todos tomado conhecimento desses fatos.

Foi assim que um daqueles infelizes, depois de ter apresentado a Clarisse um martíni seco, que ela bebera de um trago, julgou conveniente voltar com uma bandeja guarnecida na mão, e nos lábios um sorriso feliz de quem encontrou uma boa cliente. E Clarisse já estendia a mão para um cálice quando Eric, passando o braço entre ela e a bandeja, varreu-a brutalmente: os copos espatifaram-se no chão, onde o garçom, embasbacado, ajoelhou-se, enquanto todo mundo se virava para aquela barulheira. Mas Eric Lethuillier não pareceu perceber: branco de raiva e de inquietação, olhava para a mulher com uma expressão tão magoada, colérica e

desanimada, que, esquecendo-se sem dúvida de todas aquelas testemunhas, lhe disse em voz alta e nítida:

— Clarisse, eu lhe peço, não! Você tinha me prometido comportar-se como um ser humano nesta viagem. Eu lhe suplico. . .

Parou aí, mas demasiado tarde. Em torno deles todos se sentiram constrangidos, até que Clarisse, virando-se sobre si mesma e sem uma palavra, se pôs em fuga pelos corredores, a correr pelo convés, no meio do qual, tropeçando nos seus saltos excessivamente altos, teria mesmo caído, acabando de consternar os espectadores forçados dessa cena, se não tivesse encontrado o braço de Julien Peyrat, o avaliador público da Austrália, para impedi-la. Edma surpreendeu então no olhar de Eric Lethuillier mais irritação que gratidão; uma gratidão natural no entanto por aquele que evitara à sua mulher uma queda desonrosa; menos desonrosa aliás, pensando bem, que a invectiva que lhe acabara de fazer em público e cujo tom, se não os termos, só de muito longe evocariam ternura ou preocupação conjugais.

Edma contemplou portanto a fuga de Clarisse com expressão de comiseração indulgente, coisa pouco freqüente nela. E quando, voltando de súbito seu corpo elegante e seco, surpreendeu o olhar do senador mafioso dirigido para a nuca impecável do belo Lethuillier, ela não se espantou de perceber nele uma espécie de desprezo. Deu um jeito para cruzar o caminho de Julien, que se pusera a andar, e depois que Charley Bollinger o apresentou como "o famoso avaliador de objetos de leilão" de Sydney, ela o reteve pela manga. Dotada de certa sagacidade, Edma Bautet-Lebrêche não a possuía, contudo, em grau suficiente para se abster de demonstrá-la (e se espantava ainda, depois dos sessenta, que os outros ficassem irritados). Mantendo familiarmente a mão no braço de Julien, ela resmungou alguma coisa inaudível, e, inclinando-se polidamente, ele perguntou:

— O que disse?

— Eu dizia que um homem é sempre responsável pela mulher — murmurou com firmeza antes de soltar a manga de seu interlocutor.

Ele teve um ligeiro estremecimento dos ombros para trás, que permitiu a Edma perceber que acertara em cheio, e então afastou-se, certa de o deixar palpitante com tanta clarividência.

Mas ela o deixara apenas irritado. Esse era, porém, o tipo de mulheres que deveria cortejar; antes de partir folheara bastante o *Who's Who* e as crônicas mundanas para saber disso. Lembrava-se ainda de uma foto de Edma, de braço com o embaixador americano ou russo, em cuja legenda o "olho da *Vogue*" a designava como uma das mulheres mais bem-vestidas do ano. Que ela fosse também uma das mais ricas não devia ter escapado a Julien Peyrat, avaliador. Ele deveria, pelo contrário, freqüentar seus salões sua cabina, se fosse o caso. Por enquanto essa mulher era realmente temível. Contemplava-a a cacarejar, pendurada ao braço do infeliz comissário de bordo; ele via, ele escutava, seus olhos brilhantes, mãos agitadas, voz incisiva que provavam que, de tanto bisbilhotar os negócios dos outros, podia-se adquirir uma espécie de perspicácia, à falta de verdadeira inteligência, que podia muito bem, durante o curso daquele cruzeiro, revelar-se desastrosa para ele. "Isso posto, o corpo devia ter sido soberbo e as pernas ainda são", constatava sem querer o eterno amoroso escondido dentro de Julien.

Uma multidão se comprimia agora a bombordo, lançando gritos de excitação. . . Alguma coisa acontecia por lá, alguma coisa que, fosse qual fosse sua natureza, não devia escapar a Edma, que partiu quase correndo para aquela área.

Saltando no mar e deixando em seu rastro uma espuma rosada e indecente, um barco a motor aproximava-se do *Narcissus*. No fundo

luzia um amontoado de bagagens de couro bege, "um bege um pouco vulgar, além de sujar-se com facilidade", pensou Edma.

— Retardatários! — gritou alguém com voz alegre, ligeiramente escandalizada, porque afinal era raro que alguém embarcasse nesse navio Regência de outra maneira que não na hora marcada e no cais marcado.

Era preciso realmente ser ousado e todo-poderoso para se permitir abordar o *Narcissus* no mar. Edma também se inclinou na amurada e, entre o sulco de espuma transparente e a silhueta negra do marinheiro que pilotava, descobriu duas personagens totalmente desconhecidas dela.

— Mas quem são? — lançou com voz aguda a Charley Bollinger, que gritava ordens e se atarefava com ar imponente. E Charley respondeu com um olhar excitado e desafiador que a irritou:

— É Simon Béjard, o produtor de cinema, sabe? Ele vem de Monte Carlo, e a jovem é Olga Lamouroux, você vê?

— Ah, sim! sim! Estou vendo — suspirou Edma Bautet-Lebrêche por cima da massa dos passageiros. — Só o pessoal do cinema faz esse tipo de chegada. Mas de quem se trata exatamente?

"Mais essa! Ela vai fingir ignorância", pensava Charley aproximando-se. De fato Edma afetava ignorar tudo de cinema, televisão e esportes, distrações demasiado vulgares, na sua opinião. Chegaria mesmo a perguntar quem era Charlie Chaplin, se isso fosse possível sem tornar-se ridícula. Charley adotou um tom de voz neutro.

— Simon Béjard, um perfeito desconhecido, de fato, até o mês de maio. Mas é o produtor de *Feu et fumêe*, o filme que ganhou o Grande Prêmio do Festival de Cannes, este ano. Afinal, você sabe muito bem, querida amiga. E Olga Lamouroux é uma estrela em ascensão.

— Eu realmente não sabia! Infelizmente. . . estava em Nova York no mês de maio — disse Edma num tom humilde, cheio de falso pesar, que exasperou discretamente Charley.

Por seu lado, achava maravilhoso ter enfim gente de cinema a bordo. Porque, mesmo que fossem vulgares, eram célebres, e Charley gostava de celebridade quase tanto quanto de juventude. Era preciso ter essa atitude, aliás, para admirar o embarque dos recém-chegados, que visivelmente não eram navegantes experimentados.

— Lamento muito — tornava a dizer Simon Béjard, torcendo o tornozelo e tropeçando, batendo com os braços no tombadilho, que de repente lhe parecia estável demais.

Lamento muito, não pude chegar na hora. Espero não tê-lo atrasado — dirigia-se ao capitão Ellédocq, que o olhava fixamente, com um horror sombrio, o horror que Simon lhe inspirava: além de produtor reconhecido, provavelmente um estrangeiro vivendo na França. E retardatário evidente.

— Em menos de meia hora, em todo caso, os alcançamos. . . Como esses motores disparam! — continuava Simon Béjard, lançando um olhar de admiração para o barco a motor que já desaparecia no horizonte de Monte Carlo. — E não é pouca porcaria: noventa cavalos! Foi o que me disse o velho pirata enquanto me esvaziava os bolsos. . . Como correm esses barcos!

Sua admiração não encontrava eco, mas o homenzinho ruivo não parecia perceber. A bermuda colorida, os óculos de madrepérola e os sapatos Cerruti faziam dele a caricatura de um cineasta de Hollywood que não se amenizava nem pela petulância nem pelo aspecto bonachão. Em compensação, a seu lado, a jovem vestida no gênero muito Chanel, com os cabelos puxados para trás, grandes óculos pretos na ponta do nariz — uma jovem que visivelmente não queria representar o papel de *starlet*, de modo algum —, adotou uma expressão impertinente que a tornou desagradável, apesar da

beleza, e fez redobrar por antecipação a ingrata tendência de Edma para a crueldade. Fosse como fosse, prometendo voltar logo, Simon Béjard, empurrando as bagagens e sua companheira, engolfou-se num corredor atrás de Charley. Atrás deles, os comentários irônicos animaram-se durante alguns minutos, depois calaram-se de repente, quando alguém notou que Doria Doriacci, a Diva das Divas, aproveitara essa agitação para fazer uma entrada discreta e se sentar tranqüilamente numa cadeira de convés por trás de Ellédocq.

"A Doriacci", como diziam os diretores de óperas, "A Doria", como dizia o povo, e "Dorinina", como pretendiam chamá-la cinco mil esnobes, já passara dos cinqüenta, segundo todas as informações, concordantes pelo menos nisso; e tanto podia parecer ter setenta como trinta anos. Era uma mulher de estatura mediana, com a vitalidade, a robustez que algumas mulheres de origem latina possuem, e um corpo roliço que não se podia dizer gordo, realmente: era antes um corpo cuja carne estava comprimida por uma pele fina, rosada e baça, uma soberba pele de mulher jovem; um corpo que poderia negar sua idade se não sustentasse a cabeça da Doriacci; um rosto redondo entre planos laterais e maxilar acentuados, cabelos negros de corvo, olhos imensos e fulgurantes, um nariz perfeitamente reto, um rosto trágico, em suma, onde uma boca infantil surpreendia, demasiado vermelha e redonda: uma boca "1900", mas que não conseguia retirar desse rosto seu lado acuado e aliás prestes também a acuar, um rosto como que varrido por uma violência imprecisa, como uma ameaça ou uma tentação permanente. Tudo isso que fazia com que, no fim, já não se vissem os traços abatidos, nem os pés-de-galinha, nem as rugas da boca, todas elas "ofensas irreparáveis" do tempo, que uma gargalhada ou um desejo brutal da Doriacci podiam fazer esquecer de repente. Nesse momento, ela fixava na cabeça de Ellédocq um olhar frio,

intimidador, sob o qual, voltando à exclamação de Charley, o capitão estremeceu como um cavalo desconfiado reencontrando seu domador. Toda a natureza profundamente hierárquica de Ellédocq tremeu sob esse olhar; e pôs-se em guarda, dobrou-se em dois, bateu com os calcanhares de forma mais militar que turística.

— Meu Deus! — lamentava-se Charley, que se apoderara da mão coberta de anéis da Doriacci e ali pousara duas vezes os lábios em admiração. — Meu Deus, quando penso que a senhora estava aqui entre nós. . . Como poderia saber?... A senhora disse que queria permanecer no quar-<sub>to</sub>. . . A senhora. . .

— Tive que deixar a cabina — disse a Doriacci, sorrindo e retirando a mão, cujas costas ela enxugou tranqüilamente no vestido, sem qualquer maldade e sem qualquer constrangimento, mas para grande ofensa de Charley. — O cão do pobre Kreuze não melhorou com a idade, como seu pai, aliás. . . Ele uiva! Você tem focinheira no navio? Mas deveria ter, com ou sem cão — acrescentou com ar sombrio, lançando em torno um olhar assustado à *Tosca*.

Porque, de fato, não podendo se dirigir diretamente a ela por cima da assistência, Edma Bautet-Lebrêche começara um elogio em voz alta, dirigindo-se a Julien Peyrat, surpreso:

— Nós a ouvimos, meu marido e eu, no Palácio Garnier este inverno — dizia-lhe fechando os olhos, deliciada. — Ela esteve divina. . . E ainda "divina" não é a palavra certa. . . Estava inumana. . . Melhor, afinal. . . ou pior. . . que humana. . . Fiquei gelada, sentia calor, já não sabia o que dizia — terminou ela, no silêncio que se fizera.

Edma fingiu então ter percebido de súbito a Diva e, precipitando-se na sua direção, segurou-lhe avidamente as mãos entre as suas.

— Madame, sonhava conhecê-la. Nunca esperei, nem mesmo por um instante, que esse sonho se concretizasse. E ei-la aqui! E eis-me

aqui também a seus pés, como de direito. Permita que lhe diga que é um dos mais belos dias da minha vida!

— Mas por que essa surpresa? — disse a Doriacci quase afetuosamente. — A senhora não tinha lido o programa do cruzeiro antes de embarcar? Afinal, estou nele em letras garrafais! Em letras mesmo bem garrafais! Ou então meu empresário já está despedido. Comandante — disse ela bruscamente, retirando mais uma vez a mão e repousando-a como um objeto no braço da cadeira, desta vez sem limpá-la... — Comandante, escute bem; tenho amor à vida, o senhor pode imaginar, e detesto o mar. É por isso que queria vê-lo bem antes de me confiar ao senhor: diga-me, o senhor também ama a vida, comandante? E quais são suas razões?

— Mas eu. . . eu sou responsável pela vida dos passageiros. . . — começou a gaguejar Ellédocq — e eu. . .

, — E o senhor fará o melhor possível, não é? Que frase horrível! Quando um maestro me diz que fará "o melhor Possível" para me acompanhar, eu o ponho porta afora. Mas o mar não é um palco de teatro, não é verdade? . . . Vamos adiante. . .

Com isso, tirou de uma imensa cesta um único cigarro, um isqueiro, e acendeu o cigarro com tanta rapidez que ninguém teve tempo de esboçar qualquer ajuda.

Charley Bollinger estava fascinado. Havia naquela mulher alguma coisa que lhe inspirava confiança e ao mesmo tempo o assustava. Sentia que mesmo sem quilha, sem leme e sem motor, o *Narcissus*, já que ela estava a bordo, voltaria são e salvo ao porto. Estava igualmente certo, também, de que a autoridade suprema, na volta, mudaria de mãos e que Doriacci disporia em Cannes de um quepe azul-marinho e de um alto-falante, no seu caso inútil, enquanto o capitão Ellédocq mofaria acorrentado e amordaçado no porão. Essa visão apocalíptica atravessou o espírito do buliçoso Charley, dividido entre o susto e o encantamento. Desde que navegavam

juntos, havia dez anos, ninguém tinha maltratado nem desprezado tão abertamente Ellédocq, o tirano barbudo que um destino fatal lhe dera por companheiro. Fez mais uma tentativa de se apoderar da mão da heróica Diva e desta vez o conseguiu, pousando os lábios entre dois anéis enormes, arranhando num deles o nariz; porque a Doriacci, considerando que as apresentações já tinham sido feitas havia bastante tempo e surpresa por essa galanteria tardia, acabava de lhe retirar a mão com a brusquidão de uma cidadina, no campo, lambida de improviso por alguma cabra afetuosa. O nariz de Charley sangrou imediatamente com o movimento brusco.

— Oh, perdão! Perdão, meu rapaz! — exclamou a Diva, sinceramente desolada. — Lamento muito, mas realmente você me causou medo. Pensei que já tivesse passado a hora de todos esses beija-mãos, todas essas cerimônias! Digamos agora que acabou, antes que seu nariz receba mais golpes. — Ao mesmo tempo que falava, muito depressa tamponava-lhe o nariz com um lenço de cambraia antiga, milagrosamente extraído também da sua cesta, fazendo-o por fim sofrer tanto que ele ficou com medo dela. — Continua sangrando, venha à minha cabina. Eu lhe porei tintura de iodo. Você sabe que nada infecciona mais a pele humana do que as pedras preciosas. . . Mas é isso, venha — insistiu, quando Charley protestou fracamente. — Venha me instalar. . . me instalar e mais nada, tranquilize-se, comandante

Haddock — disse ela como se ele tivesse mostrado algum sinal de ciúme. — Viajo sozinha e às vezes chego menos só. . . Mas não desta vez: estou completamente esgotada. . . Apresentamos *Don Carlos* um mês no Metropolitan; só tenho um desejo: dormir, dormir, dormir! Naturalmente cantarei dez minutos entre duas sextas — concluiu, com expressão tranquilizadora. E indicando Charley com o queixo terminou: — Para a minha cabina, por favor, sr. Taittinger! E rápido, por favor.

E sem lançar outro olhar ao capitão, do mesmo modo como não prestara qualquer atenção aos miseráveis e sombrios protestos de "Ellédocq, Ellédocq" quando o chamara de Haddock, levantou-se e rompeu a multidão.

A cabina era vasta e luxuosa, mas parecia-lhe terrivelmente exígua, e Clarisse esperava. Eric assobiava no banheiro ao lado. Sempre assobiava no banho, como um homem despreocupado, mas havia um quê de concentrado, de ofegante, de quase furioso na sua maneira de assobiar, que para Clarisse evocava tudo, menos despreocupação. A seu favor, deve-se dizer, é bem verdade, que é um dos estados mais difíceis de simular, porque é ligeiro, e Eric era muito mau ator na comédia ligeira. A despreocupação supõe por definição um certo grau de esquecimento; e lembrar-se de esquecer é sem dúvida um esforço paradoxal e penoso. Em certos momentos, quando Clarisse esquecia que ele já não gostava dela, que já não a desejava, quando esquecia que a desprezava e lhe fazia medo, quase podia achá-lo cômico. Mas eram instantes raros; o resto do tempo detestava demais em seu íntimo essa insipidez implacável e definitiva de que ele a acusava sem uma palavra, mas constantemente, e com razão: a insipidez que Eric não tinha visto antes do casamento, por causa da miopia do amor, a insipidez insuperável que ela já não conseguia dissimular, mesmo sob a camada da maquilagem mais espessa, que passara a chamar a atenção.

Ela esperava. Sentava-se numa das camas da cabina ao acaso, pois Eric ainda não escolhera a dele. Ou melhor: ainda não tinha escolhido a de Clarisse, porque naturalmente ele não diria: "Fico com a cama da esquerda perto da vigia porque a vista é mais bonita", mas antes: "Fique com a da direita, perto do banheiro, será mais confortável". Aliás, era exatamente a que ela queria, a da direita; não por motivos de conforto, ou de estética, mas

simplesmente porque essa cama estava mais perto da porta. E em toda parte, no teatro, num salão, num trem, era sempre a escada, a porta, a saída, afinal, que a fazia escolher seu lugar, sempre que tivesse que dividir algum espaço com Eric. Ele ainda não percebera porque Clarisse dava um jeito de sempre parecer contrariada com sua decisão final, sabendo muito bem que a satisfação dele dependia do desagrado dela. Sentou-se portanto na cama da esquerda, longe da porta, e esperava com as mãos cruzadas como uma criança retardada.

— Você está sonhando? Já está entediada?

Eric saíra do banheiro. Abotoava a camisa diante do espelho com os gestos sóbrios e precisos de um homem indiferente ao seu reflexo, mas Clarisse via o narcisismo brotar em todos os olhares que dirigia a si mesmo.

— Acho que você ficaria melhor no beliche da direita. Ficaria mais perto do banheiro. Você não acha?

Fingindo decepção, Clarisse pegou sua bolsa e esticou-se no beliche perto da porta. Mas Eric a vira sorrir no espelho, e uma onda de raiva fria o invadiu no mesmo instante. De que estaria sorrindo? Com que direito ousava sorrir sem ele saber por quê? Sabia que essa viagem face a face que lhe oferecia como um presente suntuoso e conjugal ia ser para ela — já era — um suplício. Sabia que bem depressa ela se insinuaria num sistema tortuoso de alcoólatra, com humilhantes combinações com os homens do bar, sabia que aquele belo rosto adormecido pela resignação e pelo sentimento de culpa, aquele belo rosto de criança mimada e punida escondia uma mulher trêmula, extenuada, de nervos arrebatados. Clarisse estava à mercê dele, nos opostos da felicidade, não tinha mais gosto por nada; mas alguma coisa nela lhe resistia incansavelmente, alguma coisa se recusava a afundar com o resto e, no seu furor e no seu ciúme, Eric pensava que aquilo provinha do dinheiro dela. O dinheiro que se transformara num defeito dela,

mas que ele não conseguia deixar de pensar que era uma virtude, um encanto, o dinheiro que ela tivera desde criança e que faltara a ele durante toda a sua juventude.

Clarisse sorria de novo, com a cabeça inclinada de lado, e ele levou alguns instantes para compreender que não era ele que provocava desta vez seu habitual sorriso assustado, mas a voz de um desconhecido que cantarolava uma melodia de valsa, ao lado. E que desta vez não era, não podia ser, o temor que iluminava assim o rosto de Clarisse, mas o prazer, num sorriso dos mais inesperados e dos mais insuportáveis.

Julien Peyrat, tendo tirado o quadro da mala com mil cuidados, encontrava-se mais uma vez seduzido, cheio de admiração, diante do talento do falsário. O encanto de Marqueei estava ali, sem dúvida: aqueles tetos de um cinza apagado pelo frio, aquela neve amarelada sob as rodas cambaias dos fiacres e o frêmito de vapor nas narinas dos cavalos. . . O vapor, isso ele certamente teria inventado; mas por um instante ele se sentira — ele, Julien Peyrat — no coração de Paris, no inverno de 1900; por um instante, sentira o cheiro de couro e de cavalo fumegante, o cheiro de madeira úmida da caleça negra parada no meio da tela debaixo dos seus olhos, como seguira com os olhos cheios de nostalgia e de desejo frustrado a mulher maquilada, vestida de pele de raposa, que, virando a esquina da rua, à direita, se dispunha a sair do quadro sem mesmo se voltar para ele. Por um instante respirara, reencontrara o odor dos primeiros frios de Paris, o odor imóvel de fumaça, de fogo de madeira apagado, de chuva fria, o odor onde se misturava o sabor picante do ozônio suspenso com a neve acima dos candeeiros, o odor morno e cúmplice para os parisienses, sempre o mesmo, apesar dos gritos, dos gemidos, dos que votavam a capital à feiúra, em primeiro lugar, e à destruição em seguida, talvez por ciúme, pelo simples fato de sua própria morte por vir. Paris era uma cidade eterna para Julien,

com encantos eternos. . . mas dispendiosos, infelizmente! Sorriu, pensando nos passageiros masculinos do *Narcissus*. O tédio os levaria logo ao bridge, ao *gin rummy*, de qualquer modo ao baralho, e, portanto, ao pôquer. Julien apanhou o seu baralho e se exercitou em algumas distribuições de cartas que o deixariam sempre com uma quadra de reis.

Cantarolava sem cessar uma melodia de valsa cujo título não lembrava, e que lhe ocupava a mente e o exasperava por momentos. O sol caía agora num mar cinzento, apenas tocado de azul, um mar cremoso que um branco de leite já invadia pelo leste. Todos se preparavam em todos os andares e diante de todos os espelhos para a primeira noite a bordo, mas Edma, que já passara uma hora no quarto, impacientava-se, o que decuplicava a total inércia de seu marido Armand, imerso nas notícias da Bolsa. Edma saiu então antes dele, e chegou ao bar cantarolando, desafinada, uma ária de Rossini. Temia encontrar-se sozinha ali, mas felizmente o destino colocara sentado na extremidade do bar um bloco de granito cinza-ferro, que ela reconheceu como o maestro Hans Helmut Kreuze. Ele bebericava uma cerveja e mastigava ao mesmo tempo batatas fritas e queixas contra aquele comandante desastrado. Sentiu-se até mesmo tranqüilo quando a voz de Edma Bautet-Lebrêche, como um toque a rebate, ressoou no ar da noite. Algumas gaiotas lá fora alçaram vôo. Mas Hans Helmut Kreuze, não podendo segui-las, teve de se virar e enfrentar seu destino. Não sem certo contentamento, aliás!

Porque se Hans Helmut Kreuze achava paranóico que um melômano ou um rústico imaginasse poder conquistar com sórdidas notas de banco o direito de escutar "a Música" (e principalmente a Música tocada por ele, Kreuze), não lhe parecia contraditório o fato de ele cobrar cachês gigantescos e ter pelo dinheiro em espécie uma devoção feroz, assim que o tinha na mão.

Mas, com esse desprezo desaparecendo bizarramente como por encanto diante das grandes fortunas, ele acolheu com simpatia a mulher do imperador do açúcar, até mesmo com deferência. Chegou a descer de seu tamborete num gesto que pretendia ser galante, isto é, caiu pesadamente sobre os dois pés metidos em sapatos de verniz com um "ham" de lenhador. E o chão estremeceu, enquanto cie, dobrando-se em dois com as ancas e a espinha em um ângulo de quarenta e cinco graus, como um compasso aberto, batia com os calcanhares e debruçava-se sobre a mão carregada de anéis da imperiosa Edma.

— Mestre — disse ela —, nunca teria esperado que isto acontecesse. Este encontro! O senhor! Só! E neste canto solitário! Nesta hora solitária! Acho que estou sonhando. E se eu ousasse, mais exatamente, se o senhor me pedisse — disse ela içando-se logo para o tamborete vizinho —, eu me permitiria fazer-lhe companhia por alguns minutos. Mas só se o senhor insistir — acrescentou, lançando para o *barman* o indicador e um "*gin-fizz*, por favor" identicamente decididos.

Hans Helmut Kreuze iria empregar, como gentil-ho-mem, a súplica e a insistência requeridas, quando percebeu que Edma, bem-instalada, com uma azeitona entre os dentes, já balançava a perna sem grandes complexos; assim, renunciou aos seus salamaleques. Na realidade, a autoridade de Edma não lhe desagradava. Ele tinha, como muita gente de seu meio, muitos virtuosos e muitas celebridades em geral, um gosto sem limites pelas ordens, a sem-cerimônia, o fato consumado. Falaram de música por um momento, e Edma demonstrava sua real cultura musical, que ainda assim emergia do seu esnobismo. Hans Helmut redobrou seu respeito, e até sua obsequiosidade, porque suas relações com os seres humanos só comportavam duas claves, diferentemente de suas partituras: só tocava na clave do desprezo ou na da obediência. Ao fim de dez minutos tinham chegado a um grau de intimidade que

Edma nunca imaginaria, e, aliás, nem desejara, e que, com a ajuda das cervejas, levou Kreuze às confidências.

— Tenho uma preocupação — resmungou ele; — uma grande bem feia preocupação. . .

(Edma pestanejou: não conseguia se habituar à maneira confusa de misturar línguas de Kreuze.)

— A senhora sabe, geralmente, as fêmeas. . . — soltou uma risada grosseira — as fêmeas em geral olham para mim. . .

"Essa agora! Longe de sua estante de maestro, esse grande javali", pensou Edma de repente. "Esses maestros, decididamente, são todos paranóicos!"

— Certamente, certamente, é normal — retorquiou ela entre dentes —, principalmente com a sua notoriedade. — O dom-juan aprovou com um gesto de cabeça e após um interminável gole de cerveja continuou:

— E até mesmo certas fêmeas muito conhecidas. . . muito, muito conhecidas. . . — sussurrou com o dedo atravessado na boca. "Grotesco", pensou Edma, "ei-lo fazendo saiatices!" — Mas, minha querida senhora, não me faça dizer nomes. Nenhum nome. Nenhum! Pensemos na honra das damas. . . Eu digo não. Não, não — continuou ele, tirando o dedo da boca e sacudindo-o debaixo do nariz de Edma, que subitamente foi direto ao assunto:

— Mas, meu querido — disse, levantando a cabeça e olhando-o de cima —, mas, meu querido, quem por amor de Deus está lhe pedindo um nome? O nome de quem ou de quê, em primeiro lugar? Não sou eu que o estou perseguindo com perguntas, não é verdade?

— Exatamente não — disse Kreuze com uma expressão de finura e os olhos franzidos. — A senhora não me pergunte o nome da dama, neste mesmo navio, que uma noite, com Hans Helmut Kreuze. . . — e o mesmo riso espesso o sacudiu.

Edma estava dividida entre a curiosidade, realmente terrível, e um nojo que "quase" a sobrepujou, mas, como sempre, apenas "quase".

— Vamos, vamos. . . — pensou ela alto — mas quem, então, neste navio?

— A senhora me promete silêncio?. . . Silêncio absoluto? Prometido?

— Prometido, jurado, silêncio, silêncio e silêncio, tudo o que o senhor quiser — cantarolou Edma, com os olhos voltados para o céu.

O virtuose adotou uma expressão grave e, inclinando-se para ela a ponto de Edma poder ver-lhe os parafusos dos óculos, soprou bruscamente em seu ouvido e seu pescoço: "Lupa", antes de recuar como para melhor julgar o efeito produzido. Edma, depois de um sobressalto sob essa brisa de cerveja, exclamou:

— O quê? O quê? Lupa? Ah!, "*lupa*", loba. . . Loba? Concordo, eu compreendo latim, graças a Deus! A Loba, mas qual? Nós somos numerosas sob o céu, nós, as lobas. . . — E lançou um relincho malicioso que fez o *barman* soltar a coqueteleira.

— A Lupa: Doria Doriacci — sussurrou Kreuze com torça. — Por volta de 53 ou 54, Doriacci era a Lupa, nada óiais. A Lupa era fácil como fêmea, em Viena. Já era uma <sup>De</sup>la mulher. . . Eu, pobre Kreuze, longe da família, longa *tournée*, sozinho. . . E a Lupa, que me olhava todo o tempo assim. . .

E o maestro, arregalando os botões de botina que lhe serviam de íris por trás dos óculos, passou pelos lábios uma língua rosa que enojou ligeiramente Edma Bautet-Lebrêche.

— E então? O senhor cedeu? Resistiu? Mas é uma história encantadora, a que o senhor está me contando. . .

Ela se sentia transformar-se visivelmente em feminista. A pobre Doria deveria estar realmente faminta para suportar esse pulha na cama.

— Sim, mas. . . — continuou o outro, imperturbável — sim, mas o fim é ruim. Vocês, fêmeas francesas, vocês dizer bom-dia depois, não é? A Lupa, não! Há trinta anos, a Lupa nem mesmo me deu bom-dia, nenhum sinal, nem mesmo um pequeno sorriso de canto de boca. . . como a senhora faria, minha querida senhora, não é?

— Quem? Eu? Não, não, certamente não! — disse Edma, subitamente disposta ao pior.

— Mas sim, mas sim. . . — Kreuze tranqüilizava-a. — Mas sim, mas sim, as femeazinhas francesas, depois, fazem tudo igual: assim.

E sob o olhar indignado de Edma piscou-lhe um olho por trás dos óculos, num gesto horrível, enquanto revirava o lábio superior sobre seu único dente de ouro, até então invisível, no maxilar superior à direita, mas sobre o qual o sorriso malicioso caía em cheio. De início paralisada pelo horror, Edma recuperou-se depressa. Mostrou um rosto tranqüilo, assumiu aquela expressão de alheamento, de lassidão, expressão loucamente perigosa mas que, infelizmente, nem Hans Helmut Kreuze, no auge da sua imaginação, nem Armand Bautet-Lebrêche, que acabara de chegar e instalara-se pacificamente numa poltrona do outro lado do bar, tiveram condição de observar ou reconhecer.

— A senhora acha isso bem? — perguntava Kreuze insistente. — Que a Lupa que comeu o jantar no Sacher

.de Viena, que eu paguei naquela noite, me trata mim, trinta anos depois, eu, Kreuze, como um merda qualquer? Hem? Então?

— Pois então, justamente! — disse Edma, permanecendo naquela languidez deliciosa e invencível, muito próxima do prazer físico, que a invadia com a cólera, a certeza da proximidade do drama, do escândalo, da catástrofe. — Justamente o que o *senhor é*, um merda! E para bem persuadi-lo da força de sua convicção como do objeto dessa convicção, ela bateu-lhe no peito com um indicador horizontal e insistente. Mas, oh, surpresa máxima! Kreuze não se

abalou. Sua memória, repleta de lembranças de testemunhos de admiração, sua memória cheia de "bravos" frenéticos ou transbordante de lembranças familiares de total submissão, não podia, apesar da sua clareza, admitir o anátema, o sacrilégio de Edma. Tudo nele, fosse sua memória, vaidade, segurança primitiva ou mesmo artérias coronárias, todo o seu ser recusava e rejeitava o que ainda assim seus olhos e seus ouvidos tentavam lhe transmitir: esse "justamente o que o senhor é, um merda". Ele tomou então a mão dessa impudente encantadora, que a deixou ficar por um segundo, altiva mas aterrorizada por pensar que ele ia lhe bater ou jogá-la abaixo do seu tamborete:

— Encantadora, gentil senhora — falou —, senhora não deve falar gíria. Não são palavras para bela senhora elegante, essas palavras. . . — E beijou-lhe as pontas dos dedos com indulgência, para grande indignação de sua protegida.

— Mil perdões, mestre! Mas sei perfeitamente o que estou dizendo — retrucou ela com voz fria, gelada mesmo, diante do que achava ser uma covardia hipócrita. — Vou repetir: o senhor é indiscreto, grosseiro, vulgar, avaro, o senhor é um merda típico, o merda padrão, afinal — detalhou ela, mas a um fantasma.

Porque Kreuze esgueirara-se para a saída, rindo, com um riso agudo e mecânico, tossindo, agitando a mão da esquerda para a direita como se não quisesse ouvir os termos inconcebíveis de Edma, negando-os e assim deixando de ouvi-los.

Vagamente despeitada por essa saída salvadora para Hans Helmut Kreuze, mas que a deixava no meio de sua fome de ferocidade, Edma dirigiu-se, batendo com os saltos, com os olhos faiscantes, poder-se-ia mesmo dizer com as narinas fumegantes, ao seu marido, para lhe contar suas proezas. Afundado na poltrona estofada e com os olhos semicerrados, ele parecia sonhar, ou quase, espantou-se Edma.

— Alô, meu velho — lançou-lhe ela. — Você vai ouvir uma história extravagante.

Mas se Armand abriu os olhos ao ouvir essa voz, foi com um esforço sobre-humano. Edma sentara-se ao seu lado, mas ele mal ouvia, como se a voz dela viesse de muito longe.

— Eu tratei o maestro Hans Helmut Kreuze, diretor do Konzertgebäum de Berlim, de grande merda — disse com voz exageradamente tranqüila (mas com sua inquiridora voz de falsete, ainda assim), que fez estremecer no fundo da memória de Armand Bautet-Lebrêche o jovem que ele fora trinta anos antes, em pé, de fraque, diante do altar de Saint-Honoré d'Eylau. Mas esse jovem logo desapareceu, deixando-o entregue ao seu mal.

Acontece que os grandes navios, em certa velocidade e em certos mares, adquirem uma espécie de balanço regular, como uma oscilação ligeira de proa a popa, cujo efeito pode, por vezes, revelar-se irresistivelmente soporífico sobre o ser humano. Interpelado pela mulher, o sr. Bautet-Lebrêche, preocupado, tinha primeiro tentado mostrar uma expressão de finura do marido psicólogo e observar sua mulher com os olhos semicerrados, sorrindo vagamente. Mas levantar por pouco que fosse as pálpebras requeria-lhe um esforço quase tão grande como levantar as portas de ferro de algumas garagens.

Em situação desesperada, Armand Bautet-Lebrêche tentara então arrancar dos pedaços ainda conscientes do seu espírito atormentado alguma comparação, alguma imagem própria para fazer Edma compreender e admitir essa sonolência inopinada: porque Edma não era mulher para suportar um ser humano adormecido à sua mesa, mesmo que fosse seu marido. Como lhe explicar? Era como se ele estivesse sendo ninado por uma ama, de fato. . . uma ama musculosa, naturalmente, mas contudo bem macia. . . Como se essa ama tivesse previamente embebido seu corpete de clorofórmio . . . É isso, é exatamente isso. . . Mas por que

clorofórmio? . . . Por que uma ama teria posto clorofórmio?. . . Não. . . Seria antes como se lhe tivessem dado um golpe de malho, cinco minutos antes. . . Mas, considerando-se o preço do *Narcissus*, não se batia certamente nos passageiros com malhos. . . A menos que o capitão. . . aquele brutamontes . . . molhasse. . . clorofórmio. . . Afundou-se no ombro de Edma, sentindo vagamente seu perfume. Graças a Deus, alguém respondeu, ainda assim, com sua própria voz subitamente doce e longínqua, mas a voz de Armand Bautet-Lebrêche: "Você fez muito bem, querida", pausadamente, antes de cair desmoronado sobre o ombro da mulher, que de surpresa e de medo ergueu-se, deixando assim cair o imperador do açúcar com o nariz no prato. . . Os garçons acorreram para sustentá-lo, mas, graças aos roncossonoros que subiam da poltrona estofada, Edma já tinha compreendido a natureza do mal-estar do marido.

"Esta viagem está começando bem, decididamente", pensava ela, tomando um segundo drinque por desânimo. Um diálogo imbecil com um paranóico obsceno e os roncosseselegantes do marido, na sua própria mesa, tudo isso deixava augurar, de fato, um cruzeiro pouco semelhante aos outros. Mas Edma se perguntava subitamente se isso não seria preferível.

O maior retardatário para o jantar daquela noite foi Andreas Fayard. Recaíra no sono do dia, com o mesmo pesadelo. Dormira de *jeans*. Despiu-se rapidamente, passou pelo chuveiro e antes de tornar a vestir-se postou-se de corpo inteiro diante do grande espelho do banheiro e lançou sobre si mesmo, corpo e rosto, um olhar gelado de negociante de cavalos. Convinha controlar sua cintura, tomar cálcio, corrigir um dente incisivo, um xampu ligeiro nos cabelos louros, sempre frágeis. Precisava de tudo isso para que uma mulher lhe comprasse um Rolls-Royce em agradecimento pelas suas qualidades amorosas, sua doçura e sua fúria. "E isso tem que acontecer depressa", dizia Andreas consigo mesmo, sentado no

beliche do *Narcissus*, porque esse cruzeiro empreendido solitariamente acabava de arruinar a magra herança que suas duas tias livreiras em Nevers, suas educadoras, tinham ganho penosamente e deixado para ele antes de morrer no ano anterior, com dois meses de intervalo. Ele ia rapidamente tratar daquele incisivo, dos cabelos louros e de tudo o mais, a contragosto. Andreas sentiu-se à beira das lágrimas diante da idéia de que ninguém lhe pediria para lavar as orelhas, talvez em anos, talvez mesmo até a morte.

Enquanto no convés da primeira classe serviam um jantar suntuoso, de categoria, em mesinhas presididas pelos oficiais do navio, tendo o imediato à frente, no andar de luxo, numa ordem provisória, ou supostamente assim, a trintena de passageiros distribuía-se por duas mesas: a do comandante e a de Charley; esta, três vezes mais alegre, era em geral assediada pelos *habitués* do *Narcissus*, mas, este ano, a presença de Doria à direita de Ellédocq fazia alguns hesitarem. Muitos mesmo; exceto Edma, que tinha aquele sentido de fidelidade de grupo que só se encontra em certas hordas de chacais ou lobos, animais bastante ferozes para pôr fim aos que se atrasam e expulsar os fracos. Isso os fazia parecer com as hordas mundanas, elas também fiéis às mesmas tocas e todos os anos lançadas nas mesmas migrações, mas cujos membros, sempre à beira de uma briga mortal, ao que parecia, mostravam-se, com o tempo, pouco suscetíveis ou indiferentes o bastante para se encontrarem vinte anos depois, amigos para sempre e para sempre áridos, exaustos, desprovidos de verdadeira alegria, de bondade e da mínima confiança na espécie humana.

Edma sentou-se, portanto, perto de Charley, seguida por alguns *habitués* que sua elegância e sua voz de falsete aterrorizavam até a servidão. Era Edma, por exemplo, que desde sempre dava o sinal para os aplausos depois dos concertos, era Edma que decidia se os

ovos estavam frescos ou o tempo clemente, com tanta firmeza como se decidisse se alguém era freqüentável. Mas a vedete naquele ano era evidentemente a Doriacci, já sentada à direita do capitão quando os passageiros entraram, a Doria, que, com os seus ombros cobertos por um xale, o rosto quase sem maquilagem e a expressão de amabilidade forçada, parecia-se furiosamente com a dama burguesa em viagem que ela não era. Todos os seus admiradores sentiram-se um pouco perturbados ou mesmo decepcionados em princípio.

É que a Doriacci era uma estrela! Uma verdadeira estrela, como já não se faziam mais, uma mulher que diante dos *flashes* brandia sua piteira com segurança, mas nunca tomava a direção do assunto, uma mulher que não era célebre somente pela voz admirável, nem pela arte com que a usava: a Doriacci era célebre também pelos seus escândalos, seu gosto pelos homens, seu desprezo pela opinião da sociedade, seus excessos, cóleras, luxo, loucuras e encanto. E na noite — já fazia vinte e cinco anos ou mais — em que substituíra sem qualquer preparação, na *Traviata*, a célebre Ron-cani, subitamente doente, a desconhecida aplaudida com toda a fúria durante mais de uma hora pela sala mais *hlasée* do mundo já não era desconhecida de nenhum dos membros do Scala. Do último maquinista ao primeiro administrador, todos tinham passado pelos seus braços e ninguém se esquecera. Desde então, quando chegava a uma cidade, a Doriacci, como certos invasores mongóis, extorquia os homens importantes, ridicularizava suas mulheres, tomava os jovens com uma naturalidade e um vigor que pareciam crescer com a idade. Como ela própria dizia aos jornalistas, seus principais admiradores, "Sempre amei homens mais jovens do que eu e tenho sorte; quanto mais avanço na vida mais encontro jovens!" Em suma, a Grande Doriacci em nada se parecia com a dama pacífica de

cabelos repuxados num coque, sentada naquela noite perto de Ellédocq.

Ellédocq herdou, portanto, à sua mesa, a Diva, a "mulher-palhaço adormecida" (era assim que ele chamava Clarisse) e o seu "comunista excessivamente penteado", Eric Lethuillier, dois casais muito idosos e com assinatura vitalícia no *N ar eis sus*, o "sujo boche" Kreuze e o avaliador de quadros de má qualidade chamado Julien Peyrat. Exigira simplesmente que Charley ficasse com Béjard e Olga em sua mesa, mais alguns melómanos octogenários.

— Não quero saltimbancos em minha mesa! — tinha declarado de início com mau humor, depois com raiva, diante dos protestos de Charley, sobrecarregado, em seguida, numa de suas fórmulas de laconismo "inflamado": — Leve-me isso *Stop* Tem dois minutos *Stop* Mensagem terminada Rogers. — Fora assim que chegara aos seus fins ao mesmo tempo que à mais fina flor da língua telegráfica. Mas se o vento desse furor levava para longe, isto é, para a mesa vizinha, os "saltimbancos", trouxera estranhamente de volta o gigolô de Nevers. Trouxera-o mesmo para a direita da Doria, ela própria à direita do comandante. Tomado de surpresa, Ellédocq não tinha podido reagir, mas tivera o consolo de ver Charley, dessa vez sério e consciencioso, lançar para a mesa dele olhares consternados.

Desde o início da refeição, segundo seu penoso dever, Ellédocq se tinha desdobrado em borborigmos elípticos equitativamente distribuídos como alimento à Doria e ao palhaço. A Doria, de início distraída, acabara por escutá-lo atentamente, com o sobrolho franzido, acompanhando seus lábios com os olhos, como na fábula *Os filhos do lenhador*, quando, ofegante pela agonia, o pai tenta indicar-lhes onde está escondido o tesouro. Até as saladas tudo foi muito bem; mas então, quando ele se embrenhava nas previsões cada vez mais sombrias sobre o futuro da marinha francesa, a moralidade do pessoal navegante, a Doriacci de súbito pousou

brutalmente o talher no prato, tão brutalmente que a outra mesa, até então bastante animada, voltou-se em bloco na sua direção.

— Mas, afinal — perguntou ela com sua voz grave —, onde o senhor quer que eu guarde minhas jóias com segurança? E depois, por quê? Isto aqui é um antro de bandidos ou o quê?

Tomado de surpresa, Ellédocq enrubesceu sob sua pele bronzeada. Ficou sem resposta, com os olhos fixos no canto da toalha, com os ouvidos zumbindo. Os convivas de sua mesa olhavam-no com ar de caçoada.

— Isso também pode ser divertido como um filme policial — recomeçou a Doria com sua voz gutural. — Inspeccionaríamos uns aos outros, seríamos mortos um depois do outro, eu teria de cantar o *Réquiem* de Verdi em todas as escalas. . .

Caíram na gargalhada, aliviados, exceto Ellédocq, que levou um pouco mais de tempo para compreender. O "palhaço triste" tinha dentes muito bonitos, observou Julien, distraído.

— Porque a senhora não morrerá, não é mesmo? — perguntou Eric Lethuillier, sorrindo de leve.

Ele não ria, aliás, no instante anterior, observou Julien. Permitira-se sorrir um pouco mais abertamente que de hábito como para indicar que gostaria muito de se divertir com os outros, mas estava consciente da futilidade desse divertimento. Em todo caso ele sugeria, ou tentava fazê-lo, que a esse intervalo de relaxamento era apenas provisório e que a aula ia recomeçar. Era, pelo menos, exatamente esse efeito que produzia em Julien Peyrat. Com ele, a aula era incessante, e sem dúvida fazia o mesmo efeito na mulher — aquela pobre criatura desfigurada esta noite por um verde cintilante e mal-aplicado nas pálpebras —, que deixou de rir bruscamente como que pega em falta, e de olhos baixos tornou a atacar a lagosta. Ao lado dela, Julien admirava a beleza de suas mãos. Mãos longas, com a extremidade dos dedos estranhamente

intumescida, como as dos escultores, como patas de gato. Sentado a seu lado, era tudo o que via dela: suas mãos. Não ousava olhar-lhe o rosto, com medo que ela se assustasse. Aliás, o que poderia ver mais sob essa camada espessa e rosada de base, sem dúvida passada com pá de pedreiro todas as madrugadas? Era realmente ridícula, e isso mortificava Julien como um insulto pessoal, como um insulto à totalidade das mulheres. Preferia que ela fosse obscena a ridícula. O escândalo pelo menos não matava o desejo. . . O lugar dele, Julien, era afinal o melhor, já que, sem a ver de frente, olhava suas mãos, ouvia-lhe a respiração, sentia-lhe o calor, o perfume, de Dior primeiro, e sob ele o de seu corpo, perfume da pele que, apesar daquelas pinturas de índio, era o perfume de um corpo de mulher. Clarisse tinha gestos para pegar o pão, parti-lo, levar o copo aos lábios (mas aí o olhar de Julien a deixava) que o encantavam. Eram mãos displicentes e seguras, mãos que tanto poderiam ser peritas e autoritárias, como ternas e consoladoras. A aliança que lhe enfeitava o dedo, único anel que usava, parecia demasiado brilhante, grossa demais, tinha um ar de peça de mosaico. Pousara a mão esquerda esticada na toalha e, em seguida, aborrecendo-se, dirigira a mão a um fio distendido e saliente. Puxara-o sorrateiramente, arrastando outros, e começara então um longo trabalho de solapamento, destruição das suas unhas encarnadas, quase violeta, de um colorido atroz. Cansada desse brinquito de vândalo que se começava a ver, a mão direita apanhara um saleiro e com ele cobrira as depredações, simbolicamente, como se a mão direita estivesse habituada a reparar os estragos da esquerda. Trazida à razão, a mão esquerda pousara ao contrário, com a palma virada para cima, com um ar de cão ao sol, quando eles se deitam de costas e expõem o pescoço ao calor ou às possíveis presas de um inimigo mortal. A mão tinha se distendido, fechado, reaberto várias vezes, e o olhar de Julien procurava em vão compreender alguma coisa nas linhas da vida e

do coração, emaranhadas. Inclinar-se então para lhe oferecer fogo, e os cabelos ruivos e brilhantes entraram por um instante no seu campo de visão, despreendendo uma onda de perfume. E Julien, espantado, percebeu que a desejava.

Isso acontecera à sobremesa, e ele esperava já impacientemente que se levantassem e que pudesse rir de si mesmo de uma vez, vendo o rosto que sabia grotesco. Foi então que aconteceu o incidente, o segundo do cruzeiro, observou Charley.

— O senhor não vai me dizer, capitão Bradock. . . Ellédocq, perdão — dizia a Doria —, que essa Desdêmona não é uma tola. Pode-se convencer os homens de inocência, mesmo quando se é culpada. Quanto mais quando não se é . . .

— As fêmeas inocentes são pouco numerosas, mas muitas são fêmeas capazes de tudo — declarou a voz de Kreuze, até então mudo e de quem se tinham esquecido sem muito remorso, já que ele se embebedava solenemente. — Existem fêmeas que fazem acreditar aos homens que os moinhos são fazendas.

— Isso não é tão grave assim, não acha? — disse Julien, sorrindo e pronto a se divertir, apesar da demora do jantar.

Não conseguia se impedir, onde estivesse e em quaisquer circunstâncias, de conservar intata a louca esperança de se divertir. . . E de fato. . . mesmo nesse navio de octogenários, de esnobes e pretensos estetas, ele, Julien Peyrat, que já passara dos quarenta, esperava ainda se divertir. Por instantes ficava com raiva de si mesmo por não ser mais pessimista ou lúcido sobre a existência. . .

— *Ja*, sim!

A voz de Hans Helmut Kreuze era peremptória e esse "sim" soou como um dobre na sala de jantar de acaju envernizado. O garçom, que nesse momento oferecia pela segunda vez sorvete a Julien, começou a tremer convulsivamente. A colher tilintou na travessa de sorvete, fazendo um barulhinho de castanholas que desviou por um

instante a atenção geral de Kreuze para o sorvete. Julien, gentil, tornou a se servir e pousou a colher.

— Sim, existem fêmeas que se comportam como animais. Com a diferença de que os animais não são ingratos.

Houve nas duas mesas uma ligeira hesitação, meio espantada, meio cômica, que Edma, a incendiária, para surpresa geral, procurou dissipar.

— E se levantássemos acampamento, capitão? — gritou da sua mesa. — Faz calor aqui, não acha?

E talvez tivessem seguido sua injunção se Simon Béjard, o mal-educado, não manifestasse sua curiosidade.

— E de quem o senhor fala, maestro? — Ele chamava Kreuze de "maestro" num tom tragicômico como para ressaltar o toque de opereta desse título, o que visivelmente horripila va o músico.

— Falava das fêmeas ingratas — disse com vigor, para ser compreendido de onde estava, Hans Helmut Kreuze. — Falava para o ar, se o senhor preferir considerar o caminho dessa trajetória. . .

Os vizinhos entreolharam-se de sobranceiras erguidas, e Hans Helmut, com ar resignado e satisfeito ao mesmo tempo, depois de enxugar vigorosamente um bigode que raspava havia mais de dois anos, pousou o guardanapo sobre a mesa com gesto definitivo, quando Doria por sua vez abriu fogo.

— Oh, meu Deus! — disse, caindo na gargalhada subitamente, como atingida pela evidência. — Meu Deus, e eu que estava procurando. . . Imaginem — continuou, animada — que estou quase certa de saber de quem o maestro está falando. Será que estou enganada, maestro?

O rosto do interpelado expressava ao mesmo tempo a dúvida e o furor. Os olhos de Edma luziam de excitação e êxtase, sob os cílios, o que inquietou Armand Bautet-Lebrê-che, de repente acordado de sua longa sesta.

— Não, não estou enganada — continuava a Diva. — Imaginem que nos conhecemos, o célebre maestro Hans Helmut Kreuze e eu, em Viena. . . ou em Berlim ou em Stuttgart, já não me lembro, nos anos 50 ou 60. . . Não, nos anos 60, não. Nessa época eu já era célebre e podia escolher. Falo de uma época em que eu não tinha escolha e o ilustre Kreuze dignou-se dar atenção à Lupa, esse era o nome que me davam então. . . Nessa época eu parecia uma jovem loba, o que de fato era. Infelizmente, há muito tempo só representava a criadinha da condessa no *Le chevalier*. Só cantava com os outros. Não tinha um papel, mas belas pernas que eu tentava mostrar nos bastidores e no palco em todas as oportunidades. . . Éramos muito, muito, muito mal pagos em Viena. O maestro Kreuze, que já era célebre como agora, dignou-se ver as minhas pernas e dignou-se querer ver mais. Informou-me disso pelo seu secretário, um perfeito *gentleman*; e para completar minha conquista e me agradar, ofereceu-me uma alcaçofra e um sorvete no Sacher. Não foi isso? Uma alcaçofra e um sorvete, Hans Helmut?

— Eu não me lembro mais. . . — disse o virtuose. Estava escarlate. Ninguém ousava se mexer, nem olhar para ele ou para a Doriacci, exceto Clarisse, a quem ela se dirigia então.

— Enfim! — continuou a Doriacci, cada vez mais jocosamente —, tudo isso era um pouco deselegante, mas a honra que me faziam me fez aceitar isso com o resto. Não pense que me esqueci, caro maestro — disse a Doriacci num silêncio consternado, inclinada sobre a mesa (e subitamente radiante de beleza e juventude, observava Julien). — Eu não tinha me esquecido, mas receava que esse fato o constrangesse, ou que Gertrude. . . A sra. Kreuze se chama Gertrude, não é verdade?. . . que Gertrude viesse a sabê-lo. Temia também que o senhor tivesse vergonha, trinta anos depois, de se ter rebaixado a dormir com uma criadinha, senhor diretor do Konzertgebäude de Berlim.

Ellédocq, que acompanhara tudo aquilo lançando olhares cada vez mais esbugalhados aos dois protagonistas, fechara-se ao acaso num silêncio altivo. Com o rosto impassível envolto no seu *blazer* como num peplo, sentia-se certamente muitos côvados acima dessa história de sexo. Em todo caso, parecia o menos decidido possível a se levantar e deixar a mesa; era a única coisa a fazer, no entanto, pensava Charley, fitando-o desesperadamente. Em vão. . .

Também, pela primeira vez em sua vida comum e marítima, foi Charley que, de repente, empurrou a cadeira e levantou-se, seguido precipitadamente pelos outros.

— Que jantar delicioso. . . — resmungou Edma. — Será um novo cozinheiro-chefe? Armand, você não acha? . . . Armand! — gritou ao marido, que recaíra na letargia doentia, mal a tempestade serenara.

É preciso reconhecer, como alimentação de navio

„ão há melhor — comentou Simon. — Você não acha, meu tesouro?

Ele tentou enlaçar a cintura de Olga, que se esquivou. Eric Lethuillier dera a volta à mesa e segurava Clarisse pelo cotovelo "como para evitar que ela caísse, mas de modo completamente inútil", pensou Julien, que só a tinha visto beber dois copos de vinho. Mas ela se deixava levar, e ele ficou irritado; apesar de sua maquilagem grotesca, de novo visível, lembrava-se de sua perturbação e lhe votava uma espécie de admiração retrospectiva e espantada. "O corpo também era bonito", pensou, enquanto ela se afastava na alegre confusão que se segue sempre a todos os alaridos públicos.

A Doriacci levantava-se lentamente, sozinha diante de Kreuze, ainda sentado e de olhos baixos. Ela o contemplava enquanto apanhava na toalha o batom, os cigarros, o isqueiro, a caixinha de pílulas e a de pó-de-arroz, toda a tralha que transportava como uma cigana, a cada refeição.

— Então — disse em voz baixa —, então, meu grosseirão Helmut, ficou contente?

Falara com voz inaudível para todos, exceto para ele, que não respondeu, conservando os olhos baixos, e ela saiu sorrindo e estalando os dedos num ritmo de rumba.

— Mulher danada, hem? — comentou o capitão, voltando à porta e esperando Kreuze. — Fêmea danada, como o senhor diria, maestro.

Mas o maestro continuava sem resposta, e o capitão, com um passo balanceado, reuniu-se aos seus hóspedes.

— Nada divertido esse teutão, nenhum humor — confiou ele, como especialista, a Charley Bollinger.

— Com sorte esse cruzeiro vai ser divertido — dizia Simon Béjard a Eric e Clarisse Lethuillier. — Parece que esta começando bem! Em matéria de música vai acontecer uma algazarra engraçada, com o "concerto flutuante", como eles chamam. Acontecerão notas falsas engraçadas. . .

"Ele faz esses jogos de palavras estúpidos e ri às gargalhadas e fica contente consigo mesmo", pensava Olga, olhando-o °-o com raiva. Por que aberração ela o teria levado para junto dessa gente elegante, chique, de bom-tom? Como se tinha exposto a esses golpes, essas afrontas incessantes que provocavam a vulgaridade, o humor tolo desse inculto? . . E tudo isso, naturalmente, diante de Eric Lethuillier, essa personagem impecável, cheia de classe até a ponta das unhas. . . esse aristocrata do pensamento. . . um revolucionário que poderia ser marquês. . . Tinha loucura por esse tipo, enfim, por esse homem, com seu perfil de *viking*. . . Não, de *viking* não, isso era muito estereotipado. Ela lhes diria: "Seu belo perfil de ariano". Esse "lhes" representava seu público mais apreciador, as duas companheiras de escola, conquistadas desde o terceiro ano, cuidadosamente conservadas, em seguida, no culto de

Olga e para as quais Olga Lamouroux, onde quer que estivesse, preparava com todo o cuidado na sua cabeça o relato palpitante de sua existência diária. Ela já estava se ouvindo. . . Fechou os olhos por um segundo para esquecer a presença muito dispersiva, por demais absorvente (já!) de Eric Lethuillier. "Você sabe, Fernande, você me conhece. . . Você sabe que sob meus ares de bravata fico como que esfolada viva, por vezes?. . . Então, quando eu encontro, quando eu sinto no mesmo comprimento de onda uma pessoa sensível às mesmas coisas que eu, revivo. . . E então, ali, eu revivia, naquele salão suntuoso, na sua austeridade, naquele ambiente marítimo viril mas de bom gosto. Também, quando ouvi de repente Simon contar suas besteiras. . . (não, Simon sair com suas vulgaridades) na presença desse ariano com perfil de *viking*. . . Não, desse homem soberbo de perfil ariano. . . Quando vi esse ariano. . . apenas franzir as sobrancelhas e virar os olhos para que eu não lhe surpreendesse o enfado instintivo. . . Quando o vi um pouco depois voltar para mim seus olhos verde-gaio. . . (seria preciso ver no dicionário a palavra verde-gaio); quando o vi voltar os seus olhos glaucos (não. . . da cor do mar. . .) Então, Micheline!. . . (não; era a Fernande que estava contando), então, Fernande!. . . Você quer que lhe diga? Fiquei com vergonha. . . Vergonha do meu companheiro! E isso é uma coisa terrível para uma mulher. . . Porque, você sabe, você é muito fina para essas coisas. . . (era maquinal, nos seus relatos, esse cumprimento que provocava a atenção; mas aí não era urgente, Fernande, a pobre, estava em Tarbes, na casa da sogra, com os garotos). Bem, você sabe... eu tinha vergonha dessa vergonha. Você sabe. Sempre quis guardar uma distância de Simon, fingir que não percebia o fosso que havia entre nós, o. . .", etc, etc, terminou ela interiormente, porque o ariano tomara a palavra. "E sua voz de bronze, sua voz de estanho, seu timbre quente. . ." (ela diria depois) ressoava:

— Pessoalmente — dizia Eric Lethuillier —, tenho que confessar que detesto esse gênero de cenas. Há sempre nesses escândalos um lado exibicionista que me gela. . . Não? Para você não? Você não acha, Clarisse?

— Achei, na verdade, divertido — respondeu Clarisse. — Muito divertido mesmo.

E ela sorriu vagamente, o que humanizou sua máscara por um segundo e irritou Eric visivelmente.

— Clarisse, infelizmente, só lê nos jornais as colunas de fofocas, a vida particular dos outros sempre a divertiu. . . às vezes mesmo mais do que a sua própria, receio — disse ele mais baixo, de maneira distinta, para ser ouvido ao lado.

Clarisse não pestanejou, mas Simon ficou chocado.

— A propósito de exibicionismo — disse —, você também sabe.. .

— Eu sei o quê?

A voz de Eric Lethuillier era cortante. De repente parecia estar louco furioso, e Simon Bégard recuou um passo. Não iria brigar com aquele protestante grandalhão intratável só porque ele se comportava odiosamente com a mulher. . . Afinal de contas, nada tinha com isso. Olga já começava a se engraçar com ele. Calou-se. O que não impedia que a viagem se anunciasse mais cômica do que esperava. A mulher dos açúcares chegava na direção deles com todas as velas de fora e os olhos ainda mais salientes do que de costume. "Eis aí uma a quem todos esses dramas não devem desagradar", pensou Simon, por uma vez demonstrando alguma psicologia.

— Ah! meus filhos! — disse ela estendendo, à vista, um copo de uísque de socorro a Clarisse Lethuillier, que o agarrou com a mão firme, sob o olhar gelado de Eric. — Esse jantar! Ah, meus filhos, que sessão! Não sabia onde me meter. . . Ah! A Doriacci pegou bem esse rústico! Acho a nossa Diva perfeitamente soberba. . . Ela me

emocionou completamente, me envolveu. Eu confesso. Fui envolvida. Vocês não?

— Não precisamente. . . — dizia Eric com voz zombeteira, mas Edma cortou-lhe a vez.

— Isso não me espanta; para envolvê-lo, sr. Lethuillier, seria preciso Trótski ou Stálin, eu imagino. Pelo menos! Mas o sr. Béjard? E você, senhorita. . . eh. . . Lamoureux?

E você, querida Clarisse?. . . Não me diga que você se aborreceu.

— R-o-u-x, roux. *Lamouroux* — retificou Olga com um sorriso frio (pois era a terceira vez que Edma estropiava-lhe o nome).

— Mas eu disse Lamouroux, não? — Edma sorria. — Em todo caso, desculpe-me. Olga Lamouroux, vejamos. . . Como poderia me enganar? Quando eu a vi no. . . Ah! mas como se chamava aquele filme encantador que se passava em Paris, no Quartier Latin. . . ao lado daquele ator um pouco intelectual, mas tão, tão maravilhoso. . . George alguma coisa. . . Ora, ajude-me o senhor — disse a Simon, que, embasbacado pela sua temeridade, a fixava de boca aberta e, acordando, precipitou-se:

— A senhora deve estar falando de *A noite negra do homem branco*, um filme de Maxime Duqueret. Um filme muito bonito, muito interessante. . . um pouco estranho, um pouco triste, mas muito interessante. . . De fato, de fato — insistiu, para se convencer a si mesmo (e lançando um olhar temeroso para Olga, que parecia perdida, noutra parte, muito longe). — Acho que foi esse. . . é. . .

— E então! — disse Edma, satisfeita. — *A noite branca* de alguma coisa. . . Estava muito bom. Foi nele que compreendi que a srta. Lamoureux, Olga, faria carreira.

— Olga *Lamouroux*, Lamouroux, querida senhora. Desta vez era Eric que reclamava, e Edma lhe lançou um olhar sonhador perfeitamente ofensivo.

— Como o senhor é gentil em me ajudar! Vejamos: Lamouroux, Lamouroux, Lamouroux, Lamouroux. Vou treinar, prometo-lhe — disse gravemente a Olga, cujo lábio desaparecera sob os dentes superiores. — Espero não fazer como a nossa Diva com o seu "Bradock", "Ducrock", "Ca-pock", como ela não pára de chamar o nosso tolo, o nosso valente capitão. . . Onde está Charley? Ele, que é tão diplomata. . . Deve estar preocupado. Em todo caso, uma coisa é certa: vai ser preciso mudar a disposição dessa mesa já amanhã de manhã. Era preciso, é preciso sempre, de qualquer modo, separar os pares, musicais ou não.

— A senhora suportaria ficar separada do sr. Bautet-Lebrêche? — disse Olga sibilamente, sem olhá-la.

— Mas eu já me separei! — Edma parecia deliciada. — Já me separei, mas não por muito tempo. Com a sua fortuna, meu querido Armand é uma presa sonhada pelas intrigantes, estou farta de sabê-lo.

E volteando, agitando-se, dirigiu-se para um outro grupo, talvez uma outra presa. Houve um instante de silêncio.

— Que ordinária! — disse Olga Lamouroux, que ficara branca e perdera a voz.

— Essa pobre mulher é o protótipo do seu meio — disse Eric com voz entediada.

Mas pousou a mão sobre o ombro de Olga em sinal de compreensão e ela bateu com as pálpebras uma dúzia de vezes sob a emoção. Simon ficou calado, mas, quando cruzou por acaso com o olhar da mulher-palhaço, percebeu perplexo que a morta-viva estava com os olhos dilatados por um riso incontido.

Julien Peyrat e Andreas, apoiados no balcão do bar, riam às gargalhadas, lembrando os detalhes da confusão. Pareciam dois colegas trocando segredos e escarnecendo, percebiam isso, o que

ainda aumentava sua hilaridade. Charley observava-os com expressão reprobatoria e ciumenta.

— Você viu como ela ficou bonita? — disse Andreas, recuperando a seriedade. — Você viu aqueles olhos, aquela voz? . . . Que mulher! De repente tinha vinte anos, você viu?.. .

— Mas diga-me, meu velho, você está se apaixonando. . . — disse Julien sem malícia. — Você teria alguma intenção quanto à nossa Diva nacional. . . internacional, perdão? Você sabe que não é uma conquista impossível, segundo os rumores.

— Como assim?

Andreas já não ria; Julien, surpreso, fitou-o. Não chegava a fazer uma idéia desse rapaz. De início tomara-o por pederasta, por causa de Charley, mas ele não o era, visivelmente: tomara-o por um gigolô, mas isso também não parecia de forma alguma evidente. Por outro lado, repugnava a Julien fazer a pergunta clássica: "O que você faz na vida?" Era uma pergunta que o fizera sofrer toda a vida, até descobrir para si mesmo esse ofício extraordinário e vago de avaliador.

— Eu queria dizer que a vida sentimental da Doriacci é tumultuosa, notoriamente tumultuosa, e que a vi mil vezes em fotografias na companhia de pilantras de físico muito inferior ao seu. Era só isso o que eu queria dizer, meu velho. . .

— Diz-se todo tipo de coisas sobre as estrelas — retorquiu Andreas, inflamado. — Eu, por meu lado, acho que essa mulher tem o gosto do absoluto. Não acredito, de forma alguma, sr. Peyrat, que a Doriacci seja uma mulher fácil.

— Isso também é notório — disse Julien alegremente, interrompendo de súbito uma conversa desagradável. — E também é notoriamente muito, muito difícil conviver com ela. Pergunte ao maestro Kreuze o que ele pensa. Aquela alcaçofra vai lhe pesar muito neste cruzeiro. . .

— Ah, a alcachofra do Sacher — disse Andreas, e recomeçaram a rir. Mas Julien ficou intrigado.

O navio diminuía a marcha e já se viam distintamente as luzes de Portofino. Era a primeira escala prevista, e Hans Helmut devia abrir fogo com Debussy. Três marinheiros vestidos de branco puxaram o grande Steinway para o tombadilho, o Steinway até então resguardado no bar sob três capas e uma toalha branca. Era um nunca acabar de manobras para despi-lo e fixá-lo com correntes nos pés. Via-se luzir a madeira escura do piano na obscuridade, e adivinhava-se a sua massa, mas ainda assim houve um instante de silêncio respeitoso na multidão quando, tendo os marinheiros desaparecido com as capas, alguém experimentou as luzes. Havia quatro projetores muito brancos colocados no alto, desenhando uma pista quadrada e lívida, uma espécie de arena teatral, no meio da qual o instrumento com as suas correntes transformava-se numa alegoria: encorpado como um touro e brilhante como um tubarão, o animal esperava visivelmente seu domador, seu toureiro, seu músico ou seu assassino, e esperava-o com ódio. E todos os seus dentes cintilantes e brancos pareciam prontos para engolir a mão do homem, a atraí-lo aos urros para o fundo do seu corpo vazio, onde seus gritos retumbariam por muito tempo antes de se apagarem. Esse piano tinha alguma coisa de romântico, trágico e brutal sob essas luzes, que não combinava com o Mediterrâneo. Esse mar proporcionava um romantismo excessivo e sensual, uma doçura sem falha e sem piedade. Abraçava o *Narcissus* pelas ancas, lisonjeava-o e agredia-o com tantas ondas macias e quentes, insistentes e incessantes a ponto de fazê-lo inclinar um milímetro, de fazer gemer de prazer suas vinte mil toneladas. O navio fez a âncora ranger logo depois de lançada, já agarrada ao soalho marinho lá embaixo, e detestou aquele entrave de ferro que o impedia de se estirar, de se dispersar, de se entregar à mercê de

toda aquela água voluptuosa e noturna, aquela água falsamente friorenta e espumante à beira da terra, mas longe, porém, impenetrável e insondável, onde o *Narcissus*, imobilizado ponta da sua corrente, renunciava com dificuldade a perder.

Os passageiros da primeira classe tinham subido para o tombadilho de luxo, e a primeira coisa que faziam ao encontrar, como nos outros anos, os mesmos privilegiados no mesmo tombadilho era explicar-lhes como tinham caído na armadilha do tempo e não tinham podido mudar de *status* como teriam querido. Era o único momento humilhante, aliás, para aqueles melómanos felizes que durante todo o ano, pelo contrário, gabar-se-iam desse cruzeiro. Julien, abordado desse modo por um casal loquaz que acreditava reconhecê-lo, escapou. Passou por cima dos cabos, subiu pela trave que separava as cadeiras das poltronas em torno do piano e saiu da zona luminosa. Só o caminho que levava aos corredores estava iluminado e, evitando-o, Julien esbarrou na porta aberta do bar, que estava apagado. Levou alguns segundos até ver luzir no escuro o cigarro de Clarisse Lethuillier, sentada a uma mesa do fundo, sozinha.

— Eu lhe peço desculpas — disse, avançando um passo na penumbra; — eu não a tinha visto e procurava um refúgio, um acostamento, como nas auto-estradas. Lá fora está um alvoroço: o concerto vai começar. . . A senhora quer que a deixe?

Falava de forma descosida e sentia-se curiosamente intimidado. No escuro, Clarisse Lethuillier deixava de ser um palhaço e se transformava numa mulher, a presa do caçador. Ela acabou abrindo a boca:

— Sente-se onde quiser. De qualquer modo o bar está interdito. Talvez por causa da escuridão, tinha uma voz sem defesa, uma voz nem informada nem ingênua, nem exata nem quebrada, nem jovem, nem feminina, nem nada. Tinha uma voz sem

constrangimento, uma voz despida como um fio elétrico e cuja proximidade talvez fosse igualmente perigosa. Julien sentou-se às apalpadelas.

— A senhora não vai ao concerto?

— Vou, mas só mais tarde.

Murmuravam sem razão para isso. De fato esse bar era um outro mundo, tudo ali era assustador e agradável ao mesmo tempo: a massa das poltronas, o recorte das mesas e ao longe aquela multidão iluminada, agitada que, com muita antecedência, aprontava-se para aplaudir Kreuze.

— A senhora gosta de Debussy?

— Mais ou menos — disse a mesma voz, desta vez assustada. E Julien pensou que ela estivesse com medo que os surpreendessem a sós naquele lugar "interditado", como dissera. Mas contrariamente à sua natureza bonachona, não tinha vontade de ir embora. Gostaria, pelo contrário, que Eric Lethuillier chegasse, os surpreendesse não fazendo nada e fosse bastante odioso (um pouco bastaria) para que ele, Julien, lhe pudesse quebrar a cara. Detestava aquela personagem e espantava-se de se dar conta disso; não podia suportá-lo. Não poderia passar oito dias nesse navio em sua companhia sem lhe dar uma lição ou dele a receber, não importa, mas sem bater ao menos uma vez naquele rosto arrogante com plena razão. Essa vontade de bater era tão definida que se sentiu de repente sedento, sedento e trêmulo.

— Não haverá uma garrafa neste bar? — disse em voz alta. — Estou morrendo de sede, e a senhora?

— Não — disse Clarisse, desolada. — Não, tudo está fechado à chave. Eu bem que experimentei, o senhor deve imaginar. . .

Esse "o senhor deve imaginar" significava "o senhor pensou certo, eu, Clarisse, a alcoólatra!. . . Sabe de uma coisa? Eu tentei naturalmente encontrar algo para beber. . . ora. . ."

Mas Julien não parou aí.

— Duvido que uma fechadura me resista — disse, tropeçando nos móveis. Passou por detrás do balcão, onde a escuridão era total.

— A senhora tem um isqueiro?

E, instantaneamente, ela estava no banquinho mais próximo com o isqueiro na mão. Eram fechaduras para crianças ingênuas, e Julien, com seu caniveteiro de escoteiro, venceu-as com facilidade. Abriu uma prateleira ao acaso e se virou para Clarisse. A luz do isqueiro dava um ar de *grand-guignol* ao seu rosto pintado. Ele ficou com vontade de lhe dizer para tirar sua máscara um segundo, mas se reteve a tempo.

— O que a senhora quer? Aqui há de tudo, acho: porto, gim? Para mim será uísque.

— Para mim também.

A voz dela se afirmara. Talvez a perspectiva desse uísque inesperado, pensou Julien com alegria. Decididamente ele era o demônio malfeitor desse *Narcissus*. . . Ia arruinar nas cartas um melómano, abusar de um amador de pintura e embebedar uma alcoólatra.

Como acontecia sempre que pretendia assumir o papel de menino terrível, Julien sentiu-se alegre. Alguma coisa nele era tão profundamente bonachona que todos esses papéis cínicos que acabava por representar, efetivamente, nunca lhe pareciam reais. Faziam parte de uma grande ficção, uma série de novelas escritas por um humorista anglo-saxão, cujo título era *A vida e as aventuras de Julien Peyrat*. Encheu até a metade dois copos, ofereceu um a Clarisse, que voltara para sua mesa, e sentou-se deliberadamente ao lado dela. Levantaram os copos um para o outro e beberam solenemente. Sentiu o sabor acre e violento do álcool na garganta. Tossiu um pouco e observou que Clarisse não pestanejava. O calor,

o bem-estar súbito que os invadiram logo os tranqüilizaram e justificaram o arrombamento.

— Agora está melhor, não? — disse. — Estava tenso, pouco à vontade, sinto-me reviver; e a senhora, não?

— Oh, sim — respondeu Clarisse num sopro. — Eu... eu me sinto realmente reviver. . . Ou antes, sinto-me viver, simplesmente.

— Isso nunca lhe acontece quando está sóbria? Nunca?

— Nunca. Agora nunca mais. O senhor ficou com a garrafa?

— Naturalmente.

E inclinando-se encheu-lhe o copo. Viu a mão branca levantar-se e levar o copo ao rosto. Lembrou-se da impressão que essa mão lhe causara durante o jantar, e ficou zangado consigo mesmo. As circunstâncias eram-lhe um pouco demasiadamente propícias, ao que lhe parecia. Também encheu mais um copo para si mesmo. Nesse ritmo estariam bêbados de morrer antes que o concerto começasse. Imaginou-se chegando com Clarisse pelo braço, tropeçando durante os arpejos de Kreuze, e se pôs a rir.

— Por que está rindo?

— Pensava na nossa chegada completamente bêbados no meio do concerto — disse ele. — Eu rio por qualquer coisa. Não é o caso do seu marido, é? Tenho a impressão de que ele não tem o riso fácil.

— A vida é uma coisa séria para Eric — disse ela sem qualquer inflexão, como se tivesse enunciado um fato. — Mas vejo muito bem como se pode levar a vida a sério, aliás, admitindo-se que se tenha a força de levá-la adiante de uma forma ou de outra. . . Neste momento eu a tenho. Respiro de novo. Sinto o coração bater. Sinto-me habitada dentro do meu corpo, as coisas tornam-se reais. . . Chego mesmo a sentir o cheiro do mar, como sinto o frio deste copo nos meus dedos. O senhor compreende isso?

— Mas é claro — disse Julien.

O principal era não interrompê-la, pensava. Era preciso que ela falasse, a ele ou a qualquer outro. Sentia grande pena dessa mulher, pena quase tão grande quanto a raiva que nutria pelo marido. Mas o que tinha a ver com esse casal Lethuillier? . . .

— Todo o dia tive a impressão de vagar no deserto, com obstáculos que no último momento não via. Tinha a impressão de falar errado e que o notavam, e era ridícula. Tive a impressão de só pensar em banalidades. Tive a impressão de que ia deixar cair o garfo, ou eu mesma cair da cadeira, o que, mais uma vez ia envergonhar Eric, constranger ou fazer rir os outros. . . Tive a impressão de que ia morrer asfixiada na cabina. Tive a impressão de que este navio era grande demais ou pequeno demais, e que, em qualquer caso, eu nada tinha a fazer aqui. . . Tive a impressão de que esses nove dias nunca acabariam e que no entanto eram a minha última chance. Mas minha última chance por quê. . . Estava entregue à desordem, à confusão, ao tédio. . . Uma dúvida sobre a minha pessoa que me martirizava . . . Martirizava — repetiu ela em vo\*. alta. — Passei horas martirizada. E agora, graças a isto — e ela fez o copo tinir, batendo-lhe com a unha —, estou em paz com Clarisse Lethuillier, nascida Baron, trinta e dois anos, rosto sem graça. Clarisse Lethuillier, alcoólatra, e nem mesmo sentindo vergonha de sê-lo.

— É que a senhora não é alcoólatra de fato. Quanto a esse rosto sem graça, seria preciso fiar-se em suas palavras. . . A senhora. . . A senhora tem o rosto sem graça tão maquilado. . . Sra. Lethuillier! Em todo caso "Clarisse Lethuillier: solitária"... isso eu acreditaria.

— A rica herdeira solitária. . . Isso lhe deve recordar esses semanários de grande tiragem, sr. Peyrat. . . De qualquer modo, nunca lhe agradecerei o bastante por ter forçado essa fechadura. . . Se eu pudesse contar com o senhor, além disso, para esconder garrafas em sua cabina e se tivesse a bondade de me dizer o

número, conquistaria meu reconhecimento definitivamente; o senhor não é homem de fechar as portas à chave, imagino.

Falava com voz precipitada, mas clara, nítida, quase arrogante, sua voz de moça Baron, sem dúvida. Mas ele já a preferia odiosa do que infeliz.

— Mas com certeza. Vou me abastecer logo amanhã! E estou no número 109.

Houve um silêncio, e a voz de ainda agora, de antes do uísque, perguntou:

— O senhor não terá remorsos? Ou então... não pediria algo em troca?

— Eu nunca tenho remorsos e nunca peço nada em troca a mulheres. — E estava dizendo a verdade.

Adivinhou mais do que viu Clarisse estender-lhe o copo, e encheu-o sem comentários. Ela esvaziou-o, levantou-se, partiu a passo firme, ao que lhe pareceu, para as luzes. Julien ficou imóvel por um momento, antes de acabar sua bebida e segui-la.

Clarisse mal tivera tempo de se sentar perto de Eric, e este de fazer suas costumeiras manifestações exageradas de cortesia, e já Hans Helmut Kreuze entrava, sob aplausos. O *smoking* ainda lhe ressaltava mais o lado prussiano, seu colarinho duro parecia raspar na nuca quando ele se inclinava. Mas logo que se sentou e começou a tocar, o músico fez desaparecer a personagem. Tocou Debussy com leveza, tato, doçura que ele não tinha. Fê-lo fluir como um líquido, como a chuva sobre a ponte, e Clarisse, de olhos abertos, recebia aquela água fresca, sentia-se rejuvenescer, intacta, invulnerável, lavada de tudo. Estava nos bosques, nos prados de sua infância. Nada sabia sobre o amor, o dinheiro, os homens. Tinha oito anos, doze ou sessenta, e tudo era de uma limpidez perfeita. O sentido da vida estava ali, nessa inocência inalterada do ser humano, na fuga precipitada e aceita da vida, na misericórdia da

morte inevitável, em alguma outra coisa que não era Deus para ela, mas da qual, naquele momento preciso, estava segura, como outros estariam, ao que parecia, da existência desse Deus. Nem mesmo se espantou que Kreuze tocasse assim, de um modo tão diferente de si mesmo, de sua aparência. Só se espantou quando ele acabou e o estrangeiro louro ao seu lado lhe fez sinal com o cotovelo para ela aplaudir. Eric sacudia a cabeça com certa gravidade e tristeza, como sempre acontecia quando se encontrava diante de um talento incontestável.

— Não se pode negar que ele é genial — dizia o marido, como se seu primeiro reflexo fosse, de fato, negar esse gênio e a impossibilidade de fazê-lo lhe custasse. Mas ela, de repente, pouco se importava com Eric. Parecia-lhe mesmo da maior futilidade, da maior tolice tê-lo amado tanto tempo e ter sofrido por ele. Naturalmente alguém lhe soprava que essa liberdade e essa desenvoltura iam ser eliminadas de seu espírito ao mesmo tempo que o álcool de seu sangue, mas também lhe dizia que a verdade estava ali naquele momento, <sup>na</sup> percepção que, no entanto, era considerada enganadora, falseada e desnaturada pelo álcool. Esse mesmo alguém lhe dizia que ela tinha razão quando era feliz e estava errada quando não o era; esse alguém era o único, desde sua infância, entre os inumeráveis *alguéns* de que ela era constituída, que nunca mudaria de opinião. Aplaudiu por um pouco mais de tempo do que os outros. Olharam-na, e Eric se fechou, mas isso de nada lhe importava. Do outro lado do piano, de pé, Julien Peyrat, seu cúmplice, lhe sorria, e ela lhe restituiu o sorriso abertamente. Esse salvador era também um belo homem, constatou divertida, com uma espécie de satisfação antecipada que já não sentia havia anos, havia séculos, como lhe parecia. Poucos homens resistiriam ao critério de Eric Lethuillier, é bem verdade.

Simon Béjard, que se sentara no seu lugar nas suas calças de *smoking* novas com uma impressão igual de perigo e tédio, tinha lágrimas nos olhos. Tudo isso graças àquele pesadão do Kreuze, que considerava intragável, e graças a Debussy, que sempre julgara inescutável. De fato era a primeira vez que lhe acontecia sentir prazer gratuito, a primeira vez, havia muitos anos. Anos em que, quando via um filme, era para fazer uma triagem dos atores, para ver o trabalho de alguém mais, da mesma forma que só lia romances para ali descobrir argumentos — exceto os livros cujo sucesso, cuja adesão louca do público, dispensavam dessa obrigação funesta de ser palpitantes; mas nesses casos Simon não podia comprar o título.

A primeira sessão de cinema ocorrera por ocasião dos seus seis anos. E do mesmo modo como, havia quarenta anos, para Simon todas as paisagens não passavam de cenários, todos os seres humanos eram personagens e todas as músicas eram apenas de fundo.

— Foi formidável, não? — disse no seu entusiasmo. — Parabéns, Helmut! Fez-me o mesmo efeito que Chopin.

Chorara muito aos catorze anos, aos acordes de uma *Polonaise* num filme medíocre em cores vindo da América, onde se via Chopin, com ar de *cowboy* bronzeado, musculoso e de cabelos encaracolados, cuspir sangue sobre as teclas brancas, enquanto George Sand passeava uma magreza igual a de suas piteiras pelos cenários dignos dos Borgia e do folies-Bergère reunidos. Concluiu que Chopin era um músico capaz de comover, talvez mesmo de fornecer um apoio musical para as suas próximas obras-primas, dele, Simon; toas sua cultura musical parava ali. E eis que com Debussy, agora que estava rico, um mundo novo se abria a Simon. Sentia de repente grande apetite e grande humildade em relação a essas grandes estepes da arte, esses monumentos vivos, esses tesouros

fabulosos que ele não tivera tempo nem ocasião de descobrir. Sentia uma grande fome de literatura, pintura, música. Tudo enfim lhe parecia desejável ao infinito, pois Simon só se subordinava aos seus desejos na medida em que pudesse concretizá-los. Desejava "poder" possuir, era só isso. De fato, amanhã poderia comprar os melhores aparelhos de alta-fidelidade japoneses, adquirir um ou talvez dois quadros impressionistas de autenticidade mais ou menos estabelecida e, por que não?, uma edição original de Fontenelle (que aliás não conhecia). Sendo-lhe agora acessíveis todas essas loucuras, teria o direito de se oferecer livros de luxo, minicassetes e visitas a museus. Como se, para penetrar nos domínios desconhecidos da arte, houvesse uma porta de serviço e uma grande escadaria, a primeira só sendo suportável se deliberadamente preferida à segunda. Para Simon, o Panteão e seus mortos ilustres reuniam-se afinal em prestígio à United Artists e seus esbirros anônimos. Em todo caso, ficara comprovado que ele era sensível às coisas da arte, e foi com uma espécie de admiração pelas suas próprias lágrimas que voltou para Olga os olhos úmidos; mas ela não parecia participar dessa admiração; parecia até, ao contrário, ter ficado irônica.

— Ora, Simon, não diga tolices — disse a meia voz.

Olga lançara um olhar furtivo a Eric Lethuillier, sentado diante deles; e de esguelha, Simon vira o sorriso farto, indulgente de Eric.

— Não era o que se devia dizer? — perguntou ele muito alto.

Sentia-se ferido na sua boa fé, na boa vontade. Afinal, essa emoção que parecia achar ridícula, ela própria a reclamara ainda no dia anterior, parecendo achá-lo incapaz dela.

— Claro que não! — disse Olga. — Chopin. . . Debussy! Meu pobre Simon! Mas ainda assim convém não confundir alhos com bugalhos.

— Chopin é o alho e Debussy o bugalho? Ou o contrário? — atalhou Simon. Depois da emoção artística sentia-se agora invadido pelo furor, e eram dois sentimentos violentos, bizarros, que lhe tinham sido estranhos até então. Olga espantou-se com aquela cólera súbita.

— Mas, enfim! — disse ela. — Não se trata disso.

Digamos que ainda é um pouquinho cedo para você se lançar em comparações.

Ela hesitou, lançou um olhar furtivo para Lethuillier, que não se virara.

— Enfim, há três meses você temia que fosse tarde demais para mim! E, hoje, cedo demais. Você precisa afinar os seus pianos — disse brincando, a contragosto, o que permitiu a Olga rir bem alto e fingir que ignorava a cólera dele.

— Então — continuou Simon —, você vai me explicar?

— Mas afinal, Simon. . . — Voltara à sua voz de falsete, exasperada.

— Mas enfim, Simon, digamos que não é um assunto para você.

— Se não é um assunto para mim, também não é um cruzeiro para mim.

Olhou-a de frente, furioso, e ela lançava olhares desesperados para Lethuillier. Mas agora parecia que aquele senhor tinha a nuca fixada nos ombros e seus ouvidos instalados de um lado e de outro do crânio unicamente a título decorativo. Olga se afobou; Simon começava a se tornar grosseiro. De forma inesperada, foi a mulher-palhaço que salvou a situação: virou-se sorrindo para Simon, com uma gentileza tão evidente, que ele se tranqüilizou de vez. Bruscamente, Clarisse Lethuillier era o calor, a própria desenvoltura, era principalmente, apesar de toda aquela pintura, inimitavelmente amigável.

— É engraçado o que o senhor está dizendo, sr. Béjard; foi exatamente a impressão que eu tive. Achei que Kreuze tocava

Debussy de uma forma tão terna. . . tão triste. . . tão líquida como Chopin. . . mas não ousava dizer isso; estamos cercados de ouvintes tão conhecedores, aqui! Eu também não sou muito entendida.

— Ora, Clarisse, você conhece música muito bem — disse Eric, virando-se; — não se deprecie assim todo o tempo de forma sistemática, ninguém vai acreditar.

— Me depreciar? Mas como é que você quer que eu me deprecie, Eric? Para isso seria preciso que eu tivesse um valor qualquer. Ora, eu ainda não dei provas de valor, não é? Nem mesmo na música.

A voz era insolente e alegre, e Simon Béjard pôs-se a rir junto com ela, e tanto mais alegre quanto o belo Eric parecia furioso. Fitava Clarisse, e seus olhos tinham o azul clorado e frio da piscina de bordo.

— Aos meus olhos, sim — disse —, você já deu suas provas! Isso não lhe basta?

— Sim, mas, em todo caso, preferiria que fosse aos seus ouvidos. . . Clarisse ria com uma expressão que escapava subitamente de suas melancolias; provocava seu mestre e senhor:

— Teria gostado no entanto de tocar cravo para você, Eric. . . Händel, todas as noites junto ao fogo, enquanto você corrigiria as provas do jornal.

— Händel, diante de um bom velho *armagnac*, suponho.

— E por que não? Assim como você prefere regar suas provas com xarope de cevada.

Simon fora esquecido na briga, mas continuava entusiasmado de a ter provocado. Levantou o punho direito de Clarisse e, adotando uma voz de baixo marselês, declarou, sorrindo:

— Clarisse Lethuillier, vencedora por nocaute técnico. — Mas o olhar que Eric lhe dirigiu estava vidrado de hostilidade.

Simon deixou cair a mão de Clarisse. Esboçou um gesto de desculpas, de pesar, mas ela lhe sorriu sem a menor expressão de

temor ou constrangimento.

— E se fôssemos tomar alguma coisa no bar? — perguntou Simon.

— Afinal, dois melómanos e dois incultos, o senhor poderia nos dar lições. . .

— Pessoalmente não dou lições a ninguém — disse Eric, num tom que desmentia totalmente sua frase. — Além disso, acho que a Doriacci vai começar a qualquer minuto.

Clarisse e Simon, que já se levantavam, sentaram-se docilmente. Porque, de fato, os quatro projetores se acendiam e logo se apagavam e tornavam a acender, etc, sinais de que o programa começava. Olga inclinou-se na sua cadeira e murmurou ao ouvido de Eric: "Perdão. . . perdão por ele", com voz suplicante e um pouco teatral, que ela própria percebeu. Mas era porque ela estava realmente horrorizada! Como Simon podia oferecer álcool a Clarisse Lethuillier, que ele sabia ser uma alcoólatra inveterada? Invete. . . notória, ora! Como ousava ele falar naquele tom com o soberbo *viking*! Aquele homem de classe. E que renegava as castas! Porque afinal não era preciso ser hipersensível para percebê-lo: Eric Lethuillier era um homem ferido até o coração. . .

não, até os ossos. . . não, não, até a alma, era isso! Não! O que se tornava absurdo para ela era continuar. "Continuar perto de um sujeito que já não estimava: 'Já não assumia mais Béjard' (versão Micheline), ou 'Não suportava mais Simon' (versão Fernande)."

— Em que está pensando? — dizia acretamente o futuro excomungado. — Você não está com boa cara, foi o jantar que não lhe caiu bem?

— Claro, claro. Tudo vai muito bem, eu lhe garanto — disse ela, horrorizada.

Como era possível ser tão vulgar, tão trivial? Olga, que se preparava para explicar sua meditação por uma comparação poética e musical, parou de súbito: "Quase me caem os braços", pensou ela. "Pronto,

os braços, Micheline, me caíram e. . ." Mas a última vez que utilizara essa expressão, Simon se pusera de quatro, fingindo procurar os braços dela no carpete, rindo às gargalhadas, porque era esse o gênero de coisas que o fazia rir. Havia uma raça de homens como ele a que essas coisas faziam rir, essas brincadeiras grosseiras. Havia mesmo muitos. No navio, por exemplo, pelo menos três, Olga sabia, tinham vindo para rir e aplaudir a máxima orgulhosa (e falsa, como ela ia lhe provar) de Simon Béjard a respeito do amor: "Divirto-me ou largo". Haveria Julien Peyrat, uma pessoa sedutora e pouco séria, de qualquer forma evidentemente inatingível; havia também o vaidoso Charley, que, apesar dos seus costumes, teria rido bem com os homens; e sem dúvida o gigolô louro chamado Andreas.

Olga já detestava Andreas por uma excelente razão: sua juventude. Pensava ser a única pessoa na casa dos vinte anos no navio, pensava representar ela sozinha a juventude e seu ardor e encanto, e vinha aquele lourinho com seu ar ingênuo, parecendo tão jovem quanto ela e talvez mais ainda, se ela o comparasse àquele. . . àquele cretino do Simon.

— Ah! esse garoto! — dissera-lhe Simon. — Se lhe apertarmos o nariz ainda sai leite.

Simon pensou assim tranqüilizá-la, mas a exasperara.

— Acho que não tenho esse aspecto, imagino.

— Ah! não. Pode ficar tranqüila, você nada tem a ver com esse moleque.

— Só a idade — retificou ela.

— Nem se pensa nisso — continuara o estúpido, o pulha, o desastrado Simon.

E naquela mesma noite, Olga puxou os cabelos para trás, num rabo-de-cavalo, para o jantar. Esses pensamentos sombrios foram interrompidos pela chegada da Diva. Doria Doriacci entrou em cena

sob aplausos, e na mesma hora a arena desenhada no tombadilho pelos projetores, os espectadores, o navio inteiro adquiriram um ar teatral. Fosse onde fosse, aliás, sua expressão furiosa, as pinturas e os *strass* criavam uma atmosfera dramática e deliciosa. A Doriacci, por um desses caprichos habituais, desprezara programas e decidira cantar naquela noite uma das grandes árias do *Dom Carlos*, de Verdi.

Instalou-se por trás do microfone suavemente, no seu vestido negro e brilhante, fixou um ponto imaginário na direção de Portofino, acima das cabeças dos espectadores, e se pôs a cantar com voz baixa e contínua.

Julien, diante dela, de início perplexo, constrangido pela proximidade física dessa voz, só tivera tempo de ser tranqüilizado pela sua compostura quando de súbito susteve a respiração, crispando-se no assento. Do busto imponente e ajustado num corpete negro, jorrara da Doriacci uma voz inesperada, a voz brutal e desesperada de alguém no cúmulo da raiva e do medo. E a pele de Julien arrepiou-se contra sua vontade. Depois essa voz distendeu-se, alongou-se numa nota, ficando rouca, demasiado rouca, voz de uma inocência lírica. Era um bramido amoroso que fazia agora sobressair as cordas de seu pescoço, rodeado contudo por um fio de pérolas bem-comportadas, e Julien discerniu, sob esses traços regulares, sob a inspiração controlada e o penteado burguês, a expressão arrebatada e cega de uma sensualidade sem freios. Desejou bruscamente aquela mulher, com um desejo perfeitamente físico, e virou a cabeça. Foi então que viu Andreas, e a expressão dele o informou sobre a sua própria e o apaziguou: de caçador o jovem Andreas tornara-se caça, o fervor já se misturava à cobiça, e Julien o lastimou.

De fato, Andreas esquecera seus planos ambiciosos e, de olhos fixos na Doriacci, repetia-se, como um *leitmotiv*, que precisava possuí-la a

qualquer preço. Aquela mulher se tornara de modo brusco o romantismo, a loucura, o negro, o ouro, o raio e a paz, e de repente nada havia mais sobre a terra do que a ópera, suas pompas e obras e faustos, que sempre lhe tinham parecido sem verdade e sem vida. Ouvindo a Doriacci cantar, Andreas se disse que lhe arrancaria, um dia, esse grito de outra maneira, e que faria essa voz grave liberar uma nota grave jamais atingida. Chegou mesmo, na sua exaltação, a dizer que se fosse preciso até trabalharia por ela e que se ela não o quisesse sustentar, ele a alimentaria: escreveria num jornal sob nome falso. Seria crítico musical, seria feroz, temido, até mesmo detestado pela sua severidade, exigência, empáfia, juventude e beleza aparentemente inutilizadas e que dariam o que falar. . . Sim, toda Paris falaria e se interrogaria em vão até o dia em que, de volta de uma *tournée*, a Doriacci se apresentaria em Paris, e ali, o artigo mais louco e mais apaixonado faria estourar a verdade à plena luz. Logo no dia seguinte sairia dos braços da Doriacci com o olhar cansado, feliz, e Paris compreenderia.

A Doriacci nem mesmo chegara a fazer uma saída, apesar da ovação de uma multidão delirante de entusiasmo. E verdadeiramente delirante, esta vez, mesmo admitindo-se que, para todos os passageiros, não ficar delirante de entusiasmo todas as noites significaria que tinham sido embrulhados, e embrulhados tanto por si mesmos como pela Companhia Pottin Frères. Gritavam pois "Bis, bis. . ." à Diva, que sorria e se negava com a cabeça, descendo do seu pedestal para o meio deles, pobres mortais. Era uma de suas manobras habituais, que tinha o mérito de impedir outras chamadas. A Doria sabia por experiência que ninguém nesse público elegante e tão gracioso, por outro lado, ninguém teria a coragem e a ousadia de lhe gritar "bis" no rosto e a menos de um metro. Às vezes, lamentava não poder descer assim no Scala de Milão e passear no meio do público, como Marlene Dietrich entre

os *spahis* de Gary Cooper,, mas isso não se fazia. Havia uma noção de solenidade indestrutível nessa personificação da Diva, sutileza que ela acreditou poder esquecer aos vinte e cinco anos e que se felicitava aos cinqüenta e poucos de ter aceito. No entanto, Deus sabia que ela não era hipócrita, mas suas caçadas noturnas triviais teriam por vezes perdido o sabor, se a cortina de ferro da celebridade não se tivesse abatido de cada vez nas abas do casaco do seu último amante, cravando-o no chão enquanto ela partia para outros lustros e outros amantes.

De fato, estava com fome, tinha vontade de comer pato com laranja e sobremesa gelada, tudo regado a Bouzy tinto e com gosto de fruta. Desejava também aquele jovem louro que a olhava sorrindo, de longe, e que passava de um pé para o outro sem ousar atacá-la. A Doriacci preparava-se para pedir a ajuda da mulher-palhaço, sentada perto dela. Abrira a boca para lhe falar quando Clarisse, num esforço supremo, conseguiu emitir um som. Tinha uma bela voz, e sem aquele excesso de pintura agarrado ao rosto teria mesmo um bom aspecto. E depois, agora que ela lhe falava de música — o assunto que Doria Doriacci mais temia —, à medida que lhe contava a felicidade que sentira em ouvi-la, com uma voz um pouco quebrada e o olhar ainda diluído por essa felicidade, à medida que lhe agradecia, a Diva compreendia que já não estava tão só no navio, já que alguém mais, aquela mulher ridícula, também tinha sentido a Grande Felicidade, o que Doria Doriacci chamava de Grande Felicidade: a que ela e alguns privilegiados sentiam e que não era privilégio de casta ou educação, era o privilégio quase cromossômico que fazia com que se sentisse a Grande Felicidade diante da música, quando esta por acaso estivesse presente. Esse acaso gravava a música na memória, sob etiqueta, e na gaveta sempre meio vazia das Grandes Felicidades ou das Felicidades Perfeitas, lembranças cada vez mais vagas sobre o nascimento da

Felicidade, mas lembranças cada vez mais precisas também sobre a realidade!

Essa jovem compreendia a Música e isso era bom, mas o cordeiro louro um pouco mais adiante já sentia um tremor nas pernas, na expectativa inconsciente do sacrifício. Um sacrifício que não tardaria, porque, agitando-se na porta do bar, com seus cachos de cabelos muito ruivos e seus brincos de ouro velho misturando-se uns aos outros, dando batidas curtas e secas com seus escaupins, como costumam fazer, ao que parece, suas congêneres antes de ir à carga, a cabra do sr. Séguin, sra. Bautet-Lebrêche, aprontava-se para se aproximar dela. De fato Edma as tinha visto e foi a galope de caça que correu para a mesa delas. Clarisse, estupefata, viu a Doriacci, maciça, imponente e quadrada escamotear-se literalmente entre duas mesas que não teriam deixado passar uma sílfide, tendo apanhado, num gesto de batedor de carteiras, a bolsa, a piteira, o batom, o isqueiro e o leque de cima da mesa, e ir singrando até a porta do bar, tudo isso sem abandonar nem mesmo por um instante sua trágica altivez.

Clarisse não sabia, de fato, que a Doriacci, quando escolhia um homem, aprontava-se a imolá-lo no grande altar de sua cama de baldaquim, dando a toda a sua pessoa alguma coisa de fúnebre e pomposo, uma espécie de dor silenciosa e trágica que se atribuiria mais a Medéia do que à Viúva Alegre. Gelado, assustado, Andreas viu também com dilacefamento a sua bem-amada fugir majestosamente da pequena multidão, e já esperava vê-la desaparecer sem uma palavra e sem um olhar, nas profundezas e nos meandros dos corredores, quando, com o olhar fixo nela, viu-a virar ligeiramente a cabeça em sua direção. E, como um grande barco de três mastros arrastado pelo vento no seu curso e incapaz de frear sua marcha para poupar o pequeno veleiro, que iria dançar nas suas ondas e sem dúvida afundar, e como esse navio orgulhoso

mas deplorável, deixando atrás de si alguns barcos de salvamento para tirar da água suas vítimas, a Doriacci atraiu com os olhos para si o olhar de Andreas: ao longo de seu corpo pendia a mão de unhas recurvas pintadas de púrpura. Um de seus dedos dobrados e virados para a palma da mão indicou-lhe duas ou três vezes, da maneira mais trivial e mais eloqüente, que sua desgraça estava longe de ser completa.

Simon Béjard entrou primeiro na cabina, esquecendo as boas maneiras, ou as que ele tinha, observou Olga Lamouroux, vagamente inquieta. Sentou-se no beliche e começou a tirar os sapatos de verniz, novinhos em folha, ao mesmo tempo que a gravata, a mão esquerda puxando o laço borboleta, a mão direita os cordões, numa postura vagamente simiesca. Pés e pescoço igualmente vermelhos emergiram desse instrumento de tortura, e foi só então que Simon olhou para ela. Um olhar tempestuoso. Olga deu alguns passos pelo quarto, ondeante, alisando os cabelos com as duas mãos levantadas muito alto e com os olhos fechados. "Alegoria do desejo", disse para consigo. Embora não estivesse certa se alegoria era a palavra certa. Deveria ter sido Simon a alegoria do desejo. Mas sua expressão amuada e sua postura de equilibrista não o sugeriam. Olga virou-se um pouco mais para trás. Naturalmente Olga vivia do seu talento e não do seu corpo, como lembrava sempre de bom grado, do que, aliás, estava quase persuadida. Isso não a impedia de recorrer aos encantos desse corpo quando os do espírito revelavam-se funestos para sua carreira.

— Ora, Simon — disse ela gentil, afetuosamente até, com um risinho terno do mais gracioso efeito, e que "parecia que esse bruto nem mesmo notava". — Ora, Simon, não fique zangado por causa da minha observação. Não é culpa sua se você não tem cultura

musical. Não vai ficar a noite inteira emburrado como a sua ave-do-paráíso. . .

— Minha ave-do-paráíso. . . Minha ave-do-paráíso, seria melhor dizer minha pata azeda — resmungou Simon, um instante antes de olhar aquele corpo jovem, reto como uma espada, o jovem corpo de sua amante, e de admirar com uma espécie de dilaceramento estranho o longo pescoço liso, coberto de uma imperceptível penugem loura.

E a onda de raiva de Simon transformou-se numa onda de ternura num segundo; uma ternura tão aguda, tão triste, que sentiu lágrimas nos olhos e atacou violentamente os laços dos cordões dos sapatos, de cabeça baixa.

— Você conhece tantas outras coisas. . . Você é tão superior a mim, ora. A sétima arte, por exemplo. . .

Simon Béjard sentia-se mal. Estava de mal com ela por ter contrariado nele o homem novo, pronto a amar apaixonada, piedosa, gratuitamente todo esse universo que, sob o nome de arte, lhe fora de início estranho, em seguida inacessível e por fim hostil, tanto era invocado à sua custa pelos críticos de filmes. Essa arte reservada a uma classe social que ele desprezava e ao mesmo tempo desejava conquistar; todos esses quadros, todos esses livros, todas essas músicas eram, antes de mais nada, ele sabia, papéis frágeis, ou telas frágeis, as explicações fraternais e as tentativas de explicação de uma existência absurda em que se tinham acorrentado e aniquilado, na maioria das vezes, irmãos desconhecidos. E dos quais Simon se sentia ao mesmo tempo o herdeiro compreensivo e emocionado havia uma hora. Só dependia dele agora ascender a esse mundo. Tá não tinha necessidade da pedagogia condescendente de todas essas pessoas nem das explicações confusas e aborrecidas de Olga. Alguma coisa como uma solidariedade secreta, mas segura, o ligava agora a Debussy,

como se tivessem feito juntos o serviço militar ou juntos conhecido seu primeiro desgosto amoroso. Nunca permitiria que alguém se interpusesse entre eles.

— A sétima arte, vamos falar dela. . . — disse ele, arrancado ao seu furor por essa nova certeza. — Ah, a sétima arte! Você sabe qual foi meu filme preferido em toda a juventude? E eu vi muitos, já que, como lhe disse, eu acho, meu pai fez projeções no Eden, em Bagnolet, durante toda a guerra e depois dela. O meu preferido. . . Você jamais adivinharia. . .

— Não — disse Olga, sem entusiasmo. (Detestava que ele falasse da família dele com essa desenvoltura. Um pai que era operador de projetores de cinema, uma mãe costureirinha. Não havia de que se vangloriar. Nem o que esconder, naturalmente, naturalmente. . . Mas ela teria preferido que ele escondesse.)

Aliás, a própria Olga tivera o bom gosto, para não constranger ninguém, de transformar a mercearia da mãe numa tecelagem e o pavilhão onde moravam numa quinta, que, apesar do que ele dizia, impressionara Simon Béjard: ela se perguntava se não seria a grande burguesa que ele apreciava nela. Sem rir disso.

— Pois é, foi *Pontcarral* — disse Simon, sorrindo enfim. — Fiquei loucamente apaixonado pela lourinha, Suzy Carrier, que roubava Pierre-Richard Wilm a Annie Ducaux, irmã dela. Era a época em que virgenzinhas louras e castas ganhavam das *vamps* — disse, a princípio distraído, para depois se interromper subitamente.

"Talvez fosse essa a razão de tudo", pensou ele. "Minha propensão a me envolver com as mocinhas em flor que me tratam friamente, e meu desprezo pelas mulheres da minha idade, com quem me sinto bem e que poderiam gostar de mim. Será que isso vem de *Pontcarral*? Seria tolo demais. . . Uma vida inteira orientada por *Pontcarral*. . . Isso só acontece a mim!", raciocinou amargamente, ignorando a que ponto poucas pessoas têm orgulho dos seus gostos

e como são poucos os que são realmente atraídos pelo seu ideal. Ignorando a que ponto esse divórcio entre a idéia de si mesmo e os prazeres de si mesmo faziam terríveis estragos havia séculos e às vezes também boa literatura.

— Mas. . . mas. . . mas eu ouvi falar de Pierre-Richard Wilm. . . — gaguejou Olga alegremente, como acontecia sempre que lembranças de Simon ou de um dos seus amantes coincidiam com algumas de sua própria infância. (Porque ela não se interessava pelos jovens da sua idade, perto dos quais a juventude dela não faria o mesmo sucesso.)

— Naturalmente, mamãe tinha loucura por ele, Pierre-Richard Wilm.

— Ela devia ser uma menininha, então. . . — disse Simon levantando os ombros.

E Olga mordeu os lábios, desta vez realmente. Tinha que prestar atenção. Ela conseguira subtrair Simon de suas férias em Saint-Tropez, onde teria que disputar com dez *starlets*. Consequira levá-lo para aquele navio cheio de septuagenários; agora precisava prestar atenção, para na empolgação de seu próprio sucesso não exasperá-lo definitivamente. Simon tinha bom gênio, era pesadão, às vezes ingênuo, mas era um homem, como ele se obstinava em provar todas as noites, para grande aborrecimento de Olga. Porque, de tanto simular prazer, Olga já não sabia se alguma vez o sentira de fato. Mas sua frigidez só a inquietava em função desses jovens soberbos, ou conhecidos pelos seus dotes para as coisas do amor. Talvez fosse essa a razão pela qual havia dez anos ela só dormia com homens cuja falta de atrativos físicos ou grande atração material lhe permitissem acreditar na ausência dessa frigidez, na existência nela de uma grande amorosa, frustrada pelo destino. Afinal, para aquela noite, a entrega a que se constrangia parecia-lhe de antemão menos penosa que de hábito, já que, na medida em que

a reconciliaria definitivamente Simon, perdia o lado inútil, gratuito, breve, que sempre detestara nessas ligações.

Mas, dessa vez, a entrega não resolveria o problema, pois Simon, sem dizer palavra, tendo se enfiado no *blue jeans* que o apertava demais e numa blusa de malha, saíra fechando a porta sem mesmo batê-la.

Andreas ficara estupefato, a princípio, com a mímica inequívoca da Doriacci, quando ela deixara a sala, com o indicador imperioso, e uma ligeira reprovação se misturara à sua alegria. Na realidade, desde o início do que ele chamava sua história de amor, Andreas sentia-se desassossegado. Sentia-se cada vez mais apaixonado pela Doriacci e culpado por isso: culpado de sentir um desejo que, de qualquer modo estava *a priori* decidido a declarar e comprovar. Nas suas idéias fantasiosas, ingênuas e cínicas, as mais exageradas, Andreas se via em geral contando as bagagens no vestíbulo de um hotel de luxo, via-se pousando um *vison* sobre ombros cobertos de diamantes, via-se dançando foxes lentos na pista célebre de uma boate noturna com a sua benfeitora. Nunca se via nu na cama, junto a uma mulher nua e desgastada, nunca se via lançado em gestos de amor, apesar de suas experiências, recentes mas numerosas. Nesse ponto, seus sonhos eram tão castos como os que se atribuem às mocinhas do século XIX. E principalmente, em caso algum, podia sequer imaginar que o seu corpo se esquivasse: seu corpo, como um empregado, obedecia. Estava absolutamente certo, graças a algumas proezas nesse estilo, realizadas a frio e contra todos os seus gostos sensuais. Convinha dizer que em Nevers, durante o serviço militar, Andreas tivera que reprimir seus desejos eróticos mais do que estimulá-los.

Ficou portanto inquieto com a emoção que a Doriacci lhe inspirava. Ela suscitava nele dúvidas, problemas, indagações sobre sua virilidade. Indagações que uma completa indiferença sentimental

bizarramente nunca lhe tinha provocado. Mas, ali, de repente, achava a Doriacci soberba. . . Soberba de ombros, braços, voz, olhos. . . Naturalmente ela devia ter um peso razoável, mas graças a Deus ela era bem menor de Pe nessa cabina do que cantando no palco. Quanto aos olhos, esses olhos imensos e admiráveis, faziam-lhe recordar, de forma totalmente desconcertante, os da tia Jeanne (um pouco mais maquilados, naturalmente. . .). Afugentou essas recordações perigosas, sabendo que, se se entregasse a elas, ficaria encolhido naquele ombro, a pedir-lhe com voz mimada soldadinhos de chumbo, enquanto precisava de relógios, um carro esporte, um pequeno apartamento, gravatas. Não devia ser lamentado, nem acarinhado, mas desejado. Desejado até a morte por essa mulher sublime, sua primeira mulher célebre . . . Uma mulher que, além do mais, viajava sem cessar e o levaria em sua bagagem. . . Uma mulher que era real, viva, embora usasse de excessiva liberdade em suas palavras, uma mulher admirada, em todo caso, que não provocaria nos *maitres-d'hôtel* aquele olho vidrado e impassível que ele já enfrentara graças a algumas sexagenárias desavergonhadas do Haute-Loire. Neste caso não, ele seria invejado em vez do desprezado. E isso era importante para Andreas, que tinha grande preocupação com a respeitabilidade, herdada do pai, do avô e de todos os seus honestos ancestrais. Ah!, se ao menos as mulheres de sua infância, seu verdadeiro público, seu único público, pudessem vê-lo nesse momento, no apogeu de sua carreira e das ambições delas. . .

Todas essas idéias zumbiam na cabeça de Andreas enquanto ele contemplava o imponente decote da Diva, que também o examinava, mas muito mais profissionalmente. Tinha o olhar exercitado, cru, do negociante de cavalos, mas Andreas sabia que era impecável: seu peso, os dentes (exceto o incisivo), a pele, os cabelos, tudo era impecável, ele se cuidava bem. E ela devia ter

percebido também, pois o fizera entrar em sua cabina com uma reverência irônica, fechando a porta atrás dele.

— Sente-se — disse; — o que você gostaria de beber?

— Uma Coca-Cola. Mas não se incomode, eu vou buscar. Você também tem um barzinho na cabina, não é?

Esse barzinho particular encantara Andreas, afinal, pouco habituado ao luxo; mas não parecia ter provocado o mesmo entusiasmo na Doriacci.

— No meu quarto! — disse ela, refestelando-se no canapé de falso acaju. — Eu prefiro um copo de vodca, por favor.

Andreas voou para o quarto de dormir, lançou um olhar encantado à grande cama antes de se servir no barzinho; reinava grande desordem na cabina, mas uma desordem sedutora feita de roupas, jornais, leques, partituras e até mesmo livros, mais para literários, como lhe pareceu, evidentemente muito lidos.

Trouxe um copo de vodca para a Doriacci e sorveu um grande gole de Coca-Cola. Batia-lhe o coração, morria de sede e de timidez. Não pensava propriamente em desejo.

— Você não toma alguma coisa para se pôr em forma? Você pode fazer isso assim, em jejum?

A voz tinha qualquer coisa de sarcástico, embora fosse afetuosa, e Andreas corou diante desse "isso" tão despido de romantismo. Esquivou-se precipitadamente:

— Como era bonito o que você cantou! O que era?

— Uma das grandes árias do *Dom Carlos*, de Verdi. Você gostou?

— Ah, sim. . . Uma "maravilha! — disse Andreas com os olhos brilhantes. — Tinha-se a impressão, de início, que era uma jovem que cantava. E depois uma verdadeira mulher, terrivelmente feroz. . . Afinal, não entendo nada de música, mas gosto muito, é uma loucura. . . Talvez você pudesse me ajudar a conhecê-la. Tenho medo que minha falta de cultura a exaspere, à força de. . .

— Não nesse campo, pelo contrário — respondeu sorrindo —, mas em outros, sim! Não tenho gosto algum pelo ensino. Que idade você tem?

— Vinte e sete — disse Andreas, envelhecendo-se maquinalmente três anos.

— É muito jovem. Você sabe que idade tenho? Um pouco mais do dobro. . .

— Não! — disse Andreas, estupefato. — Eu diria. . . pensaria que. . . Ele estava sentado na borda da cadeira, no seu *smoking* novo e rutilante, com os cabelos louros como milho eriçados; ela passeava em torno dele com expressão divertida mas atenta.

— Você não tem outras atividades na vida, além de ser melômano?

— Não. E melômano é um pouco demais — acrescentou ingenuamente.

Ela deu uma gargalhada.

— Não está na publicidade ou na imprensa? Não tem cobertura em parte alguma? Em Paris ou em outro lugar?

— Eu sou de Nevers — disse ele miseravelmente. — Não existe jornal em Nevers, nem publicidade. Não existe nada em Nevers, você sabe.

— E o que você preferia em Nevers — perguntou ela abruptamente —, os homens ou as mulheres?

— As mulheres — respondeu Andreas com naturalidade.

Ele não imaginava nem por um instante que essa preferência confessada pudesse confessar também referências.

— Todos dizem a mesma coisa — resmungou a Doriacci para si mesma, misteriosamente irritada.

Dirigiu-se ao quarto com o mesmo gesto demasiado convidativo que já envergonhara Andreas. Jogou longe os escaupins e esticou-se, completamente vestida, com os braços atrás da cabeça, olhando

para ele ironicamente; e olhando-o de cima, embora ele estivesse de pé e medisse um metro e oitenta. . .

— Mas sente-se. Aqui. . .

Andreas sentou-se perto dela, e a Diva outra vez dobrou o indicador na sua direção, mais lentamente porém, e Andreas se inclinou, beijou-a e espantou-se com a boca fresca que cheirava muito mais a hortelã do que a vodca. Ela se deixava beijar, passiva, aparentemente inerte, e por isso ele ficou duplamente surpreso quando ela avançou uma mão precisa e rápida para ele, pondo-se a rir.

— Fanfarrão — disse.

Andreas estava aturdido, mais de surpresa do que de vergonha; e ela devia ter percebido, porque deixou de rir e olhou-o com seriedade.

— Isso nunca lhe aconteceu?

— Não. . . E além disso você me agrada! — disse com um furor quase cândido.

Ela começou a rir e passou um braço em volta do pescoço dele, puxando-o contra si. Andreas deixou-se levar, aninhou a cabeça no ombro perfumado e afogou-se logo em bem-estar. Uma mão hábil, divinamente inspirada, desabotoou-lhe o colarinho da camisa, permitindo-lhe respirar melhor, e pousou na sua nuca. Ele, por sua vez, estendeu uma mão que queria ser perita, mas tremia, para aquele corpo confortável e quente colado ao seu, procurou um seio, uma coxa, uma zona dita erógena, mas às apalpadelas, como num exercício mnemónico, e um tapa severo o interrompeu, ao mesmo tempo em que um rugido se levantava no peito sob seu ouvido:

— *Sto tranquilo* — disse ela severamente.

Mas inutilmente, porque, por si próprio, o corpo de Andreas continuava mergulhado numa letargia beatífica e mesmo desonrosa, mas que lhe parecia mais beatífica que desonrosa. "Ele

estava perdido, liquidado, rejeitado...", tentava se dizer, "a grande chance de sua vida, a vida dourada do belo gigolô Andreas estava começando a desaparecer." Mas o pequeno Andreas de Nevers estava tão satisfeito e tão quentinho que renunciou a qualquer futuro sonhado, à glória, ao dandismo e ao luxo, a tudo, por esse quarto de hora de carinho, por essa mão pacífica sobre seus cabelos, por esse sono inocente que no entanto o deixava vencido, às portas do sucesso, sobre esse ombro de uma compreensão demasiado provisória.

Andreas Fayard, de Nevers, apaixonado e impotente, desonrado e encantado, adormeceu imediatamente.

Quanto à Doriacci, permaneceu por um momento no escuro, com os olhos abertos, fumando seu cigarro com rápidas baforadas, com as sobrancelhas franzidas e um leve balançar do pé direito, que acabou desaparecendo ao mesmo tempo que o franzido das sobrancelhas. Ela estava só, como de hábito. Só no palco, só em seu camarim, só nos aviões e mais freqüentemente só com esses gigolôs na mesma cama, sempre só na vida, se é que se pode dizer que alguém está só quando tem atrás de si a música ou se é amado pela música. Que sorte tinha tido! Que sorte tinha de ainda possuir isso: essa voz de potência infernal, essa voz que ela treinava para lhe obedecer como se treina um cão malvado, voz que tinha libertado com grande esforço, com a ajuda de Iousepov, o barítono russo Iousepov, que, como ela, no início, tinha tido medo dessa voz animal, e que por vezes à noite, depois dos exercícios, contemplava-lhe admirado a garganta, com um temor quase cômico, aliás, mas que a fazia corar como se ela estivesse grávida, habitada abaixo do tórax pelo feto já intocável de um vagabundo ou de um criminoso. .  
. Graças a quem ela começara a trabalhar para seu sucesso, graças a quem trabalhara até ele chegar. Um êxito que cheirava a patchuli, a casacos de peles, um êxito nessa carreira onde não tinha nem

tempo de amar, nem tempo para escutar música e do qual ela mal teria um dia tempo de sair, moribunda, e, sabendo-o, para um bastidor provavelmente sujo.

— Dizem que os americanos fazem agora um conhaque melhor do que o nosso — dizia Simon Bédard com um ar de dúvida que lhe permitiu apanhar a garrafa com expressão severa, como se sua única preocupação fosse a de verificar esses boatos.

Engoliu um bom trago e ficou ainda mais firme quanto à superioridade francesa em matéria de bebidas alcoólicas.

— Sim. . . Ficaria surpreso. Sinceramente, você não bebe, Peyrat?

"Ele vai ficar logo bêbado como um polonês", pensou Julien, aborrecido. Fazia uma hora que jogavam cartas, e Julien detestava depenar bêbados. Isso tirava toda a graça das coisas. Bédard lhe era simpático, mesmo que fosse apenas por causa da bestinha resmungona ("aliás, com seios muito bonitos", observava Julien conscientemente) que o acompanhava. O jogo que jogavam era divertimento para mulheres, e além do mais era demorado. . . Em duas horas ele só conseguira tomar quinze mil francos do infeliz. Julien tinha dado um jeito para que fosse Simon a querer jogar, ele próprio meio que se esquivara, diante de testemunhas, para maior segurança. Não ia, por míseras partidas de cartas, demolir seu projeto Marquei, muito mais importante para seus recursos. Mas Simon agarrava-se a ele e a esse projeto de uma partidinha entre homens. Só estavam eles no tombadilho de luxo; e mais o infatigável Charley, que perambulava pelo tombadilho de popa com um grande pulôver branco jogado nos ombros, com um ar mais pederasta que um *setter* inglês.

— Você tem uma sorte! — comentava Simon, deixando-se vencer pela segunda vez. — Se não estivesse tão longe da Austrália, eu diria que suspeito de sua mulher ou de sua amiguinha. Mas não seria delicado, você não poderia verificar. . . Aliás, esse provérbio é

idiota, você não acha, Peyrat? Infeliz no jogo, feliz no amor. Eu, por exemplo, tenho cara de feliz? . . . Você acha que tenho cara de sujeito feliz no amor? Eu, sem brincadeira? . . .

"Essa não! Ele era dos beberrões reclamões", pensou Julien com aflição. Detestava instintivamente os relatos de homens para homens, fossem eles crus ou sentimentais. Julien pensou na palavra e nos termos sentimentais reservados às mulheres nas histórias de amor e de sexo, e disse tudo calmamente a Simon Béjard, que não ficou zangado, mas pelo contrário opinou com entusiasmo:

— Você tem toda a razão, meu velho. Aliás, mesmo as mulheres, eu acho que existem momentos em que deviam calar a boca. . . Por exemplo, não quero ser indiscreto, mas uma vez que é ela que está aqui. . . Eu falo dela — desculpou-se junto a Julien, estupefato com aquela nova regra de discricção instaurada por Simon Béjard. — Então, por exemplo, Olga, moça sadia, de boa família burguesa, bem-educada e tudo o mais. . . de modo algum uma vagabunda, mas de modo algum mesmo. Pois é, na cama ela fala. . . fala como um papagaio. Isso me mata, a você não?

Julien estava contraído e enojado como um gato, dividido entre o riso e o escândalo.

— Evidentemente — resmungou ele —, isso pode ser uma desvantagem. . .

Ficara vermelho, sentia isso e se julgava ridículo.

— Aliás, uma mulher que faz discurso parece puta de província, profissionalmente — insistia Béjard. — As mulheres distintas e as grandes putas fecham a boca, ao que parece. Eu sempre caí com tagarelas, eu. . . eu. . . papagaios, papagaios e patas. Ah! não é divertido ser produtor, meu velho! Essas fêmeas que correm atrás de você. . .

— É curioso — comentou Julien, como se falasse consigo mesmo — esse navio chique, em que todas as mulheres são tratadas como fêmeas.

— Fica intrigado com isso, sr. Peyrat?

Alguma coisa na voz de Simon Bédard despertou a atenção embotada de Julien. O outro olhava-o sorrindo, e seus olhos azuis já não eram tolos como momentos antes.

— Você é avaliador onde mesmo. . . em Sydney? . . .

"Essa não!" Eles se conheciam. . . Julien pensara reconhecer Simon por ocasião de sua chegada triunfal, depois o esquecera. Mas o outro o conhecia e, pior ainda, o reconhecia.

— Você está se perguntando, h e m ? . . . — Simon Bédard exultava.

— Você está se perguntando onde, quando?

Infelizmente tenho memória demais para você. Você nunca vai descobrir, creio. Em todo caso não foi em Sydney, posso lhe afirmar. . .

Deixou seu ar de esperteza e, inclinando-se sobre a mesa, deu um tapa no braço de Julien, imóvel.

— Sossegue, meu velho, sou um sujeito discreto.

— Para me tranquilizar completamente, você deveria aclarar minha memória — disse Julien entre dentes.

"Vou ter que descer na próxima escala só por causa desse cretino. . . E já não tenho um tostão no banco. . . Adeus Marquet, adeus corridas em Longchamp, adeus prêmio do Arco de Triunfo e o cheiro de Paris no outono. . . "

— Você estava num navio menor do que este, na Flórida. E o navio era de um cara da Metro Goldwyn que havia lhe pedido que lhe fizesse um seguro de vida. . . Você trabalhava na Herpert & Crook. . . Agora se lembra? — perguntou, vendo o rosto de Julien se iluminar de repente, desabrochar mesmo, enquanto Simon achava

que ele ficaria humilhado com essa recordação não muito prestigiosa.

— Ah, sim. . . um período penoso — disse Julien, embaralhando as cartas com mão enérgica. — Você me meteu medo, meu velho.

— Por que medo?

Simon Béjard tinha cartas horríveis, mas nem se importava, esse novo companheiro era-lhe tremendamente simpático. Não era pretensioso nem esnobe como o resto daqueles grosseirões, exceto a Doriacci.

— Medo de quê? — repetiu maquinalmente.

— Também fui lavador de pratos — disse Julien, rindo. — E engraxate de sapatos na Broadway. . . Menos brilhante, não acha?

— Farsante, vamos. . .

Ele recomeçou a perder com aplicação. Tinham-lhe dito alguma coisa a respeito desse belo corretor de seguros, mas não se lembrava o quê. Em todo caso era um cara a ser cultivado, um sujeito sem pretensão, mas não sem envergadura.

— Você sabe por que me agrada, Peyrat? Vou lhe dizer.

— Ora, diga — respondeu Julien. — A propósito, bati.

— Azar — disse Simon, perdendo cinquenta pontos. — Então, vou lhe dizer por quê: há duas horas que jogamos, e você ainda não me propôs uma história, um assunto, nem mesmo um livro que poderia resultar num filme extraordinário. . . Entretanto isso não pára nunca. Desde que fiquei cheio da grana, e isso é público, as pessoas não param de inventar histórias para que eu as filme, a vida deles, de suas amantes, todos! Têm idéias, idéias geniais que ninguém teve antes e que dariam um filme fabuloso; vou lhe dizer, Peyrat, fora o fisco e os mordedores, é o que há de pior na minha profissão, quando há sucesso, quero dizer. Todo mundo joga suas idéias em cima de você como se joga um osso a um cão. Só que, no

caso do cão, eles não esperam sua volta com um lingote de ouro nas mandíbulas. . . Mas de mim, sim.

— É o preço do sucesso — respondeu Julien tranqüilamente. — Roteiros fabulosos e amiguinhas intelectuais fazem parte do *status*, não é verdade?

— Exatamente. . . — Simon tinha os olhos injetados e sonhadores.

— Quando penso que sonhei com isso, que toda a minha vida sonhei com isso — com um movimento da mão designava o navio e o mar brilhante e negro em torno —, e aqui estou eu. . . Consegui o Grande Prêmio de Cannes, sou o produtor mais famoso da França, estou num navio com gente chique e tenho uma amiguinha bem-apanhada, que além do mais ainda tem muito miolo. Tenho um belo saldo bancário e me chamo Simon Béjard, produtor. Devia estar contente com tudo isso, já que era o que eu queria, não acha?

Assumira uma voz patética, irritante para Julien, que levantou os olhos:

— E então, você não está feliz?

— É, não está mal, finalmente — disse Simon Béjard, após um instante de silêncio em que pareceu se auscultar. — É, sou até. . . bastante feliz.

Estava com um ar tão intrigado que Julien caiu na gargalhada e interrompeu a partida. No dia seguinte, ainda deixaria Simon Béjard perder. Mas naquela noite, achava-o um pouco simpático demais para continuar.

Clarisse encontrava-se na banheira, entregue a duas volúpias: água quente e solidão. Sonhava. . . sonhava que estava só numa ilha, que um cão e uma palmeira a esperavam para brincar com ela e nada mais. Chamaram-na. Ela se enrijeceu, voltou os olhos na direção daquela voz, trazida à triste realidade. Eric Lethuillier esperava que acabasse o banho para poder escovar os dentes. Clarisse lançou um olhar ao relógio: oito minutos. . . Havia oito minutos que ela estava

ali, oito infelizes minutos. . . Levantou-se e enfiou o roupão acolchoado, apesar do ridículo monograma do *Narcissus*, que parecia napoleónico, e escovou os dentes depressa. Não tinha tirado a maquilagem antes de entrar no banho, e o vapor da água quente diluíra-lhe a pintura, traçara rios sobre seu rosto, tornara-a "ainda mais grotesca que de hábito", pensou com aquele deleite amargo que sentia cada vez mais amiúde ao se ver nos olhos dos outros, como no seu espelho.

— Clarisse. . . eu sei, você ainda não acabou, mas estou cansado, minha querida. . . São as minhas primeiras férias nos últimos dois anos, queria tomar um banho e dormir, se não fosse lhe pedir muito.

— Já vou — respondeu ela.

E sem tocar naquela maquilagem desastrada saiu do banheiro para encontrar Eric na mesma posição em que o deixara: com as duas mãos apoiadas nos braços da poltrona, a sua bela cabeça jogada para trás, os olhos fechados e exibindo uma expressão de cansaço e de tolerância absolutos.

— Eric, eu lhe pedi para tomar banho antes de mim. Por que você não quis?

— Uma questão de cortesia, minha querida. As regras elementares da polidez. . .

— Mas, Eric — interrompeu bruscamente —, as regras de polidez não o obrigam a transformar meu banho da noite num jogo de pegador. Adoro ficar deitada numa banheira, é o maior luxo da vida; parece-me, cada vez. . .

— Desde que você esteja deitada, estará contente de qualquer modo. Fico me perguntando se esta viagem lhe dá realmente prazer; se não me esforcei para fazer este cruzeiro com alguém que não se diverte com isso. . . Você tem um ar tão triste! Parece estar se aborrecendo. . . Todo mundo vê isso; aliás, todo mundo fica

constrangido. Afinal, não gosta mais do mar? Nem da música? Pensava que a música, em todo caso, fosse o que lhe restava, fosse a sua grande paixão. . . a última que lhe resta, mesmo.

— Mas, certamente, tem razão — disse Clarisse com voz apagada.

— Não seja tão impaciente!

E, sentando-se na cama, puxou as pernas para junto de si para que Eric não tropeçasse nelas no seu passeio de um lado para outro, enquanto se despia. Ficava à direita, à esquerda, atrás dela, estava em toda parte. . . Em toda parte sentia-se à mercê daquele olhar depreciativo e malévolos. Além disso, lhe dava vertigem.

— Eric — disse —, eu lhe peço, pare de andar. Diga-me, Eric, por que você está sempre contra mim?

— Contra você? Eu? Você é incrível!

Caía na gargalhada. Ria, estava encantado: recomeçara o assunto amargo de suas relações afetivas, um assunto que adorava que Clarisse trouxesse à baila, pois era o ponto em que ele podia lhe dar maior número de golpes, finalmente. Assunto de que ela fugia sistematicamente e que só abordava quando à beira do pânico, privada de amigos, de possibilidade de retirada, de espaço vital. Clarisse não resistiria jamais aos dez dias com esse estranho hostil. . . Era preciso que promettesse poupá-la durante esse cruzeiro, que pelo menos não lhe demonstrasse abertamente esse desprezo incessante, esse desprezo tão sincero que ela acabara por compartilhar.

— Contra você? Eu? . . . É o cúmulo! Ofereço-lhe este cruzeiro delicioso, porque sou eu, Eric, seu marido, e não a família Baron, advirto-a, que financia esta expedição. Levo-a num navio para escutar seus dois intérpretes preferidos, não é? Se tenho boa memória. . . Dou um jeito até para poder acompanhá-la, para evitar que fique demasiado só, ou que faça tolices, e para compartilhar

com você alguma coisa, afinal, alguma coisa além do dinheiro e dos objetos que ele pode comprar. E você me considera malévolo?

Ela ouvia-o com uma espécie de fascinação. Estavam sós, entretanto. Estavam sós, não havia ninguém a quem demonstrar mais uma vez seu comportamento perfeito e a ingratidão dela. Mas Eric não vivia mais um só momento da sua vida sem público e comentários: representava perpetuamente. Muito breve seria incapaz de um "passe-me o pão" sem lhe perguntar o preço da bisnaga. . . Por que seria ele incapaz de lhe dizer enfim o que tinha a dizer? Que a detestava? E se ele a detestava, por que viera no último momento se reunir a ela? Seria a simples certeza de que a companhia dele lhe estragaria a viagem, isso ele sentia, seria possível que esse triste estado fosse de fato bastante para decidi-lo? Fazê-lo abandonar o jornal, os colaboradores, seus companheiros de política, sua corte, o areópago beato que ele praticamente não podia mais dispensar havia alguns anos?

— Por que você veio, Eric? Diga-me.

— Eu vim porque adoro música. Você não tem a exclusividade desses prazeres. . . Beethoven, Mozart, são músicos populares. Minha própria mãe, na sua incultura total, adorava ouvir Mozart e distinguia-o de Beethoven melhor do que eu.

— Gostaria muito de ter conhecido sua mãe — disse Clarisse, debilmente. — Será um dos meus remorsos. Você me dirá que me bastará juntá-los aos outros para que ele se afogue na multidão!

— Mas não precisa ter remorsos!. . .

Vestido só de cueca, Eric deambulava pelo quarto pegando os cigarros, o isqueiro, o jornal, preparando-se para a deliciosa meia hora na água quente, aquela água quente da qual ele a tirara sob o pretexto de cortesia. . .! Não havia razão alguma para que ele desfrutasse essa felicidade mais tempo do que ela. A essa idéia, uma cólera, um incêndio de raiva correu-lhe nas veias, e ela

entregou-se à fúria com uma complacência e um medo igualmente fortes. Era agora a menininha de dez anos, a queridinha da professora, a escolar, a criança mimada dentro dela que se opunha a Eric. Era ela que reclamava o banho, o lanche e o conforto com bastante acrimônia para resistir ao fatalismo e à submissão resignada de Clarisse adulta. E que resistia a isso com energia e má fé, as únicas defesas que a lealdade insuspeitável, o espírito de justiça e o sentido de decência demonstrados da manhã à noite por Eric não podiam vencer, nem persuadir e muito menos culpar. Já não se tratava da mulher apaixonada que se debatia num amor cruel, já não era a mocinha que recusava as lições do seu Pigmalião, que se tornara sádico e impiedoso, era uma garota suja, egoísta e voluntariosa, que ela nem se lembrava de ter sido, e que se rebelava. — Não precisa ter remorsos — ralhava Eric. — Seria antes eu a tê-los. Fui bastante tolo para acreditar que se podia mudar de classe, que se podia, por amor, renunciar a certos privilégios e escolher outros mais preciosos aos meus olhos. Eu me enganei. Você não tem culpa nenhuma.

— Mas em que se enganou? Porque eu o decepcionei, Eric. Seja claro nesse ponto.

— Claro? A auto-suficiência, a covardia, a brutalidade dos grandes burgueses franceses que você herdou de seus avós não são conscientes em você, são instintivos. Por exemplo, você me pede para levar minha mãe à casa de sua família. Ora, eu já lhe disse: minha mãe foi empregada doméstica, faxineira, se prefere, toda a minha adolescência, para dar de comer a mim e a si própria. E você quer que eu a leve a sua casa, onde qualquer dos seus quadros teria dado para nos fazer viver cem anos? . . . Minha mãe é a única mulher que eu estimo profundamente. Não quero humilhá-la com seus faustos.

— A propósito, Eric, por que você diz sempre que sua mãe foi doméstica em Bordeaux? Ela trabalhava nos Correios, Telégrafos e

Telefones, segundo me disseram.

Clarisse fizera a pergunta ingenuamente, mas Eric vestiu a carapuça, empalideceu e virou para ela um rosto convulsionado pelo furor. "Ele conseguia até ficar feio, por momentos", pensou ela. E ela até conseguia achá-lo feio. O que era um progresso imenso, de certo modo.

— Ah, sim? E posso perguntar-lhe quem lhe disse isso? Seu tio? Alguém de sua família que achou isso mais chique do que ser faxineira? Alguém que conhece melhor minha vida e minha infância do que eu próprio? É verdadeiramente espantoso, Clarisse!

— Mas foi seu redator-chefe, ele próprio. Foi Pradine que disse isso outro dia, à mesa. Não ouviu? Mandei-o a Libourne entregar o presente de Natal a sua mãe, já que você não queria convidá-la. Ele passou por lá e encontrou-a no Correio de Meyllat, um nome assim, onde ela, aliás, parecia dirigir tudo com mão de mestre. Achou-a mesmo encantadora.

— É uma calúnia — disse Eric, batendo com o punho na mesa para estupefação de Clarisse. — Vou despedi-lo. Não suporto que tentem rebaixar a minha mãe.

— Mas não vejo em quê. . . Por acaso é infamante trabalhar nos Correios, mesmo se fosse mais honroso trabalhar como doméstica. . . ? Há momentos em que não o compreendo de modo algum.

Ela procurava-lhe os olhos, mas Eric fugia de seu olhar, pela primeira vez em muito tempo. Em geral era ele quem fixava os olhos duros nela, examinava-lhe o rosto atentamente, parecendo perceber nele traços de corrupção ou tolice em número bastante impressionante para que ela se virasse muito depressa, humilhada, antes mesmo que Eric tivesse aberto a boca. Uma veia salientava-se em sua têmpora direita, pondo em destaque uma pinta marrom plana, única falha no plano estético de Eric Lethuillier. Ele já se controlara.

— Não vou tentar mais uma vez inculcar-lhe meu senso de valores, Clarisse. Saiba pelo menos que é o oposto do seu. E não se ocupe mais com a minha família, por favor, do mesmo modo que não me ocupo com a sua.

— Eric — de repente Clarisse sentia-se farta, esgotada, e no fundo de uma tristeza mortal no seu leito estreito, coberta com os lençóis.

— Eric, você passa uma parte de sua vida com meus tios. . . e quando não é com eles, com os homens de negócios deles. E você é tão perfeitamente polido com eles, tão agradável, ao que parece, indulgente mesmo!

— Indulgente? Eu? Seria realmente o último adjetivo que eu me atribuiria! Que aliás alguém me atribuiria em Paris ou em outro lugar.

— Oh! Estou certa — continuou Clarisse, fechando os olhos; — conheço bem sua intransigência, Eric, e sei também que foi para me dar prazer que pagou este cruzeiro e que me faz companhia. Sei de tudo isso. . . Você tem sempre razão, e estou sendo sincera. Há momentos em que me é absolutamente indiferente estar errada, é só isso.

— Esse é o privilégio da fortuna, minha querida Clarisse. Os ricos podem-se permitir estar errados e até mesmo confessá-lo. Como pude acreditar que você escaparia a todos esses privilégios?

— Como você pôde crer que eu mudaria de classe? É isso? Ignorava então "que não se muda de classe".

Ela imitava-o. Imitava-lhe a voz, e quase ria:

— E então, você mesmo, Eric, como é que fez para mudar de classe? Ele bateu com a porta atrás de si.

Tinha uma resposta como um açoite para lhe dar ao sair do banheiro meia hora mais tarde, mas Clarisse dormia, com o rosto limpo de toda aquela pintura, entregue, virada para a direita, na direção da porta, subitamente, com um ar infantil e pacificado.

Quase sorria, dormindo. Havia nela alguma coisa que ele não conseguia destruir. Por vezes, como agora, pressentia que jamais conseguiria destruir alguma coisa nela, que tentava desesperadamente ligar à sua fortuna mas que, sabia muito bem, nada tinha a ver com isso, alguma coisa que se parecia estranhamente com a virtude. . . Ela se defendia com isso. . . lutava. E, no entanto, não tinha retaguarda, nada tinha. Ele a destituíra de tudo, dos amigos, dos amantes, da família, da infância e do passado. Destituíra-a de tudo, até mesmo de si própria. E contudo, de tempos em tempos, ela sorria misteriosamente, como se fosse a primeira vez, a um desconhecido invisível para Eric.

O sol estava cinzento nesse terceiro dia de cruzeiro, velado pelas nuvens, de um branco ferroso e abafante. Tendo Julien decidido na véspera, em Porto-Vecchio, num grande impulso esportivo, atravessar a nado a piscina, encontrava-se às duas horas, só, de calção de banho, esbranquiçado e friorento. E mais deprimido ainda por se sentir inspecionado, e sem dúvida ridicularizado, pelo grupo dos Bautet-Lebrêche, vestidos e instalados nas espreguiçadeiras acima dele, no bar da piscina. Estava perplexo: entrar na água pelo lado raso era impossível ao seu orgulho, e entrar pelo lado fundo, igualmente impossível por se sentir enregelado. Ficou então sentado na borda, com os pés e a barriga das pernas mergulhados na bela água azul, clorada, perdido na contemplação dos próprios pés. Pareciam-lhe desconhecidos e lamentáveis, como acrescentados aos tornozelos, devido à sua posição pendente e à refração da água. Para se tranquilizar, Julien tentou agitar os dedos, e teve de admitir que não o conseguia: o dedo mínimo permanecia imóvel apesar das mudas exortações, enquanto o dedo grande movia-se no seu lugar e até gingava (como se Julien pudesse se iludir com essa manobra diversionista); lutou por um momento contra essa anarquia e resignou-se; afinal era

normal que esses infelizes dedos dos pés, todo o inverno fechados nos calçados, todo o inverno imobilizados nas meias, esses dedos dos pés que ele nunca olhava, que só tirava das jaulas para lançá-los na escuridão dos lençóis, que só levava em consideração quando os comparava com os de uma nova conquista, e sempre mais ou menos em seu detrimento, era normal que esses escravos, de tanto viverem em grupo sob o nome único de pé, uma vez estendidos ao sol se tornassem incapazes de qualquer iniciativa individual. Não era uma meditação muito brilhante, dizia a si mesmo Julien, mas estava amplamente à altura da conversa que se desenvolvia acima de sua cabeça e aue era. contudo, animada.

A sra. Bautet-Lebrêche, vestida na moda das moças dos anos 30 e mais ruiva ao sol do que sob a luz elétrica, conduzia o debate com sua vivacidade costumeira. Eric Le-thuillier, muito elegante numa blusa de *cashmere* e uma calça bege, Olga Lamouroux, exibindo sob sedas indianas um bronzeado sedutor, e Simon Béjard, tentando em vão amenizar com um pulôver carmesim o vermelho dos cabelos e do nariz, estavam defronte dela. A chegada do pianista e maestro Hans Helmut Kreuze num *blazer* branco esporte de botões dourados, com o boné na cabeça e uma espécie de *boxer* horrível na correia, acabava de completar o elegante ecletismo daquela assembléia.

— Acho horrivelmente pessimista — estava dizendo Edma, com expressão magoada, a Eric Lethuillier. Este acabara de descrever o êxodo dos vietnamitas e o massacre dos refugiados em termos especialmente atrozes.

— Infelizmente ele tem razão! — disse Olga Lamouroux, sacudindo tristemente os cabelos ao sol. — Chego a temer que esteja aquém da verdade.

— Ora, ora — resmungou Simon Béjard, que, com a ajuda de dois martínis secos, sentia-se antes levado para o otimismo. — Ora, tudo

se passa longe: nós estamos na França. E na França, quando os negócios andam, tudo anda

— concluiu, bonachão.

Mas foi um silêncio desaprovador o que se seguiu a essa informação, conquanto tranqüilizante, e Olga deixou vogar para o lado do horizonte um olhar desolado. Não lançara a Eric Lethuillier, como ardorosamente desejaria, aquele sorriso aterrado ou aquele piscar de olhos imperceptível, que o fariam compreender sua indignação; pelo contrário, fugira ao olhar dele: o papel da mulher leal e estóica devia parecer mais adequado a Eric do que o da renegada. Aliás, não valia a pena, com Eric seguindo sem esforço a evolução dos seus pensamentos. "Essa cretinazinha está querendo realmente que me ocupe dela", pensou, olhando fumegar na direção do leste os destroços da Indochina, como ele a descrevera.

— Eu ainda não vi a Doriacci ao sol — disse Edma, que classificava havia muito tempo as diversas atrocidades perpetradas neste vale de lágrimas sob a etiqueta "assuntos políticos". Os assuntos políticos a aborreciam até a morte.

— Confesso que isso me intriga! Depois que se viu a Doriacci em Verdi, na *Tosca* ou mesmo em *Electra*, como ontem, só se pode imaginá-la lívida e flamejante no escuro como uma tocha, as jóias, os gritos, os clamores, etc. Em nenhum momento se pode imaginá-la numa cadeira de tombadilho em roupão de banho, bronzeando-se ao sol.

— A Doriacci tem uma pele muito bonita — disse distraidamente Hans Helmut Kreuze.

Mas logo, sentindo-se trespassado por alguns olhares irônicos, corou num balbucio:

— Enfim, uma pele muito jovem para a idade que, como se sabe, ela tem.

Edma reagiu imediatamente:

— Então, veja bem, caro mestre, eu creio, estou mesmo certa, sim, certa — acrescentou ela não sem uma surpresa visível por se sentir certa de alguma coisa — de que quando se ama apaixonadamente sua arte, por exemplo, quando se tem a chance de exercer uma arte, quando se ama alguém de bem, ou mesmo quando se ama muito simplesmente a vida com "V" maiúsculo, não se pode envelhecer: nunca se envelhece, a não ser fisicamente. E isso. . .

— Nisso a senhora tem razão — continuou Simon, enquanto desta vez Eric e Olga trocavam um olhar. — A mim, o cinema sempre me fez esse efeito: quando vejo um bom filme, sinto-me rejuvenescido trinta anos. E depois, além disso, não sei se é o ar do mar ou a atmosfera do *Nar-cissus*. . . mas esta manhã, por exemplo, nem li os jornais. . . Fica-se isolado de tudo, é tão agradável!

— Mas a terra ainda assim continua girando — disse Eric Lethuillier com voz fria. — Este navio é dos mais bem-servidos, mas existem outros, aos milhares, muito menos confortáveis e muito mais povoados que vão ao fundo no mar da China neste momento mesmo.

A voz dele era tão neutra, tão átona de tanto pudor, que Olga emitiu um pequeno assobio de tristeza e de horror. Hans Helmut Kreuze e Simon Bégard olharam para os respectivos sapatos, mas Edma, depois de ter hesitado um instante, decidiu rebelar-se. Sabia-se, esse Lethuillier tinha um jornal de esquerda: mas nunca sofrera frio, fome ou sede. . . Acabara de embarcar num navio de luxo, e ele não ia atirar-lhes os horrores da guerra à cabeça todas as manhãs daquele cruzeiro. Afinal, Armand Bautet-Lebrêche também trabalhava duro todo o ano e estava ali para descansar. Assim, com dois dedos, ela tapou os ouvidos, num gesto bem visível, antes de fixar em Eric um olhar severo:

— Ah, não — disse —, meu querido amigo, por favor. Você vai me tachar de egoísta, de cruel, mas tanto pior: nós estamos todos aqui

para descansar e esquecer esses horrores.

Nada podemos fazer, não é verdade? Não, nós estamos aqui para apreciar tudo isso — e com a mão desenhou uma larga parábola em direção ao mar alto — e ainda tudo isto... — e acabou sua parábola com o indicador direito, que ela tirou do ouvido para apontar o peito de Hans Helmut Kreuze, que, surpreso na sua miopia e rigidez, cambaleou um pouco.

— A senhora tem razão, absolutamente toda a razão. . .

Era Eric que, de forma completamente inesperada, cedia às injunções de Edma, ele próprio fixando um ponto deliberadamente a noroeste, para deixar o campo bem livre, poder-se-ia dizer, a todas as formas de divertimento ocidental fúteis e inconscientes. Olga lançou-lhe um olhar espantado e inquietou-se pela sua palidez. Eric tinha os maxilares cerrados, ligeira transpiração sobre o lábio superior e mais uma vez Olga sentiu admiração: o homem tinha um tal domínio sobre si mesmo, uma tal cortesia, que conseguia amordaçar esse grito interior, essa revolta diante do egoísmo dos grandes burgueses. Olga seria menos admirativa se ela também, como Eric um momento antes, tivesse sentido o hálito do buldogue nos tornozelos. O animal, de fato, até então pacificamente sentado aos pés do dono, repousando seus velhos músculos depois de uma pequena corrida, começava a se aborrecer. Resolvera portanto fazer o reconhecimento desses indivíduos indesejáveis e começara sua inspeção por Eric. Estava ali bufando, de olhos semicerrados, músculos visíveis sob a pele já corroída em certos pontos, a baba pendente, o ar feroz por herança, treinamento e gosto. E rosnava suavemente, com um pequeno assobio ameaçador entre dois rosnados, como o que precedia a chegada de uma bomba durante os bombardeios.

— Estou bem contente por estarmos de acordo sobre isso — disse Edma Bautet-Lebrêche ao mesmo tempo tranqüilizada e

decepcionada por essa falta de resistência. — Só vamos falar de música, se estiverem de acordo, queridos amigos: sim, vamos desfrutar nossos artistas — e passou o braço com um gesto carinhoso sob o de Hans Helmut Kreuze, que, surpreso, deixou cair a correia do cão.

Por sua vez, Simon empalideceu, pois o terrível animal puxava de leve suas calças; e suas presas, embora amareladas pela idade, ainda eram enormes. "Certamente é um cão drogado, além do mais", disse consigo. "Esses alemães são decididamente incorrigíveis! Esse cão porco vai com certeza estragar minhas calças novas." Ao mesmo tempo que conservava uma imobilidade estóica, lançava um olhar suplicante para Kreuze.

— O seu cão, maestro. . . — disse ele. — O seu cão. . .

— Meu cão? É um buldogue da Pomerânia Oriental. Ganhou quinze pequenas taças e três medalhas de ouro em Stuttgart e em Dortmund! São animais muito obedientes, muito bons guardacostas. É verdade, sr. Béjard, que o senhor comparou Chopin a Debussy, ontem à noite?

— Eu? Mas. . . Oh!, de maneira alguma — declarou Simon. — Não, mas acho que seu cão — indicava com o queixo o monstro agarrado cada vez mais solidamente a sua perna — está muito interessado em minhas tíbias, sem brincadeira. . .

Sem querer murmurava, sem conseguir interessar Kreuze.

— O senhor sabe que há tanta diferença entre Chopin e Debussy quanto entre um filme de. . . vejamos, vejamos. . . Ah! não encontro o nome que procuro. Ajude-me. . . Hã. . . Becker. . . Hã, um diretor francês muito leve, muito diáfano, compreende?

— Becker! — soprou Simon aos latidos: — Becker! Feyder! René Clair! Enquanto isso o seu cão vai me rasgar as calças!

Murmurara mais do que proferira a última frase, porque o cão começara a rosnar surdamente diante da resistência daquela perna

em se deixar levar e despedaçar, e agora puxava com inacreditável vigor.

— Não, não é esse o nome. . . — continuava Kreuze, com ar descontente.

E o outro insistia agora com suas idéias de leveza, a coisa mais longe dele, naturalmente. Simon puxou com uma sacudidela violenta a perna direita até a altura da perna esquerda, e o cão lançou um ganido sinistro de despeito antes de recomeçar o assalto. Mas o animal, para felicidade de Simon, estava à beira da cegueira e optou por acaso pelas calças mais próximas, que eram agora as de Edma Bautet-Lebrêche, calças de gabardina branca de corte perfeito, de que ela fazia muita questão. Edma, não tendo o estoicismo masculino, lançou um grito penetrante:

■— Seu cão sujo — gritou. — Largue-me já. Que horror! — Mas ele fechava definitivamente, ao que parece, suas presas sobre o precioso tecido branco, escapando por pouco de atingir a elegante panturrilha da bela Edma. Não se achando no centro do pequeno grupo a ela dedicado, Edma era uma pária entre estrangeiros decididos a salvar suas pernas. Simon, vendo-se fora de perigo, chegou mesmo a rir.

— Mas façam alguma coisa! — gritava Edma, fora de si. — Façam alguma coisa, esse cão vai me morder. Ele já mordeu, aliás. Charley? Onde está Charley? Enfim, sr. Kreuze, segure seu animal!

O rosar do cão tornara-se medonho. Fazia tanto barulho como um aspirador de pó de alta potência, e o próprio Kreuze mostrava sua incapacidade ao olhá-lo.

— Sr. Béjard, faça alguma coisa — suplicou Edma, que sabia nada poder esperar de Lethuillier, nem do marido. — Peçam socorro!

— Acho que cabe ao brutamontes agir — protestou Simon.

— Fuschia! — trovejou o brutamontes, roxo e batendo com o pé no chão sem êxito. — Fuschia! *Aus komm schnell!*

A raiva sobrepujava o medo de Edma Bautet-Lebrêche, e ela acabaria por apertar o pescoço do impotente Kreuze com suas mãos brancas, mesmo com Fuschia ainda pendente de sua calça, se Julien não tivesse chegado ao local do drama em roupão de banho, com ar satisfeito. Seguiu todas as peripécias do incidente e, nada temendo, mais por inconsciência do que por coragem, segurou Fuschia pela pele do pescoço. Demonstrando o vigor nervoso próprio dos turfistas, lançou-o a cinco passos, rosnando de indignação e de susto. Fuschia não acreditava nos seus sentidos. Habitado ao respeito mais completo ou ao medo mais servil, da parte do seu dono inclusive, não podia compreender o que lhe acontecera. Do mesmo modo que a idéia de ser tratado de "brutamontes" ultrapassava seriamente a compreensão de Kreuze, a idéia de ser maltratado por um bípede ultrapassava a compreensão de Fuschia. Ficou boquiaberto por um curto instante, com as presas deixando cair um pedacinho de gabardina branca assinada Ungaro, e adormeceu logo em seguida. Mas Edma estava no pólo oposto da sonolência: com os cabelos ruivos eriçados em torno da cabeça, sua voz ultrapassou os limites do agudo a cem metros dali; no tombadilho de popa, o homem de vigia imobilizou-se e viu passar acima de sua cabeça uma gaivota com um espanto mesclado de respeito. Armand, que interviera demasiado tarde, como de costume, agarrado com toda a sua pequena estatura aos braços agitados da mulher, tentava acalmá-la, infligindo a intervalos regulares uma ligeira e obstinada tração nos antebraços de Edma, que tinham se tornado musculosos de furor.

"Ele adotara a mesma postura que Fuschia um pouco antes", observou Julien involuntariamente. Mas não se podia pensar em fazê-lo seguir a mesma trajetória!. . . Apesar disso!. . . Julien tinha repugnância instintiva pelos grandes magnatas, pelos grandes êxitos, sobretudo quando eram fruto de obstinação e de inteligência

prática. Suportava melhor as fortunas surgidas por acaso ou oportunismo. A propósito e muito curiosamente, aliás, para um trapaceiro profissional, Julien tinha grande respeito e grande atração pela sorte pura. Todos os anos, depois de a ter forçado durante inúmeras noites, ia com regularidade se submeter, da roleta ao bacará, a todos os caprichos da sorte, bruscamente tratando como grande dama aquela que tratara durante todo o ano como mulher da vida. Parecia-lhe, de forma confusa, que lhe prestava obediência, pagava suas dívidas, aliviava a consciência aceitando apostar de um só golpe, segundo seus desejos, somas laboriosamente ganhas contra essa deusa cega (mas acontecia-lhe também que sua aposta fosse vencedora, tão pouco rancorosa era ela).

Sua coragem transformou-o subitamente num Robin Hood, num Bayard aos olhos das mulheres da assistência, mas também num *habitué* de máquinas eletrônicas de jogo para os homens, que o consideraram imprudente ou pretensioso, conforme o caso, exceto Simon, que na sua ingenuidade primária, ficou espantado: esse Peyrat era alguém. . . Pena que fosse tão mau perdedor! Julien, tendo começado na primeira noite em Portofino ganhando cerca de quinze mil francos de Simon, acreditara em milagre, pensava Simon, mas no dia seguinte, em Porto-Vecchio, perdera direto perto de vinte e oito mil! E visivelmente levava isso a mal. Simon tivera que suplicar-lhe hoje para que admitisse até mesmo o famoso pôquer de cinco, que se tornara o objetivo número 1 para Simon Béjard, produtor, entre dois crescendos e dois *pizzicatti*. Em resumo, Peyrat falhava no jogo, mas não na vida corrente, se é que se podia chamar de vida corrente esse *Hellzapoppin* de música em que se transformara o cruzeiro aos olhos de Simon. Era verdade que não pensara, ao embarcar, que teria direito a todos esses efeitos burlescos! Com todos esses velhos melômanos. . . Não pensava

também que Olga fosse tão má e tão boba por vezes, nem que o julgaria tão tolo. Era pena, porque realmente gostava muito do seu porte, da pele lisa e da maneira de dormir dobrada sobre si mesma, como um gatinho. Quando a via de madrugada estendida naquele beliche austero, naquela cama de pensionista (a oito milhões de francos antigos por oito dias), quando a via tão pura, tão inocente e tão doce era-lhe difícil não esquecer a *starlet* bombástica e detonante, ambiciosa e obtusa, dura no fundo, que ele também conhecia. Gostava de Olga; de certa maneira estava fisgado e tinha horror de reconhecê-lo. Havia muito tempo que a urgência de dinheiro diário ou semanal impedia qualquer diálogo de Simon consigo mesmo. Havia anos que ele só se dirigia injunções de um empresário ao seu boxeador esgotado, no estilo de: "Vamos! Não desanime! Agora você conseguiu! Prudência!", etc. Descobrir-se ao mesmo tempo enamorado e melômano (e perspicaz também) parecia-lhe um pouco acima de suas forças e, no mínimo, muito acima de suas previsões. Sacudiu-se e apanhou Julien pelo cotovelo, puxando-o para o lado.

— E então, o pôquer? — disse, fazendo pressão na voz baixa. — Vamos, meu velho? Pegamos o usineiro de açúcar, o gigolô, o intelectual e tomamos um milhão de cada um, você e eu, hem? Com você, a técnica, a paciência, e comigo, a intuição, as apostas; então? Depois do golpe, será meio a meio. Concorda?

— Lamento muito, mas não empreendo golpes a dois, no pôquer ou em qualquer outra coisa — disse Julien, constrangido, mas não severo, um pouco confuso por confessar essa moral burguesa.

Decididamente ele era também um *gentleman*, pensou Simon com um desprezo condescendente e teatral. Pôs-se a rir alto demais, sacudindo os ombros freneticamente, "o que não o beneficiava", pensou Julien.

— Quando falo em partida a dois, quero dizer. . . Estou brincando, queria dizer que a gente se seguraria, que amorteceríamos os choques. Não falava de golpes escusos, sr. Peyrat — disse Simon, rindo abertamente. — Não, mas a gente se diverte, não acha?. . . Todo mundo tem recursos neste navio. . . exceto o gigolô, talvez; mas a Diva vai dar um jeito nisso, não é?

— Creio que seria ele a pagar pela Diva — disse Julien, sorrindo com uma expressão enternecida e as sobrancelhas levantadas.

"Um belo homem, esse cara", pensou Simon de súbito,

"talvez não ficasse mal num papel do gênero rufião de quarenta anos, um pouco desiludido de tudo; bom sujeito, duro e delicado com as mulheres. . . Esse tipo faz sucesso na tela nestes tempos. Exceto pelo físico de americano. . . Ele se parece com Stuart Whitman. . . É isso!"

— Sabe que se parece com Stuart Whitman? — disse Simon.

— Stuart Whitman? Que relação isso pode ter com o pôquer? — espantou-se Julien.

— Está vendo?, você também só pensa nisso. E os outros três que ficam sonhando com outras coisas enquanto ouvem adágios. . . Ficariam extremamente contentes, posso lhe assegurar, de ficar um pouco entre homens, sem suas damas. Em todo caso há uma dama que ficaria tremendamente contente sem seu homem: Clarisse. . .

Hesitara em dizer "Clarisse". Hesitara na verdade entre "a Lethuillier", "a palhaça", "a alcoólatra", mas finalmente optara por aquele Clarisse pronunciado involuntariamente, como uma palavra de amor. Sentiu isso e corou.

— Está bem, vamos ao pôquer — disse Julien, de repente afetuosamente, dando-lhe por sua vez um tapa um pouco seco, que o sacudiu até os mocassins Gucci, estreitos demais na ponta.

Começaram a partida às quinze horas, pararam às dezenove; naquele momento Andreas, que ganhava seis milhões, um pouco de todo mundo, concentrava toda a raiva e a suspeita dos outros, exceto a de Julien. Pararam para beber um gole, recomeçaram às dezenove e trinta, para mais um giro, e em três cartadas Julien, com uma quadra de setes no fim, raspou os seis milhões de Andreas, que tinha um *full* de ases e reis, tudo fornecido por Julien com impecável maestria. Às oito horas da noite tudo acabara. Os ludibriados não tinham tido tempo de mudar de objetivo para ruminar seu descontentamento, e Andreas, embora tivesse ele próprio perdido cinco mil francos, recolhia toda a raiva, enquanto Julien fazia o papel do tolo feliz. De qualquer modo não tornaria a jogar com eles naquela semana, pensou. Nenhum deles tinha sangue-frio. Nenhum: Andreas jogava para ganhar dinheiro para viver; Simon jogava para se provar que ele era Simon Bédard, produtor, papel demasiado recente para que não solicitasse de tempos em tempos atestados suplementares de sua sorte; Armand Bautet-Lebrêche jogava para verificar que se podia "brincar" com dinheiro, mas achava tudo aquilo anormal e coisa de pesadelo; quanto a Eric Lethuillier, jogava para ganhar e para provar a si mesmo e aos outros que era vencedor, nisso também, e sua cólera e furor eram os mais pesados dos quatro jogadores. Sendo mais inteligente e mais vivo que os outros, operou no mesmo instante a mudança da agressividade de Andreas para Julien, que, sabendo-se detestado por ele, desprezado e sujeito a uma vingança, fosse qual fosse, viu-o partir com o seu ar frio para sua cabina.

Enquanto os homens batiam-se astuciosamente nas cartas, ou pelo menos assim acreditavam, as mulheres, acompanhadas por Charley Bollinger, pareciam ter sofrido a influência da alcoólatra Clarisse Lethuillier. Edma Bautet-Lebrêche e Charley, mergulhados num tabuleiro de palavras cruzadas, faziam o bar retinir com suas

gargalhadas de mocinhas, cujas cascatas provocavam no comandante Ellédocq um franzir de sobrancelhas, assim como em Olga Lamouroux, inimiga jurada de álcool, anfetaminas, tranqüilizantes ou outras drogas suscetíveis de modificar qualquer personalidade, e portanto também a sua. Acabara de se sentar perto da Diva, que, sempre ativa e chupando balas de alcaçuz negras como azeviche, não deixava absolutamente perceber que tinha bebido uma garrafa inteira de vodca apimentada Wiborowa. Mesmo aos olhos de Olga, que saía de sua cabina e de uma leitura especialmente austera sobre a condição das atrizes através dos tempos, ela pareceu a única pessoa sóbria, o único espírito claro naquele salão em que os homens embriagados pelo jogo e as mulheres pelo álcool formavam um feio espetáculo.

— Só vou tomar uma limonada, obrigada — disse Olga ao *barman* louro, que se apressava, e lançou um olhar indulgente, ostensivamente indulgente, na direção de Clarisse e Edma, que estouravam de rir diante da palavra aparentemente irresistível que Charley, hílar, acabara de compor.

— Receio não estar à altura — acrescentou Olga com uma tristeza fingida na direção da Doriacci.

— Também receio — disse a Diva, sem pestanejar. Estava um pouco mais avermelhada que de costume, e mantinha as pálpebras modestamente abaixadas sobre os grandes olhos ferozes. Olga, iludida por essa calma, tomou coragem:

— Não acredito que a senhora e eu mesma sejamos capazes, no fundo, de outra ebriedade a não ser a do palco — disse, sorrindo. — Certamente não estou comparando, *madame*, mas afinal a senhora e eu temos que entrar às vezes num espaço iluminado onde olham para nós e esperam que finjamos. .. É o único ponto preciso dessa comparação, naturalmente. — Gaguejava um pouco sob a modéstia de sua juventude, sob sua devoção. Sentia as faces corarem, o

branco do olho quase azul de tanta admiração ingênua. . . A Diva não pestanejava, mas escutava, pensava Olga. Ela escutava essa voz jovem e sincera dizer-lhe coisas comoventes, e sua impassibilidade era mais reveladora do que qualquer resposta. Reveladora do caráter da Doriacci: esse silêncio era o da emoção, e essa emoção, a de uma grande dama. Olga sentia-se no melhor de si própria: estava com a garganta apertada pela humildade, tanto mais apertada porque, afinal de contas, conseguira o papel principal em três pequenos filmes no ano anterior e críticas ditirâmicas para a peça de Klouc que ela estrelara e que fora a revelação do Café-Théâtre 79.

..

— Quando eu era uma menininha — lançou-se ela — e a ouvia cantar no rádio e no velho toca-discos de meu pai (papai era louco por ópera e minha mãe chegava a ter ciúmes da senhora), quando a ouvia cantar, eu me dizia que daria a vida para morrer como a senhora morria na *Bohème*. A maneira de dizer a última frase. . . Ah, meu Deus, como era mesmo? . . .

— Não sei — disse a Doriacci com voz rouca; — nunca cantei a *Bohème*.

— Ah, mas que tolice. . . Naturalmente. . . , É da *Traviata* que eu queria falar. . .

"Ufa, escapara por pouco. . . Mas que pouca sorte! Todas as cantoras cantaram a *Bohème*, exceto a Doriacci, naturalmente. Que sorte, por outro lado, que a Doriacci estivesse de tão bom humor e tão calma. . . Em outras circunstâncias, tê-la-ia fulminado por causa da gafe. Mas, ao contrário, parecia literalmente enfeitiçada pelos elogios hábeis de Olga. Afinal de contas, era uma mulher boa como as outras: teatral. . ." Agitando as mãos acima da cabeça, como se quisesse afugentar moscas confusas de sua má memória, Olga recomeçou:

— A *Traviata*, naturalmente. . . Meu Deus! A *Traviata*. Chorava como um bezerro ao ouvi-la. . . e um grande bezerro de oito anos. . . Quando lhe dizia "*Adio, adio*". . .

— Um grande bezerro de vinte e oito anos, então — trovejou a Diva de modo brusco. — Só gravei a *Traviata* no ano passado.

Jogando-se para trás, rompeu num riso tonitruante e aparentemente irresistível, pois contagiou de imediato, embora não lhe soubessem a origem, os três cúmplices do jogo de palavras cruzadas.

Empolgada pelo riso incontrolável, a Diva tirara o lenço de cambraia, enxugava os olhos, e às vezes o agitava como para pedir socorro, às vezes designava com ele uma Olga petrificada. Gemia mais do que articulava frases indistintas: — É a pequena. . . Ah, ah, ah! O pai dela, louco por mim. . . Puccini, Verdi, *tutti quanti*. . . e a pequena com seu disco, ah, ah, ah, um grande bezerro de vinte e oito anos, ah, ah, ah. . . — E depois de ter dito pela terceira vez com sua voz retumbante "um grande bezerro de vinte e oito anos", terminou com voz apagada:

— Foi ela mesma que disse. . .

Olga começou rindo nervosamente, mas, durante essa horrível explicação, sentiu o áspero odor da vodca, enfim, os grandes olhos sombrios iluminados pelo álcool, e compreendeu a armadilha que ela própria montara para si. Tentou enfrentar a situação, mas quando os três zumbis degenerados ao fundo desmoronaram na mesa, desvairados e aos soluços, com as letras de madeira rolando por terra e suas próprias cabeças rolando apoiadas no encosto da poltrona; quando, na última frase da ordinária: "Foi ela mesma que disse", Edma se endireitou na poltrona como sob o efeito de uma corrente elétrica; quando a mulher alcoólatra do pobre Eric Lethuillier escondeu o rosto nas mãos balbuciando "Isso não. . . Isso não com voz suplicante, quando o velho pederasta de galões

abraçou a si mesmo com os dois braços, esperneando, Olga Lamouroux levantou-se simples e dignamente, e sem palavra deixou a mesa. Parou um instante na porta e lançou sobre os alienados, os fantoches ébrios, um só olhar, um olhar de piedade, mas que redobrou sua hilaridade. Tremia de raiva, portanto, ao voltar à cabina. Mas foi encontrar Simon atirado na cama, de meias, dizendo que perdera três milhões no pôquer e se divertira muito.

Eric encontrou a cabina vazia ao voltar daquele pôquer sinistro. Mandou um camareiro à procura de Clarisse.

— Diga à sra. Lethuillier que o marido dela a espera na cabina — dirigiu-se sem outra explicação ao camareiro, que mostrou um ar ligeiramente escandalizado com o tom imperativo, mas Eric não se importou. Já várias vezes percebera que Clarisse lhe escapava física e moralmente. Fisicamente pelo menos. Desaparecia a todo momento, segundo notara, sob pretexto de tomar ar ou de olhar o mar, e como Eric obtivera de Ellédocq, encantado na sua alma de ajudante, o controle do bar, onde a presença de Clarisse lhe devia ser de pronto comunicada, poderia crer que ela tivesse um amante. Tanto mais que voltava desses passeios com a tez viva e ar alegre, e em toda a sua pessoa aquela impressão de despreocupação que o marido levava anos para lhe tirar. Ou, mais exatamente, a degradar até a angústia e o sentimento de culpa.

Naquele exato momento ela voltava, aliás, despenteada, desmaquilada pelas lágrimas do riso, bastante evidenciadas pelas faces rosadas de alegria. Mantinha-se ereta e ágil na porta, com os olhos repuxados e os dentes brilhantes no rosto bronzeado, apesar da pintura. Era bonita, pensou de repente Eric, com furor. Havia muito tempo, tempo demais que não a via tão bela. . . Da última vez fora por causa dele. . . Quem, portanto, naquele navio podia lhe restituir a confiança em si mesma? (Não seria Johnny Haig?) Seria Julien Peyrat, tão vulgar, porém, na sua virilidade? Se Eric não

tivesse constatado pessoalmente que as escapadas de Clarisse coincidiam com a presença de Julien no tênis, na piscina ou no bar, teria acreditado que era ele. Esses homens mulherengos são muito hábeis. Ou então seria o gigolozinho de três francos, Andreas alguma coisa? . . . Por mais que a desprezasse, porém, e alimentasse constantemente esse desprezo, sabia que ela não era muito propensa a carne fresca, sobretudo uma tão evidentemente acessível como essa. Clarisse olhava-o.

— Estava me procurando?

— Divertiu-se muito com suas amiguinhas? — perguntou Eric sem responder. — Ouvia-se seu riso do salão.

— Espero que não tenhamos prejudicado seu pôquer ■— disse ela com ar demasiado preocupado.

Lançou-lhe um olhar rápido, mas ela lhe oferecia um tosto liso, policiado, seu rosto de moça da família Baron, o rosto que lhe dera tanto trabalho para decompor, o rosto uso, impecável, indiferente a tudo o que não fosse seu conforto, seus usos, um rosto da burguesia triunfante e sem piedade que Eric lhe ensinara pouco a pouco, achava, a detestar até mesmo nos seus.

— Não, você não nos atrapalhou, ou antes, você não perturbou a manobra do nosso parzinho de trapaceiros. . .

— Que parzinho?

— Estou falando do *cowboy* avantajado e do gigolô lourinho que lhe faz companhia. Devem fazer o rodízio dos navios a dois!. . . Por que você está rindo?

— Não sei — disse, tentando reter o riso. — A idéia desses dois homens formando um par é cômica.

— Não estou dizendo que dormem juntos. — Eric se enervava. — Estou dizendo que trapaceiam juntos, e até que elaboraram uma técnica inigualável.

— Mas eles nem mesmo se conheciam! Ouvi-os falar dos respectivos liceus e descobri mesmo que tinham uma província em comum, ontem à noite em Por to-Vecchio.

O riso de Eric soou agastado.

— Lógico, pois você estava ouvindo.

Clarisse corou subitamente. Era como se ficasse envergonhada por eles. Por Julien, sobretudo, pensou. Seria para melhor depenar Eric que Julien Peyrat lhe deixava a cabina e as garrafas à vontade? Isso lhe dava uma impressão desagradável, um mal-estar quase físico, ao mesmo tempo que uma tristeza apenas esboçada. . .

Ela estava sentada na cama e tornava a se pentear maquinalmente diante do espelho do armário aberto. Arrumava as mechas de cabelo e se examinava sem prazer aparente, mas também sem constrangimento. E Eric sentia de repente ímpetos de lhe bater ou de obrigá-la a descer à força na próxima escala. Era isso, ela lhe escapava, mas no vazio. E esse era o perigo. Ele o arrasaria rapidamente aos olhos dela, se se tratasse de outro homem. Mas de fato não via quem naquele navio pudesse ter despertado a mulher nessa Clarisse adormecida e aterrorizada. . . A menos que fosse Andreas. . . Parecia impossível. Mas tudo era possível com uma neurótica. Tentou:

— Você sabe que não tem qualquer chance, minha querida, com suas solicitações, modestas naturalmente, mas ridículas. De qualquer forma seriam inúteis; está ocupado com outros projetos mais proveitosos ou mais tentadores aos seus olhos.

— Mas de quem você está falando?

Eric se pôs a rir. Já lhe acontecera simular assim desprezo e ciúmes enojados. Chegara mesmo a fingir, para humilhá-la mais, acreditar que estivesse apaixonada por personagens tão desprezíveis que só lhes prestar atenção já seria desonroso. E todas as vezes Clarisse se afobara, se debatera. Negara com indignação e desespero na época.

Não tivera essa voz pacífica e um pouco fatigada para responder, como agora:

— Não sei de quem você está falando. — Empalideceu, porém. Levou a mão ao pescoço, num gesto habitual. Olhava-o incerta, já resignada, pronta para um novo golpe, mas sem compreender por quê. Não, ele se enganara; ela nada tinha a ver com o gigolô. (Ainda bem.) Sossegado, lançou-lhe um sorrisinho igualmente tranqüilizador.

— Tanto melhor, afinal; ele tem quase dez anos menos do que você. É muito — acrescentou, antes de mergulhar no jornal, não muito orgulhoso da última frase.

Mas teria ficado ainda menos satisfeito se tivesse visto a expressão de alívio no rosto de sua mulher-palhaço e a cor que lhe voltava por baixo da pele com o oxigênio, o sangue e a esperança.

Dez minutos mais tarde, no banheiro, Clarisse inundava o rosto com água fria com violência; tentava esquecer esse segundo de felicidade e mesmo chamá-lo de outra maneira; tentava negar que de certa forma teria caído em desespero se Julien tivesse ficado tentado por uma outra mulher; e isso, fossem quais fossem suas razões; mesmo que ele mal levantasse os olhos para ela quando estavam diante um do outro. Naquela mesma manhã encontrara uma rosa vermelha no copo que a esperava perto da garrafa de Haig na cabina 106, e agora se espantava (graças a Eric) de ter achado esse gesto simplesmente encantador.

Chegavam a Capri, onde, segundo o programa, os passageiros seriam esperados com um *vol-au-vent* Curnonsky, duas sonatas de Mozart e *lieds* de Schumann, e na mesma noite, para os mais aventureiros, uma volta pela ilha. Era em geral uma regra de ouro no *Narcissus* não descer nas escadas. Admitia-se que todos conheciam esses portos célebres, ou pelo menos já os teriam visto num iate particular. Era exatamente o que Edma Bautet-Lebrêche

explicava a Simon Béjard, ainda novo o bastante para fingir algum entusiasmo por essas cidades soberbas. Ele esperava que seu interesse pela cultura, pelo menos pelas coisas culturais, o fizesse ser bem visto, quando, pelo contrário, desacreditava-o, pois deixava supor a incultura deliberada da pobreza. Mas, curiosamente, esse mecanismo era tão explorado e fora tão sistemático naquele navio, que Simon pareceu a Edma ingênuo, original e um bom sujeito.

— O senhor não conhece de todo a bacia mediterrânea, sr. Béjard — informava-se Edma Bautet-Lebrêche com uma solicitude espantada (como se ele tivesse declarado jamais ter sido operado de apendicite). — Mas então o senhor vai descobrir tudo isso de uma só vez! — continuou, com um ar de inveja que soava como pena. — O senhor sabe que o Mediterrâneo é admirável. . . — assegurou, abrindo os "as" ao máximo e rindo ao mesmo tempo para melhor mostrar que ela os abria muito conscientemente. — Perfeitamente admirável — recomeçou, mais docemente, com uma voz quase terna.

— Mas estou certo disso — falou Simon (sempre otimista em relação a tudo). — E seria melhor que fosse, hem? Se os Cruzeiros Pottin fixaram preço para o cruzeiro. . . não seria para mostrar usinas de gás abandonadas, não acha?

— Evidentemente que não — admitiu Edma, um pouco decepcionada com esse pesado bom senso. — Evidentemente que não. . . Diga, meu caro amigo. . . posso chamá-lo de Simon? Diga-me, meu caro Simon — recomeçou a impaciente Edma —, o senhor mesmo, que benefício pensou tirar deste cruzeiro? Em outras palavras, por que o senhor embarcou nele? Isso me intriga. . .

— A mim também — respondeu Simon, de repente pensativo. — Não sei, para dizer a verdade, o que estou fazendo aqui. . . Na partida era. . . para. . . enfim, Olga não gostava de Eden Roc, nem de Saint-Tropez, então. . . E depois, é curioso, não pensava gostar deste

cruzeiro e no final. . . hem? Não é nada mal o que eles tocam todas as noites. . . Não é realmente nada mal. . .

"Fiquei ao mesmo tempo aterrorizada e divertida", deveria mais tarde contar Edma em seu salão da Rue Vaneau, "mas também vagamente enternecida, confesso. . . sim, sim, sim." (Muitas vezes ocorria a Edma contrariar objeções inexistentes.) "Sim, sim. . . fiquei enternecida. Porque afinal ali estava um homem simples, um ambicioso sem escrúpulos, vivendo para o dinheiro, pelo dinheiro, com o dinheiro; um grosseirão, pois é, ele também. . . E por um acaso extravagante, ou antes graças a um esnobismo da *starlet* que o explorava, ei-lo descobrindo a música. . . a grande Música, e ei-lo que se comove obscuramente, ei-lo que descobre uma espécie de terra desconhecida. . . uma escala que ele não previra.. ." (E nesse ponto a voz de Edma baixaria a um sussurro e seus olhos se perderiam nas chamas da lareira, se houvesse alguma, naturalmente.)

Mas naquele momento não era unicamente a compreensão que orientava Edma, era também uma ironia para a qual lamentava não haver mais espectadores.

— De início, você teria preferido Saint-Tropez, caro Simon? Você deve ainda assim se aborrecer um pouco neste navio, afinal, sem sua fauna de costume. . . E não há nada de pejorativo nesse termo de fauna, acredite-me. Todos nós temos a nossa. . .

— Isso eu imagino. . . A senhora também não deve estar muito encantada — completou Simon com uma convicção excessiva, na opinião de Edma.

— Então é sua Olguinha que gosta da grande Música, portanto? Se estou compreendendo bem. . . Eu, na sua idade, também tinha avidez, desejos de tudo, os de todos os jovens, mas não me

desculpava. Tinha mesmo certo orgulho de meus desejos, de minhas loucuras. . . E Deus sabe. . .

E agitou uma mão esgotada por quarenta anos de festas e orgias. Não pôde, portanto, torcer o nariz nem se zangar quando Simon, com a mesma convicção acentuada agora por um ligeiro assobio, de sentido equívoco, exclamou:

— Ah, e aí, então!... Aí também acredito. . . — o que deixou Edma embasbacada, suspeitosa, mas vagamente lisonjeada.

Aliás, Charley chegava com todas as velas ao vento, isto é, com a camisa de seda toda para fora. Porque se tornava mais lânguido com o decurso das longitudes, sua natureza desabrochava com o calor; iniciada a viagem de azul-marinho e colarinho duro, chegava geralmente a Palma, última escala, em camisa colorida e alpercatas, ou mesmo com um único brinco na orelha esquerda, para dar um ar de pirata.

Mas ali, era apenas a terceira escala, e sua extravagância se limitava a uma jaqueta de seda pura de um branco ligeiramente quebrado, em lugar do seu *blazer* azul. Exultava visivelmente.

— E eis-nos em Capri! Sr. Béjard, o senhor também vai descer? Acho que praticamente todo o navio vai dançar um pouco, para variar. . . Depois do recital, lógico — acrescentou, com ar piedoso.

De fato, entre as escalas a terra geralmente desprezadas pelos passageiros, só Capri beneficiava-se de uma espécie de liberação para uma farra, de que se aproveitavam maciamente mas com grandes gritos, todos fingindo descer só para rir, procurar um corpo irmã, ou um corpo irmão ou primo, como se a confissão dessa caçada a tornasse vã de saída, e como se todos, se ainda estivessem na idade de o fazer, não sonhassem, antes dos perigosos árabes e dos selvagens espanhóis, com uma aventura italiana. Capri era o último local da civilização no sentido de "orgia" e da orgia no sentido "bonacheirão". Por esse motivo não era raro que, em Capri,

o navio ficasse vazio à noite, ou quase, com exceção de alguns velhos bem guardados pelas suas enfermeiras ou alguns marinheiros de plantão. Deviam ficar, uns e outros, no tombadilho, como crianças de castigo olhando lá embaixo brilharem as luzes da cidade e seus prazeres. Deviam também suportar o passo do comandante Ellédocq, que, durante toda a escala, palmilhava o tombadilho com raiva e inquietação, devastado por uma lembrança longínqua mas bem viva na sua cabeça: como o fantasma de Hamlet, ele estava certo de, cada vez que pusesse os pés na Piazzetta, encontrar ali a imagem de Charley; Charley de saia de cigana, com um cravo nos lábios, todo arqueado nos braços de um rude habitante local.

— Certamente que vou — disse Simon Béjard com mais firmeza ainda, porque Olga há dois dias o exortava a não fazê-lo. — Certamente que vou, não conheço Capri. Mas antes da farra vou me alimentar — acrescentou, dando um estalo amigável no lugar presumível do estômago, o que fez a elegante Edma Bautet-Lebrêche e o sensível Charley Bol-linger desviarem os olhos. — Tanto mais que desconfio que hoje vai ser divertido — acrescentou, levantando-se.

E ao sol poente, as rosas de sua camisa e o colorido de seu rosto estimulado pelos últimos dias de sol formavam um camafeu impressionante, no limite do trágico.

— Por que especialmente divertido? — perguntou Edma, cuja curiosidade superava sempre o desprezo, mas que ficava a cada vez aborrecida consigo mesma depois pelas perguntas triviais que fazia. . . Mas, ainda assim, menos do que ficaria se não tivesse obtido a resposta.

— Pode ser uma farsa — explicou Simon, jovial —, porque quase sempre em cada um dos casais há um que quer ir a terra, enquanto

outro quer ficar. Como, além disso, esta noite vamos nos sentar todos na mesma mesa, pode haver barulho.

De fato, desde a primeira noite, os hóspedes tinham se sentado maquinalmente quase na mesma ordem, mas, desta vez, ficariam em torno da mesa do comandante, prolongada, porque o prestígio da mesa de Ellédocq tornara-se subitamente superior ao da mesa de Charley, graças ao entrevero Doríacci/Kreuze.

— Mas — disse Edma — o senhor se engana. . . Armand Bau. . . meu marido está encantado de rever Capri.

— Seu marido é uma coisa — disse Simon, com uma reverência cômica. — Seu marido não a perde de vista, ele é louco pela senhora. . . É Otelo, esse homem. . . E a gente o compreende, não é, meu velho? — acrescentou, lançando uma palmada magistral nas costas de Charley, dolorosamente abalado, sem que Edma Bautet-Lebrêche parecesse também apreciar esses cumprimentos com justiça. — Mas afora você, o intelectual de esquerda também quer ir, por exemplo, e isso aborrece Clarisse! Eu vou, e Olga não quer ir! A Doríacci vai também e o gatinho louro parece hesitar. Ellédocq não vai e Charley vai, então! . . .

Não percebera a pequena careta de sofrimento, real desta vez, que deformara o lábio superior de Charley ao enunciado de um desses casais, mas Edma, muito sabida, e solidária, desta vez apressou-se a reparar a gafe, porque via Charley Bollinger em muito maus lençóis nesse cruzeiro. O belo gigolô, o belo Andreas, cada vez mais bonito com o correr dos dias, estava literalmente fascinado pela Diva, suas pompas e seus faustos. Trotava atrás dela como um gato-do-mato, carregava seus cestos, seus leques, seus xales, mas sem que ela nem mesmo parecesse perceber. Como gigolô, sua carreira parecia começar mal, do mesmo modo que a de Charley, como amante satisfeito.

— Ora — disse —, não se faça de mais ingênuo do que é, sr. Béjard. . . Caro Simon, perdoe-me. Você sabe muito bem que o coração do belo Andreas tem motivos profissionais, e o senhor não vai afinal falar desse animal feroz, Ellédocq, e do nosso delicioso Charley como de um par, não é?

— Mas eu não dizia isso. . . — retrucou Simon, virando-se para Charley com ar contrariado. — Nunca quis dizer isso — recomeçou, com calor. — O senhor sabe muito bem, meu velho. . . Todas as mulheres a bordo estão loucas pelo senhor, então não vale a pena eu me desculpar. . . Ah! Tem sorte de ser o comissário de bordo neste navio cheio de mulheres desocupadas! Ignoro qual é o seu *score*, meu velho, mas deve ser bastante brilhante, hem? Estou enganado? Bendito farsante! — acrescentou com uma nova palmada vigorosa, e partiu rindo para mudar de roupa, anunciou ele, importante, deixando seus interlocutores perplexos.

— Decididamente, só gosto de espaguete *al dente*. E o senhor, meu caro amigo?

— Eu também — respondeu tristemente Armand Bautet-Lebrêche, que mal tivera tempo de ajustar sua dentadura de forma discreta, antes de responder à Doriacci.

Ela o contemplava comer havia cinco minutos com uma fixidez alarmante; ou que teria sido alarmante para alguém que não fosse Armand, mergulhado numa avaliação comparada das variações da Bolsa da Engine Corporation e da Steel Mechanics Industry, e isso fazia três horas.

— *Al dente* quer dizer não cozido ou o quê? — perguntou Simon Béjard com voz triunfante.

Graças a alguma loção capilar conseguira por milagre achatar os cabelos rebeldes e avermelhados de modo impecável sobre o crânio rosado; vestia um *smoking* de sarja escocesa azul-escuro e verde-água do mais gracioso efeito e cheirava a loção após barba de Lanvin a dez passos. A discreta Clarisse, sua vizinha, parecia incomodada.

O triunfo de Simon, muito pessoal e muito apreciado, é preciso dizê-lo, tinha de bom impedi-lo de ver os olhares trocados à mesa por Eric Lethuillier e sua bela Olga. Tinham-se encontrado na porta do bar uma hora antes, e Eric teria parecido irresistível em sua jaqueta de linho bege, camisa e *jeans* azul-claro, com o belo rosto queimado de sol e os olhos azul-da-prússia divertidos e autoritários.

— Encontro-a esta noite em terra — dissera entre dentes segurando-a pelo cotovelo e apertando-lhe o braço entre os dedos duros tão virilmente que a magoara. "O desejo torna-o desastrado. . .", encaixara imediatamente Olga. "Ele sorria mas tremia e tinha ao mesmo tempo aquela falta de jeito tão tocante e perturbadora que é responsável pela atitude fogosa mas controlada dos homens maduros."

Esta última frase a tinha entusiasmado de tal modo que descera precipitadamente à cabina para transcrevê-la no caderno, o grande caderno com cadeado que escondia na mala e que erroneamente acreditava ser objeto de mil pesquisas de Simon. Por essa razão,

chegara atrasada à mesa, mas um pouco despenteada, ofegante, bem queimada, com uma ligeira expressão de culpa que lhe dava, enfim, a aparência jovem. E os convivas em unanimidade a tinham olhado com admiração, com algumas diferenças, certamente, mas verdadeira. — Um belo pedaço de mulher, essa puta — resmungara Ellédocq entre dentes, mas bastante alto, contudo, para que a Doriacci o ouvisse, solicitando em voz alta que ele repetisse, com o único objetivo de aborrecê-lo. Ele corou e seu mau humor aumentou, quando Edma Bautet-Lebrêche lhe pediu fogo com ar meloso e cúmplice.

— Eu não fumo! — dissera energicamente num silêncio infeliz, atraindo olhares irônicos e severos. Teve que suportar a réplica graciosa de Edma, ostensivamente chocada, mas sorridente.

— Que isso não o impeça de me oferecer fogo! — sussurrara com a voz desarmada. E mais uma vez ele fizera figura de malandro, enquanto Julien Peyrat, aquele valentão, estendia o isqueiro à pobre vítima. Com isso a conversa se perdera por diversos campos incompreensíveis ao comandante. Abordara a inteligência dos delfins, os arcanos da política, a má fé dos russos e os escândalos do orçamento da cultura. Tudo isso com muito brilhantismo até a sobremesa, quando cada um, pretextando qualquer coisa, descera até a cabina para dar um último jeito nos cabelos para poder partir diretamente depois do concerto para aquela ilhota-bordel chamada Capri. Para grande surpresa de Ellédocq, só restou um homem à mesa, que parecia mesmo decidido a não se reunir àquele rebanho lúbrico: Julien Peyrat. Fizera ao capitão algumas perguntas muito pertinentes sobre navegação, o *Narcissus*, o interesse das escalas, etc., e subira na cotação do chefe de bordo. Naturalmente fora preciso que essa conversa viril, dessa vez um pouco interessante e isenta de hipocrisia ou de tolices, fosse interrompida pelo concerto. . . Mas a alusão apenas velada do capitão ao lado maçante desse

recital ficara sem eco. Ou esse cara simpático e aparentemente normal amava na realidade a música, e então ele cessava de ser normal aos olhos de Ellédocq, ou então representava um estranho papel. Meio seduzido, meio desconfiado, Ellédocq seguiu-o pesadamente até o local do sacrifício.

A Doriacci começou o concerto com um ar apressado, cantou a toda a velocidade duas ou três árias com técnica e vivacidade incríveis, e parou de repente no meio de um *lied*, recomeçando com outro, sem mesmo se desculpar, mas com um sorrisinho de conivência que lhe valeu mais aplausos do que toda a demonstração precedente, aliás maravilhosa, de sua arte vocal. Kreuze sucedeu-lhe, mas com uma obra interminável, ao que parece de Scarlatti, impecavelmente executada, mas com uma tal ausência de efeito (ausência contudo meritória) que Ellédocq paradoxalmente indignado pôde ver se esquivarem uns depois dos outros, até seus passageiros da primeira classe. Todos os outros melómanos convictos tinham desertado naquele ponto alto da música. Saudado por magros aplausos, Kreuze inclinou-se como se diante de uma multidão, com sua arrogância dessa vez justificada, e desapareceu na sua cabina, seguido rapidamente por Armand Bautet-Lebrêche, que parecia muito alegre pelo seu abandono. Quando Ellédocq, por sua vez, deixou o local, só havia em torno do ringue luminoso duas silhuetas pensativas separadas por algumas fileiras de cadeiras: Julien Peyrat e Clarisse Lethuillier.

Julien estava imóvel na poltrona e, com a cabeça jogada para trás, olhava as estrelas no céu piscarem, e de tempos em tempos observava a queda de uma delas, brusca e bela, absurda e súbita como certos suicídios. Ele a viu, sem a ver levantar-se quando o *barman* apagou os quatro pontos de luz. Seguiu-a com os olhos enquanto se dirigia para o bar; não se moveu, mas esperava. Sem nada ter premeditado, parecia-lhe que a dupla presença solitária

naquela hora no tombadilho tinha sido combinada de longa data, que havia qualquer coisa de fatal na solidão do local e no seu duplo silêncio. Iam juntos a alguma parte, e estava certo de que, tanto quanto ele, Clarisse também não sabia para onde. Talvez para uma aventura breve e fracassada, entrecortada de soluços nervosos e de protestos, talvez para um ato bestial e vergonhoso, talvez para lágrimas silenciosas em seu ombro. Em todo caso, tinham um encontro marcado obscuramente desde que se haviam visto nesse mesmo tombadilho, por ocasião do coquetel de chegada, principalmente desde que a vira, cambaleante e ridícula, grotesca sob sua pintura multicolor, apoiada sem confiança no braço do seu demasiado belo marido. Clarisse tinha medo, ele sabia. Mas sabia também que iria voltar a se sentar perto dele sem que a menor arrogância se insinuasse em sua segurança. Nem era mesmo a necessidade dele, Julien, que a traria de volta a seu lado, mas a necessidade de alguém, não importa quem, outro que não fosse o bruto civilizado que desposara. Ele respirava lenta e profundamente, como antes de se sentar a uma mesa de *chemin de fer* ou de começar um pôquer trucado e perigoso, como antes de dirigir depressa demais de modo deliberado ou como antes de se apresentar sob nome falso a pessoas que poderiam reconhecê-lo e confundi-lo. "Respirava como antes de um perigo", pensou, e isso o fez rir. A conquista de uma mulher nunca lhe parecera até então um perigo, mesmo que mais tarde viesse a sê-lo.

Clarisse precisou de meia hora para chegar perto dele, meia hora que passou bebendo, muda, de olhos fixos diante de um rapaz intimidado por ela e espantado por sentir-se assim, porque Clarisse Lethuillier fazia em geral os *barmen* sorrirem com um sorriso irônico ou compassivo conforme o caso, a hora e o número das bebidas consumidas que lhe haviam servido. Fumava também a grandes baforadas, violentas, que rejeitava logo depois em longos

atos pueris, como se tivesse aprendido a fumar naquela mesma manhã. Mas apagava os cigarros com um ar de despeito após três ou quatro dessas baforadas. Bebera três uísques duplos e esmagara vinte cigarros, depois saiu do bar, deixando uma gorjeta ao garçom incompreensivelmente inquieto por ela. Gostava de Clarisse, como aliás o resto do pessoal de bordo. Ela lhes parecia, como eles próprios, em estado de inferioridade oficial em relação aos outros passageiros. Tropeçou ligeiramente numa cadeira na semi-securidão ao chegar perto de Julien, que se levantou instintivamente, mais por preocupação de segurá-la do que por cortesia. Ela se deixou cair numa cadeira vizinha e, olhando-o no rosto, pôs-se a rir de repente. Estava despenteada, até mesmo um pouco embriagada, pensou Julien com uma tristeza moralizante que não conhecia.

—Você não foi com os outros a Capri? Não lhe agrada? — perguntou docemente, enquanto a ajudava a apanhar a bolsa e os diferentes objetos acumulados em desordem no seu interior e que luziam no chão aos pés deles: uma caixa de ouro para pó-de-arroz, que devia valer uma fortuna, demasiado pesada para ela, com suas iniciais em brilhantinhos incrustados, um estojo de batom idêntico, chaves não se sabia de onde, algumas notas amassadas, a foto de um castelo desconhecido num cartão-postal, cigarros amassados, uma caixa rasgada de Kleenex e a inevitável caixa de pastilhas de hortelã, o único dos objetos que ela tentou esconder-lhe.

— Obrigada — disse, endireitando-se muito depressa, mas não o bastante para que ele deixasse de sentir, ao mesmo tempo que seu perfume, um perfume verde e teimoso, para que ele deixasse de sentir o odor de seu corpo aquecido pelo sol do dia e como que condimentado pelo odor muito leve do medo, que Julien reconhecia entre todos, odor familiar aos jogadores. — ■ Não, Capri não me diverte. . . enfim, já não me diverte. Mas me divertia muito,

antigamente. — Olhava à frente, e cruzara as mãos nos joelhos, ajuizadamente, como se ele a tivesse convidado a uma conferencia e ela se tivesse instalado para passar algumas horas.

— Nunca vim para cá — disse Julien. — Mas era um dos meus sonhos familiares quando tinha dezoito, dezenove anos. Queria ser decadente. . . Engraçado, não?, para um rapaz de dezoito anos. Queria viver como Oscar Wilde, com galgos afegãs e aqueles enormes carros De Dion-Bouton daquela época e fazer correr cavalos italianos no hipódromo de Capri. . .

Clarisse começou a rir ao mesmo tempo que ele, que, encorajado, continuou:

— Ignorava naturalmente que Capri era um penhasco sem a menor superfície plana e ignorava também que Oscar Wilde não gostava das mulheres. . . Acho que foi essa dupla decepção que me impediu até hoje de vir aqui e talvez seja essa lembrança que me impede de descer a terra hoje.

— Mas são lembranças. Tive muito sucesso aqui aos dezenove, vinte anos. Mesmo na Itália, a fortuna dos Baron era conhecida, e me faziam uma corte assídua. Naquela época não era vergonhoso ser a herdeira dos Baron. . .

— Agora também não, espero — falou Julien em tom ligeiro. — Não é mais vergonhoso nascer rico do que pobre, que eu saiba.

— Acho que sim — disse ela seriamente. — Por exemplo — continuou com volubilidade de repente —, você, que é avaliador, deve gostar de pintura, não é? Não lhe parte o coração vender obras-primas a burgueses, a ricos que só sonham em se enriquecer ainda mais graças a essas telas. . . e que vão fechá-las num cofre forte logo que voltarem para casa, sem mesmo olhar para elas?

— Nem todos fazem isso. . .

Mas Clarisse cortou-lhe a palavra sem ouvi-lo:

— Meu avô Pasquier, por exemplo, tinha uma soberba coleção de impressionistas. Comprara tudo por uma bagatela, naturalmente: Utrillos, Monets, Vuillards, Pissarros. . . tudo isso por três francos, segundo dizia. Os grandes burgueses sempre conseguem pechinchas, você reparou?. . . Chegam até a comprar o pão mais barato do que a zeladora. E ainda por cima ficam orgulhosos disso.

..

Começou a rir, mas Julien guardou silêncio, e ela se virou diretamente para ele, como que irritada.

— Você não acredita?

— Não acredito nas generalizações. Conheci burgueses encantadores e burgueses infames.

— Então teve sorte — disse brutalmente, com uma voz cheia de cólera.

Levantou-se, dirigiu-se para a amurada, um pouco ereta demais, como que para disfarçar seu desequilíbrio etílico. Julien seguiu-a maquinalmente, apoiou-se à amurada a seu lado e, quando virou a cabeça, percebeu que ela chorava descontroladamente, com grossas lágrimas que lhe escorriam pelas faces sem que ao menos parecesse notá-las, lágrimas que ele adivinhava quentes, curiosamente, só pela forma: lágrimas esticadas, escorridas, oblongas, lágrimas de raiva semelhantes à fumaça de seus cigarros, que não tinham aquela forma redonda perfeita, aquele lado cheio e quase sereno que têm os anéis de fumaça bem-estudados e as lágrimas das crianças quando as decepcionamos.

— Por que você está chorando?

Mas ela se deixou ir para junto dele, encostando a cabeça em seu ombro como se estivesse apoiada numa árvore ou num lampião de rua, ao acaso.

Exceto pela luz que vinha do bar e que iluminava o tombadilho onde estavam um segundo antes, luz que chegava de lado, luz vaga, furtiva, luz equívoca, eles estavam no escuro. E só o farol da ilha cortava por vezes essa escuridão, passava pelos seus rostos por dois ou três segundos antes de tornar a partir no seu círculo maníaco. Mas só mostrava a Julien, de cada vez, o cimo da cabeça de Clarisse, pois ela a mantinha obstinadamente abaixada, como uma cabra teimosa, contra o ombro dele, com os ombros sacudidos por pequenos espasmos regulares, quase tranqüilos na sua regularidade. Era um desgosto desesperado e pacífico ao mesmo tempo, um desgosto que vinha do fundo dos tempos e também um desgosto por nada. Era um desgosto inútil e inextinguível, uma loucura e uma resignação. E, para sua própria surpresa, Julien sentiu-se pouco a pouco invadido pelo tranqüilo impudor desse desgosto, pelo silêncio que ela guardava quanto às suas causas enquanto soluçava no ombro desse desconhecido que era ele, silêncio pior, enfim, que todas as explicações, silêncio unicamente rompido pelas fun-gadelas e o ruído dos Kleenex que ela rasgava para secar as lágrimas com gestos rudes de adolescente.

— Vamos — disse, perturbado, inclinando-se para a cabeça acabrunhada —, vamos, não chore assim. . . É bobagem, vai sofrer com isso — acrescentou tolamente. — Por que você está chorando assim? — insistiu, sussurrando.

— É tolice. . . — respondeu, virando o rosto para ele. — Tolicice. . . mas eu sou tola. . .

O farol passou então sobre seu rosto, e Julien ficou petrificado. A maquilagem tinha cedido sob as lágrimas e os Kleenex, e como os bastiões de uma cidade tinha-se esboroadado, diluído, afundado. Dessa maquilagem espessa e barroca, quase obscena, surgiu um novo rosto, um rosto desconhecido e soberbo que a luz vaga, vinda de viés, esticava e sublinhava de uma maneira implacável e trágica,

à qual poucos rostos teriam resistido: mas ali estava um rosto de eurasiata, com ossatura perfeita, olhos muito longos, muito diretos, puxados do nariz para as têmporas, apesar da ausência de qualquer máscara, olhos de um azul pálido de maçã de *Gauloises* sob os quais se distinguia uma boca marcada, arqueada para cima, ávida e triste embaixo, uma boca ainda úmida das lágrimas. Julien se viu beijando aquela boca, inclinando-se sobre ela, com o nariz nos cabelos dessa mulher louca e ébria, mas cuja loucura de repente lhe era completamente indiferente, tão preocupado estava com o contato dessa boca tão resolutamente cúmplice da sua, tão definitivamente amigável, complacente, generosa, exigente, sorradeira.

Uma verdadeira boca, dizia-se ele no escuro, "uma boca como as de vinte e cinco anos atrás, quando eu próprio tinha vinte anos e beijava as moças pela portinhola dos carros e sabia que ficaríamos por ali e que esses beijos eram o cúmulo do prazer acessível a mim; e, de fato, esses beijos me deixavam cumulado de felicidade e ao mesmo tempo doente de saudade!

Nos últimos vinte anos tinha havido muitas bocas e muitos beijos, promissores ou apaziguadores, beijos antes e beijos depois, mas todos cronologicamente situados. Nunca mais houvera, nunca mais de fato, beijos inúteis, gratuitos, finais em si mesmos, beijos fora do tempo, fora da vida, quase fora do sexo e do coração, beijos nascidos do puro desejo de uma boca por outra. "Os beijos verdes, apertados, beijos gulosos da juventude", cuja descrição por Montaigne o emocionara, e cujo gosto encontrava ali, naquela noite, na boca de uma mulher da sociedade ligeiramente ébria. Era risível, mas ao mesmo tempo ele não podia se separar daquela boca. Inclinando o rosto à direita, à esquerda, seguindo os movimentos do pescoço dela, só tinha um pensamento, um, objetivo: nunca mais se separar daquela boca, apesar da posição absurda, inclinada,

sentindo cãibra nas costas, essa boca que a sua cabeça cobria de qualificativos, que felicitava e declarava fraternal, maternal, corruptora, confiante e a ele destinada desde sempre.

— Espere — disse ela afinal.

Afastou-se dele, jogou a cabeça para trás, apoiada na amurada, mas com o rosto em sua direção e os olhos abertos. Julien não podia se afastar, perdê-la de vista, nem sair daquela sombra, porque quebraria então alguma coisa, algo eminentemente frágil e que deveria ser inquebrável. Não fosse assim, ela ia recuperar o controle, esquecer que era bela, ou então seria ele que esqueceria de desejá-la tanto. Alguma coisa adejava entre eles sob aquela iluminação lívida, alguma coisa que se desvaneceria se deixassem de se olhar nos olhos um só instante.

— Caminhe um pouco — disse. — Apóie-se aqui. Conduzia-a para a parede do bar, apoiava-a ali, sustinha-a com os braços, em suma, instalava-a na sombra de si próprio. Sentia-se ofegante, seu coração batia devagar, pensava vagamente que só recuperaria a respiração na boca de Clarisse; mas não podia se mover, e ela também não, naturalmente, pois podia ver Julien no escuro, como um cego ou uma criança, a oferecer-lhe o rosto impaciente e triunfante, que ela não tocava. Ele olhava a mancha branca daquele rosto tão longe e tão perto, agora indistinto, vago e tão recentemente posto a descoberto, aquele rosto tão ameaçador e tão desejável na sua proximidade, aquele rosto que já era uma lembrança daquele que já possuía uma imagem para sempre gravada em sua memória, tal como o vira ainda agora contra a amurada, quando se inclinava para ele, um rosto visto naquele ângulo preciso, naquela iluminação precisa, rosto que jamais veria de verdade, e de que já, furtiva, insolentemente, se permitia ter saudades, até mesmo preferia aos mil outros que o esperavam naquela mancha branca, vaga, ali, aquela mancha indecisa que podia não ser nada. Que não seria nada

se não houvesse aquela boca sob a sua e a câmara do desejo imediatamente desencadeada diante de Julien. Era a vida sensível, e a possibilidade oferecida a essa vida de ser qualificada feliz ou infeliz; o risco também de nada mais valer como tal, de só ser estimado ou suportado em função de outros olhos: os olhos de Clarisse. Esses olhos independentes, estranhos a Julien, à sua infância, esses olhos indiferentes, ignorantes dos segredos ainda existentes entre Julien e si próprio durante muitos anos, ainda acumulados e cuidadosamente dissimulados; e não forçosamente por covardia, mas em geral por decência ou por gentileza; todas essas barreiras, esses véus, essas acomodações que Julien interpusera entre sua vida e sua própria visão de sua vida; máscaras e caretas que se tinham tornado instintivas, mais verdadeiras talvez, na sua recusa da verdade e mais profundas no seu gosto pela mentira que muitos outros instintos vindos da infância e pretensamente naturais. Essas máscaras, ele já recusava negá-las, rasgá-las mesmo com a ajuda de uma outra. Recusava-se a apagar qualquer traço dessa coabitação vergonhosa e culpada consigo mesmo, sob o pretexto de participação, de sinceridade. A menos que, e isso seria o pior e mais desejável, talvez, essa ligação inconfessável entre ele e si próprio permanecesse inconfessa. Essas máscaras de papelão seriam beijadas em plena boca, e esses cabelos falsos, alisados por mãos quentes. Então ali, ele sabia, ao abrigo dessas comédias ele se aborreceria, não amaria e estaria salvo.

E já apegado a esta última hipótese, atroz, provável, Julien respirava aliviado, quase lamentando o tempo feliz em que poderia cortar todas as amarras, entregar seu coração e deixar que alguém desse sentido a sua vida, isto é, um tom. E Julien, desolado diante de sua impossibilidade de amar, enfermidade quase gloriosa pois colhida

nos campos de batalha, Julien ofereceu na 'escuridão, com os olhos fechados, um rosto impaciente e triunfante. Mas, no momento de o rosto de Clarisse se aproximar do seu, Julien pôde ter saudades do amor. Se ele amasse, o seu futuro se povoaria, as ruas, as praias, os sóis, as cidades voltariam a ser reais, desejáveis mesmo, pois seriam mostrados compartilhados. A terra, aceita como redonda, tornar-se-ia plana, aberta como a palma de uma mão a percorrer, os concertos se repetiriam, os museus se reabririam, os aviões reencontrariam seus horários. E se amasse, ser-lhe-ia possível tanto compartilhar de todos esses tesouros, como esquecê-los deliberadamente, desdenhá-los por um quarto de hotel, uma cama, um rosto. E se amasse, seu passado, essa história um pouco fora de moda, mas decente, inenarrável, seu passado morto com a mãe, a única que desejara contar-lhe até o fim essa infância, tirá-la da sua banalidade para dela fazer uma série de acontecimentos originais, o seu próprio passado deveria ressuscitar e se apresentar impetuoso, intransigente, como o adolescente que se esforçaria por descrever e criar, toda memória falseada e toda recordação adulterada. Mas, definitivamente, Julien nunca seria mais sincero do que nessas mentiras, pois, procurando seduzir Clarisse, o que revelava em profundidade era o que o seduzia aos olhos dele, Julien. O que ele esboçava, assim, através de um adolescente exemplarmente falso, era o adulto em que se tornara, e com tanto mais certeza por serem seus sonhos que ele assim descobria, seus sonhos e seus arrependimentos, únicos reveladores irrefutáveis de um homem. Pontos de referência bem mais confiáveis que as realidades; realidades que, como sempre, iriam parar como troféus duvidosos nas planas páginas de um calendário, onde seriam datadas, certificadas, reconhecidas pelos burocratas esclerosados da memória ou do julgamento moral. Através dos falsos relatos e dessas anedotas falsas, seria a verdadeira vida sensível de Julien que ele poderia afinal contar, vida que ele delineara, afinal, lógica,

plana, estimável e finalmente feliz; porque para Julien não era das menores forças do amor a que o obrigaria a, todas as vezes, apresentar ao ser amado o reflexo de um homem feliz. Queria ser feliz, alegre, livre, forte. Que o amassem pelas suas desgraças, parecer-lhe-ia um insulto a sua virilidade, pois Julien gostava tanto dos prazeres do amor como dos seus deveres. Foi, pois, contemplando essa imagem de si mesmo, essa imagem generosa e sentimental, que Julien recebeu nos seus lábios o beijo apenas apoiado de Clarisse. Só quando Clarisse se reergueu foi que a terra balançou, e tudo se tornou outra vez possível e infernal, pois, correndo para a luz, Clarisse já fugia, e era a primeira a dizer:

— É preciso não recomeçar.

A terra balançava um pouco sob os pés dos passageiros após apenas três dias de cruzeiro.

— Vai haver barulho na volta — observou Simon Bédard.

Edma Bautet-Lebrêche, embora ainda um pouco chocada com a forma da conversa dele, não deixava de se mostrar vagamente aprovadora quanto à sua essência. Esse rude bom senso depois dos comentários longínquos, fúteis e distantes de seus amigos mundanos, essa apreensão brutal da realidade, traduzida em termos joviais e crus, pareciam-lhe, afinal, os mais reconfortantes. E mesmo dos mais tolerantes, não tendo os sarcasmos brutais de Simon o menor laivo de maldade; em suma, Simon Bédard não estava longe de representar o *povo* para Edma Bautet-Lebrêche. Esse povo que ela não conhecia e do qual a tinha separado, tanto, se não mais do que seu casamento luxuoso, uma infância laboriosamente burguesa. Além disso, a admiração de Simon Bédard era contagiosa, de tão ingênua. Chegava mesmo a ser comovedora, por momentos.

— Ah! isto aqui. . . — dizia, na charrete que levava em trote cerrado até a Piazzetta Charley, Edma e ele (Olga e Eric tinham preferido ir até lá de táxi).

— E um lugar soberbo! Vou voltar para filmar aqui! — resmungou num acesso de profissionalismo, mas sem grande convicção, pois, por uma vez, Simon não pensava em termos de utilidade, mas de gratuidade.

— Não é mesmo uma beleza? — disse Edma Bautet-Lebrêche, lisonjeada, imediatamente se apropriando de Capri e de seus encantos por um reflexo universal. — É bastante chocante, não? — acrescentou segundo o vezo próprio da alta sociedade e de certos intelectuais acrescentar um pequeno advérbio restritivo a um adjetivo flamejante. Era assim que ela achava Hitler "bastante abominável" e Shakespeare

"bastante genial", etc. O seu "bastante chocante" pareceu fraco a Simon, em todo caso.

— Nunca tinha visto um mar igual — disse. — Que bela puta<sup>1</sup>! Edma estremeceu; mas de fato o mar se estendia em todos os seus lençóis, do azul-noite ao azul-desbotado, dos púrpura flamejantes aos rosas impudicos, do negro ao cinza do aço, como uma cortesã, e se enlanguescia nessas cores misturadas com narcisismo e, sem dúvida, nos prazeres solitários de que a superfície cremosa e lisa, prateada, nada refletia.

— O que você acha da Piazzetta, Simon?

— Não vejo nada — resmungou. Porque a Piazzetta iluminada estava cheia de *shorts*, máquinas fotográficas, mochilas, entre os quais não via Olga nem Eric.

— Devem estar no Quisisana. o único bar tranqüilo do hotel. Vamos. Você vem, Simon?

Mas eles não estavam no Quisisana, nem no Número Dois, nem na

1 Em francês, a palavra "mar" ("met") é do gênero feminino. (N. do E.)

Piazzetta, em parte alguma, constatou Simon com a irritação crescente pouco a pouco transformada em decepção, em desgosto. Sonhara ver Capri com Olga, misturara seus sonhos de infância com a realidade da idade madura. Sentia-se ainda mais triste porque Edma e Charley, de início otimistas, confiantes, adotavam pouco a pouco um tom de pena, falavam-lhe afetosamente, riam cada vez mais alto de suas brincadeiras, cada vez mais raras, ou talvez mais ligeiras.

— Devem ter voltado para bordo — disse Edma, saindo da sexta boate e instalando-se num murinho baixo, com as pernas pesadas.

— Estou exausta. Devíamos voltar também, eles devem estar esperando por nós.

— Coitados. . . Talvez estejam mesmo furiosos! — disse Simon, amargamente. — Talvez seja preciso nos desculparmos! Eu também estou exausto — confessou, sentando-se perto de Edma.

— Vou buscar alguma coisa para beber, ali defronte — propôs Charley, a quem consolar o desgosto dos outros não consolava o seu, porque não encontrara nem traço de Andreas, apesar de suas perguntas indiscretas. E no entanto, com a beleza do rapaz, de braços com a Doriacci, não deveriam ter passado despercebidos. . . Ia aproveitar sua missão para interrogar Pablo, o *barman* do Número Dois, a par de tudo o que acontecia em Capri.

Charley partiu, pois, no seu passo dançante, um pouco juvenil demais, embora seu porte não correspondesse à marcha, não indicasse qualquer alegria, e Edma sabia por quê. "Ah! como estava divertido o passeio a Capri, entre esses dois corações partidos! . . ." Por uma vez felicitava-se por sua castidade voluntária. . . se não tanto voluntária, pelo menos deliberada.

Eric pegou o táxi e junto com Olga insinuou-se pelas ruas estreitas de Capri, sem mesmo chegarem a combinar qualquer coisa. Havia

um lugar muito bonito de que Eric se lembrava, que dava para o mar, a dois passos do Quisisana. Parou no Quisisana por um instante, confabulou com o porteiro e depois voltou para Olga com ar distraído. Apesar de sua grosseria permanente, Eric pensava que um pequeno preâmbulo sentimental era necessário, que não podia decentemente, sem o menor discurso, arrastar a jovem atriz para a cama. Ela não deixava de pensar nisso também. "Era tão comovedor, Fernande, ver aquele homem afinal tão seguro de si e de seus sucessos com as mulheres, vê-lo fazer tantos volteios para me confessar essa coisa tão simples, seu desejo. . . É porque ele é um homem que faz parte dessa geração deliciosa (e finalmente mais viril do que qualquer outra) que não se considera dono de um corpo de mulher no momento em que ela lhe agrada. Ficamos dez minutos trocando banalidades num terraço antes de ele se decidir. . . Você compreende? Estava comovida até as lágrimas..." Na verdade, Olga, habituada a investidas mais expeditas, principalmente naquele meio cinematográfico em que os heterossexuais convictos se disputavam como raridade, tinha temido de início que Eric fosse impotente. Depois, quando lhe falou com uma voz falsamente despreocupada: "Sinto desejo por você", com uma voz que ela acreditou sentir vibrar de desejo controlado, ela se dissera sem querer, com um pouco de ironia: "Já perdemos dez minutos". Uma hora mais tarde teria direito a dizer que fora na verdade uma hora perdida, tanto Eric se revelara expedito, brutal e irritado, em todo caso o menos interessado possível no prazer dela. Se não fosse o diretor do *Fórum*, ela o teria mesmo insultado muito trivialmente, mas essa auréola fez com que o achasse admirável de vigor e de uma pressa comovedora. Eric tornou a vestir-se em dois minutos, contente com esse sucesso, aliás fácil, e já se perguntando como Clarisse poderia ser informada do fato. Mas na porta Olga o deteve com uma mão pousada em seu ombro. Virou-se, espantado.

— O que foi?

Ela bateu com as pálpebras e murmurou:

— Foi divino, Eric. . . Realmente divino. . .

— Vamos recomeçar — declarou polidamente, sem qualquer convicção.

Tinham-se amado no escuro, e ele seria incapaz de dizer como era ela. Olga teve que insistir para que ele lhe oferecesse uma garrafa de *chianti* no terraço do hotel.

Andreas imaginava-se dançando, aliás com entusiasmo, um tango ou o *jerk*, nas boates da noite, mas se viu numa enseada totalmente deserta na qual um mar morto e transparente batia na escuridão.

— Vamos nos banhar — dissera a Doriacci, e ele a viu estupefato tirar os sapatos, o vestido, e os pentes. Viu seu corpo gordinho e indistinto passar como uma mancha branca diante dele e ir se debater no mar com gritinhos de alegria. Não imaginava nem por um instante a força interior daquela mulher para se expor nua, mesmo na escuridão, a um olhar que ela acreditava crítico. Ora, esse olhar já não era crítico: se ela tivesse o dobro do seu peso e mesmo que fosse feia, Andreas não o teria percebido. Estava há três dias penetrado de um sentimento que se assemelhava muito à devoção e que, percebia bem, não o ajudaria a provar sua virilidade. Às pinturas, os drapeados, o porte da Doriacci o tinham enchido até ali de um terror respeitoso, e assim, quando a viu debater-se na água com gestos infantis, quando aquele rosto marmóreo ficou coberto de cabelos molhados e a voz sonora se reduziu a gritinhos agudos provocados pelo frio, o terror cedeu em Andreas, diante do instinto de proteção: Andreas despiu-se, correu ao mar e chegou junto à Doriacci, atrain-do-a para seus braços e levando-a para a praia com decisão, como o soldado rústico que não tinha conseguido ser durante vinte e quatro horas. Ficaram depois muito tempo esticados na areia, perfeitamente bem, apesar do contato

desagradável e frio da areia e do ligeiro tremor intermitente que os fazia se apertarem um contra o outro como escolares.

— Você fez de propósito? — disse ele em voz baixa.

— De propósito o quê?

Voltou-se para ele sorrindo, e Andreas viu-lhe o brilho dos dentes e o contorno dos ombros e da cabeça contra o céu claro.

— De propósito, tirar seus pentes — disse.

A Doriacci sacudiu a cabeça da direita para a esquerda.

— Nunca faço nada de propósito, exceto quando canto: nunca admiti fazer de propósito qualquer outra coisa.

— Eu, sim — confessou ele ingenuamente. — Você não sabe como já fiquei envergonhado. . .

— Vocês são bem tolos, vocês homens — declarou ela, acendendo um cigarro e pondo-o na boca. — Vocês têm certas noções sobre o amor. . . Será que pelo menos você sabe o que é ser um bom amante, para nós, mulheres?

— Não — disse Andreas, intrigado.

— É ser um homem que nos acha boas amantes, e é só. E que mantém o mesmo humor que nós no amor: tristes, se estamos tristes, alegres, se estamos alegres, e não o contrário. Os técnicos não passam de uma lenda — disse com firmeza. — Quem lhe ensinou, seja lá o que for, sobre as mulheres?

— Minha mãe e minhas tias.

E ela caiu na gargalhada e depois escutou-o com atenção e uma espécie de afeto maternal, enfim, enquanto ele contava sua infância bizarra. Mas recusou-se, apesar das solicitações, a falar da sua. "Gostava que se abrissem com ela, mas ela própria, não", pensou Andreas com melancolia, mas uma melancolia não bastante grande para enfraquecer sua felicidade e o sentimento de triunfo que o habitava.

Esbarraram em Olga e Eric ao chegarem à escada do navio. A aurora não estava distante no céu, e nem a embriaguez na ponte do navio, onde os esperavam Edma, Simon e Charley.

Adiantaram-se os quatro para as cadeiras reclináveis. A Doriacci e Andreas visivelmente satisfeitos um com o outro, embora ela tivesse soltado a mão do jovem, mas com aquele ar de inocência que o prazer proporciona, o que ressaltava de modo curioso, por oposição, a sensação de culpa dos dois outros. O ar formal e frio de Eric não conseguia contrabalançar a retidão submissa e virginal pousada como um véu sobre o rosto de Olga; um ar tão deliberadamente angélico que era uma confissão à beira do insulto. Pelo menos foi o que pensaram Charley e Edma, e eles baixaram os olhos precipitadamente, como se Simon pudesse ver neles o reflexo dessa certeza e sentir-se obrigado a reagir. Mas Simon bebera demais, estava muito embriagado e, embora clara, a confissão pareceu-lhe involuntária. Era uma coisa que resolveria a sós com ela; ainda assim, não sabia se teria coragem. Sentia-se culpado, desde logo, por "saber". Olga sentou-se ao lado dele com um sorrisinho falso, e Eric, pouco à vontade, sentou-se ao lado de Edma, que não o olhava.

Para sua grande surpresa, Edma, que tinha o hábito, no entanto, dessas trocas de parceiro, sentia uma espécie de desprezo, pelo menos de aversão, com relação a Lethuillier, e Charley devia ter os mesmos sentimentos, porque também não parecia notar a presença do belo *viking* a seu lado.

— E se bebêssemos mais alguma coisa? — disse Charley à Doriacci, visivelmente hesitante.

A tensão que reinava naquela mesinha noturna era quase palpável. Mas Andreas, que não ligava a mínima e só sonhava em reiterar suas proezas amorosas, bateu com os pés, resmungou que era tarde demais, o que fez a Doriacci decidir-se: ela sentou-se, esticou as

pernas e pediu uma limonada a seu cavaleiro servidor, com voz imperiosa. Edma e Charley respiraram. A presença de terceiros, ainda mais *terceiros* do que eles próprios, afastava o drama. (Era raro Edma tentar evitar um drama.)

— Nós os procuramos por toda parte — disse com voz aguda, que desejava que soasse deliberadamente mundana, esperando assim banalizar a busca inútil em Capri.

— Ora, ora. . . Onde vocês estavam, afinal? — disse Simon com ar brincalhão e falsamente severo, um ar bonachão de fato, ele também tentando atenuar o clima de drama.

— Vagamos ao acaso — disse Olga, com voz átona, impessoal, de uma indiferença tão forçada que Edma sentiu um desejo violento de esbofetear de repente, mais uma vez, aquela mulher pretensiosa e feroz. Desviando os olhos cruzou com o olhar da Doriacci, e leu nele o mesmo desejo igualmente refreado, sentindo de repente afeição pela Diva. Pelo menos esta se comportava bem: tinha desejo de carne fresca, tomava-a sem fazer barulho nem caretas; e ali, esticada em sua poltrona, com expressão satisfeita e contente de estar assim, o rosto desabrochado, ameno, parecia dez anos mais jovem e ingênua nos seus cinquenta e cinco do que Olguinha nos seus vinte e seis, de que se orgulhava, e com os quais, como se fosse uma virtude, acabrunhava o infeliz Simon.

— Julien Peyrat não está com vocês? — disse Eric de súbito, com uma expressão suspeitosa muito inesperada, pensou Edma. — Não o vi em Capri, pensei que ele tivesse ido com vocês — perguntou imperativamente a Edma, que não lhe respondeu, com os olhos sempre fixos adiante. — Pensei que ele estivesse com vocês — recomeçou, com veemência desta vez, e Charley se interpôs, de repente, inquieto.

— Não — respondeu. — Edma tinha Simon e a mim como cavalheiros para acompanhá-la. . . Edma. . . A sra. Bautet-Lebrêche,

quero dizer — corrigiu precipitadamente.

— Chame-me de Edma, de uma vez — disse ela em tom cansado —, pelo menos quando o sr. Bautet-Lebrêche não estiver presente — acrescentou, brincalhona.

E Edma pôs-se a rir. Charley acompanhou-a, mas seus risos não tiveram eco.

— Então Peyrat ficou no navio — resmungou Eric.

— Ele deve ter ficado conversando com Kreuze — disse Charley, gentilmente.

— Ah, então não deve ter se aborrecido — disse Edma.

E pela primeira vez lançou a Eric um olhar agudo, bem de frente, um olhar que jubilava. Aquele imbecil do Le-thuillier tinha ciúmes da mulher, ainda por cima. Agora que pensava nisso, acreditava que por certo se passavam coisas entre o encantador Peyrat e a encantadora Clarisse. Exatamente por não haver nada de visível entre eles, acabava havendo alguma coisa, evidentemente. . . Espantava-se de não ter pensado nisso antes! Eric sustentou seu olhar um instante, com um sentimento que parecia ser de raiva nos olhos, depois bateu com as pálpebras e levantou-se, brusco.

— Eu volto — disse, não se sabia bem para quem.

E partiu a passos largos, afastando-se do círculo. E pouco depois só se via a mancha clara do seu casaco, que desaparecia no tombadilho. . .

Simon Béjard jogara a cabeça para trás. Parecia vagar em outras paragens, e realmente hesitava entre duas vodcas de um lado e duas atitudes de outro. Uma era levantar-se, respirar fundo e puxar Olga pelo braço até a cabina, o que era a solução número 1 dos filmes de cineastas ditos viris; a segunda, respirar com indiferença, propor um jogo de bazar e falar de outra coisa, o que seria a solução número 2, dos cineastas ditos modernos. A solução dele, Simon, no seu cinema pessoal e sem êxito, seria ficar em sua

poltrona ao abrigo, sob a proteção de Edma e de Charley, a proteção de sua garrafa de vodca, que ainda não estava vazia, e se embriagar até de manhãzinha, até mesmo ao sol do meio-dia. Não queria, não podia enfrentar Olga a sós, naquele lugar apertado, com uma vigia, aquela pequena cabina luxuosa onde, afinal, não se sentia bem desde a partida. Porque isso significaria enfrentar uma cena e se ouvir dizer coisas cruéis (que adivinhava cruéis), ou então não fazer perguntas, nada pedir, e enfrentar um desprezo silencioso, crescente e injusto que, ele sabia, constituiria uma espécie de dívida da sua parte.

Realmente era o cúmulo, ser enganado e ainda praticamente ter de pedir desculpas. Mas fora a isso que ele chegara, de repente percebia com terror. Porque as duas outras soluções, as soluções "normais", que consistiam em dar uma bofetada naquela prostituta, exigir desculpas e promessas, ou mais simplesmente desembarcá-la ou ele próprio descer na primeira escala sem outra forma de processo, essas outras duas soluções, as únicas "convenientes" também para um homem, lhe eram interditas. Não suportava a idéia daquele cruzeiro sem Olga; nem dias futuros sem seu rabo-de-cavalo, seu corpo elegante e bronzeado, seus gestos bruscos, sua voz estudada, sua tensão e o rosto infantil que ela mostrava ao dormir, aquele rosto que era, em suma, a única coisa que podia amar de verdade nela, a única coisa pela qual ela não era responsável.

Simon Béjard teve a impressão de que o tombadilho se abria sob seus pés, como num livro; uma espécie de náusea encheu-lhe a garganta, fazia brotar suor sobre sua testa; e admitiu afinal que estava apaixonado de fato por aquela prostituta que não gostava dele. Fechou os olhos, fez por um segundo uma expressão dolorosa, aterrorizada, que lhe deu um ar muito mais jovem e muito mais digno que de hábito. E mais uma vez só Edma surpreendeu esse

rosto, para seu espanto. Instintivamente estendeu a mão na meia-luz e deu uns tapinhas no braço da poltrona de Simon, ao lado do seu braço, perto o bastante para que ele sentisse. E Simon voltou-se para ela com o olhar de um afogado, um afogado rubro e escarlate, um ruivo ridiculamente púrpura e infeliz que conquistou de vez o que restava de coração à elegante Edma Bautet-Lebrêche.

Clarisse dormia. Eric entrara silenciosamente no quarto, com o rosto endurecido por uma raiva cega contra alguma coisa que não sabia exatamente o que era, uma raiva sem qualquer relação com o aborrecido e rápido *intermezzo* que fora a noite com Olga. Pelo menos deveria ter conservado um prazer orgulhoso dessa noite, mas só lhe restava uma sensação obscura de ter sido logrado. Mas por quem? Gostaria que tivesse sido por aquela mulher adormecida, e que tivesse tido a prova flagrante ao voltar à cabina: gostaria de tê-la encontrado nos braços de Peyrat, tendo assim um pretexto para bater-lhe, insultá-la, fazê-la pagar por aquelas três horas aborrecidas e triviais, fazê-la pagar a promiscuidade do táxi com aquela mulher caçadora, fazê-la pagar a multidão vulgar naquela Piazzetta, o sorriso entendido do porteiro do hotel e sua obsequiosidade complacente, fazê-la pagar o contato daquele corpo estranho contra o seu, os gritinhos e os sobressaltos simulados daquela débil mental nos seus braços, fazê-la pagar aquele *chianti* xaroposo e interminável que tivera de beber depois, para festejar aquilo. Gostaria de encontrá-la nos braços de Peyrat e ao mesmo tempo não o teria suportado. Eric continuava imóvel diante da cama e do corpo adormecido de Clarisse. Só lhe via os cabelos ruivos sobre o travesseiro. Jamais veria outra coisa dela: cabelos sobre um travesseiro, escondendo o rosto que jamais veria. Ela lhe escapara. Tinha escapado e não sabia por que nem como tinha tanta certeza disso. Ao mesmo tempo, reprimia essa idéia, rejeitava-a como um fantasma, como um absurdo, como uma impossibilidade total. Era

sua mulher, Clarisse, que reduzira havia muito tempo à sua mercê, e isso não mudaria enquanto vivesse.

Virou nos calcanhares bruscamente e saiu batendo a porta. Assim, quando voltasse, ela estaria acordada e em condições de constatar no rosto dele todos os traços de suas delícias amorosas com Olga. Pareceu-lhe ter ficado apenas um minuto ao lado da cama de Clarisse, mas, quando tornou a subir ao tombadilho, não havia ninguém. Só viu Ellédocq, apertado no seu *blazer* azul-marinho, recolocando com ar solene a corrente da escada. O capitão virou-lhe um rosto satisfeito.

— Todo mundo de volta a bordo. Vamos partir.

E lançou um olhar mortífero para Capri e suas luzes, para aquele lugar de perdição, um olhar que em outras circunstâncias talvez tivesse feito Eric rir.

Armand Bautet-Lebrêche estava acordado, infelizmente!, quando Edma voltou à cabina. Ele não dormia antes das cinco da manhã e acordava às nove, tão bem-disposto como seria possível a um jovem ancião já não muito jovem. Lançou um olhar frio a Edma, despenteada, um pouco ébria, foi o que pareceu a Armand, que detestava esse estado nas mulheres em geral e mais especialmente na sua. Mas não foi seu olhar reprovador que chamou a atenção de Edma, mas, bizarramente, seu torso. Armand Bautet-Lebrêche vestia um pijama de seda riscada comprado em Charvet, de colarinho russo, um pouco largo, o que lhe dava mais do que tudo o ar de um pássaro depenado. Aqueles poucos pêlos cinzentos que a natureza esquecera no seu peito de repente lhe pareciam obscenos, literalmente, e de modo maquinal dirigiu-se a ele. Embora estivesse deitado, isto é, segundo o regulamento deles, intocável, fechou-lhe o colarinho em torno do pescoço e deu-lhe um tapinha no ombro. Armand lançou-lhe um olhar indignado.

— Perdão. . . — disse ela entre dentes (não sabendo muito bem de que se desculpava, aliás, mas vagamente culpada ainda assim). — Você não está dormindo.?

— Não, por acaso tenho o ar de quem está dormindo? — "Para uma pergunta idiota, uma resposta idiota", pensou maldosamente. Ele próprio não sabia por que o gesto de Edma o tinha aborrecido tanto. Na realidade um e outro ficariam completamente surpresos se ouvissem dizer que a origem dessa raiva e desse remorso igualmente confusos era infração às regras milenares do gato deitado. Enquanto esperava, Armand ficara de mau humor, e não faltava mais nada, pensou Edma sentando-se no seu beliche, com os braços soltos. Aquela noite fora infernal.

— Que noite! — disse, na direção de Armand, de novo mergulhado nos seus blocos, nos jornais financeiros que cobriam a cama, e aos poucos a cabina inteira. — Que noite. . .

— repetia, mais lentamente e sem entusiasmo.

Repugnava-lhe despir-se e, principalmente, tirar a maquilagem. Tinha medo de se achar velha naquele espelho cruel, sobrecarregado de acaju. Afinal, representara o segundo papel durante toda a noite e não podia deixar de pensar nisso. Certamente ela era o núcleo desses pequenos grupos, como lhe diziam, mas já não era a polpa. Além disso, aquela noite ela representara o papel de confidente das damas de caridade, uma figurante, era isso: ela chegara até ali...! E, de fato, comparados aos papéis habituais de provocadora de disputas ou de cronista feroz, os novos papéis que lhe sugeria sua nova bondade pareciam-lhe bem chatos.

— Imagine. . . — disse, com sua voz trombeteante (que provocou um latido cavernoso do encantador Fuschia do outro lado da parede) — imagine — continuou ela muito mais baixo — que o pobre Simon e o pobre Charley também, aliás. . .

— Escute — disse Armand Bautet-Lebrêche —, seja gentil, minha querida, poupe-me de ouvir as miseráveis depravações dos seus . . . enfim, dos nossos companheiros de viagem. . . O dia inteiro já é um pouco demais, você não acha? — acrescentou com um sorriso constrangido, porque Edma, imóvel, olhava-o com ar estranho.

"Que teria ele podido dizer de mais terrível?" Depois de um curto silêncio, Edma levantou-se, dirigiu-se para o banheiro passando diante dele. "Está numa magreza realmente exagerada", observou pacificamente Armand, que, aliás, tendo o mesmo médico de sua mulher, sabia que ela estava muito bem.

— Finalmente. . . — disse Edma, vindo do banheiro

— finalmente, fora os seus cálculos e continhas, você não se interessa por ninguém, não é verdade, Armand?

— Sim, minha querida, sim: por você e por todos os nossos amigos verdadeiros, aliás, naturalmente que sim. . .

Não houve resposta e, diga-se, ele não a esperava. "Perguntas idiotas, respostas idiotas", pensou ainda. Que idéia tinha Edma! Naturalmente que se interessava pelos outros! Naturalmente. . .

Enfim, "era estranho a que ponto as ações da Saxer estagnavam havia algumas semanas. . ." Tornou a mergulhar em seus algarismos; estes, sim, pelo menos tinham sentido. De qualquer modo, nada teria compreendido das lágrimas que hesitavam, completamente intrigadas de ali estar, no canto dos olhos de Edma, do outro lado dos pés-de-galinha.

Fazia quarenta anos agora que Armand sustentava esse papel de velho, precoce de início, de homem que jamais fora jovem: papel que lhe agradara no princípio, porque o dispensara de qualquer entusiasmo, qualquer agitação frenética, tudo o que detestava; seu papel consistia, ao que parece, unicamente em pagar as contas do restaurante ou do hotel, esquecidas pelos companheiros joviais.

Tarefa ingrata, mas da qual se ocupava sem se aborrecer, já que os meios de gastar dinheiro lhe pareceram sempre tão pouco interessantes quanto pelo contrário eram palpitantes os meios de ganhá-lo. Esse papel tinha portanto durado alguns lustros, para a felicidade de todos, mas atualmente parecia que se suportavam menos os sinais de velhice nos "já velhos", como ele, do que nos "nunca velhos". Estes, transformando-se em velhos festeiros, podiam exhibir gorduras, vermelhidões, protuberâncias, desmazelos que só provocavam na sua mulher um comentário enternecido do estilo: "Ah! ele está pagando pelos seus bons anos. . . por isso tem rugas". Em compensação, o menor grama a mais em Armand, o menor tremor, eram interpretados como decadência. Ele envelhecia, sim — dizia ela, e no entanto não fora por falta de se preocupar. . . Foi assim que, cruelmente perseguido durante toda a vida por pessoas que o aborreciam e que ele tinha de freqüentar, Armand se via, quarenta anos depois, desprezado por estas mesmas pessoas por assim ter feito. Parecia que nenhuma lembrança alegre era evocada pelo seu nome; a não ser talvez algumas crianças apaixonadas por guloseimas, ninguém sorria ao enunciado de seu nome. Por outro lado, se alguém falava de Gérard Lepalet ou de Henri Vitzel, "os que tinham queimado a vela pelas duas pontas", os cenhos se distendiam e uma espécie de simpatia reconhecida tremia na voz dessas senhoras. Ora, perguntava-se Armand, afinal, e após algumas experiências, as proezas sexuais desses belos leões teriam sido superiores às suas? Esse tipo de homens dormia com as mulheres dos amigos, enquanto que ele dormia com suas secretárias. Aqueles homens faziam suas mulheres infelizes por algum tempo, e ele punha essas outras mulheres jovens à vontade e confortáveis por outro tanto tempo. Perguntava-se finalmente qual seria o maior mérito, o primeiro ou o segundo. O que chocava Armand nessas ligações mundanas era que se misturasse paixão nelas, que essas brincadeiras provocassem, às

vezes, divórcio em casais com interesses concordantes, que, em suma, entre pessoas bem-educadas fosse preciso falar de amor nesse caso, também. Naturalmente, a pobre Edma envelhecia e tinha menos amantes, mas era um fato clássico; Armand Bautet-Lebrêche nunca se dissera que, se Edma se sentia tão só a ponto de enganá-lo, talvez fosse porque ela estava realmente solitária, e ele não era o menor culpado dessa solidão.

Dez minutos depois, todo mundo dormia no *Narcissus*.

Julien Peyrat saía geralmente do sono como um naufrago, aturdido e atemorizado, mas daquela vez teve a impressão de que fora uma onda jovem e vigorosa que acabava de depositá-lo nu nos lençóis amassados, ao sol deslumbrante de sua cabina, um sol que entrava em cheio pela vigia, que lhe lambia os olhos, abrindo-os, e que, antes mesmo de lhe dizer onde estava, antes de qualquer outra informação, declarava-lhe que estava feliz. "Feliz. . . estou feliz", repetia para si mesmo com os olhos fechados, ignorando ainda as razões dessa felicidade, mas já prestes a se entregar a ela. E recusava-se a abri-los agora, como se essa bela felicidade involuntária estivesse cativa de suas pálpebras e prestes a fugir. Tinha bastante tempo. "Fecham-se os olhos dos mortos com doçura e é também com doçura que é preciso abrir os olhos dos vivos." De onde vinha isso? Ah! sim, era uma frase de Cocteau, descoberta num livro, vinte anos atrás, um livro descoberto por sua vez num trem vazio. . . E Julien acreditou ainda sentir o cheiro cinza desse trem e pensou mesmo rever a fotografia plana do grande pico nevado que ficava defronte dele no vagão deserto, e pensou rever a frase de Cocteau e esses sinais negros na página branca. Belas frases ronronantes ainda hoje, e que acreditava esquecidas havia muito, surgindo assim de improviso na memória. E Julien, pouco seguro de seu último endereço, achava de certo modo milagroso descobrir-se proprietário sem saber, proprietário de longas tiradas

racinianas falsamente pacíficas no seu fino traçado musical; proprietário de fórmulas resplandcentes de espírito, frases involuntariamente de fundo conciso, graças a uma concisão desejada, da sua forma; proprietário de mil poemas misturados. Na desordem repleta e resignada de sua memória, acumulara uma provisão de paisagens imóveis na sua banalidade, de músicas militares, re-frões estimulantes e vulgares, odores quase todos roubados à infância, planos de vida fixos como os de um filme. Era um caleidoscópio ingovernável que desfilava sob suas pálpebras agora, e Julien, paciente com sua própria memória, esperava sem se mover que o rosto de Clarisse, voltando à sua memória sensível, quisesse também voltar à sua memória visual.

Os rostos de duas outras mulheres surgiram primeiro. Eram rostos pálidos, desconfiados, como informados de sua desgraça recente. Depois foi um Andreas descabelado, de perfil contra o céu, que se incrustou sem razão, e que foi seguido por um cão amarelo estendido no cais na partida de Cannes. Enfim, vieram dois pianos, um com a parte de cima encaixada na parte de trás do outro, irreconhecíveis, cuja origem Julien não procurou encontrar. Sabia que havia de fato algumas falsificações entre as suas lembranças, e que imagens falsas estavam misturadas às verdadeiras. Havia muito tempo que não procurava reconhecer esse rio da China onde jamais estivera, nem aquela dama risonha que jamais vira nem mesmo esse porto nórdico calmo, e no entanto tão familiares e tão teimosos todos os três nas suas aparições. Não, não reconhecia nem aquele rio, nem aquela mulher. . . E não, nunca pusera os pés nesse porto do qual no entanto podia sentir o cheiro e que podia mesmo descrever com adjetivos precisos. Essas lembranças, esses *flashes*, misturados como cães sem coleira a essas verdadeiras lembranças, as vivências, deviam ter pertencido um dia a alguém, um outro alguém que estaria morto. . . E lançada fora de sua concha natural,

fora dessa coisa apodrecida atualmente e dissolvida na terra, essas pobres imagens procuravam um dono, uma memória e um refúgio. Nem todas, aliás. Por vezes, algumas delas voavam, apenas entrevistadas, sem dúvida, para uma outra memória mais acolhedora, e ele não as revia mais. Ao que lhe parecia, porém, o mais freqüente era se incrustarem desesperadamente, voltarem anos inteiros atrás, tentarem se confundir com as lembranças reais, as legítimas: em vão. Esse porto desconhecido mas ardente por se fazer reconhecer acabaria sem dúvida por largá-lo um dia. . . Partiria de novo no escuro a esbarrar com outras consciências esclarecidas — e fechadas, pois eram vivas; o porto tentaria em vão insinuar-se sob outras pálpebras. Tornaria a partir mais uma vez para atacar alguém com seu encanto, sua nostalgia. . . A menos que Julien, bom príncipe, se decidisse um dia pela graça de sua imaginação a encaixar seu pobre porto arbitrariamente num velho filme de infância, ou num livro de escola, e se persuadisse assim da autenticidade desse usurpador.

Enfim o rosto de Clarisse surgiu diante dele, sorridente, no escuro, e de repente, extremamente preciso, imobilizou-se por muito tempo. Tempo bastante para que pudesse detalhar os olhos claros e alongados, os olhos assustados e voluptuosos, a aresta reta do nariz e as maçãs salientes à luz do bar, e o desenho da boca por baixo, vermelha sob a tinta, depois rosa, quase bege, depois do beijo. E Julien sentiu de súbito o contato exato dessa boca sob a sua, com tanta precisão que se sobressaltou e reabriu os olhos. O rosto de Clarisse desapareceu, empurrado pelo aparecimento de uma cabina de acaju, de um lençol branco, de cobres ofuscantes ao sol: um sol muito alto, muito arrogante e cujo brilho a vigia, deixada aberta na véspera, esgotada, batendo ao vento da manhã, tentava ainda em vão interceptar. Um sol que trazia Julien para o dia, o jogo e o cinismo: como para compensar os efeitos desse sentimentalismo exagerado no qual não se reconhecia, ou já não se conhecia mais,

Julien Peyrat abriu seu armário, tirou o falso Marquet, pendurando-o na parede no lugar da escuna *Drakes's Dream* que a decorava até então. Já era tempo de passar adiante sua obra-prima a um crédulo, e chegar mesmo a ser um pouco matreiro, mesmo que inconscientemente já estivesse gastando por conta em presentes para Clarisse.

Após alguns instantes de contemplação, retirou-o da parede e tornou a colocá-lo cuidadosamente entre duas camisas, envolto em papel de jornal.

Por seu lado, Clarisse acordava assustada, envergonhada e decidida a esquecer tudo o que acontecera na noite anterior.

Na madrugada azul-pálida de Capri, um céu azul tão pálido que os primeiros, os prudentes raios de sol pareciam amarelo-vivos, Simon não tivera muita dificuldade em simular a mais total embriaguez para voltar à cabina, como também pensava simular uma forte enxaqueca ao acordar. A primeira parte de seu plano correria muito bem: fora levado para a cama por Charley, Edma e Olga. Chegaram mesmo a prender o lençol em torno dele e desejar-lhe os mais doces sonhos. Mais tarde Olga tentou acordá-lo muitas vezes em vão. Simon roncava tão forte e tonitruantemente, que ela desistira. Mas agora, ao despertar ao meio-dia, teria dificuldade, sabia-o bem, para escapar à grande cena das confissões que Olga vinha cozinhando desde a escala. E seria uma catástrofe, aquela explicação, apesar de ser ele o acusador, o queixoso, o homem enganado. Porque das duas uma: Olga, de pé, assumiria um ar virtuoso, doloroso e digno, negaria qualquer traição, o que lhe permitiria os gritos de pavão da dignidade colérica; ou então, mais provavelmente, sentada, segurando a xícara de café na mão, contar-lhe-ia com todos os detalhes, em voz monocórdia, os encantos de sua noite de adultério. Empregaria palavras muito simples, de forma deliberada, palavras "cruas e naturais", numa espécie de

borboríngamos entrecortados por hesitações "adolescentes" do gênero "Hã. . . Hã. . . Quer dizer. . . Entende?", que naquela ocasião eram consideradas o reflexo da juventude e sua linguagem, a verdade da época, e que se tinham tornado de modo efetivo a linguagem comum a muitos cineastas, comediantes, jornalistas e mesmo escritores, todos até bem maduros, aliás. Simon queria evitar isso; não queria saber oficialmente o que já sabia por sensibilidade. Não se tratava, como pensava Olga, de recusa de sua vaidade, de sua suscetibilidade viril: era simplesmente para não sofrer, para não ter que imaginar, colocar, ver Olga nos braços de um outro homem. Mas Olga não devia saber de suas razões para recusar confissões, tão doces ao seu coração, ao que lhe parecia. Porque se sentisse que ele estava apaixonado, iria espezinhá-lo com um prazer total. E já era bastante extravagante para Simon a maneira como sofria naquele beliche duro, com os lençóis esticados demais, sobre o qual jazia de barriga para baixo com a cabeça no travesseiro, como quando tinha doze anos. Dava-lhe a impressão que seu coração ficava mais pesado de sangue, apesar da espécie de punções que algumas imagens lhe causavam, certos desejos, aqui também a propósito de uma mulher, que era então uma menininha da sua idade, com tranças. Ele se acreditara ao abrigo disso havia vinte anos, a tal ponto sua vida sentimental ficara subordinada à material. . . Nada lhe restava a perder, mesmo por um amor louco, pensara imprudentemente, nem as mulheres vampiros, nem as mulheres invasoras, nem os ônibus que se esperava na chuva, nem os sapatos apertados demais que se precisa amaciar. Pensara-se a salvo de tudo isso, ao mesmo tempo que dos olhares condescendentes dos rapazes do Fouquet's, pelo seu triunfo em Cannes, pelo seu sucesso. Mas iria trocar essa servidão por uma outra que não imaginava, nem mesmo naquele momento, que pudesse ser pior?

Tudo lhe chegara, aliás, pelo sucesso. Encontrara Olga em Cannes, porque ali estava por ser atriz, como estrela ascendente, e ela seguira-o por ambição. Tinha portanto um coração bastante preparado, em todo caso, para que toda ausência de sentimentalismo de Simon não lhe fosse cruel. Ele escolhera Olga porque ela correspondia aos seus critérios estéticos, e porque, fisicamente, estava de fato três graus acima de todas as que a tinham precedido. Afinal de contas, Olga fora um acaso, um acaso que se tornara uma necessidade e uma dessas necessidades implacáveis que as paixões produzem. Infelizmente para Simon era no desgosto, no ciúme e na decepção que começava o seu primeiro amor, como acreditava, esquecendo que havia vinte anos oferecera casamento a uma meia dúzia de pessoas ternas ou odiosas. Todas essas mulheres, lembrava-se perfeitamente agora, tinham ficado comovidas com suas propostas conjugais e conservado por Simon uma espécie de afeição do mesmo estilo. Mas Olga, ele sabia, rir-lhe-ia na cara e contaria essa loucura no meio artístico parisiense. Tinha que ser lógico e lúcido. Olga não o amava. "Não de verdade. Ainda não. . .", gritou uma vozinha, afobada na mecânica bem-ajustada do espírito de Simon. Uma vozinha que se recusava à desgraça e que, através de todos os fracassos, falências e catástrofes materiais de sua vida aventureira, lhe tinha falado aos ouvidos sempre com aquela frasezinha imbecil: "Tudo vai se arranjar". E, aliás, muitas vezes as coisas tinham se arranjado para ele, quase apesar dele. "A vida decide tudo por nós", repetia-se Simon, de olhos fechados, não sabendo que fora ele que, de tanta ambição, coragem e entusiasmo, arranjara as coisas. De toda maneira, desta vez, não eram a coragem, o entusiasmo ou a teimosia de Simon que estavam sendo requisitados, mas os de Olga.

Ela não se encontrava na cama quando Simon levantou a cabeça do travesseiro, e ele teve um momento de esperança. Devia ter

acordado antes dele, ao menos aquela vez, e para deixá-lo dormir fora tomar café no grande salão. Era realmente gentil da parte dela, principalmente quando se sabia, como Simon, que dificuldades Olga tinha para se levantar para o café. Tinha coragem, aquela moça. . . era verdade. E, no fundo, bons sentimentos, pois lhe inspiraram cuidados com o repouso dele, Simon. Reconfortava-se, rea-quecia-se com essa idéia, depois das primeiras reflexões cruéis. Porque a calça de linho, a camiseta bordada, a minúscula calcinha lançadas em desordem na poltrona da cabina lhe tinham feito imaginar as mãos de Eric pousadas nessas roupas, as mãos de Eric lançando-as longe antes de pousarem sobre a pele nua de Olga. A essa idéia, Simon fechara os olhos e se retraíra debaixo dos lençóis, como Clarisse, na cabina vizinha. O ruído do copo de vidro para escovas de dentes caindo ao lado acabou de acordá-lo, seguido de um "Merda!" convicto. Porém, foi infelizmente seguido de outro "merda" também alto, mas que se sabia escutado e cantava na última sílaba.

— Simon — disse Olga —, você está dormindo? Tornou a fechar os olhos, mas ela repetia:

— Simon. . . Simon — com uma voz cada vez mais retumbante, e, entrando no quarto, ela inclinou-se para a cama. — Simon, acorde. Preciso falar com você — disse com voz mais alta, sacudindo-o um pouco com mão delicada (delicada demais, visivelmente, para pousar na testa ou nos cabelos de Simon, delicada demais para suportar outro contato que não fosse o do pijama).

Essas impressões, essas intuições ferozes em relação a si próprio deslizavam como peixes na superfície da água, deslizavam pela consciência de Simon, não se demorando, fugiam logo levadas pela grande torrente ainda poderosa que era o otimismo de Simon Béjard.

— Chá. . . — disse com voz infeliz. — Chá, chá. . . tenho sede. . . Estou com enxaqueca. . . Que enxaqueca. . . meu Deus. . . — Pousou

a cabeça no travesseiro com um lamento um pouco exagerado, onde entrava muito terror: Olga aprontava-se realmente para lhe fazer uma confissão completa. . . Olga devia estar embriagada. Talvez tivesse até escrito essa confissão de noite. . . Simon encontrara duas ou três vezes rascunhos de conversa futura assim rabiscados num caderno, rascunhos dos quais mal perturbara o desenrolar previsto e querido por Olga; rascunhos onde encontrara também na sua quase total integralidade algumas fórmulas lapidares e complicadas, embora mais ou menos simplistas, que ouvira antes de viva voz. Como poderia fazer para escapar de Olga durante os sete últimos dias, os únicos dias em que a proximidade de sua falta ainda tornava possível a confissão? Confissão que mais tarde não se aplicaria a nada de vil, senão a um acidente banal e vagamente vergonhoso, ou então a uma ligação instalada de vez e mais difícil portanto de confessar, de contar liricamente. Enquanto esperava, ela pedia chá pelo telefone, com uma voz mundana e açucarada, uma nova voz que estreava com o pessoal do navio, observou Simon pela segunda vez. Olga exagerava, mas ele preferia que fosse para mais do que para menos. Preferia esse empenho demagógico ao desprendimento "soberano ou irritado" que a seus olhos usava até então com os empregados, nem mesmo olhando de frente para os garçons ou os *maîtres d'hôtel*.

— Acho que você está muito mais amável com os serviçais — disse, quando ela desligou o telefone; — será que estou sonhando?

— Nunca fui desagradável com eles. E ainda lhe digo mais: um certo tom de autoridade é o que todo bom empregado reconhece e aprecia.

— Pois é, acho isso estranho para uma mulher de esquerda — rebateu Simon com ar distraído. — Acho estranho ficar por cima com os empregados, como você diz.

Sentia-se heróico, com um heroísmo perigoso mas que lhe evitaria, talvez, graças a uma nova cena, outra, a das confissões. Olga encarava-o, com um olhar gelado. Depois sorriu-lhe lentamente, pensativa, com o lábio superior um pouco levantado, como fazia sempre que se sentia ofendida por alguém e estava pronta a fazer esse alguém sofrer, de modo deliberado, mesmo que essa afronta tivesse sido involuntária.

— Não compreende porque não foi criado com empregados em torno de você — disse com voz calma (que ele conhecia como sendo em Olga a da raiva cega). — Estranhamente, a naturalidade com os empregados não é coisa que se aprenda. É tarde demais, Simon. . . Sorriu-lhe um pouco mais e continuou:

— Enfim, para lhe explicar um pouco, não é o homem, o ser humano, que esnobo, é sua especificidade de *maître d'hôtel*, sua roupa, sua atitude obsequiosa; é isso o que me envergonha por ele, porque é um homem por baixo e um homem que vale tanto quanto eu, sem dúvida. É aos uniformes apenas que dirijo os meus sarcasmos, você compreende? Não ao ser humano.

— Sim, compreendo, mas ele talvez não saiba tudo isso. . . Aliás, aí está o chá — disse, animado (porque o camareiro entrava trazendo até a cama cestas de frutas e *croissants*, os mais agradáveis de se ver). — Estou morrendo de fome — concluiu alegremente.

— Eu também; para dizer a verdade, não jantei ontem. Não tinha fome, é preciso dizer.

Para dizer isso a voz de Olga tomou um tom solene, de uma solenidade desproporcional ao jejum. O garçom que os servia abria as cortinas da vigia e aprontava-se para desaparecer quando Simon, assustado, estalou os dedos na sua direção e corou imediatamente.

— Oh, perdão. . . — disse ele. — Desculpe-me — e refez o gesto sorrindo —, é automático. . .

Olga virara a cabeça com um ar enojado, desgostoso, mas o jovem camareiro sorria para Simon.

— Você poderia me trazer, quando tiver tempo, uma toranja espremida? Uma toranja fresca, se vocês tiverem.

— Eu talvez leve dez minutos — disse o camareiro antes de sair. — Todo mundo toca a campainha ao mesmo tempo a esta hora.

— Não importa — respondeu Simon, que se virara para Olga e se espantou ostensivamente com seu ar aborrecido.

— O que foi? Você também queria um suco? Pode ficar com o meu.

— Não, obrigada, não, eu não posso lhe falar diante de um camareiro sem me interromper. Não posso falar diante dele, é um hábito de infância e absoluto. Meu pai não suportava que se revelasse qualquer coisa de nossa intimidade a desconhecidos, ou mesmo a familiares.

Simon sentiu a garganta apertada sob o jugo de uma piedade nervosa e inoportuna, "aquela pobre Olga, no seu roupão de seda chinesa bordado de florzinhas e pêssegos vermelhos, aquela pobre Olga, com um roupão de puta, falando como nos romancecos de estação de trem. . ."

— Dez minutos é muito tempo, de qualquer modo. O que é que você queria me dizer? . . . Espero que você não vá me fazer queixas por ontem à noite — acrescentou rapidamente. — Estava tão bêbado que não me lembro de nada, mas de nada mesmo. Sou todo ouvidos.

Mas sabia bem que era preciso tempo para Olga realizar a sua grande cena do segundo ato, e que ela não suportaria a menor interrupção. Dez minutos. . . dez minutos infelizes para seu papel seriam um desastre. Simon assobiava como um melro enquanto fazia a barba no banheiro, depois deu lugar a Olga, que se instalou diante do espelho e, com a mesma técnica de uma velha maquiladora de estúdio, começou a compor um rosto de mulher

que confessa. Ao acaso, reforçou o vermelho da vergonha nas maçãs do rosto, com uma pintura um pouco viva, afundou as faces, fez cair as pálpebras, transformou-se numa mulher de trinta anos e numa mulher culpada, no espaço de vinte minutos. Lançou-se um último olhar no espelho antes de voltar ao quarto, com o ar solene, onde descobriu que o quarto estava vazio e o homem enganado voara.

O homem enganado partira com seu casaco sob o braço e os sapatos na mão. Já no corredor tentava enfiá-los em vão, porque o barco se movia com um princípio de vagalhões. Um movimento brutal, por causa de uma onda mais forte, fez Simon Béjard entrar, a pequenos passos apressados, com os sapatos na mão, titubeando e de cabeça baixa, na cabina de Edma e Armand Bautet-Lebrêche. Sua entrada foi bem notada, sobretudo o final de sua trajetória, que o levou a tropeçar na cama de Edma, estendida e estupefata, uma Edma sobre a qual se projetou como um bêbado frenético, sob os olhos impotentes de Armand Bautet-Lebrêche, que a mesma onda eficaz lançara e espremera por cima do aparador de malas, dobrado pelo choque em torno de seus quadris. Sua estupefação foi rápida, pois, com o mesmo movimento maleável e irrazoável, a onda arrancou Simon da cama de Edma Bautet-Lebrêche, com vigor idêntico ao que o atirara ali. Era indubitavelmente uma onda de equinócio, pensou Simon, confuso.

— É seu flerte, naturalmente? — perguntou Armand Bautet-Lebrêche com ar irritado à mulher, a espirituosa Edma Bautet-Lebrêche, que por uma vez na vida ficou calada.

Depois de ter experimentado em vão todas as peças de seu enxoval, isto é, dois casacos e duas calças que combinavam, mais um terno cinza-azulado, Julien, que se achava horrível em todos (comprara-os às carreiras em Cannes, não podendo saber que ia se apaixonar durante a viagem), Julien, portanto, desamparado, mandou chamar

Charley, Charley Bollinger, o árbitro das elegâncias, pelo menos no *Narcissus*.

— O que é que você acha do meu aspecto, Charley? — perguntou Julien com ansiedade, para grande surpresa de Charley, cujo espírito romanesco despertou imediatamente:

— Muito, mas muito simpático — disse com calor e curiosidade, de um golpe, com todas as velas e antenas para fora, encantado tanto por receber confidências como por dar conselhos, auscultante ou oráculo, pronto a qualquer cena que lhe deixasse um papel, mesmo que perigoso. Ele se imaginava à noite jogando bacará com Eric, estóico, sem mesmo um pestanejar, apesar do ligeiro barulho, o ruído dos remos dos barcos de salvamento afastando-se à noite, pela força dos remos, levando para a felicidade Clarisse Le-thuillier e Julien Peyrat. Abreviou, portanto, esses cumprimentos inúteis:

— Muito, muito encantador, muito simpático, caro. . . caro senhor!

— Caro Julien — disse este. — Não, eu queria dizer: como o senhor me acha fisicamente?

Aí Charley ficou atônito por um instante e foi atingido, também, por um instante, pela extravagante esperança: já que Andreas nem olhava para ele, já que ignorava a própria existência de seu amor, talvez fosse possível ser consolado por Julien Peyrat. . . Não, impensável! Julien Peyrat era realmente um pouco maluco, mas um macho verdadeiro. . . Isso posto. . . era pena, muita pena. Corou um pouco ao responder:

— O senhor quer dizer aos olhos de um homem ou de uma mulher?

— De uma mulher, naturalmente — disse Julien com inocência (e o fantasma de esperança de Charley desapareceu por completo). — O senhor acredita que uma mulher possa se apaixonar por um sujeito com jeito ao mesmo tempo esportivo e triste como eu? Tenho ar de um queijo insosso.

— Ah, isso é verdade, você está muito, muito misturado do ponto de vista da vestimenta, meu caro Julien. Que estrago. . . Com esse físico de guerreiro, e de guerreiro amável, ainda por cima! Vejamos um pouco esse guarda-roupa... Sim, sim. . . ponha tudo isso, quero ver vestido. . . — Julien vestiu seus três conjuntos, maldizendo a si mesmo e a suas vaidades ridículas. Voltou depois do terceiro quadro em roupão de banho e olhou para Charley, que ficara impassível durante esse desfile.

— Então?

— Então, é de roupa de banho que você fica melhor. Você fica mais natural. Ah, ah, ah — tinha um riso agudo, um riso de ferragem solta que bruscamente deu a Julien vontade de virá-lo de cabeça para baixo como um cofrinho. — É engraçado, Julien — continuou —, você não se deu conta, por certo, mas muda de expressão de acordo com o vestuário: fica com ar esnobe com o terno cinza, ar de malandro com a camisa de malha, um malandro esportivo e bem-educado, bem piedoso, é verdade. Com suas calças de veludo e seu infeliz, agonizante casaco de *tweed*, em compensação, você fica com um ar arrogante, calmo, muito, muito nobre inglês! Só lhe faltam um cachimbo e um cão de caça.. . É inconsciente?

— Totalmente — disse Julien, ofendido.

E mal agradeceu a Charley antes de correr para a piscina. Um banho frio, segundo esperava, o despertaria um pouco de sua tolice e de seus sonhos de colegial.

Nadou *crawl* durante três minutos — era o seu máximo —, mas estava na piscina menor, com água pelo meio da perna e tremendo, quando Clarisse chegou. Sentia-se miserável, arrepiado como pele de galinha, com os pés dentro da água. Quando ela se aproximou, batendo na água por sua vez, e lhe estendeu a mão, desviando os olhos, com ar digno mas também com água pelo meio da perna, Julien sentiu-se melhor, mais igual. Lançou-lhe um sorriso furtivo e

confiante ainda assim, porque Clarisse, sem maquiagem para ir à piscina, era a mesma mulher da véspera.

— Quando poderei vê-la? — disse Julien em voz baixa (porque os Bautet-Lebrêche acabavam de chegar à beira da piscina e esticavam quilômetros de tecido atoalhado, litros de óleo de bronzear, livros, cigarros, travesseirinhos, caixas prateadas, revistas, limonadas, toda uma parafernália extravagante, sob a qual o pobre Armand vergava, mais injustamente ainda porque de sua parte só desfrutava o sol sob um guarda-sol e a proteção do bar). Edma lhe fez um sinal com a mão e deu um pequeno sorriso cúmplice que completou o terror de Clarisse.

— Não devemos nos ver de novo ■ — disse, depressa. — Não convém. Não convém nos vermos outra vez, Julien, eu lhe asseguro.

..

Como se ele, Julien, pudesse agora passar perto dela e não beijá-la. Ou acordar sem sua imagem na mesa-de-cabeceira! Como se fosse deixá-la nas mãos daquele grosseirão que a fazia sofrer, como se fosse realmente um João-ninguê, um incapaz. . . Ah! Já era tempo de vender aquele Marquet para poder fugir com ela. . . Ele imaginava muito, muito bem, Clarisse nas corridas, e mesmo Clarisse com seus companheiros de corridas; Imaginava-a em todos os lugares que costumava freqüentar. Já nem podia imaginar esses lugares sem ela. . .

— Mas — disse com uma alegria que não lhe dava crédito —, mas eu a amo, Clarisse.

E, como se percebesse o divórcio entre suas palavras e sua voz, tomou-lhe o pulso nos dedos, segurou-a fortemente, mas com a outra mão alisou-lhe os cabelos com ar paternal.

— Eu digo isso rindo — acrescentou em voz baixa — porque estou feliz. . . Isso me faz feliz. É uma loucura, eu a amo: essa idéia me faz feliz. . . a você não?

Ele exibia o seu olhar de explorador de rinha e sua mão tinha a mesma temperatura da de Clarisse. Tinha o mesmo contato e a mesma textura de pele, e ela teve, portanto, muita dificuldade em lhe responder que não, ela não gostava da idéia de amar. Que não, ela não queria amá-lo, que não, amar a fazia infeliz. . .

— Você nunca ficou feliz e apaixonada ao mesmo tempo? — disse Julien, indignado. — Mas é justamente o que é preciso que lhe aconteça. . .

Mas Clarisse não teve que responder. A voz de Edma levantava-se como uma sirene acima das cabeças deles:

— E se fôssemos dançar um pouco em Siracusa? Depois do recital, um pouco de dança nos desenferrujaria as pernas. . . É bem possível que haja velhos discos encantadores neste navio, não acham? — Ela respirou fundo. — *Charley!* — urrou ela (o que pôs todos os nadadores na vertical e todos os jornais na horizontal). — *Charley!* Uu! Uu! — recomeçava, com voz superaguda, antes de explicar a Julien e a Clarisse, ainda surpresos: — Charley nunca está muito longe. . .

E, de fato, ao mesmo tempo que os dois *barmen* arrancados a sua sesta se punham em movimento, Charley chegou correndo no seu pequeno galope dançante na ponta dos pés, com os cotovelos afastados do corpo como pêndulos e o fôlego curto.

— Mas o que aconteceu? — disse, freando no último momento na borda escorregadia da piscina, parando por milagre aos pés de Edma.

— Nós adoraríamos dançar esta noite, meu belo Charley, para desenferrujar as pernas depois do recital. . . Não é verdade? — acrescentou ela na direção de Julien e Clarisse, que maquinalmente sacudiram a cabeça em sinal de aprovação. — Meu querido Charley, onde estão os discos e o toca-discos?

Tinha decididamente o hábito bem arraigado de se apropriar do navio como de um hotel ou de um trem e de utilizar o "nós" mesmo fora de casa.

— Vou já — disse Charley. — Que sorte essas danças! Nós tínhamos aberto o baile no início do cruzeiro, mas durante alguns anos a média de idade foi tão elevada que. . .

— Sim, sim! Mas este ano ela baixou sensivelmente

— disse Edma, animada. — Você não poderá negar, Armand e eu somos dos mais velhos. . . Então quem poderia ficar ofendido? Exceto o Abominável Homem das Neves de bordo, naturalmente. . . O que é que vocês acham, meus filhos?

— dirigiu-se de novo a Clarisse e Julien, esquecendo que já conseguira a aprovação deles.

— Mas é uma ótima idéia — disse Julien, a quem a possibilidade de ter Clarisse nos braços por cinco minutos que fosse entusiasmava.

— Minha querida Clarisse — disse Edma, agitando sua revista —, você sabe que oitenta por cento das mulheres atuais, você e eu, são pela sexualidade matinal de preferência à vespéral?. . . É incrível o que se lê nos jornais. . .

— Sim, mas — disse Julien —, a senhora conhece alguém que tenha sido entrevistado? Eu não. Em parte alguma.

— É verdade — respondeu Edma, perplexa, demonstrando isso ao lançar os olhos angustiados mas decididos para os vizinhos. — Quem são então esses entrevistados? Dir-se-ia um som de chá-chá-chá — acrescentou, cantarolando "Quem são então esses entrevistados?"

— Na minha opinião, são os miseráveis. Vivem nas grutas de Fontainebleau como trogloditas. Estacionaram-nos ali para que tivessem, eles pelo menos, tempo de ler todos os jornais. Eles têm peles de animais, clavas, e de tempos em tempos perguntam-lhes sua opinião: se eles, os homens, preferem a eleição européia ou o

sufrágio universal, ou se elas, as mulheres, sabem se elas já se realizaram.

Edma e Clarisse começaram a rir. . .

— A menos que seja um cargo hereditário — disse Clarisse. — Nasce-se entrevistado de pai para filho talvez, como se nasce tabelião!

Ela estava de pé na piscina pequena e apoiava o cotovelo no rebordo, com a cabeça na palma da mão, como num salão. Era bela, divertida e desamparada, pensou Julien num grande movimento de ternura, que deve ter transparecido em seu rosto, pois Clarisse perturbou-se, corou antes de lhe devolver o sorriso sem querer. Foi o momento que Simon Bédard, sempre gozador, julgou propício para sua chegada, aparecendo subitamente por trás das cabinas, correndo e mergulhando sem muita graça na piscina sob o nariz de Edma, mais respingada que fascinada. Algumas gotas chegaram mesmo a atingir *La Vie Financière*, que Armand Bautet-Lebrêche teve que abaixar pela terceira vez. Sem uma palavra, levantou-se e foi se refugiar na terceira fila de cadeiras, ao abrigo do balé náutico de Simon Bédard, que, inconscientemente, ressurgiu em triunfo aos pés de Clarisse. Foi então que ele a viu na realidade, viu-a sem maquilagem e olhou-a por um instante, incrédulo, antes de olhar para Julien e depois de novo para Clarisse, com o mesmo ar abobalhado.

Abria a boca para expressar seu espanto quando um acesso de tosse o sacudiu, fazendo-o cuspir, tossir, soluçar. O pobre Simon pagava caro seu ousado mergulho, pensou Julien, batendo-lhe nas costas com força.

— Devagar. . . devagar. . . Meu Deus, devagar. . . — dizia Simon, endireitando o torso vivo e magricela, apesar de um indício de barriga. — Diga-me, Clarisse, você precisa ficar como está, não é? — falou, abraçando Clarisse impetuosamente. — É preciso, eu a

contrato quando você quiser. E para o papel principal, sempre. O que é que você acha?

— É muito lisonjeiro, mas Olga. . . — dizia Clarisse, sorridente.

— Posso produzir dois filmes ao mesmo tempo — retorquiu Simon.

— E minha família?

— Seu marido dirige um jornal de. . . bem. . . enfim, um jornal, não é verdade? Você bem poderia ser uma atriz de cinema, não?

— Mas não tenho qualidades para isso — disse Clarisse, rindo. — Eu não sei representar, eu. . .

— No teatro é outra coisa, talvez, mas no cinema, aprende-se depressa. Escute aqui, Clarisse, eu, com seu rosto, volto a rodar *L'éternel retour*. Hem? Hem, Julien? O que você acha? Mas por que nossa Clarisse cobre esse rosto com essas maquilagens todas?. . . É um crime!

— Nesse ponto Simon tem razão: é um crime — disse Edma, aproximando-se da piscina e inclinando-se sobre Clarisse com um binóculo imaginário. — Quando se tem traços tão bonitos, olhos tão bonitos. . .

— Você — disse Julien triunfante —, você vê?

Interrompeu-se de súbito. Houve um instante de silêncio, que dessa vez Simon Béjard não sublinhou com alguns comentários pesados. Pelo contrário, facilitou a situação:

— Mantenho minha posição — finalizou simplesmente. — Vou lhe fazer uma carreira fantástica. . . Enfim!. . . Ufa! Uma atriz bela, com raça, é exatamente o que falta ao cinema francês! Palavra de honra, hem!

— E a srta. Lamoreaux?, perdão, r-o-u-x — disse Edma. — Você acha que ela não tem raça, por acaso?

— Mas eu falava de mulheres de trinta anos — retrucou Simon, lançando em torno um olhar furtivo.

— Mas a srta. Lamouroux, r-o-u-x, tem mais de oito anos, não é verdade? — continuava a impiedosa Edma. — Ela também deve estar muito perto dos trinta.

— Ela é bem mais jovem do que eu, em todo caso, e muito mais bonita — disse Clarisse, sinceramente. — Vocês não vão nos comparar!

Pouco a pouco, para escapar a esses três olhares admiradores, ou que aparentavam sê-lo, como Clarisse pensava, ela se refugiara na grande piscina, de onde só sobressaíam sua cabeça e seus olhos inquietos.

— Oh, não! não. . . — disse Julien, com a mesma voz terna — não, nós não vamos compará-la a quem quer que seja. Vamos apostar uma corrida, não? Vamos nadar um pouco. . . Simon, enquanto espera *L'éternel retour*, você atravessa a piscina algumas vezes comigo. Eu o desafio. . .

— Vamos — aceitou Simon, com ar desenvolto, mais desenvolto por não ver aparecer em parte alguma os *shorts* mais do que curtos e o busto audacioso da srta. Lamouroux, Olga.

Aliás, ele não corria qualquer risco de ser ouvido por ela. A bela Olga mandara entregar um bilhete a Eric, que a fora encontrar no tombadilho, na proa pouco freqüentada por causa do vento (o que não convinha a Eric). A aventura fora demasiado discreta para continuar assim. Ficou, portanto, apoiado na amurada, ouvindo sem escutar a tagarelice de Olga, que, como de hábito, perorava com mudanças das mais sutis na tonalidade da voz.

— Veja só, Eric, compreendi, graças a você, que me aviltava no contato com Simon. . . Ele pensava me comprar com papéis, grandes papéis, belos papéis, aliás, mas graças a você compreendi que a vida me oferecia um papel verdadeiro, a vida, bem mais profundo. . . um papel superior a tudo, e que exigia sinceridade total. . . O que é que você acha, Eric?. . . Essas perguntas me

obcecaram desde ontem — dizia muito lentamente, com a voz em fá sustentado e a gravidade em ré maior (ela o chateava, decididamente).

— Nada penso sobre esse assunto — disse Eric, friamente. — Só conheço um ofício, o meu. E nele, meu papel, como você diz, consiste justamente em dizer a verdade, aconteça o que acontecer.

— Responda-me, *please*, mesmo que sua resposta seja dura. . . — (Olga vaticinava a seu lado, e sua voz saltava uma escala inteira na vivacidade de seu interrogatório. A palavra "cacarejar" foi visível nos olhos de Eric.) — Você poderia viver numa situação instável entre suas ambições e seus sentimentos?

— Mais uma vez os dois se confundem para mim — disse ele com paciência. — Mas parece-me que ficaria de mal com alguém que quisesse me impedir de concretizar minhas ambições, meus esforços.

— Mesmo que esse alguém o exigisse? — disse Olga, sorrindo no vazio. — E mesmo que você fizesse questão desse alguém a ponto de lhe obedecer em tudo? . . .

Essas bobagens começavam a exasperar seriamente Eric. Primeiro, quem era esse alguém? Então se enganava por completo, a pobre Olga. . . E Béjard devia ter sido bom demais para ela. E ainda era.

— Isso queria dizer que esse alguém não gosta de você realmente — disse ele num tom severo.

— Ou demais? . . .

— É a mesma coisa — disse Eric, para abreviar. Ouviu-a respirar profundamente e, depois de um instante, com os olhos baixos, dizer-lhe em voz apagada:

— Você usa umas palavras, fórmulas assustadoras de cinismo, Eric. . . Se eu não o conhecesse, pensaria que você é terrível. . . Beije-me, Eric, para se fazer perdoar.

Ela se apertou contra ele, que olhou com repugnância aquele rosto magnífico, dourado, a pele de pêssego, a boca bem-desenhada. Inclinou-se para tudo isso com uma contração de todo o corpo. Seus lábios tocaram os de Olga, que se abriram e os prenderam, enquanto, contra ele, um gemidinho subia daquele corpo que lhe era tão indiferente. "Mas o que estava fazendo ali? . . . E sem a mínima testemunha ainda por cima!"

— Vamos — disse, recuando —, vamos. . . Assim vão acabar nos surpreendendo.

— Então beije-me outra vez. . . — disse, levantando o rosto para ele, um rosto enamorado.

Mas incapaz de mais um esforço, Eric ia recusar, quando às costas de Olga viu aparecer, enrolada em espirais de *cashmere* multicolor, despenteada e soberba ao vento, a Do-riacci em pessoa, seguida pelo seu belo Andreas. Deu então em Olga um longo beijo, muito mais apaixonado do que o primeiro, e achou perfeitamente oportuno, desta vez, que ela se agarrasse a ele com seus dez braços e suas dez pernas, e que miasse de êxtase, um miado capaz de pôr em fuga as gaiivotas.

Prolongou esse beijo dez segundos mais para ficar certo de ser visto. De fato, quando levantou a cabeça, a Doriacci, a dez passos, olhava-os fixamente, enquanto, mais discreto, seu companheiro virava a cabeça.

— Perdão. . . — disse Eric à Doriacci, afastando docemente Olga, que, seguindo seu olhar, virou-se para os recém-chegados, mas assumiu um ar de desafio. (Desde a história do grande bezerro de vinte e oito anos não olhava mais para a Doriacci de frente.) — Desculpem-nos — disse Eric muito ereto —, pensávamos estar sós.

— Não é a mim que isso pode incomodar. Não se desculpe. Pelo menos para mim.

— Não acredite. . . — começou Olga, com coragem e altivez (pelo menos assim pensava), mas a Doriacci cortou-a direto.

— Sou terrivelmente míope para certas visões. E Andreas também — acrescentou, olhando para o rapaz, que sacudiu a cabeça, de olhos baixos, como se fosse ele o culpado. — Não vi a srta. Lamouroux, r-o-u-x — repetiu, sempre olhando para Eric.

— Nós também não os vimos — retrucou Olga, com sibilação hostil.

— Ah, então está realmente entregue à sua discrição — disse a Doriacci, rindo com seu riso largo de soldado de cavalaria. — Você tem um cigarro, Andreas?

E passou diante deles, docilmente seguida pela sua sombra.

— Meu Deus, Eric. . . Ela vai dizer tudo, é terrível.

Olga adotava um ar de desespero, mas estava profundamente encantada, sem dúvida mais do que Eric, que tinha um ar furioso e conservava os olhos baixos, seguindo com o olhar o casal que se afastava.

— Não — disse, entre dentes —, ela não dirá nada. De repente ficara branco, de furor reprimido.

— A Doriacci pertence à espécie de gente que não diz nada. Faz parte dessa gente que fica orgulhosa por nada dizer, nada fazer, dessa gente tolerante, você sabe? Convenientes, discretos: todo o charme perdido da burguesia liberal. . . São os mais perigosos, aliás. Podíamos crer que estivessem do nosso lado.

— E se a gente os desafia? — perguntou Olga.

— Se a gente os desafia, continuam tolerantes ainda assim, graças a Deus — cortou Eric, e uma expressão diabólica enfeou por um instante seu belo rosto.

"Foi nesse instante, querida Fernande, que adivinhei a fera sob o anjo. . . o Diabo sob Deus, a fenda. . . Que digo?... o precipício sob o lago. . . Será que se pode dizer que há um precipício sob o lago?. . . E por que não, aliás?"

— Então, você vem? — perguntou Eric rudemente.

— Tudo isso é por minha culpa — disse Olga, levantando para ele uma vez mais o rosto, desta vez perturbado (havia dez minutos representava em *close-up*). — Este último beijo fui eu que o mendiguei, mas afinal foi você que me deu.

— Pois é. . . Tudo bem, e daí? — disse Eric, constrangido.

— Você vê, Eric. — A voz de Olga atingira profundezas insuspeitadas naquele corpo frágil. — Você vê, eu aceito ser insultada, desprezada pela terra inteira por esses beijos, Eric. . .

Ela tornou a abrir os olhos, que seu fervor tinha fechado, com um bravo, um belo sorriso emocionado que desapareceu assim que viu Eric se afastar a grandes passos.

Eles devem ter ficado muito chateados — disse Andreas. — Coitados. . . Devem estar com medo!

— É o que você pensa! Só têm medo é de que não se fale nada, pelo contrário. Esse Lethuillier só pensa em chatear a mulher, e a menina em fazer sofrer seu pobre nababo.

— Você acha que é assim? — disse Andreas, surpreso. Pois ele não tivera tempo desde a partida de refletir

sobre o que quer que fosse, exceto sobre a Doriacci. Via todos os acontecimentos de modo primário. E, surpreso, parou, mas ela continuou, sem parecer notar. Teve de correr, sem graça, para alcançá-la. Ela não lhe dava qualquer atenção fora da cama, e isso humilhava Andreas, quase tanto quanto o fazia sofrer.

Por trás da amante, Andreas tropeçou com ostentação, e, segurando o pé com uma mão, agarrou-se com a outra a um extintor, com o rosto tenso pela dor. Mas a Doriacci só pareceu perceber o ocorrido quando ele lançou um urro para alertá-la, "um verdadeiro uivo de lobo mesmo", pensou, virando-se para o garoto supernervoso. Oscilava num pé só e segurando a outra perna soltava *uis*, com o belo rosto parecendo cômico pelo excesso de sofrimento

melodramático. O vento jogava-lhe os cabelos no rosto; os cabelos dourados pareciam moldados em metal muito claro e de preço exorbitante, um metal esculpido mecha por mecha em torno da cabeça tão bem desenhada, a cabeça simbólica de uma raça desconhecida e perigosa, cabeça que podia ser indiferentemente de uma criança, de um malandrinho, de um cantor gregoriano. O corpo. . . O corpo era o de um homem de prazer, isso era um fato. Nesse ponto as piedosas senhoras de Nevers tinham compreendido muito bem os verdadeiros encantos de um jovem para uma mulher madura e de bom gosto. Andreas nascera longilíneo e assim se desenvolvera: não adquirira os músculos salientes, de bolas duras, esses relevos de atleta de feira inevitáveis à beira das piscinas. Graças a Deus era delgado! E se para isso fazia regime, seria escondido, ou pelo menos se envergonhava de fazê-lo. Já era alguma coisa. A Doriacci não podia se lembrar sem uma mistura de hilaridade e exasperação, de um certo fim de semana passado em Oslo, a Oslo bloqueada pela neve em novembro após as *Nozes Siciliennes*. Seu companheiro de uma noite, por falta de concorrência nesse hotel transformado em fortim, fora o mesmo durante toda a sua estada ali: um belo, um muito belo rapaz, ágil e bronzeado, muito desenvolvido mesmo para um rapaz de dezenove anos, mas insuportável, escandaloso, repugnante pelos cuidados complicados, as ausências de excessos, as prudências, os pudores, as abstinências de que fazia o tecido da sua vida: uma vida de regime; uma vida que, fosse qual fosse a segurança que acabaria obtendo definitivamente de um homem ou de uma mulher, e que seria talvez concluída sob o signo escarlate da devassidão, da orgia e do assassinato ritual, continuaria para ele, para sempre, uma vida de ascese e de pequenas privações; uma vida que, mesmo que se suicidasse numa Bugatti lançada da Ponte de Washington, não o impediria de contar seus alhos ao vinagre na véspera, ao meio-dia, ou de exigir dos *maîtres d'hôtel* açúcar sem glicose. . . A Doriacci

sacudiu-se com horror diante dessas lembranças, com sua atrocidade cômica, e se pôs a rir alto.

— Quando penso. . . — disse alto — seria mesmo capaz de matá-lo!. . . Que cretino!. . . Que rato, meu Deus, três dias com aquele malandro que cheirava a leite Nestlé e a pomada.

— Mas de quem você está falando? . . . Que leite? . . . Mas está falando de quem? . . . O que é que a faz rir?

E como ela continuasse a rir sem lhe responder, sem maldade, mas sem amabilidade, Andréas ficou perturbado, inclinou-se um pouco mais na sua posição de mártir, exagerou, chegou mesmo a lhe inspirar uma vaga condescendência física, como se tivesse medo diante dela e não lhe tivesse escondido isso, como se ela tivesse encontrado nele algum traço de feminilidade um pouco nauseante, como se o lado dúbio que ela atribuía a Andréas se tivesse revelado, mais forte.

Deu meia-volta diretamente para ele, que ficara lá longe, apoiado ao extintor como um pernalta, e contemplou-o com um olhar longínquo, novo, "um olhar de entomologista", pensou Andreas, um olhar que lhe fazia medo se, de repente, jogando para trás seus lenços de seda, liberando os braços, o peito, os cabelos, ao mesmo tempo que seu calor e sua afeição vigorosa, a Doriacci não tivesse corrido para ele como uma menininha gorda maquilada por engano, e não se tivesse jogado nos braços dele, com risco de cair, o que não deixaria de acontecer se Andreas tivesse realmente se machucado um pouco antes.

Mais tarde, pensava Andreas, seria por certo essa imagem, essa sensação daquele preciso momento que recordaria obstinadamente como um disco gasto e às vezes completamente novo, mas sempre dilacerante pela força da memória. Ele se veria naquele grande tombadilho vazio, com os brancos e cinzas daquelas tábuas e daquele mar, da amurada e do céu vazio no ocidente, sem sol,

alguns segundos; seria essa imensidão plana, deslizando do antracito ao cinza-pérola, deslizando de uma nuance a outra por toques delicados, enquanto um vento violento, bárbaro e trivial fustigava as cordas, as correias, as roupas e os cabelos de maneira exagerada e quase cinematográfica: era uma hora sem luz, sem sombras; Andreas tinha o rosto encostado no da Doriacci, enfiava seu nariz frio, sua testa no decote quente perfumado de âmbar e angélicas, com aquela pele coberta de sedas irreais e friáveis sob seu rosto. . . Pareceria sempre a Andreas que atingira então uma espécie de visão alegórica de sua vida. Ele, de pé num tombadilho batido pelo vento, ele, aterrorizado, enregelado, como homem, como um ser social, mas também satisfeito como uma criança, terna e perversa, agarrado e enfiado naquele refúgio, no calor para sempre aconchegante e familiar das mulheres, no refúgio de suas exigências e suas ternuras, o único que ainda lhe era possível nessa sociedade e com essa educação.

— Você é um tolo — disse de súbito a Doriacci, pronunciando *tolo*, mas com uma doçura que logo reconfortou o tolo em questão. Pouco bastava para desorientar e magoar Andreas, mas também pouco bastava para consolá-lo.

— Você está feliz comigo? — perguntou com gravidade, bastante gravidade em todo caso para que a Doriacci não lhe risse na cara, o que, na verdade, seria seu primeiro reflexo.

A piscina tornara a ficar tranqüila, de repente, tendo Simon Béjard se lembrado bem a tempo de suas obrigações profissionais e se precipitado, com o torso e os pés nus, para a infeliz senhora encarregada da comunicação por telefone no *Narcissus*.

Armand Bautet-Lebrêche tornou a encontrar o silêncio, Edma, sua *Vogue* e Julien, Clarisse, pelo menos fisicamente. Porque ela não o olhava, continuava como que encurralada no canto da piscina mais próximo de Edma, o que obrigava Julien se não a se calar, pelo

menos a sussurrar, e com ar desenvolto, embora estivesse entregue a uma raiva desarmada, quase terna, uma tristeza exasperada, um sentimento de incapacidade, de fracasso, que não suportava, que nunca suportara. Até então, Julien tinha podido mudar de objeto de suas paixões muito antes de mudar de tom: só tinha amado mulheres que pudesse fazer felizes ou que, em todo caso, assim acreditavam, e que ele então tentava satisfazer completamente. Sempre fugira de certas mulheres antes' que elas fossem obrigadas, elas próprias, a fazê-lo sofrer, e isso fora por vezes difícil para ele, mas sempre o fizera a tempo. Ora, desta vez sabia que Clarisse não o convenceria a fugir porque era ela que se enganava realmente sobre eles dois, como se enganava realmente sobre si mesma. E era de fato a primeira vez que Julien considerava evidente que a outra pessoa estava errada.

— Você não pode dizer isso — protestava, tentando sorrir para Edma, mas sentindo um ricto dos mais horríveis virar-lhe o lábio sobre os dentes, um ricto quase tão natural como o do cavalo apalrado por um comprador.

— Eu tenho que lhe dizer. Prometa-me esquecer. — (A voz de Clarisse era ofegante e suplicante, pedia-lhe perdão, tinha medo dele, e Julien não conseguia compreender por que não o mandava para o diabo simplesmente, por que não interrompia ela própria esse idílio em vez de exigir que fosse ele a fazê-lo.)

— Então por que não me diz para dar o fora? Diga-me que sou odioso, que não me suporta, tudo o que você quiser. Por que você quer que eu me comprometa a renunciar? Por que você quer que eu consinta em ser infeliz? E que eu jure que ficarei? É idiota.

— Porque é preciso — disse Clarisse. (Estava pálida, branca mesmo sob o sol; mantinha os olhos baixos, sorria, mas com o sorriso tão artificial que era mais revelador do que uma crise de lágrimas, pelo menos aos olhos de Edma, instalada atrás de seus óculos de sol e

sua revista, e que observava a ambos com olhos mais do que atentos, olhos agora interessados. Desde que conhecera o verdadeiro-rostro de Clarisse, seu olhar e seu sorriso, compreendia perfeitamente os sentimentos de Julien: compreendia-os mesmo que isso não lhe desse prazer. Ora!, ela já tinha passado da idade, mas a idade não impedia os sentimentos. Esboçou de longe a Julien um sorriso terno e cúmplice, que ele só compreendeu mais tarde, e que naquele momento o fez desviar os olhos, constrangido.)

— Clarisse! Diga-me então que você não gosta de mim, que ontem à noite estava completamente bêbada, que não lhe agrado e que você está aborrecida consigo mesma pelo erro; diga-me que teve um momento de alienação, ontem, ponto final. Diga-me isso, e eu a deixarei em paz.

Ela olhou para ele durante um segundo, sacudiu a cabeça com um sinal de recusa, e Julien sentiu-se um pouco envergonhado. Adiantara-se a ela em sua manobra: ela já não podia agora se refugiar no alibi da ebriedade, já não podia utilizar essa escapatória miserável; só podia lhe dizer que ele não lhe agradava.

— Não é isso, mas eu não sou uma pessoa que deva ser amada, garanto-lhe, você seria infeliz. Ninguém me ama, e eu não gosto de ninguém e quero que seja assim.

— Isso não depende de você.

Julien voltou-se diretamente para ela e se pôs a falar muito depressa, muito baixo:

— Vamos, Clarisse, você não pode viver sozinha assim, com alguém que não gosta de você! Precisa de alguém como todo mundo, alguém que seja seu amigo, seu filho, sua mãe, seu amante, seu marido; precisa de alguém que se preocupe com você. . . alguém que pense em você ao mesmo tempo que você. e teria que amá-lo e saber que ficaria desesperado com sua morte. . . Mas o que poderá você ter feito — continuou — para que ele tenha raiva a esse ponto? Enganou-o ou o fez sofrer tanto assim? O que aconteceu entre

vocês? De que a acusa?... de ser rica? — disse de repente, e se interrompeu bruscamente, estupefato diante de sua própria intuição, e depois começou a rir.

Olhou para ela, com um ar de triunfo e de compaixão que a fez se desviar dele com um ligeiro gemido de exasperação ou desgosto; Julien deu um passo para ela: olharam-se imóveis por um instante, petrificados de saudade, uma saudade velha de uma noite, saudade da mão do outro, da respiração do outro; dé sua pele; os dois subitamente afastados dessa piscina azul-verde, das silhuetas de Edma, de Armand e dos outros, das gaivotas esvoaçando em torno deles, ambos incapazes de se subtrair a essa fome que ricocheteava de um para o outro e redobrava de força cada vez mais. Era preciso que aquela mão inútil ao lado daquele quadril se aproximasse daquele corpo, o puxasse para si, que o osso do quadril tocasse o flanco do outro, que o peso natural de um corpo se apoiasse no outro corpo, que essa coisa aberta e desdobrada na garganta de cada um deles fosse satisfeita, que um e outro fossem conduzidos aos extremos de tudo isso, que cada um deles fosse em socorro do outro e de sua atração insuportável, que sua presença se tornasse elétrica e inatingível, que o seu sangue espessado de tédio se tornasse anêmico como a água, e que sucumbissem afinal à mesma síncope vermelha, fatal, concreta e lírica, aceita, querida, rejeitada, esperada, sem ordem. Ela estava a um metro dele, como na véspera, perto do bar lá em cima, naquele tombadilho agora iluminado, nítido e frio, e, como na noite passada, lembrava-se da mão de Julien em seu ombro, e ele da mão de Clarisse sobre sua nuca, e ela desviou os olhos, e Julien lançou-se na água e nadou para a outra borda como se tivesse sido atacado por tubarões, exatamente antes que Clarisse voltasse o rosto para a parede da piscina e se colasse a ela antes de se deixar mergulhar numa água tão pouco profunda que ficou ajoelhada, com a testa apoiada na borda, inerte. E Edma, que de sua cadeira via que não faziam amor, ficou perturbada.

— Você está pensando em comer aqui dentro da água? Eric se agachara na beira da piscina e olhava Clarisse com ar indulgente. Não falara alto. mas todo mundo olhava

para eles, observou Eric ao levantar a cabeça. Todo mundo, isto é: Edma, Armand, Ellédocq, a Doriacci, Andreas, que pousavam nele e em Clarisse o mesmo olhar demasiadamente indiferente, um olhar que ele já imaginava carregado de compaixão por Clarisse. Então seu idílio com Olga não passara despercebido. Era preciso agora parecer bom marido, que seu adultério parecesse até inevitável, que o lamentassem tanto quanto a Clarisse. Apanhou uma toalha felpuda e passou-a a Clarisse com ar protetor.

— Por que o senhor nos priva de um espetáculo tão encantador, sr. Lethuillier? — gritou a voz aguda de Edma Bautet-Lebrêche.

— Não, não, vou sair — disse Clarisse, emergindo da água. Virou-se para ele, e Eric viu-a pela primeira vez em anos; viu seu corpo seminu no maio, aliás bastante casto, e sobretudo viu aquele rosto lavado, completamente despido, despojado de todas aquelas pinturas habituais, um rosto tão bonito quanto indecente, como lhe pareceu, e Eric enrubesceu de raiva e vergonha, uma vergonha inexplicável.

— Como você teve a coragem? — balbuciou em voz baixa; e pousando-lhe a toalha nos ombros, friccionou-a enérgica, rudemente mesmo, até ela tropeçar e murmurar:

— Cuidado, Eric — com voz surpresa, antes de perguntar: — Como tenho coragem de quê? — enquanto ele a largava e recuava com grande dificuldade, com os ouvidos queimando e zumbindo num ar que se tornara ensurdecador e gritante de tantas gaivotas sem dúvida esfomeadas.

— Como você tem coragem de tomar banho com este vento — disse entre dentes, procurando um cigarro com mão rápida no maço, com

a expressão absorvida pela tarefa, mas demasiado consciente da estupidez de sua frase.

Clarisse de qualquer modo não podia compreendê-lo, pois acusava-a era de mostrar aos outros e a ele próprio o rosto de uma mulher sensata e desejável, uma mulher invejável, uma mulher que nenhum dos homens presentes podia se abster de olhar, e desta vez com prazer e não mais com compaixão.

Clarisse continuava perplexa diante dele, perplexa e mortificada; os outros, à distância, tinham parado de conversar e olhavam, sem dúvida eles também surpresos com a violência dos gestos dele. Eric teve então uma idéia: deixando Clarisse com um gesto fatalista e incompreensível para ela, dirigiu-se para o bar, fez seu pedido em voz clara, voltou, não sem registrar de passagem e sem interpretar, aliás, a expressão atenta e quase mal-educada de Julien Peyrat.

— Tome — disse, inclinando-se diante de Clarisse, muito baixo, como para mostrar bem que estava a serviço dela e que seu gesto respondia a uma ordem, oferecendo-lhe um martíni duplo que não lhe tinha sido encomendado.

— Mas não lhe pedi nada — disse, surpresa, em voz baixa.

Surpresa, mas bastante tentada para estender logo a mão para o cálice, segurá-lo e no mesmo gesto levá-lo aos lábios depressa, antes que Eric se arrependesse, recuando na anulação de suas regras, com uma pressa bastante evidente, de qualquer modo, para chocar os espectadores, que voltaram a sua discussão, como Eric pôde ver, virando para eles um rosto impassível e constrangido.

Quando se voltou para Clarisse, ela já tinha absorvido o conteúdo do cálice, mas olhava para ele através do seu prisma, com o olhar calmo e inexpressivo. Um olhar que, por sua vez, levou alguns segundos a desviar do seu antes de ela partir para a cabina, embrulhada na toalha.

— Você devia proibir a sua mulher aquela maquiagem horrível — disse Edma Bautet-Lebrêche, enquanto Eric se reunia ao grupo deles e instalava-se por sua vez no quadrilátero das cadeiras de bordo.

— Já lhe disse isso cem vezes — respondeu ele, sorrindo.

Um sorriso destinado a esconder seu constrangimento, pensou Julien, que se secara e vestira em três minutos e não tinha podido deixar de farejar mais uma vez a literatura (e má literatura) no comportamento de Eric: como se, de cada vez, tivesse ilustrado uma história em quadrinhos simplista demais ou representado num filme em *flashback* o papel do bom marido. As atitudes de Lethuillier lhe tinham parecido até então de colegial e bizarras no seu lado aplicado, sua banalidade psicológica. Mas agora que ele conhecia, ou pensava conhecer, os motivos, Julien sentia-se como que atingido, contaminado pelo seu lado desagradável, cruel, e de falso bom senso. E debatia-se contra si mesmo, contra essa teoria ultrapassada, essa noção primária de um dinheiro maléfico, de um dinheiro sempre culpado, arquétipo das grandes famílias, inexoráveis até na herança, esse lugar-comum grosseiro de onde nascera o fantasma de Eric, que fora também um pouco o seu. "As pessoas ricas não são como as outras", dissera Fitzgerald, e era verdade. Ele próprio, Julien, não conseguira nunca amigos entre aquelas pessoas riquíssimas que freqüentara e por vezes enganara até o roubo nestes últimos vinte anos. Mas talvez fosse a recusa de um remorso prematuro o que o prevenia de antemão contra suas vítimas e o impedia de ver seus encantos ou virtudes. De qualquer modo, Eric Lethuillier não enganara Clarisse no plano financeiro: de notoriedade pública, seu jornal permitia-lhe proporcionar gordos dividendos à família Baron, permitia-lhe mesmo fazer sua mulher viver no luxo que sempre conhecera. Não, Eric não enganara Clarisse nesse ponto, ele a enganara num outro, e muito

mais grave, pensava sobretudo Julien. Prometera-lhe amá-la, torná-la feliz, e a tinha desprezado e tornado mais do que infeliz: com vergonha de si mesma. Aí estava o roubo, o prejuízo, o crime, o atentado à pessoa humana, atentado dirigido não contra os seus bens mas contra o "seu bem". O bem que ela pensava dela própria, e que ele lhe arrancara, deixando-a no deserto, a terrível miséria do desprezo a si mesma.

Julien, sem nem mesmo pensar nisso, levantara-se. Precisava ver Clarisse imediatamente, tomá-la nos braços, convencê-la de que ela podia amar a si própria de novo, que ele. . .

— Onde você vai, meu querido Julien? — perguntou Edma.

— Eu volto, vou ver. . .

— . . . quem você deseja — cortou Edma brutalmente, e Julien percebeu que quase pronunciara o nome de Clarisse, e que Edma o sentira.

Inclinou-se bem baixo diante dela e no impulso beijou-lhe a mão, para surpresa geral, antes de se lançar pelo tombadilho com a agilidade e o jeito do perfeito turfista sempre preocupado em chegar a tempo à pesagem, ao campo, aos guichês e preocupado em evitar os outros turfistas. Julien atravessou os corredores, cruzou com dois camareiros com bandejas, saltou por cima de um marinheiro ajoelhado no tombadilho em plena limpeza, ultrapassou Armand Bautet-Lebrêche, que se retirava provavelmente saturado de sol e tagarelice, desviou-se de Olga, confusa, e entrou sem bater na cabina de Clarisse, que tomou nos braços no momento em que ela se virava para a porta. . . Porta suficientemente aberta para que Olga, que voltara atrás e ficara imóvel, os ouvisse distintamente.

— Minha querida — dizia Julien —, minha querida. . .

— Você está louco — respondia a voz de Clarisse, uma voz espantada, temerosa, mas bem mais terna do que indignada,

observou Olga com interesse.

Olga ficou dividida entre as alegrias da indiscrição e uma ligeira irritação diante da semi-ausência de vítimas do seu idílio, do lado de Eric pelo menos. Pois é, Simon devia pagar por dois, pensou com lógica. Evidentemente isso comprometia um pouco o lado dramático do relato a fazer, isso suprimia dilaceramentos a Eric e, portanto, valor à sua conquista. Em compensação, isso lhe evitaria as reflexões morais e inevitáveis de Fernande, as queixas que no decorrer das "Aventuras extraordinárias de Olga Lamouroux" tinham-se tornado agudas, chegando mesmo a pôr em dúvida a própria sensibilidade dela, Olga, e que a supunham quase culpada em relação ao rebanho crescente e doloroso das "outras mulheres". Várias vezes Olga sentira o risco de passar, aos olhos de Fernande, do *status* invejável de mulher fatal ao menos brilhante de prostitutazinha, este um pouco vulgarizado.

A ternura contida na voz de Clarisse lhe dava afinal um bom arranjo.

— Meu Deus, Clarisse — dizia Julien com voz clara e imprudente —, eu amo você; você é linda, Clarisse, inteligente, sensível e doce, e você não sabe disso? É preciso que você saiba, minha querida, você é maravilhosa. . . Aliás, todo mundo pensa assim neste navio, todos os homens estão apaixonados por você. . . Até mesmo esse tolo do Andreas, quando desgruda suficientemente a cabeça do seio da Doriacci para vê-la, fica com olhos de peixe morto, ele também. . . E até a cruel Edma dos Cubos de Açúcar e mesmo a Doriacci, que só gosta dos seus bemóis, acham-na encantadora. . .

A voz de Clarisse elevou-se e baixou sem que Olga pudesse distinguir as palavras.

— Ame-se a si mesma, Clarisse, o mundo lhe pertence. Você compreende? Não quero mais vê-la triste, é só isso — concluiu

Julien, soltando seu abraço e afastando Clarisse dele para ver melhor o efeito de suas palavras.

E Clarisse, aturdida mas vagamente aquecida pelo calor das palavras de Julien e pelo martíni seco, Clarisse, em nada convencida, mas enternecida, levantou a cabeça, mas, encontrando os olhos castanho-amarelados de seu cavalheiro, seus olhos despreocupados e fiéis de cão de caça, viu que eles estavam embaciados, cobertos de uma camada líquida que multiplicava e afogava o brilho, do que ele se deu conta ao mesmo tempo que ela, pois tornou a abraçá-la com um rosnado de raiva e algumas explicações ininteligíveis, resmungadas nos seus cabelos, perfumados e macios, furioso contra si próprio, pronto a se desculpar por esse incidente sem significação real, no que acreditava um pouco, aliás, devido à sua vaidade masculina. Teria muito bem compreendido naquele momento que Clarisse se pusesse a rir e caçoasse dele por esse sentimentalismo ridículo, teria mesmo achado normal, mais que justificado, pelo seu confessado ridículo.

— Julien — murmurou Clarisse. — Oh! Julien, querido Julien. . .

E seus lábios formaram o nome de Julien em seu pescoço, cinco ou seis vezes, antes de virem se pousar ao acaso sobre seu rosto, que eles percorreram do queixo às têmporas, que inundaram de beijos ávidos e lentos, uma chuva de beijos esfomeados e silenciosos, um aguaceiro interminável e terno sob o qual Julien sentia seu rosto se abrir, tornar-se terra fértil e abençoada, tornar-se um rosto doce e belo, lavado de tudo, precioso e precívél, um rosto querido para sempre.

No corredor, Olga já não ouvia nada, nem o eco de uma palavra, nem o de um gesto, e foi-se embora despeitada e vagamente enciumada, sem saber exatamente de quê.

Eric tomava café e fumava um cigarro em companhia de Armand Bautet-Lebrêche, refugiado, porém, como de hábito, atrás de uma mesinha desconfortável, seu último refúgio, que acreditara até então inviolável. Sitiado e vencido, o imperador do açúcar lançava olhares hostis àquele belo homem tão visivelmente de sua classe, Lethuillier, que tinha ainda assim a ousadia de se confessar comunista. Armand Bautet-Lebrêche não tinha a menor perspicácia, a menor finura em suas opiniões políticas, apesar de todas as sutilezas que podia admitir e inventar nos negócios financeiros. De fato, adotara todos os novos métodos de lançamento de fabricação, de mercado, era mesmo reconhecido, em relação aos poucos industriais com sua potência e idade, como o mais audacioso e, como se dizia, um dos mais abertos do seu tempo. Mas isso não o ajudava a reconhecer na classe política outras categorias que não fossem as seguintes: havia os comunistas de um lado e as pessoas de bem do outro.

Bautet-Lebrêche recorria, aliás, a simplificações aberrantes em outros domínios, em todos aqueles, de fato, que tinham resistido aos circuitos simplificados do seu cérebro, àquela IBM portátil e aperfeiçoada, provisoriamente instalada (mas ainda assim havia sessenta e dois anos e, sem dúvida ainda por quinze ou vinte) sob sua calota craniana. Por, exemplo, desde os dezesseis anos, como para Ellédocq, os seres femininos se tinham dividido em dois ramos: as putas e as mulheres de bem, e da mesma forma que recusava admitir que um desses homens "de bem" pudesse ser socialista ou de centro-esquerda, recusava admitir que uma mulher "de bem" pudesse ser, por seu lado, simplesmente sensual. Essa classificação era aplicada a tudo, em toda parte, com exceção das mulheres de sua família, naturalmente, em relação às quais Armand Bautet-Lebrêche sentia o dever, a obrigação mais sagrada de se comportar como cego, surdo e mudo. Era, por exemplo, impossível que Armand Bautet-Lebrêche nada tivesse sabido dos

desvios adúlteros da sua mulher, mas seria ainda mais impossível que fizesse a menor alusão a eles ou que deixasse que a fizessem diante dele.

Essa impunidade total tinha de início encantado Edma, depois naturalmente irritado e por fim mortificado. Atribuía-lhe razões diversas e extravagantes antes de se contentar com uma só, a única agradável, a ausência de tempo! Esse pobre Armand Bautet-Lebrêche tinha horários tão magistralmente estabelecidos que lhe deixavam tempo para ser indiferente, muito tempo para se sentir feliz, na pior das hipóteses, mas de modo algum tempo para sentir ciúmes e, portanto, infelicidade. Terminando a classificação de Armand Bautet-Lebrêche, ele evidentemente tinha classificado Edma, quando a conhecera, na faixa das mulheres "de bem"; ter-lhe-ia sido preciso uma demonstração inverossímil do contrário para que, por egoísmo, como por orgulho de seu método, pensasse em questioná-la: teria sido preciso que pelo menos Edma, diante dele, tivesse rolado com alguns de seus subordinados no tapete de seu escritório com gritos de êxtase ou obscenidades (que, aliás, ela sempre evitava por si mesma), para que sua posição de honra degradingolasse para esse refúgio infamante das mulheres ordinárias. Essa falta de clareza e mesmo de discernimento das divisões estanques de Armand Bautet-Lebrêche podia, aliás, ter as conseqüências mais cruéis: porque, não contente de se proteger por trás desses julgamentos primários, Armand Bautet-Lebrêche aplicava-os com todas as suas conseqüências. Despedira homens honestos, humilhara mulheres encantadoras, interrompera destinos promissores simplesmente porque, não os podendo colocar de imediato em suas classificações superiores, lançava-os deliberadamente nas inferiores, em suas masmorras. O número de suas vítimas, de suas injustiças aumentava com a idade, e de maneira bastante evidente para assustar a própria Edma, pouco

inclinada contudo a se ocupar do relacionamento humano do marido com seus empregados e já esgotada de ter que lhe extorquir, mesmo que de forma caricata, uma relação com seus amigos mundanos.

Eric Lethuillier, portanto, só podia exasperar esse homem. Dar-se ares de grande burguês e se arrastar a serviço de Moscou, principalmente depois de um casamento com as Aciarias Baron, representava uma traição à classe, e se essa não fosse a dele, era a classe de Armand. De qualquer modo,

Eric cuspiam no prato em que comia: tendo lançado seu *Fórum*, tendo-o criado graças à burguesia, era da pior inconveniência que atualmente ele a vilipendiasse (com relação a isso, acontecera mil vezes a Armand Bautet-Lebrêche utilizar armas ou finanças de um grupo adversário para arruiná-lo deliberadamente, e a meio caminho tornar a comprar por um nada essas armas que de outra maneira lhe teriam custado mais caro. Mas isso era outra coisa, pois se tratava de negócios). Achava extremamente inconveniente que esse comunista vestido de *cashmere*, mesmo e principalmente de *cashmere*, viajasse no mesmo navio que ele, escutasse, mesmo que fosse com um só ouvido, a mesma música que ele e olhasse, nem que fosse por um segundo, a mesma paisagem que ele, respirando voluntária ou forçadamente as mesmas mimosas. E ainda por cima a intromissão de Eric em todos esses domínios parecia pouco grave ao imperador do açúcar: ele não podia se interessar por nenhum panorama, nenhuma música, nenhum perfume, nenhuma atmosfera, já que nada disso podia ser comprado. Armand Bautet-Lebrêche só podia avaliar no sentido moral o que ele podia avaliar no sentido material. A estima só chegava a ele depois da estimativa.

Em compensação, tudo no *Narcissus* podia ser traduzido em algarismos, desde as passagens até seu conforto, seu luxo. As coisas materiais e reais, afinal, não eram aos olhos de Armand

compartilháveis com um comunista, e de qualquer modo deviam permanecer demasiado caras aos seus olhos ou à sua bolsa: o contrário não seria normal. E Armand Bautet-Lebrêche, tão finório e esperto em negócios que se tornara célebre nos cinco continentes, podia defender até o fim esse raciocínio primário (e tão repisado por pessoas honestas em todos os países do mundo), raciocínio segundo o qual não se podia ter o coração à esquerda e a carteira à direita, e que havia nisso uma hipocrisia mal colocada; raciocínio segundo o qual seria mais estimável ter a carteira à direita e o coração, duro; e que, finalmente, ter muito dinheiro só era incômodo quando se fazia questão que os outros também tivessem. E era exatamente, afinal, só o que separava as pessoas de esquerda das pessoas de direita e a razão pela qual os segundos acusavam os primeiros desde o primeiro século depois de Cristo.

De todo modo, o esquerdismo de Eric Lethuillier corrompera-se aos poucos: já não desejava que os pobres tivessem um carro, desejava simplesmente que as pessoas ricas já não o tivessem: e para isso pouco lhe importava a situação dos pobres. Era o que Julien já farejava e que começaria a transpirar de todas as páginas do *Fórum*, o que o tornava cada vez mais suspeito. Armand Bautet-Lebrêche hesitara durante muito tempo em lhe falar do *Fórum*, a traição de que o acusava, mas pouco a pouco, de tanto tédio que sentia no navio, privado de sua equipe, das três secretárias, das linhas diretas para Nova York e Cingapura, privado do telefone no carro, dos ditafones e de seu jato pessoal. . . privado de toda essa ofuscante panóplia de eficiência que, mais do que isso, fazia a felicidade dos homens de negócios, graças à proliferação e aos progressos incessantes da eletrônica; privado, em suma, dos brinquedos de metal negro e cinza cor do aço, com suas fitas falantes, seus pequenos vídeos luminosos e todos os seus poderes singulares, Armand estava tão entediado no *Narcissus* havia três dias que,

deliberada e visivelmente, tornara-se maldoso, em vez de simplesmente eficiente. Balançava então, abaixo do vinco impecável de sua calça de flanela cinza, um mocassim de couro macio comprado por uma das suas secretárias na Itália (na fábrica, porque, como todas as grandes fortunas, Armand tinha a mania ou a paixão de pechinchar até mesmo nas questões mais mesquinhas), e balançava-o cada vez com maior nervosismo. Eric Lethuillier, diante dele, dava ao contrário a impressão de calma e mansidão infinitas: sendo Armand Bautet-Lebrêche e seus trustes e seu império tudo o que Eric detestava no mundo, sendo essa raiva, pelo menos, o que proclamava mais vivamente e mais amiúde em sua gazeta, ele sentia, mais do que de hábito, ao iniciar uma conversa com esse homem, objeto típico de seu ódio, sua profunda tolerância e também sua imensa inteligência, ilimitada, pois era capaz de vencer suas paixões; e também sua curiosidade pelos seres humanos, generosa o bastante para dar algum crédito a esse anão ditatorial.

Eric jogou a cabeça para trás, com seus belos cabelos louros cuidadosamente assentados, um delicioso charuto bastante caro entre dois dedos, que levava à boca de tempos em tempos com gesto negligente, com ar farto e apreciador, como se tivesse nascido com ele, do mesmo modo que seu interlocutor. De fato, agradava-lhe mostrar a um dos maiores burgueses de sua época que um revoltado, nascido e criado na miséria material, um homem que se fizera por si mesmo, a partir do nada, podia cortar um bife e fumar um charuto com a mesma desenvoltura de um capitalista de velha cepa. E assim Armand e Eric encontravam-se com armas iguais num mesmo conflito, pois era o charuto Mon-te-Cristo, de quarenta e cinco francos a unidade, o que Armand censurava em Eric, e era justamente desse charuto que Eric se orgulhava naquele momento.

E a discussão, portanto, sem parecer, entrou precisamente no cerne do assunto:

— O senhor prefere os números 1 ou os números 2?

— perguntou Eric, franzindo um pouco o cenho, com o ar compassado, quase piedoso mas arrogante, que adotam geralmente os fumantes de havanas quando falam deles.

— Os números 1 — disse Armand com voz decidida;

— nunca os outros. . . Os outros são grandes demais para mim — acrescentou suavemente, como para deixar bem claro a Eric que, se ele próprio, Armand Bautet-Lebrêche, proprietário das maiores refinarias do Pas-de-Calais, achava grande demais um charuto cujas plantações inteiras ele poderia comprar dez vezes, seria indecente e ridículo, até grotesco, que Eric Lethuillier, vindo do submundo da mesma pátria, os achasse outra coisa que não fosse abafantes. Por felicidade, Eric, perfeitamente inconsciente desses pensamentos por trás das palavras, sempre achara um pouco grosseiro o tamanho número 2.

— Também sou da sua opinião — disse distraidamente. A expressão "Ainda bem" refletiu-se por um instante nos óculos de Armand Bautet-Lebrêche, antes que ele dissesse:

— Aliás, acho tudo excessivo neste navio: o caviar, os vinhos de safras especiais, os vasos com flores, águas-de-co-lônia em todos os vestiários, tudo isso me parece de muito mau gosto, não acha?

— Acho. . . — admitiu Eric com uma indulgência toda nova nele, mas que tinha seu lugar naquele contexto de tolerância em que tudo era possível, inclusive a conversa dele, Eric, com aquele capitalista simbolicamente coberto do sangue de seus operários.

— Isso não o constrange?. . . Naturalmente! — disse de repente Armand Bautet-Lebrêche, desencadeando a hostilidade num momento estranho, e invertendo assim completamente os papéis:

era o capitalista que pedia contas ao homem de esquerda, era o justiceiro que se tornava culpado.

Um e outro devem ter sentido a estranheza da coisa, pois se interromperam juntos e mastigaram seus charutos e sua perplexidade sem convicção.

— Aliás, acho toda essa gente insuportável — cedeu bruscamente Bautet-Lebrêche com voz aguda, esganiçada até, uma voz de menininho lamuriento, triste mesmo, que acabou por desorientar o diretor do *Fórum*.

— De quem o senhor fala, precisamente?

— Eu falo de. . . falo de qualquer um, não da minha mulher, naturalmente — balbuciou Armand incoerentemente. — Eu falava de. . . sei lá, eu. . . Esse tipo, esse tipo do cinema, esse vendedor de filmes — terminou, num tom enojado, como se tivesse dito "mercador de tapetes".

Mas a alusão a Simon, graças ao desprezo que ele suscitava em ambos, afastou-os do problema; num instante reencontraram-se aliados contra os vendedores de tapetes, os vendedores de cinema, os matreiros, os gringos:

— Estou perfeitamente de acordo com o senhor. — A voz de Eric era convincente, e o furor temeroso de Armand enfraqueceu, dando lugar a uma camaradagem de indivíduos da mesma classe. De repente era como se um e outro fossem adolescentes de Eaton, enquanto Simon era de uma escola de outra classe. Confiante, Armand, renunciando provisoriamente a toda belicosidade, procurou antipatias dali por diante compartilhadas com o "seu comunista".

— A putinha que o acompanha é de uma vulgaridade espantosa ■— continuou ele, animado.

E terminou a frase com um riso seco, inquietante, o mesmo tipo de riso que se espera de homens de negócios ferozes, nos filmes

policiais de segunda; Eric, que estremeceu ao termo "putinha", bem fora de moda, afinal, ficou reconfortado pelo riso feroz. E reforçou:

— Sim. . . no estilo *starlet* intelectual. . . afinal. . . com pretensões intelectuais, é uma das putinhas mais aborrecidas que encontrei até agora! Ela me faz até sentir pena desse infeliz cineasta enriquecido. . . Em pouco tempo o terá arruinado! Pobre Bédard!

E os dois homens, como uma súbita e viril compaixão, sacudiram a cabeça, entristecidos com as desgraças de Simon Bédard.

Nem um nem outro percebeu a chegada de Olga por trás deles. Ela lhes trazia na sua mão branca uma pedra negra e translúcida que um *barman* lhe confiara, e sobre a qual se dispunha a perguntar, àqueles dois espíritos fortes, a opinião: se era de fato um meteorito, uma estrela vitrificada caída por milagre naquele navio, uma estrela caída de um outro planeta e talvez jogada no vazio por um outro ser vivo, ele próprio, talvez só, ou acreditando-se só no mundo. . . etc, etc.

Em suma, Olga fora encontrá-los como uma adolescente ingênua e entusiasmada, na ponta dos pés, com a mão para a frente e a expressão extasiada. Retirou-se ainda na ponta dos pés, mas com o punho cerrado e o ar de uma mulher madura, de uma mulher feroz, ébria de ódio e de humilhação, papel que, por sua vez, não tinha a menor dificuldade em representar. Apoiada na amurada do navio, fora das vistas, Olga Lamouroux chorou pela primeira vez em muito tempo, pelo menos pela primeira vez sem testemunhas, em muito tempo.

Um pouco mais tarde ela se acalmou, afugentou da cabeça aquela frasezinha lancinante e fulminante, aquela frase que ziguezagueava de um canto a outro de seu cérebro e se debatia para sair como uma mosca sob um vidro, a frasezinha pronunciada por Eric: "com pretensões intelectuais, é uma das putinhas mais aborrecidas. . .", etc. Não era o termo "putinha" que mais a ofendia, longe disso,

eram antes de tudo as duas outras palavras, e o fato de terem sido ditas por Eric Lethuillier em pessoa, o diretor do *Fórum*. Essas duas palavras, fora de qualquer consideração sentimental (que nem a atingia, aliás), jogavam-na num desespero humilhante, um desses desesperos que, segundo Stendhal, Dostoiévski, Proust e muitos outros, podem ser os mais dolorosos. Aliás, Olga Lamouroux nunca lera Stendhal, nem Dostoiévski, nem Proust, nem muita gente mais, por mais que o dissesse: só lera o que se dizia deles, provavelmente na *Paris-Match* ou no *Jours de France*, por ocasião do cinquentenário, e não nas *Nouvelles Littéraires*. A essas informações preciosas, acrescentava uma pequena nota pessoal fornecida por Micheline, sua amiga intelectual, mas, de fato, nada lera. Foi assim que, sem o apoio de qualquer referência, Olga Lamouroux, mais exatamente Marceline Favrot, nascida em Sa-lon-de-Provence (de uma mãe terna e vendeira, o segundo termo tendo-a impedido de apreciar o primeiro), que Olga ficou torcendo as mãos realmente, mas em vão, durante mais de uma hora, para escapar aos delírios e aos gritos do seu orgulho ferido. Olga não sabia tomar distância de si mesma para se ver; só tinha uma visão estilizada e falsa, mas era uma versão triunfante, que conseguira construir com certa coragem contra todas as provas em contrário que a vida lhe atirava. Também, ao mesmo tempo que sua vaidade, talvez fosse o que de melhor havia nela: a coragem, e portanto a teimosia, a ingenuidade da infância maravilhada pelos engodos, a recusa de uma existência insossa (ou pelo menos assim lhe parecia). Talvez fossem também seus esforços, suas noites de vigília para conquistar nem que fossem as aparências de uma cultura mais extensa do que a do liceu de Salon, sua confiança na vida, na juventude, na beleza e na sua sorte que Eric acabava de fulminar ou pôr em risco. E assim sua decisão implacável, seu desejo de recorrer à vingança, correspondia tanto às suas qualidades quanto às suas falhas. A rapidez que empregou, deixando de lado seu sofrimento, para procurar armas,

um meio de fazer Eric pagar, era de certo modo perfeitamente estimável. Já estava, aliás, traduzida numa versão deliberadamente mentirosa, dirigida a suas duas confidentes, Micheline ou Fernande, pela seguinte fórmula: "Decidi imediatamente que isso ia custar caro a Eric Lethuillier. Ele ia ver o que significava investir, diante de Olga Lamouroux, a futura estrela, contra uma jovem mulher desarmada, ainda que ela fosse a sua, a jovem e rica Clarisse Baron das Aciarias".

Enquanto esperava pela vingança, reprimia as lágrimas, apanhava-as nas maçãs do rosto e espantava-se vagamente da ausência de sal. Permitia-se ainda assim sacudir os ombros devido aos soluços, contudo mais por abandono do que por docilidade ante seu grande desgosto (uma docilidade tinta de admiração, pois havia dez anos ela já não se acreditava mais, à força de simulá-las, capaz de lágrimas reais). Naquele instante, no entanto, eram lágrimas verdadeiras que se amontoavam, saltavam de suas pálpebras, enquanto seus ombros curvavam-se sob espasmos incontrolados: era uma mulher, ou antes uma criança em desespero — que ela não conhecia, ou já não conhecia — que chorava por ela, uma "outra". Espantada portanto, mas bastante surpresa com essa capacidade da outra para o sofrimento, Olga maquinalmente tentava realçar as causas. Pouco a pouco pôs-se a chorar pela mediocridade dos seres humanos, pela dureza de certos homens, que deveriam ser o contrário, homens com quem o povo generoso e confiante, o povo de grande coração, contava naquele momento para sair da rotina. Chorava pela ingenuidade dos pobres leitores do *Fórum*. Esquecia que eram os intelectuais de esquerda (ou de direita), que eram grandes e pequenos burgueses, em todo caso os abastados que podiam comprá-lo e se inclinar com ele sobre esse famoso povo: povo em que ninguém, exceto seus charlatões oficiais, acreditava, e

de que ninguém queria fazer parte; finalmente, "esse povo" cuja única marca distintiva era talvez nunca usar esse vocábulo.

De qualquer forma, quando Julien, que dava a volta ao tombadilho a grandes passos, a pernadas, subindo escadas de quatro em quatro degraus, no ritmo da felicidade no amor, quando Julien esbarrara nela, eram lágrimas altruístas que derramava nas ondas azuis e que, agarrando-se a ele, Olga derramara sobre seu casaco. "Por que não dirigira sua preferência a ele?", perguntava-se. Naturalmente não aparentava seriedade, naturalmente não representava nada, naturalmente, até ali, não tinha se interessado pela única coisa interessante que havia naquele navio, isto é, ela mesma, Olga. . . Mas ele, pelo menos, lhe sussurrava Marceline Favrot, no seu ingênuo desespero, "pelo menos tinha uma boa cabeça! Naturalmente. . . Estava apaixonado por Clarisse. . . a bela Clarisse, a ex-grotesca Clarisse. . . e essa rivalidade inesperada não ajudava em nada a solução de seus pequenos problemas", pensava ela ao mesmo tempo que se dava conta de que, graças a Julien, seu desespero e seu destino se reduziam na sua própria cabeça ao termo "pequenos problemas". Talvez fosse o rosto daquele homem que provocava isso, com suas sobrancelhas arrepiadas, seus dentes brancos, sua boca cheia, seus olhos castanhos e seu grande nariz oblíquo. Tinha cílios longos como os de uma mulher, observava, pela primeira vez, cílios inesperados num homem tão masculino e tão evidentemente encantado de sê-lo. . . Podia-se ficar com ciúmes desse Julien Peyrat, afinal. . . e o belo Eric deveria bem ser o primeiro a pensar em ciúmes, se ela evocasse a cena surpreendida naquela mesma tarde. . . Pois agora que ela já não gostava mais de Eric, ou antes, que já não se dizia que o amava, o que, aliás, era bem possível, ele lhe parecia muito menos sedutor. E, pensando bem, aquela escapada a Capri fora singularmente desprovida de

interesse num certo plano, plano em que Julien Peyrat, pelo contrário, ter-lhe-ia sem dúvida deixado melhores recordações. . .

Olga era frígida e mudava esse triste adjetivo num outro mais sedutor: ela se dizia "fria" para que não a acusassem de sê-lo e esperassem assim mudá-la. Eric com ciúmes de Peyrat. . . Mas por que não? Suas lágrimas, cujo fluxo secava, segundo acreditava Julien, redobraram, mas desta vez por injunção sua. As lágrimas funcionavam em qualquer estratégia junto desses homens, era o que sua experiência lhe recordava.

Julien ficara de início desagradavelmente impressionado com essas lágrimas. Parecia-lhe que naquele barco ele estava destinado ao papel de consolador, o que não era de seu hábito. Imediatamente esse pensamento lhe pareceu blasfematorio. Ele sabia afinal que as lágrimas de Clarisse não se comparavam às de Olga! Nem pelo motivo, nem pelos olhos de onde escoavam; nem, mais prosaicamente, pela sua fluidez. Olga fungava muito chorando e a manga de Julien brilhava de reflexos inquietantes. . . Julien passou um braço protetor sobre os ombros de Olga e, com um gesto envolvente, apertou-a contra si por um instante. Quando ele a largou e ela recuou, ficou encantado de ver que lhe devolvera aquele incômodo presente. Satisfeito, Julien voltou sua atenção para as exaltadas palavras da moça aflita.

— Eu ouvi uma conversa — dizia em voz baixa — que me indignou. . . Indignou até me pôr neste estado! Eu sou muito ingênua, sem dúvida. . .

Fez um gesto desesperado e fútil com a mão, que significava muita coisa com relação às loucas conseqüências de sua ingênua juventude.

— E o que foi que pôde chocar essa ingenuidade? — perguntou Julien sem pestanejar, com expressão grave.

Pensava no relato que fazia a Clarisse, em como ririam juntos, e se deu conta, com terror, de que não lhe acontecia nada que não pensasse em contar-lhe imediatamente. No seu caso, seria isso amor?, pensou: a vontade de dizer tudo à mesma pessoa e que tudo que lhe acontecia lhe parecesse assim engraçado e apaixonante? Ao mesmo tempo que apaixonado, tornara-se cruel, observou ele também: afinal, essa jovem, Olga, apesar de todos os seus ridículos, podia muito bem estar infeliz. . . Eric Lethuillier era perfeitamente capaz, na sua arrogância, de ofender profundamente duas mulheres.

— O que foi que aconteceu? — repetiu, de repente com calor na voz, e por um segundo Olga quase lhe contou.

Não Olga, aliás, mas Marceline Favrot, sempre provinciana, sempre confiante e também sempre sentimental, mas que, graças a Deus, Olga Lamouroux controlava. E foi Olga que respondeu:

— Nada, nada de particular, mas as conversas desse sr. Bautet-Lebrêche me aniquilaram. Deveria haver limites para o ignóbil, não acha? — perguntou num impulso.

— Deveria haver, sim — resmungou vagamente Julien, que, tendo feito um esforço sincero, suspirava agora para recomeçar seu passeio ao vento. Se você um dia precisar de mim. . . — disse polidamente (esperando marcar com isso que essa necessidade, para ele, era prevista no futuro).

Olga sorriu, abanou a cabeça com gratidão e ele então disparou a galope. Olga o viu desaparecer por trás de um extintor; e por um instante se perguntou por que nunca pudera se apaixonar por esse gênero de homem, que ela teria tornado tão feliz (ignorando que "esse gênero de homem" um pouco mais adiante também se perguntava por que nunca pudera amar esse gênero de mulher). Ela voltou rápido a seu propósito: como punir Eric? Pela mulher, pela bela Clarisse, naturalmente. . . Era a única falha que ela percebia nele. Embora não conhecesse sua origem nem sua importância.

Clarisse, cuja vida voltava à medida que ela cometia imprudências, cuja felicidade redobrava com os remorsos, chegara ao bar antes de Eric, com ar distraído mas sorrateiro. Aproveitara o banho de Eric para se vestir às pressas, enquanto ele assobiava ao lado, e se eclipsar sem barulho e sem fechar a porta. Ele ia se exasperar com essa fuga e aparecer muito depressa, mas dez minutos, cinco minutos ou três minutos, com Julien, com o homem que lhe restituíra o gosto por si mesma, pela aparência e pela vida profunda de seu corpo (se não o gosto, pelo menos a aceitação), esses dez minutos valiam muitas cenas. Tinha mil coisas a lhe dizer, e ele, por seu lado, tinha para ela mil respostas e mil perguntas, mas isso não impediu que de início ficassem imóveis e mudos em seus banquinhos de couro, antes de começar a falar ao mesmo tempo e se interromper juntos, com as mesmas desculpas, como nas piores comédias americanas. Perderam mais trinta segundos a se oferecerem a palavra, e finalmente foi Julien que se lançou de rédeas soltas num monólogo exaltado:

— Que vamos fazer, Clarisse?. . . Você não vai partir com esse homem quando chegarmos a Cannes, não é mesmo? Não vai me deixar? É ridículo. . . Seria melhor dizer-lhe logo. . . Quer que eu próprio lhe diga? Eu me encarrego de lhe dizer, eu, se você não puder. . . Se você não puder. . . — recomeçou com aquele olhar terno cujo poder ela já sentia demasiado.

De fato Julien tinha o sorriso de um homem realmente terno, de um homem realmente bom; era a primeira vez que Clarisse sofria a sedução dessa virtude comum chamada "bondade" e que lhe dava exatamente o que o olhar de Eric lhe recusava: a segurança, em primeiro lugar, graças a esse semi-estranho, seu amante, de ser incondicionalmente aceita, amada, e não julgada por um ser superior. Afinal, talvez Eric simplesmente já não gostasse mais dela, talvez tivesse raiva dela por nada fazer que lhe permitisse

pedir o divórcio. . . Talvez ficasse encantado, pelo contrário, se Julien lhe pedisse a mão, por mais extravagante que a coisa fosse. . . Mas Clarisse sabia bem que não era simples, e quanto mais o olhar de Julien e seu desejo a persuadiam de sua beleza (uma beleza sem insipidez) e de seu direito à liberdade como à felicidade, mais se dava conta do que havia de incompreensível no comportamento de Eric. Compreendia, sem cólera, que fora literalmente enclausurada e fechada numa visão negativa de si mesma, no seu olhar não só sem indulgência mas sem dúvida até mesmo agressivo. E que teria ela podido fazer, senão ser rica?, como dizia Julien. Mas aí não continuava com sua investigação, parava à beira das histórias de dinheiro como diante dos pântanos infectados onde atolaria, se ali procurasse os vestígios dos passos de Eric. Sabia, estava certa, que se Julien falasse com Eric, ou Eric soubesse por outro o que lhes acontecia, as conseqüências seriam terríveis. . . tanto para Julien como para ela. E quanto mais o olhar de Julien lhe inspirava confiança, satisfazia sua fome sentimental, tanto mais a inquietava quando imaginava as manobras sutis e geladas que Eric oporia a Julien e que ela conhecia bem demais.

— Não diga nada. Eu lhe suplico, não diga nada agora. Espere. . . espere o fim do cruzeiro. . . Neste navio, todos juntos e todos informados, seria horrível, fatigante. . . Eu não poderia fugir de Eric. Eu só poderia fugir em terra firme, e ainda assim não sei se ele não me recuperaria pela força, de uma maneira ou de outra. . . — continuou, com um sorriso muito alegre e depois com um ligeiro riso que deixaram Julien um instante perplexo, antes que a mão de Edma Bautet-Lebrêche, passando por trás dele para apanhar uma avelã no bar, o informasse das razões desse riso inoportuno.

— Minha querida Clarisse — disse Edma —, posso substituí-la junto ao sr. Peyrat? Seu marido se aproxima a grandes passos, como

Otelo. . . Ele já teria chegado até, se Charley não o tivesse detido na passagem com uma história de telex.

E deixando Clarisse em seu banquinho à direita de Julien, Edma pegou o tamborete à esquerda e se pôs a falar com animação, fazendo-o assim virar as costas para Clarisse, que se encontrou diante da Doriacci, sorridente e cúmplice.

— O senhor sabe, sr. Peyrat — disse Edma "com um sorriso encantador, por sua vez", pensou ele. — O senhor sabe que desde a partida deste cruzeiro eu me empenho em agradar-lhe?. . . Pisco-lhe o olho, falo pensando no senhor, rio com o senhor, que sei eu. . . fico ridícula e sem o menor eco. . . Estou muito humilhada e muito triste, sr. Peyrat. . .

Julien, com o espírito confuso pelas últimas palavras de Clarisse, fez um esforço sobre-humano para compreender o que lhe diziam e, quando o conseguiu, esse esforço só pôde redobrar seu constrangimento. Observara as manobras de que Edma falava e achou preferível, tanto para ela como para si mesmo, não demonstrá-lo. Que ela lhe falasse tão abertamente parecia-lhe aterrador (ele tinha pavor, de fato sempre tivera, da idéia de humilhar quem quer que fosse, e, ainda por cima, uma mulher).

— Mas — disse ele — eu não pensava. . . não pensava que fosse para mim. . . Enfim, que a senhora, que a senhora pensasse. . .

— Não se atrapalhe — disse Edma, sempre sorridente —, não se atrapalhe e não minta. De fato eu lhe fiz a corte, sr. Peyrat, mas eu a fiz no imperfeito. Eu queria simplesmente que o senhor compreendesse que, se eu estivesse neste navio com o senhor há vinte anos, ou dez, aliás, seria o senhor que eu escolheria, com o seu acordo, para enganar o sr. Bautet-Lebrêche. Talvez isso lhe pareça duvidoso, mas mesmo entre as pessoas das relações dele encontrei homens bastante encantadores para amar. . . E guardei pela espécie masculina uma amizade que não se desmentiu e que não se

desmentirá mais agora, aliás, por falta de ocasião de se desmentir. Era uma admiração totalmente platônica, acredite-me, uma afeição cheia de saudades, mas feita de recordações felizes que eu lhe propunha. . .

Tinha uma voz um pouco triste, subitamente, e Julien teve vergonha de si mesmo, vergonha de seus pensamentos não verbalizados e de suas reticências. Pegou a mão de Edma, beijou-a. E levantando os olhos e virando-se, viu-se sob o olhar irônico de desprezo, quase abertamente insultuoso, de Eric Lethuillier, sentado do outro lado de Clarisse. Eles se entreolharam fixamente, e Julien inclinou-se para Eric, roçando em Clarisse, que olhava à frente.

— Você falou comigo? — disse ele a Eric.

— Mas de modo algum! — respondeu Eric Lethuillier, com ar espantado, como se essa eventualidade lhe fosse desonrosa.

— Pensei — disse Julien com voz neutra.

Houve entre eles como que uma espécie de vazio pesado entre dois cães bravos. Uma parada do tempo, uma imobilidade sibilina, de ódio. Charley salvou a situação, como de hábito, batendo palmas e gritando "*Hello people*" com sua voz anasalada. Todo mundo virou-se para ele, os dois homens continuaram presos pelo olhar, até que Edma pratimente pôs a mão nos olhos de Julien dizendo "psiu", como se ele estivesse falando, para que ele voltasse o rosto para Charley.

— Será que todo mundo está aqui? — gritou Charley. — Ah! Faltam Simon Bédard e a sra. Lamouroux. . . E também o sr. Bautet-Lebrêche. Enfim, você lhes transmitirão, por favor, a nova ordem de bordo. Gostariam que parássemos amanhã, antes de Cartago, nas ilhas Zembra, para tomar o último banho antes do inverno?. . . Podemos ancorar perto de uma ilhota onde há mar profundo e grandes praias. Pensei que isso agradaria a todos. . .

Houve algumas exclamações aprovadoras, mas em menor número que os silêncios, pois os passageiros do *Narcissus* não tinham em geral interesse em se desnudar devido à idade. Só Andreas, que aquele mar azul embriagava, e Julien, que não gostava muito de natação, nem de tênis ou de qualquer esporte que não fossem as corridas de cavalo, mas que toda escapada do navio, toda ocasião de rever Clarisse entusiasmava, aplaudiram barulhentemente, enquanto Eric fazia um sinal aprovador com a cabeça. A Doriacci, Edma e Clarisse não se manifestaram, mas por motivos diferentes. As duas primeiras por preocupações estéticas; Clarisse porque, desde que Eric se sentara perto dela, estava novamente com medo de tudo: de um banho no Mediterrâneo como de um cálice no bar com Julien, como de provocar sorrisos cúmplices dos outros passageiros. Clarisse tornava a ter medo de amar Julien ou quem quer que fosse. Descobriu uma enxaqueca instantânea e foi se refugiar na cabina.

Tudo ali denunciava a presença de Eric; suas roupas, papéis, jornais, agenda, os sapatos. . . e nada lhe lembrava Julien, cujas camisas amassadas e cujos sapatos mal engraxados ela já conhecia, sentindo nesse momento uma nostalgia tão violenta dessas roupas masculinas amassadas como de seu corpo. Ela devia ter descido em Siracusa, interrompendo ali o cruzeiro para esquecer Julien. Mas se era capaz dos dois primeiros projetos, não estava certa de sê-lo quanto ao terceiro. Sabia bem que, renunciando a essa fuga no instante em que a imaginava, não eram a cólera ou as acusações de Eric sobre seu comportamento inconstante o que ela mais temia. Não saiu para o jantar nem para o concerto, e passou a noite entre duas hipóteses: descer em Siracusa ou amar Julien, optando por uma ou pela outra a cada hora, para acabar adormecendo às sete da manhã esgotada mas feliz de pensar que esse esgotamento, em

todo caso, evitar-lhe-ia fazer essa escolha e, por conseguinte, suas malas.

Julien não se enganara quanto à agressividade de Eric Lethuillier: Eric odiava-o de fato, já, com uma raiva instintiva superior à que dirigia a Andreas e principalmente a Simon Béjard. Não há dúvida que Eric tinha sobre as mulheres algumas idéias completamente fora de moda e primárias, em comparação com a liberdade que o *Fórum* reclamava para essas mesmas mulheres. O mau gosto ou o bom gosto não eram talvez critérios quando se tratava dos gostos sexuais de uma mulher (embora ele acreditasse, à força, que Clarisse tinha se tornado completamente fria no amor, quase frígida, embora ele a tivesse conhecido muito diferente). Mas não lhe parecia ainda assim possível que fosse a Simon Béjard que Olga tivesse feito alusão naquela mesma tarde.

Ela marcara encontro com ele no bar da primeira classe, onde a chegada deles fora acolhida de má vontade, como se uma diferença de trinta mil francos pudesse criar uma espécie de Harlem e transformá-los, a Olga e a ele, em brancos indesejáveis. Mas Olga não parecia nada preocupada com os outros passageiros. Ela o acolhera com demonstrações tão evidentes de sua paixão que ele tinha se regozijado afinal de ter se refugiado ali: a mímica de Olga teria certamente parecido forçada aos olhos perspicazes de Charley ou dos outros, tão forçada quanto a aceitação dele, Eric Lethuillier. Deixou-a armar suas baterias e utilizar todos os seus encantos com uma indiferença além do desprezo e tendendo à exasperação, quando ela lhe passou, sorrindo como por acaso, a frasezinha que devia estragar-lhe o dia. Essa frasezinha apareceu numa volta de um monólogo de Olga em que ela se inquietava de repente pelos sentimentos de Clarisse. Pretendia mesmo não querer ser a causa do desgosto dela ("um pouco tarde", pareceu a Eric), e insistia tanto nisso que, ao perguntar a Eric se Clarisse não tinha ciúmes dele e

de suas escapadas amorosas, ele lhe respondeu imediatamente, para eliminar esse assunto, "que Clarisse e ele já não se amavam havia muito tempo, que sem dúvida ela nunca o tinha amado; contrariamente a ele, Clarisse era indiferente a outras pessoas, a ele inclusive, quase até o limite da esquizofrenia". Depois de algumas palavras de consolo muito esclarecidas, Olga lhe disse então, com um risinho ligeiramente tímido:

— Então, felizmente, meu caro Eric. . . Fico bem aliviada por você e por ela. . .

— Por que por mim? — perguntou Eric maquinalmente, esperando que ela evocasse seus eventuais remorsos.

Mas Olga recusou-se a explicar-se, com ares de nobreza que completaram a exasperação e até mesmo o rancor de Eric para com ela.

— Minha querida Olga — disse, depois de dez minutos de discussão sobre os direitos que tinha de saber o que ela sabia —, minha querida Olga, eu pensava que lhe tinha feito compreender que sou uma pessoa de idéias claras. Como eu também não lhe esconderia os possíveis desvios de Simon Béjard, você não tem que me esconder alguma coisa que me toca, mesmo indiretamente. Se você pensa o contrário, é melhor ficarmos por aqui.

E grandes lágrimas subiram imediatamente aos olhos de Olga, enquanto seu rosto se contraía, seu tormento se manifestava por mil batimentos dos cílios, e finalmente ela disse ao namorado, cada vez menos perplexo:

— Foi porque eu a vi flertando um pouco ainda agora

— disse, sorrindo. — E não lhe direi nos braços de quem, porque não me lembro. E mesmo que soubesse não diria.

— O que você chama de flerte? — perguntou Eric com voz cortante, mas subitamente pálido sob seu bronzeado (o que fez pular de

alegria o coraçãozinho de Olga Lamouroux: ela tinha encontrado a arma. . . )

— Flertar. . . Flertar. . . como o definiria você mesmo, Eric?

— Eu não o defino — disse secamente, rejeitando com um gesto do braço qualquer definição dessa atividade fútil —, eu não flerto nunca: eu faço amor com alguém ou não o faço de todo. Detesto as excitadoras.

— Aí está um defeito de que você não pode me acusar

— disse Olga como uma gatinha, agarrando-se ao braço dele. — Eu realmente não lhe resisti muito tempo. Talvez não tenha sido bastante. . .

Eric teve de se conter para não bater nela. Tinha vergonha da idéia de ter se deitado na mesma cama com aquela miserável *starlet* transbordante de fofocas e de tolices. E na sua raiva chegou a esquecer o que queria saber dela. Olga percebeu-o e murmurou:

— Então, digamos que eles se beijavam na boca apaixonadamente. Tive que esperar três minutos no meu relógio para poder entrar na minha cabina, que fica adiante da sua. . . Quando eles se separaram, estava prestes a voltar ao bar, já que parecia que suas manifestações iriam durar muito tempo. . .

— E quem era ele?

— Veja. . . — disse Olga sem parecer ter ouvido a pergunta — veja, quando você fala em excitadoras, estou perfeitamente de acordo com você. E aliás ficaria mais orgulhosa de logo ter dito sim a você, Eric, meu grande homem. . . — acrescentou ela com ingenuidade.

— Mas nada me diz que sua mulher seja uma excitadora, e é bem possível que ela própria tenha apagado o fogo que desencadeou. . .

— O que é que você quer dizer? — perguntou Eric, sempre com aquele ar de cego por trás do qual ele se debatia horrivelmente (como Olga podia adivinhar, rejubilando-se pela primeira vez nas últimas vinte e quatro horas).

— Eu quero dizer que Clarisse, como você, talvez tenha amantes, e que ela se comporta como uma mulher honesta. Em todo caso, esse, ela não se limitará a excitá-lo. . . Se não fossem quatro da tarde e o fato de que você pudesse voltar à cabina por acaso, eles teriam se fechado ali de bom grado. . . Eu os via tremer de onde estava, a dez metros.

— Mas quem? — repetiu Eric com energia (e as pessoas em torno dele olharam).

— Vamos pagar e sair daqui — disse Olga imediatamente. — Eu lhe direi tudo quando sairmos daqui.

Mas quando Eric, depois de pagar, quis se reunir a ela, já não a encontrou, e foi refugiar-se na cabina, da qual não saíra até aquele momento, hora da abertura do bar. E por essa razão Eric não sabia qual dos três homens tinha beijado sua mulher, Clarisse, e a quem ela retribuía os beijos. Andreas parecia ocupado. Julien Peyrat era um trapaceiro, um aventureiro, portanto incapaz desse absoluto no amor que era a única exigência de Clarisse; quanto a Simon Bédard, Olga não resistiria a lhe dizer o nome. Talvez fosse Andreas, afinal, a quem a Doriacci dava liberdade completa. . . "Mas seria preciso que ele fosse vigoroso no amor", repetia-se Eric fitando Julien, para descobrir talvez ali o homem atraente visto por Clarisse. Foi no momento em que Julien levantou os olhos e eles se defrontaram como dois rivais que Eric soube o nome do inimigo. Sentado ao lado de Clarisse assim que chegara, sentia-se ferver de furor e de alguma coisa mais que se recusava totalmente a chamar de desespero. Conservou bastante sangue-frio para passar a noite sem quebrar tudo e dizer tudo. Mais que qualquer outra coisa, humilhava-o a idéia de seus namoros com Olga e de suas manobras tão inteligentes e de psicologia tão sutil, enquanto Clarisse, por seu lado, fizera embarcar o amante no navio, a menos que eles se tivessem tornado amantes nesses três dias, o que Eric não podia nem queria acreditar, porque isso lhe teria provado que Clarisse

ainda era capaz dessas paixões agudas, dessas crises passionais das quais ele se beneficiara uma vez e que tudo fizera para não ver reaparecer no rosto da mulher.

O jantar, apesar desse início promissor, passou-se num clima de bom entendimento, embora esse termo fosse pelo menos um pouco otimista, levando-se em conta o riso vindo da garganta de Edma e o olhar de Eric.

O jantar em todo caso permitiu a Julien Peyrat — que já começava a fazer castelos no ar, isto é, sua vida de homem casado com Clarisse ex-Lethuillier, que voltara a ser Clarisse Baron, ou antes: Clarisse ex-Baron, sra. Peyrat; Julien, desde já, recusando todos os cêntimos e todos os milhões de sua rica família, recusando qualquer equívoco suscetível de fazer Clarisse, "sua mulher", duvidar de seu amor louco — Julien Peyrat, que, por motivo dessa recusa, se relançava mentalmente em combinações e maquinações extenuantes, graças a esse jantar calmo e curto pôde confiar seu Marquet aos cuidados de Charley Bollinger, empresário ideal para esse gênero de negociações. Julien sussurrara-lhe o preço incrivelmente baixo do quadro, as razões desse preço e as circunstâncias de sua compra, excepcionalmente complicadas e nas quais acabava ele próprio por se perder, ao mesmo tempo em que deixara perceber sua paixão por aquele quadro e ainda assim a dolorosa mas possível eventualidade de se separar dele, com tanta convicção que, à sobremesa, já se deixara levar por Charley, o empresário perfeito, quase à força, até a cabina: abrindo sua valise, tirara o quadro enrolado em papel de jornal entre duas camisas, bloqueado por dois pares de meias como só se podem permitir os grandes, os verdadeiros quadros; e assim convencera irreversivelmente Charley de que um dos mais belos Marquet do mundo encontrava-se a bordo do *Narcissus* e que qualquer dos passageiros, bastando que dispusesse de vinte e cinco

miseráveis milhões de francos antigos, podia trocá-los por esse quadro que valia mil em si, mas duzentos à venda. . . como atestava meia dúzia de papéis assinados por grandes peritos de nomes

Desconhecidos mas familiares ao ouvido. Ao deixá-lo, Julien estava perfeitamente seguro da propagação dessa convicção entre os felizes e ricos patos encontrados no navio, principalmente porque ele havia feito Charlie quase jurar nada dizer a ninguém.

Foi só por volta das duas horas da madrugada que Eric, esticado no seu beliche, começou a construir seu plano de sabotagem.

Finalmente, não foi ele que sofreu mais com essa revelação, pelo menos naquela noite; foi Simon Bédard, que nada tinha a ver com o assunto.

Ao voltar à cabina, Olga, depois de secas as lágrimas havia horas, tinha contudo hesitado um instante depois de abrir a porta. Deparara-se com Simon Bédard em sua cama, com os lençóis bem esticados, os cabelos bem penteados, mais bronzeado que vermelho agora, num pijama de seda azul, que a esperava com uma garrafa de champanha não desarrolhada entre os dois beliches e que levantara para ela seus feios olhos maliciosos, mas ingênuos, brilhantes de prazer ao vê-la; Simon Bédard, por quem tivera, pela primeira vez, uma espécie de gratidão: ele ao menos não a considerava "uma puta falsamente intelectual". E, por um instante, quase lhe contou toda a sua humilhação; quase lhe confiou suas mágoas a cuidar, seu orgulho a vingar, como lhe suplicava sua gêmea Marceline Favrot, aniquilada. E sem dúvida, se esta tivesse ganho, as relações de Olga e Simon poderiam ter sido outras, diferentes das que eram desde a partida. Mas ganhou Olga, e sua humilhação a sufocava menos do que seu desejo de vingança. Endireitava a espinha sob o golpe, ardia por bater, por sua vez, é talvez tenha sido o melhor dela que a

levou a contar em detalhe e com ferocidade não o desenrolar daquele dia, mas o desenrolar da noite em Capri, da qual nada lhe escondeu, exceto, naturalmente, o tédio e a ausência de romance. Simon Béjard ficou muito tempo silencioso depois dessa avalanche de horrores, como lhe pareceu, e incapaz de olhá-la enquanto ela se despia com gestos brutais, talvez confusamente constrangida pelo que acabava de fazer e pela inutilidade dessa confidência. E, de fato, Simon Béjard estava menos ofendido por Olga ter dormido com aquele sujo do Lethuillier do que por ter contado aquilo sem necessidade, por ela lhe ter infligido uma verdade que ele não pedia e que, ela sabia, lhe seria dolorosa. Não era a infidelidade de Olga, mas sua indiferença pela felicidade ou infelicidade eventual dele, indiferença provada por esse relato cruel, o que achava mais atroz nisso tudo. E quando Olga lhe disse, sem se virar e para romper o silêncio que ele conservava desde o fim do relato: "Eu o respeito demais para mentir, Simon", com voz piedosa, ele não pôde se conter, e retrucou: "Mas não me ama o bastante para evitar me fazer sofrer", com uma voz amarga e acerba à qual Olga reagiu, transformando-se de humilde pecadora na orgulhosa e suscetível Olga Lamouroux, nascida na Touraine de uma família de grandes burgueses, que, apesar de seus vícios, cuidavam de sua honra, ao que parecia.

— Você preferia nada saber? Ser enganado e que os outros se rissem às suas costas; ou então saber disso por aquele fofoqueiro do Charley? . . . E, nesse caso, você teria fechado os olhos, não é? A complacência é uma coisa corrente, eu creio, nos meios cinematográficos. . .

— Devo lembrá-la que você já está há oito anos nesse meio ■— disse Simon Béjard involuntariamente, porque tinha vontade de tudo naquele momento, menos de uma cena.

— Sete anos — retificou Olga. — Sete anos que, você pode imaginar, não diminuíram meu horror aos amores a três, à hipocrisia e às orgias. Se você gosta disso, faça-o sem mim, se quiser. . . — Mas Simon levantara-se involuntariamente, branco de raiva, e Olga recuou um passo diante daquele rosto desconhecido e furioso.

— Se nós dormíssemos a três — disse Simon —, não seria por minha culpa, não é verdade? Não seria eu que traria o terceiro, não é? Você não acredita que. . .

Gaguejava de raiva, e Olga, encurralada, liberou-se com gritos que logo acalmaram Simon, que sempre fora alérgico a escândalos. Ela atirou-lhe a pergunta, sem se dignar responder à dele:

— Você não responde, Simon: você é um homem complacente ou não?

— Certamente não. Ou você acaba com essa história ou eu a desembarco em Siracusa.

E naquele instante ele o teria feito, tão humilhado estava por sofrer por causa daquela mulherzinha mentirosa e mesquinha; Olga compreendeu, e de repente se viu sozinha num aeroporto siciliano, com sua valise na mão; antes de levar mais longe sua imaginação e de se ver preterida por outra atriz jovem na próxima produção de Simon Béjard, pensou: "Mas estou louca. . . tenho dois contratos com ele nem mesmo assinados e me divirto com um salafrário infecto e lhe conto. . . Vamos nos controlar. . ." E controlou-se, de fato, atirando-se nos braços de Simon, desta vez derramando lágrimas límpidas e sacudindo os ombros aos soluços, mas com bastante veracidade para que Simon, mais que feliz com essa conclusão, a tomasse nos braços e a consolasse, com o coração apertado com as mentiras melodramáticas que ela guaguejava contra seu rosto, não por muito tempo, porque depressa foram seus lábios que ele escutou, e seu corpo que ele questionou com o

próprio corpo, só retirando dele aqueles mesmos gritos extasiados que nada lhe diziam.

Mas enquanto ele fumava lentamente, depois, estirado de costas, com os olhos fixos na vigia, mais clara no escuro, Olga, adormecida, mexeu-se, pôs a mão no quadril de Simon com um resmungo de satisfação que ele tomou por felicidade e que o fez se curvar como um cego sobre o rosto daquela criança dócil, por quem tinha, acima de tudo, desejo de ser amado. Tentou adormecer, não conseguiu, tornou a acender o abajur, pegou um livro, tornou a fechá-lo, apagou a luz. Nada adiantava. Duas horas depois teve que se render à evidência. Simon Béjard, deitado em seu beliche, com os joelhos dobrados e a cabeça inclinada, em posição fetal, Simon Béjard, naquele momento o produtor mais invejado da França, e talvez da Europa, entregava-se a um desgosto de amor. E em vez de aproveitar sua sorte, ele se escondia numa cama alugada por nove dias, por uma fortuna, da Companhia Pottin, uma cama que não era sua e jamais seria, uma cama talvez diferente de suas predecessoras pelo luxo mas não pela notável solidão que ainda lhe parecia ali mais notável; uma cama semelhante a todas aquelas em que vivera durante trinta anos, que ele sabia, quando as deixava pela manhã, que jamais voltaria a ver. E Simon Béjard, que não tinha portanto jamais tido uma cama só dele e cujo único teto era naquele momento o do Plaza, na Avenue Montaigne, Simon sentiu-se de repente desesperadamente atraído por todas as coisas de que fugira e que desprezara durante toda a sua vida: Simon desejava ter seu teto, sua cama e poder ali morrer, com a condição de que essa cama e essa vida fossem compartilhadas com Olga Lamouroux. Bastara para ele chegar a isso depois de trinta anos de miséria e solidão para que fosse bruscamente entregue à ociosidade, ao luxo e à companhia durável de uma mulher. Esses três meses tinham bastado para que se apaixonasse por uma *starlet* e que

choramingasse em seu beliche quando ela o enganava, em vez de a jogar fora e de esauecê-la em três dias. como teria feito em Paris. Através desses pensamentos, como fundo sonoro, ouvia um ruído acariciante e fugidio, o do navio que fendia as águas plácidas e sombrias com um suave ruído de água livre, de água salgada, de água do mar, muito distinto do ruído dos rios, observou ele, sonhador, de repente, longe de Olga, retornando aos anos da infância na província plana de tons tão verdes e tão amarelos onde deslizavam, refletindo os céus, os rios transparentes; enquanto uma criança, com os olhos fixos numa rolha vermelha na ponta de uma linha, uma criança apaixonada e desastrada já naquela época, ele mesmo, transpirava ao sol. Mas o que vinham essas recordações fazer em sua cabeça e nessas circunstâncias inoportunas? . . . Não se lembrava nunca da infância, esquecera-a havia muito tempo, pelo menos assim acreditava. Sua infância era relegada, como alguns roteiros lamurientos ou demasiado sem graça, ao desvão dos arquivos, de onde não deviam mais sair nem uns nem outros.

Simon levantou-se na escuridão, foi até o banheiro e engoliu dois copos d'água, com ênfase e gestos de tragédia, depois acendeu a luz e lançou um olhar de viés ao espelho. Aproximou o rosto lúgubre e mais para feio, com seus traços moles e os olhos azuis à flor do rosto, o tom cadavérico que ele conservava mesmo sob o bronzeado e a boca cuja sensualidade fora por vezes apreciada; mas vinte anos antes, quando a sensualidade mal lhe interessava, talvez menos que o futebol, e em todo caso menos do que o cinema! Um rosto a que, numa de suas produções, só confiaria um terceiro papel (e ainda um papel de homem enganado pela mulher, desprezado pelo patrão, um papel de desastrado ou de pulha). Por que loucura, que inconsciência queria ele que Olga amasse aquele rosto? Como podia suportar até que ele apoiasse seu rosto no dela? Como poderia ela passar as mãos nos seus raríssimos cabelos? Como

poderia suportar contra o seu corpo elegante, maleável e musculoso de mulher jovem, na moda, o corpo dele, Simon, inchado de álcool e de sanduíches engolidos às pressas, um corpo em que os músculos relaxavam sem jamais terem sofrido tensão e cujo estômago ganhava amplitude de tanto andar de carro? (O fato de um Mercedes ter substituído seu velho Simca em nada mudava a situação, como contudo acreditara.) Ah! ele não era tão bonito como os outros homens daquele navio: o encantador Julien e o soberbo Andreas e o belo Eric. . . Esse lixo, esse safado, o belo Eric, Simon apanhou um tubo de soníferos, tomou um, engoliu-o, fez saltar outros na sua mão, fingindo hesitar, para enganar a si mesmo. Mas sabia muito bem que era incapaz dessa solução. E afinal de contas não sentia qualquer vergonha dessa certeza: pelo contrário.

Chegariam à noite a Cartago, mas de madrugada chovia. O *Narcissus* saiu da noite projetando-se contra um céu cinza-ferroso, muito inclinado sobre um mar do mesmo tom e cuja água parecia pegajosa, pesada. Parecia que o mundo acabava naquele cinza e que o *Narcissus* nunca sairia dali. Os passageiros ficariam lúgubres naquele dia, pensou Charley, passando pela primeira vez de dia pelos corredores de luxo, ajeitando a gravata sob seu *blazer* castanho com reflexos vermelhos, encantador sem dúvida, mas severo, quando pensava no conjunto de xantungue bege que previra na véspera. Assim, ficou estupefato quando ouviu o riso gigantesco e sonoro da Doriacci, um pouco rouca pela insónia, riso poderoso que certamente teria acordado os passageiros daquele tombadilho sem a proteção involuntária que representavam Hans Helmut Kreuze e sua grande cabina. "Como aquele infeliz consegue dormir?", perguntava-se Charley, diminuindo o passo. E aliás, será que estava dormindo?. . . Talvez passasse extenuantes noites em claro, e só o terror o impedisse de se queixar. Desde o incidente do

primeiro dia, Hans Helmut, o maestro, comportava-se docilmente diante da Doriacci. Quanto a Fuschia, o veterinário consultado em Porto-Vecchio devia ter compreendido o seu caso, pois graças às suas pílulas o cão dormia sem interrupção havia dois dias. Uma nova gargalhada freou Charley definitivamente, e ele lançou em torno de si um olhar furtivo: Ellédocq estava no posto de comando havia uma hora, vigiando uma trajetória imutável e evitando os obstáculos inexistentes; ele tinha portanto o tempo e a possibilidade. . . Encontrou-se inclinado, com o ouvido na porta do apartamento da Doriacci, envergonhado e excitado ao mesmo tempo.

— Então? Então?... A moleira não quis pagar o hotel, finalmente. . . É incrível! — dizia a Doriacci.

O ruído de um sopapo sonoro sobressaltou Charley, que não compreendeu imediatamente o que se passara e desejou que fosse a coxa da Diva e não o rosto do pobre Andreas que o tivesse sofrido.

— Não foi exatamente assim — disse a voz de Andreas ("uma voz jovem, tão jovem! Que pena. . .", pensou Charley, febrilmente e em desespero). — Ela afirmava que lhe tinham dado um apartamento por hábito, quando pedira apenas um quarto, etc. O patrão dizia que sim. Ela me tomou por testemunha. . . Todo mundo estava ali, todo o hotel: os clientes, o pessoal. . . Eu estava vermelho como um camarão. . .

— Meu Deus, mas onde você vai pescar essas mulheres? — disse a Doriacci com uma voz de trovão, encantada.

Ela se habituara, havia muitos anos, a ouvir contar nos braços de seus jovens amantes histórias das próprias rivais. Eram as mesmas mulheres de sessenta anos ou mais que compartilhavam -o mercado dos jovens dourados em Paris, Roma, Nova York e alhures. E ainda assim esse mercado era restringido pela concorrência crescente dos pederastas, menos fatigantes e mais generosos, geralmente, que as

viscondessas e as *ladies* ainda caçadoras. Eram sempre a condessa Pignoli, Mrs. Galli ver, a sra. de Bras, de quem a Doriacci recebia os restos ou a quem ela os deixava. E eis que esse jovem, tão polido e sem dúvida o mais belo que ela via em muito tempo, esse jovem que iria fazer furor no mercado logo que ela ali o introduzisse, falava-lhe de Nevers como da Super-Babilônia, do trem Paris—St.-Étienne como de um jato particular e da sra. Farigueux e da sra. Bonson, respectivamente mulher do moleiro e viúva do tabelião, como de Barbara Hutton. . . E eis que lhe contava suas aventuras de gigolô não somente sem esconder o papel preciso que ali ocupava, mas com anedotas das quais saía muitas vezes ridicularizado ou ludibriado. Era realmente um jovem estranho, esse Andreas de Nevers. . . E a Doriacci confessava-se que se ela tivesse trinta anos menos, vinte mesmo, ela se prenderia a ele de bom grado por mais tempo do que de hábito, isto é, um pouco mais de três meses. O que ele, aliás, já reclamava com uma insistência que teria sido odiosa em quase todos os rapazes de seu gênero, mas que nele parecia apenas infantil. Andreas tinha além disso reflexos inesperados num profissional, porque não ocultava viver de seu corpo havia cinco anos, e unicamente de seu corpo, e corava quando ela passava uma gorjeta ao camareiro, a ponto de se pensar como ele reagia em terra firme, em que o número de gorjetas multiolicava-se por cem.

— Então o que foi que você fez?

E ela avançava a mão para Andreas, um Andreas de pijama branco de madapolão como ela já não via desde 1950. Louro e despenteado, ele tinha uma expressão feliz, ria com a boca e os olhos, era encantador. Ela o despenteou e penteou várias vezes por puro prazer. Parou quando os olhos de Andreas, esquecendo de sorrir, se fizeram suplicantes, ternos, demasiado ternos, e ela o interrompeu bruscamente com uma pergunta brutal:

— Por que ela não quis pagar, a sua moleira. . . sua moageira, perdão? O serviço não foi perfeito? . . . O seu, quero dizer.

Ele sacudiu a cabeça com o rosto fechado, como a cada vez que ela abordava essas questões, no entanto simples, e continuou:

— Ela me tomou como testemunha; e quando eu disse que não me lembrava, respondeu que isso não a surpreendia, que "O senhor estava acima dessas coisas. . ." O senhor era eu, "que o senhor planava no ar", etc, etc. Então a mulher do hoteleiro se pôs a rir de uma maneira horrível, e ela disse. . .

Andreas interrompeu-se e mostrou um ar preocupado.

— O que foi que ela disse? — perguntou a Doriacci, rindo antecipadamente. — O que foi que ela disse. . . Conte-me tudo, Andreas. A gente se diverte muito mais em Nevers do que em Acapulco, decididamente. . . E por que não há uma ópera cômica em Moulins ou em Bourges?

— Existe, sim, mas você receberia três vinténs de pagamento — disse Andreas tristemente. — Então ela disse que Huguette. . . enfim, a moageira não tinha de que se queixar, pois ela a ouvira berrar, foi o termo que ela usou, uma parte da noite. . .

Ele estava com um ar tão embaraçado que a Doriacci teve um riso louco, o que, aliás, acontecia facilmente com ela.

— E você, o que foi que você fez?

— Fui buscar o carro, guardei as malas, e a mulher do hoteleiro me pediu que pagasse a conta, e eu não tinha um tostão, e o hoteleiro pedia a ela e os garçons do restaurante se torciam de rir. Ah! Eu sofri. . . Como eu sofri. . . E você sabe como se chamava esse motel?

"O Motel das Delícias. Das Delícias do Bourbonnais. . . Eu a deixei na primeira estação e voltei a Nevers. Tia Jeanne ficou muito decepcionada, mas ela é que me tinha posto no lance da moageira."

— Meu Deus. . . Meu Deus. . . — soluçava a Doriacci nos travesseiros, que apertava contra si com entusiasmo. — Meu Deus,

pare com suas histórias estúpidas e abra a porta: há alguém que está nos escutando — continuou ela no mesmo tom.

Foi assim que Charley quase caiu quando o soberbo Andreas abriu a porta (Andreas vestido com probidade cândida e linho branco) e penetrou de cabeça no quarto. Em sua cama, com os ombros nus, o rosto vermelho de tanto rir e os olhos faiscantes de autoridade, a Doriacci fitava-o sem raiva e sem indulgência.

— Sr. Bollinger — disse ela —, já de pé a esta hora? O senhor quer tomar o café da manhã conosco?... Se esta desordem não o assustar.

..

E com seu belo braço ainda liso ela mostrava o quarto. "Um quarto de amantes", observou Charley tristemente, com as roupas, os cigarros e os livros, o copo de água e os travesseiros espalhados na desordem inimitável do prazer. Balbuciando, sentou-se na ponta da cama, cabisbaixo, com as mãos nos joelhos como um primeiro comungante. Sem qualquer outro comentário a seu comportamento infamante, a Doriacci pediu chá para três pessoas, torradas, geléias e suco de frutas. Esse café da manhã seguia de perto um champanha noturno, a julgar pela garrafa ainda fresca e o rosto do camareiro, completamente exausto:

— O pobre Emilio não dormiu por minha causa — disse a Diva, designando-o a Charley. — Eu o recomendo à sua indulgência — concluiu, tirando de uma das bolsas uma dezena de notas que pousou sem pudor e sem ostentação sobre a bandeja do infeliz Emilio, que voltou a se colorir ante essa visão. — Então, Charley, esta visita é em honra de quê? Novos dramas hoje, já? Todo dia acontece alguma coisa neste navio, e não das mais simples.

— O que a senhora quer dizer? — perguntou Charley (a curiosidade fazia-o sentar-se mais firmemente na cama, de onde já quase escorregara três vezes, pois a vergonha o levava a se colocar quase na extremidade).

Andreas também viera sentar-se na cama, mas com os pés no chão, um pouco enviesado, "com uma descrição tão inútil quanto enternecedora", aos olhos de Charley. .

— Certamente acontecem coisas. . . — disse a Doriacci. — Uma: a sua Clarisse nacional ficou linda; dois: o belo

Julien a ama; três: ela quase lhe corresponde; quatro: Olga e o sr. Lethuillier, depois de seus amores contrariados, já se aborrecem juntos. O produtor ruivo e a altiva Edma vão namorar muito brevemente. Quanto a Andreas. . . — disse, dando tapinhas no nariz do rapaz como se ele fosse um cachorrinho —, ele está loucamente apaixonado por mim. Não é, Andreas? — disse, com crueldade.

— Isso lhe parece impertinente de minha parte, não é? — disse Andreas a Charley. — Meus sentimentos lhe parecem falsos ou interesseiros?

Ele visivelmente não se divertia de todo, e Charley se perguntou mais uma vez por que ele próprio vivia cedendo à sua curiosidade, já que era sempre punido, num prazo mais ou menos longo. Desta vez fora rápido, e mudou de assunto para fugir à punição dessa cena que, afinal, comentaria alegremente, mas que sofria ao ver explodir diante dele.

— Você sabe que nós temos neste navio um tesouro artístico? — disse com sua voz misteriosa.

E a Doriacci já se erguia sobre os travesseiros, apaixonada, mas Andreas conservou os olhos baixos.

— O que é? — perguntou. — E, primeiro, como é que você sabe? Desconfio de seus informantes, meu belo Charley, desconfio de suas fontes: e no entanto você sabe de tudo neste navio, mesmo que não se saiba como — disse ela, pérfida.

Mas Charley não estava em condições de protestar e continuou:

— Julien Peyrat comprou em Sydney, há dois meses, por uma ninharia, uma vista de Paris sob a neve assinada por Marquet, um pintor admirável, próximo dos impressionistas, que tem alguns quadros que são um esplendor. . .

— Eu conheço e adoro Marquet — disse a Doriacci. — Obrigada!

— E ele está pronto a revendê-lo por cinqüenta mil dólares — disse Charley lentamente (não teria um ar mais trágico se tivesse jogado uma bomba sobre a coberta da cama). — Isto é, vinte e cinco milhões de francos antigos! Por nada, veja só!

— Eu compro — disse a Doriacci, batendo com a mão na coberta, como se Charley fosse um avaliador. — Não — voltou ela atrás —, não compro. Onde é que poria esse Marquet? Eu não paro de viajar. . . Um quadro deve ser visto, olhado todo o tempo com olhos amorosos, e este ano não paro de viajar. O senhor sabe, sr. Bollinger, que descendo deste navio tomo logo um avião para os Estados Unidos, onde canto no dia seguinte à noite, no Lincoln Cen-ter de Nova York, aonde este senhor quer que eu o leve — continuou, estendendo sem olhar uma mão carinhosa para Andreas, que recuou, e ela, portanto, não tocou, mas que procurou vagamente no ar, mas só com a mão, e a que renunciou com a mesma expressão bonachona, "sempre com aquele ar de estar se dirigindo a um cachorrinho", pensou Charley.

E ele se levantou involuntariamente. Sofria por Andreas e se espantava, sendo seu interesse evidente que a Doriacci lhe restituísse o rapaz, ou pelo menos lhe desse uma oportunidade de capturá-lo. "Decididamente ele tinha muito bom coração", disse consigo mesmo, voltando-se à porta e dirigindo-lhes com a mão um adeusinho dengoso. Um rosar feroz vindo da cabina adjacente fê-lo descer o corredor a galope, só parando aos pés de Ellédocq, com seu colar de barba tranqüilizador.

Atrás dele, no quarto em desordem, a Doriacci já não ria. Olhava Andreas e os belos cabelos cortados muito curtos na nuca.

— Não gosto que você me faça cara amarrada, mesmo diante de Charley.

— Por que mesmo diante de Charley? — perguntou Andreas com um ar perfeitamente inocente e intrigado, o que ainda espantava a Diva, essa arte de mentir num rapaz tão límpido.

— Porque isso só pode lhe dar prazer — falou sorrindo, para que não pensasse que ela tinha sido enganada.

— Por quê?

Esse ar de incompreensão de súbito exasperou a Doriacci. A insônia já começava a lhe atacar os nervos, e ela o sentia, mas não podia se privar de suas noites em claro, os únicos momentos em que se divertia um pouco, por vezes muito, mas com uma alegria que não dependia de todo de seus companheiros, pois era a seus acessos de riso frouxo, a suas próprias palhaçadas que ela se entregava de bom humor ou sarcástica em seus delírios, seus projetos ou lembranças, todas derrisórias, extravagantes e que deixavam esses jovens coitados mais aterrorizados do que alegres. Andreas pelo menos tinha a seu favor a vantagem de rir de seus risos e também de fazer rir com suas anedotas, sem que para isso negligenciasse seus deveres de amante, que realizava com um fervor difícil de encontrar nesses tempos, tanto entre os jovens como em adultos, nessa época em que só se falava de sexo com crueza, avidez e impolidez, tudo batizado de liberdade. Era bom que Andreas, aliás, perfeitamente franco sobre seus meios de vida, não fosse hipócrita sobre seus costumes.

— Porque Charley está apaixonado por você, caso você o ignore realmente. E sou eu o obstáculo entre ele e você neste navio. Se nós nos separarmos ele poderá consolá-lo.

— Como?... — disse Andreas, corando. — Você pensa que eu me deixaria consolar por Charley?

— E por que não?

E ela se pôs a rir, porque, bizarramente, por uma vez, não a divertia levar Andreas a mentir, como tinha feito mentir os outros, seus brilhantes predecessores, que essa questão embaraçava por vezes até a mentira.

— Em todo caso não me faça mais trombas, está bem? Diante de ninguém. Talvez eu o leve a Nova York, mas de jeito nenhum se você ficar emburrado.

Andreas não respondeu. Fechou os olhos, estendido na cama. Ela poderia pensar que dormia, não fosse o franzido das sobrancelhas e a melancolia da boca, que denunciavam um homem acordado e triste por isso. A Doriacci assobiou imediatamente, já era tempo de pôr as coisas em pratos limpos com esse falso tolo vindo de Nevers, sem o que ela se encontraria nos piores embaraços. . . Embora não a chocasse, embora ela nunca pensasse nela sem pretexto, a lembrança do suicídio de um jovem regente de Roma, por sua causa, dez anos antes, não a tinha abandonado completamente.

O capitão Ellédocq, na cabine de comando, fixava o mar estendido diante dele, um mar plano como a mão, o que não o impedira de pousar sobre ele um olhar desconfiado e agressivo. Ellédocq, pensou Charley, parecia prestes a esfregar as mãos e dizer "Agora nós, meu velho", como se partisse num rápido veleiro para os *roaring fordes*<sup>1</sup>. O heroísmo reprimido ou, em todo caso, não utilizado por Ellédocq explicava aos olhos do compreensivo Charley seu mau humor perpétuo e sua solidão, que não pareciam sombrear a vida da mulher que Charley vira com Ellédocq em Saint-Malo, muito alegre, havia quase dois anos. Eles não tinham filhos, graças a Deus, pensou Charley, que via diante dele lactentes barbudos. Charley levantou a cabeça e gritou:

— Capitão! Olá, capitão! — com voz ligeiramente rouca.

O senhor de bordo inclinou um rosto imperioso e grave para

1 Qualquer das duas áreas do oceano entre os 40 e 50 graus de latitude norte e sul, caracterizadas por fortes ventos e águas encapeladas. (N. do E.)

Charley; olhou-o de alto a baixo, observou com tristeza o *blazer* de veludo marrom antes de resmungar:

— O quê? O que foi que houve?

— Bom dia, capitão — disse Charley, vivo e alegre por natureza e, apesar de toda a sua experiência, tentando ainda agradar ao seu superior. — O cão do mestre Kreuze acordou. . . Ouvi-o rosnar ao passar, e não era nada tranqüilizador! Emilio, o primeiro camareiro, ameaçou descer em Siracusa se o cão não for preso. E já não temos soníferos para ele. . .

E Ellédocq, entregue às suas tempestades imaginárias, e levado portanto a desafiar o Mediterrâneo, deixou cair um olhar de desprezo sobre Charley e suas preocupações domésticas.

— Chateia. . . História de cão. . . Jogá-lo na água. . . Não é meu ofício. . . Arranje-se. . .

— Já está feito — objetou Charley, mostrando sua tibia. — Se esse animal morder a sra. Bautet-Lebrêche, por exemplo, ou o imperador do açúcar, teremos processo em cima de processo!. . . Lembro-lhe, meu capitão, que o senhor é o único responsável por este navio e por tudo o que aqui acontece!... — E para acentuar essa responsabilidade, Charley bateu com os saltos, chegando mesmo a pôr uma certa graça nesse movimento militar.

— Você. . . medo? — perguntou Ellédocq, escarnecedor. — Ah, ah, ah!

Calou-se, e Charley, virando-se, viu o terrível espetáculo: lançado sobre suas quatro patas quase mecânicas, a uma velocidade crescente, o cão em questão se aproximava deles. "Parece maior do

que seu tamanho natural", pensou Charley, e suas pernas levaram-no a desenvolver uma velocidade desconhecida até então, escondendo-o atrás de uma mesa, enquanto o animal louco furioso subia os degraus reais, no alto dos quais estava Ellédocq.

— Onde está esse cão, Charley?. . . Onde está ele, o maldito? — clamava Ellédocq, com voz interrogativa e imperiosa, já furioso de esperar uma resposta que, infelizmente, chegou logo.

Alguma coisa o agarrou pela barriga da perna, atravessou sua sólida roupa de marinheiro, suas meias de lã e, tendo atingido a pele, firmou-se. A voz trovejante foi substituída por um grito agudo de lebre, um grito de desespero que espantou o homem do leme e o fez levantar os olhos mais uma vez para as gaiotas inocentes.

— Arranquem isto daqui, meu Deus! — ordenava Ellédocq a ninguém, tentando dar pontapés com o pé livre no cão desatinado, pontapés falhos que o fizeram tropeçar e cair de quatro diante de seu algoz. Ellédocq tentou ainda recuperar sua voz de macho e sua coragem, mas gritou: "Charley! . . . Charley!. . .", com uma voz de virgem entregue às feras.

Charley, tendo subido as escadas mais do que lentamente, levantou a cabeça à altura do chão, sem ousar subir, e considerou o que se passava com um rosto que exprimia compreensão de um mordido por outro mordido, mas também covardia de um homem experiente.

— E então? Você não pode fazer nada? — gritou Ellédocq com tanta raiva quanto desespero. — Eu o farei desembarcar, vou despedi-lo em Cannes, sr. Bollinger! — disse, reencontrando como sempre, quando sentia emoção, a prática do sujeito, do verbo e do objeto. — Chame o sr. Peyrat, pelo menos, então. . . — gemia ele (porque a coragem deste lhe fora elogiada dez vezes e em dez versões diferentes mas concordantes).

Enquanto Ellédocq continuava a ganir e a gemer com sua voz de eunuco, Charley desceu escada abaixo, tentando esconder sua profunda satisfação. O capitão Ellédocq aterrorizado por um buldogue. Não parava de rir. Mas não fez rir a Julien, que tinha dormido no máximo três horas naquela noite e chegou de roupão, com o rosto cansado e um ar perplexo, ao local do suplício.

— Mas por que eu? — resmungara com tristeza durante o trajeto relativamente longo de sua cabina ao tombadilho de comando. — Por que é sempre em cima de mim que tudo cai? Eu já o livre de esse cão, e com prazer, meu caro Charley, mas não sinto o mesmo heroísmo por Ellédocq. Você me compreende...

— Ele vai ficar com uma raiva mortal de mim — retorquiu Charley — se não o livrar imediatamente. Vai ficar furioso e humilhado, e isso pesará sobre todo o cruzeiro. . . E depois, aliás, o que mais lhe caiu em cima, como você disse?

— Desde a partida — disse Julien com vigor —, é em cima de mim que caem as mulheres em lágrimas e os cães furiosos! Eu vim aqui para descansar, o senhor sabe, sr. Bollinger — dizia, quando chegaram à porta para ver o leão abatido pelo rato.

Os dois se misturavam no chão; Julien se lançou, agarrou o animal pela pele do pescoço e do traseiro, mas não depressa o bastante para evitar ser mordido, por sua vez, cruelmente. Acabou lançando o cão para fora e fechando a porta, mas seu pulso e a panturrilha de Ellédocq vertiam sangue, púrpura em Julien e mais violáceo em Ellédocq, observou Charley, que considerava tudo através da estética. Enquanto se trocavam lenços, a porta vibrava com os golpes das unhas e os latidos do cão privado de sua presa. Viram afinal aparecer no tombadilho, sem dúvida acordado pela voz do sangue, Hans Helmut Kreuze, de roupão de lã marrom e negro, com alamares grenás e bege do pior efeito, pensaram, ao mesmo

tempo, os três prisioneiros. Hans Helmut apanhou o cão como pôde e tudo acabou na enfermaria.

Julien foi, portanto, parar na enfermaria. E após uma boa meia hora de costura horrível em seu punho, adormeceu, desistindo da escala e do concerto. E foi ali então que, de noite, viu Clarisse chegar. Fora precedida de tarde por Olga, Charley, Edma e Simon Béjard, este por amizade, as duas mulheres para bem ressaltar sua feminilidade e sua compaixão natural. Julien, em relação a Clarisse, estava bem decidido a aproveitar essa feminilidade, mas sem para isso procurar sua compaixão e apesar da inimitável monotonia do ambiente em torno deles.

A enfermaria era uma grande peça, maior do que as suítes dos intérpretes reais, uma grande peça branca onde se podia muito bem operar uma pessoa e onde estavam armados ao todo dois leitos vazios, além do de Julien, e uma mesa com rodas coberta de material cirúrgico, que Julien suplicou logo a Clarisse que tirasse de sua vista.

— Foi com essas tesouras que me torturaram toda a manhã.

— Está doendo? — perguntou Clarisse, que estava vestida de cores vivas sob seu novo rosto, que se tornara pálido, o que fazia dela o negativo da mulher que subira a bordo, cinco dias antes, com o rosto rebocado, escarlate e seu rígido costume cinza-negro.

Julien ficou mais uma vez impressionado com sua beleza: com ele Clarisse se vestiria sempre assim, dessa maneira vistosa, já que era linda de se ver, e ele, em vez de temer que olhassem para ela, dali por diante faria tudo para isso.

— Esse vestido é muito, muito bonito — disse com convicção, lançando-lhe um olhar apreciador de mestre, que, por um segundo, desagradou a Clarisse antes de diverti-la. — Pensou em você, em mim, em nós, enfim? — continuou Julien, que assim esquecia a dor aguda no braço por causa dos batimentos hesitantes de seu

coração, que por vezes martelavam as costelas e por vezes desapareciam completamente, quase em síncope.

— O que é que você quer que eu pense? — disse Clarisse com ar resignado. — Que você tem um fraco por mim é possível, Julien, embora isso me pareça aberrante. E ainda que eu sinta o mesmo por você — acrescentou com aquela franqueza que sempre desconcertava Julien —, isso não muda nada. Não tenho nenhuma razão para deixar Eric, que nada me fez. E que pretexto eu poderia inventar? . . . Seu flerte com a atrizinha? Ele sabe muito bem que eu não me importo. . . Ou pelo menos deveria sabê-lo.

— E então — disse Julien erguendo-se no leito —, se a fidelidade não é exigível no seu "casal" — (e acentuou o termo "casal" por zombaria) —, tome-me como amante, como flerte, como você diz. . . Eu conseguirei certamente um dia legalizar tudo isso. O que a impede neste momento preciso, nesta peça onde estamos sós, de me beijar, por exemplo?

— Nada — disse Clarisse num tom de voz distraído e estranho. Depois, como que cedendo a alguma coisa em que sua vontade e sua decisão não intervinham, inclinou-se para Julien, beijou-o longamente e, quando se reergueu, foi fechar a porta à chave e, tendo apagado a luz, veio se despir perto dele no escuro.

Uma hora mais tarde ele se encontrava no bar com a mão enfaixada, em companhia de Edma e da Doriacci, que se enterneceram com sua sorte, com uma paixão bem feminina que ele suportava com um prazer bem masculino. Clarisse, perto dele, nada dizia.

— Ainda assim foi uma pena que não visse Cartago! — disse Edma Bautet-Lebrêche. — Mas, afinal, você verá Alicante.

— Acho que para mim não haverá cidade mais bonita do que Cartago — disse Julien, sorrindo, com aquela voz de convalescente um pouco lamentosa que adotara vendo seu prestígio crescer com o curativo.

Clarisse, com a cabeça inclinada e os cabelos brilhantes sob a lâmpada, parecia sentir saudades de sua máscara, aquela maquilagem horrível que, em todo caso, impediria seu enrubescimento. A Doriacci olhava esse rubor com um interesse que o redobrou.

— *Va bene, va bene.* . . — disse a Doriacci sorrindo. Estendendo suas mãozinhas gordas e carnudas por cima da cadeira de tombadilho, deu uns tapinhas nas de Clarisse, subjugada. A Diva lhe dava medo ou pelo menos a impressionava tão visivelmente, que Julien teve vontade de apertá-la junto ao peito por essa admiração ingênua e manifesta. Mais uma vez, talvez a décima naquela noite, só pôde refrear esse desejo e renunciar. "Tinham feito uma loucura, indo juntos para a cama", pensava ele. E tão desastrado quanto infeliz, queixou-se a Clarisse, com a qual se encontrava afinal, após duas horas de tédio e lembranças deliciosas.

— Quando eu só podia imaginar seu corpo e você — murmurou ele censurando —, só havia minha imaginação que funcionava e urrava para a lua de noite na cabina. Agora a memória participa, e isso é realmente atroz!

Clarisse, pálida, olhava-o sem responder, com os olhos úmidos e brilhantes, e Julien ficou com raiva de si mesmo até a morte, por sua brutalidade.

— Perdão — disse. — Eu lhe peço perdão. Você me faz uma falta enorme. . . Vou passar o tempo todo a segui-la neste navio, vendo-a e não podendo tocá-la. . . Sinto sua falta, Clarisse, há duas horas como se fossem dois meses.

— Eu também — disse ela —, mas será difícil encontrar-me com você.

Julien lamentava agora ter deixado a venda de seu Marquet nas mãos de Charley Bollinger; temia que este, à força de hábeis afetações, ainda estivesse no mesmo ponto ao chegar a Cannes.

Ora, era em Cannes que ele, Julien, deveria se precipitar ao banco mais próximo e depositar os vinte e cinco milhões do quadro, dos quais, infelizmente, a metade iria para o seu texano, mas a outra, graças a Deus, iria para a sua conta, permitindo-lhe fugir com Clarisse para céus mais clementes. "Mas nunca me restaria bastante tempo nem bastantes escalas", pensava ele, "para persuadir Clarisse a seguir-me, tarefa tão árdua como encontrar o meio de fazê-lo."

Entretanto, sabia por experiência, o golpe do Marquet devia superexcitar *a priori* os passageiros do *Narcissus*. Entre pessoas ricas, essa paixão por um bom negócio era tão viva quanto inútil. Mas isso tornava infinito o campo de suas operações, pois um abatimento num par de luvas ou numa mercearia interessava-lhes tanto quanto uma redução em zibe-linas na Rue de La Paix, e a situação financeira da mercearia não lhes causava mais inquietação do que a do grande peleteiro.

A compra do quadro era portanto uma das pechinchas mais apaixonantes nesse pequeno círculo, dourado por fora, levando-se em conta as enormes diferenças que podiam ali ocorrer e às quais eles chegavam, aterrorizando o pintor ou esnobando as galerias. Era sem dúvida elegante, aproveitando a ignorância ou a pressa de um infeliz vendedor encurralado, pagar-lhe metade do preço pela tela, e também era muito elegante pagar dez vezes o preço por essa mesma tela na Sotheby's, por exemplo, no momento em que um amador ou um museu também a desejavam. Nos dois casos, era a vaidade ou a rapacidade que se satisfazia; mas só no primeiro caso o negócio era bom para esse Midas. Porque se tivessem refletido ter-se-iam dado conta de que esse negócio não seria bom, pois provavelmente não revenderiam nunca esse quadro (nem pelo dobro, nem pelo triplo do seu preço de compra), já que não teriam necessidade disso. Não percebiam, portanto, que estavam apenas finalmente bloqueando o seu belo dinheiro em telas de que não

gostavam ou que não compreendiam. Era felizmente graças à existência de assaltantes que podiam esquecê-las nos cofres-fortes, de onde só as tiravam para confiá-las a algum museu. . . Naturalmente, os amadores de pintura, consultando o catálogo, veriam escritas em letrinhas negras: "Coleção particular do sr. e da sra. Bautet-Lebrêche", por exemplo (ainda que coleção particular, apenas, fosse também chique). Mas o que o público admiraria então, olhando para esse quadro que eles próprios não contemplavam nunca, seria o faro artístico dos proprietários, de que, de imediato, não estavam tão convencidos, em vez de admirar esse senso dos bons negócios que estavam certos de existir.

Essa era pelo menos a teoria que Julien pensava ter, naquela manhã, apoiado à amurada e olhando para um mar cinza-azul, em cujo final os esperaria o porto de Bejaia. Espalhados ao acaso num ambiente muito cinematográfico, os outros passageiros exibiam em suas cadeiras atitudes enlanguescidas, olhos cercados de olheiras por uma eventual insônia, mais ou menos agradável ao que parecia, porque os olhos vermelhos de Simon Béjard, os traços puxados de Clarisse e as faces cavadas do próprio Julien não evocavam essa serenidade prometida pelos irmãos Pottin. Só Olga, um pouco mais adiante e fingindo ler, com ar grave, as memórias póstumas de um político (que já em vida fora muito aborrecido), mostrava bom aspecto, faces rosadas de mocinha. Sentado perto dela, Andreas, com expressão sombria e romanticamente belo no seu casaco negro, parecia mais do que nunca filho do século (do século XIX, naturalmente). Quanto à Doriacci, com a cabeça atirada para trás e emitindo por vezes resmungos roucos e inesperados — que evocavam antes o horrível Fuschia do que os trinados de uma *coloratura* —, fumava cigarro após cigarro antes de jogá-los tanto sem maldade como sem preocupação aos pés de Armand Bautet-Lebrêche; ele tinha então, a cada vez, que erguer-se de sua

espreguiçadeira, esticar a perna para longe da cadeira e apagá-los com seu sapato de verniz. . . Uma ameaça pairava em alguma parte naquele navio, entre os seus passageiros civilizados; e no entanto o dia estava bonito e o ar, perfumado do cheiro de uva passa, de terra aquecida ao máximo, de café morno e de sal que anunciava a África.

A própria Edma, embora rindo da conversa de Julien, e lançando por vezes na direção de Clarisse olhares afetuosos de sogra, a própria Edma sentia estremecer sob sua pele, sem seu consentimento, pequenos músculos do pescoço e do maxilar, sinais que sabia serem prenúncios de algum terremoto. De tempos em tempos, levava ali a mão, como para domá-los com os dedos.

Armand Bautet-Lebrêche, embora de espírito perfeitamente científico, fora demasiado submetido ao empirismo dominante de sua época para não se lembrar e temer, ele também, o futuro próximo anunciado por esses tremores no pescoço de Edma. Era sem dúvida essa apreensão que lhe fazia apagar distraidamente e sem reclamar umas após outras as pontas de cigarros da Diva. Quanto a Lethuillier, que representava como todos os dias seu número mudo de jornalismo poliglota, levantava por vezes a cabeça de suas gazetas espanholas, italianas, inglesas e búlgaras para lançar ao mar perfeitamente azul e plano um olhar suspeito, como se esperasse ver surgir, como no relato de Terameno, o horrível animal fatal a Hipólito. Simon Bédard, a seu lado, não chegava a se distrair com o 421 que jogava contra si mesmo, numa melancolia que parecia ricochetear ao mesmo tempo que os dados na mesa verde, com um ruído monótono e exasperante. A chegada de Charley deu alguma esperança ao grupo, mas ele não estava animado e mergulhou muito depressa na morosidade geral.

Essa atmosfera chegara a tal ponto que, vendo o capitão Ellédocq acompanhado de Kreuze na outra ponta do navio, martelando o

tombadilho com passos pesados, na direção deles, os passageiros do *Narcissus* tiveram um momento de esperança, ou até mesmo de prazer. Mas infelizmente os dois homens também não conseguiram, mais do que os outros, levantar o ânimo geral, e a esperança de dias melhores se desfez em pensamentos dirigidos para barcos mais alegres. Num último esforço, Charley fez vir o *barman*, mas este último, só recebendo encomendas de sucos de frutas e água mineral, exibia uma bandeja a tal ponto deprimente que até mesmo o duplo seco de Simon passou despercebido. Agora já não era um anjo que passava no silêncio, era uma coorte, uma legião vibrando com todas as suas harpas.

Foi então que a Doriacci fechou a bolsa com um estalo sonoro, tão sonoro que atraiu logo a atenção dos mais distraídos; a Doriacci, tirando os óculos escuros com hastes incrustadas de *strass*, mostrou a todos uns olhos faiscantes e uma boca fina, mordida sem cuidado pelos dentes brancos (daquela brancura nacarada que só se obtinha com o dr. Thompson em Beverly Hills, na Califórnia).

— Este navio é realmente confortável, é verdade, mas o público é lamentável — disse com voz firme. — Mestre Hans Helmut Kreuze e eu vivemos há seis dias cercados por surdos, e por surdos ignorantes e pretensiosos! Talvez mestre Kreuze tenha sido apelidado de "grande rústico", mas é melhor ser um "grande rústico" do que um desses pobres pequenos rústicos que pululam aqui e ali, neste tombadilho ou no outro.

O silêncio em torno dela era completo: ouviam-se as gaivotas.

— Eu desço em Bejaia — recomeçou ela. — Sr. Bollinger, o senhor faria o favor de alugar para mim um avião, particular ou não, para levar-me a Nova York? . . . enfim, primeiro a Cannes.

Simon Béjard, atingido pelo espanto, deixou rolar seus dados no chão do convés, e o ruído teve o efeito de uma blasfêmia.

— Mas calma — disse Edma Bautet-Lebrêche corajosamente, porque os olhos da Doriacci a fulminaram à primeira palavra. — Mas por quê, minha querida amiga? . . . Por quê. . .

— Por quê? Ah, ah, ah!

A Doriacci era mais do que sarcástica e tornou a emitir seus ah, ah, desprezíveis duas ou três vezes enquanto começava, de pé, a enfiar na cesta, com uma raiva metódica, toda a confusão acumulada sobre a mesa ao seu lado: batom, pente, tabaqueira, caixa de pílulas, pó-de-arroz, isqueiro de ouro, cartas, leque, livro, etc. Todos esses objetos, tendo apanhado ar do mar alto, voltaram para sua jaula habitual. Virou-se para Edma:

— A senhora sabe o que se tocou ontem à noite? — lançou ela, fechando a cesta tão violentamente que a fechadura quase saltou. — A senhora sabe o que tocamos ontem à noite?

— Mas. . . mas certamente — disse Edma com voz fraca, um vislumbre de pânico nascente no olhar de hábito tão seguro. — Certamente. . . Vocês tocaram Bach, enfim o mestre Kreuze tocou Bach e a senhora cantou os *lieder* de Schubert, não foi? . . . Não? — perguntou, virando-se para os outros, com o olhar cada vez mais ansioso à medida que aqueles covardes desviavam os olhos. — Não foi, Armand? . . — acabou recorrendo ao marido, esperando nem tanto plena confirmação, mas pelo menos uma concordância muda de cabeça.

Mas, desta vez, Armand, com os olhos fixos atrás dos óculos, mas com uma fixidez alienada, não respondeu, nem mesmo olhou para ela.

— Pois bem, vou lhes dizer o que tocamos ontem!

E a Doriacci, pondo a sua cesta debaixo do braço e fechando o braço por cima como se temesse que lha arrancassem, retomou:

— Nós tocamos *Au clair de la lune*, Hans Helmut e eu mesma: ele no piano com acompanhamentos variados e eu em todas as línguas da

terra. *A claro di luna* — cantarolou ela depressa. — E ninguém se mexeu! Ninguém percebeu, não é? . . . Se há alguém, que diga então — acrescentou, desafiando com o olhar e com a voz (e todos se encolheram em suas poltronas e ficaram olhando para os pés). — Só houve um infeliz tabelião de Clermont-Ferrand que me disse alguma coisa vaga e ainda assim timidamente.

— Mas é um absurdo!.. — disse Edma com voz de falsete, cuja tonalidade a surpreendeu a ponto de fazê-la interromper a frase.

— Ah, isso é um absurdo. . . — disse Olga, heróica também. — É incrível. . . A senhora está certa? — perguntou tolamente, e o olhar da Doriacci a fez encolher-se no casaco como se desaparecesse fisicamente do tombadilho.

Um silêncio denso pairava no convés, um silêncio que raros borborigmos não puderam quebrar, e que parecia se tornar definitivo quando Ellédocq, de pé, tossiu duas vezes para clarear a voz, com o rosto expressando a gravidade e a firmeza de um embaixador plenipotenciário; essa atitude, vinda dele, provocou na assistência, com esse simples raspar de garganta, uma espécie de terror premonitório.

— Eu peço muitas desculpas — disse (marcando pela adição do "eu" e do "muitas" a gravidade das circunstâncias). — . . . Eu peço muitas desculpas, mas o programa é rigoroso.

— Perdão? . . .

A Doriacci procurava visivelmente com os olhos um animal viscoso, uma serpente ou um boi na sua direção, e não achava nada que ela pudesse escutar, mas isso não interrompeu Ellédocq. Ele jogou a cabeça para trás, mostrando assim no pescoço uma faixa de pele desprovida de pêlos, situada entre a glote e o colarinho, uma faixa de pele virgem que, apenas percebida, causou em todo mundo o efeito de uma obscenidade; e começou a recitar com sua bela voz

grave os capítulos de sua enumeração, marcados sobre os dedos espessos e arqueadas, no papel de provas:

— Portofino: taça de frutos do mar, osso buco, sorvete; Scarlatti, Verdi. Capri: suflê de Brandemburgo, turnedôs Rossini; peça montada, Strauss, Schumann. — (Depois de cada músico citado estendia na direção dos virtuosos respectivos um indicador inquisidor.) — Cartago: caviar cinza, escalopes. . .

— Ah! cale-se, por Deus! — gritou Edma, fora de si. — Cale-se, comandante! Não é possível ser tão tolo, nem também. . . nem também. . .

Batia as asas, as pálpebras, os ombros, as mãos, batia no ar e estava pronta a bater no capitão quando este pousou uma mão peremptória sobre seu ombro magro, sob cuja pressão ela literalmente desmoronou na poltrona, com um grito de revolta. Os homens do grupo levantaram-se, sendo Simon Béjard o mais furioso, Armand Bautet-Lebrêche, o menos. Mas isso não interrompeu nem por um instante a memória admirável do capitão.

— . . .Cartago: caviar, escalopes à italiana, bomba gelada. Bach e Schubert — concluiu, triunfantemente.

Sempre indiferente aos olhos furiosos dos machos e aos olhos estatelados das mulheres, continuou:

— Respeito ao regulamento obrigatório. *Au clair de la lune* não inscrito na ficha técnica de Cartago, devia haver Bach e Schubert, ponto — concluiu. — Não execução do contrato igual. . .

E interrompeu-se bruscamente, porque Fuschia, fechado no paiol com seu leito de palha, seus ossos de borracha e suas triplas rações diárias, acabara de escapar por um desses milagres que fazem duvidar de Deus e, tendo atravessado o tombadilho sem que, graças ao clamor dos participantes, se ouvisse seu sinistro ofegar, acabara de atravessar a barreira de três ou quatro pares de pernas negligentemente estendidas no convés, passeando o olhar de seus

olhos cegos sobre cada um dos passageiros aterrorizados, como no Juízo Final, antes de tornar a partir inexplicavelmente num pequeno galope para a porta do bar, por onde desapareceu. Uma onda de alívio passou pelos infelizes sobreviventes, mas esse alívio não chegava aos pés de sua vergonha; a Doriacci, de pé e embora menor do que os quatro homens, lembrou-lhes:

— Quando não se é capaz de fazer amor e ouvir música ao mesmo tempo, não se embarca num cruzeiro musical deste gênero — disse.

— Ou se sobe a dois num navio comum e mais barato, ou então se parte só e levando soníferos! Quando se é incapaz de fazer os dois, naturalmente — concluiu, com ar de triunfo e desprezo.

E, seguindo as pegadas de Fuschia, saiu com seu ar majestoso e ofendido, e Andreas nem tentou segui-la.

— Absurdo! Decisão absurda! Inútil se inquietar. Queixa sobre artistas encenqueiros. A Companhia Pottin é muito firme. Vinte e sete anos de cruzeiro. Dez cruzeiros musicais. Nunca vi isso, etc.

O capitão Ellédocq, fora de si, ziguezagueava de um passageiro a outro.

— Parece uma locomotiva superaquecida que deixa escapar vapores de tolice — disse Julien a Clarisse.

— De fato, parece um trem — respondeu Clarisse rindo, porque Ellédocq, cessando de repente de tranqüilizar suas ovelhas, parara diante de Edma, que lhe ofereceu o maço de cigarros, com olhos aliciadores.

— Vamos. . . Vamos, caro comandante, é a única maneira de o senhor relaxar. . .

E virando-se para Clarisse com um piscar de olhos, acrescentou:

— É o único vício do comandante, como você sabe: não bebe, não persegue as mulheres; ele fuma, é só. . . É o único defeito que tem, e isso o levará direto à morte. Há cinco anos que lhe digo e redigo. . .

E eu me mato a repetir-lhe que preste atenção.

— Meu Deus, meu Deus, meu Deus! Eu não fumo há três anos! — urrou Ellédocq, rubro. — Perguntem a Charley, às camareiras e aos *maîtres d'hôtel*, aos cozinheiros deste navio. . . Não fumo mais.

— Nunca interrogo os empregados sobre os hábitos de meus amigos — disse Edma com altivez, antes de virar as costas e se reunir ao outro grupo, que falava de música com animação.

— É uma história de loucos — dizia Olga. — Realmente incompreensível!

— Você ficou ofendida? — perguntou Edma.

— Não precisava ficar, eu acho — disse Olga, toda satisfeita com seu fel. — Afinal de contas, só há muito poucos anos que estou em condições de me interessar pela música.

— Em condições de ter memória musical, é o que você quer dizer. Isso é outra coisa — respondeu Edma.

— Mas o que é que a senhora quer dizer? — perguntou Olga.

— Que se pode ter oitenta ou cem anos e ainda não estar em condições de compreender a música. Não digo escutar, digo "compreender".

— Acho que é mais uma história de surdos que de loucos — interveio Charley, demasiado sorridente. — Agora, penso que foi de fato *Au clair de la lune* que ela nos cantou ontem em alemão.

— Eu sabia que isso me lembrava alguma coisa — disse Simon ingenuamente.

— *Au clair de la lune*, naturalmente! O senhor reconheceu! O senhor deve ter ficado muito contente. . . — disse Eric Lethuillier de repente. — Que pena que eles o tenham esclarecido!

Tal excesso de selvageria provocou um silêncio consternado, e Simon, de boca aberta, levou algum tempo a se erguer, com ar sem graça, tão hesitante que Edma, decepcionada mas penalizada, ofereceu-lhe um cigarro de consolo, já aceso, mas em vão.

— Diga-me, seu insensível chato, você está me provocando ou o quê? — rebateu Simon em voz baixa mas "bem audível", observou Edma, que, encantada, já sentia o cheiro de pólvora.

Mas em torno foi grande a surpresa. Como no tênis, os melómanos erguiam-se das cadeiras dobráveis onde haviam estado tão pacificamente sonolentos meia hora antes e, fascinados, começavam a seguir a briga com a cabeça, como metrónomos. Então, para grande prejuízo deles, Olga interveio:

— Não, não. . . Não briguem! Não suportarei, é tolo demais. . . — gritou, já com voz de jovem viúva.

E, com os braços em cruz, precipitou-se entre os dois homens (sem dificuldade, pois eles se olhavam a dois bons metros de distância, envenenados pelos próprios insultos e incapazes de se tocar, de se pegar com um mínimo de convicção necessária a uma briga). Recuaram, desafiando-se com o olhar e rosnando como o querido Fuschia, mas sem um milésimo de sua agressividade. Charley e Julien puseram-lhes a mão no ombro e fingiram retê-los segundo todas as regras da polidez. A cena, apesar das conclusões lamentáveis, tinha ainda assim reanimado a atmosfera. Todos se estenderam nas cadeiras com um sentimento, conforme o caso, de decepção, orgulho ou excitação.

Sozinho, meia hora mais tarde, Andreas de Nevers, em vez de deitado, estava de pé, com a testa apoiada numa porta, a porta do apartamento número 102, reservado à Doriacci. Esperava, e de tempos em tempos batia tranqüilamente com o punho na madeira dura e fria. Batia sem fraqueza e sem humor, batia como se estivesse chegando naquele momento à porta e como se esperasse que a abrissem de braços abertos, quando fazia já uma hora que a tinham fechado em sua cara. A Doriacci, que durante todo este tempo nem mesmo respondera aos seus apelos, fez um esforço e gritou-lhe com sua voz poderosa:

— Quero ficar só, meu querido Andreas!

— Mas eu quero ficar com você — declamou ele da porta.

E, de pé, a Doriacci, virada para o lado de onde vinha a voz dele, recuou como se a pudesse ver através da folha de madeira.

— Mas se minha felicidade é ficar sozinha! — gritou. — Você não prefere a minha felicidade à sua?

A sereia uivava, as portas batiam, e a Diva tinha a impressão de ensaiar uma ópera de Alban Berg, tirada de um libreto de Henry Bordeaux.

— Não! — gritou ele por sua vez. — Não! Porque a minha presença só lhe dará um pequeno desagrado e talvez nem isso, enquanto eu. . . ficarei muito infeliz sem você. Não há medida comum. Eu a amo mais do que a aborreço, então!.. .

Rira quando ele batera na porta mais uma vez, encole-rizara-se artificialmente. Ela não lhe diria mais palavra. Fingiria estar dormindo e até se deitaria, fecharia os olhos, como se ele a pudesse ver. E, percebendo a tolice, abriu um livro. Tentava ler, mas ouvia de tempos em tempos as bati-dinhas na porta, que a impediam de se interessar pela leitura.

Ouviu então uma voz de homem no corredor,- a voz de Eric Lethuillier, e ergueu-se nos travesseiros. A Doriacci sentiu por um instante a tentação de abrir a porta e saltar ao pescoço daquele moleque de província, um rapaz tão pouco orgulhoso, ou talvez, pelo contrário, orgulhoso a ponto de caçoar do ridículo e das zombarias dos outros. . . Já estava de pé quando ouviu por trás de sua porta a voz pausada de Eric.

— Chega, meu amigo. O que é que você está fazendo diante dessa porta há duas horas?

"Em primeiro lugar há menos de uma hora", corrigiu para si a Doriacci imediatamente. Mas Andreas não se afobava.

— Eu espero a Doriacci — disse tranqüilamente.

— Você espera que lhe abram? — recomeçou Eric. — Mas se é de fato a porta da nossa Diva, certamente ela saiu. . . Quer que eu pergunte a Charley onde ela está?

— Não, obrigado, não — disse a voz calma de Andreas. (E a Doriacci tornou a sentar-se, decepcionada, mas contente com a fleuma de seu amante.) — Não, ela está aqui — repetiu Andreas. — Não quer abrir neste momento, é só isso.

Houve um instante de silêncio.

— Ah, bom! — disse Eric depois de um momento de espanto ostensivo. — Se você não leva isso a mal, afinal. . .

Seu riso estava contrariado. Soava falso aos ouvidos experimentados da Doriacci. Estava aborrecida consigo mesma: por que não fazia entrar aquele jovem bobo que tinha vontade de felicitar e que, além do mais, era seu amante? Seria tão mais simples!

— Então, boa sorte — dizia Eric. — A propósito, Andreas, vai para Nova York, afinal, ou não? Acautele-se: lá, num corredor de hotel, todo mundo já o teria atropelado dez vezes. . . Não se pode demorar nos States; a displicência é muito malvista lá.

"Esse grande safado vai me pagar", disse a Doriacci consigo. Ou, mais exatamente, disse ao seu reflexo no espelho, que logo lhe fez medo, e ela se acalmou: quando alguém a levava a esse ponto de cólera, fazia-se uma espécie de clique em sua cabeça, e ela sabia que a ficha fora registrada na caixa rotulada "ajuste de contas". Essa ficha sairia sozinha quando a caixa fosse aberta um dia ou outro pelo destino, se ela mesma já não se lembrasse mais. Fossem quais fossem as razões de sua cólera contra eles, a Doriacci sabia que seus adversários estavam punidos de antemão, e se felicitava. Enquanto esperava, o que faria Andreas? Surpreendeu-se a apreciar que ele não fosse covarde, defeito que era quase rescisório, aos olhos da Diva (a menos que houvesse uma virilidade muito grande num outro plano).

— Então? Você não me respondeu. — Recomeçou a voz de Eric na porta (uma voz irritada, como se o silêncio de Andreas tivesse sido acompanhado de um gesto desenvolto).

Mas não era esse o seu estilo, como sabia muito bem a Doriacci. Andreas devia ter tomado uma atitude distraída e sorridente. Aproximou-se da porta na ponta dos pés, maldizendo o fraco campo que oferecia à sua visão, por ser muito alta: nada via, piscava o olho ruim e blasfemava em voz baixa.

— Mas você é então seu cavalheiro servidor? — disse Eric a Andreas. — Deveria poder entrar. Não é agradável ficar sozinho neste corredor, como uma criança. . .

— É. — (A voz de Andreas parecia abafada, com uma tonalidade um pouco mais aguda.) — Este corredor é muito agradável quando se está sozinho nele.

— Bem, então, eu o deixo. Aliás, você tem razão de ficar de guarda nesta porta: a Doriacci deve estar telefonando para seu substituto.

A voz de Andreas, de novo rouca, deixou escapar um som incompreensível, e a Doriacci não ouviu senão um deslizar de tecido, o ruído de um pontapé na porta, o ruído de bagagem sendo arrastada, o ruído de duas respirações ofegantes conjugadas. Bateu com o pé e pegou uma cadeira para tentar ver melhor a briga.

"Não se vê nada, *per Dio*." Mas mal tivera tempo de subir à cadeira e já ouvia passos se afastando de sua porta, arrastados, mancos, mas os passos de uma só pessoa, e a Doriacci, que durante três meses cantara Verdi, pensou que Andreas estivesse morto.

— Andreas. . . — sussurrou, através da porta.

— Sim — disse a voz, tão próxima, que ela recuou.

Parecia-lhe sentir a respiração quente do rapaz nos ombros, no pescoço, sentia a testa dele banhada de suor por causa da briga, não o mesmo do amor, aquele suor quase frio e salgado. Esperava que ele lhe pedisse para abrir, mas ele não o fazia, o imbecil, e continuava a respirar, tomando fôlego de vez em quando. Adivinhava aquela linda boca levantada sobre os dentes brancos. Adivinhava as gotinhas em seu lábio superior e reviu o buraquinho branco deixado na frente de Andreas por uma queda de bicicleta aos doze anos, e isso acontecera havia doze anos, e chamou-o, involuntariamente, rompendo o silêncio. — Andreas? — sussurrou. E subitamente acreditou ver a si mesma como a veria um estranho, ela seminua, de roupão, encostada à porta, do outro lado da qual se

comprimia um rapaz belo demais, ensangüentado. Um rapaz que não era absolutamente como os outros, pensou, resignada, enquanto virava a chave na porta, deixando enfim entrar Andreas, que se abateu sobre seu ombro com um olho já roxo-negro, falanges esfoladas, e que, para cúmulo de tudo, sangrava sobre seu carpete. . . Um jovem cujos ombros ela abraçava sem querer, um jovem que ronronava e abalava seu quarto, sua solidão, esperando um dia abalar sua vida.

Nem bem seis dias eram passados, e Andreas tinha por vezes a impressão de ser um fardo pesado, uma pedra numa comédia ligeira e espirituosa e volátil. E por vezes, pelo contrário, tinha a impressão de ser o único a sobrevoar a matéria, o único livre de julgar como um poeta romântico, de poder julgar esses robôs poderosos, dourados por fora, cuja única liberdade afinal era fazer com o seu dinheiro um pouco mais de dinheiro. Em suma, sentia-se às vezes um provinciano entre parisienses, às vezes um francês entre suíços. A Doriacci e Julien Peyrat eram os únicos a escapar desse contágio: a Doriacci era livre por natureza e assim seria toda a vida, sendo aqueles palcos negros o único lugar em que ela era realmente livre, onde diante de gente sem rosto cantava, cega pelos refletores. Andreas sonhava vê-la cantar. Sonhava estar num camarote, o único de *smoking*, cercado por homens de uniforme e mulheres decotadas; ouvindo as pessoas do camarote vizinho dizerem: "Ela é encantadora. . . Que talento, que maravilhosa interpretação do texto", etc, enquanto ele se deliciaria silenciosamente. A menos que um chato ao lado deles dissesse não compreender o que achavam naquela Doriacci, falasse mal dela. Mas Andreas não se mexia porque a cortina levantava-se e a Doriacci entrava em cena sob os "Bravo! Bravo!", entre os quais ela reconhecia os de Andreas. E ela se punha a cantar. É no intervalo, um pouco mais tarde, o camarada tão crítico, voltado para os seus

amigos, com os olhos cheios de água, diria: "Que beleza! Que rosto maravilhoso, que corpo soberbo!", por esta última frase Andreas passava um pouco depressa, um pouco culpado, mas de quê? E o outro imbecil perguntava como poderia se encontrar com a Doriacci, se podia dormir com ela, etc, falava a torto e a direito, até que seu vizinho lhe apontasse Andreas, sussurrando, o que levava o chato a ficar vermelho-vivo, fazendo cumprimentos acentuados para Andreas, que lhe sorria com toda a indulgência da felicidade. E uma felicidade, mas isso ele ainda não sabia, uma felicidade que fosse sem mistura. Porque, não contente de responder aos mitos de Andreas, a Doriacci correspondia à sua natureza, e, bizarramente, à sua idade.

O ofício de produtor ensinara pelo menos alguma coisa a Simon Béjard: a coragem. Aprendera a perder toda a esperança num filme ao meio-dia e já às treze horas no bar do *Fouquet* mostrar às velhas corujas ali empoleiradas (e prestes a rir da infelicidade alheia) um rosto sorridente e uma anedota, se não divertida, pelo menos alegre. Em suma, Simon aprendera a se conduzir corretamente em caso de fracasso, e em Paris era um comportamento que se tornara bastante raro, o que fazia com que três mulheres rtesse navio o apreciassem. Era divertido pensar, aliás, que era graças ao seu ofício, tão malfadado e de reputação tão vulgar, que Simon Béjard se conduzia como um *gentleman* aos olhos de Edma e da Doriacci. Quando Simon se calava um pouco mais de três minutos, seu limite de silêncio, elas alarmavam-se, alternavam-se e, depois de o terem paparicado e feito rir, depois que cada uma delas o tivesse convencido de que só ela o compreendia, deixavam Simon vagamente reconfortado. Só Clarisse não lhe dizia nada. Sorria-lhe às vezes com a ponta dos cílios, servia-lhe uma limonada ou um uísque, jogava com ele palavras cruzadas, que simbolizavam tão bem, aos olhos de Simon, a existência sentimental de ambos; mas

essas alusões esbarravam sempre numa Clarisse incompreensiva e superficial, com um ar tão infeliz que irritava Simon; desagradava-lhe, sobretudo no plano do estoicismo, que uma mulher o vencesse. Chegando a Bejaia e aproveitando o fato de Olga e Eric terem descido ao cais para pôr cartas no correio, Simon abordou Clarisse. A percepção de ter pouco tempo para lhe falar inspirou-lhe naturalmente frases laboriosas, tempos mortos entre essas frases, silêncios. E como se atolava cada vez mais, após alguns minutos, afobado de repente com a idéia de que ela pudesse não saber a verdade (e aí Simon morreria de vergonha de a ter revelado), Clarisse teve que abordar o assunto, contra a sua vontade, para tranqüilizá-lo.

— Não, meu caro Simon, nós já não nos amamos, meu marido e eu. De minha parte, isso não tem a menor importância.

— Você tem sorte — falou Simon, sentado à sua mesinha no tombadilho (uma mesa onde, naturalmente, reinava uma garrafa de uísque, menos vazia porém que de hábito, e que parecia menos primordial que de hábito aos olhos de Clarisse). — Posso ficar aqui?

— perguntou. — Não a incomodo demais?

— Absolutamente. . . — começou Clarisse, mas seus protestos foram interrompidos pelo riso tosco de Simon:

— Seria uma bobagem se nós não nos falássemos mais. . . E que incomodássemos um ao outro só por causa de uma outra pessoa. Temos ainda assim um ponto em comum muito estranho, você e eu, neste navio. Somos os dois grandes cor. . .

— Psiu, Simon, psiu! Você não vai se magoar por causa dessa história ridícula, uma história de dois dias. Vai ficar nisso para Olga e para Eric. Não significa muita coisa uma paixão física; se eles não tivessem contado, ninguém teria sabido.

— Mas é justamente o que me entristece em Olga

— comentou Simon baixando os olhos. — O fato de ela não ter procurado me poupar; contou-me tudo, não se preocupando absolutamente com o desgosto que me dava. Aliás, seu encantador marido também lhe disse, não é verdade?

— Dizer, não, nem uma vez!. . . mas "fazer-me compreender", sim, mais de quinze. . .

— É um bom lixo, o seu marido também. . . Falo objetivamente, minha pequena Clarisse, juro.

— Eu não me atribuo o mesmo direito à objetividade

— disse Clarisse. — Eric é meu marido, e afinal existe um contrato de respeito mútuo entre nós. . .

A voz de Clarisse era firme, o que exasperou Simon:

— Mas, justamente, já que ele não respeita esse contrato. . .

— Sempre tive dificuldade em desprezar alguém. . .

— começou Clarisse, mas foi interrompida por Charley, que literalmente batia com os pés diante deles e girava os olhos de modo misterioso.

— Vou lhes mostrar uma coisa. . . — disse, pondo um dedo na boca.

— Uma coisa soberba. . .

Levou-os à cabine de Julien, que jogava tênis com Andreas, e lhes mostrou o Marquet com mil comentários ditirâmicos e pedagógicos fatigantes, mas nem um nem outro pensava em ir embora: Simon, porque olhava aquele quadro e o via, apreciava-o com os olhos novos que a música lhe dera, e o olhava até mesmo com prazer; e Clarisse, porque olhava a desordem em torno dela, a camisa azul, as sandálias, os jornais amassados, os cigarros esmigalhados no cinzeiro, abotoaduras no chão, uma desordem mais de colegial do que de homem maduro, que lhe parecia o próprio reflexo de Julien, que a perturbava de forma excessiva, pensava ela, mas deliciosa. Pela primeira vez tinha um sentimento de proteção em relação a Julien, em vez do contrário. E isso porque

sabia dobrar melhor as camisas do que ele, e pôr ordem no quarto. Teve um pensamento de gratidão e cumplicidade pelas três garrafas de uísque guardadas no banheiro, admirou o Marquet com Simon e de boa fé, porque era bonito, mas praticamente sem vê-lo, sem mesmo fazer a mais ligeira estimativa, como lhe pedia Charley. Só reteve uma coisa do quadro: aquela mulher que virava a esquina e, por uma correspondência de espírito que eles jamais conheceriam, talvez nem ela nem Julien, sentiu-se vagamente enciumada por um instante. Ao sair da cabina, Simon pensava melancolicamente que três dias antes teria vontade de comprar esse quadro para Olga, que não gostava dele, sem se confessar que no mesmo instante ele se perguntava se esse presente não lhe recuperaria seu amor.

Reinstalaram-se no tombadilho, na companhia de Edma. A tarde terminava. A conversa versou sobre Proust, e Edma demonstrou em voz alta o mecanismo do cruzeiro.

— E engraçado como todo mundo fala agora de assuntos gerais. . . É como se na partida todos quisessem saber uns dos outros e, estando informados, preferissem esquecer tudo isso o mais depressa possível, dar as costas afinal e se refugiar no impessoal. . .

— Talvez essas verdades tenham se revelado explosivas — comentou Clarisse sem malícia, como se também estivesse ao abrigo dessas indiscrições passadas.

Simon encorajou-se.

— Por que você não se sente visada por todas essas intuições loucas? Perdoe-me a expressão, minha querida Clarisse, mas, se você é a Virgem Maria, seu esposo José, ao que me parece, não é muito conciliador nem compreensivo. . .

Clarisse desatou a rir, um riso encantado que deixou Simon contente de o ter provocado, mas furioso por não poder compartilhá-lo. Limitou-se pois a deixá-la rir, mas pouco a pouco cedeu ao contágio, e sua voz rouca, ofegante, menos de grande

executivo do que de representante do comércio, juntou-se ao riso de Clarisse.

— Meu Deus — disse ela enxugando os olhos (e desta vez, graças à sobriedade de sua maquilagem, sem ficar com o rosto manchado).

— Meu Deus, Simon, que idéia: José. . . Eric. . . é tão pouco. . . Ah, ah, ah — recomeçou a rir.

Esse riso fazia-a corar e seus olhos brilharem, dava-lhe sete anos menos, restituía-lhe aquela juventude alegre e deliciosa que, no caso de Clarisse, pulara duas gerações, portanto duas concepções do amor: as moças tinham passado da idade dos risos loucos com os rapazes de seu colégio aos amores proibidos, à idade dos amores com esses mesmos rapazes no escuro dos carros, do amor obrigatório. Moças beijadas por um amante que naquela mesma tarde lhes roubara um caramelo durante a aula de matemática.

— Você me lembra minha juventude — disse Simon com expressão terna. — É o cúmulo, aliás, eu tenho vinte anos mais do que você. . .

— Você está brincando — comentou Clarisse —, eu tenho trinta e dois anos.

— E eu quase cinqüenta. Você vê? . . . — falou Simon, cuja interrogação "Você vê?" queria dizer menos "Eu tinha razão, eu podia ser seu pai" do que "Não se poderia imaginar, não é verdade?" "Você deveria ter freqüentado a mesma escola que Julien", acrescentou ele.

Olhava Clarisse com seu olhar pensativo e límpido, na medida em que esse olhar era límpido quando a situação o era, turvo quando se tornava turva e calculador quando ela o exigia.

— Não entendi bem — disse Clarisse, cujo olhar estava francamente perturbado.

— E que vocês são da mesma espécie — explicou Simon. E, reclinando-se na cadeira com a cabeça levantada para o céu, o que

fazia em geral quando se dizia em plena reflexão: — Vocês são feitos para o divertimento.

Clarisse fez uma expressão tão espantada que Charley disse:

— Ele tem razão. Não parece evidente, mas é verdade. Vocês dois estão prontos a seguir de braços dados com a vida. Nem você nem Julien têm uma idéia de si mesmos em relação aos outros, e então. . . E, na minha opinião, foi preciso que seu Eric fosse bem forte para chegar a lhe dar uma. . . E ainda mais para que ela fosse tão desastrosa! Julien é a mesma coisa: não representa nem o tipo mulherengo, nem o jogador, nem o grande conhecedor de pintura, nem o imprudente nos negócios, e no entanto ele é tudo isso.

— Mas em que Olga e Eric, por exemplo, seriam diferentes?

— Seriam, porque eles procuram parecer o que não são — disse Charley, um pouco embriagado pelo interesse que provocava o fruto de suas meditações. — Os outros tentam fazer crer no que eles queriam ser, mas isso não pode ser mais falso: Edma quer ser a elegante que ela é, aliás; você, Simon, o produtor atilado que você queria ser, e que se tornou, aliás, também; Armand Bautet-Lebrêche representa os grandes executivos, o que ele gosta de ser. Andreas, o sentimental que ele permanece sendo, e até mesmo Ellé-docq representa o comandante rabugento que ele quer ser, apesar da tolice desse papel. Eu mesmo represento o Charley gentil que tenho vontade de ser. Mas com Eric e Olga é outra coisa: Olga que nos fazer crer no seu desinteresse, seu gosto artístico e sua classe, o que ela não tem, perdão, Simon!, ainda que a quisesse ter! Eric quer fazer crer na sua estatura moral, seu espírito humanitário, sua tolerância, qualidades que ele não tem e não faz questão de ter, apenas simula. A única personagem cínica neste navio é Eric Le-thuillier, seu marido, cara senhora. . . — disse Charley, chegando triunfalmente ao fim do seu discurso.

Erguendo-se rápido em sua cadeira, fixou por trás de Clarisse e Simon alguma coisa para a qual eles se viraram. Era Eric, que voltava depois de uma hora de uma expedição que requeria três horas. Eric chegava a passos largos, arrastando Olga, ofegante, com os olhos brilhantes, mal dissimulando um júbilo misterioso.

— Mas o que aconteceu? — perguntou Simon, de pé (porque a expressão de Eric, branco de raiva, podia significar qualquer coisa). Simon deu um passo na direção de Olga, "sempre cavalheiresco", observou Clarisse, em voz baixa, a Charley.

— Simon é um bom sujeito, tomou Olga sob sua proteção, que a conservará, faça o que fizer. E Eric teria que se haver com ele se a maltratasse. . . Simon, finalmente, mesmo sofrendo, gosta bastante de Olga e lhe deseja o bem.

— O que aconteceu? — repetiu Simon, e Eric o fixou com o olhar.

— Pergunte a Olga — disse ele. E afastou-se a grandes passos para a cabina.

Olga demorou para sentar-se, desatar o lenço de cabeça de seda cor de areia, estender as pernas e apanhar o copo de Simon, uma pretensa limonada cheia de gim, que bebeu pela metade sem respirar. Clarisse a contemplava com uma espécie de simpatia penalizada, observou Charley, e, embora fosse pouco sensível às mulheres, não pôde deixar de admirar as incríveis melhoras estéticas que lhe trazia o fato de se saber amada ou desejada, mesmo que fosse por um trapaceiro profissional. Porque Charley, que tinha aliás esse ofício no navio, o ofício e o gosto também, tinha telegrafado a um velho australiano cuja resposta não corroborava as afirmações de Julien. Em compensação, esse mesmo amigo conhecia um certo Peyrat, grande ganhador nos diversos jogos de cartas da Europa e da América.

Essa era uma das principais razões pela quais Charley, nada enfatuado por seus conhecimentos pictóricos e ainda menos

preocupado em prestar serviços a passageiros que desprezava pelo seu esnobismo, tanto quanto os outros o desprezavam, mas menos discretamente, pelos seus costumes, encarregara-se de vender o quadro de Julien; Charley só aceitara essa missão para se divertir em ludibriar indiretamente um desses melómanos tão indiferentes a outra coisa que não fosse seu conforto. Além do mais, se no futuro alguma coisa viesse à tona sobre Julien, a quem desde sua conversa a dois se afeiçoara, Charley poderia interceptar e desviar certas informações eventuais.

Enquanto esperava, o olhar de pena de Clarisse, que, mesmo infeliz, nenhuma mulher enganada teria pela amante do marido, esse olhar queria dizer que Eric Lethuillier não era de fato presente que uma mulher pudesse dar, mesmo involuntariamente, a uma outra.

Voltou à realidade para ouvir a explicação sabiamente procrastinada da bela Olga.

— Aconteceu uma coisa espantosa. . . Tão extravagante quando se pensa em Bejaia, na estação em que estamos! Não havia realmente nada na cidade que justificasse aqueles fotografos.

— Que fotografos? — perguntou Simon com voz melosa, porque o olhar espantado de Olga inspirava-lhe uma viva desconfiança.

Ela continuou, sem responder:

— Por mais que eu seja famosa. . . — disse rindo um pouco demais, como se sua ausência de megalomania fosse bastante flagrante para que sua evocação fizesse rir as pessoas presentes (mas que aparentemente não era, pois ninguém pestanejou) — por mais que eu seja famosa — recomeçou ela rindo mais alto, decidida a conquistar a adesão de todos —, não posso ainda assim pensar que mandariam fotografos de Paris me fotografar em Bejaia de braço com o sr. Lethuillier. . . ou então deviam estar ali por causa dele. O que você acha, Clarisse? — disse virando-se para a moça, que a olhou por um instante nos olhos e sorriu lentamente como fizera

pouco antes (e Simon e Charley perguntaram-se por quê, antes que a última novidade de Olga caísse no convés).

— Jornalistas do *Jours de France* e do *Minute* — acrescentou Olga apoiando as duas mãos nos braços da cadeira de madeira, acariciando-os com deleite, como se fossem do mais lindo marfim.

Simon, de início perplexo, com o cenho franzido como se procurasse resolver um problema puramente matemático, rompeu numa risada um segundo antes que Charley rebentasse na gargalhada, a bandeiras despregadas, embora não querendo de modo algum mostrar-se abertamente sensível ao ridículo deles ou de seus fracassos. Os olhos de Edma brilharam. Olga tentou sem dúvida tomar -ares ingênuos e surpresos, mas a doçura de sua vingança estava muito próxima para que deixasse de aproveitar seu triunfo.

— Mas onde eles os encontraram? — perguntou Simon quando ficou mais calmo.

Falava com entusiasmo e admiração. Ele estava no máximo da felicidade porque sua amante tinha humilhado o homem que o enganara, a ele, Simon, e se rejubilava porque essa maldade de Olga significava que Eric já não representava nada para ela, e que portanto ela lhe pertencia. E como se fosse um relato de sua reconciliação, um relato lírico e cheio de bons sentimentos, fê-la repetir três vezes a história de sua vingança mesquinha e pífida, da qual ele não fora no entanto, de modo algum, o inspirador.

— Então — disse Olga —, nós estávamos um pouco separados do grupo, Eric e eu, porque ele queria, acho, comprar sapatos para Clarisse. . . essas sandálias abertas — resmungou vagamente, assumindo um ar mais constrangido do que o necessário pela fraqueza desse argumento para explicar sua fuga do grupo. — Tínhamos entrado numa espécie de mercado, havia uma pracinha encantadora, vazia, onde eu quis experimentar os sapatos. . . os que

comprei para mim. . . Sandálias encantadoras mesmo, você vai ver, Clarisse . . . A menos que Eric tenha esquecido, no seu furor. . . — disse, de súbito preocupada. — É idiota isso. . . Eu deveria ter pensado. . .

— Deixe, deixe — interveio Simon —, Clarisse preocupa-se com suas sandálias como eu com minhas próprias sapatrancas.

— Então, em suma, eu me abaixava para calçá-las agarrando-me ao braço de Eric para não cair, com um pé no ar e pronto: *plof, plof*. . . só *flashes*, como numa estréia de ópera. . . Fiquei com medo de repente: todos aqueles *flashes* depois de toda essa luminosidade tão pura do mar, do céu. . . era horrível, como um retorno ao inverno. . . melancólico, me deu medo. . . Não sei, eu me agarrei a Eric, que, muito mais vivo do que eu, muito mais inteligente do que eu, certamente compreendera logo a intenção daqueles fotografos . . . E ainda mais: nem mesmo sabia para quem trabalhavam . . . Isso o teria acabrunhado. . . Enquanto Eric tentava se libertar do meu abraço forçado. . . — acrescentou rindo à simples idéia do "abraço" — os fotografos fugiram, mas eu os reconheci, e Eric está furioso. . . E com razão. Acho que se seus camaradinhas virem uma foto dele abraçado com uma *starlet* experimentando sapatos num pequeno porto romântico, isso vai lhe custar uma publicidade desagradável. . . E está furioso, completamente furioso. . . Você teria rido, se o visse, Clarisse! — continuou, introduzindo na voz uma cumplicidade deliberada que pareceu despertar Clarisse de repente, fazendo desaparecer aquele sorriso longínquo e vagamente divertido que exibira até então. E levantando-se, ela disse mais manifestamente para Simon e Charley do que para Olga:

— Desculpem-me, vou ver o que meu marido está fazendo.

Sua partida foi considerada pelos dois homens e por Edma (se não por Olga) como um belo exemplo de dignidade conjugal; mas evidentemente ficaram aliviados de se encontrarem só os quatro e

tagarelaram e se rejubilaram por mais de uma hora, durante a qual Olga teve oportunidade de fazer um relato mais exato e pormenorizado. Festejaram isso com champanha. Só no sexto copo Olga Lamou-roux confessou aos companheiros que fora ela quem enviara na véspera um telegrama a dois amigos jornalistas, confissão que poderia ter dispensado, pois a surpresa produzida foi visivelmente mais do que reduzida.

Mas, em Bejaia, a Doriacci não executou sua ameaça e ficou no *Narcissus*. Eis como.

Hans Helmut Kreuze, longe de compartilhar a raiva da Diva, dizia-se revoltado, e após algumas reflexões pedira para entrevistar-se com o capitão Ellédocq em seu gabinete. Era ali que Ellédocq mantinha seu registro de bordo, que tomado ao acaso informava, em geral:

- Comprados 50 kg de tomates.
- Consertadas braçadeiras das cortinas do grande salão.
- Intervenção na discussão dos convivas.
- Jogados fora 40 kg de turnedôs estragados.
- Embarcadas 100 toneladas de óleo combustível.
- Consertado o aquecimento.
- Encontrado cardume de delfins.

O que, pondo de lado a última frase, era o cotidiano de um hoteleiro. Não importa, Ellédocq encontrava nisso uma majestade olímpica.

Seu boné, por uma vez fora do crânio, pendia de um cabide.

Por trás dele as prateleiras sustentavam livros de títulos assustadores. *Como sobreviver no oceano glacial*, *Direito do passageiro de recusar amputação em caso de acidente*, *Transporte de cadáveres de um porto internacional a um porto nacional*, *Como evitar a propagação do tifo*, etc., obras sinistras que os irmãos Pottin tinham proibido de andar pelos salões ou pelas cabinas dos passageiros. Tinham até

retirado da parede de Ellédocq uma ilustração cheia de veracidade em que um infeliz passageiro, nu e azul-marinho, punha para fora uma língua violácea, enquanto um robusto marinheiro o espezinhava com um bom sorriso (não se podia esperar outra coisa). Esse cartaz também fora julgado desmoralizante pelos irmãos Pottin & Pottin, e o capitão Ellédocq só tinha portanto para recordar a gravidade de sua tarefa os livros interditados de dia, mas que podia consultar à noite em sua biblioteca. E foi igualmente para melhor mostrar sua autoridade e a gravidade própria de seu posto, que mostrou ao maestro, com um gesto imperial, uma poltrona diante da sua, sem levantar os olhos dos papéis pousados na escrivaninha (que elogiavam a superioridade dos anzóis X sobre os anzóis Y). Um soco nessa mesma escrivaninha o fez levantar a cabeça. Hans Helmut Kreuze tornara-se violáceo, porque tanto era sensível à sua hierarquia como considerava falsa a de Ellédocq: o capitão de um calhambeque, sentado, diante do mestre do teclado, Kreuze, de pé. Ellédocq levantou-se maquinalmente. Olharam-se nos olhos injetados de sangue e de colesterol, olhar que também podia preceder um infarto, mas que a ausência de diálogo tornava inegavelmente cômico.

— O senhor quer o quê? — latiu Ellédocq, a quem o soco exasperara.

— Eu queria indicar-lhe uma saída para o impasse da Doriacci — disse Kreuze.

E diante do ar de incompreensão, da maior debilidade mesmo, na opinião de seu interlocutor, Kreuze deu detalhes:

— Conheço duas pessoas admiráveis de se ouvir, dois alunos suíços de minha escola em Dortmund e que passam férias em Bejaia. Duas pessoas que podem substituir a Doriacci de um momento para outro, se ela for embora.

— Cantando o quê? — disse o capitão, perdido, consultando seu livro da lei, sua Bíblia: o programa musical já ridicularizado pela Diva, e que acabava ali, no final daquele programa.

— Mas essas pessoas não cantam, tocam flauta, contrabaixo e violino. Tocaremos trios, Beethoven — disse Kreuze (exaltado com a idéia de vingança que cozinhava havia seis dias contra a Doriacci: imaginava-a substituída por ele e dois desconhecidos naquela mesma noite). — Vai ser muito desfrutável — disse a Ellédocq, inclinado sobre seu programa com as sobancelhas franzidas, como diante de um quebra-cabeça (mas que ouvindo a palavra "desfrutável" voltou à sua desconfiança). — Uf! Enfim música de câmara — disse Kreuze, confirmando os receios de Ellédocq, embora começasse a se regozijar por se ver livre da Diva.

Entretanto ela lhe fora confiada. . . Podia lhe acontecer qualquer coisa naquele país perdido, e talvez deixá-la partir correspondesse a uma demissão e a uma desonra. . .

— Bem aborrecido — disse. — Contrato da Diva pago muito, muito caro. Eu sei, irmãos Pottin furiosos, passageiros furiosos, passageiros não aproveitaram suas canções.

— Se vocês aproveitavam escutando-a cantar *Au clair de la lune*, então que diferença faz?... — disse Kreuze, altivo. — "*Au clair de la lune*. . ." — cantarolou, levantando os ombros.

— O quê? O quê? — disse Ellédocq. — O que há com esse refrão? *Clair de lune* é conhecida em toda parte, a prova. . . Bela música, letra bonita, canção francesa. . .

— Nós vamos tocá-la — disse Kreuze com seu riso espesso. — Pronto, estou encantado de ter arranjado as coisas no navio, capitão.

Apertaram-se as mãos, e Ellédocq, que tinha o hábito de quebrar as falanges a quem cumprimentava, observou que a mão de Kreuze resistia à sua sem qualquer esforço, graças sem dúvida aos exercícios de dedilhado; e até arrancou-lhe um gemido. Kreuze saiu,

e o capitão ficou sozinho com o registro em seu programa: "Sopa à George Sand — croquetes de frango à Prokofiev e sorvete à Rachmanínov", tendo a mais um *foie gras* incomum do Lot, depois do qual a Doriacci devia cantar o primeiro ato do *Trovador* — linha que Ellédocq riscou do programa, substituindo-a pelo trio de Beethoven tocado por Kreuze e X e Y. . .

Enquanto isso a Doriacci fazia as malas. A Doriacci iria cantar em outra parte, para outros beócios talvez piores que aqueles, tão ricos e tão incultos quanto eles. Mas antes iria se permitir oito dias de férias. A excelência de todas essas razões fazia-a esquecer a única, a verdadeira: a Doriacci fugia de Andreas de Nevers.

Nesse mesmo momento ele estava sentado nos pés da cama e olhava os lençóis e o rosto fechado da amante, que arrumava, com a ajuda da camareira, seus vestidos longos nas valises. Andreas pousava às vezes a mão no lençol aberto como se toca a areia da praia que se vai deixar e que não se verá mais, sem dúvida, como se respira no campo, ao pôr-do-sol rápido de novembro, o odor desesperante e morno, de uma doçura sem recurso, do fim das vindimas.

Andreas estava sendo abandonado e sofria sem nada dizer, sem que a Diva parecesse crer nesse desespero que o invadia por inteiro. Quanto a Clarisse, tremia sem poder parar um instante, apesar dos seus esforços, desde que Eric saíra do banheiro de roupão, impecável e perfumado, e lhe dissera com voz tranqüila:

— Você está muito bonita hoje. Que vestido bonito! — Porque esse tipo de conversa anunciava a execução do dever conjugal aquela noite. Dever que o corpo de Clarisse aceitara e recebera bem depois que sua alma se desligara de Eric, antes de chegar a esse estado de indiferença irritada e de frieza só à idéia do amor. Mas agora havia Julien, e Julien ela não queria enganar, não podia, mesmo que

tivessem feito amor muito mal na primeira vez: porque sabia, assim como Julien, que eles se reencontrariam um dia. A idéia da noite próxima já se tornava um suplício. Seu medo de Eric ainda era grande demais para que pudesse lhe recusar o corpo que ele dizia tão frio, o rosto que ele dizia sem vida. E, de fato, havia alguns anos, cada vez que ele a procurava na cama era como se ele estivesse lhe dando um presente, presente provocado pela compaixão e não pelo desejo.

Mas ao mesmo tempo que o amor de Julien e a confissão que lhe fazia de seu desejo por ela, o olhar dos outros homens no navio, seu desejo mudo, tudo isso tinha voltado a dar a Clarisse, simultaneamente com a confiança em seus encantos, a consciência de seu próprio (mas como uma propriedade bem dela, cujos desejos e recusas, até então considerados pretensiosos, pareciam-lhe agora perfeitamente lícitos). Tinha podido entregar a Eric, durante anos, um objeto mal-amado, seu corpo, mas não lhe podia confiar o objeto da posse viva e insubstituível de Julien. Dormindo com Eric enganava Julien, prostituía o corpo, renegava-se a si mesma. Julien era seu marido, seu amante e protetor, ela se dava conta disso de repente, graças à repulsa que lhe inspirava, naquela mesma noite, a beleza loura de Eric.

Chegou pálida à sala de jantar, num vestido de noite, acompanhada de Eric, de *smoking*. Fez, apesar de sua palidez, uma entrada notável, e Julien, que tivera de pedir emprestada uma gravata-borboleta a um *barman*, que se sentia pouco à vontade e mal vestido e triste por não ter podido ver Clarisse a sós, e que dessa vez não estava contente consigo mesmo, ou antes, dessa vez pensava em si mesmo e em sua aparência, Julien ficou maravilhado e estupefato por aquela mulher ser sua, e por amar a ele, Julien Peyrat, o trapaceiro nas cartas, o falsário, o miserável que dez pessoas poderiam reconhecer e pôr na cadeia, ele, que jamais fizera alguma

coisa dos seus dez dedos senão pousá-los em mulheres, cartas ou dinheiro, para rejeitá-los todos, afinal. Era amado por essa mulher linda, leal, inteligente e que fora tão infeliz sem contudo se ter tornado má ou cínica, essa mulher que tinha qualidades e era de qualidade. E a vaidade, a loucura de querer levá-la com ele para onde fosse pareceram-lhe tão evidentes, que saiu num instante do bar onde todo mundo se reagrupara e foi até a amurada, a que se apoiou, com o vento batendo-lhe no rosto e despenteando-o, desfazendo-lhe o nó frouxo da gravata, dando-lhe um ar de patife, de mafioso, de vagabundo, o que acabaria sendo. Julien detestou-se por um longo momento, inclinado sobre aquele mar azul-marinho, quase negro, diante das luzes de Bejaia. E havia bem mais de vinte anos que já não pensava em si mesmo dessa maneira, exceto quando ficava feliz e se felicitava por sua sorte. Era preciso que interrompesse os custos dessa história impossível, era preciso que ele vendesse, ou mesmo não, o Marquei; isso não tinha importância agora. Era preciso que descesse em Bejaia ao mesmo tempo que a Doriacci e esquecesse tudo.

O capitão refletia: tendo Charley partido para cuidar das compras da bela Edma, não poderia substituí-lo, ele teria que exercer aquele ofício penoso. Ellédocq tentara dez vezes pôr-se em contato com um dos irmãos Pottin, mas todos estavam de férias. Naturalmente não estavam lá com o coração batendo, diante das suas mesas, esperando que o *Nareissus* voltasse intacto do seu décimo sétimo cruzeiro. Só conseguira falar com o vice-presidente, chamado Magnard, que Ellédocq considerava pouco franco, sem saber por quê. E sacudia a cabeça ao evocá-lo, com uma expressão que dizia muita coisa, embora ele não pensasse nada.

— Aqui Ellédocq — urrara (porque sempre urrava ao telefone) —, Ellédocq do *Narcissus*!

— *Yes, yes* — respondeu a voz de Magnard (ele adotava o gênero inglês, o imbecil); — tudo bem, vocês têm tido bom tempo?

— Não! — urrava Ellédocq, exasperado. (Como se ele o tivesse chamado ao telefone para falar do tempo. Esses burocratas, realmente!)

— Porque o tempo aqui está maravilhoso — continuava Magnard (que devia se aborrecer terrivelmente, sozinho no escritório). — É pena para seus passageiros...

— Tudo vai bem — urrou Ellédocq. — Tempo soberbo, mas problema principal: a Doriacci quer dar o fora! Prussiano propõe dois camaradas para substituí-la. O que acha, Magnard?

— O quê? O quê? — perguntava Magnard, aparentemente apavorado com a notícia. — O quê? . . . Mas quando? . . . Como foi que aconteceu isso. . . A Doriacci ainda está a bordo?

— Está, mas não por muito tempo. . .

— O que foi que aconteceu, capitão Ellédocq? — Magnard lembrava-lhe o seu posto, sinal de que a situação era mais grave do que Ellédocq imaginara, todo contente de se livrar dos *lazzi* e dos *pizzicatti* da Diva. — Capitão Ellédocq, o senhor é responsável por essa mulher admirável. . . O que foi que aconteceu?... — Um grande suspiro levantou o torso arqueado de Ellédocq, que se resignou:

— Ela cantou *Au clair de la lune*. . . — disse com voz lúgubre.

— Que *Au clair de la lune*? A sonata? Mas é para piano. De que o senhor está falando? E o público não gostou, ou o que foi?

— *Au clair de la lune*. . . canção — disse Ellédocq, a quem as pretensões musicais de Magnard enchiam de desprezo. "*Au clair de la lune* que se canta, ora essa, na escola."

Houve um silêncio incrédulo.

— Não é verdade, não é mesmo? — recomeçou Magnard. — Ellédocq, seja gentil, cante-me essa peça de que você está falando. . . para que eu ao menos compreenda alguma coisa. . . Depois

telefonarei à Doriacci, mas é preciso que eu saiba de que se trata. . .  
Então, estou escutando. . .

— Mas. . . mas. . . eu não posso. . . — balbuciou Ellédocq. —  
Impossível, aliás, eu canto desafinado!. . . E tenho mais o que fazer.  
Magnard adotara sua voz de diretor adjunto:

— Cante — urrou. — Cante, Ellédocq, eu ordeno!

O capitão estava de pé na cabina, com o aparelho na mão, e lançava  
para a porta que ficara aberta olhares quase virginais, tão  
angustiado se sentia. . . Esboçou então:

— *"Au clair de la lune Mon ami Pierrot . . ."*

— Não ouço nada! — urrou Magnard. — Mais alto! Após uma tosse,  
Ellédocq continuou, com voz suplicante e rouca:

— *"Prête-moi ta plume. . ."*

Não conseguiria fechar aquela porta sem largar o telefone, era  
impossível. . . Enxugou a testa com a mão.

— Não ouço nada! — dizia Magnard em tom jovial. — Mais alto!

O capitão tomou fôlego e abriu o peito. Tinha uma voz rouca e  
desafinada, mas que julgava certa e harmoniosa; bruscamente teve  
até certo prazer em berrar pela janela, chegando mesmo a afastar  
um pouco o receptor do queixo:

*"Prête-moi ta plume*

*Pour écrire un mot. . ."*

Interrompeu-se de súbito: a voz de Edma ressoava às suas costas, e  
ele desligou no nariz do vice-presidente dos Cruzeiros Pottin &  
Pottin.

— Meu Deus, o que está acontecendo aqui? Matam-se porcos no  
outono também, na Argélia?. . . Meu Deus, comandante, meu bom  
amigo, o senhor está aí?. . . Espero que não tenha se machucado. O  
senhor também ouviu esses gritos? Era horrível. . . Charley! Onde  
você está, Charley. . . Não, agora deixemos de brincadeira. O senhor  
sabe que tem um belo timbre, comandante? — disse Edma Bautet-

Lebrê-che. — Não é, Charley? . . . — acrescentou ela, "para aquele cretino", pensou Ellédocq, "que justamente retornava metido no seu *blazer* que pretendia ser cor de vinho mas era cor-de-rosinha".

Desta vez, Ellédocq estava esgotado: no mesmo dia tivera que refazer os programas, *menus* e concertos, cantar *Au clair de la lune* para o diretor adjunto da companhia e, agora, eis que achavam que tinha um belo timbre de voz. . .

— Ah! Mas é certo que acabarei maluco — resmungou. E virando-se para Charley acrescentou: — Tive um dia terrivelmente fatigante, meu velho. . . — decididamente, esquecia-se do seu morse, sinal de um grave descalabro naquele pacotinho cinza, certamente não muito rico de circunvoluções, que constituía seu cérebro.

E seguido pelo olhar de Charley e Edma, dirigiu-se à porta, com as costas curvas, mas virou-se, lívido:

— Meu Deus! E os *demônios* do prussiano! . . .

— Que demônios? — perguntou Charley, que começava maquinalmente a pousar suas compras um pouco pesadas sobre a mesa sacrossanta do capitão.

Ellédocq, cansado demais para reagir, pousou nos embrulhos sacrílegos um olhar pesado, em que uma memória abobalhada perguntava a si mesma o que havia de errado nesse espetáculo: uma camiseta bordada de *strass*, um enorme frasco de material gorduroso para retirar maquiagem, e sapatos com solas grossas, tudo em cima do mataborrão, tinteiro e fichas de bordo do capitão. Charley e Ellédocq entreolharam-lhe. Charley, de repente horrorizado, mas Ellédocq, amorfo. E foi mais por sentir obrigação do que por ter vontade que Ellédocq, com seu braço direito, fez saltar tudo sobre o carpete, onde naturalmente um saco de rolos para cabelos se abriu, deixando escapar umas coisinhas rosa e verdes que rolaram alegremente no chão sob o olhar apagado de Ellédocq. Então levantou os olhos:

— Charley — disse —, vá dizer a Göring que traga seus dois pederastas com sua flautinha e sua cabaça daqui a meia hora. Nós os ouviremos com a sra. Bautet-Lebrêche, mas que não façam gatimônhas entre eles, por Deus! — acrescentou.

E saiu batendo a porta, deixando os dois espectadores tão surpresos quanto era possível ainda estar, após quarenta ou cinqüenta anos de descobertas psicológicas, variadas no entanto.

Edma Bautet-Lebrêche, passada sua surpresa, viu-se requisitada a escutar os dois nativos de Montreux, encontrados por Kreuze, e dar sua opinião sobre o assunto. Muito divertida com a solicitação de Ellédocq e a solenidade que ele atribuía à cena, mais divertida ainda por tê-lo ouvido cantar *Ma chandelle est morte*<sup>1</sup> um quarto de hora antes, acompanhou-o até o grande salão, onde, no estrado do centro, os esperavam os dois protegidos e seu protetor: dois quinqüa-genários, ou quase, "horríveis de ver", julgou Edma à primeira vista, observando seus *shorts* muito longos, as pernas peludas terminadas por soquetes de lã sob as tiras das sandálias. Mas prometeram trazer *smokings*. Kreuze e Ellédocq já estavam sentados na banquetta quando Edma chegou e quis se insinuar perto de um ou do outro sem incomodá-los, mas Ellédocq, de um salto, levantou-se e com mão de ferro a fez sentar-se entre ele e Kreuze. Antes de qualquer julgamento de ordem musical, Edma inclinou-se para Ellédocq:

\_ São muito feios, o senhor não acha, comandante?

1. Minha vela se apagou." (N. do T.)

— É problema dele — disse Ellédocq, designando Kreuze com o queixo e uma expressão de escárnio, pouco claro para Edma...

— Por quê? — perguntou (mas num cochicho, porque os dois alunos, a uma ordem latida por Kreuze, haviam começado a tocar).

— Por quê? — repetiu em voz baixa, virando-se para Ellédocq.

— A senhora lhe perguntará.

Ela escutou portanto um trio de Haydn tecnicamente impecável e felicitou o mestre, triunfante, com graça, embora ficasse de novo surpresa com o tom que Ellédocq usou para felicitá-lo.

— A senhora acha que eles podem substituir a Diva? — perguntou quando saíram juntos, quase de braços dados, para o tombadilho.

— O senhor está sonhando! — disse Edma. — É por causa dela que todo mundo veio. Por mim, pessoalmente, confesso que a rigor passaria sem ela este ano, embora seja divina. . . Tenho outras lembranças do *Narcissus*, mas os outros. . . O senhor deveria falar com ela, comandante. Ou antes, o senhor deveria lhe dizer que já foi substituída, que não se preocupe, sobretudo não tenha remorsos: a

Doriacci partirá de bom grado se isso significar uma catástrofe, mas não, se sua partida for um simples incidente.

— A senhora acha?... — perguntou Ellédocq, que viera a sentir, com o tempo, uma confiança por vezes perigosa mas instintiva nas decisões psicológicas um tanto arbitrárias de Edma Bautet-Lebrêche.

— Eu não acho, eu sei — disse Edma em tom imperioso. — E sei porque sou igual a ela: se não faço falta não parto.

Ellédocq hesitava um pouco, ainda assim, em mergulhar de novo depois desse dia estafante numa discussão espinhosa com a Doriacci. Edma tomou-lhe o braço gentilmente.

— Vá lá, vamos lá. Eu vou com o senhor, é mais seguro. Depois o senhor irá dar uma boa cachimbada — acrescentou quase sem querer, vendo como Ellédocq estava perturbado, a tal ponto que nem pestanejou.

Mas quando chegaram à cabina da Doriacci, sua tática revelou-se supérflua. Não obtendo resposta, e tendo Ellédocq com ele a sua chave geral, como sempre, eles empurraram a porta pensando encontrar o quarto vazio, sem nenhuma bagagem, mas dando um

passo viram na penumbra a Doriacci, adormecida toda vestida e, perto dela, um jovem seminu de corpo dourado soberbo, com suas mechas curtas de cabelo acobreado, estendido na cama, com o corpo perpendicular e a cabeça apoiada nas pernas da amante. Suas longas pernas, saindo do lençol, repousavam no chão.

Ellédocq corou com aquele rosado de pudor ofendido e, quando Edma lhe disse: — Que beleza, não é? — com voz cheia de respeito, indignou-se confusamente e deixou escapar um risinho, enquanto lamentava imediatamente não inspirar o mesmo respeito a Edma. Esse risinho de desprezo provocou de pronto o pedido insistente de um cigarro. Sacudiu a cabeça em negativa, sem se zangar, para grande descontentamento de Edma.

— Isso vai lhe acrescentar mais três músicos e uma *coloratura*. . . — vingou-se ela, passando por ele, ultrapassando-o e deixando-o para trás sem que ele reagisse. — A Companhia Pottin vai ficar encantada com essas atrações complementares. . . Vamos ver como se executa *Au clair de la lune* na flauta e no violoncelo.

Andreas acordou um pouco mais tarde, banhado num ténue suor, com o coração batendo violentamente antes de perceber a causa: a Doriacci o deixava, ela o tinha deixado, estava perdido. Já estava escuro na cabina, e imaginou-a na plataforma de uma estação naquele mesmo instante, esperando por ele; e depois de um momento faltou-lhe a respiração, alguma coisa se fechou sobre seu coração, provocou-lhe uma ligeira vertigem antes que se precipitasse para fora da cama, aquela cama negra e bem-amada, aquela cama perdida — mas bateu com o braço, ao se levantar, no flanco gordinho da Doriacci. Hesitou um instante em admitir aquela presença. Pela primeira vez na vida, o jovem Andreas hesitava diante de uma felicidade tão depressa devolvida. Tivera medo de morrer do coração, tivera medo de morrer, em suma, pela primeira vez. E no entanto que risco corria morrendo naquele

instante, já que ela não estaria mais ali? Desde o momento em que a Doriacci deixasse sua vida, esta se tornaria vazia e sem interesse, e a morte seguia o mesmo exemplo: a morte ficava também vazia e tediosa para Andreas de Nevers. Mas agora, agora tinha a Doriacci, que seus beijos tentavam atingir através do lençol que ela puxara para cima da cabeça como proteção, recusando-lhe a menor superfície de pele nua onde pousar os lábios. Ela ria, e ele se irritava, não tocando-a com as mãos, mas apanhando o lençol com os dentes e sacudindo-o como um cãozinho, puxando-o da cama, enquanto a Doriacci redobrava os risos e chegava mesmo a latir com sua bela voz grave.

— O que vou encontrar atrás deste lençol, um buldo-gue, ou um *dobermann*? . . . uau, uau — disse com voz profunda — ou u-u-u? O que você é esta noite?

— Não tenho vontade de brincar — disse Andreas, que se lembrou de repente do dia que tivera, que se lembrou do jovem desesperado, andando naqueles corredores intermináveis de solidão, o jovem pálido afobado cujo sofrimento revivia com tanta precisão, que se lançara ao ombro compadecido da mulher que lhe tinha infligido aquele sofrimento.

— Afaste-se — disse ela displicentemente. — Tenho que me vestir para o concerto.

Foi assim que ele soube, antes de todo mundo, que ela não partia mais.

Foi nessas circunstâncias que Julien e Clarisse receberam, cada um por seu lado, a música tocada pelos dois alpinistas suíços, que, libertos de seus casulos de lã e do conjunto de couro, tocavam como músicos inspirados dirigidos por Kreuze ao piano, prodigioso de sensibilidade e de tato.

O *Trio número 6* de Beethoven para piano, violoncelo e violino, depois de uma entrada barulhenta mas muito rápida, parte logo para uma pequena frase lançada e desenhada no violoncelo. Pequena frase de sete notas que lhe arrebatarão um após o outro, que lhe restituirão, também, o piano e o violino. Pequena frase que parte com arrogância, como uma afirmação de felicidade, uma espécie de desafio que pouco a pouco os obceca, os ultrapassa e os desespera, embora eles tentem o tempo todo esquecê-la, embora cada um deles voe em socorro dos dois outros, quando um parece ceder-lhe à lei e ao encanto, embora cada um deles corra por vezes adiante desta mesma frase ou, para fugir, adiante do instrumento que a executa, como se fosse contagioso, embora esses três instrumentos angustiados tremam sem cessar por serem atingidos por aquela pequena frase tão cruel, reúnam-se por vezes entre eles e tentem ruidosamente falar de outra coisa, como três homens enamorados da mesma mulher, morta ou seqüestrada por um quarto e que, de qualquer forma, os teria feito sofrer igualmente. Esses esforços de nada servem. Porque mal começam a se sustentar uns aos outros, a dar prova de vigor, de alegria, de esquecimento, um esquecimento ruidoso, mal tentam compartilhar esse esquecimento entre si, um deles, como se não prestasse atenção, cantarola entre dentes, de novo, essa frase interdita, para grande desespero dos dois outros, que se vêm constrangidos a voltar a ela pela fraqueza do primeiro. Todo o tempo, todos esses esforços para falar de outra coisa e todo o tempo essas sete notas ferozes na sua graça e na sua própria doçura.

E Julien, que não gostava muito de música e cuja cultura nesse campo parara em Tchaikóvski ou na abertura do *Tannhäuser*, como Simon, enfim um pouco melhor, mas apenas isso, Julien teve a impressão que era a história deles que alguém lhe contava: sua história, dele e de Clarisse, essa história que iria falhar como

parecia ressaltar em toda essa música, como se fosse ao mesmo tempo a das lembranças que ele não tivera, a do fracasso, a do desgosto premonitório. E quando ela voltou pela décima vez, soprada pelo violino até o piano interdito, encantado e cansado de acolhê-la, quando essas longas notas voltaram para Julien, ele teve que virar a cabeça para o mar sob a pressão ardente e louca, esquecida há muito tempo, das lágrimas sob as pálpebras. Do mesmo modo que sonhara de forma poética e irreal seu futuro com Clarisse, sua vida amorosa e sentimental com Clarisse, sua vida de amante, em suma, que sonhara com todos os seus encantos, do mesmo modo parecia-lhe agora receber de antemão todos os golpes e todos os arranhões: mas isso dentro da própria carne, na realidade concreta, tão terrivelmente concreta, que o desgosto adota nas coisas do amor, tornando tudo tão nítido, tão desértico, tão terra a terra e tão definitivo.

E o resto do concerto transcorreu com Julien voltado para o mar como se estivesse absolutamente insensível àquela música que o desesperava. E já tão confiante na natureza de Clarisse quão pouco confiante em seus destinos, Julien sabia que, por seu lado, sentada perto de Eric e sem olhar para ele, Clarisse também relacionava aquele tema com o encontro e a separação deles.

O terceiro movimento do *Trio* depois desse andante insuportável recolhe os pedaços num *scherzo* falsamente alegre, uma espécie de paródia mundana semelhante à que se sucede ao concerto depois dos aplausos intermináveis. Os dois artistas foram calorosamente felicitados, mais ainda por serem novos no navio, como que enviados a socorrer aquele barco espacial chamado *N ar eis sus* em sua trajetória pelo nosso velho planeta Terra. A tal ponto que apertando-lhes a mão davam-lhes tapinhas no ombro, tomavam-lhes o braço para se convencerem de sua existência real e portanto da certeza dedutível de terra firme. Julien e Clarisse, sem mesmo se

verem, tinham ficado sentados alguns minutos em suas cadeiras depois que todo mundo se levantara numa algazarra tal que os dois não se ouviam. E foi só nesse momento que se olharam realmente, não se dando conta dos olhares de Eric e de Edma sobre eles. Ou antes: nem mesmo pensando nisso, a tal ponto Eric se tornara um terceiro e um importuno, mais do que um obstáculo. Não o viram empalidecer e dar três passos na direção de Julien, que vinha ao encontro de Clarisse e se sentava perto dela no mesmo instante em que, tendo afastado o piano, os marinheiros apagavam as luzes da pista. Foi portanto na semi-escuridão e tropeçando um pouco que Julien se sentou ao lado dela. E de início só viram um do outro o branco dos olhos assustados e dilatados de pânico.

— Clarisse... — disse Julien em voz baixa, inclinando-se para ela, que respondeu:

— Julien — pondo a mão sobre a dele e apertando-lhe os dedos nos seus "como fazem as crianças", pensou muito depressa, quando têm medo dos caminhos vazios, de noite. Mas Clarisse, não sendo mais uma criança para ele, era uma mulher que ele desejava e amava já o bastante para sofrer por não poder abraçá-la imediatamente, com um sofrimento agudo e no entanto distante, segundo acreditava, do desejo apenas físico.

— Que vamos fazer? — perguntou Clarisse com uma voz sem timbre, baixa, uma voz sedutora que fez Julien pestanejar.

— Vamos partir — disse ele, forçando-se a mostrar segurança, mas baixando os olhos antes dela, pronto a ouvir aquele "não" e todos os argumentos para esse "não" caírem da boca de Clarisse, como uma chuva torrencial, uma chuva odiosa e não como o raio que caiu a seus pés quando ela respondeu:

— Certamente, vamos partir, juntos; mas esta noite... esta noite o que vou fazer? . . .

E então Clarisse parou porque Julien compreendera e recuara o busto para trás, procurando uma escuridão mais intensa, um afastamento maior ainda da imagem que acabara de passar diante de seus olhos, a de Eric estendido em cima de Clarisse. E em nenhum instante pensou mesmo em lhe perguntar "Por que esta noite?" "Por que agora?" "Por que subitamente é diferente das outras vezes?" "Como sabe, como conhece as pretensões de Eric?" Estava farto de saber que Clarisse jamais faria alguma coisa que o fizesse sofrer. Clarisse não dizia aquelas verdades penosas de ouvir que os melhores amigos em geral, ou os seres que nos são mais caros, distribuem. Clarisse desde já e para sempre o tomara sob a alta proteção de seu amor por ele. E o primeiro reflexo de Julien foi resmungar entre dentes, mas bastante alto para que ela o ouvisse: "Eu vou matá-lo, eu vou matá-lo. É a única solução!", procurando Eric com os olhos, encontrando-o e olhando-o como um completo estranho, alguém nunca visto antes, mas alguém a ser abatido. A mão de Clarisse em seu braço arrebatou-o desse movimento de ódio, e ele virou para ela um rosto desorientado e vagamente rancoroso. Tomou fôlego, lançou um olhar para Eric, agora sentado longe deles, o olhar que um cão lança a outro quando ameaçam brigar e são separados à força.

— Acalme-se — disse Clarisse ternamente.

— Passo a vida a me acalmar.

E imediatamente Julien se repetia: "Acalme-se, acalme-se", com aquele tom ligeiramente irritado que usava consigo mesmo no jogo, com mulheres, ou diante de um quadro. "Acalme-se, acalme-se", um tom superior mas firme, aliás, como um cavalo embalado. "Acalme-se. . . Esta carta não é a boa. . . Esta mulher não o ama. Este quadro é falso." E subitamente invejava todas aquelas pessoas, os noventa e nove por cento de amigos ou de relações que tivera ou ainda tinha que, pelo contrário, pareciam sempre exortarem-se ao perigo, ao

desejo ou à confusão, como cavalos demasiado calmos ou privados de aveia. Mas essas exortações não funcionavam. Dava-se conta de que mais do que entregar Clarisse a um outro, a idéia de que esse outro fosse Eric, isto é, um homem que ela não amava e que, em todo caso, tentaria magoá-la, essa idéia o revoltava. Julien pensava com espanto que quase preferia que Clarisse amasse um pouco o homem que a queria; pelo bem dela e em prejuízo dele. Era a primeira vez que Julien preferia sua desgraça à de uma mulher.

— Ah, mas eu amo você! — disse ele ingenuamente. Sentiu-se imediatamente tranqüilizado pela gravidade de seu amor, pela ternura desesperada que ela lhe inspirava, como se a virtude desse amor lhe garantisse reciprocidade e continuidade. Que louco ele era! Em todo caso, um outro alguém estava presente no interior de Julien e recusava compartilhar aquela mulher, coisa que sempre admitira antes, toda vez que desempenhava o papel de amante, naturalmente. Um Julien a quem bastava ser o preferido e que achava bárbaro querer ser o único, sobretudo tendo chegado por último. Ele procurou aquele Julien e por um instante disse para si mesmo: "Bem, ora, ela não vai morrer por causa disso. . . deve ter de fazer isso de tempos em tempos, como ocorre com todos os casais. E já que lhe repugna. . ." Mas de novo era essa última frase que o fazia estremecer: imaginava Clarisse tremendo, assustada, sob o peso, os gestos triviais, a respiração daquele homem. Mal ouviu a voz de Clarisse junto dele, que repetia: "O que vamos fazer? O que vamos fazer?" com a mesma voz pueril. E de súbito Julien teve uma idéia.

— Olhe para mim — disse com doçura e em voz baixa. Uma voz tão baixa que ela virou para ele um rosto espantado sobre o qual Julien inclinou-se, beijando-lhe imediatamente a boca, de início afobada, mas de súbito cedendo à sua, à lentidão, às doçuras e ao imprevisto

daquele beijo furtivo diante de cem pessoas incrédulas, depois aterrorizadas.

Edma foi a primeira a vê-los, com seu olhar de águia: arregalou os olhos (era realmente um dia de surpresas, mesmo para uma mulher *blasée*) e, precipitando-se para Eric, hipnotizou-o literalmente, lançando-lhe, ao acaso:

— Quantos leitores o senhor tem, meu amigo? . . . Talvez duzentos mil? Há mais leitores no inverno do que no verão? Certamente, não? — e outras banalidades sem qualquer sentido. Percebia isso, mas seu pensamento perdia-se cada vez mais enquanto via com o canto do olho aquelas duas sombras abraçadas ao longe, projetando-se contra o céu azul-noite, o azul de uma noite clara atormentada pela mesma demência. Ela chegara a censurar Eric, estupefato, pela ausência de qualquer coluna sobre tricô em seu seriíssimo *Fórum*, quando um *barman*, com os olhos arregalados, a garrafa imobilizada acima dos copos, sem deixar cair uma gota, olhos que nem mesmo viam as sobrancelhas franzidas de Eric, o fez voltar-se para aquele espetáculo cativante. E Edma, que tinha um olhar decidido, não ousou olhá-lo enquanto ele os via.

Um minuto fora o bastante para que a Doriacci, que se aprontava para subir no estrado com sua fleuma habitual, visse a cena, compreendesse tudo e reagisse logo com o mesmo sangue-frio admirável de Edma, aquele sangue-frio dos antigos combatentes que só a experiência dá, e que nenhuma juventude, por mais que assim acredite, poderia substituir. Com o olhar reunira os músicos, com duas passadas largas atingira seu lugar e com o queixo eletrizara Kreuze. Foi então que Eric se precipitou para o casal, na primeira cena do terceiro ato do *Trovador* de Verdi (que, ligeiramente perturbada, ainda assim, a Diva pegara no meio, acabando por desconcertar o infeliz violoncelista, que tremia atrás dela). O resto dos acontecimentos foi portanto acompanhado

durante todo o tempo pela bela voz, perfeitamente calma, da Doriacci, cujo microfone tinham esquecido de ligar, mas que ela dispensou muito bem, sem mesmo dar atenção a isso. Aliás, se era necessária uma bela voz para cobrir o ruído em torno dela, não havia necessidade de preocupação com os *piz-zicatti* ou com algumas armadilhas que existiam naquela ária, porque ninguém se interessa tanto assim pelo libreto dessa ópera. Eric lançara-se enquanto soava o *Morro ma queste vis-cere, Consotino i suoi baci*, cuja tradução, muito inoportuna, era: "Morrerei, mas seus beijos consolarão meu cadáver", coincidência que não chocou ninguém além dela, estando as três regras do teatro completamente negligenciadas nesse novo espetáculo. Foi no verso seguinte que ele atravessou o estrado, branco de cólera, com o rosto como que iluminado pelo furor, ao som de *DeWore mie fugaci* ("As horas breves da minha vida"), atirando-se em cima de Julien. Seguiu-se uma briga confusa, que se tornou ainda mais confusa com a chegada dos passageiros da primeira classe, alertados pela voz da Doriacci, e que, não tendo sido reunidos a tempo, esquecidos, segundo pensavam, vinham emburrados, procurando seus lugares com os olhos e se encontrando de súbito diante dos bancos vazios, com dois homens furiosos e despenteados engalfinhando-se como num faroeste; lançavam-se pontapés, alguns dos quais atingiam o alvo, contrariamente às clássicas brigas parisienses. Esses passageiros, já separados dos de luxo por um andar, uma diferença de trinta mil francos na passagem e uma quantidade de sólidos desprezos de parte a parte, viram-se também separados por aqueles dois energúmenos, obstáculo ainda mais intransponível que os precedentes, dir-se-ia. Andreas e Simon, tentando reter os combatentes, receberam, um deles, um valente pontapé, o outro, um *uppercut*. E, em suma, "foi uma carnificina bestial", como escreveu Olga a Fernande, e "uma confrontação simbólica mas flagrante", versão Micheline. "Um pugilato de corpo de guarda",

disse Edma, que confundia facilmente as imagens; e "um incidente lamentável", como deve ter relatado Ellédocq aos irmãos Pottin. Enfim, terminaram por separá-los, graças a uns camareiros reunidos por Charley no máximo da excitação, do medo e do prazer por ver dois machos batendo um no outro e se machucando. Estavam ambos em estado lamentável e se perguntavam, desde o início da briga, por que infeliz acaso lhe tocara um adversário que também conhecia o boxe francês. "Se eu tivesse sabido...", pensava muito secretamente Eric, massageando a virilha, que ficara violeta desde o início do combate com um pontapé de Julien; frase que Julien, apalpando as costelas, também dizia. Levaram Eric Lethuillier, que sofria de forma visível, para dormir na enfermaria. Mas Clarisse não foi compartilhar seu sofrimento, como fizera com Julien, e como, no entanto, toda mulher honesta deveria ter feito. . . observara-lhe Edma Bautet-Lebrêche, com os cabelos ainda eriçados pela excitação e o ar nitidamente velhaco, enlaçando-a pelo ombro, fazendo-a virar as costas à sua cabina e levando-a diretamente para a de Julien. . . Ele chegou nos calcanhares dela depois de ter subornado a enfermeira, assegurando assim a seu adversário um sono reparador.

Clarisse estava sentada na borda da cama. Tinha os olhos baixos e as mãos nos joelhos. Era a própria imagem do desamparo, pensou Julien, fechando a porta atrás de si.

— Vou chamá-la de Clarisse Desespero — disse —, como a aldeia.

— Há uma aldeia que. . . ?

— Não — disse Julien jogando-se na poltrona mais afastada da cama, com ar descontraído. — Não, não existe uma aldeia com esse nome, mas a gente pensaria que sim, não é mesmo?

Ele tinha a impressão de estar diante de um animal selvagem ou de um criminoso um pouco nervoso, de sangue puro e assustado demais: um animal que podia magoá-lo mesmo sem intenção.

Olhava para Clarisse com ar frio, e para a cama com uma ternura tão visível, que Clarisse se pôs a rir subitamente.

— Você parece o gato com as castanhas, lembra-se? . . . A fábula? . . . Existe uma fábula assim, não é? Mas o que você tem no pescoço? Você está sangrando? Você está sangrando! . . .

Julien lançou ao espelho um olhar enojado, desenvolto, em verdade macho, para ver um filete de sangue que descia por trás da orelha, e apalpou o corte com a mesma expressão desdenhosa. Mas esse desdém se transformou em reconhecimento quando viu Clarisse deixar seu refúgio e caminhar até ele, com os olhos apreensivos cheios de compaixão, quando a viu pegar-lhe a cabeça entre as mãos com um fluxo de palavras tranquilizadoras, como se fosse ele que precisasse ser tranqüilizado fisicamente. Estava ferido: ela o tinha à sua mercê. Julien voltava a ser a criança de quem se pode cuidar, a quem se pode em todo caso tocar. De gesto em gesto foi um adulto que Clarisse encontrou em seus braços, mas um adulto terno e doce que, além do prazer, queria o bem dela.

No meio da noite, Clarisse quebrara uma solidão de dez anos. Tinha desejo de alguém e que esse alguém a amasse como ele a amava e como ela já se sentia pronta para amar também.

— É engraçado — disse um pouco mais tarde —, pensava que você fosse um gângster, a primeira vez que o vi. . . e depois um americano.

— Mas não os dois juntos, eu espero.

— Não, separadamente. Que papel você prefere?

— Queria ser um tira inglês — disse Julien, virando o rosto (porque temia o instante em que, sabendo a verdade sobre ele, ela tomasse por mentiras odiosas e deliberadas suas reservas, suas descrições excessivas). Saberá ela então que, de certa maneira, essas mentiras eram verdade? Contanto que ela não esquecesse, então, que tinha feito tudo isso, todos esses planos bem-formados, por amor a ela e

na única esperança de que, uma vez reunidos e confiando um ao outro a preocupação de suas existências, Clarisse Lethuillier estivesse tão bem com ele que não o deixaria, ladrão ou não.

— Você está com ar preocupado — disse em voz baixa. — Será a famosa tristeza que se segue ao amor? — completou ela subitamente.

E Julien olhou-a por um instante, estupefato pelas palavras que não a acreditava capaz de dizer.

— Sua pergunta é uma tolice — disse sorrindo.

E inclinados um para o outro, face contra face, tinham aquele ar satisfeito e enternecido, ligeiramente megalomaniaco, que têm os amantes depois da primeira noite de amor, quando essa noite foi sem sono por prazer e não por pesar.

— É preciso que eu volte para meu quarto. Eric vai acordar. Como é que as coisas vão se arrumar agora? O que nós vamos fazer?

— Nós quem? — perguntou Julien, com ar espantado e suplicante.

— Quem é esse "nós"?

— Você e eu, naturalmente. Eric vai segui-lo ou a mim. Vai ser odioso. . . É preciso que eu desça em Alicante e que nos tornemos a ver em Paris. . . Não poderei esperar por você todo esse tempo — disse logo em seguida. — Você poderia ficar debaixo das rodas de um ônibus ou se enganar de caminho e partir para Sydney. . . Há muitas coisas possíveis para que eu o deixe partir.

— Não tenho a menor intenção de a deixar fugir. Ele estava sentado na cama, com os cabelos eriçados.

Parecia mais um adolescente marcado do que um quadragenário, observou Clarisse, encantada, embora soubesse que esse encantamento seria o mesmo se Julien fosse calvo ou coxo, contanto que fosse ele, Julien, e que a amasse tal qual ela era.

— De todo modo — disse, esticando-se —, de todo modo, depois de ontem à noite, contrariamente ao que você pensa, Eric vai ficar

completamente tranqüilo o resto da viagem. Ele pensa, não sem razão, que os amantes desconfiam quando sua história é séria. E geralmente isso é verdade. Acredite-me, o fato de eu tê-la beijado na boca diante de cem pessoas vai nos fazer parecer a cem léguas um do outro. Eu a beijei à força, com um gesto de bandido, e tive que usar de violência: portanto, eu lhe desagradava, portanto, você estava zangada, portanto, você era inocente. Entende?

— Sim, entendo — disse Clarisse, batendo os cílios, antes de se virar de bruços e pousar a cabeça sob o braço de Julien, dizendo de olhos fechados: "Não vejo nada. . . Não vejo absolutamente nada. . . Não quero absolutamente ver mais nada. Quero ficar nesta escuridão toda a minha vida".

Um pouco mais tarde, adormeceu. Mas Julien, acordado como nas primeiras vezes em que fazia amor com uma mulher que lhe agradava, Julien contemplou-a longamente enquanto ela dormia. Belos seios, uma boa curva de cadeiras, articulações finas, pele macia. Tentava adaptar essas estimativas de comprador de cavalos ao corpo de Clarisse, mas não conseguia. Naturalmente esse corpo era belo, mas ele tinha a impressão, pela primeira vez na vida, que mesmo que fosse desgracioso, a voz, os olhos e as mãos dessa mulher lhe teriam bastado para ficar tão apaixonado como estava. Ela acordou espontaneamente uma hora mais tarde, para grande alívio de Julien, que se sentia incapaz de lhe dizer que ela precisava voltar para sua cabina. Em seguida Julien caiu naqueles mesmos lençóis. Procurou o odor e o perfume de Clarisse, encontrou-os e adormeceu, exausto, enquanto imagens confusas e sensuais desfilavam sob seus olhos, mas desta vez se tratava de uma personagem que ele conhecia muito bem. Já eram suas as lembranças que via desfilarem sob suas pálpebras.

O *Narcissus*, projetando-se sobre um céu e um mar cinza cor de ferro, parecia emergir das profundezas, fumegando água e nuvens, com sua quilha fendendo como uma faca o deslizante mar de seda, que se deixava cortar com um ruído deliciosamente alarmante de longo dilaceramento. Eram seis horas da manhã, e Julien dirigia-se ao convés superior com passos furtivos. Acontecia-lhe por vezes nessa hora, onde estivesse, numa cidade estrangeira ou no campo, sair por uma hora, durante a qual tinha a impressão de passear seu próprio corpo sonolento como um grande cão entorpecido e pouco ajuizado. Sonolento mas que, liberado dos entraves do sonho, batia com os pés à beira das avenidas ou dos campos a atravessar. Um corpo que levaria de volta para dormir em seguida, mesmo que fosse contra a vontade, porque o sono lhe era necessário, um sono que impediria suas mãos de tremer ao distribuir as cartas, um corpo cujos instintos, depois de Clarisse, tinha a impressão de ter satisfeito docilmente com dezenas de mulheres, sem que ele próprio, Julien, tivesse realmente desejado. Talvez fosse a principal força de Julien, de resto mal armado para a vida (se é que consideramos a vida uma batalha), com essa capacidade de continuar sempre o mesmo, de ser o primeiro a aceitar o erro, de não conceder qualquer consideração ao Julien que ele era ainda na véspera, admitir que podia se enganar sobre todas as coisas. E os homens e as mulheres, aliás, gostavam dele por isso. Seus amigos falavam de sua boa fé, talvez para não falar de seu orgulho. Simplesmente Julien não dava aqueles pequenos sinais agrídoces da vaidade diária desse orgulho. Era assim que percorria distâncias de braços dados com sua personagem social, seus blefes e seus sonhos líricos, sem jamais pensar, quando as coisas iam mal, em pôr em sua causa um de seus três defeitos, como disse mais tarde Edma Bautet-Lebrêche, recapitulando os incidentes daquele cruzeiro: "Julien Peyrat não se amava,-mas também não se olhava: não tinha a menor idéia dele próprio e", acrescentava finalmente,

"era provavelmente o único numa época intoxicada de freudismo de bolso e, portanto, deformado, era o único a só ver" a moral em relação a seus atos, sem julgá-los em relação aos motivos que os inspiravam".

Naquela manhã, Julien, acordado e incapaz de continuar naquela cama povoada, encontrou-se no convés superior diante de um imenso cartão-postal cinza e azul que representava o Mediterrâneo na aurora, em setembro. Julien estava cansado, feliz, e seus dedos tremiam um pouco, o que o irritou e enterneceu também. Uma vez amado por uma mulher ou pela sorte, Julien, arrebatado à sua indiferença benevolente, em relação a si próprio e aos outros, achava que seu corpo era amável, sólido e valoroso, qualidades e trunfos importantes justamente para a conquista das mulheres; trunfos que Julien, contudo, não protegia. Herdara, felizmente, aquilo que sua mãe durante muito tempo chamara de equilíbrio, mesmo quando saía tropeçando pelas salas de jogos mais mal-famadas de Paris. Fechou os dedos na palma da mão e cobriu-os com o polegar, gesto um pouco cinematográfico de que se deu conta, depois, vendo o ar perplexo de Edma Bautet-Lebrêche, de robe lilás, cabelos desfeitos e uma cafeteira na mão, que acabara de trazer da cozinha. Mas, curiosamente, seu robe de *cashmere* e seda era fechado por uma espécie de cordão do qual pendia uma chave bizarra ou que, em todo caso, parecia mais bizarra ainda a Julien do que a presença de Edma no convés àquela hora: coincidência ainda assim imprevista e que não parecia contudo despertar a menor curiosidade nela.

— É um objeto silvícola — disse Edma à pergunta muda de Julien.

— Não me pergunte para que serve, você também, ou lhe darei uma resposta tão odiosa como a que dei ao pobre Kreuze.

— O que foi que você lhe disse? — perguntou Julien. — Sou todo ouvidos — acrescentou sem mentir.

Porque as histórias de Edma Bautet-Lebrêche, crônica viva das fofocas de bordo, agradavam-lhe enormemente, primeiro, por causa do humor, e também por uma espécie de correção moral, um fortalecimento ostensivo dos valores burgueses que, como muitos dos seus contemporâneos, Edma, depois de os ter espezinhado e desprezado, chamava a si por vezes com firmeza. Sem dúvida, como dizia, esses valores eram indispensáveis, e Julien se perguntava se não seria para evitar que sua velhice fosse excessivamente surpreendida ou, pelo contrário, para mostrar os caminhos da doçura de viver a uma juventude brutal e desesperada, como ela acreditava que fosse. Pousara a cafeteira, e sentaram-se nas cadeiras de palha. Olhava Julien de esguelha, por trás da fumaça do cigarro, "numa pose muito 1930", constatou Julien com nostalgia. Sonhava, desde que nascera, com um mundo dirigido pelas mulheres; essas mulheres doces e belas, ou ternas ou mitômanas, em todo caso mulheres que o teriam protegido, e que ele, Julien, julgava terem um bom senso bem mais vivo do que os homens (pelo menos mais do que Julien), um mundo em que os homens ficariam aos pés das mulheres e à sua disposição, o que para ele queria dizer: ao pé da cama e à sua disposição amorosa. Ficaria naturalmente especificado que essas duas ocupações seriam adiadas para mais tarde, se necessário, em caso de vitória em Longchamp ou de ficar com a banca no bacará, em Divonne. . .

— De que falávamos? — perguntou Edma, com a sua voz mais aguda. Ela só fazia essa pergunta no plural e respondia no singular.

— Ah! sim, de minha correia. Pois é, eu disse a Kreuze que era para prender meus pianos. . . Fraco, de acordo, mais do que fraco, concordo com você.

— Mas eu não estou de acordo. Gosto muito de respostas um pouco pesadas como essa. . . Muda o ar. . . A gente se sente de volta a uma idade mais fácil de contentar. . .

— Brincadeira de criança débil mental, se é que estou me vendo bem no espelho. Não é bem isso, sabe? Este cinturão servia, ao que parece, para prender uma machadinha com a qual os silvícolas fendiam suas achas para se aquecer e cozinhar. Por que fica com esse ar de dúvida, sr. Peyrat?

— Porque esse machado devia ser de um comprimento interminável para que os tais silvícolas pudessem se inclinar sem magoar terrivelmente o flanco ou se machucar na. . .

— Na virilha — completou Edma com benevolência. — Sim, é possível. De qualquer modo, não trago comigo qualquer machado na vida mundana. A gente poderia, deveria mesmo, muito amiúde. . .

— Mas a senhora pratica esse esporte há muito, não?... se minhas lembranças são boas. Em sociedade arremessa-se o machado depois ou antes de ter deixado a tenda?...-

— Ah, mas não se engane. Assisti a soberbos combates a machado!  
— disse Edma, entusiasmada por uma recordação guerreira que dava a seus olhos uma expressão bravia e sarcástica. — Eu me lembro que um dia, na casa daquela velha louca de Thoune, por exemplo. . . Ora, você não ignora quem é Mme de Thoune, não é? A mais bela coleção de Poliakoff e de De Chirico do mundo, dos Thoune, de Nova York. . .

— Ah, sim! Eu sei — disse Julien entre dentes. — Então?

— Então, a velha Thoune tinha sido abandonada por um belo sueco, Jarven Yuks. . . O belo Jarven, que se dividia entre ela e a pequena Darfeuil. . . Aliás, você talvez tenha conhecido esse Jarven em Nova York, não? Dirigia as vendas na Sotheby's. . . Um rapaz louro, alto, gênero *viking*. . . um pouco como o nosso homem forte de Montceau-les-Mines — Edma não hesitara em encaixar o lamentável jogo de palavras de Simon Béjard sobre o nome de Lethuillier e do seu *Fórum*. — Pois é, esse pobre rapaz não havia sido convidado

para um jantar, numa noite de setembro, a que suas duas mulheres tinham sido convidadas por acaso. A sra. de Thoune, portanto, e a Darfeuil, que tinha então sensivelmente a minha idade. . . — disse com um ar, de início, satisfeito, esse "sensivelmente", que substituía com vantagens os "mais ou menos" na sua linguagem e na de suas amigas. (Mas então, apenas lançada, interrogou-se sobre a propriedade da palavra "sensivelmente", a propósito de uma coisa tão sensível a todos e que ela dizia lhe ser tão pouco sensível: sua idade, com que de fato pouco se preocupara durante toda a vida, mas que, à força de tanto dizê-lo, tornava-se ameaçadora. . .) — Eila pois à mesa com a Thoune, que fala e fala e torna a falar, uma coisa terrível. . . Uma chuva de palavras sobre o menor motivo de conversa. . . Como lhe dizer, caro Julien!... Se ela lhe falasse de cavalos ou de banqueiros de bacará, você teria ficado com horror dos cavalos e de ser banqueiro, você teria abandonado o jogo! Você se tornaria um homem desposável.

— Mas — disse Julien, entre o riso e o medo, diante dessa palavra que lembrava casamento, agora que ele pensava nisso (e a loucura de seu coração o acabrunhou por um instante) —, mas que idéia engraçada! . . .

— As coisas não vão bem? De repente você ficou todo perturbado. . . Foi a palavra "desposável"; é verdade que você nunca passou por isso.

— Então, sou tão transparente assim?... — respondeu Julien, um pouco sem graça, embora rindo sem querer.

— Completamente, para uma mulher como eu. Completamente transparente. Para os outros, não, fique tranqüilo. Eles todos se perguntam o que você realmente faz, mas ninguém se pergunta, em compensação, o que você é em profundidade.

— Ainda bem. Não vejo realmente também em que meus atos e gestos poderiam interessar a quem quer que fosse.. .

Assumira uma atitude humilde ao dizer isso, um ar que provocou uma reação de alegria incrédula em Edma Bautet-Lebrêche.

— Dizíamos que eu era transparente — insistiu Julien, com voz neutra.

— Você deve me achar completamente gagá, não é? Dissera essa frasezinha com uma voz despreocupada, por demais aguda, que a fez emitir um *cuac* e depois tossir com a mesma voz de falsete, com o rosto virado.

— Então, Julien, você não responde? O que você pensa do nosso diálogo de agora? Não é estarrecedor?

— Acho o início desta conversa esquisito de fato, mas não sua maneira de interrompê-la — (ele sorria). — Na vida você deve ter interrompido muitas coisas assim de improviso. Por exemplo, não ouvi o fim de sua história sobre a sra. de Tanc. . .

— De Thoune — retificou Edma maquinalmente. — É verdade — (ela retomara sua desenvoltura e já estava aborrecida de tê-la perdido por um instante) —, pois é: a sra. de Thoune encontra aquela moça num jantar em que as duas se reuniram por acaso e não foram apresentadas também por acaso, e, por conseguinte, nenhuma delas sabia que a outra era aquela "outra" que lhe roubava um pouco de seu belo Jarven. Uma e outra, em suma, puseram-se a falar dos homens, do amor, da covardia dos homens, etc, e por uma vez a chata da faladeira emprestou seu microfone a outra pessoa. Elas se entenderam tão bem a respeito daquele amante repugnante que evocavam juntas, sem poder imaginar que se tratava da mesma pessoa, que se animaram e decidiram romper naquela mesma noite, uma e outra, com ele. E no dia seguinte de manhã foi o que fizeram. E quando, muito tempo depois, descobriram sua identidade, riram às gargalhadas e com um riso aliviado. E foi assim que o pobre Gerard ficou sozinho. . . Ele se chamava Gerard, de fato, e não Jarven nem Yuk — concluiu distraidamente.

— Ele morreu? — perguntou Julien com ar triste.

— De forma alguma. . . Mas por que você quereria que ele estivesse morto? . . . Ele vai muito bem. . .

— Então já não se chama Gerard? — insistiu Julien.

— Mas é claro, naturalmente! Por que você quer. . .

— Como assim? — disse Julien, que, vendo-se atrapalhado, abandonou o assunto. — Você quer um café quente? O de sua cafeteira deve ter esfriado. . . Vamos tomá-lo no bar? Está esfriando.

— Eu queria simplesmente que você me mostrasse o seu Marquet — disse Edma, endireitando-se na sua cadeira antes de se levantar graciosamente (ela o percebeu) e tomar o braço de Julien.

— Receio que não seja perfeitamente digno de você — disse Julien, imóvel diante dela, sempre sorridente.

De repente, não se sentia muito bem; estava de novo num terreno minado. Podiam confundi-lo. Ele gostava de uma mulher que não devia gostar de ver seu amante confundido e que não devia ter qualquer ternura pelo tipo de homem que come num bar e não paga. . . ou abusa da confiança alheia. Essa ameaça agora delineada por Edma, essa ameaça que planava desde a partida, sem constrangê-lo muito, apenas de uma forma até então mais do que discreta, adquiriu uma tonalidade aguda, introduziu em sua vida uma espécie de desacordo com a de Clarisse, introduzia também um desacordo inelutável no equilíbrio frágil, qualquer que tivesse sido seu pensamento, entre o alegre Julien e o Julien amoroso. Esse timbre agudo arriscava parecer singularmente gritante e odioso aos ouvidos de Clarisse.

— Esse Marquet não é absolutamente verdadeiro — recomeçou, inclinando-se diante de Edma. — Receio que ele desmereça seu grande salão, que tem um ar bastante soberbo, segundo a *Geographical Review*. . .

— Ora, esta revista aqui? . . . Engraçado — piava Edma, segurando a revista que ele lhe estendia e da qual ela própria depositara alguns exemplares pelos cantos de leitura do navio (e onde se viam, de fato, em comprimento e largura, fotos tomadas de ângulos vantajosos do suntuoso apartamento parisiense dos Bautet-Lebrêche). — É um erro — recomeçou ela friamente. — Um Marquet, assinado ou não, é exatamente o que me falta, meu caro Julien.

— Ah!, isso não, assinado ele é, mas ficaria constrangido se tivesse de jurar que é autêntico.

Ele a punha numa alternativa clara, observou ela: ou tornava-se cúmplice ou o denunciava. Optou imediatamente pela primeira hipótese, mas em nenhum instante a moral burguesa de Edma sentiu-se comprometida; Julien agradava-lhe demais para que a menor engrenagem dessa aparelhagem complicada, que lhe fazia as vezes de moral, reagisse.

— De qualquer modo, uma vez que meu querido Armand fique persuadido, e isso graças aos meus juramentos, que importância. . . Aliás — lançou ela, pondo-se a caminhar na direção dos corredores, um pouco enrubescida por esta última emoção —, aliás, se acontecer; ele é capaz de ser verdadeiro, esse quadro. . . Acho-o bem pessimista.

E Julien, que vira o quadro terminado e assinado com fervor por um de seus amigos, tão dotado quanto indelicado, achou essa última frase admirável. Não, não podia vender esse Marquet a Edma, decididamente. Já não seria patifaria, seria mendicância. Esse pensamento o fez parar e, virando-se, Edma deve tê-lo compreendido, porque ficou também imobilizada antes de levantar os ombros e dizer-lhe: — Ainda assim, vamos vê-lo — com voz enternecida.

Eric voltara da enfermaria de muito bom humor. Com um bom humor intempestivo aos olhos de Clarisse, depois da última noite, um bom humor que o tornava ridículo e portanto desprezível, muito injustamente, a seus olhos. E no entanto era um bom humor muito sincero, em Eric: a possibilidade de um adultério depois desse escândalo da véspera à noite parecia-lhe nula; não fora, afinal, enganado a dez metros do lugar onde dormia. Era uma hipótese tão grosseira e tão odiosa para seu orgulho que a rejeitou imediatamente, como não ocorrida. Aliás, o beijo roubado a Clarisse diante da multidão mostrava bem que não fora dado de boa vontade. Pobre Clarisse, pensou Eric, que primeiro rejeitara Julien e em seguida chamara por socorro (porque essa era a lembrança de Eric). A pobre Clarisse não era decididamente entusiasmável. Mas houvera um tempo em que ela se arranjaría para não ser importunada por um homem, ou pelo menos para resistir-lhe sem escândalo. Houvera uma mulher hábil e desdenhosa, uma grande dama um pouco *vamp* em Clarisse, que durante muito tempo esnobara, exasperara e finalmente excitara Eric. Que sua virtude da véspera fosse fruto de uma timidez masoquista, mais do que de fidelidade sentimental, era bem menos agradável aos olhos de Eric. Mas, afinal, era divertido constatar que fosse ela, Clarisse, que alimentasse as fofocas de bordo; chegava mesmo a ser cômico.

— Clarisse, virgem e mártir — disse, olhando-a no espelho, sentada em seu beliche, com os olhos fixos no mar, as mãos trêmulas, o rosto liso e desfeito. (Bela naquele momento. . . Cada vez mais bela, Clarisse.) — Você viu meu parceiro de combate hoje de manhã?

— Não — respondeu Clarisse, sem se virar —, não vi ninguém esta manhã.

Falava distraidamente, quase num sussurro, e esta era uma coisa que Eric não podia suportar em ninguém, muito menos em Clarisse.

— Eu a incomodo, Clarisse? — perguntou, virando-se para ela. — Você está pensando em coisas apaixonantes? Ou em coisas íntimas demais para me comunicar? — (E aí Eric já sorria abertamente diante da inverossimilhança evidente, para quem quer que fosse, Clarisse inclusive, dessas suas hipóteses, e sobretudo a de que Clarisse pudesse ter pensamentos apaixonantes.)

— Sim, sim, naturalmente. . .

Não o escutava, nem ao menos o escutava, e Eric levantou-se tão bruscamente que ela deixou escapar um grito de medo e empalideceu.

Olharam-se nos olhos por um instante: Clarisse, espantada, redescobria a cor daquele cristalino, aquela cor conhecida e tão distante atualmente, aqueles olhos pálidos, sinônimos de frieza, severidade. . . Aquele olhar que a desnudava, que a censurava por alguma coisa naquele momento, sentia-o. E com os olhos sempre fixos nele, estudava aquele rosto, aquele belo rosto repelente. No instante em que formulou esses dois adjetivos corou com violência, corou por ser essa impressão tão forte a ponto de eles terem brotado tão espontaneamente e em termos tão crus. Fez um esforço para repetir: "Bonito e repelente, belo, eu o acho bonito. Repelente também". Aí está. Havia qualquer coisa de vicioso, abjeto e arrogante naquele maxilar fechado, crispado num horror que se podia perceber que era indiferente, fechado sobre palavras horríveis. . . Aquela bela boca espirituosa e desdenhosa, em repouso, aquela boca tão perfeitamente desenhada que não se podia imaginar, nem por um segundo, no menininho que Eric devia ter sido um dia.

— Então, nenhuma resposta? Sabe que está se tornando muito grosseira ultimamente, Clarisse?

A voz ferina de Eric sacudiu-a por um instante, e mais uma vez ela olhou para aquela boca de dentes brilhantes, tratados pelo dentista

da família Baron, o melhor dentista da Europa e da América, e cujos honorários exorbitantes não tinham desencadeado, sequer uma vez, as explosões democráticas de Eric. Aliás, para tudo o que a seus olhos eram coisas importantes — sua saúde, investimentos e prazeres —, Eric recorria de bom grado aos fornecedores dos Baron, tão naturalmente como lhes censurava os desperdícios quando não envolviam sua pessoa. Esforçou-se por ser polida com aquele homem estranho, exasperado, que quase lhe gritava:

— Em que você está pensando?

— Eu pensava em você quando era criança. . . Sua mãe deve ficar triste por nunca vê-lo. Você talvez devesse. . .

Clarisse interrompeu-se. "O que é que me deu?", pensou, antes de se dar conta de que era seu desejo de bondade, perfeitamente natural, de não abandonar Eric à solidão, que a fazia falar assim. Mas, ao mesmo tempo, sabia que ninguém amava Eric o suficiente para não se regozijar de vê-lo abandonado por ela. . . Ele primeiro ficaria louco de raiva, antes de ficar triste.

— Vou tomar o café da manhã no convés — disse Eric, irritado. E desapareceu.

Ficando só, Clarisse respirou fundo, viu-se no espelho, despenteada, com um ar inocente, e não pôde se impedir de sorrir à mulher que amava Julien Peyrat, a mulher que ele achava bonita, da qual não se cansava, ao que parecia, de sentir o contato, o calor, a luxúria, a mulher que lhe pertencia, abandonada. . . Levou as mãos às faces, virou a cabeça para sentir o perfume de seus dedos ainda não desembaraçados da noite. Levantou-se e dirigiu-se à porta, para o convés, para Julien, que, sabia, também tomava sempre o café da manhã no convés.

Sentado a uma das mesas da sala de jantar redundante de sol e de porcelana, Julien não parecia ver atrás de si as silhuetas sentadas de

Eric, Armand Bautet-Lebrêche e Simon Béjard, que lançaram a Clarisse um olhar misto de surpresa e vaga censura, porque àquela hora eram em geral os homens que dispunham da sala de jantar (como, do pequeno salão, os ingleses de boa família). Mas Clarisse não os viu: olhava para Julien, ocupado em espalhar em sua torrada a manteiga dura demais. Com uma expressão contrariada e as sobrancelhas franzidas, todo o seu rosto magro e queimado estava concentrado no ato, o grande nariz bonachão, o pescoço reto, tão viril e adolescente na camisa de algodão, as grandes mãos aparentemente desajeitadas, mas tão habilidosas. . . Clarisse fechou os olhos sobre uma lembrança precisa; ela amou o físico de Julien naquele instante, mais do que jamais amara o físico de quem quer que fosse. Amou as faces afundadas e azuladas pela barba, a linha do nariz, a boca ampla e carnuda, os olhos tão móveis na sua bizarra cor de acaju, os cabelos um pouco longos demais, como os cílios, em grandes mechas desordenadas, estendidas sobre sua cabeça de ossos tão duros e movimentos tão ternos, com ares de potro. Desejou tomá-lo nos braços, cobri-lo de beijos. Subitamente ele era de seu sangue, de sua espécie, de seu mundo, de seus amigos. E era seu semelhante, seu correspondente exato. Certamente teria as mesmas lembranças e a mesma infância. Deu um passo em direção à mesa de Julien, e ele então ergueu a cabeça, viu-a e levantou-se, com os olhos úmidos de prazer, sorrindo sem querer com a violência de seu desejo.

— Senhora — disse ele com voz rouca —, eu me desculpo por não a ter segurado à força esta manhã. . . Amo-a e desejo-a — continuou, com o rosto formal e arrependido, destinado às testemunhas ao longe.

— Também o desejo e amo — disse ela de cabeça ereta (parecendo ativa ao longe, mas exageradamente amorosa de perto).

— Eu a esperarei todo o dia em meu quarto — disse ele, sempre sussurrando.

Inclinou-se, enquanto ela se dirigia para Eric, cujo rosto, quando chegou perto, demonstrava uma indulgência cheia de desprezo.

— Então?. . . Seu apaixonado desculpou-se? Explicou-se? Estava bêbado ou o quê?

— Pode-se querer flertar com sua mulher sem se estar bêbado, meu amigo — disse Simon Béjard de sua mesa.

— Mas não beijá-la na minha frente, não acha?

A voz de Eric era cortante, mas não pareceu perturbar Simon Béjard.

— Quanto a isso estou de acordo. Beijar a mulher de outro diante do próprio é de muito mau gosto. Nas suas costas é mais conveniente.

Eric parou. Não estava em condições, evidentemente, de ditar moral àquele vulgar fabricante de filmes, cuja amante se chamava Olga, ainda por cima.

— Certamente, certamente — disse, virando-se para Clarisse, sem demasiada agressividade. — Então, o belo pilantra desculpou-se?

— Oh, sim! Certamente. . . — Sorria-lhe do fundo dos olhos. Lançou-lhe um olhar, aquele olhar auto-esclarecedor do amor; Eric ficou paralisado, um instante antes de a ver projetar esse mesmo olhar sobre Simon Béjard e Armand Bautet-Lebrêche, que ficaram, eles também, embasbacados, como se atingidos por um raio de calor. Mas sua estupefação não era nada, perto da de Eric. Perplexo, atingido em alguma parte de sua memória, em alguma lembrança de que não chegava a situar o quadro: o sorriso de Clarisse ao sol, voltada para ele, com aquele mesmo olhar. . . Clarisse cercada de folhas, de flores, de árvores, de vento. . . talvez no terraço de algum restaurante? Ou então na casa dela em Versalhes?. . . Não, não conseguia situar aquele instante nem formular o que fora capital

naquele olhar. Nem o que ele queria dizer voltando agora aos olhos de Clarisse. Seria simplesmente seu coração, sua memória de colegial que lembrava Clarisse apaixonada por ele? Clarisse com vinte e cinco anos, os olhos úmidos de ternura quando olhava para ele. . . com toda aquela selva em torno dela, carregada de brotos azuis como promessas. . . Meu Deus! Meu Deus! Aonde queria ele chegar? Que linguagem grotesca era aquela? Sim, Clarisse acreditara amá-lo. Sim, fora bastante esperto para fazê-la crer nisso. Sim, era verdade, ela comprara um jovem marido de esquerda e para ele um jornal da mesma tendência, esperando levá-lo para o seu mundo, para os seus, amarrado ao luxo e ao conforto. . . Sim, ela fingira se interessar pelo *Fórum*, fingira ludibriar com ele seus tios reacionários, mas não conseguira atingir seus fins. O *Fórum* existia, e o amor morrera. Só a mantinha consigo por medo, sabia agora; já que ela pudera pousar nele aquele olhar apaixonado, provocado por outro, era a melhor prova, a mais evidente, de que tudo terminara entre eles e que já não o amava de modo algum. E estava tudo muito bem assim. Fizera-a sofrer bastante, a pobre Clarisse. . . Somente. . . Somente.. .

Levantou-se de um salto, chegou justo a tempo. Espantou-se confusamente, diante dos toaletes de madeira de teca, de não vomitar, junto com os ovos estrelados e torradas, pedaços de pulmão, restos de coração, um fluxo de sangue bebido por engano ao mesmo tempo que o sorriso da boca de Clarisse.

Quando voltou à sala de jantar ela estava vazia, e as vozes alegres de sua mulher e do produtor incapaz afastavam-se no convés. Ficou imóvel, escutando as vozes se apagarem. Foi Olga quem o arrancou do torpor.

— Você está muito pálido, meu amor — disse, passando-lhe um lenço sobre as têmporas, com ar preocupado. — Sofreu algum acidente?

Virou-se com esforço:

— De certo modo, sim. Comi um ovo não muito fresco. Quando penso no preço dos ovos neste navio — gritou de repente —, acho o cúmulo. Procure-me o *maître d'hôtel* — lançou ele a Olga, estupefata, antes de se precipitar até a cozinha.

Aí está, realmente não tem nada de um homem de esquerda, pensou Olga, enquanto ele insultava o cozinheiro e seus auxiliares de forma que pareceria excessiva, sem dúvida até mesmo aos tios Baron. Olga via-o maltratar o pessoal, consternado, com aquele júbilo de desprezo que dissimulou sacudindo a cabeça aprovadoramente quando ele a tomou como testemunha.

— Venha — disse, afinal —, essa pobre gente não tem culpa de você ter pago tão caro esta viagem. . .

— Não gosto que façam pouco de mim. De modo algum. É só isso. Estava branco de raiva, com náuseas. Sentia-se esvaziado, pastoso e indignado. Chegava mesmo a se perguntar se havia razão para seu discurso. Oh! afinal, não se tratava de socialismo naquele navio de luxo. Bastava que aqueles lacaios esnobes fizessem seu trabalho convenientemente. Eram pagos para isso, como os garotos do *Forum* por seus encargos, como ele próprio era pago para dirigir o jornal e como. . . Só Clarisse era paga para nada fazer.

— Estou desolada, você sabe, meu caro Eric — disse Olga, depois que se sentaram no pequeno e triste bar situado na escada entre os de luxo e da primeira classe. Essa situação chamada de "conciliação" fizera de fato desse bar uma "terra de ninguém", onde ninguém se arriscava. Os de luxo por desdenharem a primeira classe, e esta por desdenhar esse desprezo. Um velho *barman* preparava para si próprio coquetéis imbebíveis que bebia sozinho (ou então com algum bêbado do primeiro andar, cuja mulher ainda não pensara em persegui-lo até aquele lugar). Embriagava-se e, já colocado pelo destino entre duas classes, dois andares, dois portos, dois séculos,

tampouco se equilibrava bem, àquela hora, sobre as duas pernas. Esboçou um gesto de acolhida cheio de entusiasmo para os dois recém-chegados, e, apesar das injunções de Olga, que já cuidava do fígado, e a indiferença total de Eric, decidiu fazê-los testar uma de suas especialidades mais atraentes: Olga, que o vigiava com o canto do olho, viu-o com incredulidade crescente jogar conhaque, *kirsch*, hortelã fresca, frutas cristalizadas e angustura na sua coqueteleira. Decidiu que, forçosamente, seriam bebidas falsas e, mais confiante (muito erradamente), virou-se para Eric, que lhe perguntava em voz baixa:

— Você está desolada por quê?

— Desolada de ter sido demasiado bem informada sobre sua mulher.

— Isso não tem qualquer importância. . .

— Ainda assim, esse Peyrat, que patife! Fiquei envergonhada por sua causa. . . Ah! Eric, quando vi você se precipitar para cima daquele animal, fiquei com muito medo. . . E não sem razão, infelizmente.

— Por que não sem razão? Ela levou uma bela lição, e ele também, não foi?

Eric estava furioso, e furioso por estar furioso: furioso por não querer ser o vencido nessa rixa imbecil, como se tivesse havido um vencedor e um vencido. Inchava de raiva "sem querer", mas também contra si mesmo: porque lhe parecia que qualquer pretexto para qualquer sentimento violento aliviá-lo-ia de um sentimento bem menos violento, mas, pior, evitar-lhe-ia tornar a pensar naquele olhar de Clarisse, tão promissor a um outro, tão esquecido dele. "Clarisse vai certamente me fazer falta, como toda vítima a seu algoz", tentava dizer a si mesmo, ao homem ainda agora fulminado por aquele sorriso desamparado; o homem a quem chegavam, de tempos em tempos, através do tilintar dos copos, as frases tristes de

Olga, as alegres do *barman*; o homem que recebia ainda o "sim, certamente" de Clarisse, momentos antes, com um ouvido indiferente, mas que o recebia agora como um golpe sinistro. Esse homem era ele próprio, Eric Lethuillier. Ah! Ela ia ver, ia compreender quem era aquele homem que ela acreditava amar. . . Ia ouvir boas coisas e por outros, não por ele, aliás. Enviara um telex na véspera; devia ter uma resposta agora.

— Venha — disse a Olga, interrompendo assim uma dissertação pertinente sobre a inconstância das mulheres, teoria que já conquistava a adesão completa do *barman*, visivelmente pronto a apoiá-la com experiências pessoais.

Mas deixando-lhe uma gorjeta régia, coisa pouco habitual nele, e a metade dos seus coquetéis, Eric levou Olga para a cabina do rádio: o telex realmente estava lá, e ultrapassava todas as suas expectativas, ou, antes, todas as suas previsões. Fora exatamente ele, Eric Lethuillier, que dirigia de longe o inquérito de seus detetives para a Brigada Mundana, na seção dos jogos, pois não era por acaso que esse mesmo Eric Lethuillier chegara a vencer seu desafio: montar e conservar o *Le Fórum du Peuple*. Empreendimento difícil, porém, na França dos anos 70/80, quando parecia tão tristemente engraçado evocar a liberdade de imprensa quanto o exercício da democracia. Fora-lhe preciso, para chegar a seus fins, além da fortuna de Clarisse, uma teimosia, uma ambição, uma má fé infalível; daquelas que fazem os bons diretores de jornais, e às quais se juntava, nele, um instinto excepcional a respeito das outras pessoas. E, mais precisamente, o instinto de suas taras. Farejava nos outros desde a primeira abordagem a perversidade, a covardia, a cupidez, o alcoolismo ou os vícios, tão infalivelmente, que passava ao largo de suas qualidades, geralmente tão evidentes, porém. Esse fato, que teria feito dele um maravilhoso chefe de polícia, fizera-o

encontrar imediatamente a falha de Julien. O telex vindo da delegacia confirmava mais uma vez essa intuição pessimista. Assinalavam-lhe a existência, nos fichários do Quai des Orfèvres, de um chamado Peyrat, Julien, solteiro, nem alcoólatra nem morfinômano, de costumes normais numa vida agitada, mas suspeito de trapacear várias vezes no jogo, ainda que sem provas, e ao mesmo tempo de furtos e falsificações de pinturas (nesse ponto tinha havido uma queixa em Montreal, dois anos antes). A menção "não perigoso" terminava esse relatório. E até nesses termos secos e brutais, Eric sentia, no estilo próprio do tira que o redigira, planar como que uma fraqueza por esse bom camarada Julien, tão francês, tão bom sujeito. . .

"Tão medíocre, sim. . .", martelava Eric selvagememente para si mesmo e, sem querer, para Olga, de novo sentada diante dele no grande bar, tão selvagememente que ela teve um vago sentimento de pena e de medo em relação a Peyrat.

Olga esperava com calma que Eric terminasse a leitura diante dela, Olga Lamouroux, a esperança do cinema francês, ela, insensível à grosseria daquele homem sentado à sua frente, ela apalpando no bolso um outro envelope, dirigido a ela e vindo do *Echos de la Ville*, o jornal das fofocas onde trabalhava seu antigo flerte, o jornal escandaloso e bem-informado sobre os costumes e manias das cabeças cabeludas ou encanecidas de Paris inteira. Eric levantou os olhos, pareceu se aperceber de sua presença e, sem uma palavra de desculpas, dobrou as folhas e colocou-as no bolso.

— Você não bebe nada? — perguntou, menos como pergunta do que como afirmação. E continuou. — Bem, então até daqui a pouco. Levantou-se e teria desaparecido sem qualquer manifestação sentimental se Edma, chegando bruscamente à porta do bar, não o tivesse feito se abaixar de repente, todo carinhoso, sobre o rosto de Olga, impávida e sorridente de raiva. Olga viu-o se afastar, antes de

abrir, por sua vez, o envelope azul, de onde tirou com lentidão e uma espécie de prazer ácido as informações sobre seu amiguinho. "Lethuillier, Eric: aluno bolsista de origem pequeno-burguesa, mãe viúva, recebedora-chefe dos Correios de Meyllat. Aposentado por distúrbios nervosos, diplomado pela ENA<sup>1</sup>, marido de Clarisse Baron. Nem homem, nem mulher, nem vício especial. Exceto a ENA." Virou e revirou o papel entre as mãos, decepcionada e intrigada. Era a primeira vez que o *Echos* não encontrava qualquer horror na vida de alguém. Procurou, ainda assim, em sua memória

1. École Nationale d'Administration. (N. do T.)

o que não estava certo, mas não conseguiu determinar o quê.

Julien fora obrigado a levar Simon Béjard para ver de novo seu Marquet, e Clarisse os seguiu:

— É lindo, decididamente! Por que você não o pendurou mais cedo, logo à saída de Cannes? Aí está uma companhia ideal, não é? — dizia ela diante da parede em que o Marquet substituíra de vez o quadro habitual.

Parou, enrubesceu, e Simon, com sua grosseria habitual e vigorosa, aumentou seu embaraço.

— E então, Clarisse! Ele talvez estivesse ali desde a partida, não? Como você poderia sabê-lo?

E estourou numa gargalhada sardónica que levou Clarisse a lançar um olhar desamparado a Julien.

— Diga-me, meu velho — começou Julien, com uma bela voz grave.

— Diga-me, meu velho — repetiu com ar tolo e digno, o que redobrou a hilaridade de Simon.

— Diga-me o quê? Eu não disse nada. . . Só que a sra. Lethuillier não podia ter visto este quadro. Só isso.

Inclinou-se para o suposto Marquet, franzindo os olhos, com os calcanhares juntos, o que ressaltou sua proa e sua popa de forma desgraciosa.

— Mas diga-me. . . mas diga-me. . . — resmungou. — Você sabe que ele é muito bonito, o seu Marquet. . . Sabe que é um bom negócio, um Marquet dessa época por cinqüenta mil dólares. . . Por Deus, sr. Peyrat, andar com isso entre duas camisas, uma escova de dentes e um *smoking* é muito mais chique do que carregar dez ternos de popelina com detalhes, como eu. Você tinha medo que a paisagem não fosse suficiente para seus apetites artísticos, meu velho?

— Ele caiu nas minhas mãos no último dia — disse Julien, distraído e preocupado.

A lista dos eventuais compradores reduzia-se cada vez mais. . . Não, não podia fazer isso com Simon; com Edma já estava perdido; restavam-lhe ainda um tabelião, a sra. Bromberger, o americano, a Diva ou Kreuze. . . Mas este era visivelmente um unha-de-fome. Precisava, contudo, vender sua bela falsificação nem que fosse só para levar Clarisse por dez dias a um lugar confortável, dez dias no final dos quais o conforto lhe seria indiferente para sempre ou, pelo contrário, não lhe serviria para nada.

— O que você acha, Clarisse? — perguntou Simon, com voz de falsete.

E Clarisse sorriu a Julien antes de responder:

— Nada mau.

Ele se inclinou para ela, perguntando: — Então? — em voz baixa, enquanto Simon, com as mãos em anteparo diante dos olhos, aproximava-se e afastava-se do quadro com a mímica de fino conhecedor, certamente tomada de um mau filme. Balançava a cabeça com convicção, como se aprovasse seus próprios

pensamentos, aliás secretos, e foi com um sorriso resignado e um pouco cansado de amador satisfeito no seu esteticismo que se voltou para Julien.

— É verdade — disse —, é da boa época e não está caro. Posso lhe dizer que não é um pastelão, essa massa não é um guache. . .

A expressão de Julien pareceu ter sido irresistível a Clarisse, pois ela girou sobre os calcanhares e dirigiu-se para o banheiro, sem qualquer explicação, fechando a porta atrás de si. Os dois homens ficaram sós e, abandonando a pintura, Simon Béjard passeou o olhar de Julien até a porta do banheiro, da porta do banheiro para a cama e da cama para Julien com a mesma expressão de aprovação admirativa de pouco antes, com um laivo de lubricidade. Julien ficou frio como o mármore diante dessa cumplicidade masculina. Mas o mármore nunca fizera Simon Béjard recuar.

— Meus cumprimentos, meu velho. . . — sussurrou, com uma força que se fez ouvir através de três divisões de parede. — Meus cumprimentos. . . Clarisse, *fiu-fiu*, principalmente de cara lavada. . . Uma bela peça, meu velho, como o Marquet. Você tem aí dois belos prêmios, sr. Julien Pey-tat, e nenhuma falsificação, hem? . . .

E Julien, que o teria sacudido ou lhe bateria noutras circunstâncias, concordou sem querer com a asserção "nenhuma falsificação", coisa de que se arrependeu de imediato.

— E como vai com Olga? — perguntou rapidamente, mas lastimando-o logo, quando viu a lubricidade e a animação desaparecerem do rosto de Simon, agora vermelho cor de telha.

— Vai indo — disse entre dentes. Depois, reanimando-se: — Não posso lhe tomar Clarisse, meu velho, infelizmente, mas o quadro, eu o pego. Isso pelo menos é coisa sólida. . . Se eu sofrer um golpe duro, e no cinema, hem, isso acontece, vai me valer para uma emergência. E as emergências às vezes custam uma nota preta. O que foi que houve, meu velho? Em que está pensando?

— Gostaria de esperar pelo certificado do vendedor australiano — disse Julien, balbuciando e se detestando pela fraqueza. — Eu sei que ele é bom, mas seria preciso ver os papéis. . . Na pior das hipóteses eu os teria em Cannes ao chegarmos. Mas você terá a prioridade, eu lhe juro — concluiu, de repente apressado, empurrando Simon Bédard para a porta.

Simon protestava, falava de coquetéis, mas, lembrando-se de súbito dos amores culpados de Julien, confundiu-se em desculpas e fugiu numa falsa pressa bem mais constrangedora do que seu enraizamento. Julien apoiou-se à porta depois que ele saiu e puxou o ferrolho. Não ouvia qualquer ruído no banheiro, Clarisse nem mesmo acendera a luz ao se refugiar ali, e hesitou um pouco na porta diante da obscuridade. Só a mancha branca do corpo de Clarisse luzia fracamente e foi para ela que se dirigiu, com as mãos à frente, com um gesto de autoproteção e súplica ao mesmo tempo.

Simon Bédard, tolamente enternecido, julgava, com aqueles amantes, voltou de humor sentimental para sua cabina e ali encontrou Olga, estendida, com os olhos no teto e enrolada numa das posições graciosas de que ela gostava, com uma das mãos (um pouco fortes e um pouco vermelhas, aliás) pousada no coração e a outra pendente da cama, quase tocando o carpete. No seu impulso, Simon atravessou a cabina, inclinou-se, pegou aquela mão abandonada e beijou-a com a flexibilidade de um pajem, pensou, ao levantar-se com o rosto vermelho pelo esforço.

— Vai acabar rasgando sua bermuda — disse Olga friamente —, estou avisando.

— Você me fez comprar duas dúzias — respondeu Simon, amargo. Ele, por sua vez, estendeu-se na cama com as duas mãos por trás da cabeça, bem decidido a ficar em silêncio, ele também. Mas, ao cabo de três minutos, estalou, incapaz de rancor, como era incapaz de resistir ao desejo mais tenaz que tivera nos últimos tempos, de

compartilhar seus projetos com essa jovem, a quem em nada interessavam, essa jovem que ele podia dizer sua, sem rir e sem fazer rir qualquer grupo de indivíduos.

— Pensei no seu papel, sabe? — disse, sabendo que pelo menos com esse assunto poderia extrair de Olga algo mais do que borborigmos e suspiros fatigados.

— Ah, sim? — respondeu ela, com efeito, a voz viva e a mão bem acima do carpete, já no queixo, fixando nele os olhos com expressão ávida e interessada que, ele bem o percebia, só lhe vinha de seu rótulo de produtor, faiscando acima de sua cabeça desde Cannes e seu festival.

Teve vontade de dizer de repente "Desisto" ou "Não vai ser possível", dizer alguma coisa que arrancasse fluxos de lágrimas de desespero a essa jovem sem coração, que não se embaraçava como Clarisse Lethuillier (no entanto mais velha do que ela), essa moça que não corava, não cometia gafes, não passeava sobre os homens que não conhecia um olhar amoroso destinado a um outro, essa moça que não tinha medo nem desejo de outra coisa que não fosse o fracasso ou o sucesso da sua carreira. Uma carreira de andorinha, de pássaro sem cabeça, uma carreira de reflexos, de artimanhas e atitudes das quais a mais falsa seria finalmente a melhor, e à qual se agarraria sem saber por quê, da qual faria sua legenda e sua máxima, por trás da qual se alimentaria, enriqueceria, se desesperaria e envelheceria no desespero e na solidão, talvez na embriaguez, cada vez mais rara com o passar do tempo, de saber que era conhecida de múltiplos desconhecidos; esses desconhecidos múltiplos e abstratos aos quais ela atribuía, como muita gente de sua profissão, gostos e desgostos, fidelidades e excessos que teriam feito desse público, se essas suposições fossem verdadeiras, um monstro doente, débil de espírito e sanguinário. O público era o deus deles, dela e dos outros, um deus bárbaro que

adoravam como os selvagens mais primitivos da África, um deus do qual veneravam os caprichos, detestavam as desgraças e desprezavam os indivíduos considerados individualmente, quando pediam autógrafos, do mesmo modo como diziam adorá-lo quando estava escondido no escuro, invisível e todopoderoso, decidido a aplaudi-los.

A pobre Olga jamais amaria alguém, nunca amaria os seres humanos, um homem, uma mulher ou uma criança, com o ardor, o sombrio ardor, não longe por vezes da grandeza do amor que dedicava a esse rebanho de desconhecidos. E ele, Simon, não passava de um intermediário entre ela e esse amante de mil cabeças, que seria detestado como um embaixador desastrado, se lhe trouxesse uma resposta negativa, e adorado até a afetação do amor se lhe trouxesse, pelo contrário, os "bravos!" desse mesmo amante monstruoso. Aliás, Olga teria razão em odiá-lo ou amá-lo porque seria só dele, Simon Béjard, que dependeria finalmente esse fracasso ou esse sucesso: dependeria da escolha que fizesse para ela: para ela, Olga Lamouroux, a quem ouvira dizer com a mesma convicção: "Prefiro filmar com X, que tem talento e que não vende um ingresso. . . porque isso é cinema", como também que: "Prefiro filmar com Y, que agrada ao público, porque, afinal, o público é que é verdadeiro". Olga, que acreditava com toda a segurança nessas duas teorias opostas e que de qualquer modo só sonhava com uma coisa: pôr seu nome no pequeno espaço em branco que lhe mostraria o indicador de Simon sobre o papel cheio de sinais misteriosos que se chamava "contrato" para os produtores e "vida" para atrizes da sua idade e outras. E até o fim da sua existência, quer Simon lhe tivesse dado a representar filmes de qualidade inferior mas bem-sucedidos ou obras-primas desdenhadas, ele continuaria sendo aos seus olhos, ainda assim, o homem com o indicador pousado naquele primeiro contrato importante. E aquele

homem teria sido mais importante que seu primeiro amante ou seu primeiro amor.

— Então? . . . — disse Olga. — O que é que está pensando para esse papel? . . .

Havia em sua voz ligeiro laivo de incredulidade como se "pensar" fosse um verbo um pouco pretensioso em relação a Simon Béjard. Ele sentiu isso, hesitou em se mostrar ofendido, mas levantou os ombros e se pôs a rir de bom grado. Pensava em Clarisse e Julien, como os tinha deixado naquela grande cabina ventilada pelo ar do alto-mar vindo pela vigia aberta, como deixara Julien de pé, com ar incrédulo e sorridente, rejuvenescido por aquela expressão de dúvida, com o rosto voltado para o banheiro obscuro, onde o esperava aquela mulher encantadora e assustada, aquela Clarisse com a qual sem dúvida sonhara sem o saber toda a vida e da qual jamais teria a mínima cópia. Pensava no que teria atraído Julien para Clarisse, e o que os haveria reunido, no instante em que ele pensava nisso, no escuro, no medo e no vento daquele banheiro semelhante ao seu; ele os imaginava esbarrando um no outro no escuro, com o desa-jeitamento dos grandes desejos, e imaginava ao lado aquela cabina aberta ao sol, o mar azul metalizado batendo na vigia, os reflexos da madeira polida e o Marquet secando sua neve ao sol imprevisto. E a câmera já seguia Simon em seu sonho, atravessava a cabina num movimento lento e pacífico seguido de música também pacífica e lenta; a câmera parava diante do banheiro com a porta entreaberta, a câmera atravessava uma zona negra e imobilizava-se no rosto virado de Clarisse, os cabelos colados à testa, os olhos fechados e a boca entreaberta sobre palavras sem nexos. . .

— Mas em que você está pensando? — disse Olga. — Você está com um ar. . . É num papel para mim que você está pensando ou o quê?

— Não — disse Simon distraidamente —, não para você. . . — E levou vinte minutos para reparar os estragos causados por essa frasezinha. Mas isso não tinha importância. Já sabia quem não iria chamar, em todo caso, para filmar essa cena. Não seria Olga, e infelizmente também não seria Clarisse. Mas acabaria por achar uma mulher que se parecesse com essa imagem.

Pela primeira vez desde a partida de Cannes, Charley se encontrava face a face com Andreas. Tivera sua experiência em pederastia com mestres muito informados e cuja divisa única e definitiva era esse "Nunca se sabe", que já provara funcionar, como se dizia. Essa obstinação, essa fixidez do desejo, essa crença cega de que bastava um nada para que qualquer indivíduo de qualquer sexo pudesse esquecer por uma hora que a normalidade lhe interditava amar o seu, fora a Bíblia e o consolo do nosso infeliz comissário de bordo. Ali, tinha Andreas sozinho ao seu alcance, Andreas apoiado na amurada, com seus belos cabelos flutuando ao vento, o rosto repousado pela felicidade ou a segurança reencontrada de que essa felicidade era possível. E olhava-o com o desespero delicado que traz a inacessibilidade, mesmo recusada. Não era possível, pensava, detalhando tudo o que na beleza do pobre Andreas coincidia com as normas estéticas e sexuais das pessoas do seu gênero: o pescoço dourado, os olhos vulneráveis, a boca fresca, o torso delgado e forte ao mesmo tempo, as belas mãos, o aspecto tão perfeito, .cuidado e trabalhado como o tesouro que era para seu proprietário; tudo isso devia, lógica e infalivelmente, lhe trazer Andreas e levá-lo a sua cama. Um rapaz de vinte e cinco anos não tinha unhas tão bem-tratadas, nem corte de cabelos tão especial, nem isqueiro, abotoaduras, canetas tão harmoniosamente combinadas, nem o lenço de seda amarrado de lado com desenvoltura, nem a maneira severa e plácida de se olhar num espelho e de acolher como evidentes os olhares admiradores que essa beleza provocava nos

homens e nas mulheres, com essa calma e essa segurança, nesse caso totalmente femininas. Charley via Andreas narcisista, Charley sabia que o narcisismo leva à homossexualidade, Charley não compreendia que Andreas estivesse aos pés da Diva, enquanto ele, Charley, estava aos de Andreas.

— É um absurdo, a gente nunca se vê — comentou sorrindo, com um sorriso forçado (porque de repente Andreas estava sozinho com ele, acessível, talvez. . . isso se tornava tão inquietante quanto delicioso. . .). — E você não vai dizer que a culpa é minha — disse, fazendo caretas sem querer, de forma demasiado caricatural, mas que provocou apenas uma expressão de surpresa no belo rosto impávido diante dele.

— Por que seria culpa sua ou minha? — perguntou Andreas, rindo.

— E, aliás, de que culpa se trata?

— Isso eu ainda não sei — respondeu Charley, com um riso sonoro. Porque Charley, inversamente ao seu tato e finura na vida de todos os dias, tão compreensivo e intuitivo, mesmo, como comissário de bordo e criador de diversões para os ricos entediados, tornava-se o próprio tolo, pesadão e desastrado quando se entregava à sua tendência e se afeminava para agradar. Era encantador de *blazer*, insuportável de cami-solão árabe. Enfim, parecia tão natural quando simulava virilidade quanto exagerado quando se entregava ao seu natural. Em suma, Charley, quando retomava seu posto de combate, o duro, incessante e doloroso combate da pederastia, parecia caçoar dela e torná-la derrisória. Essa contradição, que lhe fora pesada em muitos casos, também lhe evitara em muitos outros que lhe quebrassem a cara, pois ninguém podia acreditar que um indivíduo adulto pudesse ciciar e desmu-nhecar como ele o fazia" senão por derrisão. Andreas e ele lançaram-se, portanto, por um instante, olhares desafiadores; Charley, com o coração disparado, dizendo-se: "Desta vez ele me compreendeu", e Andreas,

perguntando-se o que agitava assim aquele tipo encantador e a quem queria ele impressionar com toda aquela pantomima.

— Eu não entendo — disse ele, sorrindo. — Desculpe-me, mas eu não entendo.

— O que é que você não entende, meu querido? — disse Charley, batendo os cílios. — Você não pode ou não quer entender?

E aproximou-se um passo, com um sorriso forçado parado nos lábios, o coração na garganta, demonstrando aquele sorriso diante dele como uma bandeira branca que poderia levantar de repente em sinal de boa vontade, se as coisas se deteriorassem. E era um rosto de mártir que oferecia assim aos olhos de Andreas, estupefato, um rosto obsequioso, falsamente alegre, afobado, um rosto que se forçava a adiantar, tenso da testa ao maxilar, até tremer diante do golpe que talvez lhe dessem. Andreas recuou um passo e Charley, esgotado, aliviado com sua derrota provisória, quase renunciou a continuar a batalha. Foi-lhe preciso recorrer a toda a sua disciplina para recomeçar o assalto. Mas desta vez com o rosto grave e triste, de censura e de desgosto, supondo substituir o rosto alegre e cúmplice da aventura e do prazer. Curiosamente, esse rosto tranqüilizou Andreas, que, se por um lado não podia compartilhar aquela alegria incompreensível, estava pronto a compartilhar um desgosto sempre acessível.

— Você sabe que me faz sofrer — gemeu ternamente Charley, vindo se apoiar perto dele e lançando sobre o mar calmo olhos agitados, percorrendo-o da esquerda para a direita como que perseguindo um tubarão estróina.

— Eu? . . . Eu lhe dei algum desgosto? — perguntou Andreas. — Mas quando? Por quê?

— Porque parece só olhar essa criatura de sonho: nossa Diva nacional. Parece esquecer todos os seus velhos amigos neste navio. .

. Vejamos, não me diga — continuou, diante dos olhos arregalados do seu belo amor (que ele acabaria aliás por considerar imbecil, tanto ele tocava na mesma tecla) — que um rapaz como você não pode enfrentar vários amores. Você não tem o físico de um homem fiel, meu queridinho. . . Seria demasiado injusto para outras pessoas, que o amam tanto quanto a nossa Diva. . .

Os olhos de Andreas, aqueles olhos azul-claros e ingênuos como os de certos soldados nos medalhões da Guerra de 14, pararam um pouco acima de seu ombro, as sobranceiras franziram-se, e Charley pensou ouvir o estalido, por trás dessas venezianas abertas, de uma máquina um pouco enferrujada de diapositivos e que apresentava a Andreas, em ordem, todos os rostos suscetíveis de amá-lo "tanto" naquele navio. Viu passar Clarisse, Edma, Olga, viu a máquina parar, depois retornar de trás para diante: Olga, Edma, Clarisse mais lentamente, relanceá-las a galope mais uma vez antes de parar simplesmente com um ruído de catástrofe e de ferragens sobre ele, Charley Bollinger, que era efetivamente quem o amava na mesma medida. O rosto de Andreas congelou-se, uma espécie de espasmo subiu de sua garganta e ele murmurou:

— Oh, não, por favor! — com voz suplicante e que teria feito Charley rir até as lágrimas, vinda desse rapagão, se já não estivesse à beira de outro tipo de lágrimas. Sentiu-o a tempo e com um rugido incompreensível virou-se e correu para sua cabina, para o único homem estável de sua existência: o capitão Ellédocq.

Andreas o viu partir com uma expressão desolada e culpada, e depois, como se acordasse, correu a dizer tudo à sua amante.

O *Narcissus*, segundo seu programa, devia ir até Alicante antes de atingir Palma. Alicante, onde beberiam xerez escutando De Falia tocado por Kreuze e a grande ária da *Carmen* cantada pela Doriacci, se ela desistisse do *Au clair de la lune*, naturalmente. Esses climas

espanhóis deixavam prever alguns paroxismos passionais. Mas o siroco levantou-se de súbito, soberano dos corações e sobretudo dos corpos, e prendeu na cama quase todos os heróis do cruzeiro. Agarrados aos lençóis e às náuseas, todos renegaram seus sentimentos ou só os sentiram reduzidamente. Os elementos triunfaram sobre a maioria dos passageiros de luxo, com exceção de Armand Bautet-Lebrêche, que passou o dia, justificando sua fortuna, passeando com andar distraído pelos corredores inclinados do *Narcissus*. Detestava contudo a solidão, no sentido físico do termo, já que estava desde a infância votado e resignado à solidão moral.

O *Narcissus* refugiou-se, portanto, no fim do dia, atrás da ilha de Ibiza, queimando numa noite interminável e enfadonha uma de suas escalas favoritas.

Em Palma, tão logo o *Narcissus* atracara, já os passageiros desciam precipitadamente. Todos se extasiavam ante o bom ar dessa ilha ardente, como se o *Narcissus* fosse um cargueiro chumbado ou como se desde Cannes tivessem jogado os passageiros de luxo no fundo dos porões. Para falar a verdade, um brisa marinha varria cada recanto do *Narcissus*, mas alguma coisa se deteriorara definitivamente na atmosfera. Uma espécie de estagnação ameaçadora parecia pesar sobre o convés e, pondo à parte a Doriacci e Kreuze, que tinha conservado seu bom apetite, as bandejas do café da manhã tinham voltado intactas para as cozinhas. De certo modo, o jogo estava feito. . . Todos sentiam isso, estivessem ou não diretamente implicados, e tal sensação dava um tom sinistro a cada frase. Até Edma Bautet-Lebrêche, experiente, contudo, nessas situações, habituada a transformar acontecimentos notáveis em circunstâncias fúteis, mesmo a bela Edma tinha dificuldade em manobrar seu pequeno mundo; os jogadores tinham

ficado demasiado nervosos, todos: até Julien Peyrat, que mostrava um rosto tenso, de sobrolho franzido, longe da sua displicência habitual. A única a aproveitar-se aparentemente dessa tensão geral foi, por uma estranheza da sorte, Clarisse Lethuillier. Recomeçara a se maquilar, mas agora com habilidade: faces afundadas, olhos mais claros e olhar mais nítido; sua beleza se afirmava, deslumbrante. Todos a olhavam, do capitão Ellédocq ao foguista. Olhavam-na passar, no braço invisível de seu louco amor. A felicidade sobrepujara tão facilmente sua perplexidade, que enternecia por momentos até a própria Olga. Enfim, só bebia demais à noite, encomendando ela própria suas doses.

Em Palma todos os jornais franceses chegados na véspera foram recolhidos pelos cuidados de Olga, nas barbas de Eric Lethuillier, que descera, porém, quase de braço com ela, numa indiferença geral; o folhetim sentimental do navio havia sido visivelmente garantido por Julien e Clarisse, cujo idílio passara à frente, de um só golpe, do romance de Olga e da Doriacci. Esse fato irritava Olga: embora felicitando-se pela afronta feita a Eric, gostaria, ainda assim, que os comentários e os sussurros lhe fossem reservados e não à pobre Clarisse. Continuava a chamá-la de pobre Clarisse para poder continuar a lamentá-la, evitando assim invejá-la. Porque, por uma reviravolta total, era agora inveja que Clarisse suscitava, e, por conseguinte, também Julien.

Olga foi a primeira a subir a bordo com os jornais apertados sob o braço, com cuidados excessivos, poder-se-ia dizer. Eric Lethuillier a seguia de perto, mostrando-se contente consigo mesmo, e, um pouco mais tarde, Julien, que passara a tarde a telefonar. Enfim, às oito da noite, todo mundo estava reunido no bar do convés e todo mundo sorria como se esse passeio em terra tivesse clareado os humores. Só Andreas tinha um aspecto triste, mas era porque a

Diva ainda não chegara, estivera fora toda a tarde e ainda não voltara, duas horas antes de seu concerto. Era isso o que o capitão Ellédocq observava, esvaziando com grande ruído chope após chope, sob o olhar reprovador do *barman*, habituado a servi-los na cabina do capitão, onde todos esses ruídos de aspiração perturbavam menos a atmosfera.

A seu favor, convém dizer que o capitão Ellédocq ficara excessivamente impressionado com a briga da véspera. Contrariamente ao que se poderia acreditar, tendo em vista sua corpulência e gabarito, tendo em vista também seu ar ditatorial, o capitão Ellédocq não era um homem belicoso. Não era um desses marinheiros sólidos de punhos rápidos que, nos romances de Jack London, abatem-se como carvalhos uns sobre os outros depois de cem *uppercuts* e vinte garrafas; pelo contrário! O capitão Ellédocq só tomara parte em duas rixas em sua longa, se não movimentada, carreira, e ainda assim a contragosto, quando, tratado de bobalhão, saco de pancadas, cornudo e covarde, teve que protestar e avançar para cima de quem o insultara para não envergonhar sua tripulação. Aliás, das duas vezes, fora literalmente posto em pedaços por homens menores: um cabo irlandês e um cozinheiro chinês. Os quais, em dois tempos e três movimentos, tinham mandado Ellédocq, com seu boné e sua autoridade, por cima do piano e dos tamboretas desses locais de pecado. A rapidez, portanto, e a violência da briga de Julien e Eric encheram-no de uma admiração sem limites tanto por um como por outro desses dois passageiros, aos quais até então reservara um sólido desprezo, tinto de indulgência em relação a Julien (treinador de cães e de mundanos), mas não em relação a Eric (pasquineiro para comunistas). Entretanto, tal admiração era acompanhada de terror, pelas conseqüências desse grave incidente. A estada de um na enfermaria e os boatos que corriam das boas graças do outro

redobram seu pânico. Já se via recebendo no convés manchado de sangue os quatro irmãos Pottin e o comissário de polícia de Cannes, ou até mesmo o ministro do Interior, a quem confessava chorando não ter feito reinar a ordem a bordo, conforme sua obrigação. O capitão passara portanto um rosto preocupado toda a manhã e toda a tarde, o que fez com que Charley, notando-o, fosse um bom conselheiro, ao menos uma vez. Era preciso que o próprio Ellédocq, com um ramo de oliveira entre os dentes, como pomba, fosse ver os combatentes para lhes arrancar uma promessa de paz. O capitão começara por Julien Peyrat, cujo Marquet, de que todo mundo falava a bordo, dava pretexto à visita.

— Belo trabalho. Bonito — resmungou Ellédocq à guisa de comentário, quando se encontrou na cabina de Julien, diante daquela paisagem de neve.

— O senhor aprecia? — perguntou Julien Peyrat com um olhar oblíquo, mas sorrindo amavelmente.

E Ellédocq tornara a resmungar:

— Belo trabalho, belo trabalho — desta vez com espontaneidade. Hesitava em entrar no assunto. Uma espécie de pudor viril impedia-o de solicitar a esse adulto, esse homem que tinha no máximo quinze anos menos do que ele, a promessa de não bater num tipo da mesma idade (como se fossem dois garotos da mesma escola, e Ellédocq, o inspetor principal). Ellédocq assoou-se então cuidadosamente, e tendo inspecionado o lenço, dobrou-o e tornou a pô-lo no bolso, para grande alívio de Julien.

— O senhor e o camarada do *Fórum* — começou —, foi um caso sério. *Bing, bang* — acrescentou, batendo o punho na mão com vigor para ilustrar e esclarecer suas afirmações.

— Foi — disse Julien, intrigado —, de fato. Lamento muito, comandante.

— Vai recomeçar logo? — inquiriu Ellédocq em tom arrogante.

Julien pôs-se a rir.

— Não fiz planos de antemão. Nada lhe posso garantir. Gostou tanto assim? Nada mal uma briga de fato, hem? — recomeçou com ar contente consigo mesmo, de súbito, e olhos brilhantes.

E Ellédocq se perguntava se não teria feito melhor evitando esse assunto, visivelmente objeto de delícias para Julien.

— Brigas proibidas neste navio — recomeçou com severidade. — O senhor e os outros presos da próxima vez.

— Preso! — Julien estourou numa gargalhada. — Preso? A esse preço? Comandante, o senhor não vai prender pessoas que pagaram nove milhões por um cruzeiro de oito dias ao ar livre. Ou então ponha também Hans Helmut Kreuze e seu piano! Nosso bom Hans Helmut com as suas partituras, se não quiser que nós peçamos reembolso. Seria agradável, aliás, a música, acorrentados, etc.

O capitão teve que se retirar sem obter segurança da parte desse doidivanas, mas teve muito mais sucesso junto ao outro chato, que ficou plenamente de acordo, para grande surpresa de Ellédocq. Eric Lethuillier mostrou-se mais do que pronto a fazer as pazes, pronto a selar a promessa com um aperto de mãos de homem a homem com seu antigo contendor. Sem se demorar sobre a expressão de espanto, até de temor, apresentada pela ex-mulher-palhaço testemunha da entrevista, Ellédocq trouxe portanto esse oferecimento ao primeiro dos combatentes que, surpreso ele também, ao que pareceu, só teve que segui-lo até a cabina de paz, e tudo se decidiu. Ellédocq deixou-os então, encantado consigo mesmo. E ficou muito espantado, ao terminar o relato das negociações a Charley e Edma Bautet-Lebrêche, em plena tagarelice, por não receber a curiosidade nem o entusiasmo que merecia. Na verdade, essa paz deixava um rastro de muitas suspeitas e muitos temores.

Junto com as frutas frescas, alimentos frescos, flores para os vasos e o correio, a peste introduzira-se no *Narcissus* sob a forma de jornais. De um jornal, sobretudo. O mesmo que Olga escondia na bolsa e que, na sede dos Cruzeiros Pottin, alguém achara engraçado juntar aos jornais do dia. Foi a Armand, a quem naturalmente isso menos interessava, que tocou esse jornal, conservado por muito tempo entre seus jornais financeiros. Não compreendeu aliás, nem mesmo mais tarde, a insistência da tal Olguinha em segui-lo por toda parte, fazendo gaiatices, pedindo-lhe conselhos sobre a Bolsa. Finalmente, abriu o jornal. Lançou muitos "Ah, oh", vendo a foto fatal, e, depois de ter lançado por cima dos óculos olhares furtivos à jovem, desapertando com o indicador a gravata quadriculada, disse:

— A senhora está muito bem nessa foto, a senhora é muito fotogénica, realmente.

— Sou — disse Olga, levantando os ombros. — O sr. Lethuillier também não está nada mal — acrescentou, com o mesmo tom distraído, antes de dizer: — O senhor permite? — e afinal pegar o jornal e fugir com ele.

Entrou na cabina, passou o ferolho e sentou-se na cama, ofegante. Parecia ter uma bomba nas mãos. Hesitava, ainda dividida entre o temor do que poderia fazer o belo patife, uma vez ciente, e a irresistível vontade de ver seu rosto diante do artigo, da foto, como diante do texto, cuja legenda repetia-se, gravada em sua memória desde a primeira leitura. Não podendo se decidir, foi pedir conselho, mas já era uma decisão que tomava, porque, em vez de ir consultar Edma, que, com seus reflexos de mulher do mundo hostil a todo escândalo, aconselhar-lhe-ia silêncio, como da primeira vez, ela foi procurar a Doriacci, cujo comportamento durante todo o cruzeiro indicava, sem dúvida alguma, uma ligeira paixão pelo estardalhaço. Mas para seu grande desapontamento, essa briga aparentemente não fazia vibrar o instinto guerreiro da Diva. Suas

pupilas inflamaram-se de início, como faróis, mas logo depois se retraíram, parecendo querer se manter assim.

— Não convém fazer isso — disse, balançando o jornal dobrado e agitando-o um pouco como uma matraca, pensou Olga, impressionada. — Não convém porque já está tão difícil, tudo isso. . . Ela tem medo, é ruim, o outro. Não convém exasperá-lo, compreende? — disse a Doriacci, cujo rosto mudou por um instante e transformou-se no de uma mulher italiana comum, séria e compassiva. — Você sabe, eles se gostam realmente.

— Quem, eles? — perguntou Olga com irritação, retomando o jornal. — Ah, sim, Julien e Clarisse... Eu sei, sim, eu sei — acrescentou com um sorrisinho irônico que imediatamente desencadeou a raiva da Diva.

— Você sabe!... O que é que sabe? Como é que sabe? Não pode saber. A rigor, você pode representar amor, e só isso. E ainda o que lhe digo é a extremo rigor. . . Desconhece tudo da gratuidade, minha pobre menina, e dos grandes sentimentos. Já se acredita uma vedete e pensará toda a sua vida que isso significa alguma coisa, é só isso. E eu fico com esse jornal — gritou, arrancando grosseiramente o pasquim das mãos de Olga, que ficou de boca aberta, indignada.

— Mas... mas... — balbuciou ela, ficando vermelha — mas... .

— Mas nada! — disse a Doriacci, empurrando-a porta afora e batendo com as mãos uma na outra no estilo "uma boa coisa feita". Ficaria menos entusiasmada se soubesse que Olga tinha outros quinze exemplares no quarto.

— Vejamos, minha jovem, você não vai esconder de mim aquilo que eu sei, não é mesmo? E então?

Edma assumira um ar doce e importuno para se dirigir a Olga, o ar de um professor que admite que um aluno chegue durante a aula, mas não que ele não saiba a data da Batalha de Marignan. Ela

olhava fixamente aquela estrelinha ambiciosa com um sorriso conhededor, muito conhededor, suficientemente conhededor para que a resistêcia de Olga enfraquecesse e ela cedesse. A questão era: por que não havia mais um só jornal francês em Palma e por que a própria Olga trouxera uma montanha deles para o barco, que ela dissimulara Deus sabia onde?

— Você adivinhou? — começou Olga fracamente, num último esforço para escapar à "Agatha Christie-Bautet-Lebrêche".

— Oh! Mas na verdade eu não "adivinhei" nada. Não Eu *compreendi*, não é a mesma coisa. Eu não presenciei os fatos mas a *causa* dos fatos: um sorriso falso, uma atenção a menos, uma grosseria a mais, e subitamente uma mulher não suporta mais um homem. . .

Era de Clarisse que Edma falava, mas suas palavras aplicavam-se perfeitamente a Olga, e esta, não pensando jamais que se falasse de alguém que não fosse ela própria, tomou isso para si e ficou maravilhada com a lucidez de Edma Bautet-Lebrêche. "Esse coração seco no fundo não era tão seco, já que a hipersensibilidade, o hiperesnobismo de Edma Bautet-Lebrêche a tornavam quase humana, quase faziam dela uma verdadeira mulher por momentos", concluiu Olga para si mesma. Proust teria ficado enregelado naquele navio (se é que ela lera as duas páginas da *Anthologie des grands écrivains français*, usadas nas aulas do último ano do secundário, a antologia que prestara muitos serviços à intelectual sobrecarregada pela vida que era Olga a seus próprios olhos).

A amizade de Edma pareceu de súbito primordial para Olga Lamouroux, o-u-x e não e-u-x (essa grosseria deliberada havia se tornado um engano divertido). Olga viu-se adotada por aquele casal riquíssimo e mundano. Via-se festejada, na Avenue Foch, por sexagenários riquíssimos e austeros, deslumbrados pela sua juventude e audácia, sua "classe" também, sua maneira de restituir

cartas de nobreza ao cinema francês (ao ambiente do cinema). Esses industriais todo-poderosos que se lembrariam, graças a Olga, de que Luís XIV recebia Racine à mesa, e a Champmeslé. . . (Seria mesmo a Champmeslé?. . . a verificar), e que esqueceriam, graças a Olga, os seios e nádegas dos infelizes chouriços transformados em estrelas na última década. Enquanto esperava chegar à Avenue Foch e confiar seu *vison* esporte ao velho *maître d'hôtel*, que já a adorava e com quem ela falaria gentilmente de seus reumatismos, Olga, ainda no *Narcissus*, mostrou à sua grande amiga, sua segunda mãe, o envelope escondido na bolsa, sentou-se a seu lado num canto vagamente iluminado e inclinou-se com ela sobre o semanário de seu amiguinho: a foto era nítida. Via-se Eric Lethuillier, com ar arrebatado pela paixão, apertando contra si uma Olga Lamouroux espantada e um pouco temerosa. Naturalmente, fora com a autoridade de um homem que vê uma mulher prestes a cair que Eric naquele dia segurara Olga pela cintura e, sem dúvida, fora também o medo de cair que provocara aquele ar contrariado em Olga. "Mas a foto não sugeria uma queda acidental e física", como observou Edma entre dentes, com um assobio apreciador mas assustado. Virou-se para Olga com as sobrancelhas franzidas:

— Pois é, minha Olguinha. . . Compreendo seu medo. Esse Lethuillier vai ficar num estado! . . .

— Não se preocupe comigo — disse a corajosa Olga, sempre no seu papel de filha adotiva. — Ele só verá isso em Cannes, e estarei longe.

— Mas não estou preocupada com você! — retorquiu Edma, que achou essa idéia absurda. — Seria mais por Clarisse que eu me inquietaria. Esse tipo de homem faz sempre outra pessoa pagar por seus aborrecimentos, mesmo que venham de outro lado. . . Meu Deus, que foto! . . .

— E a senhora leu o texto? — disse Olga, suspirando de prazer.

Edma tornou a se inclinar sobre o jornal:

"Não é o belo Eric Lethuillier, diretor do austero *Fórum*, que se vê aqui tentando esquecer a política e suas preocupações humanitárias? Compreende-se, vendo que a nova bandeira que abraça é a *starlet* número 1, a bela Olga La-mouroux, que parece menos à vontade, talvez pensando no produtor Simon Béjard (ausente na foto), cujo filme *Feu et jumée* triunfa ainda em Paris. Enfim! Talvez a descoberta dos encantos do capitalismo, o que no entanto já deveria ter feito com sua mulher Clarisse Lethuillier, nascida Baron das Aciarias (ausente em nossa foto), torne o sr. Lethuillier mais indulgente com o luxo dos burgueses".

\_ Essa é boa! — disse Edma, rindo nervosamente. — Está começando bem. . .

— E a senhora não acabou. . . — (Olga ria, mas com pouca segurança). — Olhe: "Será para denunciar seus companheiros de cruzeiro ou para compreendê-los que Eric Lethuillier, o Amigo do Povo, passa suas férias a bordo do *Narcissus*, cujo cruzeiro musical custou a bela quantia de noventa mil francos? Nossos leitores julgarão".

— Mas isso é inaudito! — exclamou Edma. — Meu Deus. . . — disse, retomando o jornal das mãos de Olga. — Que dizem eles? Noventa mil francos? Mas é uma loucura! Minha secretária vai ter que se haver comigo.

— A senhora não sabia?

Olga estava sendo esnobada de fato. Ignorava que achar tudo muito caro também fazia parte do esnobismo dos ricos. Alguns chegavam a viajar na segunda classe, o que lhes dava a vantagem de economizar, coisa muito apreciada pelas maiores fortunas, e fingir assim "manter contato" com o bom povo francês.

— O que pensa que Eric vai fazer? — perguntou Olga, trotando com seus escarpins no convés escuro, no encalço de Edma, cuja

indignação acelerava-lhe o passo.

— Não sei, mas isso vai provocar muito barulho! Diga-me, ele está muito apaixonado por você? . . . Certamente não — continuou Edma, depois do silêncio de Olga. — Ele só está apaixonado por si mesmo. E você, minha Olguinha? É aborrecido para você tudo isso, todas essas fofocas?

— Em relação a Simon, sim — respondeu Olga com voz compenetrada (uma voz que de um só golpe despertou a antipatia de Edma por ela).

— Ah, não! Não me diga que se preocupa um pouco que seja com o pobre Simon Béjard! Teríamos percebido! . . .

Pobre Simon. . . Sabe que ele é muito, muito simpático? É vivo, tem sensibilidade, é espantoso. . . muito espantoso. . . — retomou com ar pensativo, como uma etnóloga diante de uma variedade animal inclassificável.

"Simon é um amor, coitado, mas. . . ", ia começar Olga, mas reprimiu as palavras "um amor" antes de pronunciá-las.

— Simon é um animal engraçado — concluiu.

— O que é que você quer dizer, minha Olguinha, hem? . . . Sentemo-nos aqui um instante — disse Edma engolfando-se no vestiário das senhoras e sentando-se como que exausta num tamborete diante do espelho.

— Quero dizer que é ótimo como amigo, mas difícil, porém, como amiguinho — disse Olga com um riso confuso, que ela própria achou delicioso, mas que fez ranger os dentes da equitativa Edma.

— Simon tinha tanto medo que eu não o amasse por ele mesmo que praticamente me escondeu que era produtor! A senhora sabe? . . . Foi só em Cannes que eu soube ao mesmo tempo que era produtor e ganhara o grande prêmio. Há um ano era praticamente desconhecido; e devo dizer que éramos muitos a apostar no sucesso

de Simon Béjard no cinema — continuou Olga com um risinho de orgulho, que acentuava seu desinteresse e seu faro.

A infeliz ignorava que Simon já contara a Edma como, na noite da premiação, quatro *starlets* tinham se jogado ao pescoço dele; e que entre as quatro estava Olga Lamouroux, o-u-x, em pessoa. Edma Bautet-Lebrêche dirigiu mentalmente um "bravo. . . mil bravos" sarcástico para Olga.

— Só agora é que ele se sente seguro de mim — continuava Olga, mergulhada em seus sonhos idílicos —, seguro de mim, de minha fidelidade. . . num certo plano. . . Porque, atenção, hem. . . — recomeçou vivamente (enquanto Edma, voltando a um estado animal à força de tanta raiva concentrada, gesticulava com a cabeça e mordida um freio inexistente) — atenção: eu falo da verdadeira fidelidade, da que dura. . . não da que está à mercê de um *cinco às sete* ou de um desses impulsos instintivos, uma dessas explosões de uma noite, que temos de vez em quando, nós, os jovens. . . nós, as mulheres! — corrigiu a tempo.

Pelo menos assim acreditou, mas fora muito clara: Edma tinha ouvido e compreendido, e inclinava a cabeça cada vez mais para a escova de cabelos que, no entanto, ela quase não movimentava.

Foi a primeira coisa que a Doriacci observou ao entrar no oásis do vestiário. Estava com um ar sombrio, furioso, mas ainda assim observador, pois parou diante de Edma, observando-a de início com perplexidade, depois com uma alegria no olhar e um riso baixo e tonitruante, completamente irresistível.

— Mas que é que você tem? — disse Edma Bautet-Lebrêche (vagamente ofendida por ter provocado aquele riso, mas pronta a compartilhá-lo), com a cabeça parada de repente no seu moto perpétuo.

— É por causa disso — explicou a Doriacci, imitando-a no espelho —, você mexe com a cabeça, mas não com a escova, como fazem os

belgas com uma caixa de fósforos, sabe? Para saber se ainda há algum, eles sacodem a cabeça, mas não a caixa — repetiu de um só golpe, antes de recair nos seus cascadeantes e incoercíveis ah-ah-ah, tão arrebatadores para Edma quanto irritantes para Olga, a quem esse riso lembrava sempre o incidente do "bezerro de vinte e oito anos".

— Nós nos inquietávamos — disse desafiante a Doriacci, que se sentara e passava pó no rosto com uma imensa esponja rosa-viva.

"Curioso como todos esses acessórios são desmesurados", pensou Edma brevemente. Ser-lhe-ia preciso uma teoria bem estranha ou bem freudiana para comentar essa desproporção em Paris. Olga, inquieta, insistia:

— Mas o que se pode fazer em Palma toda uma tarde?

— É muito bonito — disse a Doriacci, cujos olhos riam. — Podem-se ver recantos encantadores ou velhos amigos, conforme a disposição. Nada aconteceu no navio fantasma na minha ausência?

— Andreas quase furou o chão do convés de tanto andar, mas foi tudo o que aconteceu, acho — disse Edma.

— Vejam só, nós aqui, as três A: Doria, Edma, Olga. . . É engraçado — disse Olga Lamouroux, com voz aflautada —, nossos nomes têm a mesma terminação — repetiu, diante do ar atônito das outras duas.

— Contanto que não tenhamos a mesma família, não é grave — disse Edma Bautet-Lebrêche com energia. E levantá-lo, muito mal maquilada, aliás, acrescentou: — Minha Olguinha, seja gentil, guarde aquele papel para você, está bem? Nós tornaremos a falar sobre o assunto. . . ao mesmo tempo que sobre seus problemas psicológicos — acrescentou com voz agastada.

Tendo ficado sós, a Diva e Olga Lamouroux não se olharam de início, e foi com desconfiança e sem querer que seus olhos se

cruzaram no espelho central: a Doriacci com seu olhar de autógrafo, Olga com seu sorriso ofendido.

— Como vai o sr. Lethuillier? — perguntou a Doriacci com voz amável, depredadora, recurvando os cílios com uma escova inundada de rímel, tudo com uma grande expressão de frieza.

— É melhor perguntar isso a Clarisse Lethuillier — retorquiu Olga com olhar distante, e que de bom grado fugiria dali se a idéia do olhar crítico da Doriacci às suas costas não lhe tivesse inspirado uma espécie de horror (e no entanto qual das duas deveria ter a tortura do remorso?), um tal horror que se decidiu a retocar as unhas dos pés com o frasco de esmalte que, felizmente, nunca abandonava. A Doriacci fechou sua cesta gigantesca:

— Se eu perguntasse alguma coisa à bela Clarisse, seriam notícias do belo Julien. Você está muito mal informada, minha filha: neste navio os casais nem sempre são os legais. . .

A ironia era por demais evidente, e Olga, pálida de raiva, deixou cair algumas gotas escarlates em seus *jeans* novos. Procurava desesperadamente uma resposta adequada, mas seu cérebro afobado parecia vazio, apesar de seus apelos.

— Você deveria tingir os cabelos — terminou a Doriacci, enquanto se dirigia para a porta com seu passo soberano: — Ficaria mais interessante com o ruivo-veneziano. . . Fica um pouco pobre, esse louro falso!

E desapareceu, deixando a moça à beira das lágrimas. Olga subiu para apanhar ar de novo. Espumava de raiva e só se reconfortou com a visão de Andreas no convés, vencido pelo desgosto. Depois de algumas hesitações, Olga acabou por avistar Julien Peyrat.

— Você está fazendo o *footing* com este tempo? Que boa idéia. . . Julien andava no passo de Andreas, a quem alcançara, e inquietava-se de fato com a palidez do rosto que o rapaz escondia e que ele,

inclinando-se, vira rejuvenescido mas desfeito pela tristeza, o rosto de um homem muito jovem disposto a tudo. Como um soberbo rapaz como ele podia ficar nesse estado por causa de uma mulher de sessenta anos, da qual ele era o centésimo amante e não seria o último? Era o mundo pelo avesso, ainda assim. . . E apesar da afeição instintiva que sentia pela Doriacci, Julien estava furioso com ela. O garoto não tinha a frieza calculada de um gigolô, ela não devia fazê-lo pagar tão cruelmente, e a justificação que Clarisse encontrava para isso, vinda dela, inquietava-o como uma traição.

— Você não se dá conta — disse Clarisse — de que se para ela, com seus sessenta anos, decidir-se a amar alguém da sua idade já seria de enlouquecer, então deixar-se enternecer por alguém como Andreas é o fim de sua vida, que poderia ser horrorosa. E se o amasse, o que aconteceria num ano, ou em cinco? Pode me dizer?

— Ora, mais tarde, mais tarde. . . — respondeu Julien, que louvava instintivamente o provisório.

Nada tinha podido dizer a Clarisse sobre si próprio, mas não era tanto o medo de perder Clarisse o que o impedia de falar, era sobretudo o medo de ela ficar magoada e decepcionada, mais uma vez, em sua confiança nos homens. Era o que o irritava um pouco e o seduzia mais na relação com Clarisse: descobrir que estava mais ansioso por causa dela do que por si mesmo. Era essa escolha que durante muito tempo acreditara reservada aos masoquistas e às pessoas muito sentimentais, com prazer pela desgraça, absorvendo-se no seu desgosto, e que detestara instintivamente pelo que acreditara ser sua falta de naturalidade. Que se desejasse o bem de alguém que se ama parecia-lhe normal, mas que se preferisse o bem desse alguém ao próprio bem parecia-lhe literatura cor-de-rosa, quase doentia. E no entanto o que mais o horrorizava era imaginar a sua terna e bela Clarisse sendo levada de carro por Eric logo à descida do navio, uma Clarisse definitivamente resignada à solidão

e detestando-o, a ele, Julien, por tê-la feito acreditar que tal solidão podia ser interrompida. Imaginava Clarisse numa casa moderna, apoiando a testa nos vidros molhados de chuva e tédio, enquanto por trás dela, num cenário bege, luxuoso e desolado, Eric Lethuillier e seus colaboradores riam depreciativamente, esperando que ela se pusesse a beber. E que bebesse demais. Diante dessa imagem ingênua, mas à qual o lado luxuoso e gelado escondia um pouco a ingenuidade, Julien torcia-se por vezes de desgosto na cama. Havia nos beijos furtivos que dava em Clarisse, ao acaso do dia, uma compaixão e uma cólera terna que a encantavam. Ela olhava os lábios grandes e cheios do amante com ternura e gratidão, quando não estava preocupada em se controlar, quase independentes de seu amor por ele, e aquela boca quente e fresca parecia-lhe de uma doçura e de um fôlego inesgotáveis, a única coisa capaz de lhe restituir os milhares de beijos de que fora privada, roubada em todos esses últimos anos. Amava o corpo magro e musculoso de Julien, um corpo nítido, infantil, com uma pele doce e viril, coberta por uma penugem dura, mais clara do que seus cabelos. Gostava da maneira infantil de Julien, da maneira como seus olhos se iluminavam quando se falava de jogo, de cavalos ou de pintura diante dele. Enternecia-se com essa criança, sonhava nesses momentos poder, muito em breve, oferecer-lhe esses cavalos ou essas telas, brinquedos, em suma. E amava o homem quando a olhava e seus olhos tornavam-se profundos e baços, infelizes, à força da contenção dos gestos, quando via seus maxilares fechados sobre palavras de amor, aquelas palavras tranquilizadoras; amava sua voz baixa usurpada, ela também, como lhe parecia. Aquela voz de Julien, viril e decidida, que dissimulava aos olhos dos outros o Julien tão sensível e tão alegre; gostava que se acreditasse forte para protegê-la e que fosse capaz de fazê-lo, se necessário. Gostava que ele quisesse decidir tudo, compartilhar tudo com ela, exceto aquela decisão da qual devia ser o único responsável, tanto para tomá-la

como para mantê-la; gostava que a mantivesse na ignorância de todos os seus temores de homem livre, sua reticência a se comprometer por muito tempo; gostava que nunca lhe tivesse perguntado se eles tinham ou não razão, ou se era preciso refletir, se ela própria estava bem segura de sua escolha, ou se queria que lhe deixasse algum tempo para se decidir. Em suma, Julien nunca a deixara pensar que cabia a ela escolher, mesmo que pensasse, e recusando-lhe essa escolha evitava-lhe aquele esforço suplementar e cruel, evitava-lhe aquele papel responsável de que tinha medo, assumindo-o sozinho, embora nunca tivesse o gosto e o hábito desse papel. Mas, quanto ao resto, já compartilhava tudo com ela; e Clarisse lhe devia dizer de véspera como se vestir no dia seguinte, que camisa, que gravata e que suéter combinavam bem, e que ele devia tomar chá antes do primeiro cigarro matinal. Entrara mais na sua vida numa semana do que na de Eric em dez anos, e já sabia que era indispensável e, oh, maravilha, essa idéia a reanimava mais do que a horrorizava.

Chegando ao convés, Clarisse viu no mesmo momento Julien e Andreas vindo na direção dela, e Julien levantou os olhos e sorriu-lhe, apressando-se ao percebê-la. Também apertou o passo para se ver refletida como a imagem da felicidade naqueles olhos marrom-claros.

— Andreas está infeliz — disse Julien, empurrando o rapaz para Clarisse, e olhando-a com expressão confiante, como se ela tivesse algum poder sobre aquele caso.

Julien visivelmente acreditava que ela fosse todo-pode-rosa, responsável pela felicidade de todos, como pela dele, e começava a lhe trazer os cães perdidos ou feridos com a animação de um bom cão de caça. Contemplava-o sorridente, consciente de que Julien, toda a vida, se ela viesse a compartilhá-la, lhe traria de suas voltas por Longchamp, pelos cassinos ou outra parte (de seus campos de

jogos exclusivos), uma série de miseráveis, neuróticos ou pilantras, que depositaria triunfantemente diante dela para que cuidasse de suas mágoas ou elucidasse seus problemas. Andreas era apenas o primeiro de uma longa linhagem, e, resignada, ela pegou-o pelo braço e partiu com ele para dar a volta ao convés, enquanto Julien, preguiçoso e contente consigo mesmo, apoiava-se na amurada e olhava-os se afastarem com o ar satisfeito do dever cumprido.

"O que poderia contrapor ao desgosto desse rapazinho adulto demais e belo demais?"

Julien me disse que eu devia me comportar como homem — respondia-lhe Andreas, sem que ela tivesse formulado a pergunta. — Mas eu não sei o que isso quer dizer, afinal, "conduzir-se como homem".

— Julien também não — respondeu Clarisse com um sorriso —, e, aliás, eu também não! Era uma frase. . . Basta-lhe, sobretudo, que você se conduza como um homem para agradar à Doriacci, é só isso, não?

— Exatamente — disse Andreas (essa precisão parecia-lhe indispensável, a ele também). — Como é que você quer que eu saiba que tipo de homem é esse? Aonde foi ela hoje?... — disse de súbito em voz baixa, como que envergonhado de sua posição. — Parece que tem um amante em cada porto!

— Ou um amigo — disse Clarisse mansamente.

— Nem pensei nisso. . . — balbuciou Andreas, como que atingido por um raio a essa simples idéia.

— Naturalmente, os homens nunca acreditam que a mulher que eles desejam não seja desejada por todo mundo. Não acreditam que nós possamos provocar interesse, afeição em vez de concupiscência!. . . É quase ofensivo para nós, não acha?

Espantava-se, maravilhava-se, ouvindo-se discorrer, escutando-se a reconfortar alguém, ela, que era a própria angústia encarnada, três

dias antes. . .

— Mas por que me faz sofrer, se eu a amo?

E Clarisse pensava que era preciso ser muito bonito ou bem inocente para não ficar ridículo com esse gênero de frases.

— Porque se a Doria o ama, vai sofrer muito — respondeu. — Daqui a algum tempo, em todo caso. De fato, é por estima que está sendo cruel com você. É porque poderia amá-lo, e isso lhe mete medo, e com razão.

— Medo de quê? Eu a seguirei por toda parte, toda a minha vida! — gritava Andreas, interrompendo-a de repente. — Não é exclusivamente físico o que sinto por ela, você sabe? — sussurrava.

— Gosto do caráter dela, da coragem, do senso de humor, do cinismo. . . Mesmo que não queira mais dormir comigo, eu esperarei que essa vontade lhe volte. Afinal de contas — disse com uma sinceridade desarmante —, a cama não é o principal, não é mesmo?

— Certamente que não — respondeu ela com convicção, mas ainda assim desconcertada. (Porque, desde Cannes, e apesar das intuições de Julien, considerara Andreas um gigolô profissional e frio.)

Uma vez mais era no seu otimismo que Julien tinha razão. "Ainda assim", pensou, com um riso nervoso, "eis-me consolando um homem de vinte e cinco anos pela suposta infidelidade de uma mulher de sessenta. . . Decididamente tudo é possível em qualquer idade." E isso a reconfortava, nos seus trinta anos, essa idade "ingrata", pois situava-se após os encantos da juventude e antes da maturidade, comentara Julien. "É João que resmungo e João que ri", pensou ela por um instante. . .

— Se a Doriacci partir sem mim para Nova York — continuava o apaixonado no seu solilóquio —, eu me matarei — disse uma voz tão desprovida de inflexão que, de repente, Clarisse inquietou-se. —

Ficarei sozinho demais desta vez, a senhora me compreende? — terminou, com um ar amável.

— Mas por que só? Deve ter um amigo ou família em alguma parte, não?

E sua própria voz mostrava inquietação. Uma Clarisse apaixonada, uma Clarisse sensível aos outros inquietava-se por causa desse homem triste. Ele recomeçou, sem levantar os olhos, num tom de desculpa:

— Minha última tia morreu no ano passado, não tenho mais ninguém, em Nevers ou em qualquer outro lugar. E se a Diva não me levar, nem mesmo poderei segui-la; o cruzeiro custou-me tudo o que tinha, e mesmo vendendo minhas roupas e raquetes de tênis, não poderei ir a Nova York. . . — repetiu, com voz desesperada.

— Escute, se ela não o levar para Nova York, eu lhe pagarei a viagem. Tome este cheque agora mesmo. E, se você não se servir dele, poderá rasgá-lo.

Sentara-se a uma mesa e procurava na bolsa o talão de cheques, roto mas intacto depois de seis meses! Isso significava que não tinha tido vontade de nada durante aqueles seis meses e ninguém também recorrera a ela! E Clarisse perguntava-se qual das duas hipóteses era a mais vergonhosa e mais triste.

— Mas não posso — disse Andreas muito pálido, com ar revoltado.

— Não posso aceitar dinheiro de uma mulher com quem. . . que eu não conheço.

— Pois bem, isso provocará uma mudança nas suas regras — disse Clarisse, tirando uma caneta da bolsa e começando a preencher o cheque. "Mas de quanto?..." Já não sabia o preço de nada! Eric pagava todas as contas e comprava tudo ele próprio, com exceção da roupa dela, e ela não alterava seu guarda-roupa havia dois anos. Mas iria precipitar-se, assim que estivesse de volta, às casas de costura, e ia se cobrir de raposas cinza-azuis, pois Julien lhe dissera

adorar essa cor. Naturalmente, não tinha a menor idéia do preço de uma raposa cinza-azul, nem do preço de uma passagem para Nova York. . . Escreveu cinco mil francos em algarismos e depois acrescentou o número 1 à frente do 5 ao acaso.

— Pegue — disse imperativamente, e Andréa o tomou, revirou-o e, vendo a quantia, sem o menor falso pudor, assobiou entre dentes.

— Upa! — (seus olhos brilharam de felicidade). — Mas é muito dinheiro! Uma passagem Paris—Nova York custa menos de três mil francos, agora. . . E depois, como faria para restituí-los? . . .

— Não é urgente — disse Clarisse, encantada com o entusiasmo do rapaz. — As usinas Baron vão muito bem, você sabe.

Andreas apertou-a contra o peito como se fosse uma criança e depois uma mulher, e Clarisse, de início estupefata, compreendeu o fraco da Doriacci e das outras senhoras da província por aquele jovem. Estavam com as faces vermelhas quando se separaram e um ria do ar espantado do outro. "Os encantos dos homens me foram restituídos", pensou Clarisse, exultante. E para fazer calar Andreas, que se desculpava, beijou-o espontânea, ligeiramente no canto dos lábios.

Olga sentia um pouco menos de raiva de Eric Lethuillier, desde que o soubera ridículo, tendo a prova em sua bolsa. Achava-lhe até mesmo um certo encanto físico, de novo, apesar de sua safadeza e maldade. Quisera acreditar na teoria do jornal; começara até mesmo imediatamente um relato no mesmo estilo: "Como tive dificuldade para me ver livre dele! Como o navio era pequeno, com aquele camarada que, de um lado, não largava do meu pé, e, de outro, não tirava os olhos de mim!, etc. . ." E quase conseguiu isso, porque Olga, como muitas pessoas de sua geração, tinha chegado ao ponto de acreditar mais facilmente nos jornais ou na televisão do que nos próprios sentidos. Em suma, quase acreditava que tivesse sido Eric Lethuillier que a perseguira com sua assiduidade, e que a

recusa dela em lhe entregar o corpo mais uma vez fora o que provocara nele as frases ferozes que dissera a Armand Bautet-Lebrêche; estimulara-se com animação e vaidade quando sua memória, esse animal selvagem ainda não domesticado, lhe fizera ouvir de novo de improviso a voz de Eric, a voz de Eric dizendo: "Essa putinha intelectual", e sentiu-se de súbito invadida pela mesma vergonha, pela mesma raiva de três dias antes. . . Virou a cabeça na direção do diretor do *Fórum*. Olhava-a agora "com o seu belo rosto de patife", pensou de repente, num surto de raiva que a iluminou e a tornou quase desejável a Eric, que lhe repetia a pergunta com paciência.

— Eu quero comprar esse quadro — respondia ela —, mas com que dinheiro? Naturalmente o seu, mas Julien Peyrat não é imbecil. Vai achar estranho que eu disponha de vinte e cinco milhões e estranho, sobretudo, que os empregue num quadro.

— Diga-lhe então que você o está comprando para mim — disse Eric brutalmente. — O que você está querendo? De qualquer modo, ele tem necessidade de vendê-lo.

— Como é que você sabe?

A moça o exasperava agora. Eric adotou um tom paciente:

— Porque é evidente, menina.

Olga olhava-o de frente, piscando os olhos, com voz ingênua:

— Eu não tenho a impressão de que ele seja um homem em desespero: tem a expressão de um homem muito feliz com o que tem. Não parece ter outro desejo além do. . .

Interrompeu-se com um constrangimento calculado. O olhar de Eric desta vez estava frio, e Olga teve medo de ter ido longe demais.

— Oh, perdão, Eric. . . Você sabe que eu não queria dizer isso. . . Meu Deus, como estou distraída. . . é terrível.

— Você se ocupa desse quadro — disse Eric com voz neutra, nem sequer interrogativa.

Olga sacudiu a cabeça em sinal de assentimento, com o lenço enrolado em bola apertado contra a boca desastrada. Vira Eric empalidecer diante da evidência: a felicidade de Julien. Vira-o parar de respirar e se rejubilava, enquanto ele se afastava com passo apressado, um pouco escondido demais, desta vez.

No bar cheio de fumaça azul-clara e transparente, que lhe dava um ar de cenário de filme, os passageiros, na maioria sentados ou de pé em torno do piano, escutavam Simon Béjard, que tocava o "tema do *Narcissus*", que dizia ter sido tirado do folclore boêmio. Só Armand, agarrado à sua mesa-refúgio, e Clarisse e Julien, apoiados ao bar, não pareciam ouvir esse recital suplementar; estes dois últimos riam com a despreocupação e a complacência das pessoas que se amam há pouco tempo, quando Eric apareceu na soleira da porta.

O rosto de Eric Lethuillier estava fechado, e ele chamou Clarisse em voz baixa mas peremptória, o que provocou no bar, durante cinco segundos esmagadores, um silêncio e um constrangimento irrefletidos, rompidos por Edma, habituada a essas tensões teatrais, que bateu com as mãos nas de Simon sobre o teclado, como teria feito com uma criança recalcitrante no solfejo. Esse gesto fez recomeçar a conversa, e só, crispado, Julien, que se levantara ao mesmo tempo que Clarisse, indicava pela sua atitude coisa bem diferente de alegria.

A Doriacci, que chegava, compreendeu tudo ao observar a expressão de Julien, e tentou amenizar a situação.

— O senhor não vai me deixar beber sozinha, sr. Lethuillier! Eu queria justamente consultá-lo sobre meu programa de hoje à noite. O senhor e seus amigos, naturalmente. Os *Lieder* de Mahler. O que o senhor acha?

— Conte com nossa confiança — disse Eric com voz exageradamente cortês. — Desculpem-nos por um momento.

E empurrou Clarisse adiante dele. A Doriacci dirigiu-se então a Julien e, levantando as mãos à altura da cabeça e virando as palmas para o ar num gesto de impotência, lançou um *Ma che!* expressivo mas não discreto.

— Você está pálido — disse Andreas a Julien, baten-do-lhe no braço, num gesto protetor. (Mudara de papel.) — Beba um copo, meu velho. — Encheu-lhe o copo de uísque puro, que Julien bebeu sem mesmo olhar para ele.

— Se ele tocar nela — resmungou com a voz estrangulada —, se ele tocar nela, eu. . . eu. . . .

— Mas o que é isso. . . Eu nada, querido Julien. Nada de nada. Você está louco. . . — Era Edma, que, atravessando o bar a todo o vapor, sentava-se à mesa deles com expressão de bom senso maternal.

— Esse Lethuillier é esnobe demais, vejamos, demasiado mole, afinal. Não vai bater na mulher, como nos livros de Zola. É bastante consciente de suas origens, ao que parece. Deve saber bem que só os aristocratas podem bater na mulher sem que isso seja considerado vulgar. . . E, ainda assim, os aristocratas, não falo da nobreza do Império. . . Aliás, esse pobre rapaz não tem qualquer compreensão do esnobismo atual. Deveria ter entendido que, em nossa época, ser faxineira em casa de família ou postalista dá no mesmo. . . Naturalmente, faxineira seria mais exótico, mas postalista, isso parece Queneau, tem o seu encanto. . .

— De quem a senhora está falando? — perguntou Andreas. — Em todo caso, acho sua teoria muito justa — disse, sacudindo a cabeça na direção de Edma, que lhe lançou o olhar e o falso sorriso reservado aos lisonjeiros desastrados.

Mas o rosto do jovem era um desmentido a essa hipótese. Era incrivelmente natural, esse lourinho sentimental, esse renegado da grande tribo dos gigolôs, pensava Edma.

— Eu lhe garanto, Julien, não se enerve. De qualquer modo, vamos jantar daqui a dez minutos.

— E se Lethuillier não trazer a mulher para a mesa, eu mesmo a irei buscar — disse Simon Béjard.

E dava pancadinhas em seu pupilo quando Charley veio se reunir a eles com expressão igualmente penalizada. Só permaneceram à mesa, agarrados como a uma jangada, alguns velhos amorfos ou indiferentes e Olga Lamouroux, a quem Kreuze, doutoralmente e desligado de tudo aquilo, contava sua infância estudiosa e inspirada.

— Eu me pergunto como esse pobre Lethuillier pôde se tornar tão unanimemente antipático. . . enfim. . . quase unanimemente — disse Edma com um olhar de soslaio para Olga e uma pressão afetuosa na mão de Simon.

Dissera isso rindo, mas ele virou a cabeça.

— Dez *pence* pelos seus pensamentos, sr. Peyrat — continuou, sem se perturbar. — Não, é melhor uma azeitona, afinal — continuou, espetando no copo de Julien uma azeitona preta em que ela estava de olho desde sua chegada. — Como é que Clarisse, que é bonita, rica e tão. . . sensível — (Edma Bautet-Lebrêche nunca falava da inteligência de uma mulher, a menos que ela fosse repelentemente feia) —, como Clarisse pôde casar-se com esse Savonarola?... — (Abaixou a voz no final da frase por estar um pouco insegura quanto à carreira de Savonarola e do lugar do "o" na ortografia do nome. De todo modo ele era um fanático, disso estava quase certa. . . e aliás ninguém pestanejou, porque ninguém jamais pestanejava).

— Pobre Clarissezinha — disse a Doriacci sorridente (embora estivesse contrariada por Edma Bautet-Lebrêche ter pescado antes dela aquela azeitona que ela também desejava). — Em todo caso, tornou-se maravilhosa há dois dias! É a infelicidade que enfeia sempre — disse, dando tapinhas no queixo de Andreas, que

também desviou os olhos. — Ah!, mas os homens não estão alegres neste navio. . . — continuou, com soberba. — Andreas, Charley, Simon, Eric. . . Não parece um cruzeiro delicioso para os homens. Em compensação, para as mulheres está sendo ótimo! — disse, jogando o belo busto para trás, com um riso cristalino que destoava terrivelmente das causas desse riso.

Os que estavam à mesa ficaram boquiabertos por um instante, e a Doriacci lançou em torno olhares de desafio, de alegria, de cólera, que evidentemente denunciavam uma alma irreduzível ao julgamento dos outros. Ninguém se moveu, exceto Julien, que, apesar da tristeza, não pôde impedir-se de enviar a esse símbolo da liberdade um sorriso de admiração.

— Sobre o que você quer me falar? — perguntou Clarisse, sentada há longos minutos na cama.

Eric deambulava diante dela e mudava de roupa sem uma palavra, mas assobiando, o que era mau sinal. No entanto, Clarisse olhava-o sem antipatia: arrancara-a por cinco ou dez minutos desse tempo perturbado, sensível, confuso, exigente, que é o tempo passado diante da pessoa que se ama sem se conhecer bem, esse tempo ávido e perpetuamente esfomeado. E agora, naquela cabina tranqüila, Clarisse podia se dar conta de que amava Julien, de que ele a amava, e deixar que se inflassem suas artérias, sua caixa torácica, seu coração, pensando nisso. Esquecera-se de Eric e quase se sobressaltou quando ele se instalou diante dela em mangas de camisa e aparentemente ocupado em colocar as abotoaduras. Sentara-se ao pé da cama, e Clarisse instintivamente levantou os joelhos quase até o queixo, com medo que ele a tocasse, mesmo no pé, gesto de que logo se deu conta e que a fez enrubescer e lançar um olhar temeroso a Eric. Mas ele nada vira.

— Vou lhe perguntar algumas coisas — disse ele, após concluir o que estava fazendo, pondo as mãos atrás da cabeça e apoiando-se

na parede com ar desenvolto. — Peço-lhe mesmo que responda com um sim ou não a perguntas bastante brutais.

— Então é não — disse Clarisse instintivamente, vendo-o empalidecer de raiva, pouco habituado a ser interrompido por ela em suas encenações.

— Como não? Você não quer me responder?

— Quero — respondeu Clarisse pacificamente. — Não quero é responder a perguntas brutais. Não há razão alguma para você me falar brutalmente.

Houve um silêncio, e a voz de Eric era quase inaudível quando ele recomeçou:

— Pois bem, vou ser brutal, ainda assim. Todo o navio parece sustentar que você dorme com Julien Peyrat. Posso saber, eu, se é verdade? Isso me parece tão impensável quanto possível. Mas é preciso que eu possa responder a isso se me falarem, sem me tornar ridículo ou parecer hipócrita.

Lançara essa frase em tom sarcástico e um pouco enojado, mas dava-se conta de repente de que corria o risco de ela responder, e de essa resposta ser terrivelmente franca, de fato, e terrivelmente afirmativa. De súbito, daria não importa o que fosse para se ter calado e não ter abordado tal assunto com essa imprudência. Que loucura fizera? Que vertigem o empolgara? Não, não era possível. . . Era preciso acalmar-se. Clarisse não teria feito aquilo ali no navio, naquele espaço fechado onde ele próprio estava, onde poderia tê-la surpreendido e matado. . . Por que matá-la? Eric teve que se confessar que não havia outra escolha para o homem em que forçosamente teria se tornado se tivesse entrado por acaso numa cabina e encontrado Julien e Clarisse nus e abraçados.

— Então, vai me responder ou não? Minha querida Clarisse, concedo-lhe o tempo do jantar para refletir e ouvir sua resposta na sobremesa, mas minha paciência pára aí. Estamos de acordo?

Falara muito depressa justamente para que ela não tivesse tempo de responder, e não chegou a saber exatamente por que adiou por duas horas essa cerimônia. Não conseguia acreditar que fosse uma trégua que estava dando mais a si próprio que a ela. E Clarisse, dizendo: — Como você quiser — com voz cansada, parecia menos aliviada do que ele, e mais penalizada.

Para Julien o jantar fora odioso no início. Estava sentado perto de Clarisse como no primeiro dia e, sem olhá-la, via de novo aquelas mãos e uma mecha de cabelos que o tinham excitado fisicamente naquela primeira noite, aquelas mãos, aquele rosto que agora se tinham tornado seus, objetos permanentes de seu desejo, que ele queria amar e defender contra esse predador legal de olhar frio: Eric Lethuillier. Aquelas mãos e aquele rosto que não estava seguro de poder conservar nem de conservar intactos. Agora detestava Eric; e ele, que até então ignorara os miasmas, as sufocações do ódio, sentia-se infectado, gangrenado numa parte subterrânea de si mesmo, da qual não gostava. Desprezava um pouco esse Julien odioso, esse tesoureiro ciumento e assustado que, de fato, vigiava Clarisse tanto quanto Eric. E quando adiantou a perna na direção da de Clarisse, contrariava a si mesmo; e a ela também, que reprovava essa prova vulgar do seu entendimento. Retesaria a perna e lhe lançaria um olhar, se não de desprezo, porque ela ignorava o desprezo, pelo menos magoado. E nesse caso o que faria ele? Não poderia retirar a perna nem procurar Clarisse depois. Mas ainda assim avançou-a, e era a primeira vez que Julien fazia alguma coisa contra si próprio, contra a felicidade, contra o êxito; a primeira vez que agia contra sua ética e seus desejos. Retesava-se de antemão contra o olhar surpreso de Clarisse. Já lhe virava um rosto obstinado e incompreensivo quando, após os joelhos terem se tocado, sentiu o pé de Clarisse deslizar sob o dele e a perna dela pressionar-se contra a dele com força, enquanto Clarisse virara para

ele um rosto sorridente e perturbado; um rosto agradecido. . . que imobilizou Julien, deu-lhe um disparo no coração e o deixou perplexo no fogo de uma ternura intensa, naturalmente, mas da qual se sentiu prisioneiro para sempre, num desses raios de lucidez tão freqüentemente associados às felicidades chamadas cegas. "Então a gente toca o pé de uma senhora e fica corado", dizia-lhe no vazio uma vozinha cruel que, ela própria enternecida, só se permitia esse comentário por desencargo de consciência.

A escala em Palma, onde estavam agora, numa bruma violenta, previa um concerto de Chostakóvitch, do qual Hans Helmut devia tocar a parte do piano e os dois escoteiros fazerem o complemento. A Doriacci devia cantar algo de Mahler, o que fazia prever que cantaria outra coisa. Era o penúltimo recital, o último ocorreria no dia seguinte em Cannes, que se atingiria no final do dia. Bruscamente, o cruzeiro chegava ao fim e bruscamente se sentia isso. Foi com nostalgia que os passageiros das duas classes retomaram seus lugares habituais e suas atitudes habituais; Hans Helmut Kreuze estava ainda mais solene ao sentar-se ao piano, como se sua carapaça paquidérmica fosse bastante permeável para registrar essa mudança de atmosfera. Quando pousou a mão no teclado, Julien achava-se diante de Clarisse, do outro lado do círculo, como no primeiro dia. E Simon e Olga, como no primeiro dia também, sentados atrás dos Lethuillier. Andreas, sozinho em sua cadeira, naturalmente a mais próxima do microfone onde dali a pouco se apoiaria a Doriacci, e os Bautet-Lebrêche de lado, na primeira fila, para que Edma pudesse vigiar o teclado de Hans Helmut e o arco de seus companheiros. Havia apenas oito dias que, nessa mesma ordem, esses figurantes tinham embarcado; pareciam-lhes uma eternidade. Esse sentimento de terem de se separar em vinte e quatro horas, depois de se terem conhecido tão pouco, em suma, tão acidentalmente; a certeza repentina de não conhecer os

vizinhos, embora se tivesse pensado tê-los dissecado tão perfeitamente, impressão que de repente parecia louca e presunçosa. Encontravam-se em face de estranhos. O acaso tornava-se todo-poderoso de novo, e uma espécie de timidez retrospectiva provocava olhares furtivos e curiosos, espantados, nos corações mais indiferentes como nos espíritos mais indagadores, numa última tentativa de compreensão, uma última curiosidade que se sabia, justamente agora, e ao contrário da ocasião da partida, que nunca seria satisfeita. Isso tornava todo mundo interessante; uma espécie de auréola melancólica, a das ocasiões perdidas, pairava sobre as cabeças mais aborrecidas e as mais ingratas com todo o otimismo do pesar.

As primeiras notas que Hans Helmut Kreuze arrancou do piano vieram apoiar ainda mais essa melancolia nova. Dois minutos depois, tinham todos abaixado os olhos pelo menos uma vez sobre algo secreto em si mesmos, algo que essa música revelava de repente e que era preciso esconder a qualquer preço aos olhos dos outros.

O romantismo desarrumado da paisagem, seu lado grandioso era, no entanto, o oposto desse concerto em que Kreuze, apoiado pelos seus dois instrumentistas, repetia e martelava, sem cessar, com doçura, as quatro ou cinco notas deliciosas e fatais, essas quatro notas que evocavam infância, chuvas nos relvados do verão, cidades desertas em agosto, uma foto encontrada numa gaveta ou cartas de amor, de que se tinha rido na juventude; tudo isso o piano dizia em sustenido, em nuances, em meia-estação; no imperfeito, em todo caso; e dizia pacificamente, como uma confissão ou uma reminiscência feliz, suavizada à força de tanta tristeza e perda.

Todos caíam no passado com mais ou menos felicidade, porque já não se tratava daquele bom passado geral, adaptado ao presente,

que se tinha o hábito de rever nestes últimos tempos, quando viera a idade de modificar seu eco, de adaptá-lo à idéia que se tinha adotado de si mesmo. Dessas lembranças de que sabia apenas que tinham sido felizes e inocentes, Julien, por exemplo, não destacava uma determinada noite de jogo, um corpo de mulher ou, mais brilhantemente, um quadro que descobrira, adolescente, num museu. Revia uma praia onde chovera, na costa basca, num verão de seus dezenove anos, uma praia cinzenta margeada de espuma quase tão cinzenta e onde, no seu suéter cheio de areia, com suas mãos de unhas roídas, o sentimento de ser apenas o hóspede provisório de seu corpo tão vivo e tão perecível invadira de súbito Julien com uma alegria embriagadora e sem causa precisa. E não era do Festival de Cannes e dos "bravos!" da sala, nem das luzes dirigidas para ele nem dos *flashes*, nem mesmo do menininho que rondava as grandes salas escuras de manhã à noite que se lembrava Simon Bédard, mas sim de uma mulher um pouco gorda que se chamava Simone, mais velha do que ele, que o amava até a loucura, como dizia, sem nada lhe pedir senão que fosse ele próprio, e que o abraçava na plataforma da estação de trem na partida para Paris. Uma mulher que ele, de cima de seus dezoito anos e dos degraus da escada do vagão, achara um pouco provinciana e da qual se envergonhara ligeiramente.

Aquela música era docemente devastadora. Fazia cada um voltar à sua fragilidade e a suas necessidades de ternura (não sem o refluxo da amargura que deveria, no entanto, provocar essa série de fracassos e essa fome que era a vida de cada um). Quando Kreuze parou e levantou-se do tamborete, com seu cumprimento brutal, dobrado para a frente, do qual emergia vermelho, com o sangue subindo à cabeça por um instante, teve que esperar vários segundos antes dos bravos habituais; e, ainda assim, foram fracos, inseguros e como que rancorosos, embora interminavelmente prolongados. A

Doriacci, que devia continuar quase de imediato, só voltou ao quadrado de luz uma hora depois e, curiosamente, passou-se uma boa meia hora sem que ninguém protestasse, ninguém se impacientasse.

Charley fora bater três vezes à porta da Doriacci durante esse entreato imprevisto, e das três vezes teve que se conter para não colar o ouvido à porta, como de hábito. Porque não eram realmente gritos o que ouvia, mas, antes, uma espécie de salmos recitados, sem pausas para um fôlego, pela voz decididamente muito jovem de Andreas, um Andreas que falava sem paixão, sem pontuação ao que parecia, um Andreas cuja entonação curiosamente não dava sentido a seu discurso. Embora tivesse esperado das três vezes três minutos diante da porta depois do seu "É a sua vez" estimulante, Charley só ouviu uma vez a Doriacci responder, e fora com uma voz breve, excepcionalmente baixa, como lhe parecera, apesar da extensão da *coloratura*. Voltara sacudindo a cabeça e desgostoso, apesar de tudo, pelo destino de Andreas. Acusava-se por estar inquieto por uma ligação cujo desfecho fatal era o único que o poderia beneficiar. "Eu sou bom demais", resmungou dolorosamente e rindo de si próprio com derrisão, aquela vez erradamente, pois Charley Bollinger era de fato um homem de grande coração e ficaria bem mais acabrunhado ainda se tivesse ouvido com clareza o que diziam aquelas vozes apagadas.

— Você precisa de uma mãe — dissera a Doriacci, logo no princípio dessa explicação tanto tempo adiada. — Você precisa de uma mãe, e eu já não tenho mais idade para representar o papel de mãe. É excessivamente verossímil. Só as mocinhas até os vinte e cinco anos incompletos podem representar o papel de mãe com homens de todas as idades. Eu não posso mais. Não posso provocar minha sentimentalidade, nem adaptar meu comportamento a uma situação, por outro lado, inelutável! Não se fazem sonhos em torno

de uma realidade, principalmente uma realidade desagradável. Você me entende? Eu procuraria de preferência um protetor, agora, meu caro Andreas. Tenho cinquenta e dois anos e procurarei um pai, talvez porque não tive um, ou porque os tive demais, posteriormente. Não sei e também não me importa. Não creio que você sirva para pai, nem tampouco os outros senhores que freqüento há dez anos. Voltei-me, pois, por falta de pai, para gigolôs, brinquedos; e para isso, também, você não se presta, meu querido, você é sentimental demais para um brinquedo. Não é com abotoaduras que eu transformaria sua mecânica nem sua moral. E é só isso o que eu tenho para lhe oferecer: abotoaduras. . . Você quer uma mulher, e eu só tenho um enxoval a lhe oferecer.

Dissera tudo isso de um só golpe, com voz amável e elegante, e refugiara-se então por muito tempo num silêncio que a voz de Andreas mal perturbava.

— Não importa se você pode ou não pode — disse Andreas com uma voz sem timbre. — Isso nada tem a ver comigo e rigorosamente também nada tem a ver com você. A pergunta é: "Você me ama?", e não: "Você pode me amar?" Não é uma escolha que lhe peço, é um pedido para que você se abandone, se deixe seguir adiante. O que pode fazer você ser feliz *contra você*, já que você está feliz?

— Isso não me faria nada, mas, infelizmente!, eu não posso mais — respondera-lhe a Doriacci (soberba naquela noite com um vestido decotado negro que a emagrecia e ressaltava o branco deslumbrante dos seus ombros, dando-lhe uma espécie de irrealidade, apesar do peso e da vitalidade de toda a sua pessoa). — Estou numa idade em que a gente não pode se deixar seguir para onde quer que seja, já que esse para onde quer que seja já não tem voz. Os sentimentos dobram-se imediatamente às nossas necessidades, e geralmente sem retorno. Isso é a velhice, Andreas,

imagine só! É só amar o que se pode amar, é só ter vontade do que se pode ter. Isso se chama sabedoria. E confesso a você que é muito desconsolador, mas é assim. Sou lúcida, portanto, cínica. Você é lúcido, portanto, entusiasta. Pode se permitir paixões soberbas, mesmo infelizes, porque tem tempo de se entregar a outras em seguida, deliciosas, mas eu, não. Admitamos que eu o ame: você me deixará ou eu a você. Mas eu não teria mais tempo de amar ninguém depois de você e não quero morrer com um gosto amargo na boca. Meu último amante era louco por mim, e fui eu que o deixei, há dez anos.

Andreas ouvia boquiaberto essas frases que o acabrunhavam, boquiaberto e, curiosamente, admirado e grato, pois era a primeira vez que ela lhe falava tão longamente e com tanta coerência, com os pensamentos encadeados. Noutras ocasiões limitava-se a pensar alto por momentos, isto é, a comentar brevemente os saltos e as mudanças perpétuas de um pensamento descosido e engraçado. Naquele dia, fazia um esforço para lhe explicar que não o amava, que não podia amá-lo. . .

— Mas se não pode me amar — ele acabou dizendo com energia e ingenuidade —, não me ame! Afinal, posso esperar e não a deixarei. Não precisará me lambar, porque não serei perigoso. Trate-me como um desprezível gigolô se você preferir, não faço questão de ser respeitável. . . Não ligo ao fato de ser respeitável, se isso me impedir de vê-la. . . Aliás, arranjei dinheiro e a seguirei a Nova York — acrescentou, com um ar enfasiado de repente, enfasiado e ao mesmo tempo assustado.

— Que eu viva com você sem amá-lo?... A idéia é boa? Mas você é modesto demais, meu querido Andreas; o perigo existiria, ainda assim.

— Você quer dizer que poderia me amar com o tempo? — disse Andreas com o rosto radioso e dando todos os sinais de orgulho e

surpresa.

A Doriacci ficou um instante pensativa diante desse rosto, quase perturbada, ao que parecia.

— Poderia, certamente. E é por isso que vou lhe dar um endereço muito bom, caro Andreas, em Paris, para evitar esse drama, porque seria um drama para mim. A condessa Maria vive em Paris há dois anos. É encantadora, mais rica e mais moça do que eu. É louca por homens louros de olhos azuis como você. Acaba de mandar embora um amante sueco um pouco interesseiro, enfim, que mostrava demais sê-lo. É alegre, cheia de amigas, sua carreira está feita em Paris. . . Não fique com essa expressão dolorosa, chocada, eu lhe peço; foi você mesmo que me falou sobre sua educação e suas ambições...

Foi então que viu Andreas com o rosto fechado e quase feio por causa do sentimento de furor, sentimento que, por falta de ter suas pregas, seus sulcos, suas rugas num rosto que até então os ignorava, o marcava ao acaso, contraindo a boca, contradizendo a doçura do maxilar, em suma, desfigurava-o. E ele saiu com esse novo rosto, que, por um instante, a Doriacci se pôs a desejar profundamente que não fosse o último que guardaria na memória. Censurava-se um pouco, confessou ao espelho, contemplando seu reflexo a três metros. Mas censurava-se muito menos, uma vez diante do espelho, onde mil rugas, mil sombras e algumas peles caídas lhe lançavam ao rosto com gritos agudos a confirmação definitiva do seu discurso.

Afinal, os passageiros, de início surpresos, ficaram ofendidos e, de ofendidos, exasperados, furiosos. Tudo isso sem efeito aparente sobre a porta fechada da Doriacci, fechada a ferrolho sobre seus problemas sentimentais, ou, antes, sobre os de Andreas. Apesar da ternura que tinha pelo jovem, Charley não ficou aborrecido de o ver sair da cabina funesta com o rosto enfeado pela raiva, depois de ter

andado de cabeça baixa e com uma expressão embotada pelo desgosto, deixando a porta entreaberta. Charley deixou-o passar e, por sua vez, veio bater mais discretamente do que teria gostado. Era a quinta vez que vinha se chocar contra essa porta em vão, e sempre batia fracamente apesar das exortações e das ordens que vinham do convés. Charley sabia muito bem o que ia acontecer: a Doriacci ia chegar ao palco fazendo gaia-tices e lançando sorrisinhos deslumbrantes e reconhecidos aos passageiros pela sua paciência. Cantaria sem constrangimentos e seria ele, Charley, que se faria detestar por ter interrompido cinco vezes em seguida o repouso reparador da maravilhosa Doriacci. Esperou, portanto, na soleira da porta, por muito tempo, aliás. E finalmente a Doriacci apareceu: seu rosto refletia cólera, ou mesmo furor. Passou diante dele sem uma palavra, sem um olhar (sem uma desculpa *a fortiori*), e foi para o palco como se vai para o combate. Foi só no momento de entrar que, sem se voltar para Charley, com a cabeça simplesmente virada para trás e continuando a andar como num passo de tango, dirigiu-se a Charley:

— Faz mesmo questão que eu cante diante desses cretinos? — (utilizou um outro termo mais forte) e entrou em cena sem esperar resposta.

Quando entrou, o público já chegara a um estado de exasperação inquietante. Chegava a murmurar. Olga La-mouroux, com expressão contrafeita, já fizera outras pessoas impacientes aplaudirem ironicamente, dando-lhes o exemplo, que Simon se recusara a seguir. Ele lhe pagaria mais tarde, pensou ela, bocejando ostensivamente e olhando para o relógio pela enésima vez. Mas retomou sua expressão atenta vendo chegar, "como estafeta", pensou, o pajem da retardatária. Andreas, mais pálido do que antes, lívido mesmo, deixou-se cair numa cadeira perto dos Lethuillier, ao lado de Clarisse; Olga viu que esta se virava para ele,

inclinava-se, inquieta, dizia-lhe uma palavra e pegava suas mãos entre as dela.

— Decididamente — disse Olga a Simon —, eu pensava que era Julien Peyrat que possuía o coração de sua amiga Clarisse.

— Mas é Julien Peyrat — disse Simon seguindo o seu olhar. — Ah! Andreas só tem necessidade de ser consolado, é só. . . Devo dizer que acho Clarisse muito reconfortante para um homem.

— Não para todos — disse Olga com um rápido riso, que provocou um protesto tímido de Simon.

— O que quer dizer com isso?

— Que o marido dela não parece procurar consolação. . . Pelo menos não junto dela. — Houve um silêncio que Simon rompeu com dificuldade, com voz quase inaudível:

— Não sei que prazer você acha em ser tão odiosa, tão horrorosa comigo. . . Mas de que me censura, além de suas próprias maldades?

— Você se serve de mim — disse, com voz dura. — Só pensa no seu prazer, pouco se importa com minha carreira, confesse-o.

— Mas. . . — disse Simon (que se deixava levar contra a vontade a uma conversa cuja conclusão lhe seria sempre desfavorável, sabia-o muito bem). — Mas vou confiar-lhe o papel principal em minha próxima produção, você sabe. . .

— Porque assim você espera me conservar, fazendo-me passar de um papel para outro, tentando egoisticamente substituir minha vida particular pela minha vida profissional. É só isso.

— Em resumo, você me acusa de não lhe dar papel algum ou de dar demais? Tudo isso é contraditório.

— Sim — disse ela com uma calma depreciativa. — Sim, tudo isso é contraditório e não me importa. Isso o incomoda?

Deveria levantar-se e partir, nunca mais vê-la. Mas ficou pregado na cadeira. Olhava a mão de Olga, o punho tão frágil, tão doce ao tato,

tão infantil na sua finura. E não podia. Não podia mais ir embora. Estava à mercê daquela *starlet* arrivista, que podia por vezes ser tão terna e ingênua, que tinha tanta necessidade da sua proteção, apesar de tudo o que dizia.

— Você tem razão — disse ele. — Isso não tem importância, mas eu queria. . .

— Cale-se — disse Olga —, cale-se. . . A Doriacci está chegando. Não parece muito satisfeita — acrescentou a meia voz, afundando instintivamente a cabeça entre os ombros.

De fato a Doriacci chegara. Entrou no foco de luz com a fronte baixa, o rosto marcado pela maquilagem e pela raiva, os cantos da boca descaídos, o maxilar brutal.

Houve um silêncio de espanto e de inquietação à vista dessa fúria, durante o qual os espectadores ignoraram se não seria a eles que estava logicamente reservada aquela cólera. Tremeram em suas cadeiras de palha, e até Edma Bautet-Lebrêche, que abrira a boca, fechou-a lentamente. Clarisse apertava maquinalmente entre as suas as mãos de Andreas, que parecia não mais respirar e cuja imobilidade se tornava inquietante. Olhava a Doriacci com os olhos brilhantes e redondos dos coelhos noturnos quando são apanhados pelos faróis dos carros.

Quem ficou mais impressionado ainda com essa aparição foi Hans Helmut Kreuze, que, sentado ao piano até então, ofendido na sua dignidade de estrela da música, por ter de esperar por quem quer que fosse, levantara-se como um mártir à chegada da Diva, acreditando sentir sobre ele o peso da admiração e da compaixão gerais. Mas os olhares da multidão tinham se desviado para outro lado, para aquela louca furiosa, seminua, e Hans Helmut deu pancadinhas no braço da Diva com sua partitura, para lembrar-lhe seus deveres, sem que aparentemente ela o sentisse. Apanhara o microfone com um gesto circular e brutal, um gesto de cantora de

baile popular. Varreu a multidão com os seus olhos negros fulgurantes e fixos antes de detê-los em Kreuze definitivamente.

— O *trovador* — disse, com voz rouca e fria.

— Mas. . . — murmurou Hans Helmut, batendo com sua partitura na estante — esta noite são os *Lieder* de guerra. . .

— O terceiro ato, cena IV — ordenou ela sem ouvi-lo nem escutá-lo.

— Vamos.

Havia um tom tão imperativo na sua brevidade que Kreuze, em vez de protestar, tornou a sentar-se e atacou os primeiros compassos da cena IV. Uma tosse tímida por trás dele lembrou-lhe a existência de seus dois discípulos quinquagenários, e virou-se de um golpe para eles, que esperavam com os instrumentos na mão, como garfos, o que o exasperou. Latiu-lhes "*O trovador, terceiro ato, cena IV*", sem sequer olhar para eles. Apenas dissipados os primeiros compassos, a voz de Doriacci elevou-se como um grito, e Hans Helmut, subitamente encantado, percebeu que ia ouvir música muito bela. Esqueceu-se de tudo, esqueceu que detestava aquela mulher, precipitou-se ao contrário a seu serviço, para ajudá-la e apoiá-la. Dobrou-se totalmente aos seus impulsos, caprichos e indicações. Passou a ser o mais servil, discreto e entusiasmado de seus admiradores. E a Doriacci o sentiu imediatamente, solicitou-o com a voz, fê-lo passar adiante dela, reclamou o violoncelo, fez floreios com o violino, adiantou-se a ele de novo, demorou-se, cantou com eles com toda a confiança. Esquecera-se de suas meias, de sua calvície, de sua rudeza; eles esqueceram-se de seus caprichos, seu furor e sem-vergonhices. E durante dez minutos essas quatro pessoas se amaram e foram felizes juntas como nunca tinham sido antes com quem quer que fosse.

Clarisse sentia a mão de Andreas ficar tensa entre as suas; ela acentuava essa pressão, por sua vez, a Diva cantava bem demais, enquanto as lágrimas ou a vontade de fazer amor subiam-lhe juntas

à garganta. Mas para Andreas era como se fosse atingido por cada detalhe de toda aquela beleza musical, a beleza que ia perder, era evidente, e isso era certamente atroz, já que a própria Clarisse desejava a Doriacci, na sua vontade de tocá-la, abraçá-la, pousar a cabeça naquele peito cheio, orgulhoso, e o ouvido sobre aquele coração e aqueles ombros, ouvindo nascer, subir e explodir aquela voz todo-poderosa com o mesmo respeito voluptuoso que lhe dava o prazer de um homem.

Enfim, a Doriacci lançou sua penúltima nota e manteve-a nos limites da voz fluida, forte, como que brandida acima dos passageiros, como uma ameaça ou um grito selvagem. Interminável, tão interminável, que Edma Bautet-Lebrêche levantou-se inconscientemente, como se tivesse sido erguida pela extravagante perfeição daquele grito; enquanto Hans Helmut virava-se no piano, contemplava-a com todas as suas lentes, e os dois idiotas ficavam com o arco no ar, o violino no queixo, o violoncelo mantido à distância, amedrontados e estupefatos; enquanto o navio parecia imobilizado na água, de motor desligado, e os passageiros sem vida. A nota planou assim não meia hora, mas uma hora, uma vida, que a Doriacci interrompeu brutalmente, para lançar com voz dura a última nota, agastada por ter esperado tanto tempo pela sua vez.

O navio pôs-se a navegar, e os passageiros irromperam em aplausos frenéticos. De pé berravam "Bravo! Bravo! Bravo!" com expressão de orgulho imerecido e de excessivos agradecimentos, pensou o capitão Ellédocq, que, diante dessa algazarra, não se pudera impedir de lançar um olhar ao mar, um olhar inquieto: a idéia de que de um outro navio pudessem ver seus passageiros histéricos reunidos como um rebanho em torno de um piano e urrando no meio da noite dava-lhe vergonha por antecipação. Graças a Deus não havia barcos por aquelas paragens, e Ellédocq enxugou a testa,

aplaudiu por sua vez aquela fêmea cacarejante e, aliás, grosseira, pois ela afastou-se sem nem mesmo cumprimentar seus fanáticos, os pobres masoquistas que no entanto a tinham esperado uma hora e agora batiam palmas a ponto de fazer estalar as juntas. Afinal, pagavam por isso, reconheceu Ellédocq antes de se perguntar o que fazia seu boné no chão e o que ele próprio fazia aplaudindo.

Clarisse estava com os olhos cheios de água, observou Eric irritado, quando a Diva foi-se embora. Sentia-se melhor, muito mais seguro de si. Já não compreendia aquele pânico grotesco de antes do jantar, nem, sobretudo, o medo da resposta de Clarisse. Evidentemente, ia lhe responder e nada lhe dizer. Ia negar, debater-se e com isso revelar a verdade. Porque nada acontecera, dava-se conta agora. Clarisse era incapaz de fazer o que quer que fosse para o bem ou para o mal: tinha medo de sua sombra, medo de si mesma e desdém pelo próprio corpo, no entanto belo, para falar a verdade. Podia-se dizer também que a idéia desse corpo tão desdenhado sob esse rosto desfigurado, tudo isso por complexo de inferioridade. . . tudo isso não estava isento de comicidade.

Como Clarisse poderia tê-lo enganado? A pobre Clarisse, que não gostava suficientemente de si mesma para suportar que a vissem retocar o batom dos lábios; essa Clarisse com quem, para reforçar seu pudor, ele sempre fazia amor no escuro. Clarisse da qual se afastava depois como que constrangido (e como, aliás, sempre se afastava das mulheres, depois dessas pantomimas bufas, mas necessárias, em que a metade dos seres humanos, pensava, aborreciam-se horrivelmente sem jamais ousá-lo dizer, pelo menos os homens). E era bem compreensível. . . Essas criaturas frágeis que flertavam com inteligência e passavam o tempo se defendendo pretextando órgãos frágeis, nervos doentes, sentimentalidade abjeta, pieguices levadas ao extremo e uma dedicação insaciável; essas criaturas frágeis que atualmente pretendiam votar, dirigir, ou

mesmo conduzir Estados, que pretendiam fazer esporte (e aí pagavam caro, perdiam sua capacidade de ser possuídas). Essas coisas frágeis e cacarejantes, fossem elas, como naquele ambiente, alcoólatras e neuróticas como Clarisse ou então discursadoras e insuportáveis como Edma, ou ainda gigantes da ópera como a Doriacci, todas essas fêmeas sempre o tinham irritado, e a infeliz Olga, afinal, parecia-lhe a menos importuna, porque pelo menos tinha o bom gosto da humildade.

Olga era humilde, mas Clarisse, não; era orgulhosa, mas não de sua fortuna, infelizmente! Era orgulhosa, de fato, daquilo que lhe escondia, daquilo que ele não conseguira descobrir e ao mesmo tempo destruir; um sentimento ou uma faculdade ou uma ética ou um fantasma, alguma coisa, em todo caso, que mantivera fora de seu alcance e que, por não lhe saber o nome nem a natureza, Eric não podia exigir que ela destruísse; essa certeza de uma resistência surda e determinada, escondida em alguma parte do subterrâneo particular de Clarisse, a princípio divertira Eric como uma luta ao mesmo tempo aberta e silenciosa, depois o irritara quando percebeu sua incapacidade de descobri-la, e finalmente tornou-se-lhe indiferente, quando achou que Clarisse estava suficientemente vencida em vários outros terrenos. Acreditara até que essa resistência fora abandonada em qualquer lugar como um velho estandarte, até esse cruzeiro, onde não somente Clarisse demonstrara a existência de sua bandeira, como também a tinha levantado um pouco para lembrar-lhe a cor.

Era a partir dali que contava começar, mas foi impedido pela música barulhenta que de repente saiu dos alto-falantes. Um velho *slow* de 1945, tirado de um filme que todo mundo vira na época. *As time goes by*.

— Meu Deus — disse Edma —, meu Deus, vocês se lembram? — E procurou com os olhos alguém que estivesse disposto a se lembrar

com ela. Mas não se encontrava no seu círculo de amigas. O único companheiro daqueles anos era Armand, e se lhe falasse sobre essa época, lembrar-lhe-ia a fusão de suas fábricas com Deus sabe qual outra, e só. Aliás, não podia se queixar de Armand por ele não se lembrar precisamente do rosto e do corpo de Harry Mendel, que era seu amante na época; e com quem ela se divertira representando as cenas desse filme, identificando-se com a mímica dos dois atores, seus ídolos. Seu olhar pousou por um acaso um pouco dirigido sobre Julien Peyrat, silencioso em seu canto, e a quem Edma achava que o amor não estava fazendo bem. Aliás, o amor nunca beneficiara os homens que ela conhecia, por uma espécie de má sorte.

— Isso não lhe lembra nada, meu caro Julien, essa melodia linda e melancólica?... — disse com voz trêmula na última palavra, franzindo os olhos numa dor secreta e longínqua que, no estado em que estava, chegou a emocionar Julien em vez de fazê-lo rir.

Edma percebeu e aproveitou sua vantagem. O que fariam aqueles dois, o tolo sedutor e a encantadora e pobre mulher rica? Mas ela, Edma, por uma vez nada sabia. Sabia apenas que, no lugar de Clarisse, teria fugido com Julien Peyrat desde seu primeiro convite. Mas as mulheres dessa outra geração, a sua, eram mulheres ainda mulheres, graças a Deus. . . Não se consideravam iguais aos homens, achavam-se muito mais maliciosas. E se tivessem votado (as mulheres da sua idade, e ela própria), o teriam feito em favor do candidato mais sedutor, em vez de se envolverem em discussões políticas que acabavam sempre vulgarmente por ucasses e vetos incompreensíveis, aliás.

— Sim — disse Julien —, como se chamava mesmo esse filme maravilhoso? Naturalmente, essa música me lembra *Casablanca!*

— Você também chorou, não?. . . Mas você vai me dizer que não, naturalmente. . . Os homens têm vergonha de confessar que são

sensíveis e chegam até a se orgulhar de não o serem. Que falta de instinto. . .

— De que é que a senhora queria que nós nos gabássemos? — disse Julien com uma voz tensa que não lhe era própria. — De poder sofrer? A senhora gosta de homens que se lamentam?

— Gosto de homens que agradam, meu caro Julien! E você agrada bastante, acho, para não precisar ficar com essa cara. Sabe por que eu pedi para colocarem esse disco? Você, que é sensível, sabe por quê?

— Não — disse Julien, sorrindo sem querer a essa permanente exibição de charme e cumprimentos que Edma lhe dirigia.

— Pois é, eu o consegui para poder estar em seus braços sem que você fique afobado. . . Não é delicioso? Não é de uma humildade dilacerante?

Ria ao dizer isso, fixando-o com os olhos brilhantes, seus olhos de pássaro. E toda a pele de seu rosto refletia a juventude do desejo e do flerte, apesar das rugas.

— Não acredito — disse Julien, tomando-a nos braços. — Mas vai dançar comigo de qualquer maneira.

Com um relincho triunfante e batendo com os saltos no chão, Edma precipitou-se à direita, enquanto Julien também esboçava um passo à direita, e ambos, desculpando-se, voltaram para a esquerda, em arrependimento duplo, que os projetou de novo testa contra testa. Pararam, olharam-se, rindo às gargalhadas e segurando a cabeça.

— Agora sou eu que dirijo — disse Julien com voz doce. E Edma, dócil, de olhos fechados, seguiu-o nas evoluções, aliás, prudentes.

O olhar de Eric teria reprimido em quem quer que fosse a idéia desses prazeres grotescos, mas ele foi arrebatado por Olga, que o puxou para a pista. Opunha-lhe recusas, apenas polidas, às quais ela pôs fim com uma só frase: "Sem o *slow*, nada de quadro". Enquanto isso, Clarisse lançava a Simon Béjard o que considerava

mais do que uma piscadela, mas ele retribuiu com um sorrisinho confuso e infeliz que deu pena a Clarisse, por um instante. Charley levou-a ao som dos acordes da música.

— Não é que você dance mal — disse Edma, soltando-se (como muitos homens que não sabem dançar, Julien Peyrat a apertara estreitamente sobre o coração e o ombro, escondendo-lhe assim a visão da pista, como se essa cegueira provisória lhe permitisse acreditar em seus talentos de dançarino, e como se Edma, não vendo onde ele punha os pés, não sentisse que não estava onde deviam estar); — você não dança nada! Você passeia com uma mulher. Uma mulher que, em vez de lhe dar o braço para andar, está de frente. É um passeio freado que estamos fazendo agora, não? Eu lhe devolvo a liberdade.

— Minha liberdade, pois é. . . justamente, minha liberdade é Clarisse, agora, sabe? Se ela não estiver presente me sinto inibido. . . pela sua ausência.

— A esse ponto?

Edma oscilava entre a vaidade pelo fato de Julien lhe confiar seus sentimentos e um ligeiro despeito por não ser aquela de quem ele falava com tanta melancolia e ardor. Desprendendo-se dos braços de Julien, apanhou Charley pelo ombro, parando-o decididamente nas suas evoluções.

— Meu querido Charley — disse —, você, que é um exímio dançarino, livre-me deste grandalhão desengonçado e de suas infantilidades. Perdão, Clarisse, mas vou acabar com os pés sangrando de tanto tirá-los de sob os pés de seu apaixonado. . .

E precipitou-se sobre Charley, deixando Clarisse e Julien face a face. Não quis se voltar principalmente para não os ver reunirem-se lentamente, e lentamente começarem a dançar, não sem uma visível rigidez, essa indiferença excessiva e tão reveladora dos amantes felizes no amor. Julien e Clarisse giravam lentamente e com precaução, como se cada um deles estivesse abraçando um parceiro

de porcelana, mas de olhos nos olhos. Olga não pôde deixar de chamar a atenção de Eric, enquanto ao mesmo tempo se enlanguescia contra ele com sensualidade prometedora:

— Não fique tão distraído, meu querido. Mantenha um ar um pouco mais concentrado, quando me apertar nos braços. Olhe Julien Peyrat, como parece levar a sério o que faz com sua mulher. É muito bom que você não seja ciumento. . .

— Você falou com ele sobre o quadro? — disse Eric, após um instante de silêncio em que evitou ver o espetáculo anunciado.

— Ainda não. Mas pensava falar amanhã de manhã, na piscina; nós estaremos sós e eu não ficarei tão corada! Dizer que quero oferecer esse quadro a Simon. . . será duro de engolir.

— Você é atriz, não? Que eu saiba!

— Sou, mas não estou certa de que Julien o saiba — disse com alguma irritação, como Eric observou inconscientemente. Mas calou-se e apertou-a com mais força contra si porque, virando-se, avistara Julien e Clarisse de perfil.

Ela dançava aconchegada a Julien e tinha a impressão de se apoiar num fio de alta-tensão. O mesmo curto-circuito iria fulminá-la logo, tudo poderia acontecer de novo, de feliz, de infeliz e de diferente. A vida era tudo, menos monótona, e esse tempo que lhe restava viver, e que considerava interminável uma semana antes, parecia-lhe odiosamente curto agora que tinha que dividi-lo com um homem que a desejava. Teria que mostrar a Julien todas as paisagens, todos os quadros, fazê-lo ouvir todas as músicas, contar-lhe todas as histórias guardadas em sua casa, nos celeiros e adegas de sua memória, de sua infância, cultura, vida amorosa, de sua vida solitária. E parecia-lhe que nunca teria tempo de contar tudo dessa vida, no entanto tediosa, que considerara desesperadamente tediosa até então e que, graças aos olhos de Julien, a seu desejo de compreender essa vida, de tomá-la e de recordar-se dela, tornara-se

uma vida transbordante de anedotas, de brincadeiras e de tristezas pelo simples fato de ter vontade de contá-las a outra pessoa. Esse homem que vibrava junto dela com um prazer antecipado, do qual tinha um pouco de vergonha, esse homem restituíra-lhe não apenas o presente, prometera-lhe não apenas o futuro, mas restituíra-lhe um passado maravilhoso, vivo e do qual já não precisava se envergonhar. Apertou-se impulsivamente contra Julien, e ele gemeu de leve contra seu ouvido murmurando "Não, por favor", antes de recuar um passo, e ela riu alto de seu ar penalizado.

O tempo passava. Edma chegara ao *paso doble* com Charley. O capitão Ellédocq parecia hesitar, ele também, em dar alguns passos de plantígrado na pista, estimulado pelas súplicas de Edma. Os pares se tinham formado e desfeito, sem que jamais um deles fosse o formal, como na chegada àquele navio, quando a voz de Olga, que desaparecera havia dez minutos, ressoou de súbito assim que a música parou.

— Gostaria de saber — disse com voz tonitruante — quem mexeu no meu armário, nas minhas coisas.

Seguiu-se um silêncio aterrorizador, de todos os lados surgiram exclamações: "Como?", "Por que você diz isso?", "É um absurdo!", enquanto os dançarinos se entreolhavam com olhos desconfiados.

— Todo mundo desapareceu por um instante ou outro, minha querida Olga — disse Edma, tomando uma vez mais os acontecimentos sob seu bordão —, exceto eu. Quando danço, danço até o amanhecer. O que é que você quer dizer? Tiraram-lhe alguma coisa? Dinheiro, jóias? Parece-me pouco provável. Não é, capitão? Vejamos, Olga, o que é que lhe tiraram, minha querida Olga? Não se faz um escândalo por causa de um maço de cigarros.

— Não me roubaram nada — respondeu Olga, branca de raiva, o que a tornava feia, observou mais uma vez Edma. — Mas quiseram

me tomar alguma coisa. Deram uma busca em minhas coisas. E acho isso insuportável. . . Não suportarei essa infâmia.

A voz dela subia, chegava a um ganido. E Edma, irritada, a fez sentar-se de um impulso numa poltrona, antes de lhe oferecer um conhaque, como se fosse uma náufraga.

— Mas o que procuravam? — disse, com um pouco de irritação. — Terá alguma idéia, por menor que seja, do que procuravam em sua cabina?

— Tenho — disse Olga, de olhos baixos. — E também quem era essa pessoa. . . — acrescentou, levantando a cabeça e olhando para Simon.

Ele tinha uma expressão emburrada e mal-humorada. Levantou os ombros, desviando os olhos.

— Mas — hesitava Edma —, isso não é assunto particular? . . . Se acha que foi Simon, talvez pudesse ter evitado essas cenas domésticas, minha Olguinha. . . Será que Simon retomou o seu contrato? Você o encontrou em pedaços no banheiro? Por acaso não será mais a heroína do próximo filme dele?

— Esse alguém procurava provas sórdidas para me acabrunhar — disse Olga com voz de falsete, o que, para surpresa geral, provocou o riso de Armand Bautet-Lebrêche.

Começou com um gritinho que sobressaltou a assembléia, depois continuou em relinchos, semelhantes aos de sua mulher, minúsculos, enternecedores na sua modéstia. Olga continuou, sem parecer ouvir essa diversão inoportuna:

— Esse alguém naturalmente é covarde demais para se denunciar, mas eu gostaria que o fizesse em público. Seria bom que todo mundo soubesse qual é a distinção e a elegância dessa pessoa. Isso me daria prazer, sinceramente. . .

— Mas provas de quê? — gritou Edma Bautet-Lebrêche de súbito, impaciente com aquela acusação vaga tanto quanto com o riso

imbecil e incontrolável do marido, que parecia contagiar Charley também.

— Provas da minha infidelidade — gritou Olga. — Eis o que se procurava e não foi encontrado. Devo ter chegado antes, cedo demais para que houvesse tempo de arrumar tudo. . . Acho isso repugnante. . . repugnante! — repetiu, gritando novamente, o que fez os espasmos do imperador do açúcar se elevarem uma oitava.

Clarisse, apoiada na mesa por trás da qual Olga toni-truava como uma estátua da justiça, olhava Simon desde o início da alteração e de repente achou-o emagrecido, envelhecido, desorientado e por demais inquieto. Via-o e pensava como ele se parecia com ela, Clarisse, quando subira ao navio oito dias antes; ela, Clarisse, que ia descer do navio triunfalmente como Simon subira, amando alguém e acreditando ser amado. Parecia a Clarisse que ela roubara a Simon essa segurança bem-aventurada, e que lhe devia algo por essa perda horrível. Via até onde Olga queria ir para humilhá-lo, mas não via as razões dessa afronta ou dessa crueldade. E alguma coisa dentro dela, que sempre sentira desde a infância por cães aleijados, velhas senhoras em bancos, crianças tristes e os humilhados em geral, empurrou-a para a frente, e ela ouviu-se pronunciando, quase surpresa, a única frase capaz de afastar esse castigo da cabeça de Simon.

— Fui eu — disse em voz baixa, que teve o efeito de uma bomba.

— Você?... — perguntou Olga.

E levantou-se com os cabelos eriçados, com um "ar de medusa", pensou Clarisse, retraindo-se, como se Olga fosse lhe bater.

— Sim, eu — disse, muito depressa. — Estava com ciúmes, procurava uma carta de Eric.

No alarido que se seguiu, um alarido incrédulo e diversamente agitado, Clarisse atravessou por entre as testemunhas do escândalo, apertou na passagem a mão de Julien, que lhe sorria com todo o rosto, e zarpou para sua cabina. Ali, deixou-se cair no beliche e fechou os olhos sobre um curioso sentimento de triunfo. Tentou

duas ou três vezes imitar o riso estranho de Armand Bautet-Lebrêche e, após duas ou três tentativas desgraciosas aos seus próprios ouvidos, adormeceu como uma pedra até a chegada de Eric.

A saída de Clarisse foi seguida por uma algazarra de sala de audiências. Ouviam-se soar pedaços de frases, muito incongruentes depois de Verdi e Chostakóvitch.

— Que teria ido fazer no meu quarto? — dizia Olga com o furor doloroso que alguém sente ao se ver frustrado numa justa, diante de pessoas queridas, por um estratagema de guerra.

A voz de Edma respondia à sua voz trêmula, uma voz mundana, um pouco seca, um pouco irônica, que pareceu de repente a Julien o cúmulo da jovialidade e da elegância de sentimentos.

— Eu não quero que se riam de mim! — gritava Olga. — O que pensam que Clarisse foi fazer em meu quarto? Ela não gosta de Eric, não gosta mais dele, e é Julien Peyrat, aqui mesmo, que ela quer, e não esse belo patife, o sr. Lethuillier. . . É eu a compreendo, e desejo muitas felicidades ao sr. Peyrat, e eu. . .

— Olga!

A voz de Edma já não tinha nada mais de displicente. Era uma voz de mulher que dá ordens, a voz de uma mulher que comandara com egoísmo e firmeza durante anos os diferentes conjuntos de sua criadagem sem que jamais um deles pudesse mandá-la para o diabo facilmente. Era o tom de uma mulher que durante o dia usava com freqüência dez vezes maior os verbos no imperativo do que em qualquer outro tempo, e dava ordens à camareira, ao cozinheiro, ao *maitre d'hotel*, ao motorista, a um táxi eventual, um vendedor, um manequim, no salão de chá, nas grandes lojas, e voltava para casa e continuava sendo obedecida como pela manhã. O modo interrogativo e o presente do indicativo eram muito raros nesse ambiente dourado. O ponto de exclamação bastava para muitas

perguntas. Não havia mais que futuros e imperfeitos um pouco espalhados por toda parte, quer se falasse de viagens ou de amantes. E o presente ao que parecia só era recomendado para abordar o tema das doenças e dos distúrbios funcionais. Sua voz bateu exatamente numa nota em escala maior, que suspendeu os borborigmos de Olga num pequeno silêncio que Edma não deixou escapar.

— O que é que você quer afinal, minha Olguinha, por favor? Que acusemos todos Simon de uma indiscrição que não cometeu? Que acusemos de perjúrio Clarisse Lethuillier? Esse gênero de confissão não deve ser agradável de fazer para ninguém, como você deve imaginar. Então o que você quer dizer? Que Simon é mentiroso e Clarisse é masoquista? Você deveria ir se deitar.

— Tudo isso é ridículo. Ridículo e de mau gosto!

A exclamação de Eric não foi ouvida. Afinal de contas parecia que a vida ou a presença do responsável inicial por toda essa comédia era pouco solicitada, Eric percebia isso perfeitamente. Quer esse acontecimento tivesse sido desencadeado por ele, ou para ele, quer visasse a vigiá-lo ou a defendê-lo. Eric era o objeto de um conflito do qual se sentia o último peão. Lançou um olhar furioso para Simon, que, pálido em vez de vermelho, parecia pregado na poltrona, com as mãos pendentes, enquanto Julien lhe dava de beber, como a um ferido recente.

— Não foi Clarisse — disse Simon, restituindo o copo a Julien como a um *barman*, pensou Eric, ou antes como a um treinador, pensou Julien.

Tinha imensa pena de Simon Béjard, que partira alegre para seu primeiro cruzeiro de homem rico, todo contente com seu sucesso em Cannes, com sua encantadora amante, com seu futuro. Simon Béjard, que ia descer domingo em Cannes magoado, aliviado de alguns milhões e sem a menor confiança no coração das jovens.

Simon, que tentava, apesar do seu desgosto, tranqüilizá-lo a respeito do ciúme de Clarisse. Julien teve por Simon um impulso de afeição que não lembrava ter tido por homem algum desde a terceira série. Julien tinha de fato conhecidos em toda parte, mas não tinha amigos; talvez porque tivessem sido escolhidos em ambiente de vagabundos, cuja gabolice e covardia o exasperavam, ou talvez por serem sujeitos corretos aos quais não poderia explicar a origem de suas rendas. Simon Béjard poderia ser um bom amigo. Aliás, Clarisse gostava muito dele.

— Estou farto de saber que ela não esteve lá. Não a perdi de vista um minuto — disse, sorrindo, a Simon.

— Mas por que você acha que ela fez isso? — Subitamente ficara perplexo.

— Por quê? Você quer dizer por quem? Por você. Você estava numa situação catastrófica.

— Cobriu-se de ridículo por mim? . . . Você está percebendo — disse Simon com voz trêmula. — Isso é que é mulher! Estou aprendendo com ela!

— Então, e o que foi que aprendeu? — disse Julien, oferecendo-lhe um segundo copo como se fosse um medicamento, que Simon tomou e bebeu de uma vez, como se fosse intragável.

— Quero dizer que me ensinou que o ridículo não tem a menor importância.

E levantou para Julien uns olhos embaçados que o assustaram. Ele já não suportava ver uma mulher chorar. Abraçava-a sempre contra seu casaco para não vê-la. Tinha aliás vontade de abraçá-la e consolá-la com a mão e a voz, como aos cavalos. Mas um homem em lágrimas lhe fazia o efeito contrário, envergonhava-se por ele, tinha vontade de fugir. Por isso ficou estupefato ao se virar, depois do silêncio que aparentemente servira de resposta a Simon, por encontrá-lo na espreguiçadeira com o rosto de novo bronzeado e

sorridente, e sem esforço visível. Simon tinha os olhos do mesmo azul que exibia na partida.

— Não sei o que acrescentar, meu velho, porque não consigo acreditar, mas terminou. Estou livre dessa Olga — disse, dando um tapa afetuosamente no braço de Julien.

— Acabou mesmo?

— Sim! Acabou!

Os dois homens entreolharam-se rindo, com o sorriso de Simon provocando o de Julien.

— Fora de brincadeira. . . — disse Julien — fora de brincadeira? Isso passou de uma vez?

— Essa é minha impressão, pelo menos. É como se fosse um espinho a menos. . . Isso já lhe aconteceu? — perguntou amavelmente a Julien, com um alívio na voz, talvez premeditado mas muito bom de ver.

Parecia-lhe que Olga tinha ido longe demais, demasiadamente longe, e que talvez tivesse ganho aquela vaza se não fosse a rapidez de Clarisse, que "tentando salvar minha honra recordou-me que eu tinha uma", disse. — Você compreende, meu velho?. . . Afinal, não vou me deixar massacrar por uma *starlet*, meu Deus!

— Meu Deus! Como tem razão! Mas está certo que não foi o orgulho que o desligou de qualquer amor com essa velocidade?

— Você vai ver amanhã!

Apoiada no travesseiro, com uma blusa verde-água que lhe ia muito bem, Clarisse lia à luz de uma lamparina. Ou antes, lia *Os irmãos Karamázov*, e os olhos brilhavam-lhe numa espécie de fervor russo que não precisava representar, sendo semi-russo o sangue dos Baron pelo lado feminino. Eric fechou a porta à chave, encostando-se nela com um sorriso enigmático, ou que queria que assim fosse, mas que pareceu à mulher simplesmente uma cópia de um filme americano ruim. Desde Julien, havia uma nova mulher em Clarisse,

uma mulher de espírito excessivamente crítico quando se tratava de Eric e excessivamente indulgente quando se tratava de Julien e até dos outros passageiros. Via todo o tempo a afetação e as intenções no íntimo de Eric. Censurava-se um pouco por essa severidade, que julgava duvidosa, por datar do mesmo dia em que despertaram seus sentimentos por Julien, cujo impulso e subsistência tinham, *a priori*, necessidade de tal severidade.

— Então?... — disse ele, com as mãos nos bolsos, elegante e louro.

— Então o quê? — perguntou Clarisse, pousando o livro aberto como para mostrar que estava ocupada.

Eric pestanejou mais uma vez. Detestava que se lesse diante dele. Resistiu um instante ao desejo furioso de arrancar-lhe o livro das mãos e jogá-lo pela vigia para lhe ensinar a viver. Controlou-se a tempo.

— Então, está contente com sua saída? Acha engraçado desorientar a pobre Olga na sua suspeita? Você não percebeu suficientemente o ridículo dessa busca? Ainda precisa me imiscuir em suas cenas grotescas? Gostaria que fosse mais clara sobre isso, minha querida Clarisse.

— Não o compreendo — disse ela (desta vez fechando o livro, colocando-o na cama ao alcance da mão, pronto para ser aberto logo que aquele importuno a deixasse tranqüila, pareceu ainda desta vez a Eric). — Não o compreendo. Tudo isso é muito lisonjeiro para você, não? Que eu vá procurar os vestígios de minha desgraça até nas gavetas de uma rival parece-me ser algo que põe louros em sua cabeça. . .

— Existem sucessos vulgares que não dão qualquer prazer.

E uma expressão de nojo, de severidade, passou pelo seu belo rosto, enfeando-o. E Clarisse lembrou-se de quantas vezes essa expressão enojada a humilhara até o coração, sem que ela resistisse, pois não entrava em questão pôr em dúvida a inteligência, a sensibilidade e a

autoridade de Eric Lethuillier. "Acalme-se, acalme-se", disse a si mesma. E, de repente, percebeu que pela primeira vez, em anos, falava consigo mesma a meia voz, como a alguém desejável e desejado, alguém em quem se pode confiar.

— De qualquer modo, era bem secundário; ainda assim, por que fez isso?

— Por ele — respondeu Clarisse, sacudindo a cabeça diante do absurdo dessa pergunta. — Por Simon Béjard. Aquela pilantra ia despedaçá-lo. . .

O termo "pilantra" na boca de Clarisse desconcertou-o ainda mais. Havia muitos anos os adjetivos pejorativos, por acordo tácito, eram reservados a seu uso pessoal.

— Continua se interessando tanto pelos assuntos dos outros? — disse ele com má fé (e percebendo seu erro mordeu os lábios, mas já era tarde).

— Quando o outro é meu marido, sim. De fachada. Sabe que não me interessa pelas histórias dos outros. . . Interesse-me apenas pela minha — disse melancolicamente, baixando suas longas pálpebras sobre os olhos azuis.

— Pelo menos você chegou. . .

Hesitou um instante. Tinha a impressão de estar fazendo uma tolice. Sempre esse sentimento de temor e de risco do qual, aliás, não conseguia imaginar os resultados eventuais. E foi o orgulho, e só o orgulho em face de si mesmo, que o fez terminar a frase.

— Você chegou, pelo menos, a se interessar pela de Julien, minha querida Clarisse? Ainda continua me devendo uma resposta. . . E não me pergunte a que pergunta, seria ofensivo.

Olhava-a severo, e Clarisse levantou os olhos e os abaixou imediatamente, depois de ter cruzado com seu olhar.

— Isso lhe interessa, realmente? — perguntou, com voz hesitante.

— Sim, isso me interessa. Na realidade, só isso me interessa — disse, quase sorrindo.

E com esse sorriso, sem confessá-lo, Eric queria manter Clarisse naquela atmosfera de boa vontade, para que ela se sentisse responsável por qualquer mudança em seu novo acordo. Esse sorriso, em Eric, queria dizer, e ainda sem que ele o percebesse: "Você está vendo, eu sorrio. . . Sou complacente. Por que não continuar sem criar dificuldades?", etc. Era de fato um sorriso complacente, de paz, mas esse sorriso era tão desconhecido de Clarisse que ela o atribuiu à sua origem habitual: desprezo, condescendência, incredulidade. E, num movimento de cólera, ergueu-se no travesseiro, lançou um olhar severo a Eric, um olhar de alarme como que para preveni-lo de que devia pôr-se na defensiva, e articulou com voz fria:

— Você me perguntou se eu era amante de Julien Peyrat, não foi? Pois então sim, sou amante dele há alguns dias.

E foi só depois dessa frase que ouviu seu coração bater com pancadas redobradas e violentas; como se seu próprio coração temesse uma reação de Eric a essa frase; como se seu coração a avisasse, mas demasiado tarde. Viu Eric empalidecer na porta, viu ódio em seus olhos, ódio e também a sensação de alívio que ela conhecia bem, e que era o que ele sentia por apanhá-la em falta todas as vezes, humilhando-a com suas acusações. Em seguida, ele recuperou a cor. Deu três passos em sua direção, pegou-a pelos pulsos. Pousara um joelho na cama, apertava-lhe as mãos até magoá-la e falava a dez centímetros de seu rosto, com uma voz entrecortada, ofegante, que ela mal compreendia, de tanto medo. E ao mesmo tempo olhava um ponto negro de cravo, em geral invisível no rosto de Eric, um cravo explicável apenas pela ausência de espelho de aumento no navio. "Acho que tenho álcool", pensou absurdamente. "De fato, não está nada bonito, debaixo do nariz. . .

Ele tem que fazer alguma coisa. . . o que é mesmo que ele estava dizendo?"

— Você está mentindo! É só o que você sabe fazer, mentir! Você quer me enervar, me estragar esse cruzeiro? É de um egoísmo teimoso. Todo mundo sabe. . . Conduz-se como uma selvagem com seus amigos e seus familiares sob pretexto de distração, não presta atenção a ninguém, minha querida Clarisse. Essa é sua fraqueza: não gosta das pessoas! Não gosta de sua própria mãe: você nunca a ia ver. . . mesmo a sua mãe! — dizia com raiva, quando ela o interrompeu.

— De qualquer modo — disse ela calmamente —, isso não tem importância. . .

— Então?. . . nada disso tem importância? Seus supostos sentimentos por esse falsário, esse cafajeste! Nada disso tem importância, hem?

Mas estranhamente sua raiva cedera, e quando ela respondeu: "Sim, talvez!", com voz neutra, ele entrou no banheiro como se não tivesse ouvido a resposta e como se, efetivamente, não tivesse mais importância.

Olga tinha se deitado naquela noite muito antes de Simon, que ficara no bar para se embriagar, sem o conseguir; quando ele voltou à cabina, viu-se atingido pelo olhar elaborado de sua doce amante. Era um olhar distante e polido, quando ele chegava depois dela, e um olhar indignado, ou mesmo chocado, quando, ao contrário, chegando depois dele, encontrava-o deitado. E esses dois olhares destinavam-se a ajudar Simon a perceber sua insignificância, o esquecimento de sua pessoa que, infalivelmente, ocasionavam. Que expressão era aquela de cão batido que ele adotara nos últimos tempos, seu querido produtor? Sem que ninguém soubesse por quê? Olga estava tão longe de pensar que alguém além dela pudesse ter sentimentos, que fazia Simon sofrer menos deliberada

que naturalmente. Infelizmente sua natureza não tinha salvação. Olhava para o homem que o destino lhe dera primeiro como produtor, e em seguida como amante, que queria além disso ser amado, e que ela lhe provasse isso. "Bem que lhe provava tudo o que queria, não?", pensou ela, "entregando-se todas as noites às suas exigências." E mesmo quando ela recuava, quase por honestidade, ele devia saber que isso chateia as mulheres, tudo isso as força. "Ou então seria preciso que tivesse um outro físico." Naturalmente, o temperamento de Simon Béjard já era conhecido no ambiente cinematográfico, mas era sempre assim. Os homens como Simon eram maníacos sexuais, e os do tipo de Eric ou Andreas, aliás, eram semifrígidos. A menos que, tendo se tornado artista e cedendo ao narcisismo desse ofício, o gosto pelas mulheres se tornasse excepcional.

Enquanto esperava, lançou, pois, a Simon o olhar distante que se reserva a um desconhecido, e não teve dificuldade em mantê-lo, porque as atitudes de Simon a espantavam de verdade. Ele sentara-se no seu beliche e tinha as duas mãos ocupadas, uma tirando os sapatos e a outra acendendo o cigarro. E quando Olga lhe falou, teve a impressão de incomodá-lo pela primeira vez, desde o início do cruzeiro.

— Para onde você foi depois da crise de histeria de Edma? — perguntou-lhe.

Ele franziu as sobrancelhas sem responder, sinal de que o estava incomodando. De fato, sim, era a primeira vez em muito tempo que Simon não tinha uma atitude absolutamente disponível aos caprichos de Olga. A primeira vez que suas mãos estavam ocupadas, ao mesmo tempo que seus olhos e pensamentos, em outra coisa que não fosse sua contemplação ansiosa e suplicante. E Olga percebeu tudo de imediato, graças ao radar perpetuamente em ação e ultra-aperfeiçoado que a informava de todos os humores

circundantes e lhe indicava os sinais luminosos nas encruzilhadas, sem infelizmente lhe dizer se eram vermelhos ou verdes. Nesse momento, por exemplo, pensou que fossem verdes e precipitou-se numa colisão que o radar, se fosse inteligente, lhe teria evitado. Mas era apenas instintivo, nem mesmo sensível. E a luz se acendia e apagava sem nada assinalar.

— Não me responde?

Simon olhou-a, e Olga espantou-se com o azul de seus olhos. Havia muito tempo que não notava como seus olhos eram azuis. Havia também muito tempo que não observava que Simon tinha um olhar.

— Que histeria? — disse ele, suspirando. — Não vi histeria nenhuma em Edma Bautet-Lebrêche.

— Ah, não? Não ouviu seus gritos, talvez?

— Ouvi principalmente os seus — respondeu Simon Bédard com a mesma voz cansada.

— Eu? Eu gritei? . . . Eu?

Sacudia a cabeça com um rosto de inocência perplexa, alegria que pouco significava, era o que lhe indicava o olhar de Simon. E pela primeira vez, havia também alguns dias, ela se perturbou. Não se lembrava da cor nem tampouco da acuidade do olhar de Simon.

— O que quer dizer? Que eu menti, talvez?

— Não — respondeu Simon, com a mesma voz lenta que irritava Olga e que começou a lhe dar medo. — Não, você não mentiu, você disse a verdade, mas diante de vinte pessoas.

— E então?

— E então foram vinte, pessoas demais — disse, levantando-se e tirando o casaco lentamente, fatigado, velho, cansado, mas também cansado dela, Olga Lamouroux, *starlet* de segunda classe que nada teria a fazer, na volta, se Simon Bédard mudasse de opinião.

Olga Lamouroux chamou Simon de "meu querido" com voz terna e pueril e ficou emburrada no escuro, tarde demais, esperando em

vão que ele fosse consolá-la de sua própria maldade. À sua primeira tentativa de mudança de beliche, Simon Béjard levantou-se, tornou a vestir o casaco e as calças com um ar vago e saiu.

No bar deserto, viu no espelho, por trás de seu copo, um homem ruivo, um pouco flácido, mas com quem não se tinha vontade de brincar. E cuja cabeleira e barriga nem se notavam, tão frio era seu olhar. "Enfim, acabaram-se a grande música e os grandes sentimentos para Simon Béjard", foi o que disse com amargura para si mesmo, desviando a cabeça de seu reflexo, do que viria a ser.

Resmungando palavras mal-humoradas, Armand passara a perna para dentro da banheira, gigantesca e ridícula para um navio, segundo achava, e agarrado com a mão direita ao apoio de segurança ali imergiu progressivamente seu corpo delgado e branco, tão desprovido de músculos que, nu, adquiria ares de odalisca.

Instalado no fundo da banheira, Armand movimentara vivamente os pés, respingando água por todos os lados e lançando gritinhos alegres. Na verdade, chegou mesmo a estalar os dedos dos pés e das mãos, feito a que se aplicava havia anos sem ao menos uma vez ter "pensado nisso". "Edma tratá-lo-ia de débil mental se o surpreendesse." Por essa razão, levantou os joelhos quase até o queixo com um gesto brusco e começou a se ensaboar vigorosamente (como fazem os garotos no colégio diante dos inspetores), quando ouviu a porta da cabina abrir-se bruscamente. Um perfume de mulher que não reconheceu insinuou-se até a banheira, luxuoso e almiscarado como uma raposa, uma raposa azul, naturalmente. "Mas e o trinco?", pensou distraidamente, desolado, resignado a se levantar, se arrancar daquela doçura da água quente e do espetáculo oferecido pelos seus pés nus, lá no fundo, quando percebeu que a resposta precedera sua pergunta. Não ouvia qualquer diálogo ao lado, Edma estava só,

indubitavelmente, e além disso até assovia-va uma canção ousada, ao que parecia a Armand, que devia ter ouvido algumas semelhantes duas ou três vezes na vida: como militar, como primo de um jovem interno de hospitais e como colegial, ainda mais cedo. Ela não o chamava, e no entanto seu terno estava pendurado no cabide perto da vigia e era impossível que não o tivesse visto. Começava a sentir frio, enquanto esperava na água morna, com o queixo encaixado entre os joelhos.

— Edma? — lançou ele lamentosamente, sem saber por quê. E como não houve resposta, gritou: — Edma! —, com voz mais aguda, e tanto quanto possível mais autoritária.

— Pronto, pronto. . . estou indo — disse uma voz violenta, que não era de Edma, compreendeu de repente, mas da Doriacci, que se mostrava, parando na moldura da porta. A Doriacci estava com um vestido de noite amarrotado, a pintura excessiva mal aplicada, os cabelos negros caindo nos olhos, ar excitado e alegre como depois de uma impudicícia. Em suma, a Doriacci. E ele, o imperador do açúcar, Armand Bautet-Lebrêche, estava nu como um verme, sem seus óculos e sem sua dignidade, sem uma toalha para se enrolar diante dela. Olharam-se por um segundo desafiadoramente, e Armand ouviu-se suplicar:

— Saia. . . saia, por favor. . . — com uma voz rouca e irreconhecível que pareceu despertar a Doriacci de uma vez.

— Meu Deus, o que é que você está fazendo aí?

— É meu quarto. . . — começou Armand Bautet-Lebrêche, levantando o queixo, como fazia nos conselhos de administração, mas sempre com voz alta.

— Sim, é seu quarto, não há dúvida. . . Imagine que marcara encontrar-me com Edma aqui, mais exatamente no pequeno salão. E eu era demais ali — acrescentou alegremente, antes de se sentar

tranqüila na beira da banheira acima de Armand, que abaixou as mãos sobre sua virilidade, aliás pouco impressionante.

— Mas a senhora tem que ir embora. . . Não vai ficar aqui.

Dirigiu à Doriacci um rosto suplicante, cheio de um fervor imenso que lhe fez lembrar os de milhares de fãs, como os via na base da escada de serviço nas óperas do mundo inteiro, esperando um autógrafo e lançando sobre ela sua notoriedade, seu mito, seus cílios postiços e sua arte, esse mesmo rosto esfomeado e idólatra. E a ilusão foi tão perfeita que, tomada por um impulso de bondade, a Doriacci inclinou-se sobre a banheira e pôs com violência sua boca fresca na dele, para em seguida rejeitá-la como se o infeliz se tivesse adiantado meio milímetro que fosse. E deixando-o, desequilibrado, escorregar para o fundo da banheira, buscando o apoio de segurança, saiu triunfalmente.

Foi com profunda sensação de alívio, a sensação de ter escapado por pouco, ter salvo a vida, que Armand Bautet-

Lebrêche, ao menos aquela vez esquecido de seus açúcares, estendeu-se no grande leito duplo de sua cabina e começou a instalar na mesa-de-cabeceira os dez objetos indispensáveis a essa outra travessia, o sono: dispôs ali comprimidos para dormir, comprimidos para relaxar, alguns para fazer funcionar os rins, outros para impedir a nicotina de chegar aos pulmões, etc. E ainda (mas estes previstos para a manhã), os medicamentos que produziam o efeito inverso: para ficar desperto, para aumentar a pressão, para decuplicar sua vigilância, etc, tudo arrumado em quadrados numa exígua mesa-de-cabeceira, como Napoleão arrumava os seus veteranos, na Áustria. Essa providência tomava-lhe todas as noites uma boa meia hora. E pelo menos ainda valia isso, naqueles nove dias de tédio mortal. Convém acrescentar que Armand Bautet-Lebrêche não sentia qualquer revolta nem

acomodação, aliás, ao tédio total em que o lançava a inatividade. Aborrecia-se, pensava, porque ele mesmo era aborrecido, ou os outros o eram. De qualquer modo, aborrecer-se não era tão grave assim, era menos grave em todo caso que uma queda imprevista de ações, ou algum embargo aos açúcares. Durante toda a sua vida, aliás, Armand Bautet-Lebrêche aborrecera-se até a morte: na casa dos pais, com seus conhecidos, na casa dos sogros e finalmente com a mulher, mas, nesse particular, tinha que dizer honestamente que sua vida fora muito menos tediosa graças a Edma; Edma fora sempre, no gênero esposa, "uma chateante, mas não uma chata", como dizia aquele autor cujo nome não lembrava mais. Mas o que estaria ela fazendo agora? Constatava em todas as ocasiões, e não sem surpresa, que sua mulher Edma, na qual nunca pensava nos seus dias de Paris, ocupava o centro de seus pensamentos assim que estavam em férias. Ela ocupava-se de tudo, cuidava para que não se preocupasse com as passagens nem com as bagagens ou com as faturas. Pegava-o pelo braço e levava-o. Em qualquer parte aonde fosse, cuidava que ficasse bem penteado, bem alimentado, bem servido de revistas financeiras diversas e de jornais da Bolsa. Graças a isso, Armand Bautet-Lebrêche passava férias excelentes, embora quando Edma desaparecesse por mais de cinco minutos se sentisse completamente perdido, até mesmo desesperado. E quando Edma voltava de suas excursões em lombo de camelo no deserto, suas expedições aos portos de prazer nos braços de um homem jovem, encontrava sempre, três horas depois, Armand acordado, sentado na cama, e todas as vezes ele a via entrar com expressão de felicidade, de prazer, de alívio também, de tal forma que ela acabava por vezes se perguntando se, no fundo, não tinham estado sempre loucamente apaixonados um pelo outro ■ — pelo menos ele por ela. Isso daria um tema muito bom para um filme, pensara uma vez, e confiou a Simon Béjard: um homem e uma mulher vivem em boa harmonia há anos. Pouco a pouco, graças a

detalhes, a mulher percebe que o marido a adora. Finalmente convencida, deixa-o exatamente a tempo, antes que ele lhe confesse seu amor, ajudada por um amigo de infância do marido que, ele sim, permaneceu normal.

Simon pusera-se a rir enquanto ela lhe falava a esse respeito (mas sem indicar as origens do tema). E Edma ainda ria agora, pensando na expressão de Armand se lhe dissesse: "Armand, eu o amo", assim, de repente, depois do chá. . . Cairia da cama, o pobre queridinho. De tempos em tempos Edma Bautet-Lebrêche enternecia-se assim por alguns minutos com o destino daquela formiguinha trabalhadeira e discreta chamada Armand Bautet-Lebrêche, seu marido. Por vezes, mais de três minutos mesmo, antes de lembrar que ele arruinara seus próprios amigos, que espezinhava os fracos e que a palavra "coração", quando a usava, representava o de uma usina ou de uma maquinação. Vira-o comportar-se como um mercador de escravos duas ou três vezes, e sua educação burguesa, ultrapassada e espezinhada, fizera-a compreender definitivamente as diferenças entre a pequena burguesia e as grandes fortunas, diferenças que nunca seriam por demais sublinhadas por Scott Fitzgerald. Todas essas lembranças chegavam a lhe dar um frio na espinha, anos depois.

Bateram à porta, Armand era incapaz de imaginar, com seus hábitos de normalidade, que fosse outra pessoa além do camareiro que vinha naquela hora tardia à sua cabina. Gritou: — Entre — com voz irritada, a voz de comando que retomara e de que apreciava se servir de repente dois tons mais alto, como se o ar que engolia e rejeitava brutalmente por entre os lábios expulsasse também a lembrança da Doriacci, de sua boca que cheirava a cravo ou a rosa (Armand não sabia realmente mais o que cheirava a quê, entre as flores), a lembrança do constrangimento que o atacara com risco de afogá-la. Mas quando viu que a porta ficou entreaberta, sem que

ninguém com voz zelosa respondesse à sua interpelação: "Garçom", pensou que estava de novo perdido: a Doriacci teria apenas ido pôr uma toailete de noite, um vestuário aracnidiano qualquer; e como os jovens a aborreciam e os achava sem graça, como parecia se depreender de suas conversas, tinha lançado suas intenções sobre ele, Armand, devido à idade talvez, mas sobretudo pela sua fortuna. A Doriacci, apesar de seus milhões dos cachês, queria também a fortuna dos Lebrêche (Bautet era apenas o nome de solteira de sua mãe, que a família tinha ligado ao do pai, como ela desejava, e isso sem generosidade nem modéstia, pois o capital das fiações Bautet representava apenas um terço do dos Lebrêche). "Pois é, Doriacci ou não Doriacci", repetia febrilmente Armand, "a fortuna açucareira feita pelos meus pais, meus avós e meus bisavós não mudará de proprietário."

Ia explicar tudo isso imediatamente à Doriacci, talvez ela ficasse com medo. . . E na sua inocência Armand esboçou uma careta que acreditava inquietadora, mas que era antes cômica, pois Eric Lethuillier, na porta, caiu na gargalhada. O que estaria fazendo ali aquele sujeito agora? Armand Bautet-Lebrêche pestanejou do fundo de sua cama e murmurou: — Saia! saia! —, desesperadamente, como devia ter dito o papa Alexandre aos pequenos Borgias que o viam morrer. — Saia — repetiu fracamente, virando a cabeça para a esquerda e a direita, "como os moribundos nos filmes americanos", pensou bruscamente. E corou por causa do julgamento provável do olhar azul, pensativo e sensato daquele homem. Ergueu-se de um golpe na cama, sorriu, tossiu para clarear a voz e disse, estendendo uma mão pequena mas viril que não combinava com o pijama:

— Como vai você? Desculpe-me, estava sonhando.

— O senhor achava mesmo que eu saísse — disse Eric, ainda com seu belo sorriso frio que atraía, de tubarão a tubarão, uma certa

consideração por parte de Armand. — Vou satisfazer seu sonho muito depressa, mas antes tenho um favor a lhe pedir, caro senhor. Veja de que se trata: minha mulher fará trinta e três anos amanhã ou depois, eu acho, ao chegarmos a Cannes. Eu queria oferecer-lhe o Mar-quet do nosso amigo Peyrat, que ela deseja, mas receio que aquela briga estúpida o iniba e impeça de vender-me o quadro. O senhor poderia fazer essa compra para mim? Aqui está um cheque para reembolsá-lo.

— Mas. . . mas. . . — balbuciou Armand. — Peyrat vai ficar furioso.

— Não. . . — (Eric deu um sorriso um pouco cúmplice que constrangeu vagamente Armand.) — Não, se esse quadro for para Clarisse, decentemente ele não poderá se irritar. E uma vez vendido o quadro, não haverá nada a fazer. . . Além disso, acho que nosso amigo Peyrat ficará bem contente de vender esse quadro, de qualquer maneira.

Dera uma entonação a esse "bem contente" que despertou em Armand, de imediato, o homem de dinheiro à espreita, ligeiramente anestesiado por esse cruzeiro.

— O que você quer dizer com contente? Você está seguro de que esse quadro é verdadeiro? Quem o confirma? Duzentos e cinqüenta mil francos são duzentos e cinqüenta mil francos ■— disse com má fé. (Porque, apesar de sua avareza, o número de zeros num cheque já não representava mais nada para ele. Mais nada, em todo caso, que se possa comprar ou dê prazer. Duzentos e cinqüenta mil francos não eram nada de fato para Armand, já que não chegava a ser uma quantia que se pudesse manobrar com eficácia na Bolsa.)

— É o próprio Peyrat, que tem todos os certificados e é ele mesmo que garante — disse Eric com ar despreocupado. — E depois, você sabe, se Clarisse gosta desse quadro, gosta dele porque é belo, e não por esnobismo. Minha mulher é tudo, menos esnobe, como o senhor pode ter observado — acrescentou, inclinando um pouco a

cabeça com o mesmo sorriso (que desta vez, estava seguro, repugnava realmente a Armand Bautet-Lebrêche).

— Está combinado — disse, mais secamente do que queria. — Amanhã de manhã, na primeira oportunidade, eu o encontrarei na piscina e lhe farei um cheque.

— Aqui está o meu — disse Eric, dando um passo na direção de Armand, e apresentando um papel azul-claro, o papel idílico de cor pastel dos bancos franceses. E como Armand não esticava a mão para apanhá-lo, Eric ficou um segundo num pé só e se perturbou, acabando por dizer: — O que faço com isto? — com uma voz hostil a que Armand Bautet-Lebrêche respondeu no mesmo tom:

— Ponha-o em qualquer lugar — como se aquele papel fosse algo feio de ver. Os dois homens entreolharam-se e por uma vez Armand estava atento: Eric lançou-lhe seu sorriso maravilhoso, inclinou-se até mesmo com graça e disse:

— Obrigado — com a bela voz quente que na televisão exasperava Armand, lembrou-se ele.

Eric saiu.

Armand Bautet-Lebrêche deixou-se escorregar na cama, apagou a luz e ficou imóvel no escuro três minutos, antes de se levantar, acender febrilmente o abajur e deixar escorregar pela garganta mais dois soníferos, que, se fosse preciso, resistiriam às insinuações voluptuosas da Doriacci.

O *Narcissus* levava dezoito horas de Palma a Carmes, que atingiria atravessando o mar alto e sem escala, estando a chegada prevista para a noite, para o jantar antes das despedidas. O tempo estava magnífico. O sol pálido estava matizado de vermelho, e o ar, mais fresco, tenso, mas de uma tensão diferente da que reinava a bordo. Sentia-se, pelo contrário, as alfinetadas de uma vivacidade e de uma vitalidade um pouco friorentas, nesse dia triunfante, andando-se pelo convés desse navio que levava seus passageiros de volta ao

inverno e à cidade. Fazendo-se a conta, pensava Charley, haveria certamente maior número de passageiros aterrorizados do que encantados com a aproximação do inverno; entre os passageiros para quem Paris soava como uma promessa só havia Clarisse e Julien, para quem Paris representava dez mil quartos tranqüilos e difíceis de serem encontrados, e Edma, para quem seria uma felicidade contar em Paris as peripécias da viagem. Edma, que voltava cheia de amor por aquela multidão de ricos que a esperava e dentre a qual ela não gostava de ninguém isoladamente, mas cuja rapidez, acrimonia e esnobismo lhe esquentariam o coração, de forma extragavante, mas certa. "Talvez o esnobismo fosse afinal uma das paixões mais sãs, quando já não se tinha idade para outras", filosofava Charley, contemplando Edma, que jogava pedaços de pão aos delfins e às gaivotas com o mesmo gesto que faria provavelmente para oferecer canapés de caviar ou de patê de fígado em sua casa. Edma participava desse cruzeiro havia quatro anos. Charley, de início aterrorizado, acabara por se prender a ela, sobretudo neste ano, em que fora encantadora e só devolvera à cozinha quatro vezes o café da manhã. Nem mesmo ameaçara descer na primeira parada, como dizia, o que já era um grande progresso. Mas Charley se perguntava se esse progresso não era devido às distrações realmente numerosas aquele ano no *Narcissus*, que não teriam dado tempo a Edma para se demorar demasiadamente sobre o ponto de suas torradas ou o trabalho das passadeiras. Estava visivelmente encantada, lançando o pão para o ar e rindo seu grande riso mundano e tonitruante; parecia uma colegial. Parecia estar em cheio na idade ingrata, de fato, disse Charley para si mesmo, pressentindo que ela nunca sairia dessa fase, como Andreas também não sairia da infância, Julien da adolescência e Armand Bautet-Lebrêche da velhice.

— Mas o que é que eles têm, Charley? Esses animais não comem pão?... — Charley aproximou-se correndo da elegante Mme Bautet-Lebrêche, vestida com uma japona azulem e uma saia plissada de linho cor de pão integral, apertada na cintura sobre uma blusa de malha estampada azul e branca, e com um chapéu do mesmo azul da japona. Parecia uma fotografia de revista de modas. Era a própria elegância, como lhe declarou inclinando-se sobre sua mão enluvada e instruindo-a sobre os costumes dos cetáceos, mas ela cortou-lhe a palavra:

— É o último dia, Charley. Estou bem triste, este ano.

— Tínhamos combinado, ontem, não falar nisso até Cannes ■ — disse ele sorrindo.

Mas seu coração sangrava, como gostaria de confessar a Edma. De fato, seria em Cannes que Andreas desapareceria de sua vida, como da vida da Diva e dos outros passageiros. Andreas não pertencia ao mundo deles, nem ao seu ambiente ou à sua cidade, nem ao seu bando.

Andreas, como um príncipe perdido entre a plebe ignorante, vinha do seu reino de Nevers, para onde voltaria muito breve para viver uma existência pacífica e trabalhosa, de braço com uma mulher que ficaria com ciúmes dele toda a vida. Era isso o que o esperava, ou pelo menos era o que pensava Charley, que não pôde deixar de comunicar a Edma suas intuições.

— Ah! Você o vê instalado em Nantes ou em Nevers, vivendo uma vida burguesa? É engraçado, eu não o vejo assim — disse Edma com os olhos franzidos para o horizonte atrás de Charley, como se estivesse vendo ali escrito o futuro de Andreas.

Edma batia com o indicador nos lábios e parecia ter dificuldade em formular uma opinião.

— Que outra coisa a senhora acha que poderia ser?

— Eu, eu o vejo num mau começo de vida — disse sonhadoramente.

— Vejo-o, antes, nunca partindo, não partindo nem mesmo deste navio. Mal vejo o que poderá fazer agora, no cais, sem dinheiro e sem família. . . Ah! Realmente, meu querido Charley, Deus sabe que nunca lamentei que um homem fosse viril, pois é, mas, para Andreas, preferia vê-lo em seus braços do que arrancado aos braços da Doriacci.

— Eu também teria preferido — comentou Charley, tentando sorrir. Mas doía-lhe a garganta e assustava-o que Edma, como ele, temesse por Andreas; ela, Edma Bautet-Lebrêche, que nunca temia nada por quem quer que fosse, a não ser que esse quem quer que fosse não tivesse sido convidado a um baile a que ela iria.

— Clarisse também está inquieta — disse ele em voz baixa. E Edma olhou-o, viu sua expressão, e deu-lhe tapinhas na mão, enternecida.

— Também foi um cruzeiro duro para você, caro Charley.

— Eu estava justamente contando os que saíram ganhando. Vejamos. . .

— É uma boa idéia. . .

Edma apoiou-se na amurada perto dele e, num segundo, os dois estavam com os olhos brilhantes, o ar excitado, à idéia das maldades ou brincadeiras estúpidas a se dizerem sobre o próximo. Estavam tão divertidos de antemão que se esqueceram por duas horas do destino de Andreas.

— Venha comigo — dissera a Doriacci a Simon Béjard, que achava singularmente reanimado essa manhã, e quase elegante em seus *jeans* e seu casaco largo demais. Via-se bem que essa manhã a jovem Olga não cuidara de seu vestuário; e que também não tivera tempo de lançar àquele pobre rapaz uma ou duas frases desagradáveis, frases de que ele procuraria se livrar durante todo o dia, conseguindo-o mas não sem um esforço tão visível, que dava pena de ver. A Doriacci chegara a pensar na última noite em

subornar o bravo Simon e confiar-lhe o papel principal no plano que tinha em mente, e não, como agora, o de testemunha. Mas isso era muito complicado e sobretudo não pareceria verossímil a Andreas. Disparou na direção do bar e sentou-se tranqüilamente ao balcão, onde se apoiou para refazer sua maquilagem sem economizar batom e rímel. Tinha olheiras, o que lhe dava um ar frágil inesperado, "quase desejável", pensou Simon Béjard, esquecendo por um instante sua preferência pelas jovens em flor.

— Você quer me levar a beber tão cedo? — perguntou, sentando-se ao lado dela.

— Exatamente. Gilbert, dê-me dois martinis secos, por favor — disse, dirigindo seu sorriso deslumbrante e um piscar de olhos bastante acentuado ao *barman* louro, que estremeceu de prazer, piscadela que lhe foi confirmada quando pousou o copo diante dela e a Doriacci pousou por um segundo sua mão cheia de anéis sobre a dele, chamando-o de "meu anjo".

— Eu queria lhe pedir uma coisa, sr. Béjard, além de se embebedar horripelantemente comigo mal o sol se levantou. Por que você não leva meu protegido para o cinema? Ele tem físico para isso, não?

— Mas já pensei nisso — disse Simon, esfregando as mãos com expressão finória —, mas já pensei nisso, imagine. Logo que chegarmos a Paris pretendo levá-lo para fazer um teste. Temos falta, na França, de galãs dessa classe que não tenham cara de cabeleiros nem de gângsteres históricos. Estou bem de acordo com sua opinião. Estou perfeitamente de acordo — insistiu, sem prestar atenção a sua frase, o que fez rir a Doriacci.

— Que opinião? — perguntou ela engolindo de um trago o coquetel, "aliás, terrivelmente forte", pensou Simon.

— Qual você acha que é a minha opinião?

— Pois é. . . — disse Simon, enrubescendo de repente.

— Eu queria dizer que ele também servia muito bem para o cinema.

— Por que "também"? — repetiu ela, com ar sério.

— Para o cinema também.

— Mas o que é esse "também"?

— Ah, estou me enrolando. . . Enfim, querida Doria, não me atormente, eu lhe digo que farei tudo o que queira por esse rapaz.

— Posso contar com o senhor, sr. Béjard? Ou está dizendo isso para consertar a sua gafe?

— Estou lhe falando seriamente. Vou me ocupar dele e de sua subsistência.

— E do moral também? Acho esse rapaz muito jovem para ter desgostos amorosos. Você me promete não rir do seu desgosto?

— Não precisaria fazer muito esforço — disse Simon sorrindo. Levantou os olhos e, encontrando o olhar mineral e encarvoadado diante dele, viu-o ternamente pousado sobre si e ficou comovido.

— Você sabe. . . — começou.

Mas a Doria pôs a mão sobre a boca de Simon vigorosamente, o que o fez morder a língua e abandonar a fantasia.

— Sim, eu sei — disse ela —, e pensei nisso também, pode imaginar.

— Mas então? Não há obstáculos — disse Simon despreocupadamente.

— Pare — respondeu a Doriacci nervosamente. — Tinha pensado em você para convencer Andreas da minha infidelidade e até da minha perversidade em coisas do amor. E depois pensei que não funcionaria, ele jamais acreditaria.

— Por minha ou por sua causa? — perguntou Simon.

— Minha, naturalmente. Eu gosto de carne fresca, muito fresca, você sabe, não? Você lê os jornais, não é verdade?

— Eu leio mas não acredito, exceto quando me convém.

— Pois é, mas desta vez eles têm razão. Acho que Gilbert seria mais verossímil.

— E como é que você quer fazer Andreas acreditar? E por quê, aliás?

— A ordem de suas perguntas está errada — explicou severamente.

— Quero que ele acredite nisso para não pensar mais em mim durante semanas e não se convencer de que o espero em Nova York. Quero que acredite para que fique tranqüilo, e eu também. E, uma única vez, acredito que mais por ele do que por mim. Quanto a saber como poderei fazê-lo acreditar, só há um meio de provar um adultério, meu caro Simon, é preciso fazê-lo diante dele. Essa a razão pela qual lhe ficaria grata se você concordasse comigo na necessidade dessa encenação, e enviasse Andreas, por volta das três horas, sob um pretexto fútil, até minha cabina, onde estarei, mas não só.

— Mas... — disse Simon, chateado. — Eu não gostaria de fazer esse papel... .

— Reflita — disse a Doriacci, de repente, com ar cansado —, e beba um outro martíni, ou dois, ou três, à minha saúde. Não terei tempo de bebê-los com você, infelizmente; tenho coisas a resolver aqui — terminou, batendo com o anel na borda niquelada do bar.

E Simon, com uma reverência e uma frase confusa, virou-se nos calcanhares, deixando a Doriacci face a face com Gilbert e seus cabelos louros.

Via da porta do bar Edma Bautet-Lebrêche lindamente vestida de azul e branco, jogando alguma coisa por cima da amurada com gesto amplo e fervoroso de um semeador, inesperado nela... . Simon estava intrigado: as gaiotas não voavam tão baixo... . Mas o *barman* louro pôs fim à sua perplexidade, informando-o da existência de delfins que seguiam o navio. Em circunstâncias mais comuns, Simon teria se levantado e corrido até a amurada, imaginaria imediatamente um filme em que os delfins tivessem um papel e

Olga, outro. Mas agora que fora bem-sucedido, já não podia se permitir esse amadorismo. Não tinha desculpas para perder, pois já tinha ganho. E sua natureza de produtor, despertando apesar de tudo, levou-o a pensar com alguma satisfação que essa briga e esse cansaço que sentia em relação a Olga iam lhe permitir na volta escolher para seu filme a pequena Melchior, que era encantadora e que, sem lhes falar de Einstein ou de Wagner, ainda assim seduzia os homens de qualquer idade na França; até mesmo as mulheres ela enternecia, sentimento que Olga jamais provocara, e, era preciso dizer, em sexo algum. Dispensando Olga, poderia contratar Constantin, a quem renunciara para não desagradar à jovem, que o detestava. Assim, asseguraria um cartaz brilhante para os distribuidores, suscetível até de agradar em Nova York. Em nenhum instante se perguntou como o anunciaria a Olga: ele a amara demais, cruelmente demais para conservar na ruptura qualquer mansuetude. Não se tratava de se vingar deliberadamente; seu próprio coração, esgotado por esses choques, já não podia imaginar um desgosto exterior a ele próprio. Um desgosto diferente do seu.

Saiu da sala de jantar e acendeu um cigarro no convés. Ficou ali, ao sol, com uma das mãos nos bolsos de sua velha calça. Tinha um sentimento de autonomia e de bem-estar que não experimentava há muito tempo.

O navio era encantador, decididamente, e era preciso reconhecer que Olga, sem o saber, fizera uma boa escolha. Gostava bastante de Edma; ela ia lhe fazer falta como um colega de escola, como o amigo que não tivera nestes últimos anos. Alimentava seus delfins ao longe, ou tentava fazê-lo com seus gestos extravagantes, sua voz penetrante e autoritária, que ele achava agora sedutora. Chegando perto dela, pôs-lhe a mão sobre os ombros afetuosamente e, após um ligeiro sobressalto, Edma Bautet-Lebrêche pareceu apreciar

aquilo, e até apoiou-se naquele ombro, rindo ao lhe mostrar os delfins, como se eles fossem sua propriedade particular. Instintivamente, aliás, apropriava-se de tudo: de pessoas, navios, paisagens, músicas, observou Simon, e, agora, dos delfins.

— Vou sentir sua falta — disse com voz ríspida. — Vou ficar com saudades suas, acho, bela Edma. . . e, depois, a gente não poderá se rever nunca em Paris. Deve haver uma grande muralha da China de açúcar-cande em torno de nós em Paris, não?

— Mas de modo algum! — disse Edma, contorcendo-se (um pouco surpresa com essas mudanças na personalidade de Simon: passara do papel de vítima, portanto assexuado, para o de macho solitário e caçador, "que lhe ficava muito melhor, sem dúvida", pensou ela contemplando aqueles belos olhos azuis, o físico adequado, e a pele um pouco vermelha sob os cabelos ainda fortes, sadios, embora excessivamente vermelhos). — Mas naturalmente que sim... Nós vamos nos ver neste inverno. Você é que estará sobrecarregado, meu caro Simon, com seu filme e os prováveis aborrecimentos com a Lamouroux, o-u-x, em cena.

— Acho que afinal não poderei utilizar os serviços da srta. Lamouroux, o-u-x — disse Simon com voz calma, evitando qualquer comentário desagradável. — De qualquer modo, vivo só, você sabe, em Paris e em todos os lugares.

— Ah, então. . . Eram as suas férias este cruzeiro — disse, rindo (como se essa palavra, "férias", fosse ridícula no caso, como efetivamente o era, se é que se podiam chamar de férias dez dias de desgostos sentimentais).

Simon curvava a cabeça sob uma lembrança penosa: a de Olga em seu beliche, contando-lhe com detalhes a noite em Capri. Sacudiu-se e sentiu o perfume de Edma, um perfume sofisticado e delicioso que também lhe ia fazer falta, dava-se conta naquele momento. Esse perfume o teria ninado, ao que parecia, toda a viagem, pois Edma

servia-se dele generosamente e deambulava por toda parte do navio sem cessar, do porão ao último convés, deixando seus eflúvios no seu rastro, como bandeiras. Simon apertou-lhe o braço. Edma, surpresa, levantou os olhos para ele, e, para sua estupefação, o produtor vulgar e ignorante da existência de Darius Milhaud beijou-a na boca rapidamente, mas com entusiasmo.

— Mas o que é que está fazendo? . . . Perdeu a cabeça? . . . — ouviu-se gemer como uma mocinha.

E os dois ficaram perplexos por um segundo, olhando-se antes de caírem na gargalhada, um e outro, retomando ainda rindo o clássico passeio em torno do tombadilho, de braços dados. "Sim", pensava Edma, alongando as passadas, "eles se veriam às escondidas. . . Sim, teriam uma ligação platônica ou não, que importava!" Como lhe dissera, ele ia sentir sua falta, ela ia fazer falta àquele homenzinho que achara tão feio e vulgar e que, agora, achava tão encantador, e que também sentia necessidade dela, como estava lhe dizendo naquele mesmo momento, com ar zombeteiro mas terno.

— Eu talvez conseguisse aprender boas maneiras, se você me desse aulas todas as semanas em Paris. . . não acha? Isso me daria muito. . . muito prazer, se você tivesse tempo de me instruir.

E Edma, com os olhos brilhantes e uma alegria idiota, concordou vigorosamente com a cabeça.

Foi portanto de bom humor que Simon voltou para sua cabina ali pelas onze da manhã, pensando encontrá-la vazia, como de hábito, pois Olga teria saído para jogar tênis ou gamão com Eric Lethuillier. Ficou mais decepcionado que surpreso, encontrando-a na cama num roupão de banho demasiado curto, enrolada, com as pernas dobradas, graciosamente enlanguescida em seu travesseiro, com um livro na mão e os olhos maquilados. "Ora! Ela pensou afinal em seu filme", refletiu uma pessoa cínica que fazia a lei em Simon desde a véspera e que pensava por ele. "É do meu interesse só lhe

dizer as coisas depois de Cannes. Uma série de cenas nesta cabina seria infernal." E quando Olga lhe sorriu com um sorriso ligeiramente ansioso, como lhe pareceu, Simon forçou-se para lhe retribuir com outro muito cordial. E essa amabilidade nova, evidentemente forçada, acabou por preocupar Olga. Desde as nove horas da manhã, quando despertara sozinha, ao lado de uma cama nem mesmo desfeita, repetia-se os últimos acontecimentos e se preocupava com seus numerosos excessos de linguagem e gestos, que ela própria achava difícil qualificar como injúrias. O que a teria levado a fazer aquilo? E por uma vez, ao invés de esboçar um relato lírico, visando suas colegas, sobre seus caprichos romanescos, Olga guardou seus discursos para si mesma. Tratava-se bem de Fernanda e Micheline agora. . . ou, mais exatamente, seria um relato menos agradável se fosse a única coisa que tivesse que fazer durante todo o dia. E o próprio relato não teria sal, pressentia, junto ao seu auditório, se fosse um relato de uma *starlet* desempregada. Era preciso reconquistar Simon, e ela pensava, graças a Deus, ser perfeitamente capaz disso. De um só golpe, o que ela chamava de repugnantes apetites de Simon tornavam-se bem-vindos; por meio deles, talvez reencontrasse seu lugar e seu poder. Quanto à gentileza servil do mesmo Simon, que tanto deplorara, não estava descontente, hoje, com sua existência, que impediria Simon, pensou Olga, de descartá-la como uma velha mala. Por essa razão, quando ele entrou, ela subiu discretamente o roupão até a coxa, com um gesto rápido que ele viu no espelho ao se virar e que lhe inspirou uma resposta grosseira que teve dificuldade em conter.

— Aonde é que você foi? — disse ela. — Fiquei com medo quando acordei. . . Vi-me perdida nesse navio, sozinha com esses estranhos, fora de casa, com essa gente que afinal me irrita. . . Oh, meu querido Simon, na próxima vez partiremos os dois sozinhos, está bem? Alugaremos um barco pequeno com apenas um sujeito para

guiá-lo, pararemos nos botecos ao acaso, sem música clássica, sem panoramas, apenas um boteco, como você gosta. . .

— É uma idéia muito boa — disse Simon com voz comedida. (Procurava rapidamente uma roupa para se trocar.) — Mas, pessoalmente, achei muito bom este cruzeiro, sabe?

— Não se chateou demais com esses esnobes?

— Achei-os encantadores — disse Simon, após enfiar a cabeça numa camiseta limpa. — Muito gentis mesmo.

— Ainda assim. . . você é um pouco indulgente!. . . Não, acredite-me, se alguém de fora visse você, Simon, tão autêntico, na companhia desses fantoches careteiros! Posso lhe garantir que não combina. É mesmo engraçado desse ponto de vista — acrescentou, com um risinho ainda divertido, mas que ressoou lugubramente.

Aquele riso só soava falso por acaso, e poderia continuar assim. Mas Simon pigarreou de maneira tão evidente que ela interrompeu a frase, e ele puxou a camiseta com energia, sabendo um e outro que essa distância entre o riso e as palavras que o tinham precedido não lhes podia escapar, honestamente, sabendo ambos que aquele riso acabava de quebrar a frágil chance que tinham de descer como bons amigos a escada do *Narcissus*, ou pelo menos aparentemente como algo semelhante ao que eram ao subir. Olga puxou lentamente o roupão para as pernas, escondendo-as, enquanto seu instinto lhe dizia que já não era aquele o argumento válido, e Simon deixou a camiseta por fora da calça, sabendo que a fuga para o seu interior já não era possível. Sentaram-se cada um num beliche, com os olhos baixos, sem ousarem se olhar. E quando Simon declarou com voz morna: — E se bebêssemos alguma coisa? — Olga sacudiu a cabeça em sinal de assentimento, ela que, por causa da pele e da lucidez, nunca bebia antes das oito da noite.

A campainha do despertador estava surpreendentemente fraca, e aliás parou, ofegante, quando ele abriu os olhos. "Devia estar

tocando há algum tempo", pensou Armand Bautet-Lebrêche, que se surpreendia por não tê-la ouvido antes e se perguntava por quê, até o momento em que um camareiro lhe pousou o chá nos joelhos e se queixou de ter batido três vezes sem obter resposta. Pelo menos foi o que Armand pôde perceber dos sussurros incompreensíveis que lhe chegaram. Estava surdo. Mais uma vez, com um ligeiro resfriado, agravado pela contrariedade, Armand Bautet-Lebrêche fora atacado de surdez, o que lhe acontecia de cinco em cinco anos mais ou menos. Assoou-se energicamente, inclinou a cabeça à direita e à esquerda sem conseguir desobstruir os tímpanos, tão traumatizados quanto ele próprio, parecia-lhe, pelos incidentes inenarráveis da véspera. Poderia acreditar num pesadelo, se o cheque de Le-thuillier em sua mesa-de-cabeceira não lhe provasse o contrário. Edma dormia um sono de pedra ou já devia ter saído, o que foi verificar, antes de lembrar que ela lhe falara na véspera, como de uma festa, de seu desejo de passar o dia inteiro ao sol. O último sol do ano, como dizia lamentosamente, e como se ela não fosse se reencontrar com pederastas na Flórida e nas Bahamas, todos os anos, mal novembro se anunciava.

Vestiu-se com seus pequenos gestos metódicos e precisos, barbeou-se com o barbeador elétrico e, tendo verificado pela vigia se o navio ainda estava andando, suspeita que lhe dava o silêncio total das máquinas, partiu para o convés a fim de fazer seu passeio matinal, sem responder aos diversos bons-dias que lhe dirigiam. Tendo dado sua volta num mar sem voz, voltou para buscar seu talão de cheques e foi bater na porta de Julien Peyrat. Bateu várias vezes mesmo, esquecendo que Julien Peyrat ouvia os socos na porta. Julien atendeu-o e declarou alguma coisa totalmente incompreensível, mas que pareciam palavras de boas-vindas, às quais Armand Bautet-Lebrêche respondeu com um brusco cumprimento de cabeça.

— Que boa surpresa! O senhor é realmente a única pessoa que não visitou minha cabina e minha obra-prima. Será uma curiosidade tardia que o traz?

— Não, não, absolutamente. . . Na verdade, não tenho vontade de jogar tênis agora — disse Armand Bautet-Lebrêche ao acaso —, mas poderemos jogar hoje de tarde — continuou, com expressão benévola.

Julien Peyrat estava com um ar inquieto, até mesmo decepcionado. Talvez Lethuillier tivesse razão e aquele rapaz, falsário ou não, pretendesse vender o quadro a um trouxa. . . Mas Eric Lethuillier parecia muito sabido para esse papel. . . Armand Bautet-Lebrêche deu de ombros.

— Está vendendo esse quadro? — perguntou, designando a coisa pendente da parede da cabina. — Mas por quanto? Eu queria comprá-lo — concluiu secamente.

— Sua mulher está sabendo dessa compra? — disse Julien, que tinha um ar perplexo e menos contente do que supusera Eric Lethuillier.

"Afinal de contas, se esse quadro é bom", pensava Armand, "deve valer bem mais de duzentos e cinqüenta mil francos."

— Estou persuadido de que vale duas vezes o preço que você pede — disse ele à guisa de resposta. — Mas se você está disposto a vendê-lo, por que não a mim? — acrescentou, com um risinho satisfeito.

— Sua mulher está de acordo?

Julien vociferava agora. Estava vermelho e de cabelos eriçados. "Ele nada tem de *gentleman*", pensou Armand, recuando um passo diante daqueles dentes brancos que roçavam sua orelha.

— O quê? — disse por polidez e com um gesto de impaciência para seu ouvido, o que fez Julien urrar mais uma vez:

— Sua mulher! Sua mulher! — antes de renunciar definitivamente a ser honesto.

Afinal de contas, Armand parecia não estar se importando a mínima, e Armand Bautet-Lebrêche não precisaria um dia vender esse quadro para viver, acontecesse o que acontecesse. Tirou, portanto, da mala, blasfemando, os poucos certificados falsos, com exclusão de um último, que correspondia, aliás, a um outro Marquet, preciosamente conservado por Julien, esse verdadeiro. Colocou-os na mão de Armand, que os enfiou no bolso sem lhes lançar um olhar, com a desenvoltura de homem rico, pensou Julien. Edma lhe devia ter feito uma cena para que o comprasse, por gentileza a ele, Julien, e Armand só tinha uma pressa, a de acabar logo com aquele negócio.

— Quanto? — perguntou com sua voz pausada e os óculos brilhando ao sol.

Ao preencher o cheque, teve uma tal expressão que fez Julien estremecer. Com sua arma na mão, seu talão de cheques, Armand Bautet-Lebrêche tinha um ar feroz e brutal, até mesmo perigoso, sentimento que não inspirava durante as férias. O único perigo que representava era um tédio pútrido.

— Duzentos e cinqüenta mil francos! — gritou Julien uma ou duas vezes (e o cão, no entanto, situado a duas cabinas e que ele pensava morto, ou amordaçado, pôs-se a rosnar para ele).

Julien escreveu a quantia no papel e o mostrou a Armand e, com um breve obrigado, Armand enfiou-se pelo corredor com o quadro debaixo do braço. O negócio fora feito tão depressa e de maneira tão inesperada que Julien não teve tempo de dizer adeus ao fiacre, à mulher, à neve. E talvez tivesse sido melhor assim, pensou, com uma lágrima no olho direito, mas o olho esquerdo encantado, pois, graças a esse papelzinho verde deixado por Armand, poderia levar Clarisse para passar dias ao sol e noites em seus braços, logo no dia seguinte. Iriam ao Var, ou ao Taiti, ou à Suécia, à Lapônia, a qualquer lugar, tudo o que ela quisesse e que agora estava em

condições de lhe dar. O dinheiro não traz felicidade, não há dúvida, mas dá liberdade, constatou Julien mais uma vez.

Armand Bautet-Lebrêche, com o mesmo passo apressado, ainda sem poder ouvi-lo ressoar, atravessou o corredor acolchoado, bateu à porta de Lethuillier, entrou em seu quarto sem esperar um "Entre" que não ouvira, ele sabia, e viu Eric lhe dizer qualquer coisa, muitas coisas mesmo, com seu belo rosto animado de prazer, e, sem prestar atenção ao movimento dos lábios e das mãos agitadas, pousou o quadro no beliche vazio de Clarisse e tornou a sair sem palavra e sem ouvir nenhuma também. Armand Bautet-Lebrêche entrou em seu quarto, onde o silêncio lhe pareceu de uma qualidade ainda superior. O *Financial Times* chegara à caixa do correio. Instalou-se na cama completamente vestido e abriu o jornal na página em que esperava um artigo apaixonante sobre o desconto das ações petroleiras holandesas. A gentil Clarisse não tinha de que se queixar do marido, pensou no entanto. . . Edma não sabia o que dizia: não havia a menor discórdia entre os Lethuillier.

Naquele momento, Julien ardia de impaciência por encontrar Clarisse e lhe dar a notícia. Também não devia mostrar demasiado entusiasmo. Fizera bastante o papel do janota, tinha se pavoneado demais diante de Clarisse para estar exibindo agora esse fato como um triunfo, e falar desses vinte e cinco milhões como se fossem uma bagatela. Foi com ar desligado que acendeu o cigarro com seu isqueiro de baquelita, que punha tudo a perder, descobriu subitamente com vontade de rir.

— Sabe, acho que finalmente consegui arrumar nossa viagem ao inverso! . . .

Essa viagem ao inverso era o título que tinham escolhido para sua escapada, uma viagem que lhes faria sem dúvida tornar a atravessar o Mediterrâneo e partir com o sol de outubro para um país longínquo, como se o cruzeiro musical fosse apenas um treino,

"como se", pensou ele, "esse navio, esses *barmen* louros, esses mundanos, essa gente rica, como se toda essa música divina, todas essas notas fosforescentes lançadas do convés, de noite, nesse mar onde pareciam flutuar um instante antes de desaparecer, como se essas paisagens, esses odores, esses beijos roubados, esse temor de perder o que ainda não tinham ganho", como se toda essa viagem tivesse sido concebida e executada por Julien como o cenário personalizado de seu encontro. E Julien, que detestava Richard Strauss, cantarolava agora, sem poder parar, as cinco notas de *Burlesque*, cinco notas triunfantes e ternas, como ele tinha a impressão de se ter tornado agora, pelo menos quando Clarisse olhava para ele. "Você está maluco", pensava, interpelando-se febrilmente, "você foi um louco por ter se metido nisso. Quando não tiver mais um vintém, irá sem dúvida trapacear em algum lugar deixando Clarisse à sua espera, sozinha no quarto de um hotel de luxo ou de uma pensão local, conforme suas últimas perdas." Ela não suportaria, mesmo que ele fosse feliz com ela e lhe mostrasse isso. Porque instintivamente sabia que, mais do que ser feliz, Clarisse sonhava ter alguém que fosse feliz por causa dela e que esse alguém lhe dissesse isso sem cessar e sem nuances.

— Como foi que você fez? — perguntou Clarisse, sentada ao lado dele numa cadeira banhada de sol (cuja lona, vermelho-viva antes do verão, tornara-se de um rosa-aquarela um pouco *kitsch*, que destoava, ao ar livre, de tanta espuma, sol, maios encharcados). — Como foi que você fez? — repetiu. — Conte-me tudo, Julien. Adoro ouvir você contar suas histórias profissionais com esse ar de quem está sofrendo ainda com certas lembranças. . . com esse ar melancólico de alguém em quem o trabalho fez um milagre: Julien Peyrat, depois de ter trabalhado como um louco durante dezoito meses, entrega-se de novo ao trabalho. . . dez anos depois. . . E pôs-se a rir sem querer diante da expressão indignada do amante.

— Seriamente — recomeçou com vivacidade, erguendo os ombros como se rejeitasse por si mesma sua frase divertida para o cesto das tolices —, falando sério, são freqüentes para você essas entradas súbitas de milhões?

Julien arqueava o torso, ou tentava fazê-lo, o que era difícil sentado numa cadeira de lona, como observou com irritação.

— Não vejo em que isso possa espantá-la, em que poderia lhe parecer equívoco — disse de mau humor.

— Mas não — falou Clarisse, retomando seu ar sério de repente.

E se Julien se zangasse, se ficasse de mal com ela, se não a tomasse mais nos braços com palavras de amor. . . Contemplava seu rosto zangado e fechado, via a esperança de uma vida feliz com ele diminuir rapidamente. E seu rosto refletiu uma tal desolação, um tal descontrole, que Julien instintivamente segurou-a contra si e cobriu seus cabelos de beijos intermináveis e quase brutais na sua cólera contra si próprio.

— E o quadro?... — recomeçou ela, um pouco depois, quando o medo de perder o amor dele já não lhe apertava a garganta. — O que você vai fazer dele? — acrescentou, erguendo o rosto e cobrindo-o por sua vez de beijos lentos e carinhosos, as têmporas, o canto da boca, a pele picante das bochechas, o ângulo do maxilar que vira cerrar-se por um minuto. De tempos em tempos, abandonando aquele perfil, desligava-se, com os olhos sempre fechados, e com um movimento doce e carinhoso, precavido, passava a cabeça sob o queixo de Julien, escondendo-lhe e restituindo-lhe o sol com seu cabelo sedoso e ruivo como uma cortina, e tocava o outro lado do rosto abandonado até ali, que ele consolava com sua doçura ávida.

— Você me faz ficar doente — disse Julien com voz rouca, quase ameaçadora, e desembaraçou-se dos braços dela com um gesto suplicante.

Armand Bautet-Lebrêche, que não ouvira o que eles falavam, naturalmente deu meia-volta, vendo-os absorvidos um no outro, projetando-se naquele céu claro como uma bela imagem. Penetrou com passo firme no círculo dourado que vogava em torno deles e, lançando-lhes um olhar de passagem, tão pouco surpreso quanto possível, ao que parecia, de os ver nos braços um do outro, gritou-lhes: — Muito obrigado! Não tem perigo, estou de boné — antes de desaparecer no corredor dos marinheiros.

— Você tem certeza de que não vendeu o quadro? — perguntou Clarisse pouco depois (quando o riso e suas conjeturas sobre o comportamento de Armand lhes permitiram recuperar o fôlego). — Você tem certeza de que ainda o tem?

— Mas se estou lhe dizendo — começou Julien —, se estou lhe dizendo que o vendi, ora — acrescentou de repente, oferecendo-lhe um rosto risonho, penalizado, conquistador, um rosto tão perfeitamente masculino, tão perfeitamente infantil também, que em vez de ouvir sua frase, limitou-se a chamá-lo de "mentiroso" e olhá-lo dos pés à cabeça e da cabeça aos pés como um negociante de cavalos olhando o que acabou de comprar, ao mesmo tempo sério e encantado com o negócio feito.

— Beije-me mais uma vez — pediu Julien, com voz lamentosa, com as costas na amurada e os olhos semicerrados contra o sol, perfeitamente beatificado de bem-estar e, principalmente, de alívio; um sentimento cuja origem não conhecia, mas ainda assim, um alívio, que fez daquela manhã um marco em sua memória sentimental, um desses momentos semelhantes àqueles em que o sol, a mão de Clarisse em seu pescoço, a luz ardente sob suas pálpebras em manchas vermelhas, o ligeiro tremor do corpo extenuado do prazer insaciado há vinte e quatro horas, mas que ainda fremia à lembrança, mais longínqua, mais violenta também dos prazeres sentidos, marcavam para sempre sua memória. Julien

presentia aquele momento, dizendo a si mesmo que se lembraria dele toda a sua vida, como um desses instantes raros, aliás, em que Julien, o ser humano mortal, amara e aceitara a idéia de sua morte, concluindo sua vida de súbito sublime. Houve um momento em que achou o destino dos homens e o seu mais do que aceitável: perfeitamente desejável. Pestanejou, entorpecido como um gato, e, levantando o olhar, viu os olhos de Clarisse pousados em seu rosto, olhos com uma luz, uma ternura insuportáveis, quase um olhar entregue, azul-pálido, um olhar brilhante e líquido que o refletia por inteiro e só pensava em refleti-lo sempre, até o fim dos mais longos cruzeiros.

A costa francesa apareceu ao longe, por volta do meio da tarde, provocando uma reunião geral junto às redes da amurada, que nem as estátuas, nem os templos, nem as escalas de toda a viagem tinham suscitado. Embora sensivelmente semelhante à costa espanhola e à italiana, pelo menos a essa distância, sua visão foi saudada por um silêncio admirativo e recolhido entre os mais chauvinistas dos passageiros franceses, pelo menos. Para Clarisse e Julien, essa costa seria o lugar em que poderiam, se não amar, sobretudo beijar-se sem ter de se esconder pelos cantos, o desejo insaciado tornando pueris e primárias, aparentemente, suas aspirações mais essenciais. Edma, por sua vez, queria suas companheiras do Ritz e dos coquetéis, Armand, seus números, a Diva e Hans Helmut, palcos, orquestras, aclamações, e Eric, sua equipe. Simon Béjard, o trabalho e o respeito de seus pares do Fouquet. Olga, seu público, e Andreas, não se saberia o quê. Charley iria reencontrar os "rapazes", entre os quais contaria com Andreas, indo talvez um pouco mais longe do que a realidade lhe permitia; e Ellédocq, o capitão Ellédocq reencontraria a sra. Ellédocq, a quem prevenira de sua chegada já por duas vezes (tendo tido o dissabor, das raras vezes em que deixara de avisar, de

encontrar o carteiro ou o padeiro no leito conjugal, dois sólidos rapagões que o haviam levado a reconhecer bem depressa que sua única amante era o mar).

— Jantamos à vista de Cannes esta noite — disse Edma Bautet-Lebrêche. — A partida é livre; pode ser esta noite depois do concerto, amanhã durante o dia. . . O que você pensa fazer, Julien?

— Não sei — respondeu Julien, levantando os ombros. — Vai depender. . . do tempo — acrescentou, depois de lançar um olhar a Clarisse, imóvel ao longe em sua cadeira, com a cabeça para trás, deixando ver o belo pescoço e os olhos semicerrados, a bela boca de súbito triste.

E não conseguia acreditar na idéia de ser ele o amado, aquele que ia ser o possuidor de tudo aquilo, por noites e dias, o proprietário, sentimentalmente falando, dessa cabeleira ruiva, desse rosto de maçãs salientes, um rosto tão belo e tão triste, com os grandes olhos azul-cinzentos pousados nele com expressão amorosa. Era sorte demais, prazer demais, felicidade demais, ingenuidade demais, de um lado e do outro. O olhar que dirigia a Clarisse acordou reminiscências em Edma Bautet-Lebrêche. Quem a olhara assim naqueles últimos anos? E desde quando não suscitava mais aquele olhar? Um rosto maravilhado e ciumento de amor? Certamente isso não acontecera mais, não nos últimos tempos. Ah, sim! Edma Bautet-Lebrêche enrubesceu, lembrando-se de repente que era o olhar de Simon que o olhar de Julien lhe lembrava. "Que loucura!", disse consigo mesma, sorrindo involuntariamente, "que loucura! Eu e esse produtor rastaqüera e ruivo ainda por cima." Fora realmente preciso o olhar de Julien para perceber o que o outro olhar continha. Edma dirigiu-se de repente, com sua voz baixa, ao *Financial Times* aberto ao lado dela:

— Armand, estamos velhos? — Foram precisos dois ou três apelos desesperados desse gênero para provocar a queda do jornal e dos

óculos de Armand Bautet-Lebrêche, esses ingratos que abandonavam o nariz que os carregava, que se desligavam talvez por causa do tédio e da monotonia daquilo que lhe era dado ver: números e mais números.

— O que você vai fazer com esse dinheiro todo? — perguntou com nova ironia e, mesmo antes que Armand pudesse lhe responder, acrescentou: — É ridículo. . . O que você vai fazer com todos esses dólares quando estivermos mortos?

Armand Bautet-Lebrêche, quase curado de sua surdez provisória, contemplou sua mulher tanto com desconfiança quanto com indignação. Realmente, não era próprio de Edma caçoar do dinheiro com essa desenvoltura. Guardara durante muito tempo, de sua infância de dificuldades, um respeito instintivo e admirativo pelo dinheiro sob todas as suas formas. Armand também não gostava muito de sarcasmos a esse respeito.

— Você quer me repetir a primeira pergunta? — perguntou secamente. — A segunda parece-me um pouco desinteressante. . . Então?

— A primeira pergunta? — disse Edma como que perdida e rindo do ar indignado do marido. — Ah! sim, sim: eu perguntei se nós ainda éramos jovens.

— Certamente que não — disse Armand pausadamente —, certamente que não. E me felicito quando vejo esses moleques ladrões e incompetentes que, supõe-se, nos substituirão à frente dos negócios ou do governo; digo a mim mesmo que não irão muito longe. . .

— Responda à minha pergunta — insistiu dessa vez com voz cansada: — nós somos velhos, você e eu? Envelhecemos desde aquele dia em Saint-Honoré d'Eylau em que nos unimos para o melhor e para o pior? . . .

Armand lançou-lhe um olhar subitamente desperto, tossiu, e sua pergunta saiu involuntariamente, ao que parecia:

— Você se arrepende?

— Eu? — disse Edma, caindo na gargalhada. — Eu? Claro que não, Armand, meu Ermy, meu Lebrêche, eu, arrepender-me da vida deliciosa que me deu? . . . Só se estivesse louca ou neurótica para não ter tomado gosto por essa vida. . . Não, foi encantador, perfeitamente encantador, eu lhe asseguro. O que poderia ter me faltado a seu lado?

— Muitas vezes eu não estava presente — disse Armand, tossindo ligeiramente, ainda com os olhos baixos.

— Mas, justamente, era essa maneira de viver que era genial — disse Edma sem a menor hipocrisia. — É a coabitação obrigatória que torna os casais frágeis. Vendo-se pouco, ou não muito, pode-se ficar casada durante anos: a prova...

— Você não se sente só de tempos em tempos? — perguntou Armand com voz quase inquieta, o que imediatamente lançou Edma na angústia.

Armand deveria estar doente, gravemente doente, para se interessar por outra coisa que não fosse ele próprio, refletia ela, mas sem qualquer animosidade. Inclinou-se para ele.

— Está se sentindo bem, Armand? Não apanhou sol demais? Ou bebeu demais desse excelente porto? Preciso perguntar a Charley de onde vem esse porto. Não somente é bom, como embriaga a uma velocidade fantástica. . . Mas o que era mesmo que você me perguntava, meu querido marido? Já não me lembro.

— Eu também não — disse Armand Bautet-Lebrêche levantando seu estandarte à altura dos olhos e murmurando, aliviado, que escapara por pouco.

Hans Helmut Kreuze, de pé no centro da cabina, vestido de terno preto de grande cerimônia, em vez do *smoking* habitual, olhava-se no espelho com satisfação misturada a ligeira dúvida. Não conseguia compreender por que a Doriacci não caíra em seus braços, assegurando-lhe assim um cruzeiro ainda mais agradável. Pois, afinal, à parte o mau humor do capitão contra o pobre Fuschia, a viagem fora deliciosa. Mas jamais, jamais mesmo, tornaria a tocar em concertos de que participasse a Doriacci. . . Queixara-se dela amargamente aos seus alunos, confessara entre homens seu adultério em Berlim, e eles ficaram tão escandalizados quanto ele com o comportamento da Doriacci. Chegaram mesmo a sugerir, respeitosamente, pelo menos era assim que Hans Helmut Kreuze compreendia o termo "sugestão" quando dirigido a ele, que denunciasse seu caráter odioso aos diretores das salas da Europa e da América. Sem dúvida, podia lançar mil nuvens no céu azul e triunfante que era a carreira da Doriacci, mas temia que, se por acaso ela descobrisse seu cheiro e sua origem, não hesitasse em revelar ao mundo da música aquela noite de orgia e até mesmo o motivo de suas palavras amargas. Naquela noite ele devia tocar Faure e ela, cantar Brahms e Bellini, mas só Deus sabia o que ela escolheria no lugar. . . Sim, reconhecia fracamente, é verdade, gostaria de recuperar o lugar na cama da Doriacci. Naturalmente a experiência de Hans Helmut Kreuze era escassa, e sua amante mais paciente fora sua mulher, mas parecia-lhe ver nas trevas de sua memória o vislumbre da cintilação branca de um ombro na noite, um riso vermelho e branco sob a brancura natural dos dentes jovens e brilhantes, olhos e cabelos negros e principalmente uma voz rouca dizendo em italiano coisas escandalosas e intraduzíveis, quando não incompreensíveis. Embora se envergonhasse de pensar nisso, alguém, um anjo mau ou provocador, deixou-lhe a convicção muito íntima e muito secreta, apenas confessável a si próprio, de que através desses dias e noites cinzentos, de um cinza que

atualmente cobria até mesmo as maiores aclamações, através desses anos de trabalho, recitais, triunfos, esses anos cinzentos, só a noite de Berlim de trinta anos atrás tinha um ar colorido, embora se tivesse passado na escuridão de uma noite de hotel.

— Nunca se deixem agarrar pelas sensações, nem pela libertinagem — disse doutamente, voltando-se para seus dois velhos discípulos, instalados em seu salão e que de *shorts*, meias e sandálias, pareciam caídos de um planeta proibido a essas tentações, chegando mesmo a tornar inúteis, à primeira vista, as recomendações do seu bom mestre.

— Vamos — disse Kreuze a si mesmo —, sempre haverá corações puros para tocar a boa música.

A Doriacci, numa desordem espantosa que ela pisoteava, olhava dois camareiros esgotados fecharem-lhe as malas. Tinham conseguido, um e outro, sem mostrar o menor sinal de espanto, embalar meias de homem, um calção, dois colarinhos, uma gravata-borboleta. E ambos felicitavam-se imediatamente de provarem mais uma vez, sua descrição, aliás proverbial, mas de cada vez a Doriacci lhes arrancava das mãos esses atributos masculinos e os punha de lado na cama, dizendo, com a indignação mais natural e sem a menor vergonha:

— Larguem isso, ora, não estão vendo que não me pertencem? — revoltada, ao que parecia, de que quisessem roubar, mesmo que fosse em seu proveito, o guarda-roupa lá não muito brilhante do seu amante. Convocou então Andreas, devolveu-lhe seus bens, sem parecer notar a indiferença total do rapaz por essa restituição. Estava pálido, nem ficara um pouco mais bronzeado durante o cruzeiro, e evidentemente estava infeliz. A Diva sentia grande ternura e pena dele! Mas não amor, e era disso que ele precisava, infelizmente!

— Meu querido — dizia em torno dele, passando por cima de vestidos, leques e partituras e finalmente levando-o para o quarto ao lado, aliás, igualmente atravancado, onde fechou a porta na cara dos dois camareiros. — Meu querido, você não deve ficar com essa cara, ora. . . É bonito, muito bonito, inteligente, sensível, mas isto vai passar, você é bom e vai fazer uma carreira triunfal, eu garanto. Sinceramente, meu amor — acrescentou, com um pouco mais de vivacidade (porque ele continuava imóvel, com os braços pendentes, como se estivesse no máximo do tédio). — Meu querido — continuava ela, ainda assim —, asseguro-lhe que, se tivesse podido amar alguém nestes últimos dez anos, seria você. Vou lhe enviar cartões-postais de toda parte, e quando eu vier a Paris almoçaremos juntos e enganaremos sua amante num quarto de hotel, de tarde. O que, em Paris, é sempre delicioso fazer sem que ninguém saiba, principalmente. . . Você não acredita? — perguntou com a voz um pouco irritada, apenas irritada, e ele sobressal-tou-se temerosamente.

— Sim, acredito — disse precipitadamente com ardor, até algo mais que ardor. Depois balbuciara desculpas inúteis enquanto ela o beijava na boca e o apertava contra si num movimento irreprimível de ternura antes de empurrá-lo para a porta e pô-lo do lado de fora, sem que ele fizesse um gesto de protesto.

"Espero não ter sido demasiado dura", dizia ela a si mesma com uma vaga sensação de remorso. E quando Charley veio lhe perguntar se vira Andreas descer do navio com os primeiros que saíram no barco a motor enviado de Cannes, ela não soube responder. Estava quase certa de que Andreas não suportaria aquela última noite e fugiria para terra firme a fim de continuar sua carreira. E o fato de ele ter deixado a bagagem provisoriamente indicava bem que fora um impulso impensado que o levara a deixar o *Narcissus*, a bordo do qual provavelmente um outro impulso o

traria de volta, sem dúvida, na manhã seguinte. Preferia, aliás, que assim fosse, porque cantar diante dele seria um suplício, ou pelo menos um constrangimento. Pois todas as palavras de amor em italiano (e que graças a Deus ele talvez não compreendesse), essas palavras que lançava, em obediência às partituras, a amantes trágicos, pareciam-lhe presentes que ela não lhe dera e com as quais ele poderia despertar, ao ouvi-las. Abriu sua agenda um pouco ao acaso e assobiou da maneira mais trivial e mais inesperada na Diva das Divas. "Em três dias estarei em Nova York, em dez dias em Los Angeles, em quinze em Roma e em vinte e cinco na Austrália, naquela Sydney de onde não provinha o encantador Julien Peyrat, estava certa. Ah! Nova York. Quem a esperaria em Nova York?. . . Ah! sim, o pequeno Roy. . . que já devia estar fervendo de impaciência e organizando de antemão nuvens de mentiras que lhe permitissem escapar de Dick, seu protetor, aquele homem tão rico, tão velho e tão chato." O rosto longínquo, malicioso e frio em geral, mas por vezes entregue ao riso, do jovem Roy apareceu-lhe de repente e ela se pôs a rir também, antecipadamente confiante.

Simon Béjard contemplava sem desejo aquele traseiro, se é que se podia chamar assim, naquele corpo tão delgado, o traseiro de Olga debruçado sobre a mala dele, Simon, que ela arrumava antes da sua, numa crise de servilismo que teria preferido menos tardia. Olhava aquela boquinha cerrada sobre dentes já cobertos por jaquetas, ouvia pronunciar lugares-comuns pomposos, ou tolices pesadas, ou sentimentalismos indecentes. Perguntava-se que homem absurdo poderia tê-lo substituído durante várias semanas, a ponto de persuadi-lo de que gostava disso: essa pretensão, esse egoísmo, essa dureza, essa tolice ambiciosa, que ela transpirava por todos os poros. Esforçava-se ao máximo, por um instante, para lhe responder amavelmente, e mesmo para simplesmente lhe responder. Ah! Tinha querido mocinhas em flor! Ah! Sonhara ser

pai, amante, irmão, guia dessa jovem pata intelectual e semifrígida e completamente artificial! Afinal, aquilo estava terminado. Voltando, iria procurar Margot, uma mulher da sua idade, que, ela sim, tinha um traseiro, grandes seios, riso largo, a Margot que o achava genial e que era mais inteligente do que muitas outras consideradas refinadas. Tinha sido uma sorte para ele ter convivido com Olga fora do círculo tão fechado do cinema, de nível às vezes tão pouco brilhante, que ela pudera lhe parecer superior, porque de fato o era. Tivera sorte de poder compará-la a duas mulheres realmente civilizadas, nos sentimentos e no vocabulário, em todo caso, de boas maneiras: Clarisse e Edma, uma imbatível na elegância do coração, a outra na elegância do vestuário e no campo social. A própria Doria tinha mais classe do que a pobre Olga. E Simon se perguntava ainda o que Eric teria achado de especial, além da possibilidade de fazer sofrer sua mulher, no que Simon, com seu bom caráter natural, não encontrava motivo suficiente. Para Simon, era o primeiro cruzeiro e sem dúvida o último, pelo menos por alguns anos. Sentiria saudades de Edma ainda assim, pensava, com o coração um pouco apertado, para sua grande surpresa. Poderia ser feliz com Edma, se ela não fosse tão chique e se não estivesse tão certo de envergonhá-la diante de seus amigos da Avenue Foch, cada vez que tivesse de apresentá-lo. Ainda assim, talvez ousasse vê-la às escondidas, discretamente, sozinhos, para poderem se divertir juntos, caçoar das mesmas coisas e saltar de um assunto para outro, rindo às gargalhadas como tinham feito durante dez dias. Riam exatamente das mesmas coisas, por mais diversa que tivesse sido sua educação, sua existência; e esse riso de colegial, Simon sabia agora, era um trunfo melhor para uma união, fosse qual fosse, entre um homem e uma mulher, que todos esses acordos erótico-psicológico-sentimentalóides de que os jornais estavam cheios.

Movido por um impulso súbito e esquecendo Olga debruçada sobre a mala dele, Simon pegou o telefone e pediu a cabine Bautet-Lebrêche. Nunca falara com ela por telefone, e aquela voz aguda causou-lhe de início má impressão.

— Edma. . . sou eu. Eu queria. . . — hesitou.

— Sim, sou eu, Edma — ela respondeu em voz alta. — Sim, sou eu. . . O que houve? Em que posso ajudá-lo?

Depois sua voz diminuiu, ela se calou, e ambos continuaram suspensos das duas pontas do fio, um pouco ofegantes e vagamente inquietos.

— Você estava dizendo?... — soou baixo a voz de Edma, como se sussurrasse.

— Eu estava dizendo a mim mesmo. . . Eu me dizia que talvez pudéssemos nos ver já nesta terça-feira. . . se você estiver livre — murmurava também Simon.

Tinha a testa banhada em suor, sem saber por quê. Houve um silêncio durante o qual ele quase desligou.

— Claro, naturalmente — disse enfim a voz de Edma, que parecia vir do além. — Sim, naturalmente. Eu acabei justamente de pôr meu número de telefone e meu endereço em sua caixa. . .

— Não. . . não. . .

E estourou numa risada com seu riso tonitruante, que fez Olga emergir da mala, furiosa mas impotente. O riso de Edma em resposta quase a fez arrancar o fone das mãos de Simon.

— Não — disse Simon, não. . . — É engraçado. . . — E acrescentou:

— É gozado. Nunca poderia marcar um encontro com você sem seu número de telefone. . .

— É gozado — aprovou Edma, utilizando esse adjetivo pela primeira vez em sua vida. E gozado: os dois tímidos — acrescentou, rindo mais forte.

E desligaram juntos, alegres e triunfantes.

Andreas esticara-se num convés deserto, na outra ponta do navio, onde se secava roupa, portanto fora da visão dos passageiros. Só um cozinheiro árabe o vira passar, talvez nem mesmo ele. Como se tivesse visto um marciano. Era estranho pensar nisso, todos aqueles indivíduos do navio, que não se conheciam, que jamais se conheceriam e que talvez, graças a uma mina perdida, morreriam todos de uma mesma morte. Andreas esticara-se na madeira dura, arriscando-se a estragar a calça de flanela branca, e, deitado de costas, olhava para o sol, com a cabeça pousada num rolo de cordas. Fumava cigarro após cigarro, cujo gosto lhe parecia cada vez mais ácido para a garganta sedenta, e a fumaça cada vez mais pálida, contra aquele céu tão azul que cheirava tão bem. Sentia um grande vazio na mente; em suma, mais precisamente, sua atividade cerebral limitava-se a uma ária de música descoberta na véspera, no bar, um disco de Fats Waller cujas notas pareciam brotar do piano, cair das teclas brancas e lisas, como também com grande dificuldade da clarineta, de suas profundezas abissais. Uma ária feliz, de fato. Uma ária de que não se lembrava, que nunca ouvira, mas da qual reconhecia ainda assim cada nota; uma ária que não podia vir de sua infância sem tocadiscos, nem da adolescência dedicada ao *rock*, nem do exército, naturalmente, nem de suas loucas amantes, quando começara a trabalhar com elas; aquelas quinquagenárias ou sexagenárias só pensavam no *jerk*, em rebolar diante dele com os cabelos soltos, levando as mãos para o alto, deixando ver assim as axilas empoadas sob o lamê. Lembrou-se de algumas dessas mecenas. Viu-as desfilar diante dele, umas e outras, em filas pouco densas, perguntando-se, sem amargura nem remorso, como fizera para suportá-las à mesa ou na cama. É que, naquela época, não se dava conta do que era compartilhar uma cama. Nesse campo ele jamais compartilhara qualquer coisa que fosse: dera, oferecera gestos e um corpo soberbo a pessoas que se tinham servido dele para usufruir um prazer de que não

participava, e cuja eclosão e subida ele contemplava com objetividade total, por vezes até com laivos de constrangimento. Mas até quando ocorria de ser ele a atingir seus fins, abandonando a parceira a seus fantasmas pessoais, nunca tivera a impressão de compartilhar qualquer coisa que fosse. Pelo contrário, durante essas ligações que, aos vinte anos, lhe deveriam sugerir o oposto, Andreas muitas vezes tivera a impressão de que o ato do amor o afastava para sempre daquela com quem o praticava.

Mas, de qualquer modo, esses rostos que tentava rejeitar voltavam-lhe, esses e outros semelhantes, em Nevers ou em outra parte. Mas em Nevers antes de em qualquer outro lugar, já que não tinha mais dinheiro e deveria esperar praticamente no café da estação que fossem vendidos os três lotes de terra que tinham sido adquiridos em três gerações pelos homens de sua família, aqueles mesmos que tinham morrido trabalhando, sem ter conhecido os prazeres da cidade, aqueles mesmos que Andreas surpreendia-se agora a invejar. . . Porque eles talvez tivessem morrido trabalhando, mas pelo menos tinham morrido acompanhados, chorados, bem tratados. E talvez o trabalho lhes tivesse parecido suportável, já que era ele que sustentava suas mulheres e crianças. Ele, por sua vez, sabia que só recolheria jóias, jóias de homem das quais jamais se desfaria, que nem mesmo poderia dar a alguém, por causa das iniciais gravadas em ouro. . . Voltaria à província, onde circularia de salão em salão, de cama em cama, com mulheres sem classe e sem animação, mulheres ociosas como ele, que não teriam o riso tonitruante, nem os maus modos, nem o vocabulário chulo, nem a pele doce e os olhos risonhos, nem a voz, naturalmente, da Doriacci. Ah, não!, realmente não tinha vontade de voltar a Nevers e passar de carro novamente por aquela casa que conhecia bem, cuja lembrança nem os palácios, nem as pousadas de estrada

tinham podido destruir. E agora, além<sup>1</sup> dessas lembranças, de todos esses quadros azuis e ternos da infância, seria preciso acrescentar outros de cores mais cruas e violentas, cujo perfume e raiz eram também os da felicidade.

Andreas levantou a cabeça involuntariamente, de sofrimento e de revolta. Sacudiu-se, tentou sentar-se para escapar a seus inimigos cruéis, mas escorregou e se deixou cair para trás, com os braços em cruz, entregue aos ataques conjugados de sua imaginação e de sua memória. "Mas estou só, meu Deus...", gemeu indistintamente para si mesmo e para o sol que lhe bronzeava a pele já dourada, essa mesma pele que deveria assegurar-lhe a subsistência e delimitar-lhe a vida.

Uma gaiivota volteava no céu com jeito de abutre, de ave de rapina. Não voava, deixava-se cair do céu ao mar. Tornava a subir na vertical, sem nada ter visto ou encontrado. Andreas seguia, com os olhos, com simpatia e camaradagem, essa alegoria da sua própria vida. Em alguns dias, teria que mergulhar, mais uma vez, em peixes mais firmes e mais rapaces do que os do mar. . . "Que farei?", disse bruscamente em voz alta, soerguendo-se, com os cotovelos apoiados atrás, no rolo de cordas. "Que farei?" Ia restituir o cheque a Clarisse, já que a Doriacci não queria que a seguisse, e, mesmo que o fizesse, isso de nada serviria: não só estava decidida a não amá-lo, como realmente não o amava. Talvez devesse partir para Paris; mas era a mesma coisa: com que dinheiro? Lá ele se deixaria apresentar à amiga da Doriacci e entraria no rebanho dessas senhoras; não se sentia com coragem para tanto. Mais precisamente, pensava que, se encontrasse de novo a Doriacci, um ano mais tarde, levando pelo braço uma dessas protetoras de luxo que ela própria lhe designara, morreria de vergonha e de arrependimento. Só lhe restava realmente Nevers. Decididamente. Nevers, onde suas aventuras já tinham provocado o riso de todas as

suas miseráveis relações, riso que agora, depois de desaparecidas suas três mulheres, já não traria qualquer mistura de ternura, uma vez que as proprietárias da palavra ternura tinham morrido sem lhe revelar onde estavam escondidos seus tesouros, sem lhe dizer onde tinham guardado a inesgotável ternura de que o tinham cercado toda a vida, sem mesmo preveni-lo de que a levariam com elas e sem avisá-lo que teria de viver sem ternura. E sem mesmo prever (como os animais selvagens que se domesticam) que seria atacado e comido cru pelos seus congêneres logo na primeira saída. Eram as duas vias que se ofereciam a Andreas: uma Nevers irônica ou uma Paris amarga (pondo de lado a Legião Estrangeira, já que ele detestava a violência).

E apoiado nas cordas, sob o céu azul, naquela manhã, ouviu os motores do *Narcissus* seguindo implacavelmente sua rota para terra, onde não era esperado por pessoa alguma. Depois de ruminar bem esse último fato e acender mais um cigarro, levantou-se e aproximou-se da amurada, no ponto em que uma porta de ferro mais baixa lhe permitia inclinar-se um pouco mais para o mar, o mar onde lançou o cigarro.

A ponta do cigarro boiou tranqüilamente nas ondas azuis e depois, engolida num grande torvelinho, desapareceu da vista de Andreas para o fundo, no ponto em que a água ficava negra. Talvez fosse essa mesma onda, pensava absurdamente, que contemplava junto com a Doriacci, no dia em que estava feliz, e feliz sem o saber. Ela estava perto dele, ria, acariciando-lhe o punho, com os dedos quentes insinuados sob a manga do casaco, e murmurava palavras italianas eróticas, e mesmo obscenas, garantia-lhe ela rindo. Devia ter sido leviano, espirituoso, fioso, sedutor. Talvez assim a tivesse conservado se. . . Se, o quê? Tentara ser tudo isso, fora tão leve, espirituoso e sedutor quanto podia ser. . . Não bastara. Nunca bastaria. Nunca bastaria. Poderia ser tudo o que ela quisesse na

vida, insistindo, aplicando-se, forçando-se a tudo, exceto a ser leviano. E ela sabia disso, pois não fora cólera ou desprezo que suas carências tinham provocado, mas sim indiferença. E esse mesmo mar, na sua doçura ausente, parecia-lhe o exemplo, o símbolo do que o esperava. Muitos homens deviam ter-se lamentado nas suas margens durante todos esses séculos, e deviam tê-lo aborrecido. O mar representava esse mundo exterior a ele, representava os outros, era belo, frio, indiferente.

E sua solidão passada e por vir, a inutilidade de sua vida, a ausência de força, resistência, realismo, sua necessidade desesperada e pueril de ser amado, tudo isso lhe pareceu de súbito duro demais, pesado demais. Tudo isso o levou a passar a perna direita por cima da porta e suspender-se nela. Ficou por um instante em equilíbrio precário, até o momento em que o sol, batendo-lhe na nuca, e a sua pele, regozijando-se com isso, fizeram com que tivesse a impressão do desperdício que era lançar ao mar aquela máquina tão bem constituída, aquele corpo de luxo, e ele se deixou cair. O *Narcissus* era mais alto, muito mais alto do que ele pensava, e muito mais rápido. Uma coisa fria, final, golpeou-o, enrolou-se em torno de seu torso antes de rodear-lhe o pescoço. Alguma coisa como um cabo, pensou num milésimo de segundo, ao qual ele poderia se agarrar. E Andreas morreu pensando que estava salvo.

Por uma vez encantado com a ausência de Clarisse, Eric dera dois ou três telefonemas a Cannes, verificando se suas redes estavam bem esticadas. Em poucas horas o trapaceiro, o ladrão, o falsário estaria trancafiado.

Mas já era tempo. . . Eric controlava-se para não insultar e chutar aquele ladrão desprezível, aquele valete de copas, aquele "velho valete", pensava ele, esquecendo o fato de que eram da mesma idade e a preocupação que ele próprio tinha com sua aparência. Eric sempre se orgulhara de seu físico. Embora escondesse isso

cuidadosamente, cultivava nele a idéia de que sua beleza máscula, essa beleza quase supérflua devia provocar nos outros, principalmente nas mulheres, uma espécie de gratidão. . . uma gratidão normal por um homem que não só era justo, profundo, limpo, humano, mas que além disso tornava sedutoras essas virtudes em geral ligadas a um físico ingrato. Aliás, para ser lúcido, não era apenas o dinheiro o que censurava em Clarisse, mas sua beleza, o ar de juventude, de desafio e também o ar de vulnerabilidade que já tinha quando se conheceram e dos quais hoje só gostaria de ver os vestígios, dos quais ele pensava que realmente só restavam vestígios sob aquela bárbara maquilagem. Mas agora vira-a em pleno dia no convés do navio, vira-a à luz do sol, vira-a sob as luzes, desmaquilada, e, sobretudo, sobretudo iluminada pelo desejo de um outro. Não podia deixar de se confessar que a vulnerabilidade sempre fora acompanhada desse ar de juventude, esse odor de juventude que ele sentia ainda nos cabelos dela, na voz, no riso, na maneira de andar. Acabaria como uma velha menininha, pensava por vezes, esforçando-se por desprezá-la. Mas às vezes, quando lhe impunha seus deveres conjugais e noturnos e, encolhida na posição de feto, cara aos psiquiatras, ela dormia ao seu lado, de costas, surpreendera-se duas ou três vezes olhando com uma avidez misturada de deferência aquelas costas e a nuca frágil e indomável. E mesmo, por momentos, deixara levantar-se, como uma melopéia fúnebre, uma ária esquecida e desolada, a lembrança do que aquele corpo fora para o dele no início da história de ambos. Naturalmente, a lembrança de tudo o que já não era para ela, de tanto introduzir nomes grosseiros, soava falsa para Eric também. Mas havia muita probabilidade de que aquele rosto feliz desmoronasse na manhã seguinte e deixasse lugar para outra coisa. Imaginava o rosto dela quando a natureza e a vida de seu belo amor fossem revelados. Já via aquele rosto empalidecer ainda mais, via os olhos incrédulos, a

expressão de vergonha, o desejo de fuga que o cobriria pouco a pouco. Era preciso prestar atenção em seguida para não lhe repetir demais: "Eu bem que lhe disse!", levando assim esse golpe baixo a uma irritação, estragando seu triunfo. Sim, já era tempo que aquele amanhã chegasse. Deixara campo livre a Clarisse, dera-lhe rédeas soltas para que não desconfiasse de nada, que pensasse que ele era indiferente àquela louca fantasia e que um e outro chegassem desarmados pela inconsciência e pelo amor contrariado diante do comissário e dos meirinhos de Cannes. Repassava incansavelmente essa cena digna de uma imagem de Épinal: o marido apoiado pela justiça, a mulher culpada e o vilão confundido e lançado à masmorra.

Enquanto esperava, tirara o Marquêt de seu esconderijo e pousara-o no travesseiro de Clarisse com três palavras: "Feliz aniversário. Eric", que, sabia-o bem, tiraria três quartos do encanto do quadro. Mas o que poderia estar fazendo Clarisse àquela hora? Em que ponto do navio estaria falando enrubescida com seu amante, diante dos outros, os importunos que notariam eles próprios, sem que ela o percebesse, esse ofegar, essa tensão, esse desejo insuportável, distendido entre ela e Julien? Enfim, onde estaria ela? Em algum lugar no navio, no convés, rindo às gargalhadas das tolices de seu apaixonado, rindo, rindo, rindo como nunca rira com ele. Era preciso dizer que o próprio Eric tinha desde o início de seu encontro instaurado entre eles um tom solene e tenso, que dizia ser de paixão, e que excluía o riso. Aliás, não gostava de rir e desprezava o riso incontrolado de quem quer que fosse, que o arrepiava como qualquer perda do domínio da vontade. Ainda assim, teria gostado muito de oferecer-lhe aquele quadro diante de Julien Peyrat. Mas era impossível. E, de todo modo, seria preciso esperar que o último barco para Cannes tivesse desaparecido na noite incipiente, que

Julien Peyrat estivesse encurralado no navio e incapaz de fugir da armadilha.

— Como faremos? — perguntou Clarisse, sentada no bar, evitando assim olhar por muito tempo ou muito fixamente para Julien.

Por momentos, fazendo um grande esforço, bloqueando a respiração, conseguia vê-lo fora do seu *status* de amante, conseguia vê-lo como um homem diante dela, com olhos e cabelos castanhos, chegava mesmo a falar-lhe pausadamente, esquecendo o contato, o calor e o perfume de seus cabelos, de sua boca divertida. Mas só resistia uns segundos, e seu olhar se perturbava, a palavra esmorecia até ela virar o rosto bruscamente para o lado, incapaz de suportar por mais tempo a perturbação deliciosa, a fome, a necessidade do homem que tinha diante de si. Julien também estava reduzido aos mesmos expedientes e às mesmas distrações forçadas, ainda mais breve nele, a ponto de, no momento em que olhava para ela e via-a entregue, obcecada, impaciente, dizer-se: "Vou abraçá-la agora. . . Vou fazer isso. . . Vou acariciá-la, apertar-me contra ela, abraçá-la assim mesmo", formando desse modo imagens voluptuosas e ardentes que a proximidade daquela mulher, mesmo não estando nua, tornava indecente e cruel.

— Como farei? — perguntou ela, rodando o copo entre os longos dedos. — Como é que você quer que eu faça?

— Oh, é muito simples — disse Julien com a expressão tranqüila que assumia contra a vontade. — Você faz as malas amanhã de manhã, diz que quer partir novamente, desta vez sozinha, num outro cruzeiro. . . Não, enfim: que quer fazer sem ele um outro cruzeiro; e entra no carro onde eu a estarei esperando. . .

— Debaixo do nariz dele? . . . — Clarisse estava pálida de apreensão.

— Pois é, debaixo do nariz aquilino dele mesmo! — disse Julien com uma alegria que não sentia. — Ele não vai se jogar em cima de

você e arrastá-la à força para o carro dele, afinal. . . Nem vai tentar!

— Eu não sei. Ele é capaz de tudo.

— Não vai levá-la, não comigo vivo! — declarou Julien, rodando os ombros como um carregador. — Mas se você está com muito medo dele, posso ficar a seu lado quando você lhe anunciar isso. Posso até lhe dizer eu próprio, sozinho. . . Já lhe disse. . .

— Isso seria maravilhoso! — respondeu Clarisse levemente, antes de se confessar que isso não se faz.

Estava atormentada, sem dúvida, mas outros problemas preocupavam Julien. No final das contas, ele alugaria um carro no próprio porto e levaria Clarisse para sua casa; contudo, mesmo telefonando de Cannes, não era certo que a casa estivesse suficientemente aquecida para que pudessem dormir lá naquela mesma noite. Naturalmente, havia o hotel, mas não deviam começar juntos uma vida errante. Era preciso, pelo contrário, que, rompendo as amarras, a escuna Clarisse encontrasse um porto seguro, e até mesmo uma pequena enseada, um lugar estável que seria o deles e assim permaneceria: isso significava a casinhola de Julien na região calcária do Tarn, a única coisa que lhe pertencia de fato depois de vinte anos de pôquer, cassino e corridas, e que era, aliás, um legado familiar. Clarisse, que o olhava com o canto do olho para se tranquilizar, ficaria estupefata de saber que seu subornador procurava na cabeça e em prateleiras longínquas cobertas e travesseiros para a noite seguinte.

O jantar começou muito bem, aliás. Para aquela última noite, o capitão Ellédocq, com um ar imponente e grave como se preparasse para deixar um navio à deriva, lançara em torno olhares benevolentes, ou que assim desejava que fossem, mas que sempre aterrorizavam os jovens *barmen* e os *maitres*. Mal se sentara à grande mesa com seus hóspedes, fora chamado ao telefone e se desculpou.

— E agora? Quem vai dirigir a conversa? — perguntou Edma com uma voz aflautada que fez todo mundo rir. — É você, meu caro Lethuillier? Deveria assinalar no seu *Fórum* esse fenômeno de antropologia, porque, afinal, refletamos: nós fomos trinta, trinta seres humanos neste navio, completamente dirigidos e levados a passo durante nove dias, e sem reclamar, sob as ordens de um orangotango de boné. Um animal que não compreendia uma simples palavra do que lhe dizíamos e se dirigia a nós em termos guturais. . . Nada tolo, aliás, esse animal. . . Por exemplo, compreendia bem que a campainha queria dizer "comer", "alimento", e era o primeiro a se precipitar para a sala de jantar no mesmo instante e sem mostrar a menor hesitação. . . Não é espantoso? — perguntou em meio ao riso dos vizinhos e com o apoio do riso da Doriacci, que por si só arrastaria uma sala inteira. — É pena que não tivéssemos pensado nisso antes. . . — disse Julien, enxugando os olhos. — King-Kong, nós o teríamos chamado de King-Kong.

— Para ele isso não faria a menor diferença — disse Simon. — Afinal, seu sonho é fazer todo mundo tremer diante dele e que os homens pelo menos lhe falem em posição de sentido.

— Psiu! — disse Edma. — Lá vem ele. Mas sem Charley. Onde terá ido .parar Charley? — perguntou, notando seu lugar vazio ao lado, bem como a cadeira vazia de Andreas.

— Espero que ao menos não tenha ido a Cannes rodar as boates de pervertidos. . . — resmungou Ellédocq para si mesmo. — Não na última noite. . . A menos que tenha feito de propósito para me aborrecer. . .

O capitão ficaria muito surpreso se lhe tivessem dito que só nesse plano ele apresentava tanto interesse quanto Mareei Proust. Quanto a Charley, não apareceu naquela noite, para grande descontentamento das senhoras. E com toda a razão: sentado em sua cabina, na beira da cama, com a cabeça em cima da bacia

esmaltada, e apertando com as duas mãos as torneiras de água quente e de água fria, vomitava e chorava ao mesmo tempo, pensando no que vira no beliche de um cozinheiro da cantina, perto de um dormitório da tripulação. Era um casaco de *cashmere* bege e azul, do mesmo azul dos olhos de seu proprietário, mas que trazia ainda, no lugar em que o anzol do pescador mecânico o tinha agarrado, um rasgão margeado por uma mancha marrom e tenaz, uma mancha de sangue que toda a água do Mediterrâneo não conseguiria tirar. . .

Era preciso naturalmente que se calasse até que os passageiros saíssem, estivessem longe, e que nada empanasse as últimas delícias artísticas do cruzeiro musical. Charley chorou a noite toda, e tão sinceramente, e sobre lembranças tão falsas e tão ternas, sobre as esperanças que Andreas lhe deixara, sobre todo esse amor que talvez evitasse o gesto fatal! Charley chorou sobre o que não passava de um relato tendencioso de um drama de solidão e que seria substituído dentro de alguns anos, ele já sabia, pelo relato de uma paixão ardente e desesperada cujo abandono por ele, Charley, provocara a morte do único homem que amara.

A madrugada encontrou-o no mesmo lugar, com o rosto inchado, envelhecido dez anos. E foi realmente por bondade de coração, graças à sua natureza profundamente gentil, que se reteve dez vezes durante a noite para não ir chorar com a Doriacci.

Foi assim que Charley Bollinger, pela primeira e última vez, faltou ao jantar de despedida do *Narcissus*. Faltou também, uma hora mais tarde, aos primeiros compassos do *Parabéns a você* tocados ao piano por Hans Helmut Kreuze, triunfalmente anunciados pelo apagar das luzes, acompanhando o aparecimento do cozinheiro-chefe, de boné branco, emergindo das entranhas do navio após nove dias de anonimato; trazia com os braços estendidos a consagração de seus talentos: um enorme bolo decorado com os dizeres: "Feliz

aniversário, Clarisse". Todo mundo dirigiu os olhares sorridentes a Clarisse, que parecia petrificada. Pôs a mão na boca:

— Meu Deus! — exclamou. — Meu aniversário. Tinha esquecido. . .

Ao lado dela, Julien, surpreso e encantado, como ficava com qualquer festa, sorria-lhe um pouco irônico e bastante prosa por lhe ter feito esquecer seu próprio nascimento.

— Não se lembrava realmente? — perguntou Eric (e seu sorriso não tinha calor, embora se estendesse de orelha a orelha).

— O que fez, Clarisse, para se esquecer de seu aniversário? — retiniu a voz de Edma. — Quanto a mim, infelizmente, lembro-me de cada vez e me digo: mais um. . . mais um. . . mais um. Mas para você ainda não existem essas reflexões sombrias, não é?

— Como, como, "mais um ano"? — disse Simon Béjard, animado.

— Aí está a mais jovem das mulheres queixando-se agora!

Ele exagerava um pouco, para o gosto de Edma, depois do telefonema sentimental. Olhava para Edma de frente, de face, sorria-lhe sem cessar, piscava-lhe, executava uma pantomima de amante feliz que, mesmo na ausência do marido, seria excessiva, em primeiro lugar, e, depois, de mau gosto. Edma ficou ao mesmo tempo irritada e divertida, confusamente lisonjeada de ver os olhares surpresos dos outros diante dessa convivência estranha. "Que sujeito engraçado, que sujeito engraçado", repetia-se Edma com reticências entremeadas de prazer. Sorria a Béjard, ou olhava-o severamente, de acordo com seus pensamentos, isto é, mudava de atitude a cada três minutos.

— Mas minha querida Edma — continuava justamente Simon, por cima da algazarra em torno do bolo —, mas minha querida amiga, você todos os anos desconta um, não é verdade? Você é e será uma mulher eternamente jovem, sabe bem. Uma cintura de mocinha, uma cintura de vespa mesmo. . . Asseguro-lhe que de costas parece ter quinze anos! — acrescentou, com menos habilidade.

Edma tinha, aliás, virado a cabeça justamente a tempo de não ouvi-lo, nem reparar que, toda vez que cometia uma gafe e a percebia, Simon Béjard enxugava os lábios cuidadosamente três vezes com o guardanapo. Edma encaixara um sorriso de boa vontade na sua direção:

— Mas quantas velas? Quantas? — gritava com a voz de falsete que tanto irritara seu apaixonado ruivo e que agora quase o enternecia.

— Então, Clarisse, você confessa? Quantas?

— Isso não se diz — retrucou Eric. — Não se diz nem para uma mocinha.

— Não, mas isso se diz para as senhoras idosas — respondeu Edma corajosamente, e uma expressão de sacrifício passou pelo seu rosto como nuvens sobre um céu azul. — Eu, por exemplo, eu, a velha senhora aqui, digo-lhe direta-mente, meu caro Eric: tenho cinqüenta e sete anos.

Armand Bautet-Lebrêche levantou os olhos ao céu e depois de um breve cálculo acrescentou (imediatamente) cinco anos a essa confissão.

Seguiu-se ligeiro silêncio, silêncio apenas polido, pensou Edma ulcerada, mas logo seu cavalheiro levantou a luva com a elegância habitual.

— E daí? . . . E então? . . . Cinqüenta e sete, cinqüenta e oito, cinqüenta e nove, sessenta, o que isso importa se você está cheia de vida como aos vinte anos? Não vejo quem poderia dizer alguma coisa.

— Você poderia dizer-lhe "psiu", por exemplo — sugeriu gravemente Julien a Edma.

— Aí está um bom conselho — declarou Edma, com um ar digno que seu sorriso desmentia.

— E então? — recomeçou Simon. — O que foi que eu disse de errado?. . . É verdade, sessenta anos para uma mulher de nossa

época é uma idade extraordinária.

Do ponto de vista de gafes, Bédard perdera o ritmo durante aquela viagem, pensou Julien; parecia ter perdido sua arma automática e só soltava as gafes uma a uma. Naquela noite parecia que essa tendência voltara, e era um bom sinal, apesar de tudo. Lançou um olhar à jovem Olga, que parecia muito menos jovem naquela noite, que tinha a idade do descontentamento e do temor, o que lhe dava mais dez anos. Uma Olga muito decotada pelas sedas exóticas que exaltavam o seu bronzeado, um pouco demais, um pouco "natural" demais naquela roupa sofisticada. Bebia as palavras de Simon, ria às gargalhadas quando ele pedia pão e obstinava-se em tirar-lhe do casaco, com gestos maternais e voluptuosos, migalhas visíveis só a ela. Fazia dengos, era esse o termo, pensou Julien.

"Mas por que diabo Clarisse lhe escondera o aniversário? Teria esquecido, realmente? E ele que nada tinha para lhe dar!" Inclinou-se para se queixar, mas diante da expressão perplexa dela viu que, de fato, ela esquecera. E como se adivinhasse seus pensamentos, Clarisse virou-se e disse, simplesmente:

— Sim, sim, sim. . . graças a você — sorrindo, diante da insistência muda dele.

— Você sabe que é muito desagradável — disse Edma, enquanto instalavam o bolo diante de Clarisse e lhe davam uma faca para cortá-lo. — Ninguém nos avisou. Não tenho nada para dar a Clarisse, só roupas que não lhe serviriam ou jóias que não quereria. Estou constrangida, caro senhor — disse a Eric, que se inclinou em contrição.

— Eu também, eu também, eu também — disseram os convivas, todos mostrando sinais de desolação.

O próprio Ellédocq soltou um resmungo nostálgico, como se já estivesse se imaginando no convés principal, cercado por toda a tripulação em posição de sentido, entregando a medalha de bom

comportamento do *Narcissus*, oferecida como presente de aniversário pela Companhia Pottin à sra. Eric Lethuillier.

— Não se zanguem — disse Eric, rindo. — Eu sabia que todos vocês queriam agradar Clarisse. Assim, comprei-lhe um presente por nós todos, de sua parte e da minha.

Levantou-se com um ar misterioso, passou para o vestiário e voltou com um embrulho retangular envolto em papel pardo, que todo mundo sabia, antes mesmo que o pousasse numa cadeira na ponta da mesa, ser o Marquet para alguns e o falso Marquet para outros. Depois de um instante de surpresa todo mundo reventou em "bravos" e cumprimentos por essa generosidade, esse perdão dos pecados oferecido por um bom marido compreensivo, embora ele próprio adúltero. Só Julien e Clarisse trocaram olhares, assustado, o de Clarisse, consternado, o de Julien.

— O que você acha? — disse Eric, olhando-o nos olhos.

— Deveria tê-lo comprado diretamente do sr. Peyrat. . . ou posso chamá-lo de Julien? Devia ter-lhe comprado diretamente, Julien, mas receei que você tivesse ficado ressentido com nossa luta de boxe e que se recusasse a vendê-lo.

— Fui eu que o comprei oficialmente — disse Armand Bautet-Lebrêche, todo agitado e todo contente de representar, finalmente, um papel qualquer nessa orquestra em que, no final de nove dias, só tinha o papel sucinto do triângulo.

— Foi você? — perguntou Edma com as sobrancelhas franzidas.

— Pois foi — respondeu Armand, encantado e orgulhoso dessa pequena farsa, ele que urdia outras mil vezes mais difíceis e mil vezes mais perniciosas durante todo o dia em seu escritório. — Nada tolo, hem? — disse, sorrindo.

— Foi gozado. . . — acrescentou, como se jogasse à sua frente, na toalha, uma pedrinha, esse "gozado", que aliás fez o efeito de uma pedrinha.

— Gozado. . . gozado.. . o que foi gozado?. . . — resmungou Edma, severa (de quem, no entanto, ele tomara o termo).

— Então, Clarisse? — disse Eric. — Não é uma beleza este quadro? Você está com uma expressão estranha. . .

— Foi a surpresa — disse ela corajosamente. — Uma bela surpresa, aliás. . . Adoro esse quadro.

— Então aproveite-o — disse Eric com um sorriso gelado. — Vou pendurá-lo em seu quarto, e você poderá olhá-lo toda a noite. Já seria alguma coisa — acrescentou confusamente, sem que os outros pudessem ouvi-lo.

E desculpando-se retirou-se para o corredor, deixando os passageiros confusos por um instante, até que a turbulenta Edma, parecendo mesmo encabulada, fosse convidada por Simon Béjard e, literalmente entusiasmada, começasse a valsar com ele, levando atrás de si pouco a pouco todos os outros convivas para a pista. Clarisse escondeu o rosto no ombro de Julien.

— O que você está pensando? — disse ela afinal. — Acho esse presente estranho.

— Por quê? — perguntou Julien com voz fria e quase irritada, subitamente. — Por quê? Você não costuma receber presentes em seu aniversário? Acha que eu é que deveria ter-lhe dado o quadro? E que seria mais natural da minha parte do que da de Eric?

— Você está louco — respondeu Clarisse, esfregando por um instante a cabeça contra o queixo de Julien. — Você está louco, eu ficaria furiosa. . . Vamos precisar desse dinheiro, não é, para nossas férias ao inverso? Não, o que me inquieta vindo de Eric é que seja um presente só para mim. Eric só me dá presentes para nós dois, tem-me oferecido viagens a dois, carros que ele dirigia e objetos para a casa que ele também aproveitava. Agora parece que ele disse "o seu quadro". Só Deus sabe como fui coberta de presentes só para mim, durante toda a minha infância, mas há dez anos só tenho

presentes compartilhados, como diz Eric. Os únicos honrosos, diz ele. Vou lhe parecer terrivelmente egoísta, mas adoraria ter presentes só para mim. . .

— Pode me confessar tudo o que você quiser — disse Julien num impulso —, acharei tudo uma delícia. Se eu puder vou lhe dar os mais belos presentes, só para você.

E ele abraçou-a contra si com uma doçura que era a do desespero, mas cuja natureza Clarisse não imaginava. Simon Bédard inclinava-se diante deles num grande gesto espetacular, como se estivesse varrendo o chão com as plumas de seu chapéu, e levava a "gentil dama", como ele dizia, para um tango especialmente antiquado. Julien, sozinho no lugar em que ela o deixara, "parecia o próprio símbolo da desorientação", pensou Edma consigo mesma, passando diante dele nos braços de um velho americano; e não sem razão, pensou, deixando-se docilmente guiar por aquele robô de pés chatos. Apesar da ausência dos dois dançarinos mais dotados e mais animados, Andreas e Charley, houve alguns instantes de excitação e divertimento, por exemplo, quando Edma quis arrastar Ellédocq para a pista, jurando-lhe que depois ele poderia fumar todos os cachimbos que quisesse. Na partida desse cruzeiro, poder-se-ia esperar que a viagem fosse agradável para Andreas e Charley, mas agora só se podia esperar que servisse de apoio para um deles, mas sem o menor erotismo.

Houve um instante menos divertido ou mais excitante, quando Olga, em lágrimas, gritando para Simon que não gostava mais dele, deixou o convés correndo, dando todos os sinais de desespero, isto é, sem batom nos lábios. Mas nenhum desses incidentes foi capaz de afugentar a tristeza, a doçura, o encanto dessa noite que recordava tantas outras tão longínquas já, tão longínquas no tempo e no espaço, aquelas noites perfumadas de jasmim e de panquecas fritas, que não voltariam, e que o inverno, já à espreita no porto,

faria esquecer depressa. A Doriacci cantou melodias de De-bussy com voz doce e sentimental, uma voz cuja tristeza excluía a sensualidade, uma voz muito madura e muito jovem, um pouco suplicante, mas reservada ainda assim, uma voz secreta e que tornava absurdos e inúteis todos os pequenos segredos, descobertos ou não, desse cruzeiro. Todo mundo foi deitar cedo, alguns com lágrimas nos olhos sem saber por quê, e em maior número do que seria de supor.

Tendo afinal roído completamente todos os laços que o prendiam em seu reduto, Fuschia, enfim livre, ficou deitado alguns instantes, relaxando assim sua mandíbula dolorida depois de tantas tentativas, e em seguida partiu na caça ao homem.

Foi portanto esse coração sanguinário, e só ele, que Julien Peyrat encontrou em seu passeio noturno, mais longo que de hábito naquela madrugada. Passeava sozinho no convés e, acima do ruído sedoso e sussurrante da proa fendendo a água, tinha a impressão de que seus passos faziam vibrar o assoalho, que as tábuas fremiam sob seus pés e que aquele estalar repercutia nas vigias, nos ouvidos de Clarisse, que não o ouvia. Clarisse devia dormir tranqüila sob o falso Marquet. Clarisse, liberta de sua vida e de seus atos ao mesmo tempo que de sua solidão, Clarisse, que confiara a vida a um barco piloto, ele, Julien Peyrat, que talvez fosse afundar sob seus olhos. Não fora à toa que Eric comprara aquele quadro, Julien sabia muito bem. E perguntava-se quando e onde lhe pediria contas. Protegida contra malversações, ignorante dos furtos que eram os meios de vida de seu amante, Clarisse dormia e talvez o visse em seus sonhos. Clarisse ia provavelmente acordar feliz, sem desconfiar da brevidade de sua felicidade. E mais uma vez Julien temia por ela, temia muito mais a decepção que teria do que o risco de prisão que corria (que não era nada agradável, segundo lhe tinham dito, na República Francesa). Amava-a, era isso, e tinha um prazer

masoquista em se dizer que o primeiro amor absoluto que sentia na vida terminaria antes mesmo de começar. . . e que, na única vez que ele amava "bem", esse bem o conduziria à cadeia. Contanto que não fosse logo, contanto que ainda pudesse manter junto a si aquele corpo trêmulo, sentir o perfume de Clarisse. . . Contanto que pudesse ainda mergulhar o rosto em seus cabelos, falar-lhe como a uma criança ou a um animal. . . Contanto que visse a alegria mais louca animar aquele rosto tão belo, tão nobre, na sua inocência, um rosto em que não podia deixar de pensar, às vezes como o de uma heroína de Delly, outras, como o de uma personagem de Laclos. Que o destino lhe deixasse ainda uma vez esse rosto, esses ombros, esse pescoço e as mãos ternas de

Clarisse em seus cabelos, aquela doçura extravagante que irradiava dessa mulher e que fizera de um jogador cínico um apaixonado enregelado. "Clarisse", murmurou ele três ou quatro vezes no ar do fim de noite, num ar branco a acolchoado, um ar sem sol ainda. A luz no convés àquela hora estava cinza, bege-ferrosa e triste. "A gente pensaria estar num navio abandonado, sobre um destroço num oceano Indico de grandes profundezas equívocas."

Um animal que visivelmente não vinha do oceano Indico inscreveu-se subitamente no cristalino de Julien e ali se imobilizou por um segundo: o tempo suficiente para que todos os relés, circuitos, pistas, informações da memória se organizassem e concordassem para avisar Julien, numa mensagem das mais rápidas, que era Fuschia, o cão mordedor que avançava para ele, nessa madrugada, com os pêlos eriçados de raiva; era ele, sem dúvida, que avançava para sua presa, zombeteiro e implacável. Julien só teve tempo de pular para uma escada de serviço. E na sua pressa ainda assim teve a alegria de ouvir os rosnados furiosos e decepcionados do monstro. E, logo em seguida, o prazer inegável de cuspir-lhe de cima da altura de dois metros, que a ausência de vento tornava

ideal, pois era só uma questão de mira. Julien não estava muito mal ali em cima, naqueles degraus rígidos, e levou um segundo para compreender a expressão atônita do rosto da Doriacci, quando ela emergiu dos corredores. Envoltos numa mistura de albornoz e camisolão africano de seda negra e vermelha, que destoava completamente de todos aqueles cinzas em torno dela, mas alegrava-os, a Doriacci lançou-lhe um olhar inquisitivo e fez-lhe um sinal com a mão para que não continuasse brincando de marinheiro, até perceber a causa de tudo.

— Ora, aqui está o meu amigo Fuschia — disse ela com sua voz tempestuosa.

O interpelado virou a cabeça para ele, e Julien, com um suspiro de resignação, preparava-se para lhe saltar em cima como sobre uma bola de rúgbi para salvar a Diva, quando o animal, para seu grande espanto, veio quase ronronando para a Doriacci, de quem lambeu os pés com energia, sem que ela mostrasse qualquer surpresa.

— Bom dia, meu Fuschiazinho — murmurou ela, pelo contrário. — Bom dia, meu cãozinho gentil. Ele reconhece a mão que o alimenta. Pois é, fui eu que lhe dei aquele chocolate gostoso, o ossinho de frango. E dei também o creme inglês, cãozinho horrível e mau; diga bom-dia à tia Doria. O que o cãozinho quer para o café da manhã? O mau Ellédocq?

"Ah! Não! É o sr. Peyrat que Fuschia quer esta manhã", disse, levantando os olhos para Julien, sobre o qual se fixaram com uma nota de ironia, pensou Julien. "Mas o que é que o senhor tem, sr. Peyrat? Não se incline dessa maneira. É de se perguntar se o senhor vai cair ou se são seus olhos que vão cair do rosto. . ."

— Certamente devo estar com os olhos fora das órbitas

— respondeu Julien, pousando prudentemente o pé no chão.

— Mas confesso-lhe que, desde Santa Blandina e os leões, nunca vi coisa semelhante.

— Imagine só, sr. Peyrat, eu sou domadora — disse a Doriacci com um sorriso de derrisão —, e me pergunto por onde tem andado meu último leãozinho. Chego a ficar inquieta por ele, o que é muito mau sinal. . . Fuschia, não se mexa daqui e deixe o sr. Peyrat sossegado — disse no mesmo tom.

— Não para ele — disse Julien, ao pé do mastro agora, de olhos fixos em Fuschia. — Para ele não é mau sinal, é o que eu quero dizer.

— Oh, sim! — disse a Doriacci, convicta. — Oh, sim! Não faltaria mais nada ao pobre Andreas, se eu o amasse. . .

— Acho que está sendo muito dura com ele! Não é um bom amante? . . . além de um sujeito encantador?

— Um bom amante? Vejamos, sr. Peyrat. O bom amante é o que diz às suas amantes que elas são amantes maravilhosas.

E tornava a dizer isso com uma satisfação sombria, enquanto juntava as pontas do lenço nos ombros.

— Vai se resfriar — disse Julien, tirando o casaco para lhe pôr nos ombros, quando o perfume da Doriacci imobilizou-o por um instante.

Era o perfume de uma mulher que amara muito, enfim, que acreditara ter amado muito antes de encontrar Clarisse. Tinham até gostado muito um do outro, lembrava-se Julien, revendo o terraço do chalé na neve e sentindo as alfinetadas do frio sobre as faces e o calor daquele ventre contra o seu. Foi saindo de um cassino na Áustria, onde sua maneira de jogar um pouco louca atraíra-lhe, sexualmente, propostas de todos os lados. Convém dizer que ele ganhara no zero três vezes seguidas e no oito, quatro vezes.

— Está pensando num cassino, sr. Peyrat, ou me engano? — disse a Doriacci, sempre de costas, como se esperasse que depois de lhe ter pousado nos ombros o casaco ele o ajeitasse ou fechasse.

— É engraçado — disse Julien ingenuamente, e dando vagamente tapinhas no casaco, perguntou: — Como foi que adivinhou?

— Quando se acusa um jogador de estar pensando no jogo, pode-se dizê-lo um pouco antes ou depois desse pensamento, sem nunca errar.

Virou-se para ele, projetando ao mesmo tempo uma onda de perfume. Olhava-o com tal expressão de convite que Julien, hipnotizado e incapaz de recusar, esmagou Fuschia, que o cercava, inclinou-se e beijou a Doriacci, sem saber por quê, e provavelmente sem que ela também o soubesse, simplesmente porque era a única coisa a fazer naquele momento preciso. Havia um escaler úmido de orvalho a dois passos, e um pouco mais tarde dele emergia Julien, rindo da horrível brincadeira da Doriacci a respeito das proezas amorosas de Olga Lamouroux. Sentia-se estupefato com esse semi-estupro praticado contra ele, mas nada envergonhado, curiosamente. Era, de fato, o típico acidente, pensou ele; dez minutos brutais com uma mulher que jamais desejara realmente e que não significava nada para ele, uma mulher que procurava um leãozinho de madrugada, enquanto ele próprio vagava por baixo das vigias da cabina de uma mulher casada. A Doriacci tornara a se vestir alegremente, com o rosto um pouco inchado por esse prazer roubado, mas já todo marcado pelo riso de quem pregou uma boa peça em alguém.

— Cada vez que eu ouvir um disco seu — disse Julien galantemente — ou cada vez que eu for a um concerto, terei que me esforçar muito para não contar.. .

— Conte, conte. Não é vergonhoso contar uma história. O que é vergonhoso é contar muitas histórias. . . Preferiria que você contasse minhas perversidades a ouvir Kreuze falar de minha voz. . . Bem, agora vou dormir. Tudo isso dá sono — disse, sem qualquer romantismo.

E, tendo beijado Julien no rosto e retomado certa altivez no olhar e no porte, desapareceu, deixando-o embasbacado.

Os policiais chegaram ao meio-dia em ponto ao *Narcissus*, e os passageiros da classe de luxo que haviam permanecido a bordo na última noite, isto é, todos exceto Andreas, sentados à borda da piscina ou dentro dela, sorriam diante dessa chegada. Entre aqueles corpos despídos e bronzeados, ou vestidos como gente rica em férias, os três homens vestidos de escuro e calçados com grossas sapatancas, com as quais martelavam o convés, tinham qualquer coisa de irreal. Desapareceram por um quarto de hora na companhia de Ellédocq. Quinze minutos em que foram esquecidos, acreditando-se que tratavam de problemas de fretes ou administração. Só Julien os seguira com maus olhos, por alguns instantes, para logo esquecer-se deles também. Mas quando Eric surgiu no convés, ladeado pelos outros quatro homens, Julien compreendeu que ali havia perigo e levantou-se instintivamente, como se tentasse escapar a Clarisse e aos outros, com a intenção de explicar-se (se houvesse alguma coisa a explicar) em lugar discreto; mas essa não era a opinião de Eric. Olhando-o, Clarisse teve medo dele. Ele empalidecera, ria alto demais; em suma, rejubilava-se. E Clarisse sabia por experiência que a alegria de Eric repousava sempre nos aborrecimentos ou na desgraça alheios. Levantou-se também e segurou Julien pelo punho. O mais velho dos três policiais deu dois passos, e Julien, como uma criança inconsciente, pediu aos céus que ele caísse com sua capa e sua pasta no fundo da água.

— Sr. Peyrat, eu creio — disse o policial, mostrando os dentes. — Sou o comissário Rivel, da polícia de Cannes. Aqui está meu cartão. Estou aqui atendendo a queixa do sr. Eric Lethuillier.

De súbito, houve um silêncio total em torno da piscina. Edma fechara os olhos, por sua vez, e dizia a Armand:

— Pronto, a confusão está feita. . . O que foi que lhe deu? Como foi se meter nisso?

— Meter-me em quê? — perguntou Armand em voz baixa. — O que foi que eu fiz?

— Nada, nada. — Edma tornou a fechar os olhos. Julien assumira sem querer a atitude irônica, com o rosto divertido, que opunha sempre aos golpes da sorte. Sentia Clarisse um pouco atrás de si, sentia-a no ar quente, ao sol, ao lado dele, vibrando dessa vez de medo. Já não tentava se afastar discretamente, era melhor que ela soubesse brutalmente, diretamente. "Pobre Clarisse. . . pobre querida. . .", dizia para si mesmo, e uma nota de compaixão e ternura fez seu coração resvalar entre as costelas.

— Estamos aqui atendendo a uma queixa do sr. Le-thuillier, portanto — disse o comissário Rivel. — O senhor é acusado de ter vendido ao sr. Eric Lethuillier, pela quantia de duzentos e cinqüenta mil francos, um quadro cuja origem seria impossível ao senhor desconhecer, dadas as suas qualificações profissionais. Acabamos de examinar esse Marquet com o sr. Plessis, perito junto aos tribunais, que é taxativo: o quadro é uma falsificação. E o certificado que o acompanha também.

Julien ouvia-o falar e se aborrecia. Fora atingido por uma letargia, um quase sono que ele desejava acima de tudo, que o arrancaria a esses indivíduos pomposos, suas declarações desagradáveis e a massa de papéis que tudo isso ia desencadear.

— A lei é rigorosa — continuava o comissário Rivel. — Vou ser obrigado a levá-lo comigo até a delegacia, onde tomaremos seu depoimento.

— Tudo isso é grotesco e ridículo e nada tem de interessante — disse a Doriacci, com os olhos faiscantes, de sua cadeira de convés.

— Senhor comissário, estou espantada de ver que na França. . .

— Deixe, deixe — interrompeu-a Julien —, tudo isso é inútil. — Fixava o olhar nos pés e no vinco da calça; sua única preocupação era evitar o olhar de Clarisse. Desde que aquele imbecil diante dele começara a discursar, Julien esperava, com todos os músculos do corpo contraídos, que Clarisse fugisse correndo para a sua cabina. Ela ia fazer as malas, voltar para Versalhes, deixar-se maltratar, ser infeliz, o que já esperava quando subira a bordo, mas ele tivera a crueldade, por gosto, de fazê-la crer que aquilo estava acabado. Ela choraria um pouco, enviaria a ele uma carta encantadora para lhe dizer que não lhe queria mal por isso, e jamais se tornariam a ver; ou por acaso. . . e ela desviaria o olhar com compaixão e tristeza, talvez até com alívio, pelo fato de o marido a ter arrancado a esse trapaceiro.

— O senhor reconhece os fatos, imagino? — perguntou o comissário.

Julien via diante dele o belo rosto de Lethuillier convulsionado por uma alegria amarga que lhe torcia a boca e lhe dava o aspecto de um peixe. Ouviu a voz de Clarisse levantar-se por trás dele, mas só compreendeu as palavras um segundo depois, vendo o impacto que elas causaram no rosto de Eric, onde a alegria desaparecera de um golpe para dar lugar à estupefação.

— Mas é completamente ridículo. . . — dizia Clarisse com voz alegre, até mesmo com um risinho. — Comissário, incomodaram-no por nada; mas você poderia ter-me falado, Eric, antes de convocar esses senhores.

— Falar com você de quê? — perguntou Eric friamente.

— Senhor comissário — disse Clarisse, sem olhar para Eric. — Senhor comissário, estou desolada: tínhamos projetado com o sr. Peyrat e a sra. Bautet-Lebrêche pregar uma peça em meu marido por causa de sua pretensão um pouco irritante em matéria de pintura. Há alguns dias o sr. Peyrat transportava essa falsificação como uma curiosidade; por divertimento, pensamos induzir meu

marido a comprar o quadro, prontos naturalmente a revelar-lhe a brincadeira quando chegássemos a Cannes. íamos lhe explicar na hora do almoço, daqui a pouco. . .

Houve um pequeno silêncio, preenchido por Edma Bautet-Lebrêche:

— Devo reconhecer — disse ela aos três pobres policiais — que tudo isso é rigorosamente verdade. Estou desolada, Eric, por essa farsa, talvez de mau gosto.

— É a sra. Bautet-Lebrêche? — perguntou o comissário, agora furioso, ao que parecia, e cujo tom de voz, ao se dirigir a Edma, não exibia o respeito e a deferência que ela acreditava suscitar em toda parte por onde passava.

Julien viu com prazer o busto de Edma se dilatar e seus olhos e sua voz se aguçarem.

— Eu sou a sra. Bautet-Lebrêbre, de fato. E aqui está meu marido, Armand Bautet-Lebrêche, que é comandante da Legião de Honra, presidente da Câmara de Comércio de Paris e conselheiro do Tribunal de Contas.

Armand pontuava esses títulos com pequenos movimentos de cabeça que em outras circunstâncias teriam feito Julien morrer de rir.

— Perfeitamente — dizia ele com ar indignado também, sem que se soubesse por quê, e a algazarra se generalizou.

Julien sentiu a mão de Clarisse no seu braço e virou-se como que arrependido. Ela olhava-o com os olhos dilatados pelo alívio, e uma lágrima suspensa nos cílios.

— Meu Deus! — disse ela em voz baixa —, tive medo, Julien. . . Pensei que o iriam prender por bigamia!

E sem parecer nem de leve constrangida por essa demonstração, pôs os braços em torno de seu pescoço e beijou-o entre a raiz dos cabelos e a gola da camisa de malha negra.

Um pouco mais tarde, os três policiais, encharcados de champanha, de brincadeiras e risadas, desciam as escadas agitando os braços, e Clarisse, radiosa, apoiada na amurada com os outros passageiros, murmurava a Julien:

— Meu falsariozinho, meu belo amor, o que você acha que tudo isso significa para nós? . . . — E ela ainda ria de alívio.

Clarisse não queria descer à cabina. Nem mesmo queria tornar a ver Eric. Freava-se com cada centímetro do corpo. E Julien estava meio surpreso, meio divertido, meio irritado com essa resistência, ou, antes, essa covardia.

— Mas não pode partir assim sem uma palavra. . . Você viveu dez anos com esse homem.

— Sim — respondeu Clarisse, desviando o olhar. — Sim, foram dez anos longos demais. Não posso dizer-lhe frente a frente que *vou* deixá-lo. . . Sou covarde demais, tenho medo. . .

— Mas medo de quê? Ficarei a dois passos. Se ele for grosseiro, você' me chama, chegarei logo e recomeçaremos uma briguinha tipo *western* para seus belos olhos!

Ria, tentando atenuar a gravidade da situação; via Clarisse enrubescer, empalidecer, agarrar convulsivamente com suas longas mãos o braço dele, via seus olhos se escurecerem com lágrimas de raiva e medo.

— Tive emoções demais hoje — disse, ofegante. — Pensei que você não padesse mais ser meu; que fosse preso, que tudo fosse acabar. . . pensei que tudo estivesse perdido, a felicidade. . .

— Eu também - respondeu Julien, interrompendo seus conselhos morais — eu também, você deve imaginar. . . E isso bem que podia ter acontecido — completou, depois de um instante de silêncio.

\_ O que você quer dizer?

Clarisse parecia surpresa. Sua naturalidade era perfeita demais. Ele ignorava que essa honestidade escrupulosa e esse respeito pela

propriedade alheia eram noções reservadas a uma certa burguesia em ascensão e só raramente eram praticadas pelas pessoas situadas no topo, e mesmo assim só depois de um certo estágio; a falta de escrúpulos aumentava com a fortuna.

— Você sabe; quando compreendeu que eu era um ladrão ordinário, um trapaceiro e um falsário, isso poderia tê-la feito desgostar de mim, não é?

— Não dramatize — disse Clarisse sorrindo (como se ele estivesse se acusando sem razão). — O que você fez não tem importância. Aliás — concluiu ela com um risinho que ele achou cínico —, você não terá necessidade de tudo isso, agora.

"Mas o que ela está pensando? Que quer dizer? Que pensa de mim?" As hipóteses mais extravagantes cruzavam em sua cabeça.

— O que você quer dizer? — perguntou, com voz quase suplicante. Suplicava de fato que não o considerasse um gigolô, que ladrão já bastava. Suplicava que não o desprezasse, coisa que um dia o obrigaria a fugir, ele percebia, pois a amava.

— Quero dizer que pode ser avaliador sem precisar fazer essas coisas. Compraremos quadros juntos em toda parte, revenderemos e dividiremos os lucros, depois que você tiver reembolsado meu banco, para que fique de bom humor. Você adota uns ares tão moralistas para um falsário! — disse ela ternamente.

E Julien deixou ali, de vez, sua tentativa de compreender o que ela entendia por *moralistas*. Empurrou-a suavemente para a escada, com certa firmeza porém, e viu-a entrar na cabina, enquanto ele se apoiava à parede do corredor, dividido entre o desejo de pegar aquele alcagüete pelo pescoço e o de encontrar Clarisse não muito acabrunhada, nem muito ferida, nem culpada.

Eric fazia as malas, ou antes: as refazia, pois o camareiro as havia arrumado a seu modo, ignorando que o diretor do *Fórum* repartia suas bagagens e as classificava com tanto cuidado quanto os artigos

de seu jornal. Clarisse fechou a porta e se encostou nela com o coração batendo forte e surdamente. Parecia ouvi-lo ressoar e ficar mais lento. Seu coração enfraquecia-se por momentos, arrastava-se a ponto de parar completamente, quando Eric se virou de chofre, pálido, mas decidido e afável, ao que parecia. Havia um ar de resolução em seu rosto, e de pressa, nos gestos e na voz, que confirmava as suposições de Clarisse. Ele não ia acentuar o golpe, não ia comentar coisa alguma, ia fazer de conta que nada acontecera, como todas as vezes que algo o constrangia.

— Estou arrependido de ter suspeitado do bom Julien

Peyrat. Deveria ter imaginado que era uma brincadeira, de fato. Você está com meu cheque, imagino.

— Sim — disse Clarisse.

Apresentou-lhe o belo cheque de Armand, endossado por Julien à ordem do sr. Lethuillier.

— Bem, enviarei um bilhete ao sr. Peyrat, se você tiver o endereço dele, naturalmente. Você está pronta? Teremos tempo de correr ao aeroporto de Nice e chegarei para o fechamento do jornal.

E sem parecer notar a imobilidade e a desobediência de Clarisse, passou para o banheiro, juntando escovas, pentes, tubos diversos e chegando mesmo a deixá-los cair com grande ruído na banheira, único ponto capaz de revelar sua tensão. Eric jamais deixava cair coisa alguma, nunca quebrava nada, não esbarrava nos móveis, como também não se queimava ao comer batatas quentes. Assim como não fazia o champanha espirrar ao abri-lo. Como também não. . . Clarisse tentava breicar em sua cabeça aquela enumeração de virtudes ou, antes, ausência de defeitos. Era verdade que Eric tinha alguma coisa de negativo, que tudo o que ele fazia era dirigido contra alguém, ou por recusa de alguém. Ele esbarrara na penteadeira ao passar, e Clarisse se viu no espelho como estava: de pé, pálida, feia, era assim que se achava, tendo ainda um tique

imbecil, que fazia sua boca tremer para a direita, que ela não conseguia controlar. Aquela mulher pálida no espelho era completamente incapaz de dizer a verdade ou de fugir, escapar a esse belo homem bronzeado e decidido que passava e repassava às pressas diante do espelho onde seu reflexo por vezes simbolicamente escondia o dela.

— Eric. . . — disse, contudo, a mulher do espelho com voz trêmula.

— Eric, vou-me embora. . . Não vou partir com você, não voltarei a Paris. . . Acho que vamos nos separar. . . Vou deixá-lo. É. . . é muito aborrecido — disse ela em sua desorientação —, mas não pode ser de outra maneira.

Eric estava diante dela, que o viu parar à sua primeira frase e assim ficar, sem se mexer, ereto sobre as duas pernas, numa posição esportiva que não combinava com o sentido de suas frases. Podia vê-lo pelo canto do olho, sem olhar para ele; via ou adivinhava ou se lembrava de um rosto atento, fechado, drogado pela ação que ia empreender, definitivamente dopado pela idéia que tinha de si mesmo, a segurança formal de que essa ação seria a única a empreender, uma vez que a escolhera. Ela o via com as mãos ao longo do corpo, o busto para a frente, ligeiramente inclinado, o olhar fixo nela. De certo modo parecia estar jogando tênis. Parecia-lhe que as bolas que ela lhe arremessava havia um minuto eram todas indefensáveis. Mas sua voz estava calma quando lhe respondeu:

— Você quer dizer que vai partir com esse ladrão barato de quinquilharias, esse desenxabido, esse velho estudante expulso do colégio? Você quer dizer que se interessa por isso: seus poquerzinhos, seus quadros falsos e suas corridas? Esse primário, você, Clarisse?

— Eu, Clarisse — repetiu ela atrás dele, sonhadoramente. — Eu, Clarisse. Você bem sabe que eu sou alcoólatra, mimada, indiferente

e tola. . . E sem graça — acrescentou ela com uma espécie de prazer orgulhoso e profundo, com uma tonalidade na voz que era de libertação, uma tonalidade que Eric reconheceu imediatamente.

Era a mesma que soara na boca de seu motorista quando o despedira três meses antes; e a daquele grande filósofo, grande escritor, antes colaborador do *Fórum*, que lhe retirara para sempre sua assinatura antes das férias, em resposta a uma simples observação de Eric sobre seus artigos. Nessas três pessoas, primárias ou não, cultas ou não, e às quais estava ligado por sentimentos ou relações hierárquicas tão diferentes, ouvira soar esse sustenido, esse som, essa quase alegria, dizendo-lhe adeus. Sim, fora de fato alegria, e desta vez era a mesma coisa. Mas o que ele queria ouvir era a vergonha. E a idéia de que não conseguiria provocá-la, arrancá-la de Clarisse, como não conseguira dos outros dois, o acabrunhou, de repente, com tamanha evidência que cambaleou e enrubesceu de vergonha, mas vergonha de si próprio, diante de sua incapacidade.

— Você sabe que não vou retê-la — declarou ele, escandindo as palavras, o que reforçava a brutalidade dos termos. — Não vou amarrá-la à porta da casa de Versalhes, nem controlá-la com guarda-costas, nem fechá-la em casa.

E à medida que enumerava essas vilanias que, justamente, não faria, que se comprometia a não fazer, elas lhe pareciam, pelo contrário, as únicas soluções, as únicas saídas normais, e, muito depressa, ele disse a si mesmo que, desta vez, se encontrasse um estratagema, se conseguisse levá-la para Versalhes, depressa renunciaria a essas elegâncias estúpidas e arrancadas dele pelo medo. E Clarisse pareceu percebê-lo também, pois fez menção de recuar e esbarrou na porta, cuja maçaneta ela alcançou com as mãos atrás das costas.

— Não quero matá-la — disse ele com amargura. — Sem querer ser injurioso, querida Clarisse, não vou passar no desespero e nas lágrimas os poucos dias de que precisará para descobrir quem é o sr. Peyrat.

— Eu não esperava que fizesse isso — respondeu Clarisse com voz sumida. — Contava até com o *Fórum* para absorvê-lo e distraí-lo nos primeiros tempos.

— Você pensa em retomar o *Fórum*?

E, imediatamente, o absurdo dessa frase o constrangeu, apesar de tudo. Ela sabia muito bem que o jornal pertencia a ele, apesar do capital dos Baron, e ele sabia que Clarisse não o tomaria.

— Não. . . esqueça — disse ele brutalmente.

Ela piscou os olhos, como se de fato não o tivesse ouvido. Tinha a expressão tranqüila, apesar de as mãos e o lábio inferior tremerem juntos; chegava a ter um ar sereno. Provavelmente teria encontrado essa coisa invisível nela, essa arma secreta graças à qual sempre lhe escapara e a que ele não chegara a dar um nome, que jamais chegaria a nomear, sem dúvida. E esse "jamais" enfim pronunciado mentalmente teve nele o efeito de um golpe baixo. Ela nunca mais voltaria, estava certo disso agora. E mesmo que fosse culpa dela, e não dele, pelo contrário, ainda assim era uma coisa definitiva e que lhe escapava, que escapava ao seu controle, à sua vontade, que escapava ao seu poder. E foi com voz furiosa, num último sobressalto, que lançou a Clarisse:

— Se pensa que vou sentir sua falta, ou ter saudades por um instante, um só instante, minha pobre Clarisse, realmente, realmente, você está muito enganada!

Olhou-a fixamente sem a ver, sem mesmo ouvi-la, e a resposta dela só chegou a seu entendimento cinco minutos depois que ela partiu:

— Estou certa disso. E é mesmo por essa razão que eu vou-me embora.

— Naturalmente eu não estava lá — gemia Simon Bédard, lançando olhares de censura a Olga, cuja lentidão em arrumar as malas fora a causa desse atraso, ao que parecia. — Eu os teria feito calar. Não sei por quê, mas não suporto tiras. Como se Eric não soubesse que o quadro era falso! Eric já tinha dito que Julien não o teria querido vender a ele, então, hem? Está ficando quadrado, o seu marido. Não quero ofendê-lo, mas ele é um chato. É da raça dos que vivem passando sermões.

Essas diversas considerações entrecortadas pela ingestão de salmão defumado e torradas com caviar escapavam em série e sem elo aparente da boca de Simon Bédard, que as acompanhava às vezes de um olhar para a pessoa diretamente interessada em suas alusões, ou que devia sê-lo. Olga almoçava de olhos baixos, sem maquilagem, com uma blusa *chemisier pied-de-poule*, um calçãozinho que supostamente devia rejuvenescê-la, mas que justapondo esse toque juvenil do vestuário à melancolia do rosto só lhe dava o aspecto ambíguo de uma velha menininha mal-humorada. Ela também perdera a cena, mas agora isso pouco lhe importava. Os Lethuillier, os Bautet-Lebrêche, os Peyrat e consortes bem podiam se matar entre si ou se deixar lançar na cadeia; enquanto não assinasse o contrato de seu filme com Simon, Olga não se interessava estritamente por nada. O mundo podia voar e as grandes potências se atomizarem umas às outras. Olga estava persuadida de que a chuva atômica não atingiria os estúdios Boulogne e que os presidentes dos Estados Unidos ou da Rússia esperariam pelo menos que ela tivesse assinado o contrato e que se tivesse filmado a última imagem antes de lançar seus bombardeiros. Enquanto esperava, seguia Simon Bédard como um cachorrinho, saltava quando ele ria, rosnava quando ele ficava descontente, enchia sua gamela se ele estava com fome e acompanhava todos os seus discursos com latidos entusiastas.

Simon contemplava-a por vezes com um olhar que ela pensava ser terno, mas era apenas um olhar enojado. Falava-lhe duramente, e Clarisse já se interpusera com doçura.

Clarisse estava na cabeceira da mesa, perto de um Ellé-docq sombrio e um Julien distraído e embevecido. Falava, ria, parecia no máximo da felicidade. E Julien a bebia com os olhos. Simon olhou-os por um momento e subitamente sentiu-se muito velho e muito pomposo. Clarisse ia continuar a beber, talvez Julien continuar a jogar, mas ela não se embebedaria mais e ele não trapacearia mais, não tendo realmente mais razões para fazê-lo, nem um nem outro. Ela traria um enxoval de mulher rica, ele traria o seu dote de homem feliz, e a contribuição de Clarisse seria certamente a menor. De repente pareciam duas crianças, dizia-se Simon com nostalgia, dois irresponsáveis dos quais Clarisse parecia ser a mais sensata, sem dúvida, mesmo que essa reflexão fosse fruto da desgraça. E vendo essa mulher rir e enviar olhares ardentes a seu vizinho, Simon sentia que ela podia muito bem entregar-se à felicidade e parar de ponderar. E a felicidade deles tinha chance de durar, já que ambos estavam prontos a fazer concessões, prontos para a indulgência, e ambos detestavam a desgraça. Ela por experiência, ele por instinto.

— Boa sorte! — disse Simon de repente, levantando o copo.

E todo mundo se levantou, bateu com o copo no do vizinho, com expressão emocionada, como para dizer adeus a uma vida anterior, como se todos tivessem visto um pedaço de sua existência desaparecer com aqueles nove dias tão depressa decorridos. E todo mundo sorria de sua própria emoção, exceto Eric, que já descera, e exceto Charley, demasiado sentimental, sem dúvida, e que desde a véspera estava com os olhos cheios d'água. Era tão emotivo, o pobre Charley, pensava Edma Bautet-Lebrêche, batendo seu copo por sua vez. Devia estar chorando pelo pobre Andreas, a quem não chegara a ter, no entanto, e que partira para sofrer em Nantes ou Nevers. . .

— Bebamos a Andreas — disse ela —, mesmo que não esteja presente. Bebo à sua carreira!

— E eu bebo à sua felicidade — disse a Doriacci com entusiasmo.

— E eu bebo a Andreas ator — disse Simon.

— E eu também — disseram uns atrás dos outros, até Armand Bautet-Lebrêche, cujo brinde foi interrompido pela saída precipitada, em lágrimas, de Charley Bollinger, que chegou a derrubar a cadeira. "Mas o que será que ele tem? Mas o que o simpático Charley está fazendo? Que bicho o mordeu?", etc. As diferentes hipóteses emitidas daqui e dali foram varridas por Ellédocq, sempre a par de tudo o que pudesse interessar a seu pessoal.

— Charley Bollinger doente do fígado — disse ele com ar preocupado, perfeitamente conjugal. — Ontem meio-dia, três pratos ovos nevados. Vou levar especialista em Cannes.

— Faz muito bem — disse Edma. — O senhor precisa se ocupar dele, comandante. Afinal, o senhor é ao mesmo tempo Seu pai e seu. . . — interrompeu-se subitamente — seu *alter ego*.

— Quer dizer o quê? — resmungou Ellédocq, sempre desconfiado em matéria das relações entre ele e Charley.

— *Alter ego* quer dizer um outro nós mesmos; Charley o completa, comandante. Ele tem a feminilidade, a doçura e a delicadeza, que sua virilidade tonitruante não lhe permite. Quanto à sua doença do fígado, sei de que se trata: se a atmosfera em torno do pobre Charley não estivesse perpetuamente poluída pela fumaça de charutos ou de cachimbos, ele respirada melhor e teria melhor tex. . . Ah, não, comandante, não revire os olhos, não falo obrigatoriamente do senhor, o senhor não é o único neste navio a lançar nuvens de fumaça. . . Sim, eu sei, nós sabemos todos — continuou ela com voz irritada, enquanto Ellédocq, roxo de raiva, exclamava:

— Mas eu não fumo, meu Deus! Eu não fumo há três anos — sem que ninguém lhe prestasse atenção, exceto Kreuze, que, ao mesmo tempo que o desprezava, achava que Ellédocq tinha muita razão no seu papel e em sua preocupação com a hierarquia.

— Acho o capitão Ellédocq muito corajoso, pelo contrário — disse cde, com sua voz entrecortada. — Para não dar mau exemplo, sem dúvida fuma sozinho em sua cabina. É muito louvável, pois o hábito da nicotina é muito difícil de combater, não é? — perguntou a Ellédocq, que de vermelho se tornara rubro.

— Não — urrou o capitão. — Não. Eu não fumei uma só vez, ninguém me viu fumar. Eu não fumo há três anos. O senhor nunca me viu, sr. Kreuze, nem duas vezes, nem mesmo uma vez, ninguém me viu fumar. . . ninguém — gaguejava Ellédocq, desesperado, enquanto Edma e a Doriacci, como duas colegiais, escondiam o rosto nos pequenos guardanapos.

Ellédocq levantou-se e, tendo voltado ao morse habitual, graças a um enorme esforço para manter o sangue-frio, inclinou-se diante da mesa, com os dedos no boné, heróico e escrupuloso até o fim.

— Espero partida de todos na escada.

Tornou a se inclinar e saiu. Só ficaram na mesa os Bautet-Lebrêche, a Doriacci, Béjard e Olga, Julien e Clarisse.

— Já é muito tarde — disse Edma, consultando seu relógio Cartier (posto no cofre do *Narcissus* pelo tempo da viagem com três ou quatro berloques do mesmo preço). Nós almoçamos às duas horas, aliás, graças a você, Armand. O que foi fazer no cais a esta hora, se não for indiscrição?

— Fui procurar alguns jornais financeiros, minha querida — disse Armand sem levantar os olhos do prato.

— E você trouxe naturalmente os *Echos de la Bourse*, o *Journal Financier*, etc. Nem sei se as novas coleções já foram lançadas em Paris. . .

— Eu lhe trouxe o *Le Regard*, para lhe mostrar a foto da srta. Lamouroux e do sr. Lethuillier — disse Armand, defendendo-se corajosamente. — Acho, aliás, que foi nesse momento que ele resolveu almoçar na cidade. Parecia detestar aquela fotografia, mas não estava mal.

— Meu Deus — disse Edma. — Meu Deus, eu perdi isso! Quando eu penso que quase perdi sua prisão também, meu caro Julien. . . Teria ficado doente.

— De fato — disse Julien de bom humor —, eu a tenho distraído bastante. Quase vendi uma falsificação ao diretor do *Fórum*, bati-me com ele a socos, etc, etc. — concluiu rapidamente mas não o bastante para evitar os comentários refinados de Simon Béjard.

— E você lhe tomou a mulher, e você o cobriu de ridículo, e, aliás, ele o adora — disse Simon, hílare.

E caiu na gargalhada, no que foi seguido por um risinho azedo e submisso de Olga e pelo riso bem mais convincente da Doriacci, que esse dia e essa noite de solidão pareciam ter posto de muito bom humor. Ela levantou-se e andou até a porta com seu passo régio e com o seu xale vermelho-vivo. Assim fazendo, dirigiu-se a Clarisse, que beijou nas duas faces, antes de beijar Edma e Olga, depois Simon e Armand, até chegar a Julien, que beijou por último, um pouco mais demoradamente de que os outros.

— *Adiós* — disse ela da porta. — Estou partindo.

Se eu cantar em algum lugar em que vocês estejam, venham me ver; e sem entrada. Devo dois *Lieder* de Mahler, quatro árias de Mozart e uma canção de Reynald Hahn aos passageiros do *Narcissus*. Sejam felizes — finalizou, passando pela porta.

Os outros entreolharam-se, levantaram-se com agitação e dirigiram-se ao portaló para despedidas, junto com Ellédocq e Charley.

Clarisse segurava a mão de Julien e lançava para a cidade olhares inquietos, mas Julien levou apenas um quarto de hora para alugar

um carro e embarcar metade das bagagens.

— E as outras, como as recuperarei? — perguntou ela, subindo no velho carro de aluguel.

E Julien respondeu-lhe:

— Possivelmente jamais — beijando-a. O carro deu marcha à ré, fez meia-volta no cais para pegar a estrada oeste e parou um instante diante do *Narcissus*.

O *Narcissus* exibia-se no porto, ronronando e fumegando ainda com ar alegre, satisfeito do dever cumprido, o *Narcissus* onde, sob um sol igual ao do dia da partida, reinava um silêncio ensurdecedor, privado das vozes dos passageiros e do ruído das máquinas. Um silêncio que Charley, subindo ao navio, achou atroz, mas Ellédocq, repousante.

## A AUTORA E SUA OBRA

*Com "Bom dia, tristeza", o ambiente literário francês rendia-se à revelação de um prodígio: a jovem Françoise Sagan, de apenas dezoito anos. Escrito durante umas férias da Sorbonne, o romance conquistou crítica e público pelo estilo despojado, franqueza e naturalidade na visão do sexo entre adolescentes, consciência corrosiva das ilusões e mitos da juventude. No entanto, a crítica iria se decepcionar com seus romances posteriores, acusando-a de repetir-se, de incapacidade de evoluir e amadurecer.*

*Filha de um rico industrial, Françoise Sagan nasceu em Cajarc, no ano de 1935. Sua infância foi marcada pela rebeldia, e ela não se adaptou a nenhuma das várias escolas em que estudou. Muitos anos mais tarde, célebre, a escritora viria a freqüentar o noticiário por sinais de inadaptação, com pequenos escândalos em torno de sua vida sentimental e de seus casamentos fracassados, notas na imprensa que comentavam seu hábito de exibir-se em lugares públicos famosos completamente bêbada, etc.*

*Certa vez, confessou suas hesitações e angústias diante das críticas: "For que escrever? For motivos sórdidos. Escrevo porque sou uma velha cigarra, e, se não escrevo por dois ou três anos, sinto-me decadente. E, quando meus livros são publicados, parte da crítica me chama exatamente de decadente. De natureza influenciável, paro de escrever, não sem tristeza".*

*Hoje, com mais de cinqüenta anos, Françoise Sagan renega o excesso de erotismo na literatura, condena o movimento feminista por se mostrar excessivamente radical e mantém, em seus livros, o gosto pela introspecção psicológica aliada a um tom irônico e melancólico, em que o amor é visto como uma experiência que vai desde um aspecto iluminado e arrebatador até uma farsa autodestrutiva. Esses traços, apesar das diferenças dos temas, podem ser identificados em obras como "Um certo*

sorriso", "Você gosta de Brahms?", "Um castelo na Suécia", "A chamada", "A cama desfeita", "Dentro de um mês, dentro de um ano" e "Fundo musical" (estes três últimos publicados pelo Circulo). Todos esses livros obtiveram uma acolhida entusiástica por parte do público. Em "A mulher pintada", há uma epígrafe do escritor Chateaubriand que parece resumir o balanço final feito por Françoise Sagan: "Que importância podemos atribuir às coisas deste mundo? A amizade? Ela desaparece quando o amado cai na desgraça, ou quando o que ama se torna poderoso. O amor? É enganoso, fugitivo ou culpado. A fama? É compartilhada com a mediocridade ou o crime. A fortuna? Pode-se considerar como bem uma frivolidade? Restam os dias chamados felizes, que passam ignorados na obscuridade dos cuidados domésticos e que não deixam ao homem vontade nem de perder, nem de recomeçar a vida".